Instituto Universitário de Lisboa

Departamento de Sociologia

Dar corpo ao género: uma análise sociológica das masculinidades

Elisabete Patrícia Pereira Rodrigues

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de Doutor em Sociologia

Orientador:
Doutor Vitor Sérgio Ferreira, investigador pós-doutorado
Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

Coorientadora:
Doutora Maria Helena Chaves Carreiras, professora auxiliar
ISCTE-Instituto Universitário Lisboa

Janeiro, 2013

Instituto Universitário de Lisboa

Departamento de Sociologia

Dar corpo ao género: uma análise sociológica das masculinidades

Elisabete Patrícia Pereira Rodrigues

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de Doutor em Sociologia

Júri:

Doutor João Miguel Trancoso Vaz Teixeira Lopes, Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Doutora Anália Maria Cardoso Torres, Professora Catedrática do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa

Doutor Miguel de Matos Castanheira do Vale de Almeida, Professor Associado com Agregação do ISCTE-IUL

Doutora Maria das Dores Horta Guerreiro, Professora Auxiliar do ISCTE-IUL

Janeiro, 2013

Agradecimentos

São vários os agradecimentos que um trabalho desta grandeza e natureza promove.

Agradeço à minha colega Sandra Saleiro pelo impulso inicial, sem o qual não me teria lançado em tamanha aventura.

Ao meu orientador, Vitor Sérgio Ferreira, agradeço o facto de ter aceitado fazer parte deste projecto e me ter acompanhado de forma tão presente durante todo o percurso. Respeitou as decisões profissionais que levaram a um afastamento do mundo da investigação, e foi determinante para o sucesso deste trabalho através da atenção, incentivos e contributos que me deu. À professa Helena Carreiras, co-orientadora deste trabalho, agradeço igualmente toda a colaboração e disponibilidade sempre demonstradas.

Não posso deixar de agradecer igualmente a duas professoras com quem trabalhei largos anos. À professora Teresa Seabra agradeço a minha entrada no mundo académico. À professora Patrícia Ávila agradeço os desafios profissionais que me propôs e com os quais tanto aprendi.

Agradeço igualmente à Magda Nico com quem colaborei e desenvolvi alguns projectos, pela sua energia e profissionalismo. Obrigada também pelas constantes palavras de incentivo.

Agradeço também às colegas do programa de doutoramento com quem aprendi, partilhei ideias e dúvidas. Margarida Barroso, Cristina Roldão e Marta Martins obrigada por terem tornado os trabalhos de grupo mais empolgantes e frutíferos.

Agradeço aos amigos que acompanharam o meu trabalho, viveram as minhas expectativas e angústias. Como poderei pagar o facto de vos ter privado da minha companhia por largos meses? Tenho a certeza que o Ricardo, a Liliana, a Sofia, a Margarida, o Pinto e a Alexandra saberão responder facilmente a esta pergunta.

Agradeço à minha família. O meu pai sempre valorizou o meu sucesso escolar e depositou em mim elevadas expectativas. O seu orgulho no meu trajecto motivou-me, sempre, a ir mais longe. O carinho e cumplicidade da minha mãe foram fundamentais ao longo de toda a minha vida, especialmente naqueles dias em que me parecia difícil chegar ao fim deste e de outros desafios.

Agradeço ao meu namorado, amigo e colega, Frederico, o qual melhor do que ninguém acompanhou cada passo do percurso. Ajudou-me de formas várias. Com ele debati ideias, dúvidas. Com ele partilhei expectativas, entusiasmos e angústias vezes sem conta. Obrigada pelo teu apoio, contributos, carinho e refeições reconfortantes. Hei-de retribuir tudo na mesma moeda.

O percurso foi longo, entusiasmante e mais fácil graças a todas estas pessoas.

Uma tabela de classificação para machos.

1 – Desportos
A – Futebol, automobilismo, desportos radicais. (Macho)
B – Ténis, bowling , lutas, voleibol. (Tendências gays)
C – Aeróbica, spinning. (Gay)
D – Patinagem no gelo, ginástica olímpica. (Bichona)
E – Os anteriores, mas usando calção de lycra. (Louca)
4 – Higiene
A – Toma banho rápido, usa sabão em barra. (Legionário)
B – Toma banho rápido, usa champo e esquece as orelhas ou o pescoço. (Macho)
C – Toma banho sem pressa, curte a água e bate uma. (Homem)
D – Demora mais de meia hora e usa sabonete líquido. (Tendências gays sérias)
E – Toma banho com sais e espuma na banheira. (Gay assumido)
7 – Cremes
A – Só pasta de dentes. (Macho)
B – Protector solar só na praia e piscina. (Homem moderno)
C – Usa cremes no Verão. (Bicha fresca)
D – Usa cremes o ano todo. (Bichona total)
E – Não vive sem hidratante. (Fila de espera da operação pra troca de sexo)
10 – Espelho
A – Não usa. (Viking)
B – Usa para fazer barba. (Macho)
C – Admira a pele e observa os músculos. (Gay)
D – Idem c, e ainda analisa o rabo. (Louca)
E – Admira-se com diferentes camisas e penteados. (Traveco)
11 – Penteado
A – Não se penteia. (Macho)
B – Só se penteia para sair à noite. (Homem)
C – Penteia-se várias vezes ao dia. (Fresco)
D – Pinta o cabelo. (Bichona total)
E – Dá conselhos de penteados. (Bicha louca)

Fonte: *Website* Coisas de Homem

Resumo

Investigar as masculinidades e dar conta da diversidade e complexidade das expressões de género implica olhar para as várias esferas da vida dos indivíduos. Nesta investigação optou-se por centrar a atenção nos modos de produção corporal, nas dinâmicas conjugais, na sexualidade, na parentalidade, bem como nas representações de género dos homens constituídos objecto empírico. Trata-se de um grupo de homens particular, caracterizado por modos de produção corporal intensos, tradicionalmente associadas ao universo feminino ou homossexual, como é o caso da prática da depilação ou do uso de cosméticos, e que vêm, portanto, desafiar as corporeidades modais da sua época. A estes homens os *media* denominaram de "metrossexuais", categoria que não é consensual mesmo entre os entrevistados, sendo rejeitada por uns e acolhida por outros. Neste sentido, o objectivo geral da investigação consiste, por um lado, na compreensão do sentido que os homens dão às suas práticas de produção corporal e da forma como estas são reflexivamente articuladas com as suas identidades de género masculinas. Por outro lado, consiste na análise da variedade de masculinidades a partir das diferentes dimensões da vida sob observação, já mencionadas e, ainda, das ambivalências e contradições individuais à luz do eixo tradicional-moderno de valores e práticas sociais. A pertinência sociológica desta investigação justifica-se pela forma como se tomam as masculinidades como objecto de estudo, num campo dominado pelos estudos sobre as mulheres, e pelo olhar dirigido ao corpo enquanto elemento fundamental da expressão das identidades.

Palavras-Chave: género, masculinidades, corpo, modernidade

Abstract

Analyzing masculinities and shedding light on the diversity and complexity of gender expressions implies looking at the several dimensions of individual life's. The main focus of this research relies on the analysis of body techniques and practices, sexuality, marital dynamics, parenthood relations and gender representations of a particular group of men. This group is characterized by intense embodiment practices, traditionally associated to the female or gay symbolic universe, such as depilation or the use of cosmetics, that defy typical men bodiliness. These men have been labeled as "metrosexual". Within the qualitative sample of men that I interviewed, some of them agree with this designation, others do not. The overall objective of this research is, on the one hand, to understand the meaning that men give to a wide range of body techniques and practices and the way these are reflexively articulated with masculine gender identities. On the other hand, I will seek to address de variety of masculinities looking at the everyday life dimensions mentioned above and to analyze the individual ambivalences and contradictions associated with the duality traditional-modern values and practices. The sociological pertinence of this research relies on both the way it addresses masculinities in a field where women are the main study objects and because highlights the body as a decisive masterpiece of identity expression, social reproduction and social change.

Key-Words: gender identities, masculinities, body, consume, modernity

ÍNDICE

INTRODUÇÃO **1**

CAPÍTULO I. MASCULINIDADES EM ANÁLISE: CONTRIBUTOS TEÓRICOS E REALIDADES EMPÍRICAS **7**

1. Teorias e ferramentas conceptuais **11**
1.1 Género: emergência e desenvolvimento de um campo 11
1.2 A entrada em cena da masculinidade 16
1.3 Identidades de género entre a estrutura e a acção: modernidade, reflexividade e classes sociais 21
Sobre as lógicas de reprodução social *21*
Sobre a importância da reflexividade e do discurso na construção de si *26*
Sobre a relação entre estrutura e acção *31*
1.4 Corpos *genderizados*: incorporação, excorporação ou encarnação? 35
1.5 Masculinidades (no plural): interseccionalidade e propostas tipológicas 42

2. Ordem de género em movimento: novos modelos de masculinidade? **51**
2.1 Escola, trabalho pago e não pago: permanências 52
Insucesso escolar masculino e segmentação sexual por áreas *52*
Trabalho remunerado: mais poder e mais dinheiro *55*
Modelo do duplo emprego e resistências ao trabalho doméstico *59*
2.2 Conjugalidade e parentalidade em franca mudança 64
Amor e individualização: masculinidades românticas, mas pouco *64*
Conjugalidade, família e casamento: entre a crise e a renovação *69*
Modelos parentais diversificados: pais menos autoritários e mais afectivos *79*
2.3 Regimes corporais: homens vítimas da sua própria masculinidade? 83
Estética masculina e práticas desportivas genderizadas *83*
Atracção pelo risco e morte prematura *93*
Corpos em movimento: sexualidade masculina precoce, diversificada e pujante *97*
Homossexualidade: política masculina da repulsa e do nojo *106*
2.4 Síntese analítica 109

CAPÍTULO II. DETALHES DE UM PERCURSO **111**

1. Sobre o caminho e as escolhas **111**
1.1 Da problemática sociológica à entrevista compreensiva 111
1.2 Que objecto empírico? 115

2. Breve reflexão metodológica sobre a situação da entrevista **119**
2.1 Empatia e troca de papéis 119
2.2 Efeitos secundários: violência simbólica e identidades em xeque 122
2.3 Entrevista "é melhor do que ir ao psicólogo" 128
2.4 À conversa com uma mulher 131

CAPÍTULO III. MASCULINIDADES ENTREVISTAS **135**

1. As entrevistas e os entrevistados **135**
1.1 Perfil e origens sociais 135
1.2 Diversidade no interior das classes sociais 139

2. Pontos de partida e realidades familiares actuais **145**
2.1 Famílias de origem: trabalho, afectividades e socialização de género 145
2.2 Conjugalidades em análise: homogamia, divisão do trabalho e autonomia individual 161
2.3 Parentalidade: práticas, representações e estratégias de socialização 170

3. Amor e sexualidade: que combinações? **179**
3.1 Trajectórias e orientações amorosas: diversidade de perfis 179
3.2 Sexo: experiências heterossexuais, homofobia e representações sociais 186

4. Representações de género e atitudes perante a mudança social **201**
4.1 Homens são de Marte e as mulheres de Vénus? 202
4.2 Mundo em mudança: ser homem já não é o que era 213
4.3 Muito ou pouco masculino? 218

5 Mapa dos modos de produção corporal **225**
5.1 Explorando a génese e diversidade de cuidados corporais 226
5.2 A pele no centro das atenções: hidratar, limpar e rejuvenescer 232
5.3 Cruzada contra os pêlos 238
5.4 Prática desportiva: ter ou não ter músculo, eis a questão 247
5.5 Seguir a moda ou andar na média 256
5.6 Corpos entre o bem-estar e bem-parecer 266
5.7 Eu, a metrossexualidade e os outros 271

6. Masculinidades numa tipologia: corpo, relações e representações de género **279**
6.1 Masculinidades tradicionais 285
Caso 1. Arnaldo, o homem dos músculos instrumentais *285*
Caso 2. Serafim, o chefe de família *287*
6.2 Masculinidades reflexivas 290
Caso 3. Miguel, o homem da modernidade tardia *290*
Caso 4. Filipe, o artista em crise *292*
6.3 Masculinidades distintivas 294
Caso 5. Abílio, o executivo de sucesso *294*
Caso 7. Adão, o patrão em emergência *297*

6.4 Masculinidades exuberantes 299
Caso 7. Ângelo, na vanguarda da moda *299*
Caso 8. André, sempre jovem e fashion *301*

CONCLUSÃO **305**
Corpos masculinos sob atenção e tensão *307*
Pensar a diversidade *312*
Pensar a complexidade *318*
Curiosidades analíticas e pistas para futuras investigações *321*

BIBLIOGRAFIA **323**

ANEXOS **341**
Anexo A: Guião de Entrevista 341
Anexo B: Quadro síntese de caracterização sócio-demográfica dos entrevistados 345

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 3.1: Modelos de divisão do trabalho e classe social das famílias de origem 146
Quadro 3.2: Lista de traços de personalidade/comportamentos atribuídos a homens e mulheres 203
Quadro 3.3: Posicionamento dos entrevistados na escala dos géneros 219
Quadro 3.4: Indicadores sobre os modos de produção corporal: tipo e intensidade 231
Quadro 3.5: Ideais-tipo de masculinidade 284

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1.1: Modelo analítico 8
Figura 1.2: Modelo masculino, Andrej Pejić, numa campanha para um soutien mega push-up 93
Figura 1.3: Modelo feminino no vídeo de apresentação de uma colecção de lingerie de Dani Read 93

INTRODUÇÃO

A sociologia do género, em Portugal, muito tem escrito sobre as desigualdades de género e as mulheres, mas pouco sobre os homens e as masculinidades. O olhar da disciplina sobre esta realidade social tem permanecido especialmente alinhado com os movimentos feministas de luta pelos direitos das mulheres, persistindo um certo silêncio sociológico sobre a diversidade e mudança no plano das masculinidades. Mas como compreender os géneros e as dinâmicas que entre eles se estabelecem sem conhecer os homens? Mais recentemente começaram a surgir alguns estudos nacionais e sobretudo internacionais dedicados à análise dos processos de construção e reprodução das masculinidades. Este estudo junta-se a eles, pretendendo contribuir teórica e empiricamente para este campo, integrando diferentes dimensões de análise, com especial destaque para o papel do corpo na construção e expressão das identidades de género.

A curiosidade inicial foi despertada por uma reportagem televisiva sobre "metrossexuais", leia-se, homens heterossexuais cujos cuidados com o corpo e a aparência são tradicionalmente e estereotipadamente associados às mulheres ou aos homens homossexuais, como a depilação ou o uso de produtos dermo-cosméticos. A categoria surgiu, em 1994, na imprensa britânica, pelas mãos do jornalista Mark Simpson, espalhando-se depois por todo o mundo ocidental. Desde a sua criação até à actualidade o termo foi apropriado por outros e o seu significado assumiu formas diversificadas. Muito do que se tem escrito acerca da *metrossexualidade* faz referência ao aumento do consumo de serviços e produtos de beleza e bem-estar por parte dos homens, ao surgimento e proliferação de revistas de segmento masculino, à emergência de um "novo homem" urbano, a mudanças nas masculinidades ao nível de esferas como a doméstica, no sentido de um maior envolvimento por parte dos homens, e a uma suposta "crise" da identidade masculina. Será que, ao contrário do velho ditado popular, agora "os homens querem-se bonitos"?

Independentemente do que se entenda por *metrossexualidade*, o aparecimento e mediatismo do termo deve ser lido como um indicador de mudança social em termos do que é ser-se homem nas sociedades ocidentais, bem como do crescente questionamento

sobre as fronteiras que separam o masculino e o feminino. Os *media* espelham e simultaneamente potenciam as transformações na ordem de género (Connell, 1987, 1994), levando para a vida quotidiana dos indivíduos estas novas categoriais, mas também teorias, respostas, soluções, peças humorísticas, especulações, certezas, estudos científicos, entre outros conteúdos. Foi para conhecer melhor este tipo de homens, distintos pelos seus modos de produção corporal, e perceber até que ponto eles se afastam dos posicionamentos mais tradicionais nas diferentes esferas das suas vidas, que esta pesquisa foi desenhada.

No plano sociológico esta investigação parte de três pressupostos centrais. Primeiro, a ideia de que o corpo, tradicionalmente um recurso naturalizador do género (através da sua coincidência com o sexo), assume hoje uma componente crucial da expressão identitária dos indivíduos (Giddens, 1994; Le Breton, 2008 [1990]; Ferreira, 2008). Ou seja, a ideia de que o corpo é cada vez menos um "dado" extrínseco para ser ele próprio um recurso reflexivamente mobilizável na plêiade de possibilidades hoje oferecida em termos de modelos de identificação femininos e masculinos. O crescente consumo de produtos e serviços de cuidado e bem-estar pessoal por parte de alguns homens (Fortuna, 2000) vem precisamente pôr em causa a noção de corpo como recurso fundador e justificador do essencialismo biologicista na construção da identidade masculina, assumindo-se a sua construção reflexiva e voluntária.

Segundo, o pressuposto de que se assiste, nas sociedades da modernidade tardia, a uma erosão das formas tradicionais de ancoragem das identidades género, bem como ao esvaziamento das diferenças de género (Giddens, 1994). A este nível, é necessário ser-se cauteloso na medida em que a complexidade da realidade se caracteriza pela convivência simultânea, por vezes pacífica, por vezes tumultuosa, entre modelos de masculinidade mais e menos tradicionais.

E terceiro, a ideia de que não é possível falar-se de uma única masculinidade. As formas que esta pode assumir são não só histórica e culturalmente variáveis, como podem coexistir num mesmo espaço e tempo diferentes tipos de masculinidades, no sentido *weberiano* (Connell, 1995; Pleck, 1995; Vale de Almeida, 2000; Andreu, 2003; Amâncio, 2004). Assume-se, ainda, que no sistema patriarcal não existem apenas

dinâmicas de poder e relações sociais assimétricas entre homens e mulheres, mas que estas ocorrem também entre os próprios homens, havendo lugar para falar numa "masculinidade hegemónica" (Connell, 1995), tida como "ideal normativo dominante" (Andreu, 2003), que serve para medir, classificar e qualificar as distintas masculinidades.

No plano do desenvolvimento teórico, esta investigação é, portanto, uma proposta de problematização dos sistemas conceptuais das ciências sociais referentes ao género, do corpo enquanto entidade significante e elemento integrante da construção reflexiva da identidade de género na modernidade tardia, e da diversidade de masculinidades à luz do modelo binário que opõe o universo feminino ao masculino.

Tendo em conta a curiosidade inicial e as teorias de base, são três os objectivos gerais da investigação. Primeiro, pretende-se analisar os sentidos que os sujeitos atribuem às técnicas do corpo que mobilizam (Mauss, 2009 [1936]), bem como o lugar que os modos de produção corporal ocupam nos seus projectos identitários. Segundo, procura-se aprofundar a análise sobre a diversidade de masculinidades reais. Terceiro, pretende-se, ainda, analisar a complexidade dos sistemas de disposições a partir da observação conjunta de várias dimensões da vida destes homens. Para além do corpo, a conjugalidade, a parentalidade, a sexualidade, o amor e as representações de género destacam-se como as principais dimensões analíticas. Estes três objectivos são atravessados por duas preocupações centrais: a identificação das lógicas de distinção social que subjazem a algumas das práticas destes homens e do posicionamento destas no eixo tradicional/moderno de valores e práticas sociais.

No plano mais substantivo, estes objectivos consubstanciam-se nas seguintes dimensões de análise: a identificação das práticas mobilizadas pelos sujeitos empíricos na construção do projecto reflexivo do seu corpo e dos significados que estes lhes atribuem à luz da construção de uma identidade masculina; as lógicas de distinção social que subjazem a algumas práticas de produção corporal; a diversidade de identidades de género expressas no discurso dos sujeitos empíricos e do seu posicionamento face às masculinidades tradicionais; as representações sociais de género e sua (des)coincidência com os papéis femininos e masculinos tradicionalmente definidos; a complexidade da rede disposicional, à escala individual, a partir da análise das várias dimensões da vida

tendo por referência o eixo tradicional/moderno de valores e práticas sociais.

A curiosidade sociológica de partida era a de compreender se o aumento do consumo dos serviços e produtos de cuidado e bem-estar pessoal por parte de alguns homens traduz apenas um aumento ao nível das preocupações estéticas ou se é acompanhado por implicações socialmente significativas no sentido de uma (re)construção das masculinidades, de alguma forma e em diferentes graus, distintas das masculinidades mais tradicionais. Depressa se percebeu que a questão inicial continha em si a concepção, contrariada teórica e empiricamente no decorrer desta pesquisa, do conceito de identidade como algo coeso (Giddens, 1994), ou do *habitus* como um conjunto sincronizado de disposições sociais (Bourdieu, 2002). Não obstante, a hipótese inicial era a de que o investimento nos produtos e serviços de cuidado e bem-estar para homens reflecte alterações sociologicamente relevantes ao nível da construção reflexiva das identidades de género masculinas e ao nível das relações de poder entre as várias formas de masculinidade. Tal implica a emergência de novas formas de masculinidade distintas da masculinidade hegemónica, senão mesmo a reformulação das concepções hegemónicas da masculinidade ao nível das práticas corporais, mas também dos estilos de vida, valores e representações de género.

***

A tese divide-se em três partes fundamentais. O Capítulo I, dedicado à discussão teórica e enquadramento da pesquisa, está organizado em dois pontos. No primeiro analisam-se criticamente as perspectivas epistemológicas, as propostas teóricas e conceptuais desenvolvidas no âmbito da sociologia do género e do corpo, incidindo sobretudo sobre aquelas que permitirão dar resposta aos objectivos e desafios analíticos deste trabalho. Ao mesmo tempo que se dá conta da evolução deste campo de estudos, apresentam-se também alguns dos movimentos civis que se têm entrelaçado com a investigação científica, com especial destaque para os *men's movements*. A necessidade de problematizar a dicotomia acção/estrutura, dando visibilidade tanto às dinâmicas de reprodução social, como aos mecanismos de mudança, constituiu uma preocupação

constante na forma como este primeiro ponto foi organizado. No segundo ponto, apresenta-se um exercício de síntese que pretende dar conta de algumas das características da ordem de género (Connell, 1987, 1994), o qual pretende servir de enquadramento aos homens constituídos objecto empírico desta pesquisa. Esta primeira aproximação ao objecto de estudo centra-se nas dimensões que irão orientar a análise qualitativa dos discursos dos sujeitos: amor, conjugalidade, parentalidade, regimes corporais e sexualidade, mas incide também sobre a estratificação social, a partir da análise da distribuição dos recursos escolares e económicos por homens e mulheres

O Capítulo II apresenta a estratégia metodológica que orientou esta investigação sociológica. No primeiro ponto, apresenta-se a técnica de recolha de dados central da pesquisa, a entrevista compreensiva, justificando-se a sua pertinência face ao objecto de estudo. Reflecte-se sobre o objecto empírico e os desafios na sua delimitação, sobre a situação da entrevista, nomeadamente o facto de a entrevistadora ser uma mulher, e sobre as dinâmicas e relações de empatia criadas, entre outros aspectos de natureza metodológica e referentes ao trabalho de campo.

No Capítulo III apresenta-se o resultado da análise dos dados recolhidos em contexto de entrevista. Numa primeira parte, correspondente aos pontos um a cinco, apresenta-se uma análise de conteúdo temática da informação, organizada pelos seguintes tópicos: caracterização sociodemográfica dos homens entrevistados, famílias de origem, dinâmicas conjugais e parentais, trajectórias amorosas, sexualidade, modos de produção corporal, representações de género e identidade pessoal. Numa segunda e última parte, apresenta-se uma tipologia constituída por quatro tipos, que resulta precisamente da combinação das várias dimensões em análise já mencionadas.

Este trabalho termina com uma conclusão onde, para além de se sintetizar os principais resultados da análise empírica, se levantam questões e se dá pistas para futuras pesquisas.

CAPÍTULO I. MASCULINIDADES EM ANÁLISE: CONTRIBUTOS TEÓRICOS E REALIDADES EMPÍRICAS

A pesquisa que se apresenta debruça-se sobre masculinidades que se distinguem pelos investimentos no corpo e aparência, quer em termos da intensidade das práticas, quer em termos do tipo de cuidados. Alguns destes cuidados são tidos, no senso comum, como símbolos de feminilidade ou homossexualidade, como é o caso da depilação ou o uso de produtos dermo-cosméticos. Neste sentido, um dos desafios que este projecto coloca à investigação sociológica é o de captar os significados que os homens atribuem às suas práticas de produção corporal, que desde logo surgem desalinhadas com aquilo que é tradicional, e a forma como, reflexivamente, estas são integradas nos seus projectos identitários e estilos de vida (Giddens, 1994).

Ainda que o corpo seja uma dimensão central da pesquisa, a investigação extravasou os modos de produção corporal dos homens, permitindo acrescentar complexidade ao retrato das masculinades. Deste modo, outras dimensões foram constituídas objecto de estudo. Entre elas destaca-se a sexualidade, as relações conjugais, o amor, a parentalidade e as representações de género. Outros dos objectivos que este conjunto alargado de dimensões de análise permitiu foi analisar até que ponto se estabelecem homologias entre diferentes campos, ao nível das *disposições* individuais (Bourdieu, 2002 [1972], 2010 [1979]; Lahire, 2001, 2002).

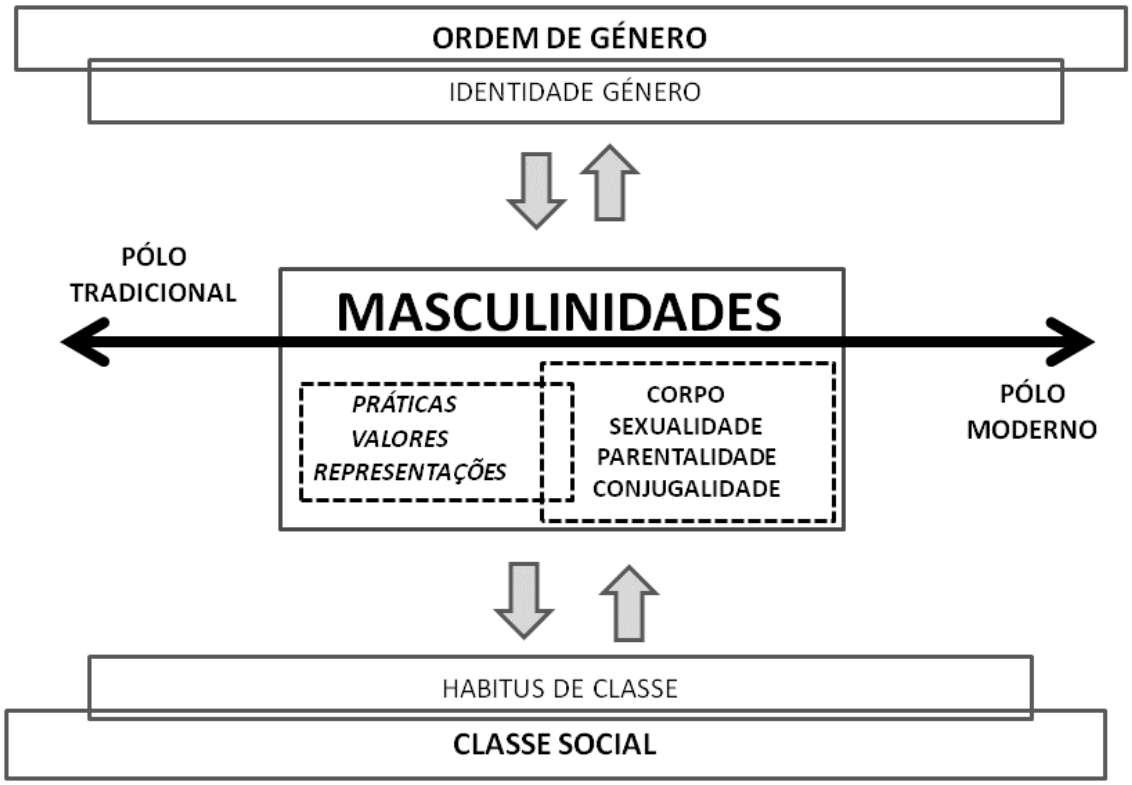
O contexto espácio-temporal de modernidade tardia (Giddens, 1988, 1994, 2000) que serve de enquadramento geral ao estudo, constitui igualmente um elemento que influiu não só nos resultados que se vão obter, mas também no próprio desenho da pesquisa, bem como nos instrumentos conceptuais eleitos para fazer face a esta problemática sociológica. A modernidade caracteriza-se, por oposição a contextos sociais mais tradicionais, pela maior liberdade de escolhas e pela desfragmentação da dicotomia masculino/feminino. Nesse sentido, outro dos objectivos é o de averiguar se os homens entrevistados se aproximavam do pólo moderno nas várias dimensões em análise, tal como acontece no domínio das técnicas do corpo (Mauss, 2009 [1936]). Para este efeito, num segundo momento deste primeiro capítulo dar-se-á conta de algumas das principais características da ordem de género (Connell, 1987, 1994) de modo a conseguir levar a cabo esse exercício de situar os homens entrevistados no plano social mais vasto.

Face a esta panóplia de dimensões em estudo, a investigação que aqui principia

propõe-se a dar conta da pluralidade de masculinidades possíveis, interseccionando dois eixos estruturantes da acção social considerados fundamentais para compreender quer as práticas, quer as representações dos homens constituídos objecto empírico: ordem de género (Connell, 1987, 1994) e classe social (Bourdieu, 1999). A convicção é a de que ambas as estruturas constrangem a acção social e interagem entre si criando dinâmicas específicas que se caracterizam, ainda hoje, pela forte associação entre ser-se homem e pertencer ao topo da hierarquia social. Ao mesmo tempo, estas estruturas sociais vão assumindo outras formas, como resultado da liberdade e criatividade que caracterizam a acção social, no sentido de uma dominação masculina mais contestada e menos evidente.

O esquema seguinte pretende ilustrar este ponto de partida, constituindo uma representação esquemática do modelo analítico que orientou o trabalho teórico, empírico e analítico aqui levado a cabo.

Figura 1.1: Modelo analítico



Tendo em conta os objectivos mais gerais do trabalho e o esquema analítico apresentado, importa problematizar, por um lado, o conceito de género e, por outro lado, o corpo enquanto realidade socialmente construída e entidade significante na expressão das masculinidades. Convoca-se, assim, para o centro da análise a construção social das masculinidades e do corpo masculino, num contexto sócio-cultural bem específico que levanta, ainda, a necessidade de discutir conceitos como o de modernidade, reflexividade, identidade, bem como problematizar a pertinência da *classe social* enquanto elemento estruturante da acção social. Incontornável, também, é a problematização de algumas das tensões epistemológicas clássicas à disciplina, como as enunciadas a partir dos binómio acção/estrutura ou indivíduo/sociedade. Trata-se de dicotomias cuja validade teórica e analítica importa questionar, e que, muitas vezes, aparecerem implícitas nas discussões teórico-empíricas que abordam as temáticas em análise.

O propósito deste capítulo é, exactamente, situar esta investigação no campo disciplinar da sociologia, tendo em conta as diferentes perspectivas teóricas e enfoques analíticos adoptados perante objectos de estudo semelhantes, bem como discutir os conceitos que se afiguram com maior poder hermenêutico perante o trabalho de análise subsequente. Os contributos de disciplinas limítrofes, como a antropologia ou a psicologia social, assumirão, neste âmbito, grande importância.

O carácter cumulativo da produção científica implica que um olhar sociológico sobre as masculinidades, nas várias dimensões em análise, parta do património das ciências sociais (neste caso particular, da sociologia do género, do corpo e da estratificação social), dos conceitos e teorias a este respeito elaboradas, bem como das pesquisas empíricas que se têm debruçado sobre objectos de estudo próximos. É a esse património que se pretende acrescentar, posteriormente, novos contributos teóricos e empíricos.

Antes de avançar, deixa-se uma pequena nota acerca da relação entre este trabalho e o problema social das desigualdades de género. Ainda que a temática das desigualdades não surja entre as dimensões privilegiadas deste estudo, pelo menos de forma explícita, ela constitui, no entanto, um assunto incontornável. Falar de identidades de género é falar de algo que se constrói de forma relacional e só um conhecimento profundo acerca dos modos de produção das masculinidades e feminilidades poderá contribuir para uma sociedade mais paritária entre homens e mulheres. Do mesmo modo, esse percurso implicará sempre mudanças não só ao nível do lugar das mulheres, mas também no lugar dos homens e dinâmicas entre eles estabelecidas.

1. Teorias e ferramentas conceptuais

1.1 Género: emergência e desenvolvimento de um campo

A produção sociológica em torno do conceito de género não emergiu de forma sistemática com o nascimento da sociologia, nos países ocidentais do século XIX. O nascimento da disciplina é marcado por uma série de mudanças económicas (revolução industrial e emergência do sistema capitalista), políticas (constituição dos estados democráticos, do secularismo), sociais e culturais (difusão da ideologia positivista e culto do individualismo) profundas e decisivas para a configuração das sociedades contemporâneas, que marcaram por sua vez a agenda científica, não se questionando, num primeiro momento, essa dimensão estruturante da vida em sociedade – o género.

Não querendo (nem podendo) contestar a imaginação sociológica ou a capacidade de estranhar aquilo que nos é familiar, característica dos primeiros teóricos sociais, a verdade é que foi difícil a Émile Durkheim, a Max Weber ou Karl Marx identificar os constrangimentos que envolvem a construção social dos géneros. Aliás, bebendo dos contributos de outras disciplinas, alguns destes trabalhos partiam das características físicas e biológicas para explicar as diferenças sociais entre homens e mulheres, legitimando, desse modo, a ordem e dinâmicas de género à época estabelecidas[1]. Émile Durkheim (1984 [1893]), por exemplo, fê-lo a partir do tamanho dos crânios.

A forma como o campo de análise da sociologia se foi transformando recorda-nos o modo como a ciência e o enquadramento social, político, económico, etc., onde ela é produzida, se inter-relacionam. O tipo específico de reflexão crítica que a sociologia encerra não faz dela excepção a esta regra. Ainda hoje, são vários os autores a questionar, por exemplo, o carácter ocidental e masculinizado da ciência em geral, e o

[1] Seguindo os apontamentos teóricos de Anália Torres (2001), a análise sociológica em torno daquilo que hoje é consensualmente denominado "género" inicia-se, de forma mais ou menos explícita, em obras clássicas como, por exemplo, *A Divisão do Trabalho Social*, de Durkheim (1984 [1893]). Este e outros trabalhos estão, no entanto, muito distantes das actuais aproximações teórico-empíricas ao tema. Tendo em conta as coordenadas espácio-temporais, estas reflexões sociológicas reflectem formas de olhar os homens e as mulheres enraizadas numa perspectiva que naturaliza/essencializa as diferenças entre os sexos.

seu alinhamento a determinadas ideologias[2,3] (Connell, 1987, 1995; Petersen, 2003; Santos, 2011).

Uma primeira tentativa de analisar a forma como o género se constrói socialmente a partir das diferenças anatómicas e biológicas entre homens e mulheres emerge com a teoria funcionalista dos papéis sociais (Connell, 1987; Amâncio, 1998; Vale de Almeida, 2000; Torres, 2001), associada, entre outros, aos trabalhos de Talcott Parsons e Robert Bales (2002 [1956]). Esta teoria parte das seguintes premissas: os indivíduos agem de acordo com as expectativas sociais existentes em relação ao seu comportamento, essas expectativas são ajustadas ao sexo biológico de cada um e assimiladas durante o processo de socialização, no qual a família tem um papel preponderante. Defende-se ainda a ideia de uma certa especialização e interdependência funcional positiva entre os papéis diferenciados que homens e mulheres desempenham na sociedade (o homem desempenha um papel mais instrumental, associado à esfera pública e a mulher desempenha um papel mais expressivo), e é aqui que o discurso se torna profundamente ideológico. Segundo esta perspectiva, a mudança tende a ser encarada como um desvio à norma, ou algo que introduz ruído ao "bom funcionamento" da sociedade. A ideia da aprendizagem de um papel social abre, no entanto, a discussão para que os

[2] Uma pequena nota da actualidade, bem ilustrativa desta ideia: vieram recentemente a público notícias que davam conta das conclusões de uma investigação sobre pinguins, deliberadamente escondidas durante décadas do grande público. George Murray Levick, o autor do estudo, optou por restringir o acesso a partes do seu trabalho, onde eram descritas práticas sexuais entre pinguins que vêm contrariar a assunção do carácter antinatural de determinados comportamentos sexuais, como a necrofilia. Este é um exemplo de como a produção científica sobre o mundo animal pode ser manipulada para ir de encontro aos valores e padrões comportamentais de um determinado contexto social. Fonte: http://ecosfera.publico.pt/noticia.aspx?id=1549728 (consultado a 27 de Junho de 2012).

[3] A este respeito, não posso deixar de partilhar a minha experiência pessoal enquanto professora de sociologia numa escola superior de saúde. As dificuldades no ensino/aprendizagem de conceitos como o de género extravasavam a falta familiaridade dos alunos com a disciplina. Refiro-me à bagagem de evidências diversas que suportam e confirmam uma visão dicotomizada e essencialista dos géneros, que os alunos trazem consigo, e que o exercício da sociologia vem questionar. Para além da ordem das coisas confirmar as crenças sociais acerca das diferenças entre mulheres e homens, muita é a informação que as ciências naturais também produzem a este respeito. Como romper, então, com os obstáculos epistemológicos que se colocam ao ensino/aprendizagem da sociologia, se a nível científico não existe um entendimento inequívoco sobre esta realidade?

determinismos naturais/biológicos possam ser questionados (Carrigan, Connell e Lee, 1985). É desta época o livro *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir (1967 [1949]), que representa um verdadeiro marco nos discursos e reivindicações feministas, na medida em que difunde o argumento de que "não se nasce mulher, torna-se mulher", premissa que contém as raízes da perspectiva construtivista do género.

Também a antropologia contribuiu de forma determinante para a ideia do relativismo cultural e social no que diz respeito às configurações que os géneros podem assumir. A este respeito foram vários os trabalhos empíricos produzidos em contextos sociais distantes dos das sociedades ocidentais, onde aquilo que era reconhecido como masculino ou feminino não tinha correspondência. Destacam-se, neste âmbito, os contributos de Margaret Mead (2001 [1949]), cuja pesquisa empírica foi desenvolvida a partir das ilhas da Polinésia. O trabalho etnográfico decorreu no início do século XX e foi revelador da variabilidade de características que as masculinidades e as feminilidades podem assumir, bem como da diversidade de dinâmicas que entre os géneros se podem estabelecer. Como a autora acaba por resumir num dos seus últimos livros, "por vezes uma característica é atribuído a um sexo, outras vezes a outro. (…) Independentemente de analisarmos assuntos mais ou menos importantes, desde as frivolidades dos ornamentos e cosmética, à sacralização da posição do homem no universo, a forma como os papéis dos dois sexos são construídos assume uma variedade de padrões diferenciados e por vezes categoricamente contraditórios entre si" (*idem*: 7). Uma das comunidades, descritas pela autora, cuja realidade mais se distanciava do modelo ocidental tradicional, era a tribo dos Tchambuli, onde os homens se caracterizavam pela dedicação às actividades de lazer, como o teatro, a dança e a pintura e pelo trabalho de ornamentação corporal, estando as mulheres responsáveis pela dimensão produtiva, nomeadamente a pesca.

No seguimento da teoria dos papéis sociais e dos contributos da antropologia, surgem na década de 70 do século XX os primeiros ecos de trabalhos científicos que exploram o potencial analítico do conceito de género. Ann Oakley é a autora a que comummente se atribui a introdução do termo género (por oposição ao termo sexo) na academia, através do seu livro *Sex, Gender and Society* de 1972 (Bradley, 2007).

A constituição do género como objecto de estudo da sociologia não é alheia às convulsões sociais da época. O interesse da disciplina por estas questões é contemporâneo da segunda vaga dos movimentos feministas que questionavam o essencialismo das categorias homem e mulher e colocavam a nu as relações de poder

que entre elas se estabeleciam (sobre o surgimento e percurso da sociologia do género ver, por exemplo, Connell, 1987; Vale de Almeida, 2000; Torres, 2001; Amâncio, 2003; Bradley, 2007; Schouten, 2011). Tendo em conta este cenário, grande parte da produção sociológica enquadrada neste campo incidiu, e continua ainda hoje a fazê-lo, sobre a temática das desigualdades de género, denunciando o sistema patriarcal e acompanhando as reivindicações de igualdade de direitos entre homens e mulheres quer na esfera privada, quer no âmbito do trabalho ou da participação política, por exemplo. Aliás, ao carácter masculinizado da ciência em geral, na sociologia do género contrapõe-se uma predominância de mulheres quer enquanto produtoras, quer como objecto de estudo (um campo, muitas vezes, designado, inclusivamente, como "estudos sobre mulheres" ou "estudos feministas"). Esta é uma das críticas que se podem fazer ao actual estado da sociologia do género: a fraca expressão dos homens e das masculinidades, mesmo quando a temática são as desigualdades de género (Kimmel, Hearn e Connell, 2005).

Em Portugal o percurso da sociologia do género é mais recente, o que está relacionado com o tardio desenvolvimento e consolidação da própria disciplina, com a fraca visibilidade do movimento feminista da década de 70, com o baixo nível de escolaridade da população em geral e das mulheres em particular, bem como com a fraca representação das mulheres entre os actores que marcaram a emergência e institucionalização da disciplina (Sedas Nunes, 1988; Amâncio 2003; Carmo e Amâncio, 2004; Barroso, Nico e Rodrigues, 2011) – factores que, regra geral, se associam à emergência deste campo de estudos. É na década de 90 do século XX que começam a surgir, a nível nacional, as primeiras teses de doutoramento a abordar estas problemáticas, também aqui incidindo sobre a temática das desigualdades de género e, na generalidade, privilegiando a dimensão do trabalho e/ou da família[4]. Actualmente, seja

[4] São exemplos disso a tese de Ana Nunes de Almeida (1990), "A Fábrica e a Família – Famílias Operárias no Barreiro", o trabalho de Nelson Lourenço (1991), "Família Rural e Indústria. Mudança Social na Região de Leiria", a tese de Maria das Dores Guerreiro (1996) "Famílias na Actividade Empresarial: PME em Portugal" e de Helena Carreiras (1997) "Mulheres nas Forças Armadas Portuguesas", sem querer ser exaustiva. Já no início do século XXI surgem as teses de doutoramento de Anália Torres (2000a), "Trajectórias, dinâmicas e formas de conjugalidade, assimetrias sociais e de género no casamento", e de Virgínia Ferreira (2004), "Relações Sociais de Sexo e Segregação do Emprego: Uma Análise da Feminização dos Escritórios em Portugal".

no plano internacional, seja no plano nacional, são inúmeras as linhas de financiamento e departamentos/grupos de investigação dedicados à temática da dominação masculina, multiplicando-se, simultaneamente, as políticas públicas desenhadas para mitigar as desigualdades entre homens e mulheres[5].

Enquanto instrumento conceptual subordinado ao tema das desigualdades, o género tem sido equacionado numa versão dicotómica, que se divide em duas categorias, masculino e feminino. Esta conceptualização tem sustentado algumas das críticas que são tecidas à capacidade hermenêutico do género e seu potencial efeito reificador, apontando-se para a urgência de investigação teórica e empírica acerca da diversidade das expressões de género. Ora, é precisamente nesta segunda linha que este trabalho se insere, uma vez que se debruça sobre a pluralidade de modelos de masculinidade a partir de várias dimensões analíticas: corpo, sexualidade, conjugalidade, parentalidade e representações de género.

Independentemente da temática ou perspectiva teórica, sexo e género são hoje usados em grande parte dos círculos académicos, de forma mais ou menos consensual, como instrumentos conceptuais que importa distinguir. É consensual afirmar que "sexo" se reduz às características físicas/anatómicas/biológicas dos indivíduos e diferencia homens de mulheres, enquanto "género" remete para a construção social do masculino e do feminino, cujas configurações variam ao longo do tempo e do espaço. Esta precisão conceptual permite questionar o papel do corpo e das diferenças físicas entre homens e mulheres enquanto fundamento e suporte explicativo para as diferenças de outra ordem, como as psicológicas, comportamentais, expressivas, sentimentais ou intelectuais.

A este propósito, autores como Michel Foucault (1999), Thomas Laqueur (1990), Judith Butler (2008 [1990]) ou Pierre Bourdieu (1999), desconstroem teoricamente a própria construção social dos corpos, ao afirmar que nas sociedades ocidentais o

---

Esta lista não é exaustiva e podem encontrar-se referências de trabalhos científicos relevantes anteriores a estes, ainda que de menor fôlego.

[5] A Organização das Nações Unidas (ONU) já em 1979 fez aprovar a "Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres". Também a Comissão Europeia está politicamente empenhada na causa das mulheres, desenvolvendo para isso linhas estratégicas de acção como o recente "Plano de acção sobre a igualdade de género e a emancipação das mulheres no âmbito do desenvolvimento". A nível nacional, refira-se a inscrição na Constituição do princípio da igualdade em função do sexo (1976) ou, mais recentemente, o facto de a violência doméstica ter assumido a natureza de crime público (2007).

entendimento científico dos sexos, enquanto medida corporalizada situada nos órgãos genitais e aparelho reprodutor, nem sempre foi o mesmo. Segundo os autores, o modelo dos dois sexos é relativamente recente (século XIX), precedendo-lhe um outro, em que homem e mulher eram considerados duas versões de um mesmo sexo (uma versão exterior e outra interior, em que por exemplo, os óvulos representariam os testículos), sendo uma delas superior. Ou seja, os próprios fundamentos anatómicos tantas vezes usados para universalizar determinadas construções sociais, são eles próprios alvo de construção social na forma como são representados quer no senso comum, quer pela própria ciência.

A linguagem e o discurso das ciências sociais contrasta com os discursos dominantes do senso comum e mesmo de outras ciências, no âmbito dos quais estes dois conceitos, sexo e género, tendem a ser usados como sinónimos, atribuindo-se à genética, às hormonas, ao aparelho reprodutor, ao funcionamento do cérebro, entre outras coisas, as diferenças entre masculino e feminino. Deste modo, estas duas categorias adquirem um carácter natural e universal. Ainda que possam ser toleradas algumas excepções a esta regra, os indivíduos e as instituições sociais encarregam-se de exercer controlo social, vigiando e punindo quem a desafia. É o caso, nas sociedades ocidentais contemporâneas, de categorias sociais como os travestis (não levam em linha de conta as características biológicas na expressão do género) ou os transsexuais (a identidade de género é descoincidente do sexo biológico, manipulando-se nalguns casos a anatomia). Se no primeiro caso, as características físicas não constituem um limite para a adesão ao género "oposto" (essa adesão é conseguida através de outras vias, como o recurso a uma indumentária feminina, maquilhagem, manipulação da voz, postura, etc.), no segundo caso, são consideradas elementos fundamentais para se assumir, de pleno direito, determinada identidade de género. A este respeito, o trabalho de Sandra Saleiro (2012) é bem ilustrativo dos constrangimentos sociais e sofrimento que está envolvido na expressão de identidades de género que desafiam a tradicional relação entre sexo à nascença e identidade de género.

1.2 A entrada em cena da masculinidade

A década de 80 do século XX é o marco temporal que assinala a diversificação substantiva do campo da sociologia do género do ponto de vista dos seus objectos de

estudo, passando as masculinidades a ser alvo da atenção da disciplina[6] (Connell, 1995; Kimmel e Aronson, 2004; Aboim, 2010). Tal como os primeiros estudos de cariz sociológico dedicados à causa das mulheres espelhavam as questões que na sociedade civil eram levantadas pelos movimentos feministas da época, também a emergência de trabalhos académicos sobre as masculinidades vem reflectir um enquadramento social marcado pela crescente visibilidade dos *men's movements* (movimentos de homens) e suas reivindicações. Estes movimentos tiveram especial visibilidade na sociedade norte-americana das últimas três décadas do século XX e no seu seio podem distinguir-se duas correntes bem distintas: os movimentos pró-feministas e os anti-feministas[7] (Kimmel e Aronson, 2004). Ambos constituem reacções à segunda vaga dos movimentos feministas, bem como às primeiras mudanças estruturais no lugar que homens e mulheres ocupavam nas sociedades tradicionais (*idem*). Do mesmo modo, também as questões levantadas pelos movimentos *gay* vieram reflectir-se nas discussões científicas acerca das masculinidades, concorrendo para a problematização do papel da sexualidade na definição de modelos legítimos de masculinidade (Connell, 1995; Vale de Almeida, 2000).

Do lado dos movimentos dos homens pró-feministas destaca-se o pioneiro *profeminist men's movement*, cuja actividade conheceu o seu apogeu nas décadas de 70 e 80 do século XX (Kimmel e Aronson, 2004). Actualmente, na mesma linha, pode nomear-se a norte-americana National Organization for Men Against Sexism (NOMAS[8]) e a rede europeia MenProfeminist Network (EuroPROFEM[9]). Como os nomes das associações evidenciam, tratam-se de grupos civis organizados pela igualdade de género, pelos direitos das mulheres, reivindicando para os homens mudanças profundas na forma como constroem as suas identidades de género e rejeitando os modelos tradicionais de que eles próprios acabam por ser vítimas.

No espaço dos movimentos anti-feministas destaca-se pela visibilidade que

---

[6] Carrigan, Connell e Lee (1985) fazem referência a alguns trabalhos anteriores, ainda que pontuais, sobre grupos de homens específicos, cujos comportamentos eram considerados problemas sociais. Entre as temáticas encontra-se a delinquência juvenil ou o insucesso escolar. Como exemplos, os autores referem as obras *The Gang* de Frederic Thrasher e *Street Corner Society* da autoria de William Foote Whyte.

[7] Sobre a forma como os diferentes grupos se representam, ver o trabalho de John Fox (2004). Por exemplo, muitos dos homens envolvidos nos movimentos pró-feministas vêem os homens dos *Men's* Rights como anti-feministas, misóginos ou sexistas.

[8] Para mais informação consultar o *website* da organização em http://www.nomas.org/.

[9] Para mais informação consultar o *website* da rede em http://www.europrofem.org/.

alcançou, entre as décadas de 70 e 80 do século XX, o *men's rights movement* (Kimmel e Aronson, 2004). Esta corrente partilha com os movimentos pró-feministas a ideia de que a ordem de género (Connell, 1987, 1994) e os papéis de género atribuídos aos homens lhes são nocivos. Distancia-se, no entanto, na medida em que é negada a existência de qualquer tipo de privilégios/superioridade dos homens em relação às mulheres (Kimmel e Aronson, 2004: 528). O livro *Being Male: Surviving the Myth of Male Privilege* (1976), de Herb Goldberg, cujo título é bem ilustrativo do conteúdo, é uma referência literária no seio deste movimento civil.

Ainda dentro da corrente anti-feminista e com uma abordagem mais conservadora, emerge o movimento masculino mitopoético, cujo livro de auto-ajuda *Iron John: A Book about Men* (2004 [1990]), do fundador Robert Bly, é o melhor exemplo (Fonseca, 1998). Robert Bly considera que se está a viver uma crise da masculinidade nas sociedades ocidentais, resultante entre outros factores da ausência da figura paterna durante a infância das crianças (por sua vez provocada pela industrialização e ascenção do modelo do homem ganha-pão), ou seja, de uma híper-socialização materna que torna os homens mais brandos (*soft*). Para além de teorizar sobre o assunto, o activista veio preconizar uma espécie de terapia de auto-descoberta com vista a restituir a "energia masculina perdida"[10] (Fonseca, 1998; Kimmel e Aronson, 2004).

Os primeiros trabalhos de cariz científico a debruçar-se sobre a questão das masculinidades têm este enquadramento social como pano de fundo. Quanto à perspectiva teórica e enfoque analítico, Karin Wall, Sofia Aboim e Vanessa Cunha (2010) identificam dois grupos de estudos distintos. São eles, por um lado, os *men`s studies* (onde se destacam, por exemplo, Joseph Pleck e Michael Kimmel) e, por outro lado, os *critical studies of men* (onde se podem incluir R. Connell, Jeff Hearn e Michael Messner, entre outros).

Os *men´s studies* são definidos como o contraponto dos *women´s studies*, uma vez que também aquela primeira linha de investigação e problematização das masculinidades se centrou na forma como os homens eram negativamente afectados pelo sistema patriarcal (Carrigan, Connell e Lee, 1985; Kimmel e Aronson, 2004; Wall, Aboim e Cunha, 2010). Tal como nos *women´s studies*, portanto, eram os efeitos da estrutura social sobre

[10] Esta terapia baseia-se numa série seminários onde contos e poemas são lidos em voz alta pelo próprio Robert Bly, com o objectivo de guiar e despertar uma suposta essência masculina reprimida nas sociedades actuais. Para mais informações consultar o *website* do autor, onde se pode solicitar uma palestra ou workshop: http://www.robertbly.com/index.html.

a acção individual que estavam sob atenção.

Joseph Pleck (Pleck e Sawyer, 1974; Pleck, 1981), cuja obra reflecte ainda o paradigma dos papéis sociais na forma como aborda o género, organiza em 1974 uma colectânea de textos, onde se abordam muitos dos temas que acabarão por ser recorrentes nos *men´s studies*: socialização dos homens para o controlo emocional, a competição e o sucesso; performance sexual, pressão e consequente ansiedade; violência, encarceramento e morte prematura; esvaziamento das relações parentais; paradigma da heteronormatividade e homofobia; entre outros. A agenda política por detrás desta obra é clara e declarada: "Nós lutamos contra este papel social. Mas trabalhar para não oprimir as mulheres não é suficiente para libertar os homens. Precisamos de aprender o que é que no nosso próprio papel social nos oprime e activamente mudar isso" (Pleck e Sawyer, 1974: 150). Uma década mais tarde, em 1998, surge a primeira revista temática, a *Men's and Masculinities*, de âmbito internacional, dedicada à problemática das masculinidades, cujo editor é Michael Kimmel, um dos autores de referência do campo. Juntamente com Amy Aronson, Michael Kimmel publicou em 2004 a enciclopédia, *Men and Masculinities: A Social, Cultural, and Historical Encyclopedia,* a primeira deste tipo.

Intimamente associados ao movimento pró-feminista emergem os *critical men studies* (Aboim, 2010), por contraponto ao *men's studies*. No seio desta corrente teórica o tema da dominação é problematizado de uma forma nova, questionam-se as relações de poder que se estabelecem entre os próprios homens e centra-se a atenção na emergência de novas formas de ser homem. A acção social torna-se um elemento central na análise da produção das masculinidades, como advoga a proposta de R. Connell (1987, 1995), e outras dimensões como a sexualidade e a intimidade são convocadas para a definição das identidades de género (Wall, Aboim e Cunha, 2010; Aboim, 2010). É no âmbito dos *critical men studies* que surge em 2000 o primeiro projecto de investigação internacional sobre masculinidades, o qual envolve a colaboração de cerca de 15 países europeus: CROME (Critical Research on Men in Europe[11]), coordenado pelo homem que cunhou esta perspectiva teórica, Jeff Hearn. Pouco mais tarde, é publicada uma obra de referência que resulta da colaboração entre Michael Kimmel, Jeff Hearn e R. Connell, *Handbook of studies on Men & Masculinities* (2005).

A presente pesquisa situa-se sobretudo nesta segunda linha de trabalhos, embora

[11] Para mais informação, consultar o *website* do http://www.cromenet.org/.

beneficie dos contributos de autores com filiações teóricas e disciplinares diferenciadas (Wall, Aboim e Cunha, 2010). O alinhamento com esta perspectiva faz-se pela inclusão da criatividade e da liberdade que a acção social contempla no estudo das masculinidades aqui produzido.

Em Portugal, o campo é mais recente, os trabalhos ainda pouco expressivos e as temáticas dominantes reflectem o desenvolvimento da sociologia do género no seio da sociologia da família (Rodrigues, 2009). Entre as temáticas mais recorrentes destacam-se as mudanças ao nível da vivência da parentalidade (Lobo, 1996; Torres e Silva, 1998; Mendes, 2007), as representações dos jovens acerca dos modelos parentais (Guerreiro, Caetano e Rodrigues, 2008), ou, ainda, o processo de tomada de decisão por parte do sistema judicial em relação à guarda das crianças, em caso de divórcio (projecto de doutoramento, em curso, de Ana Jorge). Mais abrangente é o trabalho desenvolvido por Karin Wall, Sofia Aboim e Vanessa da Cunha (2010), em que outras dimensões para além da parentalidade são exploradas, como os modos de conjugalidade e a conciliação família-trabalho no masculino.

Na linha dos *men's studies* identificam-se alguns trabalhos que exploram a forma como os homens são penalizados pelo patriarcado, ou constrangidos pelos modelos de masculinidade dominantes. Entre eles sobressaem os que abordam os comportamentos de risco associados à construção das masculinidades, como, por exemplo, a violência em contexto escolar (Barbosa, 2004; Barbosa e Nogueira, 2004), a exposição a doenças sexualmente transmissíveis e consequentes elevadas taxas de mortalidade prematura (Santos, 2004; Rodrigues, 2011). Outra temática recorrente é aquela que analisa as masculinidades a partir quer do desempenho de actividades tradicionalmente concebidas como femininas, como a enfermagem ou a educação de infância (Sarmento, 2004; Simões e Amâncio, 2004; Cortez, 2008), quer no seio de enquadramentos laborais dominados pelos homens, como a magistratura, ou contextos sociais masculinizados como o universo do *grafitti* (Marques, 2004; Marques e Amâncio, 2004; Cerejo, 2004). Ainda que não seja uma temática expressiva, acrescente-se a problemática da vivência da velhice e articulação dessa condição com a construção das masculinidades (Ribeiro, 2010, 2011). Mais recentemente, Sofia Aboim (2008, 2010) tem-se afirmado no âmbito dos c*ritical men's studies*, quer pela produção teórica, sublinhando a característica plural das identidades masculinidades, quer pelo desenvolvimento de pesquisa empírica.

Importa também destacar as contribuições vindas de outros quadrantes disciplinares, ainda que fronteiriços à sociologia, como o trabalho etnográfico de Miguel

Vale de Almeida (2000) ou a investigação desenvolvida por Lígia Amâncio (1998, 2004). Se Miguel Vale de Almeida explora a forma como os homens de uma pequena localidade do Alentejo português constroem a masculinidade por relação a um modelo dominante tradicional, Lígia Amâncio, por sua vez, analisa a forma como na sociedade portuguesa homens e mulheres são representados, acabando por concluir pela coincidência entre o estereótipo masculino e a noção de indivíduo no abstracto.

1.3 Identidades de género entre a estrutura e a acção: modernidade, reflexividade e classes sociais

Sobre as lógicas de reprodução social

O estudo das expressões de género nas várias dimensões em análise não é alheio à discussão sociológica que vem situar a acção individual na dicotomia agência-estrutura. As ferramentas conceptuais desenvolvidas no âmbito de diferentes teorias encerram posturas epistemológicas bem distintas quanto a esta velha dicotomia, que interessa introduzir nesta discussão teórica. Neste âmbito, se algumas teorias têm sido sobretudo eficazes a captar as estruturas sociais e as lógicas de reprodução social, como é o caso do trabalho de Pierre Bourdieu, outras há que se têm centrado mais na acção e capacidade individual de (re)construção activa dessas mesmas estruturas sociais, como é o caso da obra de Anthony Giddens, por exemplo. Uma perspectiva de síntese, cunhada por R. Connell e de inspiração precisamente em Pierre Bourdieu e Anthony Giddens, merece igualmente destaque. Todos os autores se propõem teoricamente a ultrapassar a dicotomia agência-estrutura, através de um arrojado dispositivo conceptual, sendo a ideia de "estrutura internalizada" o elo de ligação entre eles. Para Pierre Bourdieu essa estrutura internalizada condiciona mais do que dá liberdade de acção, ordem que se inverte em Anthony Giddens. Por sua vez, R. Connell apresenta uma teoria que pretende conciliar ambas as perspectivas, a partir de uma série de propostas conceptuais de alcance macro, meso e micro social.

Pierre Bourdieu (1986, 1999, 2001 [1989], 2010 [1979]) dedicou a sua obra à análise dos mecanismos, muitas vezes inconscientes, através dos quais a acção individual é constrangida pela estrutura social. Segundo o autor, este constrangimento é possível na medida em que a estrutura social vai sendo interiorizada pelos indivíduos,

modelando a própria grelha cognitiva com que cada um lê e age sobre o mundo. Nesse sentido, a acção social acontece através da activação do esquema mental que foi tomando forma a partir da aprendizagem dos diversos sistemas de classificação, que informam os actores sociais acerca daquilo que é certo ou errado, do que é bom ou mau, em determinado contexto, não ocorrendo no vazio, para além da realidade que se conhece.

O sistema de classificação dos géneros está tão entranhado nos esquemas mentais que os indivíduos não chegam a problematizar a pertinência de classificar as pessoas como masculinas e femininas, ainda que discutam o que é isto de ser homem e mulher, se questionem se "as mulheres são de Vénus e os homens de Marte". O motivo passa pela dificuldade em tomar consciência dos sistemas de classificação através dos quais a realidade é mentalmente organizada.

Os conceitos de lugar de classe social, *habitus* e disposições são instrumentos fundamentais da proposta epistemológica do autor. O lugar de classe é definido a partir da combinação dos diferentes capitais (cultural, económico, etc.)[12], assumindo um papel de destaque na medida em que funciona como preditor das práticas, representações e até dos gostos individuais, ou seja, do *habitus*. Por *habitus* o autor entende o "sistema de disposições duradouras, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como tal, ou seja, enquanto princípio de geração e de estruturação de práticas e de representações", interiorizado ao longo da trajectória de vida dos indivíduos (Bourdieu, 2002 [1972]: 163).

Se grande parte da obra de Pierre Bourdieu demonstra empiricamente como o lugar de classe, definido a partir dos diferentes capitais, e a trajetória social individual modelam o *habitus e* as disposições, em *A Dominação Masculina* (1999) o autor debruça-se sobre como o género estrutura de forma profunda a acção social. Estes são precisamente os dois eixos analíticos centrais da presente pesquisa, uma vez que se considera que o género e a classe social constituem elementos estruturantes da acção social, neste caso em particular da construção das masculinidades e das lógicas de distinção social.

Para melhor captar a estrutura simbólica em que as sociedades ocidentais assentam, a estratégia analítica de Pierre Bourdieu passou por se centrar num contexto

[12] Para uma discussão mais aprofundada acerca da definição de classe social ver o ponto 1 do Capítulo 3.

cultural afastado do seu[13], facilitando deste modo o distanciamento a que o exercício da sociologia obriga. Uma das características centrais do esquema simbólico analisado prende-se com a divisão dos indivíduos em masculinos e femininos e consequente distribuição desigual de capitais, consoante as características físicas. Se as características físicas são o ponto de partida para a hétero/auto-atribuição do género, o autor dá, ainda, conta da forma como, simultaneamente, o corpo é manipulado de modo a desempenhar o seu papel de agente naturalizador do género, intervindo-se sobre "o seu volume, o seu porte, o seu peso, a sua musculatura", entre outros aspectos (Bourdieu, 1999: 55).

Apesar de encerrar desigualdades simbólicas e materiais diversas, Pierre Bourdieu vem chamar a atenção para a facilidade com que o *habitus sexuado* (Bourdieu, 1999: 3) e as relações de dominação entre homens e mulheres tendem a reproduzir-se, estando quer dominantes, quer dominados, comprometidos com a ordem social. Isto é possível, segundo o autor, graças ao forte enraizamento dos esquemas de classificação e matrizes simbólicas que permitem a acção social, ou seja, graças à interiorização da exterioridade (Bourdieu, 2002 [1972], 2010 [1979]). Por isso a acção social potencialmente reproduz e reinventa (pouco) a estrutura, aderindo os homens, mas também as mulheres, a um esquema simbólico do qual não se conseguem distanciar, do qual não terão consciência, independentemente do seu posicionamento na hierarquia social. Ora, ao contrário do silêncio de Pierre Bourdieu sobre a interssecionalidade que se estabelece entre as diferentes dimensões, neste trabalho não se ignorarão as *nuances* e diferenças que as dinâmicas de género assumem conforme a classe social.

Nas palavras de Pierre Bourdieu, "a divisão entre os sexos parece estar 'na ordem das coisas', como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, até ao ponto de ser inevitável: está presente ao mesmo tempo, em estado objectivado, nas coisas (na casa por exemplo, cujas partes são, todas elas, 'sexuadas'), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos, nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de acção" (1999: 9). Apesar de reconhecer algumas das recentes mudanças nas relações de género e identificar alguns dos factores responsáveis (democratização do ensino, movimentos feministas, etc.), Pierre Bourdieu

[13] Distante no sentido de não-familiar, mas simultaneamente próximo, uma vez que Bourdieu fala de uma tradição cultural comum a todo o mediterrâneo, incluindo o norte de África. A escolha de uma tribo berbere, do norte da Argélia, prende-se com a ideia de que nessa zona do globo se mantêm estruturas tradicionais.

acaba por se debruçar sobre a omnipresença continuada do dualismo masculino-feminino na forma como a vida em sociedade está organizada.

Na linha de Pierre Bourdieu, Barbara Risman (1998), no seu texto *Gender as Structure*, vem propor uma definição de género de inspiração *bourdieusiana,* o que a colocou, juntamente com o autor, na linha de fogo das teorias pós-modernas: "o género deve ser considerado como uma propriedade estrutural da sociedade. Não se manifesta apenas nas nossas personalidades, nas regras culturais, ou outras instituições. O género está profundamente incorporado como uma base de estratificação, diferenciando oportunidades e constrangimentos" para a acção (*idem*, 296-297). Acrescenta ainda a autora que, independentemente do alinhamento ideológico de cada um, escapa aos indivíduos a possibilidade de não reproduzirem a dominação masculina. Ora, é exactamente esta noção de indivíduo de algum modo impotente perante as estruturas sociais que o ultrapassam, e híper-condicionado pelo género e respectiva posição nas relações de poder, que impossibilita que enquadramentos teóricos deste tipo sejam capazes de dar conta das mudanças sociais que a este e a outros níveis vão acontecendo.

Outra das críticas apontadas à proposta teórica de Pierre Bourdieu passa pela negação da ideia de coerência interna do *habitus* e transferibilidade de disposições entre diferentes contextos (Lahire, 2001, 2002; Pires, 2007), problema que Bernard Lahire se propõe resolver. Bernard Lahire (2001, 2002, 2005) vem questionar a harmonia que caracteriza o sistema de disposições e a coesão do *habitus* contidas na proposta concetual de Pierre Bourdieu, centrando a sua análise, ao invés, na diversidade de disposições e contradições que coexistem ao nível da vivência individual.

Em *Portraits Sociologiques: Dispositions et Variations Individuelles* (2002), Bernard Lahire vem pôr em marcha um dispositivo metodológico arrojado, materializado em séries de seis entrevistas a cada indivíduo (oito estudos de caso), de forma a melhor captar a diversidade de referências culturais/sociais acumuladas ao longo da vida, as quais vão sendo activadas/ocultadas conforme os contextos. Como o autor afirma, "uma disposição não é uma resposta simples e mecânica a um estímulo, mas uma maneira de ver, sentir ou agir que se ajusta com flexibilidade às diferentes situações encontradas. No entanto, nem sempre a disposição consegue se ajustar ou se adaptar, e o processo de ajuste não é o único possível na vida de uma disposição. Dessa forma, ela pode ser inibida (estado de vigília) ou transformada (devido a sucessivos reajustes congruentes)" (*idem*: 30). Ao mesmo tempo que se distancia de visões demasiado estruturalistas, Bernard Lahire não

deixa, simultaneamente, de se demarcar das teorias pós-modernas em que a ordem aparece diluída e os indivíduos são equacionados como "realidade 'em migalhas'", na medida em que as regras e os valores que outrora constrangiam e tornavam a acção social previsível desaparecem quase por completo (*idem*: 30).

No seguimento desta perspectiva, também João Teixeira Lopes vem argumentando que "a experiência não é uma unidade homogénea. Na acção social os contextos de interacção e as lógicas dos actores são preferencialmente contraditórios e múltiplos" (2004: 83). Esta "menor coerência e capacidade de conversão das experiências" (*idem*: 86) vem reflectir a passagem das sociedades tradicionais para as modernas, nomeadamente o desempenho de mais papéis sociais ao longo da trajectória biográfica, por vezes conflituantes entre si (pai, marido, amigo com vários e distintos grupos de amigos, trabalhador e diferentes experiências profissionais, etc.), bem como o contacto com um leque mais alargado de contextos sociais diversos ou mesmo divergentes, o que concorre para que a grelha simbólica com que se lê e se age sobre o mundo se adense e complexifique.

Tendo em conta esta actualização da teoria do *habitus*, o desenho desta pesquisa caracteriza-se pelo estudo simultâneo de várias dimensões da vida dos homens entrevistados, procurando-se na análise dos discursos dar conta da diversidade, mas também das contradições ao nível da rede de disposições, à escala individual. Para responder a este objectivo, ensaiou-se uma tipologia de masculinidades que acrescenta à análise horizontal dos discursos esse tipo de hermenêutica (sobre a tipologia construída ver o ponto 6 do Capítulo III). As dimensões em estudo passam pelos modos de produção corporal, pela sexualidade, pelos modelos de conjugalidade e parentalidade, bem como pelas representações de género, procurando-se situar os homens entrevistados em cada um destes âmbitos tendo por referência o eixo moderno-tradicional. A hipótese de partida, que agora soa ingénua, sugeria um conjunto de homens que, destacando-se no plano dos modos de produção corporal por práticas que se descolavam dos modelos mais tradicionais, também nas outras dimensões desempenhariam papéis menos alinhados com as estruturas sociais. Como se verá, a análise dos dados empíricos levará à rejeição desta hipótese, apontando para esquemas de disposições mais complexos que vêm reflectir a articulação, nem sempre linear, entre as várias esferas da vida e o desempenho de diferentes papéis sociais.

Sobre a importância da reflexividade e do discurso na construção de si

Doutro quadrante teórico surge Anthony Giddens (1984, 1987, 1988, 1994, 1996, 2000), cujo trabalho teórico introduz instrumentos conceptuais importantes que vêm enriquecer a capacidade da disciplina em captar a mudança social e analisar a construção das identidades em contextos de modernidade tardia. Tal como em Pierre Bourdieu, também em Anthony Giddens a acção emerge simultaneamente como produto e produtora das estruturas sociais, como elemento central da ideia da *dualidade da estrutura*. Diferencia-os, a este respeito, o nível de criatividade e poder de agenciamento atribuído à acção social. É a noção de reflexividade, o entendimento da identidade como um projecto individual socialmente contextualizado e o discurso como uma ferramenta importante de construção de si perante os outros, que tornam tão pertinente a obra deste autor para a pesquisa que aqui se apresenta.

Anthony Giddens dedicou grande parte da sua obra mais recente ao estudo das mudanças ao nível da construção das identidades e das relações íntimas, desde as sociedades tradicionais até às modernas, tornando evidente a relação dialéctica que se estabelece entre estrutura e acção, ou entre macroestrutura e microestrutura. Ou seja, as transformações ao nível das identidades e da intimidade são, na óptica deste autor, indissociáveis das mudanças que se observam ao nível das estruturas e instituições sociais, nomeadamente aquelas que caracterizam a passagem das sociedades tradicionais para as sociedades modernas ou de modernidade tardia (Giddens, 1994, 1996, 2000).

Por modernidade tardia Anthony Giddens entende "a corrente fase de desenvolvimento das instituições modernas, marcada pela radicalização e globalização de traços básicos da modernidade" (1994: 208). Esta, por sua vez, caracteriza-se pelo enfraquecimento das instituições tradicionais e alargamento do campo de possibilidades e opções; pelo estreitamento da relação entre o local e o global (no âmbito do que os *media* e as redes sociais mediatizadas têm um papel fundamental, uma vez que são responsáveis por trazerem para o quotidiano dos indivíduos acontecimentos distantes que, de outra forma, não integrariam o seu leque de referências); pelo ritmo acelerado e profundidade das mudanças, a uma escala alargada; pela autonomização entre espaço e tempo; pela reflexividade individual, alimentada por um conjunto cada vez mais alargado e, muitas vezes, não-coerente, de sistemas periciais (entre eles as ciências sociais e a sociologia em particular); pelo risco e incerteza generalizados, bem como pela

insegurança ontológica; entre outros aspectos. Por reflexividade entenda-se a capacidade de o indivíduo se colocar fora de si, analisar as condições sociais que constrangem a sua acção, tomando consciência das possibilidades que se lhe apresentam, efectuando desse modo decisões capazes de desafiar o conhecimento prático sobre o mundo, a tradição e os esquemas simbólicos dominantes.

Ora, é neste contexto de diluição e questionamento alargado dos referenciais tradicionais, de incerteza, de multiplicação de modelos e de novas possibilidades, que os homens alvo desta pesquisa constroem as suas masculinidades com algum grau de reflexividade, através de escolhas diárias visíveis na forma como se relacionam com as mulheres, com os outros homens, bem como com o seu próprio corpo. As balizas espácio-temporais demarcam, por sua vez, um contexto ideológico marcado pela celebração de valores como os de igualdade entre géneros e individualidade. Enquanto símbolos de modernidade, estes valores serão recorrentes nos discursos dos homens entrevistados, como se verá, ainda que possam ser descoincidentes das suas práticas.

Ao nível das identidades de género, Anthony Giddens argumenta que a modernidade tardia trouxe consigo uma desfragmentação da dicotomia masculino/feminino, o que se explica, entre outras coisas, pelo facto de os homens e as mulheres terem passado a desempenhar papéis sociais equivalentes, e muitos espaços de interacção outrora dominados pelos homens se terem aberto às mulheres e vice-versa. Assim, na óptica deste autor, em detrimento do género, a expressão das identidades passa cada vez mais pelo enaltecimento da individualidade e das idiossincrasias pessoais (Giddens,1996).

O presente trabalho vem exactamente problematizar esta teoria, explorando a diversidade de expressões identitárias que se associam a um grupo de homens particular, caracterizado por modos de produção corporal tradicionalmente associados ao universo feminino ou *gay*. Para além de explorar a forma como estes homens se apropriam de práticas que, de forma estereotipada, são concebidas como símbolos de feminilidade, nas entrevistas foram, ainda, solicitados a partilhar as suas concepções do feminino e do masculino, bem como a posicionar-se no eixo masculino/feminino. A este propósito, foi proposto aos entrevistados um exercício de auto-análise, no qual se pediu a cada um deles que imaginasse o masculino e o feminino como dois extremos de uma escala contínua, de zero a dez, e nela se posicionassem (os resultados deste exercício são explorados no ponto 4.3 do Capítulo III). A forma como esta escala foi concebida veio contrastar de forma absoluta com o modo como alguns destes homens concebem o

masculino e o feminino, o que levantou desafios metodológicos adicionais (ver a este respeito a reflexão metodológica levada a cabo no ponto 2.2 do Capítulo II).

Anthony Giddens chama, ainda, a atenção para o facto de as identidades não possuírem uma coerência interna, uma vez que são (re)construídas ao longo do tempo e do espaço, incorporando-se novas referências e experiências na tomada de decisão sobre como ser, como estar no mundo. Deste modo, os indivíduos podem oscilar ao longo da sua vida, ou em diferentes contextos sociais, entre a adesão a modelos mais ou menos tradicionais. Ainda que de facto as identidades não possuam uma natureza harmoniosa, os indivíduos tendem a esforçar-se por assim a conceber, através dos *diálogos internos* (Archer, 2003), e por assim a transmitir, através dos discursos biográficos produzidos em situações de interação social. É assim que o "projecto reflexivo do *self*" se (re)constrói de forma permanente e inacabada (Giddens, 1994). Como o próprio autor clarifica, "uma pessoa com um sentido de auto-identidade razoavelmente estável tem um sentimento de continuidade biográfica que é capaz de alcançar reflexivamente e, mais ou menos, de comunicar a outras pessoas" (Giddens, 1994: 48). A entrevista compreensiva constitui um momento, por excelência, de produção desse tipo de narrativas.

Entender as identidades enquanto "projecto reflexivo do *self*" levanta dois desafios acrescidos ao tipo de análise sociológica que se pretende levar a cabo. Por um lado, é essencial que a análise sociológica vá para além deste trabalho subjectivo de organização reflexiva da biografia que tende a gerar uma ilusória coerência identitária, através de acrescentos e omissões de discurso. Por outro lado, através do exercício da reflexividade os próprios indivíduos já reflectiram, muitas vezes, sobre as suas condições sociais de existência e são capazes de identificar constrangimentos à sua acção. Nesse sentido, é importante conseguir não se deixar hipnotizar por todo o trabalho de auto-análise com que alguns indivíduos já partem para a entrevista sociológica de cariz compreensivo (sobre estas questões, ver o ponto 2 do Capítulo II).

No âmbito da proposta teórica de Anthony Giddens, os *media* assumem um papel central na forma como concorrem para a (re)definição das identidades. Por um lado, porque promovem a difusão à escala global de um vasto leque de estilos de vida diferenciados e diferenciadores, acessíveis aos indivíduos em geral, os quais se caracterizam pelo consumo de determinados produtos e serviços, bem como pela adesão a práticas e valores particulares. Por outro lado, porque trazem para a vida quotidiana dos indivíduos ideias, discussões, especulações e reflexões de anónimos, políticos, cientistas,

activistas, artistas, publicitários, etc., sobre a própria sociedade, nomeadamente o que é isto ser homem e ser mulher, nalguns casos reproduzindo uma visão dicotómica e conservadora dos papéis de género, noutros desafiando as convenções tradicionais. De igual modo, não se pode negligenciar o papel dos *media* na exponenciação do alcance dos discursos dos movimentos sociais, nomeadamente aqueles que vêm problematizar as definições de género e as masculinidades, como os *men´s movements,* discutidos no ponto anterior.

A este propósito refira-se, ainda, a existência de canais de televisão e revistas de grande circulação, especializados em função do sexo do leitor, como é o caso das revistas de segmento masculino (Rodrigues, 2008) ou o surgimento de novas categorias de género que acabam por ser assimiladas pelo senso comum. O termo "metrossexual"[14], cunhado pelo jornalista Mark Simpson, em 1995, através de um artigo de opinião no prestigiado jornal britânico *The Independent*, é disso exemplo*.* Segundo o autor do termo "o típico *metrossexual* é um homem jovem, com dinheiro para gastar, que vive dentro ou perto de uma grande cidade – porque é aí que estão as melhores lojas, discotecas,

[14] A este artigo seguiram-se inúmeros outros, publicados em vários países e por diversos jornais e revistas (especialmente as de segmento feminino e masculino). Da imprensa o termo extrapolou imediatamente para a *Internet* e é possível encontrar hoje um infindável número de *websites* com conteúdos que referem igualmente o termo recentemente criado. Por exemplo, uma pesquisa no motor de busca Google pelo termo "metrossexual" dá-nos um resultado de aproximadamente três milhões de páginas de *Internet*. Na televisão começa a ser frequente ouvir-se jornalistas e apresentadores de programas de entretenimento falar de "metrossexualidade" e mesmo a exibição de reportagens acerca do assunto. Especialmente associado ao termo surgiu também nas televisões um *Reality Show* (Queer eye on the straight guy)*,* exibido nos EUA em 2003 e dois anos mais tarde em Portugal ("Esquadrão G" exibido na SIC). Na banda desenhada destaca-se o episódio da popular série South Park, em que uma das personagens é identificada como "metrossexual" e se usam os protagonistas do Reality Show norte-americano para explicar que "metrossexual significa que se é heterossexual mas se aprecia a cultura gay". No cinema e na literatura são também frequentes as alusões à "metrossexualidade" com filmes que contam entre os protagonistas com homens que se identificam como "metrossexuais" e livros que pretendem ser autênticos guias para homens que queiram ser "metrossexuais". Em diálogo com o termo "metrossexual" surgiram entretanto outros, merecendo especial destaque o de "uberssexual" cunhado pelas publicitárias Marian Salzman, Ira Matathia e Ann O'Reilly, no livro "The Future of Men", lançado recentemente nos Estados Unidos e ainda o de "retrossexual" criado pelo próprio Mark Simpson. O "retrossexual" aproxima-se mais do imaginário de masculinidade hegemónica, o "metrossexual" é muito distinto deste e o "uberssexual" segundo as criadoras situa-se entre estes dois extremos.

ginásios, cabeleireiros. (…) Profissões como modelos, empregados de mesa, jornalistas, músicos e, actualmente, desportistas, parecem atrair este tipo de homens, mas verdade seja dita, tal como os produtos de beleza masculinos e os herpes, eles estão por todo o lado. (…) O homem heterossexual, estoico, sacrificado e modesto não comprava o suficiente (o seu papel era ganhar dinheiro para a sua mulher gastar), e por isso foi substituído por um novo tipo de homem, menos seguro da sua identidade e muito mais interessado na sua imagem"[15]. Não constituindo o objecto de estudo desta pesquisa, o termo *metrossexual* funcionou como mote para este trabalho, não deixando de se perder o rasto à categoria no trabalho empírico. Com esse intuito, os entrevistados foram questionados acerca das suas representações em relação à *metrossexualidade* e aferido o seu grau de adesão a esta categoria (sobre este assunto ver o ponto 5.7 do Capítulo III).

Por oposição à noção de *habitus* e disposições de classe, de Pierre Bourdieu, como algo herdado ou definido a partir da família de origem, Anthony Giddens propõe, então, a noção de *estilo de vida*, equacionado como um conjunto de escolhas feitas individualmente em diversas esferas da vida. Como refere o autor, "estilo de vida não é um termo que se aplique muito a culturas tradicionais, porque implica a escolha dentro de uma pluralidade de opções possíveis e porque é 'adoptado' e não 'transmitido'. Os estilos de vida são práticas rotinizadas, as rotinas incorporam-se em hábitos de vestir, comer, modos de agir e meios favorecidos para o encontro com os outros. Mas as rotinas seguidas estão reflexivamente abertas à mudança, à luz da natureza móvel da auto-identidade" (Giddens, 1994: 73).

Ora, se Anthony Giddens tem razão quando afirma que os indivíduos têm um papel mais activo na construção da sua identidade, nomeadamente através da adesão a determinados estilos de vida, dentro de um universo simbólico socialmente definido, partilhado e amplamente difundido, especialmente pelos *media*, falta-lhe reconhecer que essa escolha é limitada também a partir das condições de existência. Ou seja, nem tudo na vida em sociedade está em aberto, nem as possibilidades de escolha são as mesmas para todos. Seja porque a capacidade reflexiva varia em função de muitas condicionantes, como por exemplo a escolaridade ou o desempenho de múltiplos papéis sociais, seja

[15] Excerto do artigo "Meet the Metrossexual: He's well dressed, narcissistic and obsessed with butts. But don't call him gay", publicado na revista online, norte-americana, Salon, onde aparece uma fitografia do jogador de futebol David Beckham. Este artigo pode ser consultado em http://www.salon.com/2002/07/22/metrosexual/ (consultado a 10 de Fevereiro de 2008).

porque os recursos de que se dispõe limitam o poder de agir e influenciar os outros.

Se do trabalho de Bourdieu se diz sobrevalorizar o peso da hierarquia social na determinação da acção social, como se viu, Giddens é, ao contrário, acusado de se inserir nas teorias que anunciam o fim das classes sociais, das instituições tradicionais e dos constrangimentos estruturais, na medida em que se concebe uma liberdade ilusória à acção social. Como argumenta o filósofo Gilles Lipovetsky, a propósito dos "tempos hipermodernos" (2011), o enfraquecimento das instituições tradicionais não se faz acompanhar pelo esvaziamento ou ausência de valores ou regras, mas sim pela sua multiplicação e convivência paradoxal (como é o caso, nas sociedades ocidentais, da perda de influência da igreja católica a par de uma proliferação de cultos orientais diversos e busca de conhecimento espiritual, para dar um exemplo).

A solução teórica não pode ser outra senão aquela que aponta para a necessidade do exercício da sociologia integrar os contributos quer das perspectivas mais estruturalistas, quer daquelas que valorizam a agência, ao invés de optar por uma delas. Como muitos autores vêm reclamar, as noções de *habitus* e disposições de Bourdieu não perderam o seu potencial hermenêutico com a chegada da modernidade tardia de que Giddens nos fala, uma vez que a acção social baseada no exercício da reflexividade coexiste com a acção social que resulta de um conhecimento prático e mimético da realidade, que reproduz de forma ritualizada a tradição e as estruturas sociais, sem delas tomar consciência e, portanto, sem as questionar (Atkinson, 2010). Como recorda Ana Caetano, na sua análise sobre a reflexividade, se é verdade que "os actores sociais têm um conhecimento aprofundado acerca das suas realidades sociais, são criativos, efectuam escolhas, têm alguma autonomia na definição dos seus percursos, atribuem sentido às suas acções, têm intenções, razões e motivações para agir, projectam e reflectem e têm poderes causais", também é verdade que "tudo isto não significa controlo absoluto sobre as suas condutas", uma vez que o lugar que cada um ocupa na estrutura social vai delimitar o seu campo de possibilidades (2011: 164).

Sobre a relação entre estrutura e acção

Com inspiração nos trabalhos de Pierre Bourdieu e Anthony Giddens, R. Connell (1987, 1994, 1995) desenvolve uma teoria do género onde dá igualmente grande centralidade à agência, ao mesmo tempo que convoca uma dimensão mais estruturante da realidade social através dos conceitos de "ordem de género" e "regime de género". Estes conceitos

constituem uma alternativa ao conceito de patriarcado[16], que a autora identifica como uma ordem de género específica, onde o masculino se sobrepõe ao feminino. Para além disso, R. Connell considera que a noção de patriarcado se centra e se fecha sobre as relações que se estabelecem entre os homens e as mulheres, não favorecendo o enfoque analítico sobre as relações intra-géneros, que a autora tem vindo a explorar na sua obra – nomeadamente as relações entre diferentes tipos de masculinidades, o que constituirá igualmente o foco central da análise do trabalho aqui apresentado.

Por ordem de género[17] R. Connell entende "a estrutura das relações que atravessam os regimes de género das instituições e as ordens de género das sociedades locais, a uma escala mundial" (1994: 9), isto é, os padrões sociais que emergem das relações de poder, das relações de produção e das relações emocionais que se estabelecem entre o masculino e o feminino. Poder, produção e emoções (*cathesis*) são as três dimensões estruturantes da ordem de género, concebidas como autónomas, mas que se intercruzam de forma distinta no seio dos diferentes regimes de género, clarifica a autora.

Segundo R. Connell, nas sociedades ocidentais, as relações de poder caracterizam-se pelo domínio, por parte dos homens, dos meios de violência institucionalizados (prisões, formas militarizadas, etc.) e do aparelho do estado, da sua predominância entre as classes trabalhadoras da indústria pesada e tecnologia de ponta, bem como entre as actividades baseadas na resistência física. Na óptica da autora, a violência perpetrada pelos homens (contra mulheres, contra outros homens) é um sinal evidente da imperfeição da dominação masculina, uma vez que uma hierarquia completamente legitimada não precisaria de intimidar através da força (Connell, 1995). Por sua vez, as relações de produção caracterizam-se, segundo R. Connell, pela desigual distribuição do trabalho entre homens e mulheres, mas também pela natureza e organização genderizada do trabalho (por exemplo, determinados trabalhos são considerados masculinos, como os que envolvem a construção civil ou o desenvolvimento das

[16] No âmbito da sua tipologia dos poderes legítimos, particularmente o poder tradicional, Max Weber define "patriarcalismo" como "a situação na qual, dentro de uma associação, na maioria das vezes fundamentalmente econômica e familiar, a dominação é exercida (normalmente) por uma só pessoa, de acordo com determinadas regras hereditárias fixas." (Weber, 1964: 184).

[17] A origem do conceito de *ordem de género* é atribuída, por R. Connell, a Jill Matthews (Connell, 1987: 98).

tecnologias da informação e comunicação). Quanto às relações emocionais a autora fala da dupla moralidade na medida em que uma sexualidade mais permissiva é permitida aos homens e proibida às mulheres.

Por regime de género entende-se "um *cluster* de práticas ideológicas e materiais, que, num determinado contexto social, colaboram na construção de várias imagens de masculinidade e feminilidade" (Connell, 1994: 8). O conceito de regime de género remete, então, para um nível de análise meso, permitindo dar conta da diversidade de formas que os géneros podem assumir, dentro de uma mesma sociedade, em contextos institucionais diferentes, contribuindo deste modo para adensar a complexidade das pesquisas sobre a ordem de género. Como a autora refere, a ordem de género é configurada, simultaneamente, por instituições cuja estrutura é mais conservadora e rígida, como, por exemplo, as organizações militares (Carreira, 1997, 2006) e outras cuja margem de mudança e inovação poderá ser mais acentuada, como as universidades[18].

No enlace da proposta de R. Connell, e antes de proceder à análise qualitativa das entrevistas, proceder-se-á a uma análise da ordem de género a partir das dimensões estruturantes deste trabalho, de modo a contextualizar no espaço e no tempo o objecto de estudo desta pesquisa. Esta análise vai basear-se em indicadores nacionais e internacionais e abordará as seguintes temáticas: distribuição dos recursos escolares, divisão do trabalho, conjugalidade e família, relações parentais, sexualidade e regimes corporais (ponto 2 do Capítulo I).

Seguindo de perto o trabalho de Pierre Bourdieu, R. Connell vem reafirmar que a acção não pode escapar à estrutura, uma vez que não existe no vazio, para além das suas circunstâncias. Simultaneamente, reflectindo os contributos de Anthony Giddens, a autora argumenta que a acção humana envolve liberdade de invenção, o conhecimento humano é reflexivo e, por isso, a prática pode virar-se contra os constrangimentos de que é alvo. Portanto, a estrutura social pode ser deliberadamente o objecto alvo da prática individual ou institucional (Connell, 1987, 1995).

Assim, no seguimento da *teoria da prática* que traduz "a ideia de uma presença activa da estrutura na prática e a constituição activa da estrutura pela prática" (1987: 94), R. Connell propõe que se encare o género como um processo ou como um verbo – *genderizar*. Ou seja, não se é masculino ou feminino, antes se faz/constrói o género

[18] No livro *Gender & Power: Society, the person and sexual politics* (1987), R. Connell dá o exemplo de três regimes de género particulares, a família, o estado e a rua, analisados a partir das três dimensões por si identificadas como estruturantes da *ordem de género*.

através de práticas *genderizadas* enquadradas por determinada ordem e regimes de género, as quais, por sua vez, vão reflectir o conjunto das práticas dos indivíduos. A institucionalização do género é possível na medida em que se criam condições estruturais que tornam provável a repetição das práticas, o que leva a autora a dizer que "o género é uma forma através da qual a prática social é ordenada" (Connell, 1995: 71). A mudança acontece porque a acção social é reflexiva e não se limita a reproduzir a tradição, desafiando por vezes os quadros simbólicos de referência e questionando noutros casos as relações de poder que se estabelecem entre diferentes categorias sociais.

No seguimento desta proposta conceptual, Sofia Aboim vem tecer elogios ao trabalho teórico de R. Connell, "não só por constituir um marco inaugural nos estudos críticos sobre os homens, mas sobretudo por entender o género, e no seu interior a masculinidade, segundo uma teoria da prática inspirada em Bourdieu (...). Refutando concepções estáticas e reificadoras, sublinha-se que a masculinidade é construída através das práticas, constituindo uma gramática generativa da acção" (2008: 274).

Também, Candance West e Don Zimmerman (1987), num artigo intitulado, exactamente, *Doing Gender*, vêm chamar a atenção para a necessidade de equacionar o género não como uma propriedade, algo que se é, mas como algo que se faz, que se constrói de forma constante e inacabada através da interacção repetida com os outros. Este processo permanente e relacional de construção do género envolve, segundo os autores, um trabalho de auto-regulação por parte dos indivíduos, informados acerca daquilo que é esperado do seu comportamento. Miguel Vale de Almeida (2000, 1996a), no seu estudo das masculinidades, vem exactamente dar conta da forma como o processo social de construção das identidades é frágil, na medida em que também os pares vigiam esse processo, pondo à prova a forma como cada um expressa o seu género.

Um dos problemas que se colocam às perspectivas que privilegiam uma abordagem mais interaccionista da realidade social, é o facto de a estrutura social permanecer simultaneamente ausente e omnipresente na análise. Ausente porque não é alvo de análise e ominipresente porque é equacionada como algo que constrange e informa permamentemente o curso da interacção social. Nesta linha inserem-se ainda definições de género como a proposta por Edward Morris: "o género não existe dentro de nós; ao invés, nós representamos e produzimo-lo através das nossas interacções sociais. O género emerge, é modificado e constantemente reproduzido através da nossa vida social quotidiana" (2011: 98) ou, ainda, a proposta de Kimmel e Aronson: "embora nós

experienciemos o género como uma faceta interna da identidade, as masculinidades são produzidas no âmbito das instituições sociais e através da interacção diária" (2004: 503).

Tendo em conta as diferentes perspectivas teóricas analisadas, nesta pesquisa a aproximação sociológica ao género reflecte o entendimento da acção social enquanto um elemento que é estruturado pelo contexto social e cultural, não deixando de se reconhecer, simultaneamente, a capacidade de agência que uma maior reflexividade associada à modernidade tardia potencia. O conceito de ordem de género traduz a estrutura social, dá conta dos padrões que emergem a partir das relações estabelecidas entre o feminino e o masculino, nas mais diversas esferas das sociedades. A noção de regime de género vem acrescentar *nuances* à ordem de género, na medida em que permite dar conta de instituições, como a família ou a escola, que se diferenciam na forma como integram o género. Por sua vez, o entendimento do género como um verbo e das identidades enquanto um projecto reflexivo inacabado e volátil, permite que se equacione a acção social não só enquanto elemento de reprodução, mas também de mudança.

Os homens entrevistados desafiam, de alguma forma, aquilo que está instituído como feminino e masculino no domínio dos cuidados do corpo. Resta saber se noutros domínios da vida essa dinâmica também se verifica, ou se pelo contrário, é combinada com lógicas de reprodução social.

1.4 Corpos *genderizados*: incorporação, excorporação ou encarnação?

O corpo assume uma dimensão central na presente investigação por dois motivos fundamentais. Primeiro, porque a classificação de homens e mulheres em masculinos e femininos é feita, nas sociedades ocidentais, a partir do corpo, nomeadamente das características morfológicas e sexuais dos indivíduos. Desse modo, o corpo funciona como fundamento, prova e argumento de uma ordem de género que possui características estruturantes, as quais transcendem a matéria física (Bourdieu, 1999). Isto apesar de as ciências sociais serem profícuas na desconstrução da relação corpo-género, bem como a própria definição biológica do sexo não ser inequívoca, podendo os marcadores sexuais assumir combinações que dificultam ou impossibilitam a identificação dos indivíduos como simplesmente homens ou mulheres, machos ou fêmeas. É o caso, por exemplo, dos hermafroditas, das mulheres com carência de cromossoma X (Síndrome de Turner) ou dos homens com elevados níveis de estrogénio (o que pode, por exemplo, levar a um maior desenvolvimento dos seios). Ou seja, o dimorfismo sexual não é sempre

linear e evidente, como muitas vezes aparenta ser.

Segundo, porque o próprio corpo acaba por constituir um elemento incontornável na expressão individual das identidades de género, funcionando como que a parte mais visível do projecto do *self genderizado*, num contexto em que as tecnologias de modificação do corpo desafiam os limites da intervenção, como a mudança de sexo[19] ou a manipulação hormonal anunciam (Giddens, 1994; Le Breton, 2008 [1990]). Os homens que foram constituídos objecto empírico deste trabalho distinguem-se, exactamente, por modos de produção corporal atípicos, através da apropriação de técnicas, práticas, consumo de produtos e serviços, gostos e disposições tradicionalmente associadas ao universo feminino ou homossexual, como a depilação ou o uso de cosméticos. Ao se afastarem das corporeidades modais da sua época, estes homens levantam a necessidade de se olhar para o corpo como lugar por excelência de reprodução (Bourdieu, 1999; Foucault, 1992, 1999; Elias, 2006 [1989]), mas também de mudança e mesmo resistência social (Giddens, 1994; Connell, 1995, 2002; Ferreira, 2004, 2006, 2008, 2009, 2013).

As teorias que se debruçam sobre a forma como o corpo serve as dinâmicas de reprodução social têm sido rotuladas a partir de conceitos como o de incorporação ou construtivismo social (Corcuff, 2001; Ferreira, 2006), e são contestadas especialmente por conceberem o corpo como um território demasiado neutro, relegando-o, enquanto entidade viva, para as margens da reflexão sociológica (Shilling, 1991, 1997; Radley, 1995; Connell, 2002). No âmbito dessas perspectivas teóricas, o corpo é equacionado como "locus privilegiado de expressão, reprodução e reforço dos padrões de relações sociais e das estruturas de poder que lhes são imanentes" (Ferreira, 2013: s/p), não se problematizando a sua capacidade de agenciamento.

Se o alcance hermenêutico deste tipo de abordagens em pesquisas como a presente é limitado, importa igualmente não ignorar os seus contributos teóricos, conceptuais e empíricos. É o caso dos trabalhos que se centram na análise do trabalho individual de incorporação dos géneros, ou dito de outra forma, de *genderização* dos corpos, que é levado a cabo pelos indivíduos de modo a adequar a sua aparência física

[19] A este respeito, expressões de género como a transexualidade vêm sublinhar a importância do corpo nos processos de construção das identidades de género, na medida em que a identificação com o masculino ou o feminino se faz contrariando as lógicas de naturalização do género, pelo que se opta por manipular a forma e aparência corporais de modo profundo (Saleiro, 2012).

àquilo que é entendido como um corpo masculino ou feminino, a partir dos parâmetros culturalmente definidos e variáveis ao longo do tempo e do espaço (Bourdieu, 1999; Bordo, 1999; Vale de Almeida, 2000; Gill, Henwood e Mclean, 2005; Gremillion, 2005; Monaghan, 2007, para dar alguns exemplos).

Pierre Bourdieu dedicou grande parte da sua obra ao estudo dos processos de incorporação do social e vem falar do processo de "masculinização do corpo masculino e de feminização do corpo feminino" como "tarefas imensas e, em certo sentido, intermináveis que, sem dúvida hoje mais que nunca, exigem quase sempre um dispêndio considerável de tempo e de esforços" (1999: 48). O corpo assume na teoria do autor um papel primordial na medida em que emerge como a materialização da posição de cada um na hierarquia social e dá, literalmente, forma e movimento à dominação masculina.

Nas palavras de Bourdieu, "produtos sociais, as propriedades corporais são apreendidas através de categorias de percepção e de sistemas de classificação sociais que não são independentes da distribuição das diferentes propriedades pelas classes sociais; as taxinomias em vigor tendem a opor, nas hierarquizações, as propriedades mais frequentes entre os dominantes…e as mais frequentes entre os dominados" (1977: 51). Neste sentido, aquilo que Bourdieu denominou de *hexis corporal* refere-se à faceta mais visível do *habitus* de classe e, como tal, concebe-se como uma "dimensão fundamental da personalidade social" que remete para a forma como o corpo exterioriza uma interioridade configurada, de forma preponderante, pelo lugar de classe, mas também pelo género (Bourdieu, 1977: 53).

Em obras como *A distinção: Uma crítica social da faculdade do juízo* (2010 [1979]), Pierre Bourdieu estabelece uma relação mais ou menos directa entre a localização dos indivíduos na estrutura de classes e os modos de produção do capital físico (Shilling, 1991), demonstrando que a relação que os indivíduos estabelecem com o seu corpo é enformada pelas condições de existência: as classes mais baixas caracterizam-se por desenvolver uma orientação instrumental em relação ao corpo, e, ao contrário, as classes dominantes tendem a conceber o corpo como um fim em si mesmo. Apesar de muitas vezes acusado de negligenciar o género nas suas análises, o próprio autor afirma que, para além da posição na estrutura de classes, também o género é um elemento central na forma como os corpos são (re)produzidos (Bourdieu, 1977).

Na senda da proposta de Pierre Bourdieu, Miguel Vale de Almeida resume assim o processo de incorporação: "interiorização não verbal, inconsciente, mimética, automática, de certas disposições de desigualdade e de poder; mas não só como interiorização –

também como reprodutor dessas realidades, seu confirmador constante pelo simples facto de estar lá, de aparecer, de ser. É a este nível micro, quase imperceptível, da incorporação dos esquemas de diferença e de desigualdade, que se joga uma política de baixa intensidade, uma política de difícil intervenção por parte da usual macropolítica. É a política do face a face, do encontro casual de rua, da visibilidade confirmadora do que nos rodeia" (2004: 30). Este autor veio, aliás, desenvolver um trabalho pioneiro no contexto português, sobre a forma como os homens constroem performativamente a sua masculinidade em situações de interacção social, como aquelas que se desenvolvem em espaços públicos como o café. Desse trabalho etnográfico sobressaiu o auto-controlo e vigilância permanente por parte dos próprios homens e pares, sobre todos os indícios de afastamento face a um modelo de masculinidade hegemónico. Esses indícios podem ser "modos de falar, o que se diz, o modo de usar o corpo, a roupa, as atitudes a tomar perante situações de tensão, conflito, emotividade " (Vale de Almeida, 2000: 242).

Entre as perspectivas teóricas que melhor servem a análise dos processos de incorporação do social destaca-se, ainda, a abordagem pós-estruturalista, de que o trabalho de Michel Foulcault (1984, 1992) é um exemplo paradigmático. Na sua obra, o autor apresenta-nos um corpo de certa forma domesticado por determinados discursos de poder/saber, como, por exemplo, o da medicina ou o da religião, dando-se a incorporação do social através de uma disciplina que é interiorizada e actua sob a forma de auto-controlo (este auto-controlo torna assim desnecessárias medidas externas de coação). Apesar de amplamente acolhida, uma das críticas mais recorrentes a esta proposta remete exactamente para a concepção do corpo como lugar de contenção e do indivíduo com défice de auto-reflexividade (Whitehead, 2002) e, portanto, unicamente promotor de reprodução social (Vale de Almeida, 2004). Também neste caso se lamenta o facto de o autor não abordar/teorizar o género (R. Connell, é um desses autores), ainda que se reconheça a influência de Michel Foucault em muitas das abordagens feministas ao corpo[20].

Norbert Elias, em *O Processo Civilizacional* (2006 [1989]), acrescenta uma perspectiva diacrónica às teorias da incorporação, dando conta da íntima "relação entre a mudança verificada a longo prazo nas estruturas da personalidade e as mudanças

[20] Por exemplo, são muitos os estudos feministas sobre moda, publicidade e *media* a problematizar a forma como os corpos das mulheres tendem a ser representados como objectos eróticos, ou a desempenhar tarefas tradicionais, concorrendo dessa forma para a reprodução das assimetrias de género (a este propósito ver o trabalho de Mota-Ribeiro, 2003, 2005).

estruturais que a longo prazo ocorrem no conjunto da sociedade" (*idem*: 15), ou seja, entre as mudanças *psicogenéticas* e as mudanças *sociogenéticas*. No âmbito desta proposta, o corpo emerge como instância eminentemente social na forma como a sua existência mais íntima é refém das coordenadas espácio-temporais que lhe servem de contexto.

A pesquisa histórica do autor dá conta da passagem da idade média para a idade moderna, da constituição do Estado moderno enquanto instituição detentora do monopólio do uso legítimo da violência, ao que se associa, então, um refinamento progressivo dos corpos, num movimento que silencia a dimensão mais animal do corpo humano, relega para os bastidores da interacção social algumas excreções fisiológicas e refina os modos de comer com a introdução de utensílios complexos para o efeito. Este auto-controlo, estas novas regras de etiqueta, emergem no seio dos grupos mais privilegiados como a nobreza, enquanto mecanismo de distinção social, sendo posteriormente e progressivamente adoptadas pelas camadas sociais menos privilegiadas, como a burguesia.

O processo civilizacional que Norbert Elias refere levanta questões essenciais ao objecto de estudo em análise: os elevados e novos investimentos corporais que caracterizam os homens investigados, como a prática da depilação e o uso de produtos cosméticos, traduzem uma redefinição dos modelos de masculinidade pela aproximação ao universo feminino, ou são antes um indicador deste movimento de refinamento dos corpos? Como se verá através da análise dos dados, as duas hipóteses são verdadeiras, combinam-se em vez de serem mutuamente exclusivas.

Por contraponto a este modo sociológico de olhar o corpo, como uma tábua rasa onde a estrutura social exerce a sua influência, como matéria maleável que ganha forma a partir dos mapas simbólicos de uma época, que o conceito de incorporação permite, Vitor Ferreira (2006, 2013) propõe o conceito de "excorporação". Segundo o autor, excorporação remete para as "para as práticas de exibição e ostentação social do corpo, materializadas em manifestações expressivas que decorrem de opções e decisões do sujeito, actos de vontade conscientemente ponderados e projectados relativamente aos usos e investimentos que faz no corpo, com significados, objectivos e efeitos mais ou menos calculados" (2013: *s.p.*). Ora, é a vertente da prática consciente e voluntária aqui introduzida que cria uma cisão entre uma sociologia do corpo mais centrada nas lógicas de reprodução social e outra capaz de analisar o corpo enquanto instrumento de agência. Será este conceito mais eficaz na compreensão dos modos de produção corporal

característicos dos homens que constituem o objecto empírico desta pesquisa, uma vez que as práticas e consumos por eles protagonizados vêm desconstruir e desafiar o modo como tradicionalmente as masculinidades se constroem?

O conceito de *excorporação*, por contraponto ao de *incorporação*, associa-se às teorias da modernidade tardia e vem dar conta da nova condição que o corpo assume à luz da noção do projecto reflexivo do *self*, proposta por Anthony Giddens (1994). Para este autor, ao invés de o corpo ser equacionado como um repositório de género ou classe social, é antes entendido como um importante recurso de que os indivíduos dispõem para dar visibilidade à sua identidade pessoal. Ou seja, o corpo, tradicionalmente equacionado como um recurso naturalizador do género (através da sua coincidência com o sexo), deixa de constituir um elemento que se impõe de forma definitiva aos indivíduos, para constituir ele próprio um acessório reflexivamente mobilizável na plêiade de possibilidades hoje ofertada em termos de modelos de identificação femininos e masculinos (Giddens, 1994). Os avanços científicos que a medicina tem conhecido, bem como as inovações da indústria da cosmética, design e engenharia corporal não são, neste âmbito, negligenciáveis. Hoje o corpo é passível de ser sujeito a uma "colonização" e reconfiguração através de toda uma gama de novas tecnologias, produtos e serviços (cirurgia plástica, produtos cosméticos, *health fitness*, regimes dietéticos…), os quais assumem um papel importante na construção de masculinidades como as que são alvo deste estudo. Sob esta óptica, o corpo pode e deve ser encarado não apenas como objecto de constrangimentos (incorporação) mas também como recurso de agência social (excorporação).

Centrando-se na análise da mudança social, Chris Shilling (2008) vem acrescentar ao *hábito,* equacionado, na senda da tradição bourdieusiana, como "modos de agir rotineiros que, colectivamente, ajudam os indivíduos a gerir corporalmente o mundo à sua volta sem que se reflictam em cada gesto que fazem com ou sobre o corpo" (Ferreira, 2010: 809), a *crise* e a *criatividade*. A *crise* corresponde a um primeiro estado de consciência e questionamento do *hábito* que já não satisfaz, ao que se seguem momentos de acção criativa, espaço para invenção de novas formas de agir sobre e com o corpo (Shilling, 2008). A proposta conceptual de Shilling (2008) parte da noção de *habitus* de Bourdieu, actualizando-a e enriquecendo-a à luz do poder de agenciamento individual.

No mesmo sentido, David Le Breton reconhece a maior plasticidade do corpo contemporâneo e a sua elevação a símbolo de individualidade, não deixando, no entanto,

de referir que a libertação dos corpos que comummente se apregoa deve ser problematizada, argumentando que "se existe um «corpo libertado» esse é o corpo jovem, bonito, e fisicamente irrepreensível" (2008 [1990]: 13) que se impõe quer a homens, quer a mulheres. Também Sander Gilman, a propósito da história da cirurgia estética, vem precisar que este sentimento de liberdade se associa mais à evolução das tecnologias de modificação corporal, cujo alcance das transformações é cada vez maior, e menos ao esvaziamento dos referenciais culturais a partir dos quais se determina o que é bonito e feio, o que é ou não erótico. Ou seja, "apesar da fragmentação e ampliação do campo de possibilidades de corporeidade, continuam, portanto, a existir modelos de corporeidade dominantes, corporeidades modais que funcionam como modelos de referência e de reverência social" (Ferreira, 2006: 557).

Kevin White (1995) vem sintetizar o paradoxo. Por um lado, é consensual que os corpos são socialmente construídos (como aponta Pierre Bourdieu, dentro de um contexto de classe e género, mas também de etnicidade, classes etárias, etc.) e portanto reflectem a estrutura de dominação ao mesmo tempo que a legitimam. Por outro lado, a consciência e reflexividade individual compreendem a possibilidade de resistência ou de reforma do *self* na sua dimensão corpórea (nas palavras de Vitor Ferreira, *excorporação*). Deste modo, a análise dos processos de incorporação/excorporação integram as discussões mais vernaculares da sociologia como a tensão entre estrutura e acção, entre reprodução e mudança social.

Uma terceira perspectiva, que Vitor Sérgio Ferreira (2006, 2013) concretiza no conceito de *encarnação,* pode identificar-se no campo da sociologia do corpo. Esta perspectiva dá expressão a um corpo que, para além de ser passível de ser analisado sobre o ponto de vista da reprodução ou mudança social, se distingue como matéria viva, e não simples objecto manipulável e inerte, que permite a vida e a acção social na medida das suas possibilidades e limites.

Neste âmbito, Chris Shilling (1991) vem, exatamente, propor uma nova perspectiva analítica que denomina realista, no seio da qual se pretende enfatizar o papel do corpo, na sua dimensão física, dinâmica e sensorial, no agenciamento humano. Isto porque o autor "vê os corpos, simultaneamente, como entidades construídas através das relações sociais e como entidades que estão elas próprias implicadas na construção das relações sociais, num campo de inter-relações constantemente aberto à contestação e mudança" (Shilling, 1991: 667).

No mesmo sentido, R. Connell (2002), numa reacção às teorias que trabalham

sobre um corpo que denominou *body-landscape*, reivindica a integração do corpo (na sua dimensão corpórea e não só simbólica) na produção sociológica, bem como reclama a irredutibilidade da dimensão corporal na experiência e práticas individuais. Ou seja, ao contrário de uma concepção essencialista/naturalista do corpo enquanto reduto de resistência face ao social ou, pelo contrário, um corpo equacionado como uma tábua rasa que nunca oferece resistências, a autora argumenta que o corpo deve ser concebido como "um campo onde a determinação social encontra resistências" (2008: 50).

Por sua vez, Alan Radley (1995), num artigo publicado num dos primeiros números da revista *Body & Society*, produz, igualmente, uma crítica sistemática à teoria construtivista, a partir da análise dos trabalhos de Goffman, Foucault e Bourdieu, onde acusa os autores de enfatizar o papel do corpo como veículo para a materialização dos poderes sociais. Para Alan Radley, neste tipo de abordagem, o corpo é reduzido a um objecto, entre outros, onde pressões para a consonância são processadas através das práticas simbólicas dos membros de uma mesma cultura. A esta visão do corpo, social e discursivamente construído, contrapõe a noção de corpo como uma entidade animada, que importa integrar na análise sociológica. Portanto, não se concebe o corpo como um simples acessório de que os indivíduos dispõem com capacidade significante, mas antes se defende a sua implicação na própria configuração do sentido. Mais uma vez, propõe-se à sociologia o desafio de captar a dimensão expressiva e singular dos corpos.

Seguindo de perto os contributos da sociologia do corpo para a análise da encarnação das masculinidades, o corpo é aqui entendido num sentido lato, remetendo-se quer para a sua dimensão morfológica e estritamente física, quer para a sua dimensão de elemento vivo, performativo, através do qual se age e se percepciona a realidade. Nesse sentido, a discussão teórica e pesquisa empírica deste trabalho está orientada para diferentes dimensões do corpo: a forma (músculos, dietas), a sua aparência superficial (depilação, adesão a produtos de cosmética, manicura, etc.), a imagem (moda e acessórios), bem como para o corpo enquanto matéria sensorial e erótica (prazer, adrenalina).

1.5 Masculinidades (no plural): interseccionalidade e propostas tipológicas

Se o género, equacionado na forma de dicotomia feminino-masculino, constituiu uma primeira ferramenta para a problematização das relações que entre homens e mulheres se estabelecem, esse eixo perde a sua capacidade hermenêutica quando o objectivo

passa a ser dar conta da pluralidade de masculinidades possíveis. Não é, portanto, suficiente colocar de um lado homens e do outro lado mulheres, pois nem uns, nem outros, funcionam como grupos homogéneos cujos membros partilham as mesmas características sociais. Será sempre redutor opor masculino a feminino, como se de duas categorias coesas se tratasse.

Ao contrário, as características das masculinidades para além de variarem culturalmente, no espaço-tempo, adoptam, numa mesma sociedade, configurações distintas conforme a pertença a outras categorias sociais, ou o lugar ocupado na hierarquia social (Carrigan, Connell e Lee, 1985; Connell, 1987, 1995; Kimmel, 2000; Kimmel e Aronson, 2004; Vale de Almeida, 2000; Aboim, 2010). Como Michelle Fine e Peter Kuriloff (2006) referem, as masculinidades variam de uma escola privada frequentada pelos descendentes da elite cultural, para as ruas de um bairro pobre. Se falar de masculinidade revela uma visão simplificada e dicotómica da realidade, patente na adesão ao sistema binário masculino-feminino, torna-se então imperativo usar a versão no plural: masculinidades (Connell, 1995; Petersen, 2003).

Seguindo a proposta de autores como R. Connell, assume-se que no sistema patriarcal não existem apenas dinâmicas de poder e relações sociais assimétricas entre homens e mulheres, mas que estas ocorrem também entre os próprios homens, havendo lugar para falar numa masculinidade hegemónica (Carrigan, Connell e Lee, 1985; Connell, 1995; Connell e Messerschmidt, 2005), tida como "ideal normativo dominante" que serve para medir, classificar e qualificar distintas masculinidades. Como Brett Billman esclarece, "reconhecendo a existência e estudando a multiplicidade de masculinidades aprendemos que o sistema patriarcal não só oprime as mulheres, mas os homens também. Aprendemos que nem todos os homens têm o mesmo poder e que esse poder pode ser perdido caso os homens não se conformem aos papéis sociais que lhes são prescritos" (2006: 2).

Do ponto de vista da interseccionalidade, da complexa rede de relações que se estabelecem entre o género e a pertença a outras categorias, são vários os autores que, vêm chamar a atenção para a dicotomia heterossexual-homossexual[21] como o eixo

[21] Numa perspectiva histórica, Vale de Almeida (2000: 90) acrescenta que, enquanto na era cristã a diferença se fazia entre sexualidade reprodutiva e não-reprodutiva, hoje a polaridade estabelece-se entre sexualidade normal (heterossexual) e anormal (homossexualidade), pese embora as indesmentíveis mudanças políticas e sociais que a este nível têm ocorrido nas sociedades modernas do ocidente.

estratificador central em torno da qual se classificariam os diferentes indivíduos do sexo masculino, o que leva mesmo Michael Kimmel a falar de "masculinidade como homofobia"[22] (Whitehead, 1981; Pleck, 1981; Carrigan, Connell e Lee, 1985; Kimmel, 2005). Também Ana Brandão (2008a) considera que ser homem e homossexual é, no plano social e, sobretudo, em contextos mais tradicionais, entendido como uma transgressão às tradicionais noções de género, uma vez que o estereótipo do homem *gay* remete para a noção de homem mais efeminado (e o de lésbica para uma mulher mais máscula) (Brandão, 2008), ou um homem com "falta de masculinidade" (Connell, 1995: 143), aproximando-se do "outro" face ao qual as masculinidades se devem distanciar. Por isto, "os homens homossexuais são penalizados por não cumprirem os requisitos da masculinidade, e é-lhes dito que são fracos, efeminados, desajustados e assim por diante" (Carrigan, Connell e Lee, 1985: 172).

Por sua vez, David Morgan (1992, 2005) vem analisar a interseccionalidade que se estabelece entre propriedade, profissão, sistema de classes, espaço público/privado e a construção de diferentes masculinidades[23]. Como o autor afirma, se no plano das representações sociais, a relação entre classe e masculinidade é inequívoca e se identifica "o homem, todos os homens, com a esfera pública, a esfera da produção", no plano das identidades de género, a pertença de classe contribui, antes, para uma difusão dos modelos de masculinidades possíveis, nalguns casos conflituantes entre si (Morgan, 2005: 169-170). Relativamente às sociedades contemporâneas, David Morgan sublinha a constituição da racionalidade como pilar da moderna noção de masculinidade hegemónica, operando-se uma diferença significativa entre as masculinidades associadas aos trabalhos intelectuais ou qualificados e as masculinidades associadas aos trabalhos manuais ou não qualificados.

Para além de estar atento à intersecção entre género e classe, este autor reflecte

---

[22] Mais uma vez, revelando a articulação entre política e ciência, entre problemas sociais e sociológicos, estas propostas teóricas reflectem o impacto dos movimentos homossexuais, que vêm questionar a normatividade/essencialismo da heterossexualidade (Vale de Almeida, 2000, 2004).

[23] Também nas relações que entre homens e mulheres se estabelecem é fundamental dar conta das nuances que dimensões como classe e etnia introduzem. Como Carrigan, Connell e Lee argumentam: "a intersecção das relações de género com as relações de classe e raça produzem muitas outras situações em que mulheres brancas, ricas e heterossexuais, por exemplo, empregam homens da classe trabalhadora, são patroas de homens homossexuais, ou politicamente dominantes em relação a homens negros" (1985:590).

ainda sobre a necessidade de se tomar em linha de conta não só a classe social de pertença dos indivíduos (onde o autor inclui desde a experiência escolar, à zona de residência, por exemplo), como todo o percurso de mobilidade social quer ascendente, quer descente. Neste sentido, David Morgan diferencia vários ideais-tipo de masculinidade conforme a trajéctoria social dos protagonistas. De um lado o autor coloca as "masculinidades falhadas" que se caracterizam pelos percursos de mobilidade descente dos seus protagonistas. São masculinidades falhadas porque o fracasso em termos de classe social tende a ser lido como um indicador de fraqueza de carácter e compromete a adesão ao modelo de masculinidade dominante do sucesso profissional e financeiro. Diferenciam-se destas as "masculinidades defensivas e inseguras". O autor refere-se aqui a homens cuja ascensão às classes médias é recente e por isso ainda não dominam os espaços, os estilos de vida e as profissões típicas dessa condição de classe. Por último David Morgan fala das "masculinidades aparentemente mais estáveis" cuja chegada às classes médias se fez com menos esforço, seja pela inserção dos homens em famílias de origem mais favorecidas, seja como resultado do forte investimento em capital escolar, seja pelo reforço da condição de classe através de casamentos homogâmicos do ponto de vista da posição na hierarquia social (Morgan, 2005: 171). Esta tipologia, ainda que chame a atenção para a necessidade de integrar a trajetória social na análise das masculinidades, peca por resumir as identidades de género a essa dimensão.

No trabalho que aqui se apresenta, esta ideia foi tida em linha de conta e para além de contemplar informação referente à classe social de pertença dos homens entrevistados, parte também de informação relativa ao capital escolar e ocupações profissionais das famílias de origem, de modo a dar conta quer dos contextos de socialização, quer dos percursos percorridos a partir de diferentes pontos de partida.

O cruzamento de dimensões analíticas, como a orientação sexual ou a classe social, vêm, portanto, adensar a complexidade das análises em torno das masculinidades, enriquecendo o retrato sociológico que se faz desta realidade. Nas palavras de R. Connell, "para compreender o género precisamos, constantemente, de ir para além do género. O mesmo aplica-se no sentido inverso. Não podemos compreender classe, raça ou as desigualdades globais sem analisar constantemente o género" (1995: 76). No seguimento deste enunciado teórico, a autora vem desenvolver uma tipologia de masculinidades que não só espelha uma diversidade de configurações identitárias possíveis, como contém em si uma determinada hierarquia social que vem traduzir as relações de poder que entre diferentes tipos de homens se estabelecem (Connell, 1995).

No topo da pirâmide encontra-se aquilo que R. Connell designou como masculinidade hegemónica, enquanto ideal/modelo de masculinidade dominante. A autora não chega a dar uma definição concreta do que seria a masculinidade hegemónica, uma vez que esta não tem características que sejam válidas em todos os contextos, a não ser a relação de dominação face às mulheres. Como R. Connell vem esclarecer, num artigo em que procurou responder a algumas das críticas à sua proposta conceptual (Fialho, 2006; Seidler, 2007; Moller, 2007), "a característica fundamental do conceito continua a ser a combinação de uma pluralidade de masculinidades e a hierarquia de masculinidades. (...) O conceito de masculinidade hegemónica pressupõe a subordinação das masculinidades não-hegemónicas (...). Igualmente bem aceite é a ideia de que a hierarquia das masculinidades é um padrão de hegemonia, e não um padrão de dominação simples, baseado na força. Consentimento cultural, centralidade discursiva, institucionalização e marginalização ou deslegitimação de alternativas não legítimas são características amplamente documentadas, características das masculinidades socialmente dominantes" (Connell e Messerschmidt, 2005: 846)[24].

Deste modo, o conceito de masculinidade hegemónica permite estender o olhar para além das relações de poder que se estabelecem entre homens e mulheres, dando conta da complexidade das dinâmicas relacionais que se estabelecem entre as masculinidades, sua pluralidade e hierarquização. Apesar de este conceito tornar possível o equacionamento dos homens enquanto vítimas da ordem de género, como Bourdieu aponta eles "são dominados pela sua dominação, o que faz uma grande diferença em relação às mulheres" (Vale de Almeida, 2000: 151). Ou seja, investigar a diversidade de masculinidades, ou as relações de poder que se estabelecem entre os homens, não pode implicar que deixe de se reconhecer que estas dinâmicas intra-géneros se enquadram num sistema de dominação patriarcal mais amplo.

Uma excepcional aplicação do conceito pode ser encontrada no trabalho de Miguel Vale de Almeida, *Senhores de si: uma interpretação Antropológica da Masculinidade* (2000), onde o autor dá conta do modelo de masculinidade hegemónica que emerge a

[24] Dada a aceitação e transversalidade do uso do conceito de masculinidade hegemónica na comunidade académica, Victor Seidler vem alertar para o facto de que pensar as masculinidades em termos de um modelo hegemónico "tornou-se ela própria uma ideia hegemónica, uma vez que o seu universalismo tornou-se apelativo para as agências internacionais que aguardavam um modelo que pudesse ser adaptado a diferentes culturas" (2007: 11).

partir das sociabilidades masculinas, num contexto rural bastante tradicional: homem heterossexual, sexualmente pujante, profissionalmente activo, responsável economicamente por uma família, fisicamente vigoroso, distante dos assuntos domésticos ou religiosos, entre outros aspectos. O autor dá igualmente exemplos de homens que se afastam do modelo dominante identificado, como é o caso do senhor Altino, um homem celibatário, que passava muito tempo em casa, ia à igreja, não participava na comensalidade do café e não tinha descendentes com quem partilhar o seu dinheiro (Vale de Almeida, 2000: 105-106). A familiaridade com o espaço doméstico, com a igreja e o facto de não ter constituido família colocam este homem na base da hierarquia das masculinidades.

Também Erving Goffman, ainda que de forma pouco sistemática, abordou esta questão, dando conta da definição de masculinidade hegemónica, na medida em que distingue o homem "normal" por oposição ao "estigmatizado": "há só um tipo de homem que não tem nada do que se envergonhar: um homem jovem, casado, pai de família, branco, urbano, do norte, heterossexual, protestante, de educação universitária, bem empregado, de bom aspecto, bom peso, boa altura e com um sucesso recente nos esportes" (1988 [1963]: 110). Uma vez mais a dimensão da sexualidade, e a situação perante a conjugalidade e a paternidade são constituídos elementos centrais da definição das masculinidades dominantes.

Expressa-se aqui a ideia da complexidade e multiplicidade de dimensões que uma identidade convoca, emergindo o corpo como uma delas. Ou seja, também em relação ao corpo, sua produção e performance, se podem identificar "corporeidades modais que funcionam como modelos de referência e de reverência social" (Ferreira, 2006: 557). Centrando-se na questão das masculinidades, R. Connell acrescenta que a manutenção do poder patriarcal se associa a um ideal híper-masculino de resistência e robustez física, ainda que este ideal não tenha correspondência com a maior parte dos homens (1987: 80). A prática desportiva é, neste sentido, um elemento-chave para compreender a produção dos corpos masculinos, bem como a criação de esferas de socialização hiper-genderizadas (Connell, 1987; Kimmel, 2008).

Na tipologia concebida por R. Connell, para além do conceito de masculinidade hegemónica, a autora dá conta de outras formas de masculinidade como as "masculinidades cúmplices" (homens que não se caracterizam por produzir activamente a dominação masculina, mas têm uma atitude de acomodação aos benefícios do sistema patriarcal); as "masculinidades subordinadas" (por exemplo, homens com orientação

sexual que desafiam a norma da heterossexualidade); e as "masculinidades marginalizadas" (homens que pertencem a categorias sociais menos favorecidas como as classes baixas ou os grupos étnicos minoritários). São, portanto, várias as dimensões que esta autora leva em consideração na produção da sua tipologia, sendo que a orientação sexual parece determinante na localização das masculinidades subordinadas no nível mais baixo da hierarquia das masculinidades. Nas palavras da autora, "a homossexualidade, na ideologia patriarcal, é a lixeira de tudo o que é simbolicamente expulso da masculinidade hegemónica, como assuntos que vão desde o gosto fastidioso pela decoração até ao prazer pela penetração anal" (Connell, 1997: 13).

Também Michael Kimmel faz referência às variáveis-chave na definição da hierarquia de poder que entre os homens se estabelece, como sendo as que derivam de outras hierarquias socias que com o género se interseccionam. Segundo o autor, "o poder dos homens sobre outros homens diz respeito à distribuição dos privilégios pelos homens através do diferenciado acesso à classe, raça, privilégios étnicos ou privilégios baseados na orientação sexual – ou seja, o poder dos homens das classes sociais médias e de topo sobre os homens das classes trabalhadoras; o poder dos homens autóctones e brancos sobre os homens não-brancos e/ou de outra naturalidade; e o poder dos homens heterossexuais sobre os homens *gay*. Os elementos constitutivos da masculinidade "hegemónica", o material que serve de construção, são o sexismo, o racismo e a homofobia" (2005a: 6-7).

Sofia Aboim (2008, 2010) parte de uma postura crítica à tipologia proposta por R. Connell para falar de hibridismo e pluralidade na construção das masculinidades, num duplo sentido. Por um lado, as masculinidades são plurais, porque podem ser identificadas diferentes formas de ser homem, vulneráveis a condições como a inserção de classe, ou determinada orientação sexual. Por outro lado, híbridas, porque individualmente as identidades congregam diferentes disposições, por vezes em conflito ou tensão entre si (Aboim, 2010). Segundo a autora é importante desconstruir a ideia de uma masculinidade hegemónica associada à heterossexualidade e ao modelo do homem ganha-pão, uma vez que as mudanças nas dinâmicas de género, como a "incorporação de traços de feminilidade nos ideais de masculinidade", vieram questionar os modelos dominantes e a definição de determinadas masculinidades como subordinadas ou marginais (2008: 275). Para além disso, a autora argumenta, ainda, que a maior parte dos homens cabe dentro daquilo que R. Connell define como masculinidades cúmplices, uma vez que não detêm grande poder ou capacidade de influenciar as definições culturais de

masculinidade, nem se comprometem com determinadas concepções de género (2010: 3), esvaziando desse modo o potencial analítico desse tipo de classificação tipológica.

A feminização de que Sofia Aboim fala não pode ser considerada inócua, pois, tal como Miguel Vale de Almeida acaba por concluir, as mulheres podem mais facilmente apropriar-se de "práticas e símbolos masculinos graças à hierarquia que os define como superiores" (Vale de Almeida, 2000: 243). Por sua vez, os homens que queiram apropriar-se de práticas e símbolos de feminilidade, socialmente definidas como inferiores, estarão sempre a pôr em causa a sua identidade de género, o seu estatuto social mais elevado (*idem*). Ora, os homens alvo de análise neste trabalho distinguem-se, exactamente, por modos de produção corporal estereotipadamente associados às mulheres ou aos homens homossexuais, o que lhes é recordado permanentemente, como veremos, pelos outros homens com que interagem na vida quotidiana. A transgressão à corporeidade modal é manifesta, ainda que, nalguns casos, os sentidos atribuídos às práticas possam ser bem distintos daqueles que as mulheres lhes atribuem (por exemplo, prática da depilação com o objectivo de tornar mais visíveis os músculos conseguidos através de uma rotina híper disciplinada de prática desportiva).

Neste trabalho são vários os domínios da vida dos homens entrevistados que serão investigados (amor, conjugalidade, parentalidade, sexualidade e modos de produção corporal destacam-se pela sua centralidade) de modo a dar um retrato mais complexo da diversidade de masculinidades encontradas. Procurar-se-á, igualmente, dar conta do quadro normativo e valorativo que orienta a forma como estes homens entendem, representam e agem sobre o mundo, nomeadamente do modo como se relacionam com os outros homens e com as mulheres. Se a orientação sexual foi eliminada da análise pela decisão teórico-metodológica de excluir homens homossexuais da amostra, as restantes dimensões ganharam visibilidade. A destacar pela potencialidade hermenêutica, as condições de existência e a trajetória social, bem como o corpo enquanto dimensão recorrentemente ignorada nas análises sociológicas.

2. Ordem de género em movimento: novos modelos de masculinidade?

Analisadas as perspectivas teóricas de referência, discutidos os conceitos que melhor permitem analisar a realidade social em causa, e esclarecido o lugar deste trabalho no campo da disciplina, importa agora fazer um primeiro movimento de aproximação à realidade. O propósito deste primeiro exercício não é, ainda, o de analisar as identidades de género, mas sim o de dar conta de algumas das características estruturantes da ordem de género (Connell, 1987, 1994) que, simultaneamente, reflectem e constrangem a acção social dos homens entrevistados. Pensando em instrumentos de observação, o binóculo e a lupa constituem boas analogias para ilustrar a diferente natureza das análises aqui levadas a cabo.

Trata-se de um primeiro exercício de natureza descritiva, de alcance macro-estrutural, no âmbito do qual se pretende dar a ver a *big picture* e onde não há muito espaço, portanto, para incluir a diversidade ou pluralidade das masculinidades e feminilidades. Ainda assim, sempre que possível introduzir-se-ão nuances na análise, a partir da incorporação de categorias estruturantes da realidade como a classe social, os níveis de escolaridade, ou o espaço geográfico, as quais permitirão produzir uma imagem mais complexa das masculinidades.

Dada a complexidade e multidimensionalidade da realidade social, a aproximação à ordem de género não poderia ser senão parcelar, optando-se por limitar a análise às dimensões que posteriormente orientarão o trabalho de cariz compreensivo. A ideia é descrever os padrões de comportamentos e valores que emergem da acção social individual, bem como identificar o sentido da mudança na ordem de género e de alguns dos *regimes* particulares, situando sempre que possível Portugal no contexto europeu, tendo, ainda, por referência o eixo tradicional-moderno.

Uma vez que o grupo de homens entrevistados tem características particulares ao nível dos modos de produção corporal e nenhum grupo de controlo foi constituído, esta informação servirá também como referência para a análise dos seus projectos identitários, na medida em que fornece indicações quanto aos modos de ser homens mais e menos típicos, mais ou menos convencionais, que melhor reproduzem a tradição ou, pelo contrário, se distinguem por desafiar/reformular os modelos dominantes.

Centremo-nos, então, nas principais características da ordem de género, mas também nas tendências de mudança que têm atravessado não só Portugal, mas grande parte dos países ocidentais, sem deixar de observar, sempre que possível, algumas

especificidades do caso português. Organizemo-nos por temáticas: escola, trabalho pago e não pago; amor, conjugalidade e parentalidade; regimes corporais e sexualidade.

2.1 Escola, trabalho pago e não pago: permanências

Insucesso escolar masculino e segmentação sexual por áreas

Tal como R. Connell (1987) argumenta, numa crítica à teoria marxista, o capitalismo não só assenta numa estrutura de classes, como também se baseia numa hierarquia entre os géneros. As relações de dominação que se estabelecem numa das dimensões tendem a reproduzir-se na outra, tendo a pertença a um determinado género a capacidade de influir na trajetória social dos indivíduos. Desse modo, ser homem tende a coincidir com a pertença aos lugares do topo da hierarquia social, fazendo coincidir o domínio simbólico, com um domínio a outros níveis, por via da detenção dos recursos capazes de atribuir poder a quem os detém. Para conhecer melhor a relação entre classe social e género, importa analisar como os diferentes capitais são distribuídos entre homens e mulheres.

O capital escolar ocupa um lugar central na definição do lugar de classe e se há escassas décadas atrás eram os homens que o dominavam, mais recentemente este recurso democratizou-se, observando-se um nivelamento ou até mesmo uma pequena inversão do sentido da desigualdade. Vejamos alguns números. Se Portugal é um dos países da União Europeia (incluindo os países candidatos) com mais baixos níveis de escolaridade, esse retrato fica ainda mais cinzento se atendermos apenas aos níveis de escolaridade dos homens (Eurostat, 2010). Apenas 29,6% dos homens completaram o ensino secundário ou superior, percentagem que aumenta para 36,1% no caso das mulheres, o que nos coloca na base da escala, ao lado de países como a Turquia e Malta em termos de baixas qualificações escolares (média da União Europeia a 27 para o total da população é de 69,7%).

Se calcularmos a diferença entre a proporção de homens e mulheres com níveis de escolaridade iguais ou superiores ao ensino secundário, podemos verificar que Portugal é um dos países onde essa diferença é maior, tendo por referência o quadro dos países europeus em análise. Entre os mais desiguais, mas onde os homens são mais escolarizados, destacam-se a Antiga República Jugoslava da Macedónia, a Turquia e a Croácia (12,1%, 10,2 e 8,1% de diferença, respectivamente). Numa situação inversa, em termos do sentido da desigualdade, encontram-se países como a Letónia, a Estónia e

Portugal[25] (7,4%, 6,8% e 6,5% de diferença, respectivamente). Para o conjunto dos países pertencentes à União Europeia essa diferença é muito reduzida (0,6%)[26]. Se atendermos apenas à população mais jovem (20-34 anos), em todos os países, com excepção da Turquia, os homens surgem invariavelmente como menos escolarizadas, o que nos deixa uma ideia bem clara do sentido da mudança neste domínio (Eurostat, 2010). Os homens já não se distinguem das mulheres em termos de capital escolar.

Mas não é só em relação à duração do percurso escolar que os homens têm sido ligeiramente menos bem-sucedidos que as mulheres. Vários estudos nacionais e internacionais indicam que elas tendem a ter ligeiramente melhores resultados escolares[27] e a acumular menos reprovações que os seus colegas rapazes, enquanto as taxas de abandono escolar tendem a ser mais elevadas entre eles (Connell, 1996; Helen e Walkerdine, 2000; Martins, 2005; Martino, Kehler e Weaver-Hightower, 2009; Morris, 2011). Ora, se há algumas décadas atrás o *problema* que as sociedades enfrentavam era exactamente o oposto, na medida em que as mulheres acediam menos à escola[28] ou nela permaneciam menos tempo, que factores estarão por trás desta inversão de tendência?

Antes de mais torna-se necessário melhor investigar a dimensão da diferença ou a força da inversão de tendência. Autores como R. Connell (1996), Helen Lucey e Valerie Walkerdine (2000), Wayne Martino, Michael Kehler e Marcus Weaver-Hightower (2009) ou Edward Morris (2011) têm vindo a denunciar uma certa *histeria* académica, mediática[29] e

[25] Ferreira (1999) lembra que Portugal foi um dos primeiros países a manifestar esta tendência de feminização das universidades, o que a nível nacional remonta então ao início da década de 60 do século XX.

[26] Os mais equitativos em termos de distribuição dos graus de ensino por sexo são a Islândia, Bulgária, Dinamarca e Suécia (0,0%, 0,3%, 0,4% e 0,4%, respectivamente).

[27] Numa análise mais fina, por disciplinas, dados do PISA revelam a tendência dos melhores resultados dos rapazes no domínio da matemática e das raparigas na leitura (Eurydice, 2010).

[28] Veja-se, por exemplo, a diferença entre a proporção de analfabetos e analfabetas que em 1960 era de 14,0% e em 2001 se situava nos 5,4%, registando sempre os homens taxas de alfabetização mais elevadas (PORDATA – fonte INE).

[29] Morris (2011) dá exemplos de títulos de notícias bastante tendenciosos como “The Boy Crisis: At Every Level of Education, They’re Falling Behind. What to Do?” e títulos de artigos académicos como “The War Against Boys: How Misguided Feminis mis Harming Our Young Men” de Sommers.

mesmo política[30] em torno das diferenças encontradas, sendo estas muitas vezes sobre-valorizadas e usadas para explorar a polémica ideia de crise da masculinidade.

Os autores dão conta de três notas elucidativas acerca do fenómeno. Primeiro, as desigualdades de género num sentido global continuam a ser, de uma forma geral, mais penalizadoras para as mulheres, não constituindo as diferenças encontradas ao nível do capital escolar um factor decisivo de inversão desta dinâmica. Segundo, sublinham a permanência de outros factores com maior potencial explicativo que o género em termos do desempenho escolar dos alunos como, por exemplo, a classe social de origem e os níveis de escolaridade dos pais. Terceiro, esclarecem que o melhor desempenho das raparigas na escola não é transversal a todas as classes sociais, mas apenas evidente nos segmentos mais pobres e desqualificados da população. Feitas as clarificações, avancemos nas explicações.

A compreensão do fenómeno passa, segundo os autores anteriormente referidos, pelo tipo de masculinidades que estes alunos entendem como dominantes e, portanto, tendem a (re)produzir nos contextos escolares. Referem-se a masculinidades cuja performance vai contra a própria cultura escolar, passando, por exemplo, pela necessidade de infringir as regras e testar a autoridade dos professores. No caso das alunas, o modelo identitário de género prescrito e incorporado não passa tanto pela contestação da cultura escolar mas, ao contrário, por uma cultura de disciplina e contenção. Reportando ao caso português, Miguel Vale de Almeida (2000) e Susana Martins (2005) acrescentam que esse padrão pode ser explicado por um regime de género que assenta ainda, em grande medida, na ideia do "homem provedor" que empurra mais os rapazes do que as raparigas para fora da escola, protagonizando estes inserções no mercado de trabalho mais precoces que elas. No entanto, para os alunos oriundos das classes médias/altas esta diferença de género não se coloca, pois as estratégias de reprodução de classe e as masculinidades neste contexto produzidas não colocam em causa com tanta intensidade o sucesso e normas escolares (Connell, 1996; Helen e Walkerdine, 2000; Martins, 2005; Martino, Kehler e Weaver-Hightower, 2009; Morris, 2011).

[30] Wayne Martino, Michael Kehler e Marcus Weaver-Hightower (2009) chamam a atenção para uma série de questionáveis medidas de reforma do sistema de ensino que estão a ser ponderadas em países como Austrália, Canadá, Reino Unido e Estados Unidos. São elas o desenvolvimento de currículos mais "amigos" dos rapazes, aumentar o número de professores homens e estabelecer turmas de rapazes.

Percursos escolares menos longos, ou seja, uma menor representação dos homens no ensino superior[31] não significa, no entanto, que haja uma distribuição equilibrada dos alunos e alunas pelas mesmas áreas do ensino (Ferreira, 1999; Rainha e Figueira, 2004). Eles acedem ligeiramente menos à universidade, é verdade, mas não necessariamente às mesmas áreas de ensino. Dados acerca dos alunos matriculados no ensino superior para o ano de 2009, por área, deixam um retrato bem claro da segmentação sexual, o que tem permanecido mais ou menos consistente ao longo dos anos[32]. A sobre-representação dos homens é mais acentuada nas áreas da engenharia, indústrias transformadoras e construção (74,7%). Já o número de mulheres é mais expressivo nas áreas da educação (84,4%), saúde e protecção social (77,0%). Dados acerca do ensino profissional numa região específica de Portugal, o Alentejo, conduzem-nos a conclusões semelhantes. Os homens estão sobre-representados especialmente nos cursos de electrónica e mecânica, enquanto as mulheres sobressaem nos cursos de geriatria e de agentes de acção educativa (Rainha e Figueira, 2004). A segmentação identificada relega, portanto, os homens para domínios mais técnicos e as mulheres para as áreas do ensino e do assistencialismo, não podendo esta divisão deixar de ser equacionada por relação a uma ordem de género particular que se caracteriza pela imagem mais instrumental do homem, a quem compete o trabalho mais pesado, por contraponto à noção da mulher cuidadora e prestadora de serviços. Fazer versus cuidar, homem versus mulher.

Trabalho remunerado: mais poder e mais dinheiro

O trabalho constitui uma dimensão estruturante da vida em sociedade, um elemento central na definição das identidades, bem como um eixo fundamental a partir do qual se determina o lugar de classe e o estatuto social. Segundo alguns autores, o trabalho veio mesmo ocupar o lugar que outrora era ocupado pela competição física na definição dos modelos dominantes de masculinidade (Pleck e Sawyer, 1974). Tradicionalmente estes domínios surgem combinados de uma forma particular: coincidindo ser homem, ser

[31] Em Portugal, as mulheres estão sobre-representadas nas licenciaturas desde 1980 e entre os doutorandos, mais recentemente, desde 2008. Em 2010, 53,3% dos estudantes do ensino superior eram mulheres (PORDATA – fonte GPEARI/MCTES).

[32] A este propósito Ferreira (1999), com dados referentes ao ano lectivo de 94/95, enumera as poucas licenciaturas que na altura não eram frequentadas maioritariamente por mulheres: Ciências da Engenharia, Desporto e Religião e Teologia.

profissionalmente activo e pertencer ao topo da hierarquia. Actualmente, o modelo do homem-ganha pão está em declínio (Morgan, 2005).

Em Portugal a taxa de actividade[33] masculina é um pouco superior à feminina e ligeiramente inferior à média europeia, situando-se nos 81,9% (União Europeia a 27 = 84,3%). Por sua vez, a taxa de actividade feminina situa-se nos 76,1%, significativamente acima da média europeia (União Europeia a 27 = 69,3%) (Eurostat, 2010). Ora, se em muitos indicadores Portugal integra o grupo dos países da Europa do sul[34], neste retrato assume uma situação algo distinta devido à taxa de actividade feminina relativamente elevada. No contexto europeu, apenas a Dinamarca apresenta uma taxa de actividade feminina mais elevada que Portugal (80,6%), sendo que nesse país cerca de 39% das mulheres trabalham em regime de *part-time*, proporção que em Portugal desce para os 12,3%.

Se analisarmos as diferenças entre as taxas de actividade masculina e feminina, Portugal toma mesmo a dianteira com a menor diferença observada (5,8% de diferença), seguindo-se a Dinamarca, Hungria e Islândia (6,5%, 6,8% e 7,9%, respectivamente). No lado oposto da escala, com maiores diferenças entre as taxas de actividade feminina e masculina encontramos a República Checa, Grécia, Irlanda e Itália (25,5%, 19,3%, 19,1% e 18,7%, respectivamente). Para o conjunto dos países pertencentes à União Europeia (27 países) essa diferença é, também, relativamente elevada (15,0%).

Na tentativa de compreender a especificidade do caso português, país cujas taxas de actividade masculina e feminina mais se aproximam, à custa, é certo, da elevada quantidade de mulheres a trabalhar, somam-se vários factores. Aos reduzidos salários masculinos que *obrigam* as famílias a aumentar os seus rendimentos através do trabalho remunerado das mulheres (Nunes de Almeida, 1984), soma-se uma guerra colonial que afastou muitos homens do mercado de trabalho e impulsionou o recrutamento de mão-de-obra feminina em território nacional (Torres, 2010). Virgínia Ferreira (1999) acrescenta a estas explicações a rápida terciarização e "explosão" da administração pública portuguesa na década de 70 do século XX, sector que incorporou muita mão-de-obra feminina, a par de uma série de medidas legislativas que protegeram a maternidade e tornaram o

[33] Rácio entre a população activa e o total da população entre os 15 e os 64 anos de idade. Integram a condição de activos, as pessoas empregadas e desempregadas.

[34] No grupo dos países do sul integram-se regra geral Portugal, Espanha, Itália e Grécia. Em Espanha, Grécia e Itália as taxas de actividade feminina assumem os seguintes valores: 71,3%, 67,3% e 68,1%, respectivamente (Eurostat, 2010).

mercado de trabalho mais atraente[35] para a população em geral e as mulheres em particular, num contexto de emergência do que geralmente se denomina *sociedade de consumo*.

Mas se o mercado de trabalho em Portugal está relativamente equilibrado em termos da proporção dos sexos nele integrados (as homens representavam em 2010 53% do total da população empregada), isto não quer dizer que a inserção profissional e remuneração dos homens e das mulheres sejam equivalentes. Eles estão mais representados do que as mulheres no sector primário (correspondendo a 54,1% da mão-de-obra empregue nesse sector) e sobretudo no secundário (representando 72,5% da mão-de-obra empregada nesse sector) e elas predominam no sector terciário (representando 55,8%) (PORDATA, 2010 – fonte INE).

Uma análise detalhada, por profissões, permite identificar pequenos segmentos do mercado de trabalho onde a diferença mais se faz sentir e onde a entrada de membros do sexo menos representado pode ser, mais ou menos, problemática. Diversos estudos de cariz sociológico têm, exactamente, explorado a entrada de homens e mulheres em esferas de actividades onde o seu sexo é uma minoria. Refira-se neste âmbito o estudo de Helena Carreiras (2006) sobre as mulheres militares, o trabalho de Teresa Sarmento (2004) ou Mariana Cortez (2008) sobre homens educadores de infância, a pesquisa de Joaquim Simões e Lígia Amâncio (2004) sobre homens enfermeiros ou, num contexto cultural afastado, o trabalho de Faizan Ahmed (2006) sobre os homens cabeleireiros na Índia.

Ao olhar para a hierarquia e progressão na carreira, verifica-se que os homens, apesar de igual ou menos escolarizados, continuam mais representados nos órgãos dirigentes das empresas do sector privado e nos órgãos do poder político do que as mulheres (Ferreira, 1993, 1999; Viegas e Faria, 1999; Torres, 2001; Santos e Amâncio, 2004; Nogueira, 2006; Santos 2008). Soma-se, assim, à segmentação profissional por sectores de actividade, uma diferença de *status* e de *partido* a ela associados (Weber, 1972). Vejamos alguns dados referentes a Portugal. Em 2010 93,8% dos membros do conselho de administração das vinte maiores empresas cotadas na bolsa eram homens (INE). A proporção de homens membros do conselho de reitores das universidades portuguesas, em 2008, era de 93,7% (INE). Dados de 2011 revelam que a sobre-

[35] Refira-se a título de exemplo a introdução da licença de maternidade de 90 dias e outros direitos associados à gravidez ou outras medidas mais gerais como o estabelecimento do salário mínimo (Ferreira, 1999).

representação de homens entre os indivíduos eleitos no Governo Central, Ministros, Secretários de Estado se situa nos 83,3% (INE). Esta desproporção é visível em todos os parlamentos dos países da União Europeia, embora na Suécia e na Finlândia de forma menos acentuada (dados do Parlamento Europeu para o mesmo ano[36]). Portanto, se os recursos escolares são tidos como variável determinante das trajectórias profissionais, também a variável género deve ser considerada nessa equação, uma vez que perdura no tempo, para além de todas as enunciadas mudanças sociais, uma dominação inequívoca dos homens nas funções de maior poder.

José Manuel Viegas e Sérgio Faria (1999) apontam alguns factores explicativos para esta híper-masculinização do campo político. Por um lado, referem a maior disponibilidade de tempo por parte dos homens, devido ao facto de as mulheres continuarem a assumir o grosso das responsabilidades familiares e, por outro lado, indicam as representações sociais do género feminino e masculino que tendem a afastar as mulheres e a naturalizar a presença dos homens em determinadas esferas sociais. Segundo os autores "as representações sociais sobre a luta, a agressividade, a autoridade e o protagonismo [aparecem] associados ao género masculino e à política, e as representações sociais de equilíbrio, afectividade e passividade [estão] em grande parte associadas ao género feminino" (*idem*: 58-59). Tal como no campo escolar, também aqui a ordem de género surge como instrumento privilegiado na compreensão das diferenças que se encontram entre homens e mulheres.

Ainda neste domínio é necessário acrescentar uma nota que nos dá conta das desigualdades salariais entre homens e mulheres. Este *gender gap*[37] é comum em todos os países com que nos costumamos comparar (Eurostat, 2009) e tende a acentuar-se com o aumento dos níveis de ensino[38] (Observatório das Desigualdades – fonte Quadros de Pessoal, MTSS/GEP). Ainda assim, no panorama europeu, Portugal não se inclui no grupo dos países onde a diferença salarial é maior. Esse é o caso da República Checa, Áustria e Alemanha (a remuneração das mulheres é por relação ao salários dos homens

[36] http://www.parlamento.pt/europa/Paginas/Parlamentos_Nacionais_UE.aspx (consultado a 15 de Novembro de 2011)

[37] "The unadjusted Gender Pay Gap (GPG) represents the difference between average gross hourly earnings of male paid employees and of female paid employees as a percentage of average gross hourly earnings of male paid employees" (nota metodológica do Eurostat).

[38] Ainda que este acentuar se explique sobretudo pelo facto de os níveis de ensino mais elevados estarem associados a profissões cujos valores remuneratórios são mais amplos.

de menos 25,9%, 25,4% e 23,2%, respectivamente). Em Portugal as mulheres auferem, em média, menos 10% do salário dos homens, proporção que é ainda mais baixa na Eslovénia, Itália e Malta (3,2%, 5,5% e 6,9%, respectivamente). Contribuem para explicar a diferença salarial o facto de os homens progredirem mais facilmente na carreira e a diferente inserção profissional destes nos vários sectores de actividade (com os homens sobre-representadas nas áreas profissionais mais bem pagas, ainda que associados também aos trabalhos mais perigosos e onde os acidentes são mais frequentes).

Modelo do duplo emprego e resistências ao trabalho doméstico

Avancemos mais no retrato, olhando agora para os casais portugueses e a forma como no seu seio se divide o trabalho remunerado e não remunerado. O trabalho não remunerado, especificamente as tarefas domésticas e os cuidados de terceiros, apesar de se assumirem como a face menos visível do trabalho, constituem elementos importantes na construção das identidades de género e nos esquemas de desigualdade social.

Sofia Aboim (2006b: 79) apresenta alguns dados sobre a distribuição do trabalho pago entre os membros dos casais portugueses a partir dos dados dos Censos de 2001. Não chega a 50% a proporção de casais em que ambos estão empregados, assumindo esta dinâmica uma maior expressão entre os casais com filhos (cerca de 55%). Em mais de um quarto dos casais nenhum dos cônjuges estava empregado. Quando só um dos cônjuges trabalha fora de casa é mais comum ser o homem a fazê-lo (22,5% para 6,2% de casais em que é a mulher a trabalhar fora de casa), sobretudo se atendermos aos casais com filhos (26,2% e 27,3% em casamentos civis e uniões de facto, respectivamente).

Outro dado complementar que pode ser invocado para esta discussão é aquele que nos dá conta da evolução do número de mulheres domésticas em Portugal. Se em 1983 51,8% das mulheres inactivas eram domésticas, esse valor tem vindo a diminuir progressiva e linearmente até aos dias de hoje. Em 2000, entre as mulheres inactivas, apenas 32,4% se inseriam na categoria de domésticas e em 2010 a proporção atinge o mínimo de 24,0%. As restantes são sobretudo estudantes ou reformadas (PORDATA, 2011 – fonte INE). Para o total da população do sexo feminino a percentagem de mulheres domésticas era de 25,4%, 15,3% e 10,5% em 1983, 2000 e 2010, respectivamente. Anália Torres *et al*. (2005: 67) esclarecem que esta realidade é mais expressiva em contextos sociais menos favorecidos, eventualmente por causa dos

elevados custos dos serviços de guarda de crianças, tendo em conta os potenciais baixos rendimentos das mulheres e devido, também, à predominância de uma visão de género mais tradicional, que associa as mulheres exclusivamente ao espaço doméstico. Estes dados são bem elucidativos quanto ao declínio do modelo do "homem ganha-pão", chefe de família, mas não deixam de revelar o quanto velhas lógicas de acção se fazem sentir, acusando o entrelaçamento entre modernidade e tradição tão característico do contexto português (Viegas e Costa, 1998).

Um dos efeitos[39] do referido aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho diz respeito à entrada, ainda que tímida, dos homens na esfera doméstica. Pese embora a permanência de dinâmicas domésticas em que os homens são ilibados ou rejeitam participar em determinadas tarefas domésticas, a tendência de mudança aponta para uma cada vez maior partilha desse tipo de responsabilidades, o que é especialmente visível em determinados segmentos da sociedade. Os dados nacionais e internacionais apontam no mesmo sentido. Mesmo quando as mulheres trabalham fora de casa, os homens, em termos médios, não dedicam tanto tempo ou não são responsáveis pela execução de tantas tarefas como elas (Ferreira, 1981, 1999; Nunes de Almeida, 1984; Bittman e Lovejoy, 1993; Greenstein, 1996; Baxter, 2000; Bianchi *et al.*, 2000; Torres *et al*, 2000, 2005; Aboim e Wall, 2002; Perista, 2002; Aboim, 2006b, 2010; Amâncio, 2007).

Dados do Inquérito à Ocupação do Tempo (INE) trabalhados por Heloísa Perista (2002) deixam um retrato bem tradicional de Portugal. Entre a população inquirida apenas 59% dos homens afirmaram participar no trabalho doméstico e na prestação de cuidados à família, por comparação com 94% das mulheres. Se nos focarmos na população empregada, as diferenças continuam expressivas. Se num dia as mulheres, em média, dedicam cerca de quatro horas ao trabalho doméstico e cuidados à família, para os homens esse valor desce para cerca de uma hora e meia. Assim sendo, apesar de dedicarem mais uma hora do que elas ao trabalho remunerado, os homens acabam por declarar uma jornada de trabalho menos longa, se ao trabalho pago somarmos o não pago, ficando com mais tempo disponível para outras actividades como as de lazer ou tempo para si próprios (Perista, 2002: 453).

Para além do volume de trabalho não pago, vale a pena analisar a distribuição de

[39] Outro efeito traduz-se na diminuição do volume de tempo total dedicado às tarefas domésticas, seja devido a externalização de serviços (por exemplo, aumento do consumo de refeições pré-cozinhadas), seja devido a mudanças ao nível do padrão de exigência (por exemplo, limitar o passar a ferro/engomar a determinadas peças de roupa) (Bianchi *et al.*, 2000).

homens e mulheres por tipo de tarefas. Os homens dedicam-se com mais regularidade do que as mulheres a tarefas como tratar de assuntos administrativos e actividades de construção e reparação. Nas restantes tarefas elas declaram ser as principais responsáveis, destacando-se o tratamento da roupa, a limpeza da casa e a preparação das refeições. Tarefas mais rotineiras, portanto, e que envolvem menor contacto com o exterior. O domínio da prestação de cuidados às crianças é daqueles em que mais os homens se envolvem, sobretudo em tarefas como brincar com os filhos (e outras actividades de lazer), levar os filhos à ginástica, natação, entre outras actividades, e levar os filhos ao médico. Menos frequentes são a prestação de cuidados rotineiros à criança ou o acompanhamento da vida escolar.

Conclusões semelhantes às anteriores foram produzidas por Anália Torres *et al.* (2005) a partir da análise de um inquérito à população portuguesa (n=1700). Os homens dedicam mais tempo ao trabalho pago, ao lazer e cuidados pessoais. Por sua vez, as mulheres gastam mais tempo do que eles em trabalho doméstico e cuidados com os filhos e outros familiares, situação que se intensifica quando elas vivem em coabitação com o respectivo cônjuge. Esta última ideia é bastante reveladora do efeito da conjugalidade nas dinâmicas em análise. Os homens que vivem sozinhos realizam mais tarefas domésticas que os homens casados, lógica que se inverte no caso das mulheres. Para eles o casamento constitui, portanto, um factor libertador, estando regra geral associado a menos trabalho doméstico.

A forma de delegação de tarefas mais comum remete para a colaboração da mãe de um dos cônjuges e menos para a contratação de serviços pagos. Ou seja, quando não é a mulher a fazer determinadas tarefas domésticas é mais provável que seja outra mulher da família a fazê-lo do que o respectivo companheiro. Os motivos apontados para o modelo de partilha implementado passam pela maior disponibilidade, gosto e competências femininas para este tipo de tarefas. Não é surpreendente que a existência de conflitos no seio do casal seja mais visível entre aqueles em que as mulheres são profissionalmente activas. De resto, a segmentação por tarefas domésticas é semelhante à identificada por Heloísa Perista (2002).

O trabalho sob a coordenação de Anália Torres *et al.* (2005) acrescenta ainda dados sobre os processos de socialização, com informação acerca da delegação de tarefas domésticas em filhos e filhas. Em qualquer tarefa doméstica em análise os filhos aparecem sempre representados em proporções relativamente menores do que as filhas. Este indicador é importante para permitir compreender as lógicas de reprodução social,

bem como as desigualdades ao nível da distribuição do trabalho doméstico que teimam em perdurar.

Uma tipologia avançada por Sofia Aboim (2010) com base num inquérito de âmbito nacional (n=1776) vem reiterar as conclusões anteriores, revelando que a divisão do trabalho doméstico mais comum é aquela em que o homem pouco participa na maior parte das tarefas (59,2% dos casais inquiridos), seguindo-se um terço dos casais com um modelo mais equitativo em que se pronuncia alguma divisão deste tipo de responsabilidades. A delegação deste tipo de trabalho numa terceira pessoa revelou-se comum em cerca de 10% dos casais, recaindo esta numa empregada doméstica ou noutra mulher da família.

Dados para outros países europeus (Espanha, República Checa, Alemanha Ocidental, França, Reino Unido e Suécia), referentes a 2002, revelam algumas nuances quanto à intensidade da desigualdade (Amâncio, 2007). De qualquer forma, os homens sobressaem sempre pela menor participação[40]. Tal como noutros indicadores, a Suécia apresenta uma distribuição do trabalho doméstico pelos sexos mais equilibrada. Pelo contrário, Portugal surge como um dos países mais desiguais: tendo em conta apenas os indivíduos inseridos em casais em que ambos têm um trabalho remunerado, os homens indicaram dispender cerca de metade das horas em tarefas domésticas, do que as declaradas pelas mulheres. Curioso é o facto de as mulheres portuguesas se destacarem das restantes por considerarem a divisão do trabalho doméstico como mais justa (média de 2,5 numa escala de um a cinco, em que um significa "faço mais trabalho doméstico do que seria justo" e cinco significa "faço menos do que seria justo) (*idem*). Anália Torres *et al.* (2005) tinham chegado a resultados idênticos, com cerca de 78% das inquiridas a considerar a distribuição das tarefas domésticas justa ou muito justa. Será a ideia de incorporação da dominação quer por parte dos dominantes, quer por parte dos dominados, de que Pierre Bourdieu fala, a chave para a compreensão deste tipo de respostas?

As tendências contracorrente referem-se a casais mais escolarizados, com maiores rendimentos, cujas concepções de géneros tendem a ser mais simétricas (Torres *et al*., 2000, 2005; Perista, 2002; Aboim, 2007; Wall, 2007). A existência de filhos pode nalguns casos funcionar igualmente como factor que despoleta uma maior envolvência na esfera

[40] Exemplos de estudos com resultados semelhantes para outros contextos, que não o europeu: Baxter (2000) com dados para a Austrália; Bianchi (*et al.* 2000) referindo-se aos EUA.

doméstica por parte dos homens (Perista, 2002). Theodore Greenstein (1996) acrescenta ainda uma outra ideia, baseando-se em dados de um inquérito de amplitude nacional, desenvolvido nos Estados Unidos. Mais importante do que a ideologia de género dos homens é a ideologia de género das mulheres. Ou seja, se a mulher tiver uma concepção mais tradicional do género feminino a probabilidade de o homem fazer menos tarefas domésticas é muito elevada, independentemente da concepção que este tenha acerca dos papéis sexuais. Desse modo, são as mulheres com uma ideologia de género mais liberal que constituem um factor determinante para uma distribuição mais equilibrada. Shannon Davis *et al.* (2007) apontam ainda a informalidade da relação como um elemento que se associa a uma distribuição do trabalho doméstico mais equitativa.

No geral, o retrato que fica de Portugal é um pouco paradoxal (já Virgínia Ferreira em 1999 o dizia) pois se os homens são dos que menos responsabilidades domésticas assumem, as mulheres portuguesas são das que mais trabalham fora de casa, o que leva mesmo alguns autores a questionarem-se: Porque não se revoltam as mulheres? (Torres *et al*., 2000). A este respeito Lígia Amâncio (2007) acaba por concluir que as mudanças ao nível das práticas são curtas, o que na sua óptica fica a dever-se a múltiplos factores. Entre eles a autora destaca o peso de concepções tradicionais da família nas "concepções de feminilidade e masculinidade", que podem coexistir com outros regimes de género mais modernos (Amâncio, 2007: 207-208). Sofia Aboim, no mesmo âmbito, aponta para a permanência de velhas lógicas de associação entre universo feminino e esfera doméstica, num cenário onde a mulher, ao contrário do homem, "continua a encontrar uma fonte de gratificação pessoal…como sucedia tradicionalmente" (2010: 58).

As mudanças estão em curso, é verdade, o sentido da mudança aponta para uma maior participação dos homens no trabalho doméstico, mas o caminho ainda é longo. Ulrich Beck e Elisabeth Beck-Gernsheim, a propósito da Alemanha, ilustram da seguinte forma este processo: "Tentar avaliar a posição das mulheres na sociedade alemã é o mesmo que perguntar se um copo cheio até metade está 'meio cheio' ou 'meio vazio'"[41] (2002: 54). Boaventura Sousa Santos (2011: 62), referindo-se especificamente ao caso português, traça o mesmo diagnóstico que os autores anteriores e afirma, ainda, que o processo de mudança pode mesmo abrandar e conhecer alguns retrocessos em situações de crise económica e retracção do Estado-providência (como a que se iniciou em 2008 nos EUA e se faz sentir até à data um pouco por todo o mundo ocidental).

[41] Tradução própria.

2.2 Conjugalidade e parentalidade em franca mudança

Amor e individualização: masculinidades românticas, mas pouco

O amor é, hoje, nos países ocidentais, equacionado como um elemento fundador das relações conjugais, por oposição a contextos culturais espacial e/ou temporalmente distantes em que outras lógicas racionais se sobrepunham/sobrepõem (Luhmann, 1986; Torres, 1987, 2001, 2002; Giddens, 1996; Aboim, 2004, 2006, 2006a). Ulrich Beck e Elisabeth Beck-Gernsheim (2002) elevam-no ao estatuto de "religião secular" que alimenta e dá sentido às relações conjugais. Já nas palavras de Mike Featherstone (1998: 2) o amor constitui "uma poderosa imagem cultural"[42], graças à emancipação das mulheres e à circulação de representações sociais do amor em grande escala (primeiramente através da literatura e poesia e mais tarde através do cinema, música, etc.).

Apesar da tendência geral ser essa, a dualidade razão-emoção não deve ser encarada como estanque ou linear (Pais, 1985). Outras racionalidades se interligam com o sentimento amoroso (Weber, 2005 [1922]). Um dos argumentos muitas vezes apontado para ilustrar esta ideia é o da tendência para a homogamia social na escolha dos parceiros (Torres, 2010), mesmo quando as estratégias de (i)mobilidade social por parte das famílias de origem deixam de constranger os mais jovens. A este propósito, Pierre Bourdieu e Jean Kellerhals chamam a atenção para a importância da partilha dos mesmos códigos sociais e disposições de classe para o surgimento do que se entende por sentimento amoroso (Bourdieu, 2010 [1979]; Kellerhals *et al.*, 1982). Ou seja, se é verdade que as famílias de origem deixaram de constituir um elemento-chave na constituição dos novos casais (com diferentes intensidades segundo as classes sociais[43]) para dar lugar a relacionamentos que resultam mais da vontade e escolha individuais dos seus protagonistas, também é verdade que a posição ocupada na hierarquia social continua a interferir no "mercado" conjugal.

---

[42] Tradução própria.

[43] Michel Bozon (1991) conclui, com dados sobre França, que entre os agricultores e as classes mais elevadas os controlos parentais são mais evidentes do que nas classes médias, por exemplo. Rodrigo Rosa (2004) reportando-se a Portugal refere um padrão semelhante com base num inquérito a mulheres casadas e com filhos. Sendo a homogamia uma tendência, ela é mais visível entre as profissões mais qualificadas e as mulheres camponesas, afirma o autor.

Outra variável estruturante do mercado amoroso é o género. Refira-se a esse propósito o trabalho de François De Singly (referido por Torres, 2010) sobre os critérios de escolha de parceiros por parte de homens e mulheres. Num estudo com base em anúncios amorosos o autor acaba por verificar determinados padrões nos atributos que homens e mulheres procuram e oferecem ao sexo oposto. Se eles parecem valorizar atributos físicos e relacionais nas mulheres, elas tendem a dar mais destaque às características profissionais e outros indicadores de classe social. A ressonância dos estereótipos de género mais tradicionais é neste âmbito bem clara. Homens e mulheres crescem num ambiente social repleto de discursos e imagens sobre o amor e são socializados para assumir diferentes papéis. O homem aparece, deste modo, idealizado na sua função instrumental e a mulher no seu papel sentimental, afectivo e como objecto de desejo carnal.

Ao mesmo tempo, o amor (ou melhor, a falta dele) é também um dos elementos que traz algum sentido ao aumento das taxas de ruptura conjugal a que se tem assistido. Como Anália Torres esclarece "mais do que pretexto inicial para o casamento, passou a ser fundamental que o amor e o entendimento perdurassem ao longo da relação. É esta nova perspectiva que está implícita na subida das taxas de divórcio das últimas décadas" (Torres, 2002: 573). Não quer isto dizer que haja um desencanto geral em relação ao amor, pois as pessoas tendem a experimentá-lo novamente depois de experiências frustradas (Torres, 2010), caracterizando-se aliás as sociedades modernas pela possibilidade de estabelecer relações pessoais mais intensas (ao mesmo tempo que aumentou também a possibilidade de estabelecer relações impessoais) (Luhman, 1986). O que é certo é que fazer depender as relações conjugais de sentimentos e satisfação pessoal resulta no que Zygmunt Bauman (2006) nomeia de *fragilidade dos laços humanos*, num contexto em que as exigências no plano amoroso são cada vez mais elevadas e potencialmente passíveis de serem frustradas (Luhmann, 1986; Beck e Beck-Gernsheim, 2002; Torres, 2010).

As amarras da tradição estão cada vez mais vazias de sentido e a individualização em contexto de modernidade tardia trouxe consigo a incerteza generalizada (Beck-Gernsheim, 1998; Beck, Giddens e Scott, 2000; Beck e Beck-Gernsheim, 2002). Esta incerteza vive-se também na esfera privada, onde conjugalidade e casamento já não são forçosamente para sempre. A separação entre família e esfera produtiva e a emergência do Estado-providência criaram a rede material e institucional que permite a homens e mais recentemente a mulheres, poderem dar preferência aos seus interesses pessoais,

desfazendo laços sociais que já não os satisfazem porque, por exemplo, o amor já não se faz sentir. Aliás, muitos autores falam mesmo de um paradoxo na medida em que lógicas de individualização crescentes, se alternam com lógicas de fusão sentimental (Luhmann, 1986; Aboim, 2006, 2006a). Como se conciliam então nas sociedades contemporâneas interesses individuais e interesses conjugais? A importância da experiência amorosa para a realização pessoal constitui certamente uma pista.

E porque amores há muitos, antes de avançar é importante torná-los mais transparentes. Se o sentimento amoroso pode ser equacionado como uma experiência, um fenómeno mais ou menos universal (Torres, 1987; Giddens, 1996), vários tipos de amor têm sido teoricamente problematizados. Uma distinção clássica é aquela que Niklas Luhmann (1986) e Giddens (1996) fazem entre a*mor paixão* e *amor romântico* aludindo aos séculos XVII a XIX. O primeiro era entendido como uma força disruptiva dado o seu carácter sexual, imprevisível, avassalador e incontrolável, não compatível com a noção de família ou casamento, que se queriam estáveis e para sempre. O segundo surge mais tarde e difunde-se como uma construção social harmoniosamente integrada na intimidade, funcionando como mote para a conjugalidade, onde mais recentemente a saúde da sexualidade começa a ser também incorporada como componente importante para a duração dos relacionamentos (bem diferente da atracção sexual inerente ao amor paixão associado aos relacionamentos extra-conjugais, por exemplo) (Luhmann, 1986; Giddens, 1996). Um e outro, com as devidas actualizações, funcionam hoje como códigos fundamentais para a estruturação da esfera privada nas sociedades modernas.

Bourdieu (1999) defendeu que o amor poderia funcionar como elemento-chave para o esvaziamento das diferenças entre os sexos. Referir-se-ia o autor ao *amor romântico*? Não, por dois motivos. Por um lado, o *amor romântico* gera-se e actualiza-se em contextos de desigualdade entre os sexos. Este amor está inscrito numa ordem de género tradicional em que homens e mulheres assumem papéis diferenciados, ocupam distantes posições na hierarquia social, associando, ainda, representações de género fortemente dicotomizadas e complementares em termos essencialistas. Homens e mulheres são concebidos como naturalmente diferentes, constituindo cada um a metade de um todo que ganha sentido com a união.

Por outro lado, o amor romântico não tem sido incorporado da mesma forma pelos dois sexos. Como vários autores argumentam, no plano tradicional, o *amor romântico* consiste numa tarefa predominantemente feminina, enquanto o *amor paixão* está quase que em exclusivo associado à masculinidade e ao domínio das relações extra-conjugais e

da experimentação sexual, etc. (Giddens, 1996). Homens mais "românticos" estarão longe do ideal tipo de masculinidade hegemónica, que se caracteriza pela racionalidade e pouco propensão a sentimentalismos. A afectividade e a expressão das emoções tendem a ser encaradas como atributos femininos, sendo exactamente por oposição à feminilidade que a masculinidade se constrói.

Louisa Allen (2007) numa pesquisa recente, baseada em 17 grupos de discussão com jovens neozelandeses, chega a conclusões que espelham a ideia anterior. A autora esclarece que os rapazes (e não só as raparigas) atribuem bastante importância às experiências românticas e nelas investem alguns esforços, mas que eles o fazem conscientes da tensão entre ser-se muito romântico e ser-se homem. Em contexto de entrevista, a resposta por parte dos jovens homens a essa tensão fez-se com a introdução de elementos da vida que atestassem uma masculinidade menos sentimental.

Segundo a autora, o romantismo encerra, ainda, noções de mulheres e homens simbolicamente desiguais, uma vez que os homens continuam a emergir como sexualmente mais activos, por oposição à imagem da mulher passiva. Ainda assim, Louisa Allen acrescenta que, à luz da teoria da masculinidade hegemónica de R. Connell, este ideal normativo não pode continuar a ser entendido como necessariamente incompatível com os ideais românticos, uma vez que, em contextos particulares, é flexível o suficiente para incorporar, até certo ponto, esse tipo de lógicas sentimentais. Esta articulação entre romantismo e masculinidade hegemónica resultará das novas expectativas face aos homens, que incluem características das masculinidades tradicionais, mas que convocam, também, novas formas de ser-se homem. As exigências podem passar por ser-se "um verdadeiro macho e, ao mesmo tempo, sensível"[44] (*idem*: 159), o que não significa que a masculinidade deixe de se construir como dominante em relação ao género oposto.

Shannon Gilmartin (2007), com base em entrevistas a estudantes universitários irlandeses, chega a resultados semelhantes, mas sublinha as contradições que os discursos e as práticas dos entrevistados deixam adivinhar. Entre os homens tornou-se evidente um certo esforço discursivo para minimizar a importância do romance e do amor nas suas vidas, reconhecendo a autora que o discurso de género mais tradicional pode suavizar-se com a idade (ou em contextos onde as identidades de género sejam menos tradicionais ou menos questionadas pelos pares, acrescentaria eu).

[44] Tradução própria.

Vassiliki Deliyianni-Kouimtzi e Vassiliki Lentz (2008), com base em composições escritas por alunos do ensino secundário grego, concluem que os discursos sobre o relacionamento amoroso ideal são bastante tradicionais. As histórias em que o homem desempenha um papel mais activo e a rapariga um papel mais passivo, à semelhança dos contos dos príncipes e das princesas, foram muito comuns. Ainda assim, uma pequena franja das histórias de amor idealizadas remetiam para uma relação concebida de forma mais igualitária e negocial. São este tipo de resultados que levam Shannon Gilmartin (2007: 537-538), uma feminista declarada, a afirmar: "o romance heterossexual nunca teve nada de equidade. Tem antes sido um veículo para uma divisão do trabalho que pressupõe que o homem assumirá a responsabilidade do bem-estar económico da família"[45]. Talvez se deva procurar o meio-termo entre esta posição e a de Bourdieu, que via no amor uma potencial fuga à dominação masculina.

Mais recentemente, reportando a contextos de maior equidade e individualização, Giddens faz referência à emergência do que denomina *amor confluente*, um amor mais "activo" e "contingente", em oposição ao "para sempre" e "único e exclusivo" que se associam ao ideário romântico (1996: 41), constitutivo de uma ordem de género em mudança, sem hierarquias entre os sexos. Neste tipo de amor, diz-nos o autor, o homem pode assumir as suas vulnerabilidades pois o estereótipo do homem protector deixa, neste âmbito, de fazer sentido e a sexualidade passa a ser encarada como um elemento-chave na duração e qualidade das relações amorosas.

Um conceito próximo é o de *amor construção* proposto por Anália Torres (2000) que, como fica patente nas palavras escolhidas, remete para a ideia de projecto inacabado, onde ambos os parceiros surgem comprometidos. Este tipo de amor implica trabalho e investimento contínuos para alimentar o próprio sentimento, nunca podendo os parceiros baixar os braços sob pena de o sentimento se esvaziar. Sofia Aboim (2004, 2006) avança, também, a partir de uma pesquisa que envolveu entrevistas a mulheres a viver em conjugalidade, com um conceito próximo dos anteriores: o de *amor alternância* que traduz a prevalência de múltiplas orientações amorosas no seio de um casal. A autora identifica a paixão, a amizade e o companheirismo como sentimentos que se vão alternando e destaca o papel da sexualidade na sua construção. Mais uma vez a tónica é colocada na igualdade e autonomia individuais: "amor que valoriza a especificidade, a troca, a negociação construída em pé de igualdade, numa permanente construção de

[45] Tradução própria.

«vários sentimentos» ao mesmo tempo" (2004: 820). Tanto o *amor confluente*, o *amor construção* ou o *amor alternância* estão associados temporalmente a cenários de modernidade tardia e estruturalmente a casais caracterizados por elevados recursos escolares.

Como Lynn Jamieson (1999) relembra, a propósito de uma crítica às noções de *relação pura* e *amor confluente*, este tipo de lógicas amorosas não estão ainda representadas em proporções significativas. O autor sublinha ainda a distinção entre o domínio do que se diz e do que se faz, argumentando que os dados empíricos mostram cenários bem distantes daqueles que Anthony Giddens anuncia. Ainda assim, independentemente da fase do percurso, podemos afirmar que é nesse sentido que se caminha. Um caminho seguramente apoiado pela perda, por parte dos homens, de um domínio quase monopolista sobre os recursos económicos, a favor de uma maior autonomia das mulheres, o que se faz acompanhar pelo crescente reconhecimento da necessidade de aprender a jogar ao jogo do amor, determinante na (re)conquista permanente em que os amantes modernos se vêm envolvidos.

Conjugalidade, família e casamento: entre a crise e a renovação

Em várias esferas da sociedade não é raro ouvir dizer-se que a família está a atravessar uma crise[46], se não se encontra mesmo em fase de decadência acelerada. Na igreja ouve-se falar na falência dos valores da família em detrimento dos interesses individuais, dada a progressiva e linear diminuição do número de casamentos católicos e aumento de rupturas conjugais[47]. Os *media* exploram e difundem indicadores que nos dão conta do

[46] O discurso da crise dos valores não é novo e já Talcott Parsons, em meados do século XX, a ele reagia chamando a atenção para o facto de não se poder confundir mudança de valores ou mudança de comportamentos com crise de valores (cf. Torres, 2001: 41, 2010: 68-69). William Goode (1970) também contribui para este esclarecimento desconstruindo o estereótipo da família tradicional demasiadamente romantizado por oposição ao estereótipo da família contemporânea em desmoronamento (referido por Torres, 2010: 83).

[47] Veja-se, a título de exemplo, a mensagem do Patriarcado de Lisboa, na secção "Pastoral família" da sua página de *Internet*, num artigo com o título "Defender a família e o casamento": "O Papa referiu recentemente que o sentido do matrimónio vai-se deteriorando devido à facilidade do divórcio, à coabitação antes do casamento e à introdução de novos tipos de união que não têm

esboroamento da tradicional noção de família. Dão-se a conhecer as crescentes taxas de divórcio e consequente aumento de famílias recompostas ou monoparentais e a diminuição do número de filhos por casal.

Ora, como Ulrich Beck e Elisabeth Beck-Gernsheim contestam, tendo em conta estes discursos e os discursos contrários: "a alternativa preto-e-branco 'fim da família ' ou 'família como o futuro' não é adequada" (2002: 85). Outros autores têm chamado a atenção para a mesma ideia, denunciando também a confusão em torno de conceitos como individualização ou individuação a propósito das reflexões em torno da família/conjugalidade, apontando quer a instituição de novos valores, quer a convivência entre novas e velhas formas de pensar e fazer (Nunes de Almeida *et al*., 1998; Torres, 2001; Aboim, 2006a; Wall, Aboim e Cunha, 2010).

A família/conjugalidade na sua estrutura e dinâmicas está a mudar, é certo, mas a centralidade destas dinâmicas relacionais continua a ser incontornável na vida dos indivíduos e um elemento determinante para a construção das identidades pessoais e sociais (Torres, 1987; Cabral, 2003; Aboim, 2006a). O número de casamentos e uniões de facto que terminam em separação está a aumentar, mas sabe-se que muitas vezes a uma ruptura se segue uma nova relação amorosa que, não raro, desemboca em nova coabitação (Torres, 2010). Dados de um inquérito internacional (European Social Survey) mostram, sem margem para dúvidas, como a família é equacionada de forma transversal em todos os países em análise como a dimensão mais importante da vida dos indivíduos. A hierarquia das restantes dimensões como o trabalho, o lazer ou os amigos pode assumir diversas ordens mas a família é, em todos os países analisados, e para ambos os sexos, o elemento a que as pessoas atribuem maior importância (Torres, Mendes e Lapa, 2006: 139).

Se as primeiras análises acerca das transformações nos padrões familiares foram levadas a cabo por autores como Émile Durkheim (1984 [1893]) ou Talcott Parsons e Robert Bales (2002 [1956]), precursores de perspectivas mais estruturalistas ou funcionalistas da sociedade, actualmente essas visões não têm muita expressão na produção sociológica dado o pendor ideológico que emergia das suas obras. De qualquer forma, são inegáveis os contributos para o que hoje se pode chamar de sociologia da família. O alcance e sistematização das mudanças por estes autores enunciadas são, em

---

fundamento algum na história da cultura e do direito na Europa". Fonte: http://www.patriarcado-lisboa.pt/site/index.php?cont_=40&id=508&tem=214 (consultado a 12 de Dezembro de 2011)

muitos aspectos, certeiras e mantêm alguma actualidade.

Émile Durkheim (1984 [1893]), em finais do século XIX, falava já da passagem da família patriarcal tradicional para a família conjugal moderna, uma família mais centrada no núcleo pais-filhos em que os sentimentos e a vontade das pessoas eram valorizados em detrimento dos bens materiais. De uma forma geral, efectivamente, a criança tem assumido um estatuto central no seio da família, sendo alvo de crescentes expectativas e investimentos a vários níveis (Ariès, 1960; Cunha, 2007). Anteviu ainda o autor o papel cada vez mais interveniente do Estado enquanto regulador da esfera familiar, substituindo-se à comunidade ou à família alargada que até então tinham essa função normativa. Durkheim acreditava ainda que homens e mulheres tendiam para a especialização de papéis e isso era uma marca distintiva das sociedades mais evoluídas. Às mulheres caberiam as "funções afectivas" e aos homens as "funções intelectuais" (Durkheim, 1984 [1893]: 75). Ora, como se sabe, em relação a esta última ideia não poderia estar mais enganado. A entrada massiva das mulheres no mercado de trabalho comprova-o.

Talcott Parsons e Robert Bales (2002 [1956]), por sua vez, pensaram a família tendo em conta as suas funções na sociedade. Uma das funções seria a socialização das crianças e outra a estabilização da personalidade dos adultos. A especialização de papéis que os autores foram identificar era, na sua óptica, salutar: homens a desempenhar um papel mais instrumental, associado à esfera pública e mulheres a desempenhar um papel mais expressivo, estando a sua acção restringida à esfera privada. Efectivamente, tal como os autores advogavam, a família continua a ser uma importante fonte de socialização, ainda que outras instâncias como a escola, o grupo de pares ou os *media* lhe façam *concorrência* (Leandro e Leandro, 2004). No entanto, a análise falha ao não antever uma aproximação entre os papéis que homens e mulheres vêm desempenhando e, tal como Durkheim, os autores pecam pela naturalização das diferenças encontradas. Refira-se, por exemplo, a crescente responsabilização e empenho dos homens na esfera parental, o que na perspectiva de Parsons caberia em exclusivo à mulher.

De resto, a monitorização dos padrões e dinâmicas familiares é hoje uma temática recorrente da sociologia (Nunes de Almeida *et al*., 1998; Torres, 1992, 2001, 2002a, 2010; Aboim e Wall, 2002; Aboim, 2003, 2006a). Tal como no plano internacional, também em Portugal a génese destes trabalhos está inscrita no próprio surgimento da sociologia (Wall, 1993). Ana Nunes de Almeida e colegas resumem assim as mudanças que desde a década de 60 do século XX têm atravessado a sociedade portuguesa: a uma primeira

fase de “familialismo renovado” e ”conjugalização” da vida familiar, graças à melhoria das condições de vida (que sucedeu a um Portugal com elevadas percentagens de celibato e filhos ilegítimos), seguiu-se uma fase de “modernização” marcada pela difusão dos valores da igualdade entre os cônjuges, novos valores educativos, acesso generalizado aos modernos métodos contraceptivos, maior valorização do indivíduo e menor subordinação do casal à família no seu conjunto (Nunes de Almeida, *et al.*,1998: 45-46).

De forma sucinta, actualizando os indicadores até à primeira década do século XXI, as alterações a que as autoras se referiam são as seguintes:

Desinstitucionalização e adiamento do casamento: A taxa bruta de nupcialidade[48] diminuiu de 7,8 em 1960 para 3,8 em 2010 (PORDATA – fonte INE) e diminuiu também a proporção de casamentos católicos, face ao total de casamentos, de 68,8% em 1995 para 42,1% em 2010 (INE). A idade ao primeiro casamento tem vindo gradualmente a aumentar. No caso dos homens, de 1970 para 2010, aumentou 26,6 para os 30,8 anos de idade (INE), o que em muito se explica pelo alongar dos percursos escolares. Cada vez mais o casamento é antecedido por outras experiências de coabitação que não passam pela partilha de casa com um cônjuge, ainda que isso seja menos comum em Portugal do que nos países do norte da Europa (Nico, 2011). Embora continue a ser equacionado como um importante marco nas biografias individuais, o casamento perde alguma da força simbólica enquanto ponto de passagem para a vida adulta (Ferreira e Nunes, 2010; Nico, 2011). A proporção de conjugalidades *informais* face ao total de núcleos conjugais aumentou igualmente, mas de forma mais tímida: de 3,9% em 1991 para 6,9 em 2001 (Aboim, 2006a: 75). Consequentemente, a taxa de nascimentos fora do casamento aumentou de forma exponencial. Em 1960 9,5% dos nados-vivos inseriam-se nessa condição, percentagem que em 2010 sobre para os 41,3% (PORDATA – fonte INE).

Aumento das rupturas conjugais: Quanto às rupturas conjugais (medidas apenas em termos de divórcios e não de separações, por falta de dados estatísticos para a população), a taxa bruta de divorcialidade[49] aumentou de 0,1 em 1960 para 2,6 em 2010 (PORDATA – fonte INE/Direcção-Geral da Política de Justiça), o que se reflecte no

[48] Número de casamentos observado durante um determinado período de tempo, normalmente um ano civil, referido à população média desse período (habitualmente expressa em número de casamentos por 1000 (10^3) habitantes). (metainformação – INE)

[49] Número de divórcios observado durante um determinado período de tempo, normalmente um ano civil, referido à população média desse período (habitualmente expressa pelo número de divórcios por 1000 (10^3) habitantes). (metainformação – INE)

crescimento do número de famílias monoparentais de 6,3% em 1992 para 8,9% em 2010 (PORDATA – fonte INE). Aumentou ainda o número de pessoas a viver sós. Em 1992 representavam 12,5% das famílias e em 2010 passaram a representar 17,7% (PORDATA – fonte INE). Ainda assim, como revelam os recentes dados dos Censos 2011 (INE), o grupo dos casados é dominante na população portuguesa (47% do total da população), seguindo-se os solteiros (40%). Os divorciados e os viúvos representam 6% e 7%, respectivamente, do total da população em 2011.

Menos filhos e cada vez mais tarde: A taxa de natalidade[50] diminuiu de 24,1 em 1960 para 9,5 em 2010 e diminuiu também o índice sintético de fecundidade[51] de 3,20 em 1960 para 1,37 em 2010 (PORDATA – fonte INE), número abaixo dos 2,1 apontados como o mínimo necessário para que haja renovação das gerações (Eurostat, 2010). Como não poderia deixar de ser, diminuiu a dimensão média das famílias de 3,3 pessoas, em 1983, para 2,7 em 2010. A idade média da mãe ao nascimento do primeiro filho diminui também consideravelmente. Se em 1970 a média rondava os 24 anos, em 2010 está próxima dos 29 anos de idade (INE). A forma como estas estatísticas são organizadas: número de filhos por mulher ou idade da mulher ao primeiro filho, são bem ilustrativas da forma como a parentalidade é culturalmente definida como algo que se associa sobretudo ao universo feminino, em detrimento do masculino.

Olhando com mais detalhe para o território nacional, são várias as diferenças que sobressaem. Segundo os Censos de 2011 a população divorciada está mais representada na zona sul e litoral do país, ao que se contrapõe a região norte com a proporção mais baixa de divorciados (4%). Ana Nunes de Almeida *et al.* (Nunes de Almeida, *et al.*, 1998) encontram padrões semelhantes, com o norte do país a destacar-se pela elevada percentagem de casamentos católicos, famílias de maior dimensão e proporção mais baixa de nascimentos fora do casamento.

As tendências acima descritas podem ser identificadas não apenas no plano

[50] Número de nados-vivos ocorrido durante um determinado período de tempo, normalmente um ano civil, referido à população média desse período (habitualmente expressa em número de nados-vivos por 1000 (10^3) habitantes). (metainformação – INE)

[51] Número médio de crianças vivas nascidas por mulher em idade fértil (dos 15 aos 49 anos de idade), admitindo que as mulheres estariam submetidas às taxas de fecundidade observadas no momento. Valor resultante da soma das taxas de fecundidade por idades, ano a ano ou grupos quinquenais, entre os 15 e os 49 anos, observadas num determinado período (habitualmente um ano civil). O número de 2,1 crianças por mulher é considerado o nível mínimo de substituição de gerações nos países mais desenvolvidos. (metainformação – INE)

nacional (apesar das matizes identificadas), como também na maior parte dos países ocidentais, em ritmos mais ou menos acelerados (Segalen, 1999). Se na altura em que Ana Nunes de Almeida *et al.* (*idem*) retrataram Portugal, o país se destacava, no contexto europeu, por uma modernização mais tímida, hoje a sua posição relativa alterou-se significativamente neste domínio.

Actualmente, face ao plano europeu, Portugal destaca-se pela descida da taxa de nupcialidade, sendo hoje uma das mais baixas do conjunto de países (Eurostat, 1999-2010). Se em países como a Suécia esse indicador, nas últimas décadas, tem vindo inclusivamente a aumentar, em Portugal tem-se comportado exactamente ao contrário, tendo-se mesmo invertido recentemente a posição relativa destes dois países. Em 1999, em Portugal, celebravam-se relativamente mais casamentos do que na Suécia (6,8 e 4,0 por 1000 habitantes, respectivamente), hoje o contrário acontece (3,8 e 5,3, respectivamente).

A taxa de divórcio teve também um crescimento avultado, com valores hoje próximos dos encontrados na Suécia ou Finlândia (Eurostat, 1999-2010). Outro indicador em que Portugal actualmente se destaca é o índice sintético de fertilidade, sendo em 2010 o segundo país a apresentar valores mais baixos, atrás da Letónia (Eurostat). O que não mudou: apesar do contínuo aumento, Portugal continua a destacar-se pela pouca expressão das uniões *informais* face a países como a Noruega e a Suécia, com valores próximos dos 40%, em 2002 (Torres, Mendes e Lapa, 2006: 118). A percentagem de pessoas a viver sós continua também uma das mais baixas da União Europeia. Em 2010 cerca de 18% dos agregados domésticos reportavam-se a pessoas a viver sós, quando a média da EU a 27 ronda os 30% (Eurostat).

Apesar de estes indicadores serem, em muitas análises, considerados variáveis-chave para medir a modernidade das relações conjugais, algumas reservas devem, no entanto, ser feitas. Por exemplo, Sofia Aboim ao analisar o crescimento das conjugalidades *informais* sublinha a heterogeneidade de situações que, no contexto português, sobre esse chapéu recaem. A autora chama a atenção para os casos que mais se explicam pelos constrangimentos económicos que impossibilitam a realização do casamento, do que pela opção provisória ou definitiva de afastamento face ao vínculo mais formal. Como Sofia Aboim refere, “encontramos também uma coabitação [conjugalidade não formalizada] mais popular e com vários filhos, muito provavelmente engendrada por condições de precariedade social e económica” (Aboim, 2006a: 83). Anália Torres, Rita Mendes e Tiago Lapa afirmam, ainda, que muitas vezes a

conjugalidade informal mais do que representar uma aversão à tradicional noção de casamento, consiste apenas numa etapa provisória que precede a cerimónia civil ou mesmo religiosa (2006: 120). No que diz respeito ao *viver só*, também Rosário Mauritti (2011) refere a multiplicidade de situações que este indicador encerra: de um lado podem colocar-se os adultos com elevado capital escolar cujo projecto identitário passa pela autonomia habitacional e, do outro lado, por exemplo, os viúvos pouco escolarizados que em muito se afastam das dinâmicas de reflexividade que conceitos como o de modernidade tardia encerram.

Num exercício análogo, podemos imaginar que a descida tão abrupta da taxa de nupcialidade e do índice sintético de fecundidade em Portugal possam, em parte, ser explicados por constrangimentos económicos e escassas políticas públicas no domínio da família e cuidados infantis que tornam a conjugalidade e a parentalidade uma opção menos democratizada. A difícil autonomia habitacional poderá ser um dos factores explicativos para a baixa taxa de nupcialidade. Essa dificuldade explica-se, em parte, pela precariedade laboral e remuneratória dos jovens adultos portugueses, pelo débil mercado de arrendamento, pelas recentes dificuldades na obtenção de crédito à habitação e, ainda, pela escassez ou ineficiência de políticas públicas nesta matéria (Nico, 2011). A noção de *living apart together* poderá neste contexto assumir outro sentido que não o de um maior desejo de autonomia entre cônjuges. Ou seja, denunciar adiamentos da saída de casa dos pais até que melhores condições se reúnam para que o casamento se possa realizar e a autonomia financeira manter.

No que diz respeito especificamente ao baixo índice sintético de fertilidade, indicador em que Portugal assume uma posição mais extremada, são vários os factores que se somam para explicar esta tendência. Portugal é um dos países da União Europeia onde as mulheres mais trabalham fora de casa, caracterizando-se, ao mesmo tempo, por níveis de divisão do trabalho doméstico mais deficientes. Ainda assim, sabe-se que não há uma relação linear entre a taxa de actividade feminina e o número de filhos, no sentido de um maior investimento no trabalho por oposição a um investimento familiar (Torres, Mendes e Lapa, 2006: 125). Como Agenese Vitali *et al.* (2009) argumentam, Portugal distingue-se exactamente pela elevada proporção de mulheres orientadas para a

família[52]. Por sua vez, os projectos de fecundidade das mulheres e dos homens mais comuns passam pelo desejo de ter dois filhos (Cunha, 2010: 272). Sabendo que o rendimento *per capita* é dos mais baixos da Europa e o nível de desigualdades internas dos mais elevados (Observatório das Desigualdades[53]), não é de estranhar que os problemas financeiros sejam uma das principais causas apontadas para não se realizar os projectos de fecundidade (Cunha, 2010: 275).

Do lado das políticas públicas, Anália Torres e colegas criaram uma tipologia que caracteriza exactamente alguns países tendo em conta o apoio institucional concedido aos pais com crianças menores a seu cargo. A tipologia abrange três diferentes categorias, sendo que Portugal se insere naquilo que os autores apelidam de "Estado providência deficitário" (Torres, *et al.,* 2005: 30). Se olharmos para a distribuição percentual das prestações sociais destinadas à família e crianças fica claro o pouco investimento que no nosso país é feito neste âmbito. Apenas 5,5% das prestações sociais em Portugal têm como alvo a família e as crianças, face a uma proporção de 8,3% na EU a 27 (Observatório das Desigualdades – fonte Eurostat, dados referentes a 2008). Apesar da carência, são reconhecidos os esforços para aumentar a rede pré-escolar, por exemplo (Wall, 2010).

Quanto à "licença parental" e pesem embora todas as alterações no sentido de uma maior partilha de responsabilidades entre os progenitores, Karin Wall acaba por concluir que "o sinal que a política de licenças tem dado às famílias desde 1995, e até às alterações introduzidas em 2009, assenta, por um lado, na valorização de um pai mais participativo mas que ainda é o provedor principal da família e, por outro lado, de uma mãe que trabalha sem deixar de ser, nos primeiros tempos de vida dos filhos, a principal cuidadora das crianças pequenas" (2010: 94). Dados sobre a solução de guarda das crianças ilustram exactamente este padrão: com filhos entre os zero e os dois anos de idade o mais comum é a criança ficar a cargo da mãe (30%), ou outro familiar (39%, dos quais sobretudo os avós), sendo que as respostas institucionais se ficam pelos 31% dos casos (Torres *et al.*, 2005: 92).

---

[52] No pólo inverso encontramos países como a Dinamarca, a Suécia e a Noruega onde a proporção de mulheres orientadas para a carreira profissional ascende proporções entre os 26% e os 38%, face aos 10% verificados em Portugal.

[53] http://observatorio-das-desigualdades.cies.iscte.pt/index.jsp?page=indicators&id=215&lang=pt (consultado a 21 de Fevereiro de 2012)

Tendo em conta as dinâmicas familiares internas, num plano geral advoga-se a passagem do modelo da *família instituição* mais instrumental, para o da *família fusão*, pautada por um crescente processo de *sentimentalização* das relações conjugais ou, ainda, para a *família associação*, mais individualista e mais paritária ao nível das relações de género (Torres, 2001, 2010; Aboim, 2004, 2006, 2006a). Como já foi referido o amor e a sexualidade passaram a funcionar como elementos centrais na avaliação da qualidade e para a duração das relações, num contexto de modernidade tardia em que a conjugalidade é encarada cada vez mais como fonte de satisfação pessoal e menos na sua vertente instrumental.

A crescente individualização pode assumir no domínio das relações amorosas configurações distintas. O projecto reflexivo do *self* pode passar por uma maior autonomia face à relação conjugal, ou integrar de forma mais *fusionista* o relacionamento amoroso, a intensidade afectiva na identidade pessoal. Nas palavras de Aboim "a identidade pessoal pode ser a da pertença ao casal, à família ou pode ser construída também em função de uma história pessoal e da inclusão noutros "círculos sociais". Os indivíduos podem estar mais ou menos divididos entre o eu e o nós, numa arquitectura que pode ser sobretudo de complementaridade … ou também de tensão e conflito" (2004: 3).

Num exercício de cariz qualitativo, Sofia Aboim (2004), com base em entrevistas a 22 mulheres, parte exactamente destes dois pólos, o "eu" e o "nós", para a construção de uma tipologia em que os indicadores-chave da análise são as orientações amorosas, a divisão do trabalho pago e não pago, a percepção individual da autonomia individual e a importância do trabalho, entre outros. O exercício esteve na origem de uma tipologia de seis modelos de conjugalidade que combinam de diferentes formas autonomia e orientação amorosa. Entre os modelos menos autónomos destacam-se os que a autora denominou de "aliança romântica" e de "companheirismo apaixonado", mais associados a mulheres católicas e de classes baixas. Aqui as desigualdades de género são mais acentuadas (menos no segundo tipo), o discurso da autonomia face ao casal é inexistente e a orientação amorosa *ultra-romântica*. Como vimos atrás, amor romântico e desigualdades de género podem muito bem andar de mãos dadas. No extremo oposto a autora coloca conjugalidades de tipo *associativo,* caracterizadas pela diversidade de sentimentos amorosos ou aquilo que a autora baptizou de *amor de alternância*. Neste tipo de casais a autonomia pessoal e a realização profissional ganham um maior peso, sendo que a própria intimidade se baseia na independência, na negociação e gestão dos interesses pessoais. Este tipo de conjugalidades está mais representado entre o grupo

das mulheres mais escolarizadas.

Sofia Aboim (2010b), anos mais tarde, repete o exercício mas desta vez a partir de entrevistas a homens, no âmbito de um projecto centrado nas masculinidades e, por isso, de certa forma pioneiro na sociologia nacional. Da análise de 37 entrevistados a viver em casal e com filhos chegou a uma tipologia de oito distintos modelos de masculinidade. As variáveis observadas contemplavam a divisão do trabalho pago e não pago (incontornáveis neste tipo de análise), os modos de interacção conjugal em domínios como o lazer e as orientações normativas face à conjugalidade. A tipologia criada tem paralelo com a anterior na medida em que se podem distinguir modelos de conjugalidade mais e menos igualitários como o tipo "igualdade e individualização: um casal associativo forte" ou o tipo "aliança de género: prover sem chefiar", respectivamente (*idem*).

A novidade deste estudo passa pela identificação de dois tipos que não têm ressonância nos resultados encontrados a partir dos discursos femininos e que Sofia Aboim enquadra numa dinâmica relacional que denomina de "desfamilialização da masculinidade". Estes modelos remetem para homens cuja integração conjugal e familiar é vivida como problemática e a identidade pessoal se faz mais à custa do espaço das sociabilidades ou do trabalho. Nalguns casos a entrada na vida conjugal é mesmo lembrada como um momento de difícil adaptação. Como possíveis factores para este desajustamento identificam-se as situações de desemprego masculino, a existência de problemas conjugais como a falta de sentimento amoroso, a dificuldade em encontrar "o lugar do homem" na família, devido às intensas mudanças nos regimes de género familiares, com as quais não se sabe lidar. A título de exemplo fica aqui a referência a um destes entrevistados: "Para Henrique, as mudanças operadas na vida familiar e no papel das mulheres, mais activas e exigentes, deixa os homens a braços com desafios muito difíceis, para ele praticamente irresolúveis. Daí a sua fuga de um maior envolvimento na vida conjugal e familiar. Sem o suporte normativo dos modelos do passado, hoje incapazes de oferecer aos homens um guião de comportamento adequado enquanto maridos e pais" (Aboim, 2010b: 214).

No geral, Aboim acaba por concluir que face ao declínio do modelo tradicional do homem ganha-pão, autoritário, têm surgido vários modelos alternativos que se constroem a partir de referências ao passado tradicional de dominação masculina e a um futuro mais igualitário. De qualquer forma, a família permanece na maior parte dos casos como um elemento central das vidas dos homens, estando a masculinidade imbricada com o desempenho de papéis de cônjuge e pai. Um desafio comum é o da entrada na vida

quotidiana da família de uma forma mais intensa e diferente da do passado, num cenário em que, apesar das mudanças, se sabe que os investimentos dos homens e das mulheres continuam a este nível distantes. Outra resistência à mudança e à anunciada aproximação entre os papéis de género revela-se na permanência de fortes associações entre a noção de feminino e maternidade (Aboim, 2010b: 217).

Modelos parentais diversificados: pais menos autoritários e mais afectivos

Mais recentemente têm avultado os estudos que se debruçam sobre a parentalidade, especialmente sobre a relação pai e filhos (nomeadamente em caso de divórcio e também relação padrastos e enteados, cf. Lobo, 1996; Marinho, 2010 ou Atalaia, 2010), o que por si só constitui um bom indicador das amplas transformações que têm ocorrido neste domínio, bem como da sua importância na redefinição das relações familiares e identidades de género (Xiao, 2000; Craig, 2006; Mendes, 2007; Wall e Arnold, 2007; Guerreiro, Caetano e Rodrigues, 2008; Maciel e Marques, 2008a; Cunha, 2010). O interesse na temática não é apenas académico, mas também político e social, no sentido mais lato do termo. Assume visibilidade uma crescente preocupação pública com o "pai ausente" num cenário de aumento das rupturas conjugais (Wall, Aboim e Marinho, 2010), as políticas públicas nacionais enquadram, hoje, legalmente a possibilidade de uma participação mais efectiva dos homens nos cuidados infantis (Wall, 2010) e as mensagens que reivindicam um maior envolvimento masculino na esfera doméstica multiplicam-se.

Sofia Aboim (2007) e Vanessa Cunha (2010) apresentam alguns dados que contrariam a ideia do senso comum de que os filhos são mais desejados ou mais importantes para as mulheres. A partir do Inquérito à Fecundidade e Família de 2001, Vanessa Cunha conclui que existe uma sobreposição mais vincada entre conjugalidade e parentalidade entre os homens do que entre as mulheres, denunciando uma ordem simbólica masculina onde a descendência assume uma grande importância. Eles mais do que elas concordaram com afirmações como "Um casal deveria ter pelo menos um filho" e "Ter crianças fortalece a relação do casal" (Cunha, 2010: 273).

Sofia Aboim chega a conclusões idênticas, afirmando que os homens têm atitudes mais modernistas em relação ao casamento e à divisão do trabalho doméstico (ainda que saibamos que as práticas sejam bastante dissonantes dos discursos) e mais conservadores ao nível da parentalidade, revelando mesmo um "forte centramento identitário nos filhos" (Aboim, 2007: 41). Isto não quer dizer, uma vez mais, que não sejam

sobretudo as mulheres a ver as suas carreiras profissionais penalizadas com a chegada dos filhos, ou que o grosso dos cuidados infantis não recaia sobretudo sobre elas. Estes resultados simplesmente sublinham a importância simbólica de ter filhos na construção das identidades de género masculinas. Ser-se homem passa então, muitas vezes, por ser-se pai. Pode, no entanto, ser-se pai de formas muito diferentes: mais ou menos presente, mais ou menos afectuoso.

Vamos agora olhar para os pais portugueses através das representações dos seus filhos, a partir dos resultados de um estudo desenvolvido por Maria das Dores Guerreiro, Ana Caetano e Eduardo Rodrigues (2008) com base em composições elaboradas por crianças portuguesas sobre a forma como estas vêm e interagem com os seus pais (792 textos escritos de alunos entre os 11 e os 14 anos). A metodologia é desde já original e os resultados reveladores de uma multiplicidade de representações sociais. Estas representações vêm reflectir quer a própria dinâmica familiar em que estas crianças estão inseridas, quer outros modelos com os quais vão contactando a partir de diferentes esferas: família alargada, grupo de pares e *media*, por exemplo.

Alguns dos discursos analisados pelos autores remetem para representações mais extremadas. De um lado, relações de género mais tradicionais em que pai e mãe surgem associados a papéis substancialmente diferentes. O pai é representado como provedor (ainda que a mãe também desempenhe um trabalho pago) e mais ausente dos cuidados e dinâmicas parentais. Do outro lado, um modelo em que pai e mãe são apresentados como equivalentes, assumindo ambos, por contraponto ao modelo anterior, um papel mais activo na esfera privada e um relacionamento mais emocional com os filhos. Ainda assim, os autores não deixam de referir como este modelo constitui, nos dias de hoje, como um "ideal normativo", um discurso socialmente/politicamente correcto, por vezes distante das realidades quotidianas destas crianças. Entre estes dois extremos surgem representações de "modelos plurais de paternidade" (Guerreiro, Caetano e Rodrigues, 2008: 9). O retrato conseguido remete para um cenário de mudança onde os actores se apresentam muitas vezes com uma clara consciência do processo de transformação no qual estão envolvidos e onde a ideologia dominante aponta a necessidade de uma maior envolvência dos pais nas questões da vida privada familiar.

Importa ainda referir, para que o retrato se torne mais rico e complexo, duas outras investigações cujos discursos dos próprios pais estiveram sob análise. Uma delas sob a mão de Rita Mendes (2007) e outro projecto a partir do qual Karin Wall, Sofia Aboim e Sofia Marinho (2010) e Vanessa Cunha (2010) exploram a vivência da parentalidade no

masculino, bem como a gestão conjugal da relação entre esfera profissional e esfera privada.

Rita Mendes (2007) parte de entrevistas a 30 jovens pais, entre os 20 e os 35 anos, a residir em contexto urbano, para identificar algumas tendências mais gerais, mas também especificidades associadas sobretudo à inserção profissional e ao nível de escolaridade dos entrevistados. Entre as tendências gerais destaca-se o sentimento de responsabilidade dos pais em relação aos filhos. Nalguns casos esse sentimento traduz-se num maior investimento profissional para melhor dar conta das necessidades económicas da família ou, noutros casos, no desinvestimento no trabalho de forma a libertar tempo para a família (estratégia mais recorrente entre as famílias com maior capital económico, onde essas opções podem ser equacionadas). No que diz respeito à divisão das tarefas domésticas, entre os entrevistados que assumem algum do trabalho doméstico, os cuidados aos filhos apareceram sempre entre as tarefas eleitas (ainda que muitas vezes se possa, neste âmbito, desenhar também uma divisão de género por tipo de tarefa). Na interacção com outras instituições onde as crianças circulam (escolas, hospitais, etc.) muitos foram os entrevistados que denunciaram a forma como nestes meios o interlocutor privilegiado e procurado pelos profissionais continua a ser a mulher. Ou seja, nos casos em que ambos se deslocavam ao hospital, por exemplo, o pai tendia a ser ignorado pelo médico, o que é bem revelador de preconceitos como o de que as mulheres cuidam e percebem melhor os filhos. O “pai perfeito” foi comummente descrito pelos entrevistados como alguém que deve estar sempre presente, revelando a importância que é dada à proximidade entre pai e filhos.

Rita Mendes (2007) ensaiou ainda uma tipologia de modelos de paternidade na origem de três distintos perfis que a autora de forma original baptizou de “pai formiga”, “pai galinha” e “pai galo”. O primeiro perfil está associado a homens com escassez de recursos quer escolares, quer profissionais, relações conjugais em que as tarefas domésticas e cuidados aos filhos não são muito partilhados, ainda que estes sejam equacionados como “o centro da vida”. No extremo oposto o “pai galinha” surge associado a classes mais favorecidas, dinâmicas de género mais igualitárias e forte envolvimento nos cuidados infantis, inclusive na relação com as instituições escolares e de saúde. O “pai galo” em termos de práticas e representações de género resvala para um modelo mais tradicional em que a mulher aparece naturalmente mais associada à esfera parental.

Igualmente a partir de um estudo de cariz qualitativo, baseado em entrevistas a pais

a viver uma primeira conjugalidade, Vanessa Cunha (2010) explora dimensões diferentes das analisadas no estudo anterior. São elas os projectos de paternidade pré e pós conjugalidade, o processo de negociação da fecundidade conjugal, o papel dos homens na construção da fecundidade (nomeadamente através de uma postura mais ou menos activa em relação à contracepção) e o envolvimento na gravidez e no parto. A autora acaba por verificar que, já na juventude, a maioria dos entrevistados tinha planos para ter filhos, muitos tinham também um papel activo na negociação da fecundidade, mantendo-se, no entanto, o controlo da natalidade geralmente através dos contraceptivos femininos. Quanto ao envolvimento dos homens durante a gravidez e o parto, Cunha encontrou diferentes posturas, variáveis entre o alheamento e o envolvimento sentido como pleno. Os homens mais escolarizados, apesar de darem mais provas do seu envolvimento no processo, foram os que mais sentiram que a sua experiência a este nível é limitada. De resto, regra geral a maiores qualificações escolares e recursos económicos associa-se uma maior paridade ao nível do investimento e tomada de decisões na área da fecundidade, gravidez e parto.

Vanessa da Cunha (2010) começa por criticar as análises que se centram apenas na dimensão parental, deixando de fora o domínio da relação conjugal, para depois desenvolver um trabalho que conjuga exactamente a dimensão parental com o funcionamento familiar. As 24 entrevistas a homens com filhos e a viver em casal permitiram à autora concluir que o tipo de relação conjugal estabelecida é uma variável importante na forma como os homens se envolvem na esfera parental e dos cuidados às crianças. Parte para a análise baseando-se na tipologia de Jean Kellerhals, Eric Widmer e René Levy (2004), que identifica quatro perfis de casais (Cunha, 2010: 314). No pólo mais modernista situam-se os casais "associativos" caracterizados por uma maior igualdade de género, maior autonomia individual face ao casal e elevada abertura ao exterior, e os casais "companheiristas" distintos dos anteriores pelo centramento afectivo e menor autonomia individual. No pólo mais tradicional encontram-se os casais "bastião" e "paralelos" com níveis de diferenciação de género mais elevados e fechamento ao exterior. Os primeiros diferenciam-se pela dinâmica fusional, ou seja, pelo centramento no casal, e os segundos pela autonomia individual (ainda que baseada em dinâmicas de género mais tradicionais e desiguais).

Ao articular os diferentes perfis de família com os modelos parentais, a autora (*idem*) acaba por constatar, no pólo tradicional, uma forte associação entre orientações familiares mais fusionais e vivências da parentalidade mais partilhadas. No pólo

modernista destacam-se as famílias mais individualistas, no seio das quais a parentalidade pode ser partilhada de forma mais efectiva, mas onde a autora identifica também modelos parentais em que as crianças ficam a cargo sobretudo de um dos cônjuges (o homem ou a mulher), regra geral, para que o outro possa investir na carreira. Foram identificados dois perfis em que os homens assumem a maior parte dos cuidados às crianças: a paternidade "apropriativa", em que os homens desejam assumir o controlo da esfera parental, apesar de simultaneamente investirem na carreira; e a paternidade "a tempo inteiro", que resulta da instabilidade profissional masculina e remete os homens para o domínio do doméstico. No geral, o *stress* associado à conciliação entre o papel de pai e o papel de provedor fez-se sentir entre os homens entrevistados, mas foi especialmente evidente entre os que tentam empenhar-se em ambas as esferas e corresponder à ideologia dominante que pressiona os homens para serem mais activos na esfera parental. Ainda assim, estes homens tendem a sentir-se mais confortáveis no seu papel de homens contemporâneos (Cunha, 2010: 331).

Efectivamente, se a entrada das mulheres no mercado de trabalho não tem sido acompanhada em intensidade pela entrada dos homens na esfera privada, este será um dos domínios em que eles mais têm vindo a envolver-se e mesmo reivindicar poder de acção, ainda que globalmente as mulheres continuem a surgir nos retratos como as cuidadoras por excelência (Perista, 2002; Torres *et. al.*, 2005; Craig, 2006). O sentido da mudança aponta exactamente para um maior envolvimento afectivo por parte dos pais e uma maior partilha das responsabilidades associadas aos cuidados parentais e, portanto, anuncia o declínio do modelo do pai autoritário, ausente e pouco afectuoso característico das sociedades mais tradicionais. As mudanças são lentas, não ocorrem em todos os contextos com a mesma intensidade e, nos entretantos, como em vários das temáticas analisadas, velhos e renovados modelos parentais podem ser identificados simultaneamente.

2.3 Regimes corporais: homens vítimas da sua própria masculinidade?

Estética masculina e práticas desportivas genderizadas

O corpo constitui, nas sociedades ocidentais contemporâneas, um elemento fundamental da individualidade e expressão das identidades, uma marca de singularidade que emite sinais sobre o modo de estar no mundo e as convicções pessoais (Giddens, 1994, 1996;

Le Breton, 2008 [1990]). A modernidade trouxe consigo a responsabilidade de gerir o corpo enquanto algo que se *tem*, para mostrar o que se *é* ou o que se pretende ser (Ferreira, 2008). Nesse sentido, desde a alimentação, ao vestuário, ao desporto, à saúde, etc., os indivíduos são solicitados a tomar uma série de decisões de base diária, em termos de consumos, de entre um leque de escolhas possíveis cada vez mais amplo.

As possibilidades que se abrem a cada indivíduo não são, no entanto, ilimitadas ou iguais para todos, continuando a pertença de classe ou género a moldar, até certo ponto, o modo como se age sobre e através do corpo, ao contrário do que alguns autores pós-modernos anunciam. O próprio corpo de partida, na sua morfologia, fisiologia, capacidades físicas e potencialidades sensoriais, surge como um elemento que restringe, possibilita ou desencadeia determinadas escolhas (Ferreira, 2013). Nem tudo está, portanto, em aberto, ainda que hoje os indivíduos convivam diariamente com a necessidade de fazer escolhas, o que se traduz num clima de incerteza generalizado, pouco comum nas sociedades tradicionais (Giddens, 2000; Beck, Giddens e Lash, 2000; Beck e Beck-Gernsheim, 2002). Desse modo, a liberdade não pode ser equacionada senão como uma ilusão moderna, cuja contra-face são a responsabilidade individual e o auto-controlo (Foucault, 1992, 1999), devidamente enquadrados num processo civilizacional amplo de refinamento dos corpos, que Norbert Elias (2006 [1989]) há muito identificou, e de privatização do corpo (Ferreira, 2011).

No que diz respeito, especificamente, às formas de corporalização dos géneros, importa aqui dar conta dos padrões e tendências de mudança em termos dos quadros simbólicos e normativos que emergem a partir das corporeidades modais, das técnicas do corpo característicos dos homens e das mulheres de cada tempo/lugar (Mauss, 2009 [1936]). Este olhar sociológico sobre o corpo masculino pode e deve partir de vários ângulos. Pode analisar-se a evolução dos modos de produção corporal, nomeadamente do consumo de produtos e serviços de saúde, estética e bem-estar, entre eles os cosméticos e o ginásio. Pode, igualmente, explorar-se o mapa das representações sociais acerca dos ideais de beleza e traços físicos simbolizadores de masculinidade. Pode, ainda, olhar-se para as representações dos corpos masculinos que emergem nos vários suportes visuais, que hoje inundam os olhos dos leitores e transeuntes (Rodrigues, 2008). Se são vários os indícios que apontam para uma desfragmentação do dualismo masculino/feminino (Giddens, 1994, 1996), também é verdade que estes indícios coexistem com lógicas de reprodução social, conhecendo muitas vezes a realidade pontos de inversão.

No que diz respeito à evolução do mercado de bens de consumo, de alguma forma indicativa dos modos de produção corporal, refira-se a crescente e cada vez mais diversificada oferta de produtos e serviços destinados aos cuidados e modificação do corpo que têm nos homens o seu alvo preferencial, bem como a inclusão de produtos de higiene e beleza masculinos nos canais de grande distribuição (Giddens, 1994, 1996; Fortuna, 2000; Le Breton, 2008 [1990]). Deste modo, produtos como o desodorizante, o creme hidratante, o bálsamo para o pós-barba e o perfume parecem hoje ter entrado nas rotinas diárias dos cuidados que muitos homens, de diferentes classes sociais, têm com os seus corpos. Igualmente recente é o surgimento, em vários segmentos de mercado, de produtos unissexo (roupas, perfumes, etc.) ou a criação de espaços comerciais com ambientes mais andróginos que visam atrair mulheres mas, simultaneamente, homens (Fortuna, 2000).

Os espaços urbanos contemporâneos distinguem-se pela concentração de centros e clínicas de estética, de *health-clubs* e ginásios, de cabeleireiros e lojas de produtos cosméticos, de lojas de roupa e acessórios, alguns destinados em exclusivo a um público masculino. A oferta é, hoje, grande e diversificada, servindo segmentos que se diferenciam pelo poder económico, pela pertença a uma sub-cultura ou pela adesão a determinado estilo de vida. A nível do vestuário, por exemplo, identificam-se lojas especializadas em roupa mais formal, mais clássica, mais desportiva, mais jovem, mais extravagante, etc.; já a nível dos cabeleireiros, estes distinguem-se entre aqueles mais tradicionais (barbearias e cabeleireiros de homens) e os que se diferenciam pelos cortes e serviços menos convencionais, como as massagens. Cabe ao consumir escolher, dentro das suas possibilidades económicas e de acordo com o seu gosto.

A proliferação deste tipo de produtos e serviços é bem indicativo de como os modos de produção corporal se estão a refinar e intensificar, deixando fora da intervenção humana cada vez menos partes do corpo (Elias, 2006 [1989]). Um exemplo é a crescente adesão dos homens, que não os desportistas de alta competição, à prática da depilação, um cuidado outrora associado exclusivamente às mulheres (Le Breton, 2008 [1990]), o que fez disparar o aumento de centros especializados na matéria em Portugal, afirma a directora do Instituto de Informação em Franchising[54]. Perfumar, hidratar e depilar são gestos cada vez mais comuns entre os homens portugueses, o que é diferente de afirmar

[54] Fonte: http://expresso.sapo.pt/corrida-a-depilacao=f601931 (consultado a 23 de Fevereiro de 2013)

que se generalizaram.

Por sua vez, o tipo de tecnologia corporal hoje disponível é revelador do maior alcance das transformações corporais possíveis, permitindo estas, nalguns casos, mudanças de carácter permanente ou mesmo irreversível. Cirurgia estética, tatuagens, *piercings*, transplantes capilares, implantes dentários, solário, *peeling* químico, esteróides, etc., estão disponíveis para um número cada vez maior de consumidores, facto associado aos desenvolvimentos tecnológicos que têm permitido baixar o preço e facilitado a comercialização deste tipo de produtos e serviços.

São indicadores deste tipo que levam Mica Nava (1992) a afirmar que o consumo de roupa e o auto-adornamento, em particular, são, desde a época do pós-guerra, práticas menos *genderizadas*. Por sua vez, Carlos Fortuna reconhece a "gradual implicação dos consumidores masculinos no consumo em geral, e mais especificamente, no consumo de bens e serviços relacionados com a estética e o bem-estar. (…) Verifica-se, assim, um crescimento na utilização por parte dos homens de produtos de beleza e tratamento, o surgimento de novos produtos 'cosmetizados' e de serviços de estética específicos com ambientes e decorações 'masculinizadas'" (Fortuna, 2000: 128).

A tendência de maior consumo e a adesão aos novos serviços e produtos não se faz, no entanto, sentir da mesma maneira em todos os contextos e estratos sociais. Uma análise baseada nos resultados do "Inquérito aos Orçamentos Familiares", levado a cabo pelo Instituto Nacional de Estatística (INE, 2000), indica que o nível de consumos estéticos e com a imagem pessoal é maior entre os indivíduos pertencentes às classes mais elevadas e com mais habilitações literárias (Martins, Mauritti e Firmino da Costa, 2004).

Pese embora as mudanças anunciadas, são vários os autores que dão conta de como os modos de produção corporal são constrangidos de modo profundo pelo género. Por exemplo, Catarina Delaunay, a partir de um estudo levado a cabo na área metropolitana de Lisboa que incidiu sobre casais de classe média[55], veio revelar um padrão de consumos ainda bastante *genderizado*, bem como representações sociais dominantes em que "as mulheres são apresentadas como hedonísticas, irresponsáveis e consumistas, enquanto os homens encaram o comprar como um mero acto necessário e utilitário" (2001: 209).

[55] Pequena burguesia independente e proprietária e pequena burguesia técnica e de enquadramento.

Refira-se igualmente o trabalho de Rosalind Gill, Karen Henwood e Carl Maclean, com base em 140 entrevistas a homens britânicos, acerca dos sentidos atribuídos às suas práticas de produção corporal. Atestando a importância do corpo na construção das identidades, os autores sublinham a ideia de que "os homens entrevistados falaram menos sobre músculos e pele do que sobre a posição pessoal em universos sociais, culturais e morais particulares" (2005: 2). Os autores mostram-se surpreendidos pelo contraste entre a heterogeneidade sociodemográfica que caracteriza a sua amostra e a homogeneidade dos discursos encontrados. Entre as forças que concorrem para este efeito homogeneizador refira-se o enraizamento do valor da individualidade que caracteriza as sociedades modernas, que contrasta e convive com uma visão dicotomizada na forma como homens e mulheres devem cuidar dos seus corpos.

Entre os reportórios discursivos mais recorrentes, Rosalind Gill, Karen Henwood e Carl Maclean (2005) destacam três: a exaltação do individualismo e o desejo de "ser diferente"; o desejo de se ser visto como independente e alguém que possui total domínio sobre o seu corpo; bem como a rejeição da vaidade, através da exaltação dos fins instrumentais das suas práticas (saúde, bem-estar…), por oposição aos fins puramente estéticos. Se os primeiros se associam à ideia do individuo único, idiossincrático e livre, o último é revelador de como a vaidade e a estética continuam a ser percepcionados como algo feminino. Neste sentido, os homens aparecem encurralados num paradoxo: à medida que aumenta o sentimento de auto-responsabilização pelo *design* corporal individual e a pressão social para gerir a sua aparência, característicos dos contextos de modernidade tardia, os homens continuam reféns de um imaginário social no âmbito do qual que se associam cuidados com o corpo e feminilidade. Por isso, os homens "simultaneamente trabalham para disciplinar os seus corpos" e "negam qualquer interesse (desapropriado) pela sua aparência", referem os autores (Gill, Henwood e Maclean, 2005: 2).

Também Pascal Duret e Peggy Roussel (2005) se debruçam sobre estas questões e argumentam que as sociedades modernas contemporâneas se caracterizam mais pela diversidade de modelos masculinos e coexistência de imagens contraditórias, do que por uma tendência linear de mudança na forma como os homens cuidam dos seus corpos. Para ilustrar esta ideia os autores usam o exemplo, por um lado, dos mediáticos Michael Jackson e Leonardo Di Caprio e, por outro lado, fazem referência a Bruce Willis e Eric Cantona. Se os primeiros se distinguem pela imagem andrógina, os segundos caracterizam-se pela robustez física e volume muscular. Também Umberto Eco (2004,

2007), a propósito da definição do que é belo e feio, vem argumentar que a sociedade pós século XX se caracteriza pela "orgia da tolerância, diante do sincretismo total, do absoluto e imparável politeísmo da Beleza" (2004: 428), não sendo possível como noutras épocas identificar um e só um modelo de beleza dominante.

Argumentar a favor da multiplicidade de corporeidades de referência é diferente de afirmar que não existem modelos dominantes a partir dos quais se define aquilo que é mais ou menos valorizado em determinado contexto cultural. Pascal Duret (Duret e Roussel, 2005), com base num inquérito levado a cabo junto de cerca de 1500 jovens franceses, vem, exactamente, debruçar-se sobre esta questão. A ideia era identificar os traços físicos que os jovens consideravam símbolos de virilidade. Os rapazes foram mais unânimes que as raparigas nas respostas, elegendo o músculo, a massa e a força como os atributos definidores de virilidade. Para elas, para além os traços físicos, também características de carácter foram apontadas como símbolos de virilidade. De qualquer modo, imagens mais andróginas como a de Michael Jackson não emergiram, portanto, de forma expressiva nas representações destes jovens. Este estudo suscita uma reflexão interessante, pois permite verificar como, mesmo nos contextos culturais em que o trabalho manual tem cada vez menos expressão e é, regra geral, socialmente menos valorizado, alguns atributos físicos continuam a ser equacionados como centrais na definição das masculinidades.

Ao introduzir a classe social na análise, Pascal Duret apresenta-nos um retrato mais complexo, na medida em que nos contextos mais populares, o músculo tido como símbolo de virilidade é o músculo instrumental, útil, por oposição ao músculo ostentatório e fútil. De igual modo, ainda que o músculo e a força dominem as representações daquilo que é ser viril, "os jovens de meios mais favorecidos encontram outros terrenos de expressão da sua virilidade, que não o afrontamento físico privilegiado no seio dos grupos populares" (Duret e Roussel, 2005: 81).

O trabalho de Sarah Grogan e Helen Richards (2002) também traz alguma luz sobre os modelos corporais dominantes. As autoras analisaram o nível de satisfação com a imagem corporal e as representações dos corpos masculinos ideais, através de grupos de discussão realizados com crianças e jovens adultos britânicos, onde se abordaram assuntos como o peso, a aparência e a alimentação. A maior parte das crianças/jovens acabaram por revelar alguma contradição nos discursos, na medida em que associam a sua auto-estima à satisfação com a imagem corporal, ao mesmo tempo que afirmavam não ter preocupações com a sua aparência. Ter preocupação com a aparência surge,

mais uma vez, associado ao universo feminino. Ainda assim, a maior parte afirmou desejar ser mais magro ou mais musculado do que é. Ou seja, evidenciam-se simultaneamente as preocupações estéticas que os homens têm com os seus corpos e alguma resistência em representar o corpo masculino como objecto de interesse estético.

Em termos das representações dos corpos ideias, Sarah Grogan e Helen Richards (2002) identificaram dois traços dominantes: magro e musculado, mas não demais. De uma forma transversal os entrevistados transmitiram a ideia de que um corpo com músculos muito evidenciados é indicativo de alguma obsessão com a aparência corporal, fazendo com que a imagem hiper-musculado extravase a esfera daquilo que é aceitável um homem fazer com o seu corpo. Globalmente a obesidade foi associada a fraqueza e falta de controlo, e, ao contrário, corpos musculados e tonificados foram apontados como promotores de auto-confiança dentro das relações sociais e, portanto, ilustrações dos corpos ideais e desejáveis.

Estes trabalhos são, portanto, unânimes ao afirmar que entre as corporeidades masculinas dominantes, o músculo e a resistência física sobressaem como elementos centrais, pese embora as mudanças que se possam identificar a nível da sexualização e *androginização* do corpo masculino (Le Breton: 2008 [1990]: 237). A centralidade destes ingredientes na definição das masculinidades associa-se a uma relação mais estreita entre os homens e a prática do exercício físico. Segundo Marivoet, o desporto moderno constitui "um espaço ímpar de reprodução da cultura tradicional masculina", onde os homens são chamados a dar provas da sua masculinidade, através da materialização do referencial simbólico da superioridade masculina na força e proezas físicas exibidas (2002: 425)[56].

No entanto, como apontam Pascal Duret e Peggy Roussel (2005), nem toda a prática desportiva é iminentemente masculina. Entre os desportos que tradicionalmente se associam à expressão e construção das masculinidades destaca-se o boxe e o *rabgy*, os quais contrastam com a dança e os desportos no gelo, práticas definidas e definidoras de feminilidade. Já o ténis, por exemplo, é considerado um desporto neutro do ponto de vista do género, defendem os autores.

Luísa Ferreira da Silva, na sua investigação sobre as lógicas do saudável no quotidiano, verifica que enquanto as mulheres tendencialmente justificam a prática do

[56] Efectivamente, os homens praticam mais actividade física que as mulheres (Marivoet, 2000, 2002). Em Portugal, por exemplo, verifica-se ainda que estão mais representados nos desportos federados (PORDATA, 2011 – fonte IDP/IPDJ)

exercício físico com motivos de ordem estética, muitas vezes associados à vontade de perder peso, os homens apontam o desejo de aumentar a resistência física (2008: 112). Deste modo, tendo em conta as características físicas de partida, é indesmentível que o trabalho de encarnação dos géneros passa pelo exponenciamento das diferenças anatómicas entre homens e mulheres (eles procuram mais resistência e elas menos volume), bem como pelo encobrimento das semelhanças que existem entre os seus corpos (Connell, 1987, 1995, 2002; Bourdieu, 1999). As diferenças apontadas por Luísa Ferreira da Silva, para além de reflectirem a resistência de corporeidades masculinas mais tradicionais, revelam igualmente a tendência dos homens em não reconhecer as suas preocupações puramente estéticas.

Entre os trabalhos que melhor problematizam e desconstroem as diferenças entre os corpos masculinos e femininos, destaca-se a investigação de Kirsten Bell e Darlene MacNaughton (2007). A partir de um estudo sobre a construção social da obesidade masculina e feminina, as autoras vêm desmistificar a amplitude das diferenças que muitas pesquisas se apontam em relação à adesão à prática de exercício ou dieta por parte de homens e mulheres. Kirsten Bell e Darlene MacNaughton (2007) argumentam que as preocupações com o corpo e o peso não são um exclusivo das mulheres e as pressões associadas aos ideais corporais socialmente prescritos são transversais aos géneros[57].

Redireccionando o olhar para a construção social da obesidade masculina, as autoras revelam a tendência para a associação entre obesidade e aproximação ao universo feminino (através da encarnação de formas mais arredondadas, que, por exemplo, podem lembrar os seios femininos); para a associação entre o aumento de peso e a falta de controlo sobre o apetite, ou seja, a incapacidade de auto-controlo sobre os impulsos; a associação entre peso e impotência sexual (analogia entre o abdómen mais proeminente e gravidez), etc.. Para além deste padrão mais geral, Kirsten Bell e Darlene MacNaughton não deixaram de fazer referência a contextos/grupos culturais específicos em que um corpo obeso, pelo contrário, é tido como símbolo de riqueza, poder, força, ou seja, muito masculino (exemplo da cultura *rap*), lembrando a necessidade de problematizar a diversidade de masculinidades que emerge quando se incorporam variáveis como a classe social ou a origem étnica, nas análises.

Centremo-nos agora em estudos que se debruçam sobre práticas e técnicas de

[57] As autoras criticam, inclusive, a escola feminista por, para além de tornarem visíveis as pressões corporais que as mulheres experienciam, contribuírem, activamente, para a ideia de que a feminilidade contemporânea se constrói a partir do medo em relação à gordura/obesidade.

produção corporal tradicionalmente equacionadas como femininas. A cirurgia plástica, tal como algumas das práticas que caracterizam os cuidados corporais dos homens entrevistados no âmbito deste projecto de investigação (depilação, manicura, pedicura, etc.), é uma dessas técnicas (Gilman, 2001). Dados norte-americanos, referentes a 1996[58], confirmam o senso comum, revelando que 89% das cirurgias plásticas realizadas nesse país foram efectuadas por mulheres. Mas o género não é apenas determinante na expressão da adesão a este tipo de intervenção cirúrgica, mas também ao nível do tipo de modificação corporal. Os dados que Sander Gilman recolheu são bem evidentes a este respeito. Se as mulheres recorrerem sobretudo ao implante mamário[59], os homens optam antes pela sua redução, bem como pelo implante capilar (2001: 35). Ora se os seios mais proeminentes são tidos como símbolos de feminilidade, nomeadamente pelo papel que desempenham na amamentação ou como elementos de sedução, já os cabelos, ou melhor a sua escassez, pode ser entendida como indicador de envelhecimento, perda de virilidade.

Em relação a este tipo de modificação corporal mais profunda, Kathy Davis (2002), em *`A Dubious Equality': Men, Women and Cosmetic Surgery*, vem afirmar que a cirurgia estética não pode melhorar a masculinidade para os homens da mesma forma que melhora a feminilidade para as mulheres, pois o próprio acto cirúrgico significa uma transgressão simbólica das regras dominantes da masculinidade. Segundo esta autora, as técnicas e procedimentos cirúrgicos para embelezar o corpo podem parecer neutrais em termos de género, mas as experiências pessoais de incorporação, bem como o seu envolvimento com a cirurgia estética, estão profundamente relacionadas com a identidade de género.

No plano dos *media* e publicidade, se a exploração do corpo feminino não é novidade, o mesmo não é verdade em relação ao corpo dos homens. São recentes a exposição mediática e muitas vezes erotizada do corpo do homem, bem como os

[58] Na ausência de dados nacionais e internacionais oficiais mais recentes optou-se por fazer referência aos de Gilman, ainda que estes reportem à última década do século XX.

[59] Como Gilman (2001) demonstra, a cirurgia estética ao peito mais comum entre as mulheres norte-americanas do séc. XIX era igualmente aquela que visava a redução mamária, isto tendo por referência um quadro simbólico no âmbito do qual se associavam seios mais proeminentes e pendentes a contextos sociais culturais distantes, considerados exóticos ou mesmo primitivos. Deste modo, para além de o corpo ser equacionado como símbolo de feminilidade ou masculinidade, outras categorias sociais se expressam a partir das suas características.

investimentos publicitários que visam a imposição de uma imagem menos naturalizada aos potenciais consumidores. Contudo, as imagens corporais e as masculinidades que elas representam são diversificadas, convivendo lado a lado anúncios que apelam ao regresso a elementos mais tradicionais e outras que os desafiam.

O trabalho de Berit Brandth e Marit Haugen (2005) é, a este nível enriquecedor, na medida em que, a partir de uma revista sobre o espaço e a actividade florestal, vem dar conta das mudanças observadas na forma como o corpo e as masculinidades são representadas num contexto rural na Noruega. Se na década de 70 do século XX o corpo era entendido numa perspectiva instrumental, enquanto ferramenta de trabalho, uma década mais tarde desaparece para dar lugar a um corpo mais jovem, que se estende para lá do seu território físico, através do domínio da maquinaria que começa a povoar o espaço rural. Por fim, já na década de 90 do mesmo século, os autores dão conta do surgimento de um novo homem, que já não se distingue tanto pelo capital físico (Shilling, 1991), mas pelas capacidades intelectuais, dando a mostrar um corpo masculinizado a partir de outros atributos. O fato e a gravata são os ícones desse novo modelo, os quais, mais do que substituir os antigos, vêm adensar a complexidade em termos dos modelos corporais dominantes.

Por sua vez, a moda e a publicidade, em particular, não raras vezes, tiram proveito das corporeidades masculinas e femininas modais, chamando a atenção para si através da contestação ao modelo binário. São exemplos recentes, o caso do modelo bósnio Andrej Pejić (Figura 1.2), mediaticamente conhecido por fazer desfiles quer de roupa para mulheres, quer de roupa para homens. Outro exemplo, igualmente recente, é o de uma coleção de *lingerie* para mulheres, de Dani Read (Figura 1.3), que ficou conhecida pelo vídeo de apresentação. Também aqui o uso de uma modelo com uma imagem mais andrógina (caracterizada pelo pouco volume dos seios, traços faciais robustos, posturas agressivas, etc.) marcou a visibilidade da campanha.

Figura 1.2: Modelo do sexo masculino, Andrej Pejić, numa campanha para um soutien *mega push-up,* marca Beha

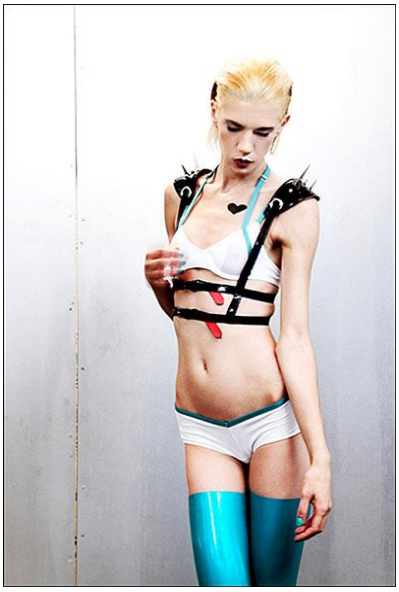


Figura 1.3: Modelo do sexo feminino no vídeo de apresentação de uma colecção de *lingerie* de Dani Read

Que lugar ocuparão os homens entrevistados no âmbito desta tese, num contexto tão complexo como o que acima se descreve? Tratam-se de homens que se distinguem, simultaneamente, pelos elevados níveis de produção corporal e por convocar para si técnicas de produção corporal tradicionalmente reservadas às mulheres ou estereotipadamente associadas aos homossexuais. Serão as práticas destes homens indicativas do sentido da mudança ao nível dos modos de produção corporal masculinos?

Atracção pelo risco e morte prematura

A análise de alguns indicadores estatísticos de amplitude nacional, como a esperança média de vida à nascença ou as causas de morte, retratam-nos um país onde ganha visibilidade um corpo masculino que se distingue do corpo feminino não só pela massa muscular e cultivo da resistência física, mas também, a um nível mais performativo, pela predominância de determinados consumos/comportamentos considerados prejudiciais à saúde. A dimensão performativa da expressão das masculinidades faz-se, como veremos, muito à custa de um corpo que desafia os limites das suas próprias capacidades e a própria vida: velocidade, álcool, violência, drogas, sexo sem preservativo, etc, eis alguns dos indicadores que de seguida serão explorados. Como resultado, no campo da saúde, ao contrário do que se verifica na maior parte das restantes esferas sociais, como as que

acabaram de ser analisadas, são sobretudo os homens que ocupam os lugares menos favorecidas.

A partir da análise da evolução da esperança média de vida à nascença em Portugal, por sexo, entre 1990-2007 (EUROSTAT) destacam-se duas importantes tendências. Por um lado, a esperança média de vida à nascença em Portugal tem aumentado de forma sistemática para ambos os sexos (de 74,1 anos em 1990, passou para 79,1 anos em 2007). Por outro lado, os níveis médios de esperança de vida das mulheres permanecem bastante mais elevados do que os dos homens e essa diferença é constante há algumas décadas (em 2007, regista-se uma diferença de cerca de 6 anos).

A diferença entre a esperança média de vida à nascença entre homens e mulheres não é uma característica singular do nosso país, podendo desenhar-se a mesma regularidade a nível europeu (EUROSTAT). Nesta comparação, destacam-se, pela negativa, alguns dos países que mais recentemente integraram a União Europeia (Lituânia, Letónia, Estónia, Polónia, etc.): níveis médios de esperança de vida à nascença mais baixos e amplitude das diferenças entre sexos mais elevada. Este segundo facto está relacionado com a prevalência de uma ordem de género mais tradicional e, portanto, uma segmentação mais acentuada dos papéis sociais assumidos por mulheres e homens (Torres *et al.*, 2008).

Importa referir que o padrão de mortalidade nem sempre foi este, com as mulheres a apresentarem taxas de mortalidade mais elevadas que os homens até à idade adulta, para o que muito contribuía, por exemplo, a mortalidade associada à maternidade (Silva, 1999). Actualmente, apesar de os homens continuarem a estar sobre-representados nos primeiros anos de vida (nascem mais homens que mulheres), as suas elevadas taxas de mortalidade na idade jovem e adulta depressa fazem inverter a balança (Direcção-Geral da Saúde, 2009).

O padrão anteriormente descrito explica-se por fatores que ultrapassam as diferenças físicas/anatómicas entre homens e mulheres, como é o caso do predomínio entre os homens de comportamentos e consumos com impacto negativo na saúde, tomados aqui como indicadores que contribuem para a explicação das elevadas taxas de mortalidade nas idades jovem e adulta dos homens portugueses e consequente menor esperança média de vida à nascença.

Uma análise das causas de morte levanta já algumas pistas explicativas. Mas, antes, refira-se que as taxas de mortalidade (número de mortos por 100 mil habitantes) para a maior parte das causas de morte em análise (excepto diabetes e doenças

cerebrovasculares) são mais elevadas entre os homens do que entre as mulheres, o que em números efetivos se traduz numa diferença de cerca de mais 6.000 mortos no ano de 2006 (Direcção Geral da Saúde, 2009). As causas de morte mais comuns são semelhantes para os dois sexos, variando a sua incidência: tumores (mais cerca de 7% nos homens), doenças cerebrovasculares (mais cerca de 8% nas mulheres) e doenças do aparelho respiratório (mais cerca de 1% nos homens).

Uma leitura mais atenta dos dados, deixa perceber que as maiores diferenças se associam às causas de morte percentualmente menos expressivas. Por um lado, verifica-se que os homens se destacam nas causas de morte externas, causas que não encontram, portanto, sustentação nas diferenças de ordem física/biológica. Por comparação com as mulheres, entre os homens, a incidência de mortes devido a lesões autoprovocadas intencionalmente triplica e duplica no caso dos acidentes de trânsito com veículos a motor. Por outro lado, entre os homens, as mortes devido a doença crónica do fígado e cirrose assumem o dobro da incidência.

Para além das causas de mortalidade externas, importa assinalar uma maior tendência para consumos prejudiciais à saúde. Por exemplo, dados referentes ao ano de 2005 (Instituto Nacional de Estatística e Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge, 2009) revelam que, independentemente do escalão etário em análise, a proporção de homens fumadores é sempre mais elevada do que a proporção de mulheres na mesma condição. Aos cerca de 40% de fumadores homens, entre os 25 e os 44 anos, correspondem cerca de 20% de mulheres. Importa deixar a ressalva de que esta diferença é menor nas camadas mais jovens (cerca de 19% de homens e cerca de 10% de mulheres fumadores). No entanto, a proporcionalidade mantém-se: cerca do dobro de homens fumadores.

Também em relação ao álcool os homens se distinguem como os maiores consumidores (*idem*). A diferença, mais uma vez, é menor nos escalões etários mais baixos e aumenta no mesmo sentido que a idade. Os dados relativos às causas de morte permitem medir as consequências deste tipo de consumo, uma vez que a proporção de homens que, em 2006, faleceram devido a doença crónica do fígado ou cirrose duplica – constituindo-se inclusive como a segunda causa de morte mais *genderizada*.

Por sua vez, dados do Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências[60] revelam que há mais homens a morrer devido ao consumo de drogas

[60] Anteriormente designado Instituto Português da Droga e da Toxicodependência.

ilícitas do que mulheres. Em 2007, o número de mulheres na mesma situação permanece comparativamente residual (27 mulheres para 287 homens). A um maior consumo de tabaco, álcool e drogas, juntam-se comportamentos de risco no âmbito da sexualidade traduzíveis numa maior incidência do SIDA na população masculina portuguesa (segundo dados do Instituto Nacional de Estatística, em 2011, cerca de 77% dos diagnosticados eram homens[61]). Como Vasco Prazeres esclarece, "algumas condutas dos adolescentes e dos homens adultos podem contribuir para a maior exposição a vários tipos de risco a que estão sujeitas as raparigas e as mulheres adultas, incluindo os ligados à reprodução, às ITS [infecções transmitidas sexualmente], à violência e ao abuso sexual. Neste âmbito, tal pode ser resultado de défice de informação sobre saúde sexual e reprodutiva, ou de comportamentos que expressam os modelos de masculinidade dominantes – que não permitem partilhar responsabilidades nem reforçar competências para a discussão e o entendimento sobre relações íntimas" (2003: 14).

A segmentação profissional, identificada no início deste capítulo, tem também repercussões ao nível da desigual incidência dos acidentes de trabalho por sexo. Dados de 2007 revelam que os homens avultam na área da "Indústria, construção, energia e água", que engloba as profissões onde os acidentes de trabalho são mais frequentes. Assim, apesar de a diferença entre o número de mulheres e homens activos e empregados não ser muito elevada, a proporção de sinistrados em contexto de trabalho, por sexo, é-o: em 2007 76,5% dos sinistrados eram homens, 97,5% dos indivíduos que sofreram acidentes de trabalho mortais eram homens (Rodrigues, 2011). A análise destes indicadores constitui um novo olhar sobre as desigualdades de género no mercado de trabalho. Por um lado, tendo em linha de conta as qualificações escolares, temos a já reconhecida e persistente desigualdade salarial penalizante para as mulheres. Por outro lado, temos então uma divisão sexual do trabalho que arrasta os homens para os trabalhos que envolvem um maior risco físico, visível na relativamente elevada taxa de acidentes de trabalho no geral, e acidentes de trabalho mortais em particular.

O corpo masculino que emerge da análise dos indicadores nacionais apresentados remete, portanto, para um ideário de género muito associado quer a comportamentos e consumos com impacto negativo na saúde, quer ao desempenho de profissões mais penalizantes do ponto de vista dos acidentes de trabalho. Estes dois fenómenos em

[61] http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0001344&contexto=bd&selTab=tab2 (consultado a 20 de Dezembro de 2012)

conjunto concorrem para as elevadas taxas de mortalidade que explicam a menor esperança de vida à nascença dos homens portugueses. Como vimos, os comportamentos e consumos dos homens traduzem-se em: maior taxa de acidentes de viação e suicídio; consumo de álcool e tabaco mais acentuado e prematuro; mais mortes associadas ao consumo de drogas; e maior incidência do SIDA. Ao nível dos acidentes de trabalho, verificou-se a predominância de homens entre os sinistrados, sobretudo os resultantes de acidentes mortais. Estes indicadores são sociais na medida em que refletem uma ordem de género socialmente construída.

Se associarmos a esta tendência as melhorias na assistência à maternidade que possibilitaram a diminuição acentuada das taxas de mortalidade feminina, torna-se então compreensível a inversão dos padrões de mortalidade. Apenas na história recente, os homens, em média, podem esperar viver menos anos do que as mulheres. Apesar das proporções das diferenças de género, apenas alguns movimentos civis deixam transparecer uma maior consciência em relação a esta realidade, como a norte-americana Men's Health Network[62].

Corpos em movimento: sexualidade masculina precoce, diversificada e pujante

A dimensão sexual dos corpos assume um papel primordial na definição e hierarquização das masculinidades (Pleck, 1995), podendo ser problematizada enquanto fenómeno social na medida em que o contexto cultural e as estruturas sociais concorrem para a definição das práticas e atitudes individuais (Bozon, 1999). Prova disso é que a sexualidade varia no tempo, no espaço, entre grupos sociais e ao longo da trajectória dos indivíduos (Kimmel, 2005). Nas palavras de Mike Featherstone: os "animais têm relações sexuais sempre da mesma forma, enquanto os seres humanos têm tecido em torno desse acto uma grande variedade de práticas, instituições, ritos e representações"[63] (1998: 1).

Em contextos de modernidade tardia a sexualidade tem vindo a ganhar uma nova configuração no seio das relações conjugais (encarada cada vez mais como condição para a durabilidade dos relacionamentos amorosos) e também fora delas (desvios face aos padrões tradicionais tendem a ser considerados legítimos, como por exemplo, sexo fora do casamento e homossexualidade). A sexualidade assume inclusive um lugar de

[62] Para mais informação consultar o *website* da organização em http://www.menshealthnetwork.org

[63] Tradução própria.

destaque na construção das identidades individuais sendo cada vez mais equacionada como "algo que se tem" e sobre a qual é *necessário* produzir sentido e integrar de forma coerente no discurso do *self* (Giddens, 1996; Brandão, 2008). Estas alterações muito devem a factores como os movimentos de luta pelos direitos das mulheres e dos homossexuais, os quais contribuíram para a crescente emancipação social destes grupos bem como para o questionamento quer dos papéis de género, quer da heteronormatividade; o desenvolvimento e difusão dos métodos de contracepção na medida em que possibilitaram a separação entre reprodução e sexualidade, dando-se a emergência do que Giddens denomina *sexualidade plástica* (Giddens, 1996: 2); o declínio da (conservadora) influência da igreja católica nos países desenvolvidos; e a constituição da moderna noção de indivíduo (Giddens, 1996; Bozon, 1997). A entrada massiva das mulheres no mercado de trabalho e sua independência económica não poderão neste âmbito ser igualmente esquecidas.

Discursos, imagens e serviços de cariz sexual são hoje visíveis numa escala nunca antes conhecida (Policarpo, 2011). Os formatos e suportes destas mensagens multiplicaram-se. Os *media* e as novas tecnologias renovaram o seu alcance[64]. Talvez seja esta omnipresença que leva Michel Foucault a questionar-se sobre se alguma sociedade "esteve tão persistente e universalmente preocupada com o sexo" como a sociedade moderna ocidental (Giddens, 1996: 14).

Segundo Michel Foucault (1999), os diferentes discursos de poder são responsáveis pela definição ao longo da história mais ou menos recente do que é ou não legítimo nesta matéria. Refira-se a igreja, a medicina, a psiquiatria, a pedagogia, a demografia, a justiça penal, entre outros. Não se trata tanto de repressão (como acontecia antes do século XVII, sobretudo pela mão da igreja, que elevou os prazeres da carne ao estatuto de pecados[65]), mas sim de regulação através da interiorização dos discursos de saber, através da difusão de mecanismos de vigilância, no geral, não percebidos enquanto tal.

[64] Eis alguns exemplos: o cinema pornográfico ou os filmes românticos; a literatura erótica, mas não só; a televisão através de programas específicos como a série "O sexo e a cidade" ou o *talk show* português "AB Sexo" conduzido por uma sexóloga; as revistas com secções educativas; os manuais como o Kamasutra; as consultas de especialidade (da recente sexologia).

[65] Aliás, ainda hoje a influência da igreja se faz sentir nas práticas e valores individuais, Veja-se o exemplo da frequência das práticas sexuais. Pedro Moura Ferreira (2010: 54) verificou a esse propósito que é entre os indivíduos que são mais ligados à religião que as práticas sexuais são menos frequentes. Duarte Vilar (2010: 207) constata também que o desinteresse pela actividade sexual aumenta na medida em que aumenta a prática religiosa.

Entre esses mecanismos Michel Foucault dá especial atenção à confissão, seja ela entendida num sentido mais restrito (a confissão perante um sacerdote) ou mais lato (a confissão perante um médico). Estes instrumentos são representativos de uma forma no fundo mais "ardilosa" e "discreta" de poder, defende o autor (*idem*: 16), que opera através não do silêncio, mas do discurso massivo, da classificação e escrutínio de todo o tipo de práticas sexuais. Ainda segundo esta perspectiva, estes poderosos discursos dos últimos séculos estão sobretudo ao serviço dos interesses das modernas instituições, como o Estado, cujo desenvolvimento passa pelo controlo e monitorização das suas populações e cujo objectivo será "proporcionar uma sexualidade economicamente útil e politicamente conservadora" (*idem*: 38).

Para Giddens (1996) a perspectiva de Michael Foucault peca por não contemplar a reflexividade individual, a qual engendra a possibilidade de contestação e de resistência aos discursos dominantes, de mudança social, enfim. Ou seja, se para este autor é verdade que os discursos de poder modelam a sexualidade dos indivíduos, também é verdade que a sexualidade é cada vez mais concebida enquanto elemento maleável que pode ser integrado num discurso identitário de adesão ou reacção aos valores dominantes. A sexualidade torna-se, deste modo, alvo de reflexão individual constituindo parte integrante do projecto do *self*. Como Giddens refere, "uma sociedade com reflexividade institucional desenvolvida é altamente instruída, tornando possíveis formas de envolvimento pessoal e colectivo que alteram muito substancialmente o domínio sexual" (*idem*: 122).

Reflexividade e escolha não querem no entanto dizer liberdade radical de acção. As acções e as representações continuam inteligíveis a partir das coordenadas espácio-temporais que as produzem. Por exemplo, um olhar retrospectivo deixa claramente perceber como a sexualidade de cada um foi retirada da esfera pública e remetida para o (novo) campo do privado, ou civilizada se preferirmos usar as palavras de Norbert Elias (2006 [1989]). Como este autor nos dá conta, o pudor em relação à nudez, à sexualidade e demais pulsões, foi sendo interiorizado e privatizado: "as coerções que resultam directamente da ameaça através das armas, através da subjugação pela guerra e pela força física, cedem gradualmente lugar a formas de dependência e sujeição que conduzem a uma regulamentação ou gestão da vida afectiva na forma de autodisciplina, de *selfcontrol*, ou seja, em resumo, de autocoação" (Elias, 2006 [1989]: 313).

Mas estará a sexualidade com o passar dos séculos mais ou menos reprimida? O próprio Foucault dá-nos duas respostas possíveis: "em termos de repressão as coisas são

ambíguas: teremos indulgência, se pensarmos que a severidade dos códigos se atenuou consideravelmente, no século XIX (…) mas teremos um ardil suplementar da severidade, se pensarmos em todas as instâncias de controlo e em todos os mecanismos de vigilância instalados pela pedagogia ou pela terapêutica" (1999: 41).

Olhando para as práticas e para as representações sociais, tendo em conta especificamente a relação entre género e sexualidade, têm sido documentadas profundas alterações, sobretudo no que diz respeito à vida íntima das mulheres. A sexualidade vivida no masculino e no feminino tem-se aproximado quer ao nível das práticas, mas também dos sentidos que lhes são atribuídos, sendo portanto mais difícil de desenhar o *duplo padrão de género* característico das sociedades tradicionais (Giddens, 1996; Bozon, 1997; Ferreira e Villaverde Cabral, 2010). Se no passado as mulheres estavam divididas entre a "perdida" e a "virtuosa" (Giddens, 1996) ou a "prostituta" e o "anjo" (Vale de Almeida, 2000), cada vez menos essas diferenciações fazem sentido. Isto porque as mulheres são protagonistas de trajectórias sexuais mais pautadas pela experimentação e pluralidade de experiências sexuais, características que já se associavam à sexualidade masculina (Giddens, 1996; Ferreira e Villaverde Cabral, 2010). A juventude constitui nos dias de hoje, quer para rapazes, quer para raparigas, uma fase da vida destinada, por excelência, à iniciação e experimentação sexual (Pais, 1993; Ferreira e Villaverde Cabral, 2010).

Mas se o sentido da mudança anunciado aponta para uma maior igualdade entre géneros, mais uma vez, como em outros domínios em análise (trabalho pago e não pago, por exemplo), lógicas mais tradicionais e mais modernas entrecruzam-se, adquirindo a realidade configurações bem diferentes conforme o país em análise ou características como a classe social dos indivíduos. Não renunciando às mudanças mas assinalando as resistências, importa reconhecer que os homens continuam a estar associados a uma maior pulsão e desejo sexual (Kimmel, 2005), sendo estas algumas das características que se associam a um ideal de masculinidade hegemónica, que se quer viril e sexualmente pujante (Carrigan, Connell e Lee, 1985; Connell, 1995; Connell e Messerschmidt, 2005; Kimmel, 2005).

Como mostra um estudo de Laura Carpenter (2002) com base em 61 entrevistas a indivíduos de ambos os sexos, os homens, mais do que as mulheres, tendem a perceber

a virgindade com um "estigma" e menos como um "dom"[66]. A virgindade é por eles concebida como uma característica que fragiliza a tentativa de construir uma identidade de género hegemónica, pelo que as estratégias para alterar essa condição (recurso a prostituição, sexo com amigas ou desconhecidas) ou escondê-la (de amigos ou mesmo da primeira parceira sexual) não são raras. Entre os mais jovens (18 a 25 anos) as diferenças entre sexos esbatem-se bastante, conclui a autora, começando a ser comum os homens entenderem a virgindade também como um "atributo". Por sua vez, elas começam a equacionar a virgindade como um "estigma", mas em proporções ainda bastante inferiores.

Dados internacionais revelam que a iniciação sexual tem vindo a ocorrer cada vez mais cedo e numa idade mais próxima para homens e mulheres. Dados do Inquérito *Sexualidades em Portugal* organizado por Pedro Moura Ferreira e Manuel Villaverde Cabral (2010) permitem dar conta da mesma tendência em Portugal, apontando simultaneamente as diferenças que ainda hoje se podem identificar entre homens e mulheres. Se 53% dos homens portugueses se iniciou sexualmente antes dos 17 anos, essa proporção desce para os 35% no caso das mulheres. Ao olhar para inquiridos mais jovens (18 a 24 anos) a média de idades à primeira experiência sexual é mais baixa e próxima entre os sexos: 16,5 anos e 17,2 anos para homens e mulheres, respectivamente. Em termos diacrónicos os autores acabam por verificar que a iniciação sexual entre homens e mulheres se tem aproximado nas últimas décadas através de dois movimentos contrários. Nos homens perde expressão a iniciação sexual mais precoce, abaixo dos 15 anos, e entre as mulheres verifica-se a descida da idade na primeira relação coital. Ora, se entre elas era mais comum chegar-se virgem ao casamento, entre os homens a iniciação sexual já há muito se fazia mais cedo e fora do seio das relações conjugais (Ferreira, 2010a). Esta tendência conjugada com a cada vez mais tardia entrada na conjugalidade associa-se a trajectórias sexuais mais diversificadas, sobretudo para eles, que ainda acumulam, portanto, uma maior precocidade sexual com a entrada mais tardia na vida conjugal. Também neste domínio de análise, tal como em anteriores, os países que mais se afastam do padrão nacional são a Dinamarca, Islândia e Noruega. Nestes países, o início da vida sexual é mais precoce e as diferenças entre homens e mulheres reduzidas (Bozon, 1997).

[66] No contexto português, Machado Pais (1993) dá conta das estratégias de algumas jovens raparigas para preservar o "dom", recorrendo a outro tipo de intimidade como o sexo oral ou anal, práticas que simbolicamente não comprometiam a virgindade feminina.

Os homens, mais do que as mulheres, iniciam a sua vida sexual com outras pessoas que não uma namorada[67], (Carpenter, 2002; Policarpo, 2011), fazem-no por "curiosidade" (Anastácio, 2010) e equacionam essas primeiras experiências como "aquisição de competências" e "motivo de orgulho" (Policarpo, 2011: 118). Vasco Prazeres fala-nos da tendência para os rapazes procurarem raparigas mais novas para se iniciarem sexualmente, de forma a melhor escamotear a sua falta de experiência sexual: "assim, têm mais probabilidades de mascarar a inexperiência e a timidez e de serem capazes de cumprir as expectativas dos pares masculinos, ou seja, de dominar" (2003: 42).

Estamos, portanto, perante um modelo dominante ainda marcado pela variável género, pese embora a tendência de aproximação entre homens e mulheres. Foi também esta a ideologia que mais sobressaiu nos discursos analisados por Louisa Allen (2003) num trabalho que incidiu sobre 517 indivíduos neozelandeses dos 17 aos 19 anos e resultou de uma metodologia diversificada que implicou desde a aplicação de um inquérito por questionário, a entrevistas de grupo ou individuais. As raparigas tenderam a valorizar mais os aspectos emocionais e a mostrar-se relutantes perante as investidas sexuais dos seus companheiros. Os rapazes, por sua vez, produziram discursos que sublinharam a sua iniciativa e voracidade sexual e o desprendimento emocional. Discursos de resistência face aos padrões morais, de desconstrução activa dos estereótipos de género foram, também, identificados, ainda que com menor expressão. No caso dos jovens rapazes, Louisa Allen refere-se aos discursos em que a sexualidade foi desvalorizada em detrimento da dimensão sentimental e outras componentes associadas às relações amorosas[68]. Aliás, foi exactamente "amor" que mais os rapazes afirmaram desejar numa

[67] Nalguns contextos, como Machado Pais (1993) identificou entre jovens de classes operárias e populares, ou Miguel Vale de Almeida (2000) numa aldeia alentejana caracterizada pelos baixos recursos escolares e económicos, a primeira relação sexual dos rapazes acontece no âmbito do recurso à prostituição, serviço muitas vezes pago por familiares ou amigos do jovem. Verónica Policarpo (2011) mais recentemente também identificou essa prática entre os seus entrevistados homens mas acrescenta, no entanto, que esse é um costume que caiu em desuso. Em concordância, Pedro Moura Ferreira (2010a, 2010b) confirma também esse declínio justificando-o sobretudo pelo contexto de maior paridade sexual em que os jovens dos dias de hoje iniciam as suas vidas sexuais.

[68] A autora enuncia alguns factores de cariz metodológico que considera terem criado a abertura necessária para que estas narrativas tivessem lugar, uma vez que neutralizaram a possível pressão dos pares: entrevistas individuais (nas entrevistas de grupo este tipo de discursos

relação. Já as raparigas referiram mais “confiança, honestidade e respeito” (dados do inquérito por questionário).

Quanto ao número de parceiros, se as mulheres continuam, nalguns contextos, a ser estigmatizadas ao ultrapassar determinado número, no caso dos homens, ao contrário, a variedade de parceiras aproxima-os de um tipo de masculinidade dominante (Ferreira, 2010). Este duplo padrão moral explica que os homens tendam a sobrevalorizar as suas experiências sexuais e já algumas mulheres sintam a necessidade de omitir informação sobre os seus parceiros sexuais (Pais, 1993; Giddens, 1996). Mas também as práticas são influenciadas pelos valores.

Dados do já referido Inquérito Sexualidades em Portugal revelam o número de parceiros sexuais que homens e mulheres declararam ter ao longo das suas vidas (Ferreira, 2010). Se 18,2% dos homens declararam ter tido apenas uma parceira sexual ao longo da vida, essa proporção ascende aos 55,7% no grupo das mulheres. Mas analisemos os dados referentes às classes etárias mais jovens, uma vez que são elas que nos indicam o sentido da mudança. Entre os inquiridos com 18 a 24 anos essa diferença efectivamente atenuou-se substancialmente: 21,7% e 42,5% dos homens e mulheres, respectivamente, reportaram ter tido apenas um parceiro sexual.

Dados do mesmo inquérito revelam que três vezes mais mulheres que homens afirmaram sentir desinteresse pela actividade sexual (32,4% e 11,6%, respectivamente) (Vilar, 2010). Por sua vez, os homens manifestaram, mais do que elas, desejar aumentar a frequência com que têm relações sexuais (13,0% para 5,1%). Algumas respostas e características dos homens inquiridos remetem, no entanto, para um perfil particular que no domínio da sexualidade poderá estar associado a identidades de género de alguma forma estigmatizantes: poucos recursos escolares e idades mais avançadas parecem potenciar o desinteresse pela actividade sexual, o que afasta significativamente estes homens do ideal de masculinidade dominante.

Passando do domínio da “quantidade” para o da “qualidade”, os resultados de Duarte Vilar (2010) não deixam de ser surpreendentes e revelar, uma vez mais, significativas diferenças de género. Se a maior parte dos homens afirma ter sempre prazer nas relações sexuais (65,5%), apenas 34,0% das mulheres o fez, sendo que

---

foram menos frequentes); entrevistadora mulher; o facto de estes rapazes se terem disponibilizado para participar no estudo pode desde logo ser revelador de posturas perante a sexualidade mais distantes do padrão dominante; todos os entrevistados tinham no presente ou no passado estado envolvidos em relações amorosas mais ou menos duradouras.

24,0% afirma inclusive experienciar problemas em atingir o orgasmo (especialmente visível entre as mulheres religiosas). Apesar de não ser um problema vivido exclusivamente no feminino, menos de metade dos homens declararam experienciar a mesma dificuldade em atingir o orgasmo (10,1%). O reverso da medalha encontra-se quando se analisam os dados que medem a ansiedade face ao desempenho sexual. Neste campo são os homens que mais ansiedade declararam sentir (20,9%), embora na faixa etária mais baixa as respostas sejam já muito próximas (27,9% e 24,1% de homens e mulheres, respectivamente). Este dado é importante na medida em que mostra como a actividade sexual começa a ser equacionada como performance também para as mulheres.

Mesmo quando nos reportamos à masturbação, uma forma de conseguir prazer que pode ser explorada a sós (mas também com outros), são eles que continuam a reportar que mais o fazem. Giddens refere, a este respeito, alguns dados: 100% dos homens e 70% das mulheres afirmam masturbar-se (1996: 11). Mas não é só a proporção que é diferente. Verónica Policarpo (2011) acaba por verificar que, com base em entrevistas a homens e mulheres portugueses, para as mulheres a masturbação se faz quase sempre a sós, enquanto para os homens esta experiência pode também ser vivida entre amigos, por exemplo. Esta forma mais colectiva de viver a masturbação deve ser lida como um momento por excelência de performance das masculinidades, o que pode revelar-se violento sempre que alguém não consegue um bom desempenho (*idem*: 108). No caso das mulheres, como a autora acaba por aferir, é raro sequer falar com as amigas sobre masturbação. Ora, a ideia de Michel Foucault e de Norbert Elias de auto-controlo não poderia estar aqui melhor espelhada, questionando teorias que remetem para a noção de uma nova sexualidade livre das amarras sociais. Também as noções de disposição ou *habitus* desenvolvidas por Bourdieu enquanto propulsão para a acção, cujos mecanismos funcionam de forma inconsciente, servem igualmente bem para compreender os entraves que se colocam à mudança, mesmo por parte dos grupos dominados.

Outras experiências atestam a permanência de lógicas que contrariam a igual experimentação sexual por parte de homens e mulheres. Refira-se neste âmbito a pornografia maioritariamente produzida para e consumida por homens heterossexuais[69]

[69] Kimmel faz uma estimativa para o volume de negócios tendo em conta o tipo de destinatário: "Estimo que actualmente a pornografia heterossexual represente 80 por cento do mercado, a

(Giddens, 1996; Kimmel, 2005) e a prostituição sobretudo feminina. Esferas em que as mulheres sobressaem como seres passivos ou subordinados aos prazeres dos homens. Mesmo quando assumem um papel mais activo, o objectivo principal é a satisfação sexual deles ou simplesmente atestarem a sua condição de bons amantes: "embora a maioria das imagens pornográficas sejam de mulheres, a pornografia é, na sua essência, sobre os homens. Trata-se da relação dos homens com a sexualidade, com as mulheres e uns com os outros. É sobre mulheres, mas como os homens querem que elas sejam" (Kimmel, 2005: 67).

Verónica Policarpo (2011) deixa-nos um retrato mais completo e complexo da experiência sexual dos indivíduos através de entrevistas em profundidade a 35 homens e mulheres, de diferentes orientações sexuais. A sua tipologia tem em conta três dimensões distintas: integração, subjectivação e estratégia[70]. A tipologia de chegada inclui seis ideais-tipo, sendo que alguns deles se associam preferencialmente a homens e outros a mulheres.

Alinhados com a noção de masculinidade hegemónica proposta por Connell surge o ideal-tipo "marginal-diversificado" (Policarpo, 2011). Trata-se de um ideal-tipo associado

---

pornografia *gay* constitua 15 por cento e a pornografia para mulheres os restantes 5 por cento." (2005: 65).

[70] A integração mede o grau de adesão a papéis e valores e varia entre "convencional" (conformidade), "marginal" (conformidade e algum desvio face aos padrões) e "alternativa" (novas e diferentes formas de viver a sexualidade) (Policarpo, 2011: 287). As modalidades de subjectivação variam entre a "padrão", "problematizada" e "singular". A identidade padrão está associada a um grau de individualização baixo e forte adesão aos valores tradicionais, mais comum entre os homens afirma a autora (*idem*: 291). Por sua vez, a identidade problematizada associa-se a alguma reflexividade e "trata-se pois de uma zona em que o indivíduo oscila entre formas de acção mais tradicionais e mais individualizadas" (*idem*: 292). A identidade singular remete para experiências mais distantes dos modelos tradicionais e mais reflexivas. O tipo ideal mais tradicional será o do indivíduo que acumula uma integração convencional e estratégias limitadas com uma identidade padrão. A estratégia implica que se equacione a sexualidade como um campo concorrencial e se avaliem os indivíduos pelos recursos disponíveis e capacidade de nele intervir. Assim sendo, a estratégia pode ser classificada como "limitada", "ocasional ou *ad hoc*" ou "diversificada" (*idem*: 289). De um lado da escala temos, portanto, poucos recursos e uma fraca capacidade de os usar em proveito próprio. No outro extremo, temos abundância de recursos e possibilidade de os capitalizar tendo em conta os interesses individuais.

sobretudo a homens, o qual se caracteriza pela dissociação entre sexualidade, amor e conjugalidade, pela diversidade de parceiras sexuais e, ainda, pelo equacionamento do campo da sexualidade como um mercado. As práticas de infidelidade não são, neste âmbito, raras. Por contraponto, o ideal-tipo "ambivalente" apenas se identificou entre entrevistadas mulheres e remete para "uma experiência sexual mais diversificada, embora em conflito com normas e valores tradicionais que permanecem no seu horizonte de referência. Situam-se por isso numa zona de experiência sexual ambivalente" (*idem*: 363). Também o ideal-tipo "plural" apenas foi identificado entre mulheres, referindo-se a experiências de sexualidade que desafiam as noções mais tradicionais do que é ser-se feminino. A sexualidade é por estas mulheres vivida como uma "singularidade" capitalizável na definição do *self* e a busca pela autenticidade faz-se através de experiências plurais, não sendo valorizada a norma da exclusividade.

Como vimos, as desigualdades sociais não se reduzem à dimensão económica ou ao capital escolar. Também ao nível da intimidade devem ser problematizadas: "a desigualdade de poder chega aos indivíduos, em última instância nos seus próprios corpos e no uso destes, dos prazeres e capacidades reprodutivas (Vale de Almeida, 2000: 135). Se as correntes feministas tendem a denunciar a opressão sexual que pesa sobre a vida íntima das mulheres, trabalhos mais recentes voltados para as questões das masculinidades começam a centrar-se no "problema" masculino. Referem-se a ideais de masculinidade mais tradicionais que impelem os homens a cedo iniciarem a sua vida sexual, a exibirem uma sexualidade pujante, a não *desperdiçar* uma relação coital, a ter bons desempenhos e performances sexuais, a eventualmente recorrer à prostituição instrumentalizando as mulheres (homens ou transexuais) em prol da sua satisfação sexual "naturalmente" incontrolável (Giddens, 1996; Kimmel, 2005). Esta noção de masculinidade mais tradicional, aliada a uma visão dos contraceptivos como algo feminino, ou ao entendimento do uso do preservativo como inibidor do prazer sexual, tem revelado consequências bastante negativas para a saúde dos homens (Prazeres, 2003).

Homossexualidade: política masculina da repulsa e do nojo

Ainda que na história das sociedades ocidentais contextos culturais houve em que as experiências homossexuais eram encaradas como "normais", aliadas inclusive a questões pedagógicas ou de estatuto social como na Antiga Grécia, na Antiga Roma, ou mesmo na Europa renascentista, nas sociedades contemporâneas as relações sexuais entre

pessoas do mesmo sexo passaram a ser equacionadas como abominação, sacrilégio ou demência (Carrigan, Connell e Lee, 1985; Foucault, 1999; Vale de Almeida, 2000; Moita, 2001). Não será demais referir que a invenção da homossexualidade enquanto categoria ou atributo de personalidade é recente, integrando até 1991 a lista de doenças mentais elaborada pela Organização Mundial de Saúde, sendo que em Portugal apenas em 1999 foi retirada da Classificação Nacional de Deficiências (Brandão, 2008a; Aboim, 2010a). Se olharmos para países que não os ocidentais, encontramos ainda uma lista considerável deles em que as práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo são inclusivamente puníveis por lei (Ottosson, 2010).

Mais recentemente, no contexto português, importantes avanços foram encetados no que diz respeito a uma maior igualdade de direitos entre pessoas com diferentes orientações sexuais. Em 2004 foi introduzida uma alteração na constituição que passou a incluir o critério "orientação sexual" como motivo de discriminação (Brandão, 2008a). Em 2010 foi reconhecido o direito ao casamento entre pessoas do mesmo sexo (Lei n.º 9/2010, de 31 de Maio). Em 2013 discute-se o projecto-lei que consagra a possibilidade de co-adopção por parte de cônjuges ou unidos de facto do mesmo sexo.

A penalização da discriminação com base na orientação sexual ou o reconhecimento legal do casamento entre pessoas do mesmo sexo (que ainda não se estendeu ao direito à adopção de crianças) não são, no entanto, garantes de que a homossexualidade possa ser, nas sociedades contemporâneas, vivida de forma não problemática. Pelo contrário, "desvios" face à heterossexualidade estão muitas vezes associados ao "suicídio adolescente, à violência familiar, passando pela chantagem laboral, pela miséria psicológica, pelo medo, a coação, a violência simbólica do insulto, o não reconhecimento, a frustração amorosa, sexual, familiar, parental" (Vale de Almeida, 2009: 21), bem como a sentimentos de "autoculpabilização" (Prazeres, 2003: 40). Maria Garbriela Moita (2001), numa análise que incidiu sobre os discursos em contexto clínico, acabou por registar uma diversidade de representações sociais entre as quais sobressaíram, ainda, noções de homossexualidade associadas a "doença", "anomalia", "comportamento anómalo", "desvio sexual", "disfunção" e "falha".

No senso comum, sexo, género e orientação sexual são conceitos que se afiguram como tendo uma relação linear e naturalizada nas características anatómicas dos corpos, especialmente nos órgãos sexuais dos homens e das mulheres. Reportando-se às sociedades ocidentais, Lígia Amâncio (1993) e Virgínia Ferreira (2004) acentuam, a este respeito, a importância da função reprodutiva e Pina Cabral (2003) o poder simbólico dos

genitais na definição dos géneros.

No que diz respeito à sexualidade, ser homem, masculino e heterossexual é entendido como uma combinação natural de categorias (Connell, 1987, 1995; Goffman, 1985, 1988 [1963]; Pleck, 1995; Vale de Almeida, 2000), que, a assumirem outro arranjo, remetem para a esfera da "anormalidade", funcionando como estigmas que é necessário gerir (Goffman, 1985, 1988 [1963]). Joseph Pleck (1995) afirma inclusive que a dicotomia heterossexual-homossexual funciona como o eixo estratificador central em torno do qual se classificam os diferentes indivíduos do sexo masculino. Ou seja, "ser um homem normal é ser um heterossexual" (Vele de Almeida, 2000: 90). A tipologia de R. Connell tem na base exactamente este pressuposto, pois à masculinidade hegemónica heterossexual, o modelo dominante de referência, a autora contrapõe a masculinidade subordinada homossexual. O "outro" face ao qual a masculinidade se distância é, portanto, a mulher ou qualquer coisa que remeta para o universo feminino, mas também outros homens que não correspondam ao ideal dominante[71] (ainda que nenhum homem na prática lhe corresponda por inteiro), sobretudo os homossexuais.

Estas normas, estas regras sociais são interiorizadas de tal forma que as disposições se activam inconscientemente, estando o policiamento também a cargo dos próprios pares. A este propósito a pesquisa de Miguel Vale de Almeida (2000) foi bem reveladora. Vejamos alguns dos tópicos de conversa predominantes no café ou situações de lazer, lugares por excelência masculinos: "na temática sexual, são sobretudo histórias exageradas sobre proezas sexuais, e convites jocosos à homossexualidade, expressos estes no apalpar das nádegas, no acender de um isqueiro no traseiro de outro, convidar outro a sentar-se no colo, dar beijos no ar, agarrar os testículos" (*idem*: 65). Performances, portanto, que espelham a construção de masculinidades dominantes e passam exactamente pela constante exorcização da homossexualidade.

Dados do Inquérito Sexualidades em Portugal revelam que ao nível das práticas a realidade assume diferentes contornos em função do género dos protagonistas (Aboim,

[71] Miguel Vale de Almeida dá-nos um exemplo de um homem da aldeia "ostracizado" dado o estilo de vida que o afastava do modelo dominante de masculinidade. O senhor. Altino conjugava as seguintes características: celibatário, passava muito tempo em casa, ia à igreja, não participava na comensalidade do café, não tinha descendentes com quem partilhar o seu dinheiro, era cliente da família local mais poderosa (2000: 105-106). Neste caso, no âmbito da sexualidade, a vida do senhor Altino em muito contrasta com a sexualidade activa e pujante prescrita aos homens.

2010a). Apesar de a atracção e contacto sexual com uma pessoa do mesmo sexo, bem como a auto-identificação como homossexual ser igualmente pouco expressiva para homens e mulheres, algumas especificidades se associam à sexualidade masculina. Ainda que as mulheres revelem ter tido mais contacto homossexual, os homens declararam mais relacionamentos sexuais com contacto genital, maior número de parceiros do mesmo sexo e afirmaram mais do que elas a sua homossexualidade. Ou seja, apesar da orientação sexual constituir um eixo fundamental de hierarquização das masculinidades, as práticas não parecem ser por isso mais contidas do que entre as mulheres. Aliás, os dados do inquérito em análise são reveladores de uma tendência ligeiramente diferente na medida em que entre os indivíduos que declararam ter tido relações sexuais com pessoas do mesmo sexo, são mais os homens que vivem uma relação conjugal homossexual, coabitando na mesma casa.

2.4 Síntese analítica

Uma análise global da ordem de género (Connell, 1987, 1994) permite concluir que as mudanças que se podem identificar no espaço de meio século são muitas, sendo que o seu sentido aponta para uma aproximação entre os papéis sociais desempenhados por homens e mulheres e uma diminuição acentuada das desigualdades sociais entre os sexos. No entanto, a mudança não se faz sentir em todas as esferas sociais com a mesma intensidade. Como R. Connell refere, no seio de uma ordem de género macroestrutural coexistem, a um nível meso, regimes de género que assumem a liderança no processo de mudança e outros que se destacam por melhor resistência à mudança social. Por exemplo, a sobre-representação das mulheres na escola e a sua sub-representação nas forças militarizadas ou na esfera da política constituem indicadores que permitem antever regimes de género bem distintos. Olhando à lupa um determinado regime de género, poderão igualmente identificar-se no seu seio dinâmicas distintas quanto à forma como se relacionam com as estruturas sociais. Por exemplo, no domínio do privado, das relações pessoais, vemos os homens a assumir com mais intensidade o seu papel de pais, senão mesmo a reivindicar mais espaço de acção e, pelo contrário, a resistir ao trabalho doméstico.

A reprodução da ordem de género tradicional concretiza-se num sistema de dominação masculina que tem uma dupla vertente. Por um lado, essa ordem simbólica materializa-se em relações sociais de desigualdade em que as mulheres são a parte

dominada. A este respeito, verifica-se que os homens continuam a monopolizar em número, mas também em termos de hierarquia, vários campos estratégicos da sociedade: governo, forças militarizadas, empresas privadas, entre outros. Eles dominam os mecanismos de violência institucionalizada, mas também da violência privada. Eles exibem corpos que materializam a sua dominação, resultado de técnicas do corpo que visam o desenvolvimento do volume corporal, dos músculos e da força, no âmbito de um quadro simbólico que classifica estes atributos como masculinos. Deste modo, a ordem de género retratada representa em si mesma uma crítica aos enunciados teóricos que anunciam *O Fim da Masculinidade* (MacInnes, 2002) ou *The End of Men: And the Rise of Women* (Roison, 2012). É verdade que o modelo tradicional da dominação masculina está a sofrer profundas alterações, que o lugar dos homens está a ser posto em causa pelas mulheres, que a ideologia da igualdade de direitos entre os sexos está enraizada nas democracias modernas, no entanto, os homens continuam a deter mais poder simbólico e material em relação às mulheres.

Por outro lado, este modelo de dominação masculina faz dos homens vítimas de uma estrutura que ajudam a legitimar. Os homens aparecem empenhados em performances que desafiam o outro e a sua própria vida, como é o caso dos excessos em termos de consumo de álcool, tabaco, drogas, sexo sem preservativo, velocidade na estrada, etc., traduzíveis numa taxa de mortalidade muito superior à das mulheres. A consequente menor esperança média de vida à nascença deve ser equacionada como efeito secundário de uma ordem de género assimétrica e de uma dominação que não é perfeita, na medida em que os homens necessitam de implementar estratégias para a legitimar, como o uso de violência (Connell, 1995). Nas palavras de Pierre Bourdieu, os homens “são dominados pela sua dominação” (Vale de Almeida, 2000: 151), ou seja, não estão livres das estruturas sociais, ainda que estas lhe reservem um lugar privilegiado sobre as mulheres.

CAPÍTULO II. DETALHES DE UM PERCURSO

1. Sobre o caminho e as escolhas

1.1 Da problemática sociológica à entrevista compreensiva

Desenvolver um trabalho de investigação sociológica implica sempre uma série de escolhas, ao longo de todo o percurso, que condicionam profundamente o seu resultado. Desde logo, as inquietações sociológicas tomadas como objecto de estudo privilegiado reflectem, muitas vezes, curiosidades e interesses pessoais acerca de uma determinada realidade, a proximidade do investigador face a uma categoria social ou, pelo contrário, a distância que os separa e porventura o exotismo do assunto. Transportam, também, ainda que o processo de investigação seja orientado para a neutralidade axiológica, valores e crenças individuais, posicionamentos políticos e inclinações ideológicas. Muitas vezes, de forma mais ou menos directa, o trabalho de investigação alimenta-se de um desejo orientado para a realidade que se quer transformar, que se quer diferente[72][73]. Este trabalho não constitui aqui excepção por dois motivos distintos.

Primeiro, a escolha das masculinidades como objecto de estudo reflecte a curiosidade pessoal da investigadora em relação à matéria, curiosidade em parte justificada por um contexto de origem algo monolítico em relação ao assunto. As coordenadas espaciais de nascença são reveladoras do tipo de masculinidades com que com que esta se foi relacionando (muitas vezes de forma confrontacional) ao longo da infância e juventude: pequena cidade do interior norte de Portugal. Também a família de

[72] A respeito da discussão em torno da relação entre sociologia e política, num sentido lato, ver o trabalho de Fernando Luís Machado (2009) onde o autor discute as diferentes posturas epistemológicas dos dois geradores de produção científica identificados em Portugal. De um lado, o autor coloca aquilo que designou de gerador sócio-cultural e, do outro lado, o gerador político-social. O segundo distingue-se, entre outros aspectos, pela directa tomada de posição política que marca a produção científica.

[73] Será por isso que os homens e as masculinidades têm permanecido mais ou menos ausentes no campo da sociologia do género, predominantemente alimentado a partir da produção científica feita por mulheres e sobre mulheres, com uma agenda política que sustenta as reivindicações sociais de igualdade entre os sexos – neste quadro os homens tendem a emergir sobretudo como o "outro" e enquanto objecto de denúncia da dominação masculina.

origem, parca em recursos escolares, se encaixa no retrato mais geral que daquela zona do país é feito. Tradicional nos costumes, excepto no que diz respeito à ligação à igreja, e conservadora nas relações de género.

Segundo, se do ponto de vista pessoal, a escolha do tema se alimentou do desejo de conhecer outras formas de ser homem, do ponto de vista político, foi a ambição de poder contribuir para uma maior reflexão generalizada em torno das questões de género que pautou esta investigação. Ainda que o tema das desigualdades de género não seja o foco principal deste trabalho, ele atravessa toda a pesquisa, uma vez que não se pode falar de homens e masculinidades sem convocar as mulheres e as feminilidades para a análise, e problematizar o desequilíbrio de poder que tende a caracterizar as suas relações. As masculinidades constroem-se por contraponto ao que é feminino, num enquadramento de vantagens simbólicas, materiais, etc, bem conhecidas, mas também de algumas pressões e constrangimentos sociais menos problematizados.

Para além de funcionar como motor da pesquisa, a proximidade face a masculinidades mais tradicionais foi, de certa forma, capitalizada durante a realização de todo o projecto. Constituiu como que uma bengala a que se recorreu nalguns momentos da análise dos discursos, recordando a profunda e substancial diversidade de masculinidades que diferentes condições de existência e contextos culturais tornam possíveis, bem como as diferenças produzidas por um contexto espacial tão distante como o de Lisboa.

Inicialmente, uma série de perguntas simples e dispersas, que pouco a pouco foram ganhando forma de problemática sociológica, traduziam esta inquietação pessoal: De que forma pode a *metrossexualidade* ser alvo de pesquisa sociológica? Em que medida estes homens se afastam daqueles com quem fui crescendo? Estarão diferentes projectos corporais associados a masculinidades também elas substancialmente diferentes? E assim, pergunta atrás de pergunta, se deu início a esta investigação cujo processo assentou num vai-e-vem permanente entre teoria e empiria, incluindo a própria construção da problemática sociológica que cedo não se deu por encerrada. Ao limite, é possível afirmar que a definição da problemática sociológica, apenas assumiu a sua forma definitiva com o fim da realização das entrevistas, na medida em que novos e relevantes assuntos foram sendo trazidos pela voz dos entrevistados para a arena sociológica, advindo daí a necessidade de formular novas questões e hipóteses e a indispensabilidade de realizar novas leituras e de convocar outros conceitos capazes de auxiliar a posterior tarefa interpretativa.

Neste trabalho, o material empírico teve, portanto, um papel mais importante do que apenas o de confirmar ou validar determinada teoria pré-existente, como por vezes acaba por acontecer nalgumas pesquisas de carácter dedutivo, em que aquilo que se vai "descobrir" surge mais ou menos controlado e definido *a priori*. Neste caso, deu-se abertura ao surgimento de novas questões e novas hipóteses à medida que o trabalho no terreno foi evoluindo, havendo no entanto linhas orientadoras definidas à partida. A formulação de hipóteses, embora tenha ocorrido numa fase inicial do projecto, obedeceu mais a compromissos institucionais associados à profissão de investigador do que a uma metodologia de trabalho. Ainda assim, constituiu um exercício que acabou por contribuir para a definição da problemática, obrigando a clarificar dimensões, conceitos e objectivos.

A escolha do método de recolha de informação, neste caso a entrevista compreensiva, na linha do que assim é entendido por Pierre Bourdieu (2001) ou Jean-Claude Kaufmann (2011), foi determinada pelo tipo de análise eminentemente *weberiana* da realidade em estudo, cujo principal objectivo passa pela compreensão e interpretação do sentido da acção dos indivíduos (Weber, 2005 [1922]). Ou seja, tendo em conta a natureza da pesquisa não se afigurou melhor forma de conseguir a informação necessária para levar a bom porto este barco do que a realização de entrevistas deste tipo particular.

A entrevista compreensiva caracteriza-se pela maleabilidade da estrutura do guião, afastando-se, deste modo, da "lógica dirigista de recolha de dados estandardizada" que caracteriza muitas das entrevistas híper-estruturadas, mas distanciando-se, igualmente, de uma dinâmica mais livre e intrusiva associada a técnicas como a etnografia (Ferreira, 2012: 4). A singularidade deste tipo de entrevista traduziu-se num guião que não era mais do que um conjunto organizado de tópicos disponíveis para guiar a "conversa", cuja ordem era mais indicativa do que compulsiva. Ao longo do decorrer da realização das entrevistas, mas maioritariamente numa fase inicial, a estrutura do guião sofreu algumas alterações. Algumas perguntas caíram, outras foram reformuladas e outras, ainda, multiplicaram-se dada a riqueza de informação que determinadas temáticas suscitaram. A sua versão última, que curiosamente nunca deixou de ser nomeada como *draft version*, pode ser encontrada em anexo (Anexo A).

Afigura-se, ainda, importante esclarecer que esta técnica constituiu uma novidade e desafio adicional para a própria entrevistadora, habituada que estava a entrevistas mais estruturadas, cujos objectivos eram meramente ilustrativos de ideias já identificadas, ou partilhavam com os inquéritos por questionário a intenção de recolher informação de forma estandardizada. Assim, para a primeira entrevista a entrevistadora foi munida de

um guião minucioso e demasiado extenso, que não fez mais do que atrapalhar a interacção. Entre o esforço despendido para não deixar nenhuma questão ou tópico de fora e os momentos em que se deixou o entrevistado falar de forma mais livre, sobre assuntos limítrofes ou mesmo díspares, decorreram seis horas de entrevista. Lição aprendida. Entrevista a entrevista, o guião em papel foi perdendo a sua utilidade e a entrevistadora foi ganhando a capacidade de guiar verdadeiramente a entrevista, causando a sensação de que a interacção entre entrevistador e entrevistado se assemelhava a uma conversa, na medida em que o encadeamento entre perguntas parecia mais natural. A profundidade e abrangência analítica do guião não se perdeu de vista, mas as diferentes dimensões foram sendo percorridas segundo um outro fio condutor. Ou seja, a estrutura do guião ficou mais maleável em favor da espontaneidade do entrevistado.

Quanto ao papel do entrevistador numa interacção deste género, sublinha-se o papel activo que este deve assumir no sentido de envolver plenamente o entrevistado na interacção (Bourdieu, 2001; Kaufmann, 2011; Ferreira, 2012). Idealmente, a entrevista para além de cumprir o seu propósito principal, que é recolher informação acerca do entrevistado, deverá constituir uma experiência prazerosa para o interlocutor. Para que isso seja possível o entrevistador deve fazer tudo o que estiver ao seu alcance, usar de todas as técnicas de que dispõe, para omitir qualquer manifestação de juízo de valor ou opiniões pessoais e gerir o seu desempenho de forma a suspender ou camuflar aquilo que o separa do entrevistado, nomeadamente a distância social e/ou ideológica. Esta distância, para além de poder dificultar a criação de empatia, fundamental para que um clima de abertura e partilha se instaure, pode originar formas de violência simbólica não desejadas.

Quanto à estratégia analítica, depois de transcritas, as entrevistas foram alvo de uma análise vertical que visava manter um olhar global sobre o indivíduo e a sua singularidade enquanto objecto de estudo, da qual resultou a elaboração de retratos sociológicos (Lahire, 2005). A sua inclusão no corpo da tese ficou circunscrita ao ponto 6 do Capítulo III, onde se apresenta uma tipologia de masculinidades que combina uma série de dimensões, servindo os retratos para ilustrar determinado ideal-tipo. À análise vertical, seguiu-se um trabalho de análise horizontal e temática das entrevistas, cujo resultado é apresentado nos restantes pontos do Capítulo III.

O que se segue deverá ser entendido como uma reacção às críticas que Jean-Claude Kaufmann elaborou acerca do conteúdo típico dos capítulos metodológicos.

Portanto, ao invés de um “capítulo metodológico com muitas citações, para se proteger das críticas” (2011: 10), segue-se uma séria reflexão sobre o que se considera serem algumas das características específicas deste trabalho científico, capazes de influenciar as suas conclusões e que, por esse motivo, devem ser do conhecimento dos leitores, para que também eles as possam levar em consideração aquando da leitura deste trabalho. Refiro-me a algumas das escolhas metodológicas tomadas ao longo do trabalho de campo, atendendo sobretudo à situação da entrevista.

1.2 Que objecto empírico?

Os discursos que constituem a matéria-prima deste trabalho foram retirados de 21 entrevistas aprofundadas a homens que consomem produtos e serviços de cuidado e bem-estar corporal de forma intensa, os quais tendem a ser estereotipadamente identificados como femininos. Deu-se por concluído o trabalho de campo quando a mais entrevistas deixou de corresponder informação revelante do ponto de vista sociológico, ou seja, material empírico adicional, atingindo-se deste modo o ponto de saturação da informação recolhida. Deste modo, garante-se a validade dos resultados da pesquisa empírica (Lalanda, 1998; Kaufmann, 2011). Esta validade não advém da representatividade estatística deste grupo de homens face a uma categoria social particular, mas sim da representatividade de determinados ideais-tipo de modelos de pensamento e acção social (Weber, 2005 [1922]). Assim, considera-se que entre este grupo específico de homens se encontrou uma diversidade significativa, do ponto de vista sociológico, de modos de ser homem nas várias dimensões em análise, com os quais outros homens se poderão identificar.

A área geográfica delimitada para a selecção dos entrevistados corresponde à região metropolitana de Lisboa por diferentes motivos. Entre os mais importantes destacam-se as especificidades inerentes a um contexto urbano como o de Lisboa, consideradas o pano de fundo ideal para uma pesquisa que persegue a mudança social, a relação entre o tradicional e o moderno; a necessidade de circunscrever o espaço de modo a limitar o impacto da geografia de pertença nas práticas e representações dos homens entrevistados; a abundância em termos de oferta do tipo de serviços e produtos de saúde e bem-estar, que os potenciais entrevistados teriam de consumir.

São exemplos de produtos e serviços tradicionalmente menos associados ao universo masculino, a depilação, o uso regular de cremes hidratantes ou similares, a

utilização de máscaras faciais, a frequência de serviços de manicura e pedicura, o recurso ao solário ou serviços de massagens, entre outros. No entanto, ao invés de criar uma lista de práticas que guiasse a selecção dos entrevistados e que restringisse o tipo de práticas que acabou por se encontrar, optou-se, antes, por usar as representações sociais dos intermediários como ponto de partida, ou seja, daqueles através dos quais chegámos aos entrevistados. Depois de os potenciais entrevistados serem identificados por alguém da sua rede social ou familiar como "metrossexuais" ou homens que têm "muitos" e "atípicos" cuidados com o corpo, passou a seguir-se um contacto telefónico para, de forma mais aproximada, perceber se de facto as representações e a informação dos intermediários correspondiam ou não ao perfil pretendido.

Uma vez que os homens entrevistados não constituem uma categoria previamente estabelecida, nem no senso comum, nem a nível científico, elaborar a mensagem que descrevia o perfil dos homens a entrevistar constitui um desafio. A única tentativa conhecida de nomear homens a partir do tipo de cuidados e investimentos corporais foi levada a cabo por um jornalista que esteve na origem do termo *metrossexual*, do qual se decidiu retirar partido. Em baixo segue o texto usado na divulgação da pesquisa, via correio electrónico, o qual não estabelece balizas muito rígidas quanto ao perfil dos potenciais entrevistados, nem deixa de fora categorias menos neutras do ponto de vista do seu sentido no âmbito das identidades de género. É o caso do termo "*metrossexual*" ou da ideia "homens que se preocupam tanto ou mais com o corpo do que as mulheres".

> *Chamo-me Elisabete, sou socióloga e escrevo-vos a propósito de uma pesquisa que estou a desenvolver para o meu doutoramento, e para a qual preciso da vossa ajuda.Trata-se de uma pesquisa sobre os cuidados que os homens têm com o corpo, com o seu bem-estar e a sua aparência, entre outros cuidados. Actualmente, na comunicação social, fala-se que os homens de hoje têm mudado a sua atitude perante o corpo, dando mais importância à aparência física, cuidando mais do seu bem-estar na sua vida quotidiana. Diz-se, inclusive, que há homens que se preocupam tanto ou mais com o corpo do que as mulheres, assumindo para si muitos dos cuidados e acessórios que estavam tradicionalmente reservadas a estas. Nos meios de comunicação social, este tipo de homens é muitas vezes designado como metrossexual. (…) Conhecem homens que se preocupem bastante com o seu corpo? Se conhecem homens que não se importem de conversar comigo e de me dar a sua opinião e testemunho pessoal sobre este assunto, por favor, ponham-nos em contacto comigo através do meu e-mail ou telemóvel (…).*

Apesar de uma certa ambiguidade contida na mensagem de angariação de entrevistados, para grande parte das pessoas contactadas o entendimento do tipo de homem que se pretendia entrevistar revelou-se bastante aproximado. As situações em que as

representações não coincidiam com que era esperado pelo investigador foram uma excepção e apenas uma entrevista acabou por ser excluída da análise (do total de 22 entrevistas), ainda que possa agora ser convocada para, exactamente, problematizar as representações acerca daquilo que é considerado normal, ou não, no domínio dos cuidados corporais masculinos. Artur não tinha especiais cuidados com o corpo e os que tinha eram maioritariamente tradicionais, exceptuando a depilação da zona púbica. Na concepção da intermediária do contacto, uma colega do programa de doutoramento, a prática em questão retira esse homem do grupo daqueles que cuidam de forma tradicional/normal os seus corpos.

A estratégia adoptada determinou algumas das características dos homens que viriam a ser entrevistados, ainda que entre eles se tenha identificado uma variedade substancial de comportamentos e representações. Primeiro, apenas se entrevistaram homens cujos cuidados com o corpo, não sendo diretamente visíveis, eram conhecidos pelos intermediários. Como acabou por se constatar, alguns dos entrevistados esforçam-se significativamente para que este tipo de investimentos corporais passe despercebido entre amigos, colegas e mesmo familiares. Segundo, muitos intermediários ou potenciais entrevistados terão acabado por excluir uma colaboração com este projecto, dado o seu entendimento pejorativo de *metrossexual* – ainda que não se tivesse especificado que os homens deveriam auto identificar-se como tal. Nas entrevistas muitos homens acabaram por adoptar uma posição muito crítica em relação ao termo, ou então revelaram entendimentos muito distantes do conceito original[74], como por exemplo, ser sinónimo de homossexual.

Apesar de se ter diversificado, tanto quanto possível, os pontos de contacto, determinados perfis sociais foram mais difíceis de encontrar, seja porque a minha rede de contactos é relativamente homogénea em termos das características que se consideraram chave como a profissão e a escolaridade, seja porque o tipo de práticas surge privilegiadamente associado a determinados grupos sociais. Dada a dificuldade acrescida em encontrar homens com recursos escolares e capital económico mais reduzidos, a certa altura partiu-se para a abordagem de potenciais entrevistados na rua. Um dos contactos felizes foi estabelecido numa estação de metro e daí resultou uma das últimas entrevistas.

O Mário estava acompanhada por uma jovem mulher quando foi abordado e ficou-

[74] Sobre o surgimento do termo “metrossexual” ver o ponto 4.5, do Capítulo 4.

se com a sensação de que a proposta de entrevista e participação num projecto de investigação científica foi recebida com bastante satisfação. A conversa foi rápida e pretendeu confirmar a impressão de que a produção a nível do vestuário era acompanhada por outro tipo de investimentos corporais. Após a confirmação e a aceitação do convite para entrevista, a investigadora entregou um cartão institucional ao potencial entrevistado, contendo os seus contactos e descritivo profissional, que pretendia, ainda que simbolicamente, trazer alguma formalidade ao acordo estabelecido. Ainda assim, a verdade é que a marcação da entrevista se revelou mais difícil do que no caso de qualquer outro entrevistado recrutado através de intermediários. Depois de iniciada, a entrevista decorreu sem enviesamentos associados ao modo de selecção do entrevistado.

2. Breve reflexão metodológica sobre a situação da entrevista

2.1 Empatia e troca de papéis

Sempre que uma nova entrevista se inicia cabe ao entrevistador a tarefa, por vezes difícil, de implementar estratégias de quebra-gelo, em que no imediato possível e de forma artificial se tenta transformar o estranho em familiar e íntimo. A criação de empatia constitui seguramente um dos desafios que se coloca à generalidade de interacções deste tipo, ainda que ao aceder dar uma entrevista o entrevistado esteja já a assinar uma espécie de contrato no qual manifesta uma certa disposição para a comunicação. Este contrato pressupõe uma hierarquia entre entrevistado e entrevistador, o que pode dificultar a criação de empatia. Desde logo cabe ao primeiro o estabelecimento desse contrato, a condução da entrevista tendo em conta um guião de entrevista específico e unilateralmente determinado, cujo conteúdo tende a ser desconhecido do entrevistado.

Na condução das entrevistas aqui em análise, foram vários os recursos usados para que uma relação de empatia depressa se instalasse e mantivesse entre os interlocutores. Uma das estratégias usadas pela entrevistadora consistiu em camuflar, na medida do possível, algumas diferenças em termos de capital económico e cultural. Isso traduziu-se, por exemplo, na adaptação da linguagem da entrevistadora à linguagem do entrevistado, quer na formulação das perguntas, por vezes colocadas de forma mais ou menos simplificada, quer na utilização de determinadas expressões características de determinada categoria social, como o caso dos jovens. Efectivamente, o recurso a expressões menos habituais no discurso da entrevistadora foi mais frequente no decorrer das entrevistas com os mais jovens e menos escolarizados do grupo de homens entrevistados. Foi neste âmbito frequente o recurso a palavras como “fixe”, “bué”, “pá”, entre outras. O mimetismo de que Pierre Bourdieu falava em *Compreender* (2001).

Outra estratégia passou por forçar o uso da primeira pessoa do singular. Nalguns casos, exceptionais, por vontade mais ou menos expressa do entrevistado, isso nunca chegou a acontecer. Foi o caso de Duarte, um entrevistado que mostrou algum desconforto ao longo da entrevista, dado o pouco à-vontade com este tipo de exercícios discursivos, como o próprio acabou por assumir. Ainda assim, deu-se como que uma auto-superação, tendo a situação de entrevista proporcionado um espaço de abertura que permitiu a Duarte verbalizar coisas que nunca antes tinham sido ditas, segundo o próprio.

Também o local da entrevista não foi deixado ao acaso. Ou melhor, foi deixado ao

critério do entrevistado, sendo que era sugerido um espaço público a seu gosto. Assim, a maior parte das entrevistas decorreu em pequenos cafés no centro de Lisboa, ou em Centros Comerciais perto da zona de residência dos entrevistados, e onde estes à partida se sentiam mais confortáveis pela familiaridade com o espaço. Duas entrevistas constituíram, a este nível, excepção. A entrevista com Rodrigo decorreu na sala de reuniões do seu local de trabalho e a entrevista com José em sua casa. Curiosamente foram estes os entrevistados que se apropriaram do início da entrevista, pedindo esclarecimentos adicionais acerca da formação e actividade profissional da entrevistadora, bem como em relação ao projecto de investigação em causa. Eventualmente, o domínio do espaço pretendia contrabalançar alguma insegurança ou desconforto em relação ao papel de entrevistado que desempenhavam, bem como o ensaio da inversão de papéis visasse atenuar a hierarquia estabelecida pelo contrato de comunicação.

Outra estratégia facilitadora de empatia prendeu-se com o encadeamente de assuntos abordados, pese embora a flexibilidade do guião. Por exemplo, as perguntas com que se deu início à entrevista não foram escolhidas ao acaso. Ainda que possa considerar-se que um critério cronológico guiou esta escolha, a verdade é que se acreditou que colocar os entrevistados a falar das suas origens, relações familiares e informação factual fosse uma boa forma de dar início à conversa. Esta primeira parte funcionou, assim, como uma espécie de apresentação, na qual a entrevistadora aproveitou também para se apresentar, abordando-se assuntos mais superficiais, mais formais e menos íntimos.

Também o tema deixado para o fim da entrevista não obedeceu ao improviso. A sexualidade foi propositadamente abordada apenas nas últimas questões, temendo-se que estas pudessem causar algum desconforto ou constrangimento capaz de pôr em causa o contrato de comunicação em vigor, quebrar a empatia ou prejudicar a continuação da entrevista. Efectivamente, nalgumas entrevistas acabou por não se avançar com algumas das questões previstas como, por exemplo, a satisfação com o desempenho sexual ou a existência de problemas desse foro, dado o visível desconforto causado pelo assunto.

Outra estratégia da entrevistadora passou por, sempre que se considerou necessário e pertinente, partilhar com os entrevistados algumas informações em relação à sua vida. Esta partilha ajudou a diminuir a distância entre os papéis de entrevistador e de entrevistado, fazendo com que o primeiro sentisse a interacção como mais justa. Junto

dos entrevistados provenientes de origens sociais menos favorecidas foram várias as ocasiões em que a entrevistada aproveitou o seu contexto de origem para demonstrar o quão a realidade do entrevistado lhe era próxima e conhecida. Junto dos entrevistados mais escolarizados, cujo capital cultural se revelava mais elevado, a entrevistada fez recurso das suas experiências pessoais mais recentes como as viagens ao estrangeiro ou alguns dos consumos culturais como a ida a festivais de música, ou a frequência de ciclos de cinema “alternativos”.

Ao contrário, situações houve em que os entrevistados ensaiaram uma troca de papéis e tomaram a iniciativa de colocar questões à entrevistadora, de forma directa, sobre a sua vida pessoal, às quais não houve condições para não responder. Uma não resposta estaria a abrir espaço para que o entrevistado fizesse o mesmo, pois estar-se-ia a reforçar a ideia de que este estaria envolvido numa troca desigual e injusta. Alguns exemplos. César, Rodrigo e Abílio perguntaram com quem eu vivia. Abílio tentou esclarecer, ainda, a sua curiosidade acerca de eventuais semelhanças entre o meu companheiro e o meu pai, à luz de algumas referências à teoria de Sigmund Freud. Rodrigo, por sua vez, fez-me perguntas acerca do meu passado amoroso, com o objectivo de perceber se eu já tinha passado por algum processo de separação ou divórcio. Para além de perguntas, houve ainda lugar para alguns conselhos. César alertou-me para a efemeridade e fragilidade do amor, um sentimento que ele considera desvanecer-se facilmente ao longo do tempo, antevendo deste modo o fim inevitável do meu relacionamento, ou pelo menos do sentimento amoroso. Já Miguel, tendo em conta a sua experiencia pessoal, aconselhou-me a não adiar muito mais tempo o projecto de ter filhos. Ele fê-lo e hoje arrepende-se. Todos os exemplos se referem a entrevistados significativamente mais velhos que a entrevistadora, podendo essa diferença ter funcionado como motor de inversão de papéis.

Para além de colocar questões ou dar conselhos sobre a vida privada da entrevistadora, alguns entrevistados sentiram-se à-vontade para tecer comentários sobre a pesquisa, especialmente o guião de entrevista e mesmo o desempenho da entrevistadora. Rodrigo e Miguel alertaram-me para a extensão do guião. Tomás elogiou a estrutura do guião. Abílio avaliou-me como “simpática” e capaz de “pôr as pessoas à-vontade”. Joaquim comparou uma das perguntas (Como é que te imaginas daqui a dez ou vinte anos?) com aquelas a que é sujeito em situações de entrevista de emprego. Terminada a entrevista, foram bastantes os entrevistados que demonstraram a sua curiosidade e interesse acerca da pesquisa, solicitando hipóteses de trabalho e pistas

conclusivas. Estas questões foram as mais difíceis de gerir, na medida em que as respostas poderiam levar os entrevistados a sentir que a sua confiança tinha sido traída pela ocultação de informação. Primeiro, porque em muitos casos os "verdadeiros" interesses por trás das perguntas não eram do conhecimento dos entrevistados e, segundo, porque não havia na altura conclusões prontas a partilhar.

2.2 Efeitos secundários: violência simbólica e identidades em xeque

A entrevista sociológica não pode deixar de ser equacionada como um momento por excelência de apresentação do eu (Goffman, 1985; Giddens, 1994), em que é solicitado ao entrevistado que produza uma narrativa identitária a partir da tomada de posição acerca de vários assuntos. Regra geral, a informação com que o entrevistado parte para esta situação desigual, de exposição quase unilateral, é pouca e bastante genérica, quando não algo imprecisa. Esta falta de clareza quanto aos objectivos da investigação prende-se com dois motivos principais. Primeiro, porque o conhecimento profundo dos objectivos da pesquisa, por parte dos entrevistados, poderia enviesar a sua realização e, segundo, porque seria necessária alguma capacidade de abstração, familiaridade com este tipo de exercícios analíticos e o domínio de determinados conceitos sociológicos, na maioria dos casos inexistente, para se conseguir compreender plenamente em que tipo de interacção se estava envolvido.

Assim sendo, como garantir que a entrevista não seja vivida como um momento de uma certa violência simbólica (Bourdieu, 2001), na medida em se pede constantemente algum exercício de abstração a que habitualmente não se está habituado e uma tomada de posição sobre assuntos, por vezes, nunca antes problematizados e para os quais não se ia avisado? Ou ainda, como um momento em que o entrevistado sente a sua identidade ser posta em "xeque" (Velho, 1994), uma vez que a narrativa identitária produzida no momento não surge tão coerente como, regra geral, é desejado e algumas contradições se tornam transparentes aos olhos do próprio? Estas duas questões constituíram, sem dúvida, dois dos principais desafios na condução das entrevistas. Na maior parte dos casos, tem-se a sensação de que se conseguiu de forma bem sucedida contornar estes desafios.

Apesar dos esforços no sentido de evitar que os entrevistados sentissem alguma forma de violência simbólica por parte da entrevistadora, algumas das perguntas centrais à pesquisa produziram inevitavelmente esse efeito quer pela sua ininteligibilidade, quer

pelos assuntos que abordavam. Isso foi especialmente verdade nas perguntas de cariz mais abstracto e eminentemente sociológicas, e nas que incidiam sobre aspectos da vida que muitas vezes não saem dos bastidores ou são partilhados apenas com quem é mais próximo, nomeadamente as que abordavam a sexualidade ou alguns pormenores dos cuidados mais íntimos.

Este tipo de situações foram mais comuns, ainda que raras, durante as entrevistas levadas a cabo com os homens mais jovens e/ou menos escolarizados que claramente pouca reflexão tinham devotado às questões de género até ao momento da entrevista, e cuja masculinidade se apresentava fortemente naturalizada. O desafio foi sempre o de não insistir nas perguntas que causavam desconforto, sabendo que, por um lado, não obter determinadas respostas comprometia o trabalho de investigação que se queria levar a bom porto mas, por outro, a insistência poderia quebrar a relação de confiança instaurada. Ou seja, gerir as condições de interacção de modo a encontrar um justo equilíbrio entre a satisfação dos objectivos científicos e o respeito pela condição de entrevistado.

Alguns dos momentos mais tensos surgiram então com as perguntas que, ao invés de solicitarem descrição de práticas, obrigavam a um exercício de abstração menos treinado ou com as perguntas que colidiam com determinada ideologia de género, tornando-as desse modo ininteligíveis ou inapropriadas para alguns dos entrevistados. Refiro-me, por exemplo, àquelas que indagavam sobre concepções pessoais sobre o que é ser homem e ser mulher ou, ainda, ao exercício no âmbito do qual se pedia um posicionamento numa escala que variava entre o máximo masculino e o máximo feminino, quando estes eram concebidos como duas instâncias antagónicas que não se tocam.

A conversa com Serafim foi bem reveladora do quão ingrata pode ser a posição de um entrevistado, a quem são colocadas questões complexas, que apelam à partilha de uma concepção de si e da realidade, que exigem alguma capacidade de abstracção não treinada, sem aviso prévio e sobre as quais não se consegue construir um discurso, desde logo porque não se consegue compreender a pergunta.

"[O que é isto de ser homem e o que é isto de ser mulher?] É assim, essa pergunta eu não te sei responder. Se calhar só vou responder parte dela, nesse caso entre os homens e as mulheres na sociedade. Eu acho que não são iguais actualmente, mas deviam ser. (…) E também há muitos homens que são iguais às mulheres. Eu não sei responder a essa pergunta. [Por exemplo, achas que se podem dizer aquelas coisas tipo "as mulheres são mais sensíveis"?] É assim, há muitas mulheres sensíveis como também há muitos homens sensíveis. Não sei responder a essa pergunta, não sei, mas deviam ser todos iguais. (…) [Já há aqui qualquer coisa que nasce connosco que é diferente, ou achas que é uma questão de educação só?] Não sei, não sei responder a essa pergunta. Realmente essa foi das mais difíceis, eu não sei responder a essa pergunta, não sei mesmo. (…) [Nessa escala de 0 a 10, onde é que tu te colocavas? Portanto zero é o máximo masculino e dez é o máximo feminino.] Vamos ver se eu estou a perceber a pergunta. Estás-me a perguntar o que eu acho em mim… Eu não estou a ver. Eu acho que não tenho nada em mim que seja feminino. Nem os comportamentos, nem nada. [Então mas o que é isso de ser feminino?] Também não sei responder, mas eu também não… [Podes dar exemplos.] Está bem, vou dar um exemplo normalíssimo, os gays. [O gay é feminino?] Eu acho que sim, por exemplo, nascem homens mas depois, com o tempo, começam a gostar mais da aparência feminina, daí se vestem como mulheres, agem como mulheres, fazem tudo como mulheres e gostavam de ser mulheres. Daí haver muitos homens que fizeram a tal operação e tornaram-se mulheres. Eu acho que ser feminino é isso. Nesse caso, os homens que querem ser femininos e que acabam por ser femininos, só que nascem homens. Não sei se respondi à pergunta?"

Serafim, 23 anos, união de facto, 2 filhos, 12º ano, medidor

Serafim revelou ao longo de toda a entrevista uma visão fortemente essencialista e naturalizada dos géneros, o que tornou difícil a compreensão de algumas das perguntas que lhe foram colocadas, pois a capacidade para identificar as diferenças entre masculino e feminino surge tolhida pela forma como este encara e concebe os géneros. Ou seja, segundo Serafim homens e mulheres são naturalmente diferentes, mas essas diferenças são-lhe tão familiares e estão tão entranhadas que não as consegue enunciar. Quando questionado directamente sobre o assunto, a estratégia de fuga passou, então, por aderir ao discurso do politicamente correcto, de defesa da igualdade de direitos entre homens e mulheres e, portanto, afastamento em relação a categorias como "machista". À medida que outros assuntos como a parentalidade ou a divisão do trabalho entre homens e mulheres foram abordados, as suas respostas foram revelando de forma inequívoca a sua ideologia de género. Refira-se, por exemplo, o facto de Serafim desejar que a sua companheira se dedique em exclusivo à casa e filhos, passando ele a assumir, unilateralmente, o sustento financeiro do lar.

Uma vez que para Serafim homens e mulheres são diferentes de forma quase absoluta, ainda que este seja capaz de identificar excepções a essa regra, a sua posição na escala dos géneros não poderia ser outra senão o zero. Para Serafim não existe mais

e menos masculino. Ou se é, ou não se é masculino. Uma vez mais, portanto, a própria compreensão do exercício que lhe foi proposto entra em conflito com a sua forma de ver o mundo, pois o contínuo entre masculino e feminino que foi sugerido contradiz a sua ideia de que homens e mulheres são de natureza diferente. Tendo em conta a forma pouco reflexiva como Serafim constrói a sua masculinidade, aludindo à teoria do *habitus* de Bourdieu, não surpreende (apesar de incomodar) o facto de a entrevista ter sido vivida com um certo desconforto por parte do entrevistado, ainda que pontualmente. Isto porque muitas das questões impeliam à desconstrução de si e do sistema simbólico que orienta a sua concepção do mundo, a propósito de um exercício forçado e que Serafim não dominava. Por esta constatação não ser tão imediata no momento da entrevista, e não por causa de um certo egoísmo científico, por vezes a reacção foi recolocar a pergunta de forma mais simples, desdobrá-la em perguntas mais pequenas, de modo a torná-la mais percetível. Como se viu, neste e noutros casos, isso não foi simplesmente possível.

Outras situações houve em que, pelo contrário, os entrevistados partiam para a entrevista com uma significativa bagagem reflexiva em torno das questões de género, esta muitas vezes alimentada por preparação escolar de nível superior, contextos de interacção altamente escolarizados, interesse pessoal pelas ciências sociais e questões de género em particular, bem como leituras direccionadas para alguns dos temas abordados. Do mesmo modo que Bourdieu em *A miséria do Mundo* (2001a), também aqui ficou patente, em determinadas situações, o empenho de alguns entrevistados em demonstrar que eram capazes de "assumir a sua própria objectivação", apontando aqui e ali elementos das suas vidas que permitissem compreender porque são como são. Recordo especialmente os casos de Miguel, Bernardo e Filipe. Miguel fez referência ao filósofo William Reich e ao facto de este autor o ter chamado a atenção para a necessidade de "pensar por si mesmo" e "ter sempre uma posição crítica" em relação à realidade. Bernardo é um activista de esquerda, ligado ao movimento anarquista, no âmbito do qual grande atenção é dedicada às questões de género, nomeadamente à desconstrução da dominação masculina. Por sua vez, Filipe, pela altura da entrevista, lia um livro sobre "a história da humanidade escrita por uma feminista".

Esta capacidade reflexiva mais apurada ou o à-vontade com este tipo de exercício narrativo influenciaram determinantemente a duração das entrevistas, que na maior parte dos casos ultrapassou as duas horas de conversa. Outro dos factores, como não poderia deixar de ser, prende-se com a qualidade da relação estabelecida. Duas entrevistas duraram apenas uma hora, sendo que outra se prolongou por mais de seis horas. Seis

das entrevistas foram divididas por mais de uma sessão (máximo de três sessões com Abílio e Bernardo), devido quer a compromissos por parte dos entrevistados, quer ao cansaço que demonstravam dado o prolongamento da conversa.

O segundo desafio, evitar que os entrevistados sentissem que as suas identidades estavam a ser postas em causa, em "xeque", nem sempre foi superado, ainda que o balanço global seja muito positivo a este respeito. Algumas situações houve em que os entrevistados revelaram, directamente, ter vivido a entrevista, ou parte dela, como um momento de desconstrução da coerência interna e unicidade pessoal que estavam empenhados em transmitir, ou como se estivessem a ser postos à prova num diálogo em que havia respostas certas e erradas. Talvez por isso o fim da entrevista tenha levado Duarte a manifestar o seu alívio através de um sentido "safei-me!". Vejam-se dois fragmentos de discursos ilustrativos da forma como, nalguns casos, a interacção entre entrevistado e entrevistadora foi pautada, ainda que pontualmente, por um trabalho extraordinário de gestão da impressão e de controlo cerrado sobre a narrativa identitária que estava a ser produzida.

> *"[Mas achas que há uma relação entre a aparência das pessoas e a sua personalidade, a forma como encaram a vida?] Tens sempre uma ideia, claro que percebes. Estás a puxar essa pergunta por causa da outra… yah, estás-me a rebentar. É estranho, porque eu tenho bué opinião das outras pessoas e de mim não tenho opinião. É bué da estranho. (…) Já estás a desviar para aquela conversa de lavar a loiça e não sei o quê. (risos) Estou mesmo a ver a tua cena. Estas perguntas são bué enquadradas no que já se passou, estás a ver. Por isso é que eu estou naquela…"*
>
> Adão, 22 anos, solteiro, sem namorada, 9º ano, empregado papelaria

> *"[E falas com eles (pai e mãe) sobre a mesma coisa? Ou há assuntos que falas mais com um…] Epá, deixa-me pensar. Essa aí não vinha preparado. (risos) Pronto, vou já dizer o que estou a pensar. Com o meu pai sou muito mais brincalhão. A minha relação com o meu pai é como com um colega meu. Estás a perceber? É muito bom. É muita brincadeira. Com a minha mãe é mais o mimo. (…) [Achas que há tarefas domésticas que as mulheres, de uma forma geral, fazem melhor?] Essa pergunta tem truque. (risos) Estou a brincar. Não sei… Tarefas que as mulheres fazem melhor… Isso depende um pouco de casal para casal..."*
>
> Tomás, 24 anos, solteiro, com namorada, licenciatura, informático

Adão, dado o encadeamento de perguntas que lhe foi colocado, manifestou, uma ou outra vez, a sensação de estar a ser confrontado com aquilo que considerou serem contradições suas e resolveu confrontar-me, também ele, com a sua perspicácia em detectar o que para si era um objectivo oculto da entrevista - colocar as suas contradições

internas a descoberto e apanhá-lo em falso. Isso foi sobretudo verdade na segunda sessão da entrevista[75], o que poderá ser indicativo de alguma reflexão por parte de Adão acerca da própria situação de entrevista, durante o intervalo temporal que decorreu entre esta e a primeira.

Por sua vez, Tomás não deixou de manifestar algum alarmismo quando surgiam perguntas para as quais "não vinha preparado", o que o obrigava, no imediato, a dar uma resposta espontânea que poderia comprometer o seu desempenho ao longo da entrevista. Tendo em conta a teoria de Erving Goffman (1985), os desabafos de Tomás transmitiam a ideia de que o desconhecimento em relação ao que iria ser questionado o deixavam mais vulnerável a um eventual "desmascaramento" e, simultaneamente, de que este tivesse feito algum trabalho de preparação para a entrevista, como tentar antever perguntas e ensaiar respostas. A sensação de que Tomás estava a monitorizar o seu desempenho, alternando entre o papel de locutor e interlocutor, foi tão real quanto o trabalho de gestão da impressão feito em voz alta. Por exemplo, quando depois de fazer uma afirmação que o próprio considerou que poderia ser avaliada como machista, alertou de imediato o interlocutor para que não julgasse dessa forma o seu posicionamento perante as mulheres. Tal como Adão, também Tomás deixou transparecer que estava atento e em alerta em relação às perguntas que lhe eram colocadas e seu encadeamento, preparado, portanto, para algum "truque" que pudesse surgir. Perante todo este trabalho de gestão da impressão tornado conhecido, não pôde deixar de se sentir, quer num caso, quer no outro, que a empatia que se deve fazer sentir neste tipo de interacções estivesse sob ameaça.

A transparência e visibilidade do trabalho de gestão da impressão, identificado na entrevista de Tomás, foi, noutras situações, potenciado pelo desdobramento de algumas das entrevistas em múltiplas sessões. Não raro, os entrevistados que iniciavam uma nova sessão de entrevista aproveitavam para esclarecer determinado aspecto, clarificar determinada posição, ou mesmo mudar a imagem que acreditavam ter transmitido anteriormente. Veja-se a este propósito a forma como Abílio inicia a terceira e última sessão de entrevista.

[75] A entrevista de Adão dividiu-se em duas sessões separadas por pouco mais de uma semana.

"Não sei se a Elisabete ficou com uma ideia errada ou não. Eu acho que na última entrevista fui ligeiramente efusivo demais em relação às coisas… (…) Não, não é que tivesse ficado a pensar. Mas transmiti uma ideia que se calhar pode não corresponder à realidade. Não sei se foi essa a sua interpretação ou não. É assim, tenho cuidado [com o corpo], mas eu não sou, como é que eu hei-de dizer, obcecado com este tipo de coisas. Completamente normal. Se não tiver, sou capaz de andar um mês… Não estou ali à espera para ir comprar… Não tenho que ter sempre os produtos. Não, nada disso. É uma coisa perfeitamente natural e normal. É acima de tudo isto, com muita naturalidade."

Abílio, 40 anos, casado, 1 filho, licenciatura, gestor de produtos bancários

Olhar para as entrevistas como momentos privilegiados de produção de narrativas identitárias, de apresentação do eu e gestão da impressão causada no outro leva-nos de encontro a outra ideia. Os discursos, neste caso as narrativas identitárias, não existem em estado absoluto, acabado e pronto a usar antes do momento da entrevista (Alo,1999). Ao contrário, estes discursos são criados e recriados nas interacções sociais, quer a partir de reflexões anteriores, mais ou menos sólidas, por vezes ensaiadas no recato dos bastidores da vida em sociedade (Goffman, 1985), quer de ideias mais espontâneos, por vezes improvisados no momento. Ou seja, não existindo para além dos momentos de interacção, a narrativa identitária deve ser concebido como algo plástico que está em permanente (re)criação. É essa ideia que fica visível no discurso de Abílio. Não satisfeito com a imagem que produziu de si, de homem demasiado preocupado com o corpo e a aparência em geral, sentiu necessidade de reformular a impressão que acreditava ter causado, clarificando o seu interlocutor quanto à intensidade dos cuidados. Dito isto, importa sublinhar que os discursos produzidos nestas entrevistas não são mais ou menos válidos que outros, produzidos noutros contextos espaciais ou temporais. São os discursos que estes homens escolheram produzir naquele momento particular e é a partir deles que se vai trabalhar, analisando os seus sentidos implícitos e explícitos.

2.3 Entrevista "é melhor do que ir ao psicólogo"

Enquanto momento privilegiado de construção de si, a entrevista, para além de acarretar alguns efeitos secundários menos desejáveis como os analisados anteriormente, pode, na óptica de Pierre Bourdieu (2001), ser vivida como um exercício de "objectivação participante", uma autêntica "auto-análise provocada e acompanhada" e, nesse caso, experienciada como uma oportunidade única para dar expressão a uma visão do mundo particular, que no momento de entrevista aparece como que hipervalorizada. Ainda que

se considere que a entrevista tal como Pierre Bourdieu a idealiza é, em certa medida, romântica e utópica, é verdade que muitas das perguntas lançadas constituíram oportunidades para os entrevistados reflectirem sobre assuntos para si novos ou, ainda, pôr em palavras aquilo nunca antes tinha sido verbalizado. Muitos dos entrevistados que desta forma viveram/aproveitaram a entrevista fizeram questão de o declarar, por vezes até em jeito de agradecimento. Creio que o tema das identidades de género, o carácter sociológico das perguntas, bem como a dimensão auto-biográfica das entrevistas, em muito explicam que estas tenham sido vividas por alguns como verdadeiros exercícios de auto-análise.

Vejam-se alguns exemplos que sustentam esta ideia. Miguel, em jeito de balanço e depois de uma entrevista de seis horas, acabou por afirmar que tinha aproveitado o momento para fazer como que um balanço de meia vida, agora que tinha acabado de chegar aos 40 anos. Já a Rodrigo, a entrevista fê-lo recordar as consultas de psiquiatria que frequentou quando teve uma depressão nervosa e demonstrou satisfação por a conversa o ter lembrado algumas memórias há muito guardadas no baú das recordações.

Também Abílio acabou por dizer que a entrevista foi mais agradável do que "ir ao psicólogo", enaltecendo os benefícios deste tipo de exercício discursivo: "eu também faço estas auto-análises para mim próprio. Acho que eu sou apologista de que todas as pessoas devem ir ao psicólogo. É bom poder falar e isto é quase uma sessão!". Efectivamente, Abílio aproveitou a entrevista para comigo partilhar alguns sentimentos mais dolorosos ou comportamentos que facilmente poderiam ser usados para julgar a sua integridade enquanto homem. Refiro-me, por exemplo, aos diversos episódios de infidelidade que Abílio protagonizou ou aos problemas amorosos e sexuais que na altura atormentavam a relação com a sua esposa. Esta abertura e partilha de intimidade suscitou, inclusive, algum receio em Abílio, levando-o a perguntar e clarificar se eu não estaria a tecer juízos de valor em relação à sua pessoa.

Da mesma forma, Adão, Duarte e, especialmente, Serafim, que se apresentaram como pessoas tímidas e muito reservadas, acabaram por confessar com alguma surpresa que tinham partilhado episódios da sua vida, sentimentos ou ideias que nunca chegaram a verbalizar perante outra pessoa, ou até consigo próprios, como esclareceu Duarte. Serafim disse, ainda, que seria bom fazer uma entrevista deste tipo uma vez por ano, criando como que um espaço e um mecanismo de reflexão forçado, que não tem conseguido encontrar no seu quotidiano. A maior parte dos entrevistados justificaram, tal como Arnaldo, este seu inusitado à-vontade com o facto de a entrevistadora não fazer

parte do seu quadro de interacções, ser alguém com quem muito provavelmente não se voltarão a cruzar e, ainda, alguém de quem não esperam ouvir juízos de valor dado o papel desempenhado. Essa ideia do "estranho" que não se espera voltar a encontrar pareceu transmitir bastante conforto e reflecte a ideia do sociólogo "confidente que desaparece uma vez a confidência feita" (Lahire, 2002: 27). Com isto não se quer, no entanto, excluir a ideia de que o processo de abertura e de construção da narrativa possa nalguns casos ter simultaneamente implicado algum sofrimento, como se viu ser o caso de Serafim.

Na sequência destas declarações, ficou-se com a sensação de que se proporcionou um momento de verdadeira auto-análise a alguns destes homens, ainda que conduzida e restringida ao temas ditados pela entrevistadora. As constantes referências e analogias entre a entrevista sociológica e as consultas terapêuticas de cariz psicológico ou psiquiátrico não podem aqui ser entendidas como que uma falha de comunicação ou uma errada percepção por parte dos entrevistados em relação ao tipo de interacção que lhes foi proposto. Ao invés, devem ser lidas como um reflexo da pouca familiaridade destes homens com os instrumentos e técnicas de investigação usadas no âmbito das pesquisas sociológicas.

Se alguns retiraram algum proveito da entrevista, a maior parte dos entrevistados tentou, também, corresponder ao que entendiam ser os objectivos da pesquisa da entrevistadora. Por isso, não raro, alguns terminaram as entrevistas perguntando se o seu desempenho tinha ido de encontro ao que lhes tinha sido pedido, como Abílio, ou manifestando as suas intenções de cooperação: "espero ter resolvido o teu problema", afirmou Adão; "espero ter ajudado", avançou Joaquim; "só espero que seja proveitoso para o seu estudo", disse Rodrigo.

Em jeito de balanço metodológico não pode deixar de se considerar que a forma como os entrevistados avaliaram a entrevista, a entrevistada, bem como a qualidade da relação estabelecida entre entrevistadora e entrevistado, influenciaram aquilo que foi dito durante a interacção. De qualquer modo, e pese embora os esforços para que a situação de entrevista decorra do modo mais natural possível e se instale uma relação de confiança, as condições de interacção vão sempre modelar os discursos produzidos.

2.4 À conversa com uma mulher

Como se viu, vários são os factores que influenciam aquilo que é dito numa entrevista, para além do conteúdo do guião. Se muitas vezes o sexo do entrevistador pode ser, a este respeito, irrelevante, neste caso o mesmo não pode ser tomado como garantido. Para evitar erros de comunicação clarificou-se, logo que possível, a situação amorosa da entrevistadora, introduzindo alguma referência que fosse minimamente pertinente em relação ao companheiro. Noutros casos, como veremos, a curiosidade do entrevistado adiantou-se à iniciativa da entrevistadora.

Reflectindo sobre o sexo da entrevistadora, considera-se que o facto de esta ser mulher pode ter limitado a capacidade de os entrevistados se identificarem e criarem empatia com o interlocutor, diminuindo a abertura e promovendo, por exemplo, a colagem ao discurso do politicamente correcto em relação às questões de género. Ou seja, estariam estes homens mais empenhados em promover uma imagem de si menos conservadora e "machista" tendo em conta que quem colocava as questões e os ouvia era uma mulher? Alterando apenas esta característica teriam sido as respostas e a dinâmica criada diferentes? Ao contrário, o facto de a entrevistadora ser mulher terá funcionado como um facilitador na partilha de determinados aspectos da intimidade? Nomeadamente alguns dos cuidados que estes homens têm com o seu corpo e aparência, os quais no senso comum tendem a ser identificados como femininos ou indicativos de uma orientação sexual homossexual.

O balanço que se faz das entrevistas aponta no sentido de que o sexo da entrevistadora não tenha constituído um impedimento à disponibilidade comucacional por parte da maior parte dos homens entrevistados. O que está na origem de tal conclusão? Por exemplo, as concepções mais depreciativas do feminino que alguns dos entrevistados não deixaram de partilhar com a entrevistadora, ou algumas experiências de foro íntimo mais dolorosass, como as que foram abordadas no âmbito da sexualidade. Para que isso fosse possível, houve um empenho pessoal suplementar por parte da entrevistadora em não transmitir juízos de valor, demonstrar interesse e curiosidade pelo que estava a ser dito e, ainda, de afastamento em relação à imagem da mulher adulta. Assim, não pertencendo ao mundo dos adultos, das mulheres e dos homens, a entrevistadora tentou colocar-se na posição de quem não domina as regras da interacção homem-mulher e não é capaz de julgar criticamente os outros.

Para além disso, e tal como aconteceu num projecto de contornos metodológicos

algo semelhantes, coordenado por Karin Wall, Sofia Aboim e Vanessa Cunha (2010), adoptou-se ainda uma estratégia de "valorização do ponto de vista masculino", referindo, pontualmente, o vazio científico que estes homens estavam a ajudar a preencher.

Também o facto de a entrevistadora ser mulher levantou desafios adicionais à sua capacidade em criar uma ligação empática com os entrevistados, de experimentar o "amor intelectual", de se colocar no lugar do "outro" (Bourdieu, 2001). Isto porque, por vezes, a visão do mundo, dos homens e das mulheres partilhada pelos entrevistados colidia de forma muito violenta com aquilo que são as crenças, convicções e valores pessoais desta. Sobretudo, a sua orientação para uma maior igualdade e justiça sociais entre sexos. São exemplo disso algumas das concepções do feminino apresentadas, em que se enfatizavam características depreciativas das mulheres tais como "cínicas", "interesseiras", "falsas", "coscuvilheiras" ou "fúteis", não havendo um equivalente para o masculino, enaltecido por contraponto. Veja-se o discurso de Adão, a este respeito.

> *"Também há mulheres que trabalham... Mas o homem curte mesmo trabalhar porque já sabe que vai conhecer alguém ali, ou vai ter mais dinheiro para se divertir. O homem é mesmo assim! A mulher se andar toda cuidada, toda pintada… A mulher na discoteca entra à borla e o homem não. Têm a Ladies night! Onde é que já viste Men´s night? O homem tem que trabalhar para conseguir aquelas cenas. (…) E elas arranjam sempre boleia. Se não vão com um rapaz, vão com outro. (…) É isso que eu vivi, é essa a minha visão. [Tu achas que elas têm a vida mais facilitada…] Acho e vai ser sempre assim. Por isso é que existe a prostituição. A prostituição é a profissão mais velha do mundo. É o que se diz, não é? [Mas quê…achas que a mulher usa o corpo para se aproveitar dos homens?] Acho que sim. Não te vou dizer que é mentira. Se alguém disser que isso é mentira, meu Deus! É normal. Tens exemplos de milhares de anos. Tipo a Cleópatra. Já nessa altura a mulher era aquela cena e vai ser sempre assim."*
>
> Adão, 22 anos, solteiro, sem namorada, 9º ano, empregado papelaria

O discurso de Adão não reflecte, no domínio do trabalho, a sua história pessoal, o que nos lembra o quanto as representações sociais e os estereótipos podem perdurar mesmo que experiências em contrário sejam conhecidas ou vividas (Amâncio, 1992, 1993). Adão não se cansou de elogiar a sua mãe, especialmente as suas qualidades de resiliência e trabalho, por oposição ao pai que gastava o grosso dos seus rendimentos nos tempos de lazer passados com os amigos e, eventualmente, outras mulheres. Aliás, o facto de o pai não contribuir para o orçamento familiar, estando as despesas com a casa e os três filhos quase que em exclusivo sob a responsabilidade da mãe, constituiu um dos principais motivos na origem do divórcio de ambos. Para além disso, a mãe de Adão é actualmente a sua empregadora, num negócio que ela criou e este espera herdar, e no qual deposita

todas as expectativas para o seu futuro profissional. Ainda assim, Adão considera que as mulheres têm a vida facilitada. Apesar de me ser difícil ouvir um homem tão jovem produzir, em contexto de entrevista, uma visão tão negativa das mulheres, também é verdade que a este sentimento se misturou um outro. Um sentimento de satisfação pelo facto de o entrevistado não parecer estar a coibir-se de partilhar ideias que fogem ao que é considerado politicamente correcto, sobretudo perante uma mulher.

Tendo consciência de que o que foi partilhado em contexto de entrevista não corresponde ao "verdadeiro" discurso - tanto mais porque esse discurso não existe para além das situações de interacção com "outro", que convocam a construção de si e a gestão da impressão, e que podem criar condições para que um discurso diferente seja produzido – crê-se que o que foi dito resulta de uma escolha e, portanto, cada um destes homens usou os recursos de que dispunha para de si dar determinada imagem, aquela e não outra (Kaufmann, 2011). Ou, nas palavras de Piedade Lalanda, "uma entrevista corresponde sempre a uma versão de uma história...uma construção selectiva baseada na memória e representações" (1998: 874). Ora, é daí que advém exactamente a mais-valia, a riqueza da informação neste tipo de interacção recolhida, pois a entrevista "mais do que recolher informação "realista" sobre factos, permite o acesso a uma narração que os comenta, valoriza, interpreta, relaciona e contrasta com outros factos" (Ferreira, 2012: 9).

Neste sentido, e tal como Maria do Mar Pereira (2010) ou Allen (2003a) afirmam a propósito da realização de entrevistas em condições semelhantes, o discurso não traduz simplesmente as representações de género pré-existentes, mas antes é parte integrante da construção de uma relação com o masculino e o feminino, constituindo, em si mesmo, uma tomada de posição perante a realidade.

CAPÍTULO III. MASCULINIDADES ENTREVISTAS

1. As entrevistas e os entrevistados

1.1 Perfil e origens sociais

Compreender sociologicamente o sentido da acção social implica conhecer os indivíduos intimamente, na medida do que é possível a partir de uma entrevista, e são vários os indicadores-chave que podem funcionar como facilitadores dessa tarefa. Esse sentido que se procura compreender pode ser desconhecido do próprio actor, ou existir em estado inconsciente, uma vez que os indivíduos em grande parte das situações tendem a agir por hábito e de forma rotineira (Weber, 2005 [1922]; Bourdieu, 2002 [1972]). Mas pode também, pelo contrário, ter sido alvo de construção reflexiva por parte do agente (Giddens, 1994).

Dada a necessidade de conhecer e, também, dar a conhecer os actores principais deste trabalho, antes de partir para a análise das dimensões centrais da pesquisa, caracterizar-se-ão os homens entrevistados a partir de vários indicadores: a idade, que remete para a importância do contexto histórico e para a etapa no percurso de vida, a situação conjugal e parental, a profissão, o nível de escolaridade e, numa perspectiva mais integrada, a classe social dos entrevistados, bem como a sua origem social. Enquanto factores que possibilitam compreender modos de estar e ver o mundo, deve pois sublinhar-se o potencial hermenêutico da classe social de pertença, mas também de origem, atestados pelo património da sociologia. Tendo em conta a complexidade da realidade social importa sublinhar a necessidade de abrir a análise para a intersecção que entre todos estes elementos se estabelece.

Por exemplo, ser um homem de classe alta, com elevado capital cultural, não é a mesma coisa que ser um homem de classe popular e desenvolver um trabalho manual. Provavelmente estes homens não se identificarão mutuamente a vários níveis, e poderão sentir-se mais próximos das mulheres que com eles partilham as mesmas condições de existência, nomeadamente ao nível dos valores e gramática afectiva (Vale de Almeida, 2000; Torres, 2002a; Inglehart e Norris, 2003; Morgan, 2005; Torres e Vala, 2006; Wall, Aboim e Cunha, 2010). Ter ou não ter filhos pode constituir uma característica individual com elevado significado social. Ter filhos pode constituir um elemento fundador de novas

dinâmicas conjugais, levando os homens a desempenhar papéis sociais para os quais pouco estavam preparados, estabelecendo relações mais igualitárias no que se refere à divisão do trabalho não pago entre os membros do casal ou, pelo contrário, reforçar a desigualdade existente (Wall, Aboim e Cunha, 2010).

Em anexo (Anexo B) pode encontrar-se um quadro que permite sintetizar esta e outra informação complementar[76]. As idades são variadas e concentram-se no intervalo dos 21 aos 46 anos, estando mais de metade dos entrevistados distribuídos pela casa dos trinta anos. Portanto, se alguns destes homens foram socializados na década de 60 ou 70 do séc. XX e viveram a queda da ditadura, outros nasceram num Portugal democrático e membro da actual União Europeia. No entanto, não se trata simplesmente de opôr um país tradicional e conservador a outro moderno, ainda que a abertura de Portugal à Europa tenha tido consequências sociais e culturais profundas que se traduzem num modernismo mais acentuado dos valores e comportamentos. Mais à frente se verá até que ponto a diferença de idades e contextos de socialização produz efeito na forma como estes homens concebem os géneros, na forma como se relacionam com as mulheres e ao nível dos modos de produção corporal, por exemplo.

Cerca de metade dos entrevistados estão solteiros, sendo que dentro deste grupo alguns têm um compromisso amoroso que consideram "sério" e vive em casa dos pais[77]. Os restantes entrevistados estão casados ou a viver em regime de união de facto. Destes, a maior parte têm filhos. Um filho por casal, à excepção de um entrevistado que tem dois[78]. Somam-se aos anteriores dois entrevistados que já passaram por processos de

---

[76] De forma a garantir o anonimato dos entrevistados os nomes apresentados são fictícios. Com o mesmo objectivo algumas profissões foram modificadas, mantendo-se dentro do mesmo grupo profissional (por referência aos grupos indicados na Classificação Portuguesa das Profissões de 2010 - CPP).

[77] Tendo por referência a idade média nacional ao primeiro casamento, situada em cerca dos 30 anos para os homens (2009, INE) podemos verificar que muitos dos entrevistados solteiros estão para além dela.
Fonte: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0001348&contexto=bd&selTab=tab2 (consultado a 27 de Setembro de 2011)

[78] Valores que se aproximam dos actuais índices sintéticos de fecundidade (cerca de 1,35 filhos por mulher em 2011) (INE). Fonte: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0001293&contexto=bd&selTab=tab2 (consultado a 27 de Setembro de 2011).

divórcio, um deles acumulando dois divórcios e três filhos. Ambos vivem, agora, sozinhos.

Os níveis de escolaridade oscilam entre o diploma do 2º ciclo do ensino básico e o certificado de mestre. Grande parte dos entrevistados possui estudos de nível superior e outros completaram o ensino secundário. Menos comuns são os casos de homens que possuem diplomas equivalentes ou inferiores ao 3º ciclo do ensino básico[79].

Dada a complexidade do espaço social é sempre difícil posicionar os indivíduos no sistema de classes. Trata-se de um exercício analítico que implica a criação de categorias abstractas com as quais os entrevistados não se identificam, e que muitas vezes desconhecem. A maior parte dos restantes indicadores são por isso mais fáceis de operacionalizar, como acontece, por exemplo, com a escolaridade ou o estado civil dos indivíduos.

A história da sociologia das classes e da estratificação social é antiga e está inscrita na génese da própria disciplina. A diversidade de indicadores que podem ser levados em consideração é imensa e a sua importância relativa. Remontando aos clássicos, podemos identificar em Karl Marx um dos primeiros contributos para a temática em causa, se não mesmo a sua fundação. No entanto, outras variáveis que não a relação com os meios de produção têm de ser convocadas para conseguir dar conta da diversidade dos lugares de classe que constituem a realidade actual. Para responder a este problema, neste estudo optou-se por fazer uso do modelo proposto por João Ferreira de Almeida, António Firmino da Costa e Fernando Luís Machado (designado de forma abreviada por modelo ACM) (Almeida, Costa e Machado, 1988; Costa, 1999; Costa, *et al.*, 2000; Machado *et al.*, *2003*), que concilia duas dimensões fundamentais: por um lado, a dimensão "económica/profissional" e, por outro, a dimensão "cultural/simbólica" (Roldão, 2008: 4).

O modelo ACM[80] foi fortemente influenciado por autores como Erik Olin Wright e

---

[79] Por referência aos níveis de escolaridade da população empregada em Portugal (INE, Inquérito ao Emprego), a maior parte destes homens possui recursos acima da média. Se no contexto nacional, cerca de 70% da população masculina empregada não possuía, em 2010, níveis de ensino acima do 3º ciclo, neste grupo de entrevistados a proporção inverte-se, estando em vantagem numérica homens com pelo menos o ensino secundário completo (17 em 21). Fonte: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0000408&contexto=bd&selTab=tab2 (consultado a 21 de Setembro de 2011).

[80] A sua aplicação empírica faz-se a partir da construção do indicador socioprofissional com base na profissão e situação na profissão dos indivíduos. A profissão é codificada segundo a Classificação Portuguesa de Profissões (INE, 2011: 21) que tem inscrita na sua base critérios

Pierre Bourdieu, entre outros (*cf.* Almeida, Costa e Machado, 1988; Costa, 1999; Costa, *et al.*, 2000; Machado *et al.*, *2003*), cujos contributos são directamente visíveis neste trabalho. Recolheu-se, ainda, uma série de informação relativa às famílias de origem dos entrevistados, apresentando-se aqui o nível de escolaridade e o *indicador socioprofissional familiar de classe* (Costa, 1999: 238). Esses indicadores permitem caracterizar pontos de partida, mais ou menos, favoráveis, traçar trajectórias de mobilidade social, distinguir capital herdado de capital adquirido e identificar a génese do sistema de disposições individual (Bourdieu, 2001 [1989]). O conjunto de indicadores constituem coordenadas que permitem localizar os entrevistados na estrutura social, enunciando volume e composição de capital diferenciados (económico, cultural, simbólico) e, consequentemente, diferentes indicadores de classe (Bourdieu, 2001 [1989]; Machado *et al*., 2003).

Todos os entrevistados estavam empregados no momento da entrevista o que permitiu a construção do *indicador socioprofissional individual de classe* segundo o modelo ACM, a partir da sua actividade profissional (Costa, 1999: 230). A diversidade de perfis é reduzida, estando os entrevistados distribuídos por três das sete categorias possíveis. O grupo dos empregados executantes (EE) engloba nesta amostra os trabalhadores por conta de outrem, do comércio e serviços pessoais, genericamente caracterizados pelos fracos recursos escolares. O grupo dos profissionais técnicos e de enquadramento (PTE) distingue-se pelas qualificações de nível médio e elevado, podendo estar associadas a alguma autoridade organizacional. Por sua vez, o grupo dos empresários, dirigentes e profissionais liberais (EDL) caracteriza-se pela propriedade dos recursos produtivos, pelo desempenho de funções de direcção, pelos elevados níveis de autonomia ou o exercício de profissões liberais. O *capital simbólico* associado aos grupos profissionais mais elevados, regra geral, tende a valorizar-se positivamente, uma vez que aumentam os recursos económicos e organizacionais e o nível de especialização pericial associados (Bourdieu, 2001 [1989]).

Quase que invertendo a pirâmide nacional (INE, 2010: 108), entre o grupo dos

---

como “os recursos qualificacionais, as autoridades organizacionais e a *status* profissionais” (Costa, 1999: 206). Na esteira da teoria da estratificação social de Erik Olin Wright (1985) foi recolhida informação complementar acerca do nível de recursos organizacionais, aqui medido através de indicadores como a autonomia no desempenho do trabalho e autoridade exercido, este último observado a partir do desempenho de funções de gestão e supervisão (ou ausência delas).

entrevistados têm menor expressão os empregados executantes e estão sobre-representados dois grupos socioprofissionais: o grupo dos EDL e, sobretudo, o grupo dos PTE. Se agregarmos estas categorias em classes "médias e altas" e "populares", seguindo a proposta de Fernando Luís Machado, Ana Raquel Matias e Sofia Leal (2005: 703), a maior parte dos entrevistados insere-se naquilo que os autores denominam de classes médias e altas.

1.2 Diversidade no interior das classes sociais

Partindo dos grupos identificados (EE, PTE e EDL) explora-se, de seguida, a diversidade em termos de tipo de capital e origem social contida nas diferentes categorias.

No primeiro grupo, o dos Empregados Executantes, salienta-se a situação desfavorável de Mário, 21 anos, por oposição à de Adão, igualmente jovem, e Arnaldo de 39 anos. Mário já não vive com os pais, principalmente, devido aos conflitos com a mãe. De momento partilha, com um primo, um apartamento num bairro social. Até à data já viveu em três outros bairros sociais com a família de origem. A mãe, oriunda de Cabo-Verde, há muito que está desempregada e o pai é empregado de mesa. As expectativas escolares destes em relação ao filho são desconhecidas de Mário, que não foi além do 3º ciclo do ensino básico. Mário abandonou a escola porque ambicionava a sua autonomia financeira e, actualmente, acumula dois trabalhos com vínculo precário. Ao trabalho de recolher copos numa discoteca, acrescentou muito recentemente outro *part-time* como empregado de mesa num pequeno café, no centro de Lisboa. No horizonte mais próximo tem o projecto de tirar a carta de condução e um dia mais tarde voltar a estudar. Este último desejo foi colocado mais no plano das "aspirações" do que das "expectativas" (Seabra *et al.*, 2011), o que deixa adivinhar uma trajectória de reprodução social.

Enquanto Mário cresceu no seio de uma família também ela desprovida, em grande medida, dos diferentes tipos de capital, Adão beneficia do capital económico e simbólico associado à posse, por parte da família, de um estabelecimento comercial, no caso, uma papelaria. Apesar dos escassos recursos escolares (não foi além do 9º ano), no médio prazo coloca-se a possibilidade de assumir a responsabilidade pelo negócio da mãe. Perspectiva, portanto, avolumar o seu capital económico, mas também alterar sua situação na profissão. O próprio, ao descrever as suas responsabilidades profissionais, já se projecta nesse futuro e, por isso, preocupa-o o sucesso da papelaria. Entre os amigos já é reconhecido como "patrão". Se é verdade que o salário mensal é inferior ao

rendimento mínimo nacional, outras compensações se somam às compensações monetárias. A mãe de Adão cedo lhe comprou um carro e no ar está a promessa de um apartamento. Neste caso, a haver reprodução social, esta sustentará Adão na classe média dos proprietários de pequenos negócios[81].

Arnaldo desempenha uma profissão que pressupõe alguma progressão na carreira com o acumular dos anos de serviço e lhe proporciona bastante estabilidade. Deixou de estudar antes de concluir o 3º ciclo do ensino básico para garantir a sua autonomia financeira, mas depressa as suas expectativas profissionais o levaram a reingressar no sistema de ensino. Com o diploma do 3º ciclo na mão concorreu para a guarda prisional e, enquanto fez os exames, completou o 12º ano. Actualmente, Arnaldo acumula o desempenho desta profissão com outros *biscates* que avolumam os seus recursos económicos, o que lhe permite, por exemplo, pagar dois empréstimos à habitação, um deles referente à casa de férias no sul do país. Desta forma, Arnaldo experimentou uma trajectória social ascendente, ao nível económico e educativo, relativamente aos pais agricultores, que tinham já tentado a sua sorte em França. Para além disso, o meio sócio-espacial em que Arnaldo está inserido é mais diversificado que o de origem. Arnaldo veio de uma pequena aldeia no norte de Portugal para a "periferia qualificada" de Lisboa (INE, 2004).

A divisão interna no grupo dos Profissionais Técnicos e de Enquadramento faz-se, sobretudo, pelo nível de escolaridade atingido (Machado e Costa, 1998). Por um lado, temos as profissões que implicam, regra geral, uma formação profissional ou tecnológica específica, como é o caso de Serafim, medidor numa empresa de construção, ou de Ângelo, instrutor de ginásio. Por outro lado, temos as profissões dependentes de estudos de nível superior, como é o caso de André, professor no ensino secundário, ou de Tomás, informático.

Comecemos pelos entrevistados que concluíram o ensino secundário, pela via do ensino tecnológico. Serafim, 23 anos, nasceu em Cabo-Verde e veio para Portugal com o sonho de se tornar arquitecto. Ficou-se pelo 12º ano e um curso profissional na área da construção. Até à data nunca esteve desempregado, mas a empresa onde actualmente desenvolve o seu trabalho está a atravessar algumas dificuldades financeiras. Os pais de Serafim há muito que se divorciaram. O pai também concluiu um curso tecnológico, com

[81] Tendo em conta os níveis de escolaridade da mãe de Adão, bem como o facto de não haver empregados na papelaria para além do filho, atribui-se-lhe o indicador de classe familiar TI (Trabalhadores Independentes) e não o EDL (Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais).

equivalência ao 12º ano, que lhe garantiu emprego no ramo industrial. Por seu turno, a mãe, que também vive em Portugal, é empregada doméstica. Face a ela, Serafim teve um percurso social ascendente.

Telmo e Ângelo, ambos com 24 anos, têm um perfil semelhante, na medida em que os dois finalizaram o ensino secundário pela via técnica. Estão no início das suas carreiras profissionais, desempenham funções que exigem alguma especialização técnica, nenhum tem nos planos regressar à escola e ambos protagonizam trajectórias sociais que reproduzem as classes sociais de origem. Telmo concilia o trabalho de agente imobiliário com pequenos *biscates* enquanto modelo e já deixou para trás o sonho de ser actor. Com o 12º ano completo e um curso tecnológico na área da informática, decidiu-se pelo ramo da imobiliária. Entre outros aspectos, agrada-lhe a autonomia no desempenho da profissão. O pai trabalha na mesma empresa e tem dado um grande suporte emocional e profissional ao filho. A nível profissional mantém-se próximo, portanto, das áreas de actividade da família de origem, mas acumula mais recursos escolares que estes. Ângelo, por sua vez, é instrutor de ginásio, ocupação que partilha com um recente investimento na área imobiliária. A uma formação profissional inicial na área da hotelaria, com equivalência ao 12º ano, Ângelo acrescentou mais recentemente dois cursos que lhe garantiram o trabalho de instrutor de ginásio. Os pais trabalham no ramo comercial e a mãe, com o 12º ano completo, ocupa um cargo de chefia.

José, Nuno e Bernardo, todos na casa dos 30 anos, assemelham-se na medida em que desempenham profissões para as quais geralmente são necessárias credenciais de nível superior que não detêm. Acederam aos seus trabalhos em épocas em que a oferta de pessoal formado para o efeito era escassa, e foram ganhando experiência com o passar dos anos. Preocupa-os o facto de não possuírem diplomas do ensino superior que certifiquem as competências que afirmam ter adquirido por outras vias, tais como a frequência de pequenos cursos de formação profissional ou a experiência profissional. Argumentam, a seu favor, a ideia de que os certificados escolares não garantem a detenção efectiva de determinadas competências. De qualquer forma, as posições que ocupam nas empresas onde trabalham, todas de grande dimensão, são relativamente estáveis.

Apesar do discurso desvalorizador da certificação escolar, os três entrevistados distinguem-se na relação que mantêm actualmente com o sistema de ensino, o que poderá estar associado aos recursos escolares das suas famílias de origem. Nuno, com 32 anos, iniciou recentemente uma licenciatura na área em que está profissionalmente

inserido. Na sua família de origem conta com a influência do padrasto, também ele licenciado. José, 35 anos, já teve nos planos ingressar no ensino superior, mas a segunda gravidez do casal fê-lo desistir da ideia. A família de origem neste caso distingue-se mais pelo capital económico e a detenção de negócio próprio do que pelo capital escolar. No caso de Bernardo, 34 anos, a hipótese de prosseguir estudos nunca foi equacionada e o seu desejo é mudar de emprego através da criação do próprio negócio. A família de origem de Bernardo é pouco escolarizada, mas o seu pai desempenha de funções de chefia.

Os restantes entrevistados inseridos na categoria dos PTE detêm formação de nível superior, desempenham funções associadas aos recursos escolares detidos e distinguem-se entre si pelo volume e composição do capital das famílias de origem. Por um lado, temos César, Abílio, Duarte e Joaquim, cujas famílias de origem se distinguem pela inserção no grupo dos EDL ou dos trabalhadores independentes (TI), por via do pequeno negócio ou empresa de pequena dimensão e, regra geral, pelos baixos níveis de escolaridade atingidos. Por outro lado, Tomás e André provêm de enquadramentos familiares em que as trajectórias profissionais se sustentaram em capitais escolares de nível superior. Independentemente dos recursos escolares, todos os pais depositavam elevadas expectativas no futuro académico dos filhos. Talvez essa particularidade determine o continuado investimento escolar identificado entre estes entrevistados. Duarte e Joaquim, ambos com pouco mais de 30 anos, têm em comum, a médio prazo, o projecto de um mestrado. Tomás, com 24 anos, está neste momento a investir num programa de mestrado e André, com 42 anos, frequenta um programa de doutoramento.

A pequena dimensão do último grupo*,* o dos Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais, não deixa adivinhar a diversidade interna a nível do volume e composição do capital herdado e adquirido, da área de actividade e do tipo de profissão.

As famílias de origem de Manuel, 34 anos, e Miguel, 40 anos, distinguem-se das restantes devido aos recursos escolares detidos. No caso de Manuel, os pais não foram além do ensino básico e, no caso de Miguel, atingiram o ensino secundário. Actualmente ambos dirigem as suas próprias empresas, o que no caso de Miguel se faz em sociedade com o pai e o irmão. De salientar que Miguel, ao contrário de Manuel, não reproduziu a trajectória escolar dos seus pais, uma vez que concluiu uma licenciatura.

Temos ainda o caso de Elias, 37 anos, Rodrigo, 39 anos, e Filipe, 37 anos, todos provenientes de famílias com elevado capital escolar e económico. Quer Filipe, quer Rodrigo, trabalham por conta própria, mas em áreas bem distintas. Um na área da

advocacia, integrando um grande escritório de advogados no centro de Lisboa. O outro na área do cinema. O primeiro reproduziu o lugar de classe do pai e, inclusivamente, a profissão. Já Filipe, escapando a algumas pressões familiares, estudou cinema, protagonizando uma carreira que se caracteriza pela irregularidade do volume de trabalho, desabafa. A segurança vem do lado da família de origem, que lhe garante algum equilíbrio financeiro. Elias é excepção quer nesta amostra qualitativa, quer no contexto nacional mais amplo, na medida em que a sua trajectória escolar não é tão longa quanto a dos seus progenitores, ambos licenciados. A sua inserção profissional não reflecte, no entanto, o seu baixo capital escolar (11º ano). Consultor na área da gestão em várias e grandes empresas nacionais e internacionais, o entrevistado entende que o sucesso profissional que atingiu se deve à sua "inteligência".

Fazendo uma pequena síntese do que foi dito, entre o grupo dos homens entrevistados o mais comum são as trajectórias de mobilidade ascendente, seguindo-se as trajectórias reprodutoras da classe da família de origem. É sobretudo visível o acréscimo de capital escolar ilustrativo da recomposição que o tecido social português tem sofrido (Machado e Costa, 1998), numa sociedade comummente apelidada de sociedade do conhecimento (Ávila, 2008). Sobretudo entre os entrevistados cujas famílias de origem detêm maiores recursos escolares, faz-se sentir o desejo de prosseguir estudo para além da licenciatura. Portanto, ao mesmo tempo que se democratiza o ensino, reproduz-se a estrutura das classes sociais. São excepção os casos em que os entrevistados não alcançaram níveis de ensino pelo menos iguais ou superiores ao dos seus pais.

2. Pontos de partida e realidades familiares actuais

2.1 Famílias de origem: trabalho, afectividades e socialização de género

Depois da breve caracterização dos entrevistados, olhar-se-á, num primeiro momento, para a sua família de origem já não em termos de classe, mas antes em termos de práticas e atitudes *genderizadas*. Para além de constituir um forte preditor face à posição a ocupar na hierarquia social (Bourdieu, 2010 [1979]), a instituição familiar é uma importante fonte de socialização de género (Wall, Aboim e Cunha, 2010) e, nesse sentido, importa conhece-la mais aprofundadamente. Pode, certamente, sublinhar-se o papel que outras instituições como a escola, a televisão, a *Internet* ou o grupo de pares, têm vindo a assumir ao nível da (re)produção da ordem de género, alargando os modelos de referência e complexificando as mensagens normativas, mas não subvalorizar o papel que a família continua a assumir nesse âmbito (Leandro e Leandro, 2004). De resto, a transmissão de valores não se faz apenas de forma consciente ou directa. O modelo familiar de origem constitui por si só uma fonte de socialização de género, na medida em que fornece na vivência quotidiana pistas aos novos agentes sobre aquilo que é, ou não, esperado de um homem e de uma mulher.

Entrando na clássica dicotomia estrutura e agência importa referir, no entanto, que não se parte para este exercício analítico com a expectativa de encontrar uma relação linear entre os modelos dos pais e as dinâmicas familiares identificadas entre os entrevistados. O contexto social, económico, político e cultural mudou profundamente nas últimas décadas e as transformações ao nível das relações de género vão no sentido de uma aproximação entre os papéis sociais que homens e mulheres desempenham[82]. Assim sendo, a ideia é estabelecer as relações de continuidade ou os pontos de inversão face aos modelos familiares de origem, tentando sempre que possível identificar factores que tornem as dinâmicas identificadas inteligíveis do ponto de vista sociológico.

As famílias de origem serão aqui analisadas tendo em conta quatro dimensões principais: o modelo de divisão do trabalho pago e não pago entre os cônjuges; as estratégias de socialização dos filhos (e filhas) para o trabalho doméstico; o tipo de relação afectiva que os entrevistados mantinham/mantêm com o pai e a mãe; e a representação destes homens face ao modelo conjugal dos pais. A relação entre as

[82] Algumas dessas transformações sociais foram alvo de análise no ponto dois do capítulo II.

dinâmicas de género identificadas no seio das famílias de origem e aquelas que se observam nas relações conjugais e parentais dos próprios entrevistados será explorada mais à frente, à medida que essas dimensões estiverem sob análise.

Ao olhar para a forma como no seio das famílias de origem[83] se geram os rendimentos e se gere o trabalho não pago, identificaram-se distintos modelos, sendo uns mais desiguais e outros mais equilibrados do ponto de vista das relações de género. Tendo em conta as coordenadas temporais que balizam a constituição destas famílias, não surpreende que abundem os modelos que se distinguem pelo maior grau de especialização e complementaridade de papéis (Quadro 3.1). Entre os mais desiguais identificaram-se duas situações possíveis. Por um lado, o modelo da *complementaridade patriarcal de papéis* baseada numa acentuada especialização sexual, em que o trabalho pago é totalmente, ou quase totalmente, da responsabilidade do homem, e o trabalho doméstico fica exclusivamente a cargo da mulher. Por outro lado, o modelo da *dupla jornada de trabalho feminino* que incluiu famílias em que ambos, pai e mãe, têm um trabalho remunerado, sendo que as tarefas domésticas ficam, ainda assim, unicamente, ou quase unicamente, a cargo da mulher. Apenas duas das famílias de origem descritas pelos entrevistados se podem enquadrar naquilo que foi designado de *equivalência de papéis*, ou seja, situações em que quer o pai, quer a mãe geram rendimentos através de um trabalho pago e dividem entre si de forma, mais ou menos, equilibrada as tarefas domésticas.

Quadro 3.1: Modelos de divisão do trabalho e classe social das famílias de origem

Modelos		Indicador familiar de classe (n)
+ Tradicional & desigual	Complementaridade patriarcal de papéis	EDL (3); PTE (2) TI (2); EE (1)
+/- Moderno & desigual	Dupla jornada de trabalho feminino	EDL (2); PTE (6) TI (1); Tlpl (1); EE (1); AI (1)
+ Moderno & igualitário	Equivalência de papéis	EDL (1); PTE (1)

Legenda: EDL - Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais, PTE - Profissionais Técnicos e de Enquadramento, TI - Trabalhadores Independentes, TIpl – Trabalhadores Independentes Pluriactivos, AI - Agricultores Independentes, EE - Empregados Executantes.

[83] Não foi possível para todos os casos a atribuição de uma categoria. Perante situações de divórcio ou pais já reformados utilizou-se informação referente ao período em que coabitavam e eram activos.

Retomem-se os modelos identificados para os ilustrar com os discursos dos entrevistados e realçar algumas das especificidades encontradas. Dentro do modelo da *complementaridade patriarcal de papéis* podem distinguir-se dois ideais-tipo distintos em função da constância temporal da estratégia de divisão do trabalho pelos cônjuges. Ou seja, se em algumas destas famílias as mulheres nunca desempenharam uma actividade remunerada, outras há em que foi o nascimento dos filhos que provocou o fim do trabalho pago e a sua dedicação em exclusivo aos cuidados infantis. Esta última situação verificou-se mais frequentemente entre os casais simultaneamente mais velhos e mais escolarizados, onde a mulher chegou a desempenhar um trabalho remunerado até ao nascimento dos primeiros filhos. A partir desta constatação pode questionar-se a relação que entre classe social, escolaridade e igualdade de género se estabelece. Ou seja, mais recursos económicos e elevado capital escolar não são garante de relações de género mais equitativas. Por outro lado, o facto de a mulher aceder ao mercado de trabalho pago não constitui, por si só, um indicador de modernidade ou paridade sexual. Pode antes ser fruto dos constrangimentos económicos experienciados pelas famílias mais desfavorecidas, como se viu no ponto 2.1 do Capítulo I.

André e Filipe têm proveniências sociais favorecidas, quer em termos de capital escolar, quer em termos de recursos económicos. Em ambos os casos, as mães abandonaram as suas actividades profissionais aquando do seu nascimento. No entanto, diferencia-os a posição em relação ao modelo de divisão do trabalho estabelecido na família de origem. André equaciona a dinâmica estabelecida entre os pais como fruto de uma "opção" da mãe, que de resto considera muito positiva e vantajosa para a educação dos filhos. O exemplo de André é ainda sociologicamente interessante na medida em que mostra como as dinâmicas familiares se podem alterar ao longo do tempo. Neste caso em particular, foram os problemas de saúde da mãe que catapultaram o pai, mais recentemente, para o trabalho doméstico.

> *"O meu pai era técnico de desenho, a minha mãe era professora primária, mas reformou-se muito cedo e passou a tomar conta dos filhos. Portanto, teve uma opção de poder deixar o trabalho e dedicar-se inteiramente a mim e à minha irmã, o que teve aspectos positivos naturalmente. [O que lhe parece essa decisão?] Pareceu-me razoável porque era possível sobreviver, viver com algumas qualidades apenas com um ordenado. Hoje isso não é possível. (…) [E em relação à divisão das tarefas domésticas como é que era?] O meu pai nunca fez muita coisa, porque trabalhava, mas hoje faz, hoje faz tudo. Faz inclusivamente mais coisas que a minha mãe, pois ela está com a mobilidade muito reduzida e, portanto, ele faz tudo."*
>
> André, 42 anos, casado, 1 filho, mestrado, professor do ensino secundário

Filipe, numa postura mais reflexiva que a de André, aponta um lado menos positivo para a própria mãe, enquadrando a decisão no contexto cultural da altura e realçando a pressão e constrangimentos que envolveram tal "escolha". Demarcando-se do passado, Filipe reconhece que actualmente seria um "erro" uma mulher tomar tal decisão. Simultaneamente, considera a maior presença e acompanhamento materna como uma vantagem para a educação dos filhos.

> *"A minha mãe, depois de nós nascermos, ficou em casa. Optou. Talvez um bocadinho por pressão cultural e social à volta da família, especialmente por parte do meu pai. Porque as minhas tias do lado dela trabalham todas. Ela foi a única que não trabalhou. [O que é que lhe parece essa decisão?] É uma pergunta pertinente. À luz do que eles sabiam na altura não sei se tomaria melhor decisão. Hoje em dia acho que é um erro, do ponto de vista dela. Do ponto de vista dos filhos, é lógico que é sempre uma coisa mais agradável, não é? Ter uma pessoa ali a acompanhar-nos. [E ao nível das tarefas domésticas como era a divisão?] Havia uma divisão, havia uma espécie de acordo de casal. O meu pai trabalhava e a minha mãe estava essencialmente responsável pela lida da casa, a gestão doméstica."*
>
> Filipe, 37 anos, solteiro, sem namorada, licenciatura, realizador de cinema

Dentro da categoria *complementaridade patriarcal de papéis* incluem-se famílias que se distinguem das anteriores pelo facto de as mães contribuírem para a economia familiar através de pequenas actividades remuneradas, ainda que esporádicas ou em regime de *part-time.* Apesar disso, tal como as mães anteriores, estas mulheres foram identificadas como "donas de casa" pelos filhos aqui entrevistados. É o caso de José, o qual atribui exclusivamente ao pai a responsabilidade pelo sustento financeiro da família, ignorando na representação que faz dos seus pais o trabalho remunerado da mãe.

> *"A minha mãe manteve-se como dona de casa sempre. Trabalhou na costura, mas nunca numa vertente profissional de dependência. Foi opção ficar em casa. A minha infância…fui uma criança acho que normal. (…) O meu pai era o elo forte da família (entre aspas), porque, como trabalhava de noite, dormia mais ou menos até à uma hora da tarde, levantava-se… A minha mãe fazia algumas compras para o bar. Nessa parte logística a minha mãe ajudava-o. O meu pai dizia o que precisava. E ele, três horas da tarde, ia-se embora. (…) [Por exemplo, ao nível das tarefas domésticas como é que era?] Zero pai, tudo mãe."*
>
> José, 37 anos, casado, 1 filho, 12º ano, técnico de informática

No modelo da *dupla jornada de trabalho feminino* incluem-se situações ligeiramente distintas. Uma primeira que remete para casais em que o pai não contribui de forma alguma para o trabalho doméstico e uma outra em que os pais "ajudam", mas pouco, as

mães neste tipo de tarefas. A casa dos pais de Abílio inclui-se naquelas em que o pai não colaborava de forma alguma nas tarefas domésticas, o que este não deixa de justificar de diversas formas: horário profissional mais exigente, falta de "jeito" do pai e existência de empregada doméstica para aliviar o trabalho doméstico da mãe. Ora, a mãe de Abílio nem sempre foi profissionalmente activa e decidiu sê-lo contra a vontade do marido. Nesse seguimento, a sua entrada na esfera do trabalho pago não se viu compensada pela entrada do marido na esfera do trabalho doméstico.

> *"O meu pai tem uma empresa ligada às artes gráficas. A minha mãe, quando o meu irmão fez três anos, é que arranjou trabalho. (…) Segundo eu me recordo, apesar de ser pequeno, acho que o meu pai na altura não achou muito boa ideia… Mas isso, pronto, tem a ver com os valores e o meu pai é muito conservador. (…) Foi trabalhar na parte estética, o que ainda perdura até agora. (…) [E como é que era a divisão entre os teus pais?] Era a minha mãe. O meu pai não fazia nada. Mas eu acho que é um bocado perceptível. [Mas a tua mãe também trabalhava fora de casa…] Está bem, mas o meu pai chegava a casa praticamente às dez horas. Também tínhamos empregada, isso também ajudava, principalmente naquela parte das limpezas. [Mas o teu pai ajudava?] Não, mas também ele não tinha muito jeito. Era preferível que estivesse quieto do que estar a fazer qualquer coisa."*
>
> Abílio, 40 anos, casado, 1 filho, licenciatura, gestor de produtos bancários

Ainda dentro do modelo da *dupla jornada de trabalho feminino* incluem-se as famílias dos entrevistados que indicaram haver do lado paterno alguma "ajuda", pese embora o desequilíbrio identificado. Este é o caso dos pais de Tomás, muito devido ao facto de a mãe se antecipar aos outros, uma vez que "não consegue descansar" quando está em casa, esclarece o entrevistado. É deste modo, portanto, que Tomás, numa atitude cúmplice face à fraca colaboração do pai no trabalho doméstico, justifica a sobrecarga da mãe como algo que lhe é natural, automático.

> *"A minha mãe é funcionária pública. Trabalha na segurança social. [O teu pai já não trabalha?] Infelizmente não. Era economista. (…) Ele já está nesta situação [desemprego] há três anos. É muito difícil. (…) Mas é muito difícil porque ele é uma pessoa que precisa de ter coisas para fazer e vê-se de um momento para o outro privado e a olhar para o ar, a ter que inventar coisas para fazer. Não estou aqui a querer ser machista. Mas uma coisa é uma mulher estar em casa sem fazer nada, outra coisa é um homem estar em casa sem fazer nada. As mulheres arranjam sempre alguma coisa para fazer. (…) [Hoje em dia quem é que achas que faz mais? Quem é que contribui mais para as tarefas domésticas?] A minha mãe. Porque a minha mãe, quando está em casa, está a trabalhar. Mesmo ao fim-de-semana ela não consegue descansar. É ela que faz tudo. Ela levanta-se mais cedo ao domingo para passar a ferro. Levanta-se mais cedo para ir cozinhar. Ela faz tudo. Sempre foi ela."*
>
> Tomás, 24 anos, solteiro, com namorada, licenciatura, informático

A cumplicidade de Tomás e Abílio em relação à ausência paterna na esfera doméstica, foi identificada na maior parte dos entrevistados, os quais se empenharam em justificar a fraca contribuição dos pais ao nível deste tipo de tarefas através de outros factores que não o sexo de cada um. Os argumentos usados para apresentar a distribuição como justa são vários: o pai tinha/tem um horário laboral mais longo, um trabalho mais exigente e melhor remuneração; o pai não tem "jeito", não sabe fazer as tarefas em questão, portanto não consegue comprometer-se com o trabalho doméstico; as próprias mulheres "não conseguem descansar", "adiantam-se" ou preferem mesmo que os homens não colaborem, uma vez que estes não conseguem atingir o nível de exigência e perfeccionismo que elas impõem neste domínio. Trata-se de atitudes que vêm de encontro às masculinidades cúmplices identificadas por Connell (1995), ou seja, homens que ainda que não construam activamente a sua superioridade em relação às mulheres, se acomodam ou se empenhem em legitimar alguns dos privilégios dos homens.

O caso da família de origem de Tomás é também elucidativo de como pode ser difícil para um homem assumir o desempenho de papéis que sempre lhe foram estranhos, na medida em que se consideram femininos, tarefa de mulher, mesmo perante situações, como o desemprego, com potencial para inverter a dinâmica estabelecida ao longo dos anos. Simultaneamente, tem sido doloroso para o pai de Tomás ver-se na condição de desempregado, o que tem implicações ao nível da sua identidade de género. A este propósito, um outro entrevistado, Rodrigo desabafa, de igual modo, que é difícil e complicado para um homem estar doente e ter de ficar em casa, faltando aos compromissos profissionais. Estes discursos deixam antever a forte associação que é feita entre ser-se homem e ser-se profissionalmente activo, e o quão problemático pode ser para um homem ver-se privado de uma importante fonte identitária como o trabalho (Marques, 2004; Marques e Amâncio, 2004).

As duas situações de *equivalência de papéis* referem-se a famílias de classe média/alta e com níveis de escolaridade intermédios. São os casos das famílias de origem de Miguel e Ângelo. Entre os factores que poderão explicar a contra-tendência (Costa e Lopes, 2008), refira-se o facto de, no primeiro caso, a mulher ter um horário mais exigente que o homem devido sobretudo às deslocações trabalho-casa e, no segundo caso, um casal mais jovem, o emprego mais bem remunerado da esposa. Quer num caso, quer no outro, os pais assumem, em exclusivo, a responsabilidade por tarefas domésticas rotineiras que, geralmente, ficam a cargo das mulheres, assumindo modelos de gestão do trabalho que se baseiam na especialização de cada um em determinadas

funções (Perista, 2002; Torres *et al.*, 2005). Ambos os entrevistados fizeram referência a este modelo de gestão do trabalho doméstico com satisfação, na medida em que é revelador de alguma modernidade do seu contexto familiar de origem. Como Miguel afirma, a distribuição do trabalho doméstico em casa dos pais adquire uma dinâmica que o próprio identifica como "gira", no sentido de positiva e diferente do que este percepciona como sendo mais tradicional.

> *"A minha casa nisso era muito gira. A minha mãe trabalhava. Trabalhou a vida toda. (…) E nós, então, sempre tivemos as tarefas muito divididas lá em casa. Desde sempre. Aliás, desde os meus 14 anos, e 23 anos do meu irmão, que a minha mãe quase nem limpava a casa. Nem quase, quer dizer… Tinha lá as coisas dela, porque há sempre coisas que estão mal, mas eu e o meu irmão éramos responsáveis por limpar a casa. (…) [E o seu pai sempre participou?] O meu pai sempre. Por exemplo, o meu pai é a pessoa responsável pela roupa lá em casa, sempre foi. Quem põe a roupa a passar. Passar propriamente não, mas lavar, apanhar, a estende, a leva, quem trata das coisas mais especiais. Isso sempre."*
>
> Miguel, 40 anos, união de facto, 1 filho, licenciatura, director de empresa

> *"A minha mãe é directora numa empresa de vendas e o meu pai é vendedor. (…) [E como é que é lá em casa ao nível das tarefas domésticas?] Dividem, o meu pai faz, por exemplo, o comer… O meu pai é que cozinha sempre. A minha mãe vai fazendo o resto das coisas da casa. Ajudam-se sempre. Eu também ajudo, claro. [Mas achas que a tua mãe faz um bocadinho mais ou é mesmo igual?] Divide-se as coisas. Eu também ajudo."*
>
> Ângelo, 24 anos, solteiro, sem namorada, 12º ano, instrutor ginásio e agente imobiliário

Antes de prosseguir com a análise importa acrescentar uma pequena nota metodológica acerca deste conjunto de perguntas. Quando questionados sobre a divisão do trabalho doméstico em casa dos pais, por vezes, os entrevistados deram prontamente respostas que, depois de algum questionamento adicional, revelaram não corresponder à realidade. As respostas iniciais pretendiam transmitir uma imagem mais justa da divisão do trabalho doméstico no seio da família de origem, sobrevalorizando para isso a colaboração do pai a esse respeito. Assim, sempre que a sensibilidade da entrevistadora detectou de forma mais evidente a resposta "ideal" ou "politicamente correcta" em detrimento da "verdade", uma série de perguntas se sucederam de forma a validar a informação dada. Ao mesmo tempo que se questionava repetidamente o entrevistado, tentava-se evitar que o "acordo" entre interlocutores fosse posto em causa por ele. Um equilíbrio nem sempre fácil. Veja-se o caso de Telmo, um dos melhores exemplos da ideia avançada.

"[E em relação às tarefas domésticas, são um casal que partilham?] É um casal que partilha completamente tudo. Talvez o meu pai, para algumas coisas, não tenha tanto jeito, mas apoia mais forte nas que sabe. Isso aí, os dois dividem as tarefas por completo. [Que tipo de coisas o teu pai faz mais e que tipo de coisas a tua mãe faz mais?] O meu pai tem mais aptidão, talvez, para cozinhar. Mas para ajudar a arrumar também. A parte doméstica, a nível de passagem a ferro e tudo o mais, a minha mãe entende-se melhor com o ferro. (risos) (…) Mas principalmente é a minha mãe que costuma cozinhar mais. É a pessoa que tem mais aptidão e mais tempo para isso. (…) [Ah a tua mãe é que cozinha mais…] A minha mãe cozinha mais, mas o meu pai também se desenrasca muito bem. Às vezes quando a minha mãe não tem essa possibilidade, o meu pai cozinha. [Mas imagina, 100% corresponde ao total das tarefas que se fazem lá em tua casa. Achas que a tua mãe faz 60%?] A minha mãe é capaz de fazer 60%, 65%. O meu pai faz aí uns 40%, 45%. [Parece-te uma divisão justa?] Sim, é uma divisão justa."

Telmo, 24 anos, solteiro, com namorada, 12º ano, agente imobiliário e modelo

O discurso que obtemos numa entrevista corresponde sempre a uma visão parcelar sobre a realidade social. Para além disso, a informação transmitida nesse contexto pode ser, de forma mais ou menos consciente, manipulada para transmitir uma ideia que se considera socialmente mais desejável, eticamente mais acertada, ou mesmo para corresponder ao que se imagina ser esperado do outro lado. Por isso, a entrevista deve ser encarada, à luz da teoria de Erving Goffman, como um lugar por excelência de "apresentação do eu", onde o que se diz e como se diz são instrumentos usados para gerir a impressão que se causa no outro. O discurso do Telmo é disso um bom exemplo. O que inicialmente foi descrito como uma partilha muito equitativa do trabalho doméstico entre os seus pais, acaba por se revelar, após uma série de perguntas, numa sobrecarga feminina. De resto, ao longo de toda a entrevista foi difícil afastar Telmo do "politicamente correcto", de forma a captar a sua visão mais íntima e pessoal do mundo.

Quanto às estratégias de socialização dos filhos para o trabalho doméstico, foram identificados poucos casos em que os pais (ou melhor dizendo, as mães, pois a gestão do trabalho doméstico estava, como se viu, principalmente a seu cargo) implicavam activamente e substancialmente os filhos nesse tipo de tarefas. As famílias de origem de José e Mário constituem a este nível excepção.

Ao olhar para as famílias identificam-se alguns factores que permitem compreender esta contra-tendência. No caso de José, pode apontar-se a socialização para uma ética do trabalho, sendo que o seu contributo para as tarefas domésticas era valorizado na forma de uma compensação monetária. Trata-se de uma família que protagonizou uma trajectória de mobilidade ascendente e no seio da qual se valoriza o trabalho e a autonomia individual.

"Nunca gostei das coisas desarrumadas. Às sextas-feiras era o dia em que a minha mãe fazia as arrumações e eu negociava com ela. Para poder ter o upgrade *na mesada limpava tipo duas assoalhadas. Combinava com ela, eu limpo a sala de estar e a sala de jantar. Às vezes limpava o meu quarto. A cama fazia-a sempre. [Mas eras sempre recompensado?] Sim. No domingo, por exemplo, os meus pais iam ao café. Eu não ia ao café e quando chegavam a cozinha estava arrumada. Adoro. Sempre gostei de ver as coisas arrumadas."*

José, 37 anos, casado, 1 filho, 12º ano, técnico de informática

No caso de Mário, eram provavelmente os horários exigentes da mãe, enquanto estava empregada, que criavam a necessidade de esta distribuir o trabalho doméstico pelos membros da família, embora o pai ficasse excluído destas tarefas. O facto de Mário dominar estas competências é por si encarado de forma positiva, como garante de autonomia, independência e *adultez*.

"Sei cozinhar, sei passar, tudo! A única coisa que eu não gosto é estender roupa. A coisa mais simples, mas eu não gosto, atrofia-me. Sei passar a ferro, só não sei fazer grandes cozinhados. Pronto o básico, arroz, salsichas, esparguete. Invento. (…) A minha mãe sempre me ensinou [a cozinhar], para um dia mais tarde se fosse morar sozinho não ir comer comidas ao Mac ou cenas assim. (…) Cozinhar, passar a ferro, lavar a casa de banho, tudo e mais alguma coisa. (…) [A tua irmã também faz tudo lá em casa? E o teu irmão mais velho?] Todos sabem fazer. A gente arrumávamos, chegávamos ao sábado e cada um tinha uma tarefa para arrumar a casa toda. Um aspirava, outro lavava a casa de banho. (…) O meu pai também sabe fazer tudo mas não faz. Ele trabalha, só ao domingo é que está de folga."

Mário, 21 anos, solteiro, sem namorada, 9º ano, empregado de mesa

Na maior parte das famílias, os filhos ou eram completamente dispensados de colaborar no trabalho doméstico, ou participavam pouco e sobretudo em tarefas associadas aos espaços que lhes eram exclusivos, como arrumar o próprio quarto. A total isenção surge mais associado a modelos de *complementaridade patriarcal de papéis.* Ou seja, no seio de famílias em que as mães estavam dedicadas em exclusivo ao trabalho doméstico. A socialização, ainda que fraca, para o desempenho de tarefas domésticas, por sua vez, é mais comum entre as famílias caracterizadas pela *dupla jornada de trabalho feminino*, em que as mães estavam, regra geral, muito sobrecarregadas devido à acumulação dos dois trabalhos, o pago e o não pago.

No caso dos entrevistados com irmãs (cerca de metade das famílias) averiguou-se ainda se as estratégias de socialização para o trabalho doméstico eram replicadas ou diferenciadas segundo o sexo dos filhos. Os resultados não são surpreendentes e seguem de perto as conclusões do trabalho de Anália Torres *et al.* (2005). Na maior parte

das famílias de origem das gerações relativamente mais velhas, independentemente do contexto social, as estratégias de socialização para o trabalho doméstico estavam exclusivamente direccionadas para as filhas, estando os rapazes dispensados de qualquer tipo de contribuição.

Tanto na família de origem de Rodrigo, cujos pais eram ambos profissionalmente activos e altamente escolarizados, como na de César, onde apenas o pai tinha um trabalho remunerado e nenhum dos dois foi além do ensino básico, a estratégia de socialização para o trabalho doméstico passava por isentar os rapazes de qualquer tipo de tarefas e "preparar" as raparigas para mais tarde desempenhar o seu papel de cuidadoras. Essa tarefa estava a cargo de uma mulher da família, sendo ela a principal responsável por garantir activamente a reprodução de um regime de género familiar baseado na especialização sexual.

> *"[Nenhum dos irmãos ajudava, colaborava...] As minhas irmãs ajudavam. [As raparigas?] Nós não. [Então estou aqui a notar uma certa...] Completamente. Sim, uma diferença. Completamente, principalmente pela minha avó. A minha avó ainda é viva, mas era muito machista, completamente machista. Mais machista que a maior parte dos homens que eu conheço. E sofreu as passas do Algarve com o meu avô, porque o meu avô era um mulherengo terrível, mas ela pensava de um certo modo... As minhas irmãs tiveram uma educação, obrigadas a ajudar em casa nas lidas. [O Rodrigo e o seu irmão, nada.] Éramos uns príncipes, completamente."*
>
> *Rodrigo, 39 anos, divorciado, licenciatura, advogado*

> *"[Ela não ensinava, os filhos não ajudavam?] Não, não. Ela não queria que fizéssemos nada. [E com a sua irmã era a mesma coisa?] Com a minha irmã, já não. Ela fazia alguma coisa. Agora eu não, nem o meu pequeno-almoço eu fazia. A minha mãe é que tinha que fazer o meu pequeno-almoço. O lanche também era ela que fazia. Pronto, ela é que queria fazer tudo. Nós não fazíamos absolutamente nada."*
>
> César, 46 anos, casado (formalmente), 1 filho, bacharelato, técnico de farmácia

No caso das famílias de origem mais jovens, ambos os filhos, independentemente do sexo, eram convocados para a realização do trabalho doméstico, deixando antever o sentido da mudança e sublinhando o carácter geracional destas dinâmicas. No entanto, como o discurso de Serafim deixa perceber, se a ausência de socialização para o trabalho doméstico não encerra, por si, os homens em relações de género que reproduzam essa dinâmica familiar, um comprometimento mais intenso dos jovens rapazes nas tarefas domésticas em casa dos pais não se traduzirá necessariamente, mais tarde, numa divisão deste tipo de trabalho mais equitativa. Tal como Theodore Greenstein (1996) concluiu

num trabalho já referido, a ideologia de género das futuras companheiras será mais determinante no equilíbrio que os casais virão a este nível encontrar. Assim, são as mulheres com uma ideologia de género mais liberal as que, efectivamente, conseguem estabelecer uma divisão do trabalho doméstico mais justa. Não será esse o caso de Serafim, que apesar de saber fazer "tudo o que uma mulher faz em casa", se "acomodou" entretanto a que seja a sua companheira a responsabilizar-se quase totalmente por este tipo de trabalho:

> *"[Em relação às tarefas domésticas, a tua mãe fazia questão que toda a gente aprendesse a fazer as coisas e ajudasse lá em casa?] Eu sei fazer de tudo. Tudo que uma mulher faz em casa, eu faço. Agora que a minha mulher já me acostumou mal é que não faço quase nada. [Mas fazias tanto como as tuas irmãs?] Sim [A esse nível era igual, igual?] Igual, ninguém fazia menos que o outro, tudo igual."*
>
> Serafim, 23 anos, união de facto, 2 filhos, 12º ano, medidor

Nas restantes famílias as estratégias eram diferenciadas por sexo. Ou seja, quer as raparigas, quer os rapazes contribuíam para a realização do trabalho doméstico, mas não estavam encarregados do mesmo tipo de tarefas. Veja-se o exemplo de Joaquim, cuja divisão do trabalho doméstico remete para a tradicional associação entre masculino e espaço público. Na leitura que Joaquim faz desta divisão, a distribuição de tarefas baseava-se nos gostos individuais de cada um dos filhos e não no seu sexo, ignorando os constrangimentos culturais que estruturam esta realidade fortemente genderizada.

> *"[A tua mãe não fazia questão que…] Desde pequenino, para aí desde os onze anos que faço compras, ia ao supermercado. [Mas tu e a tua irmã faziam o mesmo tipo de coisas?] Não, sei lá. A minha irmã lavava a loiça, eu não gosto de lavar a loiça."*
>
> Joaquim, 33 anos, solteiro, com namorada, licenciatura, consultor TIC

Centremo-nos, agora, na forma como os entrevistados descrevem a relação que mantinham com o pai e a mãe, especialmente quando eram mais jovens. Não querendo polarizar a diversidade de dinâmicas relacionais identificadas, um ideal-tipo destaca-se, no entanto, dos restantes. Esse modelo corresponde a uma dinâmica relacional contrastante pautada, por um lado, pelo autoritarismo e ausência da figura paterna e, por outro lado, por uma grande proximidade à figura materna. Tal como se pode ver no discurso de Abílio, muitos dos discursos a este respeito proferidos foram acompanhados por uma demonstração directa de compreensão face ao comportamento e atitude do pai,

que se mistura com uma certa admiração para alguns dos entrevistados. Actualmente, o próprio Abílio tem já um filho e, apesar das diferenças ao nível sobretudo da forma como se faz presente na vida do pequeno Ângelo, assume a sua falta de jeito para brincar com ele, por contraste com o à-vontade que identifica na sua mulher.

> *"[O meu pai sempre foi] muito mais conservador do que a minha mãe. Naquela fase da adolescência, do sair, ele era muito mais castrador do que a minha mãe. Mesmo com as namoradas que levava a casa. (…) A minha mãe sempre foi muito mais próxima de nós. (…) O meu pai era um pouco mais ausente. Sentia alguma falta dele, confesso. Aliás, acho que isso ainda existe num papel da escola… Fizeram uns testes psicotécnicos e uma das coisas que eu escrevi foi, 'sinto a falta do pai'. [E ele chegou a saber?] Chegou e da pior maneira. A minha mãe servia-se sempre desse argumento para ralhar com ele… E hoje isso ainda serve um bocado porque ele continua quase a fazer a mesma vida. (...) Uma grande parte das coisas, das atitudes do meu pai, compreendo agora. Essencialmente a parte das brincadeiras. Acho que ele deu o seu melhor."*
>
> Abílio, 40 anos, casado, 1 filho, licenciatura, gestor de produtos bancários

Rodrigo, tal como o pai, seguiu a carreira de advogado, fazendo-lhe a vontade. Assim, à medida que se transita para a vida adulta e se assumem papéis profissionais ou familiares equivalentes aos dos seus pais, alguns dos entrevistados aproximam-me por vezes dos modelos que outrora criticaram.

> *"A minha 'mãezoca', que tem sido sempre uma guerreira ao longo da vida, é uma referência para mim – apesar do meu pai ser o paradigma, de ser tudo, de ter sido tudo para mim. Foi quem me transmitiu os meus valores, os meus princípios, aqueles que eu julgo que tenho, que tento manter, onde eu me revejo e que é a minha grande referência, apesar de já não estar entre nós. (...) Portanto, eu, até bastante tarde, no meu crescimento, tinha, para além de muito respeito, algum temor. O temor referencial nós todos temos, mas eu em relação ao meu pai tinha para além do normal. Contudo, tinha uma admiração tão grande, tão grande, que ultrapassava tudo isso. Eu não me lembro do meu pai chegar ao pé de mim e fazer-me uma festa, pegar-me ao colo, dar-me beijos, abraçar-me… Não me lembro, percebe? Não me lembro mesmo. (...) Tudo o que eram problemas e assuntos mais íntimos, mais problemáticos, eu falava com a minha mãe. A abordagem era directamente com a minha mãe porque ela sempre me deu uma abertura."*
>
> Rodrigo, 39 anos, divorciado, licenciatura, advogado

Dentro do modelo da ausência e autoritarismo paterno, menos comuns são os casos em que a relação pai-filho é apresentada como muito problemática ou mesmo conflituosa. O caso de César é disso exemplo, nomeadamente a nível do controlo que o pai exercia sobre a produção da imagem corporal que este, enquanto jovem, procurava criar. Os cabelos compridos em homens faziam parte da imagem de uma juventude irreverente e

moderno com a qual o pai de César não se identificava. Trata-se de um homem pouco escolarizado, que veio de uma pequena cidade estabelecer-se em Lisboa no ramo da construção civil.

> *"A minha mãe, que faleceu, muito compreensiva, o meu pai já não. Mais austero. Ele era da construção civil, pronto. (…) Eu sou diferente dos meus irmãos. Sempre lutei por ter o cabelo comprido. Antigamente não se via. [E o seu pai?] Grandes problemas com o meu pai. Há bastantes anos atrás, ainda estive para ai três meses fora de casa. O meu pai disse-me, 'ou cortas o cabelo ou sais'. E eu saí. Preferi! Esses três meses fui viver com amigas minhas. Mas depois eles acolheram-me. Viram que não havia nada a fazer. (…) O meu pai queria ter uma disciplina muito rigorosa e a minha mãe andava sempre… Sempre me acompanhou, sempre me deu apoio naquilo que eu queria fazer."*
>
> César, 46 anos, casado (formalmente), 1 filho, bacharelato, técnico de farmácia

A esta dinâmica familiar opõem-se outras cuja relação pai-filho e mãe-filho é descrita como menos contrastante. Isto não quer dizer que a relação que o entrevistado estabelece com a mãe e com o pai seja necessariamente equivalente, mas não é, pelo menos, tão diferenciada como acontece no primeiro ideal-tipo. Ainda assim, a tendência predominante é, igualmente, uma maior proximidade emocional com a mãe. Os pais são principalmente vistos como "brincalhões" e as mães, por sua vez, como mais "afectivas" e "confidentes". Esse é o caso de Tomás que vê no pai um "colega" e na mãe uma fonte de "mimo", com a qual sente uma maior proximidade "psicológica".

> *"[E em relação aos teus pais. És mais próximo da tua mãe, do teu pai? Conversas mais com algum dos dois?] O conversar é igual com os dois. Com o meu pai sou muito mais brincalhão. A minha relação com o meu pai é como com um colega meu. Estás a perceber? É muito bom. É muita brincadeira. Com a minha mãe é mais o mimo. Todos queremos um bocadinho de mimo e com a minha mãe é mais a parte do mimo. (…) Pelo facto do mimo posso dizer que sou mais próximo da minha mãe, mas é só psicológico. Não sei se é mesmo assim ou não. Consigo conversar tão bem com um como com o outro e sobre os mais variados temas."*
>
> Tomás, 24 anos, solteiro, com namorada, licenciatura, informático

Nalguns casos, a descrição dos modelos de relacionamento parental foi discursivamente apoiada pela nomeação de diferentes características de personalidade do pai e da mãe, o que nesta análise não foi menosprezado. Os adjectivos mais referidos para descrever o pai foram: "austero", "rigoroso", "conservador", "ausente", "pessoa fria" e "trabalhador". Já para descrever a mãe os entrevistados usaram palavras como "liberal", "próxima", "afectiva", "compreensiva", "mãe-galinha", "confidente" e "branda". Com esta listagem pretende-se apenas dar a conhecer quais os termos qualificadores que mais

frequentemente foram usados para caracterizar pai e mãe, havendo portanto excepções que contrariam a regra que aqui se desenha. A regra, de resto, segue de perto os estereótipos do masculino e do feminino identificados por Lígia Amâncio (1992, 1998), na medida em que apenas na descrição do pai se fez referência à esfera do trabalho, no geral, para realçar as capacidades e empenho dos homens. Já as mulheres foram descritas exclusivamente tendo por referência o papel específico de cuidadoras.

Vejamos agora como os próprios entrevistados caracterizam os seus pais enquanto casal. A maior parte dos entrevistados considera que os pais formam um casal "conservador", "tradicional" ou "típico para a época". Ou seja, reconhecem que as dinâmicas relacionais que entre os pais se estabelecem são fortemente segmentadas por sexo e que são diferentes das de hoje. Nalguns casos as coordenadas temporais e geográficas são usadas, pelos próprios, para justificar que assim o seja.

Ao nível das coordenadas temporais, grande parte dos entrevistados, ao caracterizar os pais, fez referência ao processo de mudança que tem atravessado o regime de género familiar nas últimas décadas, distanciando-se muitas vezes desse modelo que consideram conservador e tradicional, por oposição a um outro que será então, por contraponto, mais igualitário e moderno. Veja-se o exemplo de Arnaldo.

> *"[E como é a relação deles?] É assim, é um casal com 42 anos de casamento, típico de uma aldeia. Já sabemos como é que é. São pessoas antigas. Qualquer coisa que nós dizemos daqui, por exemplo, faz-lhes confusão. [E lá em casa como é que era, por exemplo, em relação às tarefas domésticas?] Ele trabalhava fora e ela tudo o que… Aliás a minha mãe, como qualquer mulher na aldeia trabalha fora, quando se dedicam à agricultura, e depois têm de chegar a casa e fazer o almoço ou o jantar."*
>
> Arnaldo, 39 anos, casado, 1 filho, 12º ano, guarda prisional

No que concerne às coordenadas geográficas, verificou-se que a ruralidade dos contextos de socialização foi apontada como uma justificação para o carácter tradicional da relação dos pais. Tal como no caso de Arnaldo, a maior parte das famílias de origem dos entrevistados é oriunda de outras zonas do país que não Lisboa. Trata-se de pequenas cidades ou zonas rurais de onde se saiu, regra geral, no início da vida adulta. A maior parte dos casais assim caracterizados pelos entrevistados, dividem o trabalho pago e não pago segundo o modelo da *dupla jornada de trabalho feminino* ou o modelo da *complementariedade patriarcal de papéis*, anteriormente identificados.

No pólo oposto localizam-se os casais caracterizados pelos entrevistados como "modernos", "liberais", "abertos" e "jovens". Apesar de os filhos projectarem uma imagem

mais moderna dos seus pais, dentro deste grupo encontramos situações muito distintas quanto ao modelo de gestão do trabalho adoptado, sendo que apenas um dos casais se insere naquilo que se designou *equivalência de papéis*. Trata-se, portanto, de entrevistados que não se basearam no modelo familiar da divisão do trabalho adoptada pelos pais justificar a modernidade dos pais, mas noutras dimensões das suas vidas. Por exemplo, André faz referência ao posicionamento político de esquerda e vida social activa dos pais, nomeadamente as idas aos concertos do pai, bem como as estratégias de educação mais permissivas.

> *"São super abertos, são muito liberais, são de esquerda e… Foram sempre muito activos, quer na vida política quer na vida social, mais o meu pai. E são muito open-mind, deram-me sempre a liberdade toda, a mim e à minha irmã… E a ainda são. Só para te dizer que o meu pai acompanha-me aos concertos dos Rolling Stones e da Madonna e tem 79 anos."*
>
> André, 42 anos, casado, 1 filho, mestrado, professor do ensino secundário

Bernardo, por sua vez, sublinha aspectos relacionados com o elevado capital cultural dos seus pais por via das viagens e programas culturais que este associa ao legado da família materna. Ainda que a mãe, profissional e escolarmente, tenha protagonizado uma trajectória social descendente, caracteriza-se por disposições de classe que em muito devem às suas origens.

> *"Mais moderno, apesar da idade. Muito aberto, também pela juventude e meia-idade que viveram. Os lugares que frequentaram, os filmes que viram, as peças de teatro que assistiram. O conjunto de amigos. As viagens que fizeram. Tudo isso abre um horizonte muito grande de ideias, aceitação, cultura, lazer, mentalidade, liberdade, compreensão. (...) A educação que a minha mãe teve, e a sua família, arrastou o meu pai para esse nível de vida. O nível de vida é mais moderno, aberto, libertário, digamos assim."*
>
> Bernardo, 34 anos, solteiro, com namorada, 12º ano, gestor de produtos bancários

Entre os restantes entrevistados, registaram-se duas formas de caracterizar a família de origem que não se encaixam no eixo tradicional-moderno. Uma primeira passa pelo refúgio em designações generalistas como "família normal", "o típico casal português". Uma segunda em que a conflitualidade entre os pais emerge como a única representação possível do casal. Miguel, por exemplo, ao usar a expressão "típico casal português" e caracterizar os pais como um casal que gosta um do outro mas que tem conflitos que, a seu ver, justificariam um divórcio, revela uma representação algo negativa da

conjugalidade padrão da época e faz uma critica à indissolubilidade dos laços, independentemente da qualidade da relação, típica dos contextos mais tradicionais. Ele, por sua vez, assume que a sua relação conjugal apenas se manterá se o sentimento amoroso assim o justificar, aludindo aos quadros teóricos da modernidade líquida de Bauman que anunciam a "fragilidade dos laços humanos" (2006)

> *"[Como é a relação dos seus pais?] Normal, nada de… O típico casal português. Isto é, gostam muito um do outro, dizem eles, com discussões às vezes impossíveis. Ficam, às vezes, sem se falar durante uma semana. Mas, por exemplo, lembro-me de uma vez, já há uns 20 e tal anos, uma altura em que a minha mãe estava um bocado em baixo e eu já me sentia bem para falar com ela, e disse-lhe, 'oh mãe andas sempre chateada com o pai, porque é que não te mudas, porque é que não te separas? Passar assim a vida toda, porquê?' (…) Mas estava a dizer que fiz esse comentário, a minha mãe ficou chateadíssima comigo e pior, foi comentar o assunto ao meu pai, que me veio perguntar o que é que eu queria…"*
>
> Miguel, 40 anos, união de facto, 1 filho, licenciatura, director de empresa

Sempre que a relação é representada tendo em conta os conflitos conjugais, o pai surge como a figura que os origina. Isso é verdade no caso de Miguel, como se viu, e também no caso de Adão que culpa o pai pelo divórcio dos seus progenitores, uma vez que este não assumia as despesas familiares, nem passava o seu tempo livre na companhia da família. Em seu favor Adão refere a passagem pela guerra do Ultramar e, não deixa de reconhecer diferenças em relação à geração do avô, o qual exercia violência física sobre a família.

> *"Quando chegava à segunda-feira o que é que o meu pai queria? Era o dia da folga, se fosse preciso chegava a casa às 6h da manhã, todo bêbado. E a minha mãe tinha que aguentar isso tudo porquê? Porque tinha 3 filhos. Normal, não é? Mas já passou. (…) O meu pai esteve na guerra e isso, sabes como é que é. Ele tem sempre aquele trauma. Eu antes ouvia as pessoas dizer isso e pensava que não, mas… (…) O meu avô era pior que o meu pai. Era tareias! Se o Benfica perdia… Era maluco! Se o Benfica perdia batia a toda a gente. (…) A minha mãe, se não tirasse dinheiro ao meu pai, se fosse preciso vivia na merda. Estás a perceber? O meu pai… Ao início casaram-se, uma mulher era para trabalhar… Era um objecto praticamente. (…) Depois foram deixando de falar e às vezes discutiam porque a minha mãe é que pagava tudo em casa. O meu pai, nunca pagava nada em casa e nunca pagou nada."*
>
> Adão, 22 anos, solteiro, sem namorada, 9º ano, empregado papelaria

Se a sociedade não fizesse mais do que se reproduzir, o regime de género que fica a descoberto a partir dos relatos dos entrevistados deixaria adivinhar uma contemporaneidade bem diferente daquela que estes homens ajudam a produzir. Pelo

contrário, a família enquanto instituição social alterou-se profundamente nos últimos anos (ver ponto 2.2 co Capítulo I) e, antecipando a análise seguinte, pode afirmar-se que a distância entre as famílias de origem e as famílias que alguns destes homens, entretanto, já constituíram é substancial, pese embora a permanência e convivência entre aspectos mais tradicionais e outros mais modernos.

2.2 Conjugalidades em análise: homogamia, divisão do trabalho e autonomia individual

Depois de olhar para as famílias de origem importa centrar a atenção nos protagonistas desta história - os homens entrevistados - e com eles percorrer algumas esferas da sua vida que neste estudo foram constituídas dimensões de análise privilegiadas: trajectória amorosa e sexual, relações conjugais e parentais, sociabilidades, concepções de masculino e o feminino e auto-identidade. Sempre que possível olhar-se-á para as famílias de origem procurando estabelecer as relações de reprodução ou mudança.

A forma como os entrevistados se posicionam numa relação conjugal é essencial para compreender a sua identidade de género e analisar em que medida estão estes homens (e respectivas mulheres) a reproduzir ou transformar um regime de género familiar mais tradicional, assente na especialização de papéis, como identificado entre os seus progenitores.

Através da análise das dinâmicas de género a que estes entrevistados dão vida, pretende-se identificar qual o lugar que as suas relações conjugais ocupam no eixo analítico tradicional-moderno. O pólo mais tradicional distingue-se pelos elevados níveis de desigualdade na forma como, por exemplo, homens e mulheres distribuem entre si o trabalho pago e o trabalho não pago e uma autonomia face ao casal elevada para os homens, regra geral. Por sua vez, no pólo mais moderno situam-se os casais que se caracterizam por uma divisão do trabalho remunerado e doméstico entre cônjuges mais equilibrada e elevados níveis de autonomia individual para ambos, por exemplo (Giddens, 1994, 1996; Torres, 2001, 2010; Aboim, 2006, 2006a).

As conjugalidades neste ponto analisadas referem-se a relacionamentos formalizados, ou não, através do casamento civil, sendo o critério aglomerador a coabitação por um período de tempo considerado *significativo* pelos próprios entrevistados. Em oito dos entrevistados referir-me-ei à relação actual (ou melhor, no

momento da entrevista) e noutros cinco à relação conjugal mais recente[84]. À excepção de Serafim de 23 anos, todos os entrevistados aqui considerados estão na casa dos trinta ou quarenta anos. Esta amplitude etária traduz-se em relações com durações muito diferenciadas, entre os dois anos e os vinte anos de coabitação. As dimensões analíticas passam pelas que atrás guiaram o enfoque nas famílias de origem, permitindo assim um termo de comparação, mas ultrapassam-nas. Para além da divisão do trabalho pago e não pago, outros elementos das dinâmicas conjugais foram auscultados e servirão agora para traçar um perfil mais complexo dos casais. São eles o nível de homogamia social entre cônjuges, em termos de perfil social e trajectórias amorosas, e o grau de autonomia individual de cada cônjuge face ao casal, aqui compreendido através, por exemplo, de indicadores como as práticas de lazer.

Comece-se por olhar para o perfil sócio-demografico das mulheres que com estes homens mantêm uma relação conjugal, tendo por referência os discursos dos entrevistados. As companheiras dos entrevistados são sempre mais novas do que eles, mesmo no caso dos homens que afirmaram ter alguma inclinação amorosa para mulheres mais velhas. O capital escolar representa um dos domínios em que o perfil dos cônjuges mais se aproxima, sendo mais expressivos os casais que detêm o mesmo nível de escolaridade. Quando assim não o é, as mulheres possuem diplomas mais elevados, o que em muito reflecte a sobre-representação nacional das mulheres entre os licenciados. No âmbito da inserção profissional ou dos rendimentos, as diferenças são mais evidentes, ocupando estes homens, muitas vezes, profissões socialmente mais valorizadas e mais bem remuneradas. Nos restantes casos, à excepção de um entrevistado cuja remuneração é bastante inferior, os rendimentos são semelhantes.

Ao nível do percurso amoroso das respectivas companheiras, verifica-se uma expressão significativa de casais cuja trajectória amorosa dos cônjuges é muito homogénea, independentemente de ser mais ou menos diversificada. Quando não é semelhante, são eles que se assumem como mais experientes, na medida em que afirmam ter tido mais relações amorosas ou sexuais com outras parceiras do que a

[84] Oito entrevistados ficam fora da análise uma vez que nunca viveram em regime de coabitação com uma companheira. Cinco deles mantêm neste momento uma relação amorosa com uma mulher, mas vivem em casa dos pais e poucos fazem planos para alterar a situação num futuro próximo. Os que têm planos para se autonomizar face aos pais, ambicionam viver sozinhos e não falam em partilhar casa com a actual namorada. As suas idades variam entre os 21 e os 34 anos, mas de uma forma geral este grupo engloba os entrevistados mais jovens.

respectiva companheira, mostrando-se bastante confortáveis com as diferenças de trajectórias. A excepção é Paulo cuja ex-companheira contava com uma experiência amorosa e sexual bem mais diversificada que a sua. Se no início Paulo se sentia inseguro, passou depois a naturalizar a imagem da mulher sexualmente mais experiente, o que justifica pela maior facilidade destas em seduzir potenciais parceiros. Essa facilidade advém da noção do homem sexualmente voraz e incapaz de recusar uma relação sexual, imagem que em muito se afasta do próprio Paulo.

> *"[A relação] Era boa! Tínhamos uma vida muito em comum. Eu não saia à noite sem ela, as refeições fazíamos juntos, íamos muitas vezes comer fora. Partilhávamos a família também. Éramos muito próximos. (…) Sendo mulher teve muito mais parceiros do que eu. [Isso metia-te confusão?] Ao princípio sentia-me inseguro, mas depois já percebi que todas as mulheres são assim, portanto, não. Deve ter tido uma ou outra relação mais duradoura e depois vários casos. [Disseste "as mulheres são assim". Achas que têm mais parceiros que os homens?] Acho. É mais fácil."*
>
> Paulo, 33 anos, solteiro, sem namorada, licenciatura, contabilista

Olhando para a divisão do trabalho pago e não pago, tendo como ponto de referência as dinâmicas identificadas entre as famílias de origem dos entrevistados, algumas diferenças tornam-se à partida evidentes: entre estes casais nenhum homem é, em exclusivo, responsável pela produção de rendimentos. Ou seja, o modelo da *complementaridade patriarcal de papéis* não encontra aqui expressão. No entanto, como referido anteriormente, a regra é eles auferirem remunerações bastante mais elevadas do que as suas companheiras.

Identificaram-se, ainda, algumas diferenças quanto à atitude perante a actividade profissional da companheira. Tal como Abílio, alguns dos homens das classes sociais mais elevadas, dotados de capital escolar de nível superior, acentuaram a sua satisfação pessoal perante a autonomia e sucesso profissional das companheiras. Ainda que Abílio esteja comprometido com uma dinâmica conjugal mais moderna, é-lhe ainda assim difícil conviver com o maior sucesso profissional da esposa, afirmando-se "diminuído", enquanto homem, pode acrescentar-se.

"[A mulher] É engenheira informática e trabalha no AAA. (…) Ela é uma pessoa bastante capaz e inteligente e desenvolveu um trabalho muito bom. (…) Ela agora anda a escrever livros para crianças e tem jeito. Não é por ser minha… Tem jeito, já li coisas dela e acho bastante interessante. Comparado com outros livros que lemos ao nosso filho, está bastante à altura ou muitas vezes acima. Também chegou a ir a escolas ler histórias escritas por ela. Tem jeito! Foi algo que ela decidiu descobrir na sua vida. Anda muito mais ligada… Por acaso é um orgulho e eu aí às vezes sinto-me um bocado diminuído em relação a isso. Gostava também de experimentar. Mas ela tem jeito. E eu nunca tive, já no período da escola nunca fui uma pessoa de escrever muito, nem gosto de escrever."

Abílio, 40 anos, casado, 1 filho, licenciatura, gestor de produtos bancários

Entre os entrevistados igualmente das classes mais altas, mas desta vez pela via do elevado capital económico, muitos não parecem questionar que as companheiras sejam profissionalmente activas, mas, muitas vezes, representam o trabalho e rendimento feminino como uma "ajuda" para o rendimento familiar global de que consideram ser os principais responsáveis. Por último, refiram-se os homens que não estão satisfeitos com o facto de as mulheres serem profissionalmente activas, tendo já manifestado às próprias a sua posição e preferência por um modelo mais tradicional, caracterizado pela dedicação feminina, em exclusivo, à educação dos filhos e tarefas domésticas. Serafim é um desses homens, que se junta a outros com origens sociais igualmente menos favorecidas. Apesar de expressar este seu desejo, Serafim não deixa de reconhecer que a sua posição é "retrógrada" para a época, assumindo alguma consciência das mudanças sociais que a este nível têm ocorrido.

"É assim, quando estávamos em Lisboa ela é que fazia tudo. Passava o dia todo em casa porque ela não trabalhava. Eu trabalhava e recebia todos os meses. No último dia do mês estava lá o dinheiro e eu sou daqueles que nesse caso, apenas nesse caso, tenho mente retrógrada. Sou eu que trabalho lá para casa e ela cuida dos filhos e trabalha em casa. É o único caso em que sou muito retrógrada. Acho eu. Sou o homem da casa e eu é que trabalho para a casa. Neste caso já não. Quando na minha empresa começou a correr mal, ela começou a trabalhar. Deixou os estudos, não acabou as duas disciplinas, não estudou mais e começou a trabalhar para me ajudar. E eu tenho ajudado em casa, às vezes, às vezes."

Serafim, 23 anos, união de facto, 2 filhos, 12º ano, medidor

Em jeito de conclusão, pode afirmar-se que a homogamia social se faz mais pelo nível dos recursos escolares e das trajectórias amorosas que os cônjuges foram desenhando ao longo da vida, do que pelo campo do trabalho e rendimentos. A excepção associa-se a casais que se distinguem pelos elevados recursos escolares, no seio dos quais as mulheres conseguem acumular rendimentos próximos ou mesmo superiores aos dos

respectivos cônjuges. Este retrato ilustra os padrões salarias que se identificam para o país, ainda que com apontamentos de exceptionalidade (ponto 2.1 do Capítulo I).

A divisão do trabalho doméstico entre os cônjuges assume dinâmicas, de uma forma geral, mais equitativas do que as encontradas entre as famílias de origem dos entrevistados. Se tivermos por referência a tipologia que orientou a análise anterior, vemos agora aumentado significativamente o número daquelas que se enquadram no modelo da *equivalência de papéis,* ou seja, casais em que ambos os cônjuges têm um trabalho remunerado e participam nas tarefas domésticas. Apesar disso, continuam a identificar-se modelos de gestão caracterizados pela *sobrecarga feminina*, mas também alguns modelos de gestão do trabalho doméstico que configuram situações de *sobrecarga masculina*. Mais raros são os modelos de partilha do trabalho doméstico muito equilibrados. Paralelamente, em muitos dos casais é prática corrente recorrer a mão-de-obra externa para desempenhar algumas tarefas domésticas específicas, como passar a ferro, ou o grosso das limpezas. A externalização de serviços não vem necessariamente acompanhada de distribuições mais equitativas do trabalho doméstico entre cônjuges, uma vez que raramente são eles a assumir a gestão desse tipo de tarefas.

Quanto ao perfil sócio-demográfico podem retirar-se duas conclusões distintas desta análise. Por um lado, nos casais com maiores recursos escolares tende a existir uma maior igualdade na distribuição das tarefas domésticas. Por outro lado, a maiores diferenças de rendimento correspondem muitas vezes investimentos individuais no trabalho doméstico mais díspares. Ou seja, geralmente verifica-se uma associação entre volume de rendimentos e intensidade da participação no trabalho doméstico. Como vimos, tendencialmente os homens dispõem de rendimentos superiores o que, portanto, se reflecte numa participação masculina mais reduzida neste tipo de tarefas. Quando são eles que auferem remunerações mais baixas a intensidade da sua participação nas tarefas domésticas é, do mesmo modo, superior à das suas companheiras.

Sempre que a sobrecarga é masculina, a divisão do trabalho doméstico é por estes homens considerada justa ou equilibrada, justificando a fraca colaboração das companheiras com as exigências profissionais ou a sua falta de “saber fazer” (como no caso de Miguel, cuja companheira não foi familiarmente socializada para este tipo de tarefas). Quando a sobrecarga é feminina, os entrevistados tendem a reconhecer a desigualdade, ainda que apresentem também argumentos para explicar a sua fraca colaboração. Ou seja, os homens foram mais penalizadores perante a sua própria falta de participação e mais compreensivos quando o contrário é verdade, ficando evidente uma

atitude reflexiva (e já não "naturalizada") perante as conhecidas desigualdades de género. Esta reflexividade parece reflectir a pressão e reivindicações sociais para uma maior participação masculina no domínio das tarefas domésticas, que tornam os indivíduos mais conscientes deste tipo de desigualdades.

Independentemente do nível de investimento de cada cônjuge, a estratégia de divisão do trabalho mais comum é a da especialização por tarefas, estando cada um dos cônjuges responsável por determinado número delas. Esse é o caso de Paulo, por exemplo, o qual usa inclusive a dinâmica de partilha do trabalho doméstico instituída entre si e a sua namorada enquanto elemento de diferenciação face aos pais, os quais caracteriza como tradicionais e conservadores:

> *"A gestão das tarefas domésticas era óptima. Eu aprendi com a minha mãe e com o meu pai o que eu não queria ser. E quando sai de casa levava essa predisposição para dividir tudo. Tive de aprender coisas que era a minha mãe que fazia e dividimos logo as tarefas. Fazíamos quase tudo juntos. Foi uma divisão informal, mais tácita… Foi normal, foi implícito. Era quase complementar. Ela cozinha muito melhor que eu, eu mal cozinho… Na primeira casa não tínhamos máquina de lavar, eu lavava a louça. Na outra já tínhamos máquina, eu fazia a preparação dos alimentos e ela cozinhava. E o resto fazíamos consoante os nossos horários."*
>
> Paulo, 33 anos, solteiro, sem namorada, licenciatura, contabilista

André assume, em exclusivo, a execução e gestão das tarefas domésticas, dada a exigência profissional em termos de carga horária da sua esposa e com isso convive muito bem. Eventualmente, a elevada remuneração desta surge como elemento compensador desta sua sobre-responsabilização doméstica. Quer Paulo, quer André, inserem-se em casais que se distinguem pela pertença a classes mais altas, detentoras de elevados níveis de escolaridade, constituindo esses elementos um bom preditor de maiores investimentos masculinos no trabalho doméstico (Perista, 2002; Torres *et al.*, 2005).

> *"[E com as tarefas domésticas lá em casa?] Eu faço. [Mais do que ela?] Mais do que ela. Praticamente tudo. Não me ocupo da roupa, por exemplo, nem da limpeza porque temos uma empregada, tínhamos uma empregada… Agora temos uma empresa que faz limpeza. Mas refeições, arrumações, sou eu que as faço. [E como é que lidas com isso, há aí algum sentimento de injustiça?] Não, para mim é perfeitamente perceptível, eu tenho tempo… e aprendi de facto a gostar de fazer."*
>
> André, 42 anos, casado, 1 filho, mestrado, professor do ensino secundário

Ao contrário de Paulo e André, que vêm protagonizar dinâmicas conjugais em termos de divisão do trabalho doméstico diametralmente opostas às identificadas em casa dos seus pais, Arnaldo vem reproduzir o modelo familiar de origem uma vez que pouco colabora no trabalho doméstico, assumindo-se não como o único provedor do lar, mas o principal.

> *"Eu não tenho muito tempo, sabes? Como eu te digo, é assim, eu trabalho de segunda a sexta. Muitas vezes à noite não estou. Aos fins-de-semana trabalho. É mais ela que faz as coisas. Claro, quando eu chego antes dela tenho de fazer o jantar… Isso faço. Agora quanto à limpeza é ela geralmente ao fim-de-semana que trata disso. Passar a ferro eu não sei. (…) Máquina de lavar loiça, roupa, ela é que trata dessa tarefa. Se for a alimentação, ainda faço, faço alguns pratos e é assim. [Achas que é uma divisão justa?] Não, porque é assim, ela trabalha fora, chega a casa e depois também queria descansar. Mas repara, eu também trabalho fora, não é, para tentar pôr mais algum dinheiro em casa. Se estiver em casa eu claro que ajudo. Ajudo com o aspirador, ou seja o que for."*
>
> Arnaldo, 39 anos, casado, 1 filho, 12º ano, guarda prisional

Ao analisar a forma como os casais produzem o lazer, foram identificadas três formas distintas de relacionamento com o "tempo livre". De um lado, situam-se os cônjuges que vivem o tempo livre de forma mais autónoma, havendo espaço para que cada um desenvolva actividades sozinho ou na companhia de outras pessoas que não o/a companheiro/a ou filhos. No outro extremo, encontram-se os casais onde o grau de fusão e centramento no "nós" é muito elevado, estando a esfera do lazer reservada para actividades a desenvolver em conjunto e, no caso de haver, com os filhos. Em qualquer destes casos, as relações de género estabelecidas entre os cônjuges caracterizam-se por uma certa igualdade de direitos na forma como cada um vive o seu tempo livre.

Abílio e a sua esposa, por exemplo, um casal na casa dos 40 anos, de classe média/alta, estabeleceram uma relação pautada pela autonomia, no âmbito da qual afrouxou a pressão para o comprometimento de ambos com as mesmas actividades de lazer. A autonomia é maior e assim "é mais saudável" considera Abílio, manifestando a sua satisfação perante uma relação em que a individualidade de cada um é preservada.

"[O tempo livre é sempre gerido com a Vanessa ou há actividades que cada um faz separadamente…] Não propriamente. Ou seja, foi como na quinta passada, da entrevista, em que fui jantar com um amigo. Isso acontece esporadicamente. (…) Vamos, ou não vamos, conforme os apetites. Não há aqui rigor. Já houve tempo em que a gente ía sempre juntos. Não sei se isto é fruto das relações, se isto é mesmo assim ou não, mas também é mais saudável. Não há aquela preocupação 'temos que ir os dois'. Não. Se a um não lhe apetece, o outro vai. Ou se tiver outra coisa, ou se não gostar das pessoas, um vai. É quase amigo não empata amigo."

Abílio, 40 anos, casado, 1 filho*, licenciatura, gestor de produtos bancários*

A relação de Serafim, ao contrário, pauta-se por uma partilha total dos tempos de lazer, do grupo de amigos e da família de origem. A companheira de Serafim acompanha-o em todas as actividades e este abdicou das saídas à noite com os amigos. Assumindo-se como um homem de família, é em casa e na companhia da companheira que Serafim está "bem".

"[O que fazes nos teus tempos livres, no fim-de-semana?] Vou para casa da minha mãe. Dormimos lá e tudo. Vou na sexta-feira à noite ou sábado e depois só volto domingo ou segunda-feira. (…) Na parte da tarde, por volta das 4h, vou ter com os meus colegas, jogamos basquete. [E o que é que a tua companheira faz?] Às vezes vai lá ter connosco, está ali. Os meus amigos também são os amigos dela, inclusive, a maioria dos meus amigos são da mesma ilha que ela. (…) Conheciam-se todos uns aos outros. (…). Se possível, faço tudo com ela. Onde eu vou ela vai. (…) Tipo, antes eu produzia-me mais que era para sair e estar com os amigos e isso tudo. Já não faço, já não preciso. Lá está, tenho a minha companhia em casa, para que é que vou deixar a minha companhia em casa sozinha e estar a sair? Não faço isso. Ou saio com ela ou não saio. (…) Se estou em casa, estou bem em casa. Estou com ela, estou bem com ela."

Serafim, 23 anos, união de facto, 2 filhos, 12º ano, medidor

Uma terceira dinâmica foi identificada junto de casais que, tal como no caso anterior, se pautam mais pela escassez de recursos escolares e maiores níveis de desigualdades remuneratórias entre o casal. Trata-se de casais onde a autonomia face à família apenas é vivida no masculino. Ou seja, casais onde o tempo livre do homem e da mulher é experienciado de forma substancialmente diferente, sendo o tempo livre dos homens partilhado entre a família e a esfera pública e o da companheira associada em exclusivo à esfera doméstica e familiar mais alargada. Para estes entrevistados, o grupo de amigos é representado como uma rede de sociabilidade importante e muito valorizada, o que não tem paralelo entre as respectivas companheiras. Estes resultados espelham as conclusões a que outros estudos têm chegado, especialmente no que diz respeito à relação privilegiada que se estabelece entre lazer e esfera pública, no caso sobretudo dos homens (Aboim e Wall, 2002; Torres, 2002, 2002a; Perista, 2002). Manuel é disso

exemplo, na medida em que investe bastante do seu tempo livre em actividades e viagens com amigos.

> *"É assim, eu todos os dias almoço com amigos. Eu não almoço em casa, almoço todos os dias fora. (…) Com a família estou a partir das 9 horas da noite, quando chego a casa. Estou com a família como qualquer casal normal. [Amanhã o que vai fazer, por exemplo?] Ao domingo almoço sempre em casa e vamos dar uma voltinha, vamos sair. Depois se calhar jantamos fora e passou o domingo. [Viagens e esse tipo de coisas costumam fazer?] Viagens se calhar mais eu. [Ah pois, no trabalho fazes imensas, não é?] Sim. [E vais sozinho, vais acompanhado?] Vou sempre acompanhado, com um amigo, com um colega de profissão e tenho aí um parceiro… É diferente, ainda agora fomos. Fui para Vigo quatro dias e levei um funcionário meu, o responsável de armazém, é a pessoa que está comigo desde início… [Devem fazer umas belas noitadas…] É porreiro, é porreiro. (risos) [Quer dizer, a sua mulher não tem nada que se pareça, não é?] Claro, é diferente. Não quer dizer que ela não saia com amigas…mas eu saio muito mais, claro, sem dúvida. Muito mais. Já é diferente."*
>
> Manuel, 34 anos, união de facto, 1 filho, 8º ano, director e gestor de empresa

Como outras pesquisas concluíram, relacionamentos fundados em níveis de autonomia individual mais elevados, como é o caso de Abílio, tendem a estar associados a casais que se distinguem pelo elevado capital escolar e níveis de igualdade entre géneros mais significativos. Trata-se de homens e mulheres cuja identidade pessoal não está, em exclusivo, associada à esfera familiar, como acontece em modelos mais centrados no casal, ou seja, mais fusionistas (Aboim, 2004). Por sua vez, o modelo fusionista é mais heterogéneo quanto ao perfil social dos seus protagonistas. Apesar do centramento no casal, as dinâmicas conjugais não traduzem necessariamente relações de género mais igualitárias, como o exemplo de Serafim deixa transparecer. Recorde-se que Serafim pouco colabora no trabalho doméstico e aspira a que a companheira abandone a actividade profissional. O exemplo de Manuel remete para uma concepção de género mais tradicional e para a noção de *família instituição* sobretudo equacionada nas suas funções instrumentais e menos enquanto elemento de satisfação e expressão sentimental (Torres, 2001, 2010; Aboim, 2004, 2006, 2006a, 2010). Tal como Abílio, a identidade pessoal de Manuel não passa em exclusivo pela esfera familiar, assumindo o trabalho, mas também as relações amicais e extra-conjugais importantes campos de investimento e satisfação pessoal. A diferença é que a companheira de Manuel, ao contrário da de Abílio, está exclusivamente centrada no domínio familiar.

2.3 Parentalidade: práticas, representações e estratégias de socialização

A esfera da parentalidade tem sido identificada como um domínio em profunda transformação. O envolvimento paterno é cada vez maior, ainda que as mães continuem a surgir nas estatísticas como as grandes cuidadoras (Perista, 2002). Quer o capital escolar, quer o tipo de relacionamento conjugal têm sido apontados como factores determinantes para um menor ou maior envolvimento parental por parte dos homens (Wall, Aboim e Marinho, 2010). As mudanças legislativas têm, também, contribuído para uma maior partilha de responsabilidades, podendo hoje o homem gozar de todo o tipo de direitos que são concedidos aquando do nascimento dos filhos. Ainda assim, as representações sociais do feminino continuam em muito a reproduzir a ligação mulher-maternidade, relação que é naturalizada nos seus corpos e especificidades biológicas (Wall e Arnold, 2007; Guerreiro, Caetano e Rodrigues, 2008).

Com o intuito de problematizar estas ideias, duas análises serão levadas a cabo. Num primeiro momento procurar-se-á descrever os projectos parentais dos entrevistados (alguns já concretizados), compreender a importância que é atribuída à esfera parental, a forma como idealizam o papel de pai e mãe e, ainda, as estratégias de socialização em função do sexo dos filhos. Num segundo momento, a partir das entrevistas aos homens que já são pais, tentar-se-á perceber qual o seu grau de envolvimento no período da gravidez, parto e cuidados infantis durante os primeiros meses de vida dos filhos, bem como a avaliação que fazem do seu desempenho enquanto pais tendo por referência a companheira e o seu próprio pai.

Todos os entrevistados que não têm filhos manifestaram o desejo de ser pais, ainda que alguns tenham considerado que apenas num futuro longínquo o conseguirão concretizar. Metade fez inclusive referência ao número de filhos desejado, sendo dois o valor modal. Entre os entrevistados que já são pais (nove entrevistados), a maioria afirmou recordar os planos que ainda jovens já faziam nesse sentido. Três entrevistados são a excepção. Miguel e André declararam que os planos para ter filhos são recentes e César assegurou que ter filhos nunca fez parte dos seus projectos. Aliás, este último entrevistado não aceitou a gravidez, nem acompanhou os primeiros meses de vida da filha, considerando, num primeiro momento, a paternidade inconciliável com o modo de vida jovem e irreverente que levava. Agora “gosta” de ser pai e diz ter uma “relação de amizade” com a sua filha, por oposição à típica relação hierárquica que entre pais e filhos tradicionalmente se estabelece (como acontecia entre si e o seu pai, nomeadamente).

Quanto ao número, a maior parte ficou-se por um filho mas, tal como os que ainda não são pais, desejam um segundo (aliás, a mulher de José estava grávida aquando da entrevista e Miguel e esposa tentavam uma segunda gravidez). Entre os que não desejavam aumentar a descendência sobressaem os motivos de cariz económico.

Quando questionados sobre a importância de ter filhos na vida de um homem, a maior parte das respostas remeteram para o "muito importante" e nalguns casos elevaram a parentalidade ao título de "o mais importante da vida". A importância de ter filhos surgiu sobretudo associada ao desejo de deixar descendência, ao prazer de poder educar alguém, como dimensão que dá "sentido à vida" ou algo que faz os homens "amadurecer", "crescer". A associação entre ser pai e *adultez* fez-se sentir, sobretudo, entre os homens de classes mais baixas e/ou com menos recursos escolares, os quais sublinham o papel mais instrumental de ser pai, por eles equacionado como alguém a quem cabe a responsabilidade de garantir as condições materiais para criar os filhos. Já a referência ao pai como educador fez-se ouvir principalmente entre os entrevistados mais escolarizados, os quais, por sua vez, se centraram na noção do filho enquanto projecto, em quem depositam uma série de expectativas de vária ordem, como as escolares, profissionais, entre outras.

Alguns dos entrevistados foram mais comedidos nas respostas, referindo que ter filhos tem "alguma" ou "pouca" importância nas suas vidas. Entre eles encontram-se quer homens que têm filhos, quer os que não os têm. Entre os que já são pais destacam-se os que nunca o planearam, ou os que adiaram a concepção para uma idade mais avançada. Os que não são pais, apesar de desejarem ter filhos, avançam com a ideia de que outras esferas da vida são tão ou mais importantes, como, por exemplo, o trabalho, ou a própria relação amorosa. Se não chegarem a ter filhos, estes homens concebem facilmente que a sua realização pessoal passará por outras esferas da vida que não a parentalidade. O perfil sócio-demográfico aponta uma tendência: à medida que aumentam os recursos escolares, bem como o investimento e realização pessoal pelo trabalho, os homens tendem a contrabalançar a centralidade dos filhos com outros domínios da vida. Isto não quer dizer que estes homens dediquem menos tempo aos filhos ou neles invistam menos expectativas.

Perguntou-se ainda a estes entrevistados se consideravam que ter filhos seria mais importante para as mulheres do que para os homens. Em resposta ouviu-se mais "sim" que "não". Tendo em conta os estereótipos e representações sociais dos géneros, como seria expectável, nenhum entrevistado considerou que ter filhos é mais importante para os

homens do que para as mulheres. Ao contrário, a maior parte dos homens consideraram que as mulheres dão mais importância à maternidade apresentando para isso dois tipos de argumentos diferentes: alguns consideram que essa diferença se prende com factores de ordem biológica, como a gravidez, outros apontaram motivos relacionados com o contexto sociocultural, como a educação e socialização dos homens e mulheres para assumir papéis parentais diferentes.

Entre os entrevistados que afirmaram que a parentalidade é tão importante para homens como para mulheres sobressaem os que já passaram pela experiência ou os entrevistados mais jovens, como Telmo, que equaciona ser pai como sendo determinante para a sua realização individual e conjugal. Para ser pai Telmo estabelece, no entanto, algumas condições que deve garantir *a priori* como a estabilidade financeira e emocional do casal.

> *"[Qual é a importância de ter filhos na vida de um homem?] Acho que é o mais importante. É o idealizar de tudo. É o que o ser humano vem cá fazer, é ter um filho. Pelo menos um filho e criá-lo da melhor maneira possível. Acho que é o passo mais importante que o ser humano possa ter a todos os níveis. [Achas que é tão importante como é para uma mulher?] Claro! Eu acho que é importante para o casal. Acho que é a maior felicidade que o casal possa ter, quando assim a relação o diz. Acho que esse passo é tão importante para um como para outro. (…) Sou uma pessoa que gostava de ter alguns filhos, mas acho que isso é um passo muito importante na nossa vida, na qual temos que ter alguma cautela ao fazê-lo. Porque eu quando quiser ter um filho tenho que criar alguma estabilidade tanto a nível financeiro, como de relacionamento. Eu gostava de ter três ou quatro. Eu sou uma pessoa que gostava de ter bastantes filhos. Acho que é muito bom. Acho que é uma das coisas mais importantes. É algo que sempre desejei."*
>
> Telmo, 24 anos, solteiro, com namorada, 12º ano, agente imobiliário e modelo

Joaquim apresenta um discurso bastante diferente de Telmo quanto aos planos parentais e representações face à importância de ter filhos na vida de homens e mulheres. Joaquim partilha uma visão mais naturalizada da parentalidade, uma vez que considera que as características biológicas das mulheres e o seu papel na reprodução fazem com que elas atribuam mais importância à maternidade, do que os homens à paternidade. Esta opinião foi partilhada por grande parte dos entrevistados que reforçam a ideia de as mulheres estabelecem de forma inata uma ligação "especial" com os filhos, jamais igualada pela relação que os pais constroem com eles.

"Não tenho planos, mas claro que gostava de ser pai e gosto muito de crianças. [Qual é que achas que é a importância de ter filhos na vida de um homem?] (algum silêncio) Acho que se o homem tem o sonho de ser pai, isso é muito importante. Se a pessoa não sonhar com isso, acho que não… [Achas que é mais importante para as mulheres, para os homens…?] Acho que é mais importante para as mulheres do que para os homens. Só o simples facto de uma mulher poder gerar uma vida e o homem não poder… O homem não gera a vida, ajuda a gerar. A mulher já cresce com esse peso ser mãe. Foi filha de uma mãe que lhe transmitiu isso tudo durante 9 meses, etc.. [Se não pudesses ter filhos iria ser um muito difícil para ti?] Não. No meu caso não. (…) Até porque eu acho hoje em dia ter filhos é uma grande responsabilidade... Mas também não gostaria de ter filhos com uma mulher só por ter, tinha de ser uma coisa especial."

Joaquim, 33 anos, solteiro, com namorada, licenciatura, consultor TIC

Ao descrever o papel do pai e da mãe, as respostas continuam a apontar para representações de género distintas, uma vez que a maior parte dos entrevistados concebem o papel de pai e de mãe como diferentes e complementares. Às mães, por oposição aos pais, são atribuídas características como ser mais "afectivas", "próximas", "benevolentes". Por sua vez, os pais são idealizados como mais "autoritários", "brincalhões" e responsáveis pela "segurança" dos filhos. Entre as principais características do que deve ser um bom pai a maior parte dos entrevistados referiu o "estar sempre presente" e apenas alguns reforçaram a importância de estabelecer regras e disciplina, o que os afasta do pai autoritário que muitos disseram ter tido. Essa enfatização do papel do pai como regulador do comportamento foi mais comum entre os entrevistados pertencentes às classes mais baixas. O "amor", a "compreensão", a "amizade" e a "cumplicidade" foram alguns dos sentimentos que mais os entrevistados referiram idealizar na relação pai-filho.

Perante a ideia de ter filhos de sexo diferente, as estratégias de socialização idealizadas pela maior parte destes homens tornam o retrato mais conservador e apontam para uma reprodução do regime de género mais tradicional e dicotomizado. Muitos dos entrevistados afirmaram que seriam mais protectores com uma filha do que com um filho, alegando para isso motivos como a "fragilidade", ou a "inocência" das raparigas, ou ainda o perigo de uma gravidez precoce e indesejada. Foram poucos os entrevistados a afirmar que, caso tivessem filhos de sexo diferente, ambos receberiam uma educação igual, dando alguns exemplos de actividades de lazer e brinquedos que seriam idênticos num caso ou noutro. Neste último grupo o elevado capital escolar surge como elemento aglomerador.

O discurso de José é bem representativo da maior parte das respostas obtidas, na medida em que a sexualidade feminina é colocada no centro do *problema* educativo,

funcionando como elemento-chave para justificar socializações diferenciadas conforme o sexo dos filhos. Tal como José, grande parte dos entrevistados foi claro ao especificar que não daria tanta liberdade fora do espaço doméstico a uma filha, como a um filho, de maneira a melhor controlar o seu contacto com o sexo oposto e a sexualidade em particular. Trata-se de "guardar o tesourinho" da filha e preservar a sua virgindade, como refere José. As respostas subentendem assim, uma vez mais, representações de género diferenciadas.

> *"[Consideras que se devem educar os filhos e as filhas da mesma forma?] Não, não. Há que ter em atenção. Por isso é que até sexta-feira passada, se me dessem a escolher, preferia uma menina. Acho que era mais fácil manter a regra. Vai ser diferente. (…) Eu vou querer falar sobre isso [sexo]. Quando chegar à vertente mais sexual da coisa, a um vais vender um peixe e ao outro vendes outro. Não é? Certamente ao miúdo não te vais importar que ele tenha uma relação cedo, desde que tenha os mínimos cuidados. À miúda vais ter que vender um bocadinho diferente. Guardar o tesourinho. Eu às vezes brinco com ela. Brinco mas não é inocentemente. Infelizmente na sociedade em que vivemos é preciso ter muitos cuidados. Eu costumo brincar com ela, 'no teu tesourinho só mexe o pai, a mãe e a Carolina, mais ninguém'. (…) Acaba por ser um ser mais frágil, que não o é na realidade…mas a mulher é mais frágil. É mais frágil. Não tenho outro adjectivo melhor."*
>
> José, 37 anos, casado, 1 filho, 12º ano, técnico de informática

César, com uma filha de 14 anos, tem uma postura bem diferente da de José. Ao contrário deste e da maior parte dos entrevistados, César afirma que seria tão protector com um filho, como o é com a sua filha. Não deixa de dar o exemplo do irmão que, sendo rapaz, sempre foi bastante mais ordeiro do que ele, de forma a desconstruir as diferenças que entre homens e mulheres muitas vezes são apontadas.

> *"[Acha que se devem educar os filhos e as filhas da mesma forma?] Acho que sim. [O César foi educado da mesma forma? Tinha a mesma liberdade?] Não, não tinha a mesma liberdade que a minha irmã. Mas o meu irmão também não tinha. O meu pai se dissesse ao meu irmão para estar à meia-noite em casa, ele estava. E eu não estava, aparecia às duas ou às três horas. Sempre o contrariei em tudo. Agora a minha irmã sempre era mais protegida. Não podia sair à noite, era mais complicado… Mas isso, pronto, os pais protegem sempre mais as filhas do que os homens. [E acha que isso faz sentido?] Hoje em dia, penso que não. É igual por igual. Eu não tenho nenhum filho, mas se tivesse um filho, protegia-o na mesma que protejo a minha filha."*
>
> César, 46 anos, casado (formalmente), 1 filho, bacharelato, técnico de farmácia

Centrando a atenção nos entrevistados que já são pais, três momentos vão agora estar sob atenção: gravidez, parto e primeiros meses de vida dos filhos. Veja-se de que forma

estes pais se envolveram em cada um deles. Exceptuando César, já referido a este propósito, e Elias, todos os pais indicaram ter acompanhado de perto a gravidez, frequentado com a companheira as consultas de especialidade, bem como os cursos de preparação para o parto ou cursos para futuros pais. Dois destes pais estiveram presentes durante o parto e outro entrevistado, apesar de desejar assistir, não lhe foi permitido fazê-lo. Os que o fizeram caracterizam-no como “um momento felicíssimo”, “um dos dias mais felizes da sua vida”, não deixando de o recomendar a outros pais. Esta fase foi, regra geral, descrita como um momento “espectacular”, vivido de forma “intensa”. No caso de César e Elias, o facto de as gravidezes não terem sido, por si, desejadas ajuda a compreender o afastamento e ausência durante o período da gravidez.

A participação nos cuidados aos recém-nascidos foi muito variável, sendo que quase nenhum dos entrevistados gozou da licença parental. A excepção é André, que usufruiu parcialmente dessa licença, durante um mês, após o repentino regresso à actividade profissional da sua esposa, devido um convite de trabalho “irrecusável”. Foi também André que gozou da licença de aleitação, por ter nesse momento um trabalho mais flexível. A decisão resultou de uma racional “gestão de oportunidades”, afirma André, e foi vivida como um “privilégio” que lhe permitiu acompanhar mais de perto o filho. As suas colegas de trabalho, na maioria mulheres, reagiram com “silêncio” a esta sua opção, um sinal de que “não sabiam lidar com a situação”, considera André.

Quanto à partilha dos cuidados infantis, alguns dos entrevistados manifestaram ter colaborado bastante em todo o tipo de tarefas, tendo os restantes pais revelado níveis de participação aquém dos das suas companheiras. Miguel é um dos entrevistados que mais se comprometeu com os cuidados infantis após o nascimento do filho. No discurso foi muito crítico em relação aos homens que passam pouco tempo com os seus filhos e lhes prestam poucos cuidados, bem como com as mulheres que não dão espaço aos pais para aprender a prestar os cuidados necessários aos filhos. O automatismo com que mudou a primeira fralda são bem reveladores da forma como rejeita noções mais tradicionais do papel de pai, ainda que tenha sentido como limitações algumas características físicas ou impossibilidades biológicas, como é o caso da amamentação.

"[Quando o seu filho nasceu que tipo de cuidados é que lhe prestava? Faziam os dois exactamente a mesma coisa?] Os dois, exactamente, tirando o amamentar. Tirando essa parte, que me senti… De resto, a primeira coisa que eu fiz quando cheguei ao hospital foi tirar a fralda do Telmo. Foi a primeira vez que tirei uma fralda, mas para mim foi automático. (…) Eu lembro-me que fiz uma coisa que mais nenhum outro colega fez. (…) Houve um dia que eu disse à Carolina, mas para aí o sétimo ou oitavo dia em que meu filho já estava em casa, 'tu agora vais-te embora e eu quero ficar sozinho com ele, quero saber o que é que é isto de estar sozinho com o meu filho'. (…) É a tal história, casei-me com uma mulher, não me casei com a minha mãe. Portanto, eu quero chegar a casa e estar com ela sentada no sofá ao mesmo tempo, quero estar com ela a fazer a comida. Não quero estar eu no sofá e ela ali, depois acaba e eu vou-me embora, vou para um café, e ela... Não, eu tive um filho, é para estar com ele."

Miguel, 40 anos, união de facto, 1 filho, licenciatura, director de empresa

Já Arnaldo, apesar de ter participado em algumas das tarefas, outras há que se recusava a fazer por causa do medo e pouco à vontade com o bebé, delegando-as na sua esposa que conseguia manter o "sangue frio", avalia. Tal como entre os restantes entrevistados que menos participaram nos primeiros cuidados, sobressai no discurso de Arnaldo a ideia de que as mulheres sabem "naturalmente" como cuidar dos filhos.

"Há uma coisa que eu não fazia, que fiz uma vez mas que me fez uma certa confusão, que era dar-lhe banho. Agora fraldas, dar o biberão, fazer tudo e mais alguma coisa, sim. Levá-la ao bacio 'agora faz cocó e faz xixi' e aquelas coisas todas e nada me faz confusão. Fazia-me confusão era dar-lhe banho. [Mas ficavas com receio que...] Não sei, quando era mais pequenina parece que caía para todos os lados e depois ela cai para trás ou cai para a frente. [E a tua mulher também tinha receio?] Não, nada disso. Nesse aspecto ela sempre… Por exemplo, uma coisa que não consigo fazer e espero bem que nunca me aconteça de eu ter que fazer… Quando eles se engasgam, a minha mulher chega lá, mete-lhe o dedo e tira as coisas lá da garganta. É preciso ter sangue frio. Eu acho que não conseguia. Ela qualquer coisinha, magoa-se e eu vou logo, que sou pai galinha, 'Então filha, o que é que se passa?' e não sei quê..."

Arnaldo, 39 anos, casado, 1 filho, 12º ano, guarda prisional

Quanto à auto-avaliação do seu desempenho como pais, o resultado foi muito positivo, tendo quase todos os entrevistados se auto-avaliado como "bons pais". Para se justificar deram argumentos como o "estar sempre presente" ou o "dar tudo o que precisa", denunciando duas ideias essenciais. Um bom pai é aquele que acompanha o seu filho e aquele que satisfaz as suas necessidades materiais. Dois entrevistados afirmaram que "podiam ser melhores". Abílio considera que não tem muito "jeito", nem "imaginação" para brincar com o filho e Manuel refere o pouco tempo que dedica à filha. Quando se comparam com as mães dos respectivos filhos várias diferenças foram apontadas, reflectindo, mais uma vez, a concepção dos papéis parentais como diferentes e

complementares. Aliás entre o grupo dos entrevistados que já são pais, apenas um concebeu o papel do pai e da mãe como equivalentes. Tendo por referência a dinâmica parental vivida em suas casas, as mães foram caracterizadas como “mais afectivas”, como tendo “mais jeito”, mais “tolerantes” ou “permissivas”. Vislumbra-se assim, por um lado, a ideia da mulher mais sentimental e, por outro lado, menos autoritária. De resto, como Arnaldo referiu, “mãe é mãe”, naturalizando dessa forma as características e competências maternas.

Olhando para as duas gerações, pais e filhos, mudança é a palavra que se impõe, ainda que bastantes aspectos tradicionais possam ser identificadas, especialmente nas classes mais baixas e entre os entrevistados menos escolarizados. De um modo geral, os filhos, mais do que os seus pais, colaboram no trabalho doméstico, apesar da fraca socialização familiar para o desempenho deste tipo de tarefas. Ainda assim, apesar das novas dinâmicas familiares, a cumplicidade dos filhos em relação à fraca participação dos pais nas tarefas domésticas ficou evidente nas múltiplas justificações por si apresentadas para explicar porque é que a divisão do trabalho entre os seus pais ocorria de uma forma tão desequilibrada. Excepcionais foram as situações em que os entrevistados manifestaram desejar assumir o sustento económico da família, aitude que apareceu exclusivamente associada aos homens das classes mais baixas, ou então das classes médias/altas, com algum poder económico, mas baixos recursos escolares. A maior parte dos entrevistados demonstraram, portanto, valorizar o trabalho e autonomia das suas companheiras.

Sobretudo evidente é a mudança ao nível das relações parentais. Regra geral, o distanciamento de que muitos dos entrevistados se queixaram ao falar da relação que (não) mantinham com os seus pais, já não faz parte das relações que estes mantêm, agora, com os seus filhos. Dois dos entrevistados distanciam-se dos restantes, pelo afastamento, senão mesmo rejeição, do papel parental, ainda que momentaneamente. Também a este nível, vários dos entrevistados acabaram por tentar argumentar a favor da forma como os pais com eles se relacionavam, confessando que agora os compreendem. A tradição marca a forma como estes homens equacionam as suas estratégias de socialização em função do sexo dos filhos. As filhas querem-se mais controladas, preservando-as por mais tempo de situações de interacção fora do controlo parental. A sua virgindade ou gravidez não desejada aparecem como sendo preocupações que não se têm em relação aos filhos homens.

3. Amor e sexualidade: que combinações?

3.1 Trajectórias e orientações amorosas: diversidade de perfis

Falar sobre os amores e o leque de relacionamentos construídos e experienciados ao longo da vida levantou algumas reacções que pareceram evidenciar o quão problemático pode ser falar sobre o número de parceiras com quem já se teve contacto, quando essas experiências são avaliadas como pouco diversificadas pelos próprios (Connell, 1987; Pleck, 1995; Giddens, 1996). Ao invés, os entrevistados com trajectórias mais diversificadas tenderam a responder com mais entusiasmo a esta pergunta, partilhando alguns, ao pormenor, os detalhes das suas "aventuras" amorosas.

O desconforto foi mais evidente entre os entrevistados que contaram até à data da entrevista com não mais que duas ou três namoradas, como é o caso de Nuno e José. Ambos se afastam de um ideal de masculinidade dominante, que se distingue pelas conquistas amorosas e pela diversidade de experiências e disso têm consciência. Nuno teve duas namoradas até à data da entrevista e o desconforto em falar sobre o assunto foi bastante notório. Sentindo que se deveria defender ou explicar, Nuno argumentou a seu favor não ser "vergonha", mas sim "normal", ter poucas parceiras.

> *"Tive algumas namoradas. Nunca me preocupei com o número, com a actividade regular. Acho que não é vergonha nenhuma uma pessoa estar casada a vida toda com uma pessoa, ter o mesmo namorado… Uma pessoa todos os meses pode namorar, desde que seja mesmo isso que quer fazer e não está a fazer mal a ninguém, nem a si próprio. Tenho um feitio muito liberal nesse sentido. Todas as pessoas devem fazer o que realmente lhes apetece. Faz sentido. Também chegas a uma altura… Tenho 32 anos e reservo-me o direito de fazer o que me apetecer. Tive um número normal, digamos."*
>
> Nuno, 32 anos, solteiro, sem namorada, 12º ano, técnico de informática

José, por sua vez, referiu não se sentir à-vontade em falar deste tipo de aspectos mais íntimos, convocando os seus "beijinhos" e "paixões de Verão" com o intuito de dar um tom mais diversificado à sua trajectória amorosa, na verdade caracterizada pelo longo namoro com Gabriela desde muito jovens, que é hoje a sua actual esposa.

"É complicado, nem me sinto à-vontade a falar sobre isso. Não tive 800 namoradas, mas também não tive só duas ou três. As coisas pontuais, paixões de Verão, vives intensamente e o mundo vai acabar. E paixões de Verão, na altura, nem havia contacto sexual nem nada. Eram aqueles beijinhos de Verão, aquelas namoraditas que tu arranjavas fosse onde fosse. Na terra do pai, ou no Algarve. Coisas que na altura pensas que são o fim do mundo. (…) Nós [José e esposa) começámos a namorar muito novos. As experiencias que houve foram muito de passagem."

José, 35 anos, casado, 1 filho, 12º ano, técnico de informática

Como Anália Torres afirma, o amor é um dos protagonistas do século XX (2002: 573). De seguida, analisar-se-á precisamente como estes homens vivem o amor a partir de uma tipologia que caracteriza não só as trajectórias amorosas, mas também as orientações sentimentais dos entrevistados. Os indicadores considerados na elaboração da tipologia foram o tipo de relações amorosas desenvolvidas e, ainda, o posicionamento face à normativa social da monogamia.

As trajectórias amorosas e orientações sentimentais dos homens entrevistados são muito diversificadas entre si, sendo possível identificar três ideais-tipo: os *românticos*, os *galãs* e os *liberais*. Os primeiros, os homens *românticos,* orientados para o amor, a monogamia e os compromissos duradouros sobressaem entre os entrevistados. De uma forma geral, são homens que experimentaram ao longo da sua vida sobretudo relações amorosas relativamente longas e procuram investir em relacionamentos no seio das quais sejam capazes de perspectivar um futuro a dois. A exclusividade marca os relacionamentos destes homens, um princípio que não questionam.

Veja-se, no seio deste primeiro ideal-tipo, o exemplo de dois casos que se diferenciam relativamente ao número de relações amorosas. Tomás, de 24 anos, namora desde há um ano com aquela que é a sua primeira namorada. Nunca teve nenhum tipo de relacionamento amoroso antes de conhecer a sua actual namorada, o que confessa durante algum tempo lhe ter causado algumas angústias. Hoje olha para trás e considera que foi o destino que assim o determinou, assumindo que muito lhe agrada o facto de se ter "preservado" para esta relação. A namorada de Tomás tem um percurso amoroso semelhante ao seu, o que os leva a crer que são "almas gémeas" que estavam destinadas a encontrar-se. Por sua vez, Telmo, também com 24 anos, diz ser "uma pessoa de relações longas", apesar de contar no seu passado com algumas relações "mais passageiras" que remontam a uma idade mais jovem e uma fase mais *liberal*. Depois dessa primeira "fase", como o próprio indica, seguiram-se três relacionamentos com mais de dois anos cada um, representando aquilo que Telmo chama de uma

segunda “fase mais estável”. No geral, a maior parte dos entrevistados que se enquadra neste perfil conta com até três relações por si consideradas “sérias” ou “estáveis” estando, portanto, mais próximos do perfil de Telmo.

Quanto ao tipo de orientação sentimental, os homens *românticos* situam-se entre uma postura ultra-romantizada das relações e do desencantamento amoroso. O discurso de Filipe ilustra bem a orientação ultra-amorosa de alguns destes entrevistados, para quem apenas o amor pode fundar uma relação e cujas expectativas afectivas sempre estiveram voltadas para a “fusão” conjugal e as “relações simbióticas”. A este tipo de orientação não deixam de estar associadas algumas experiências dolorosas, referentes a relacionamentos que chegaram ao fim, cujas histórias os entrevistados não deixaram de partilhar. Ao fazer referência aos seus desabafos com a irmã, Filipe acaba por revelar algumas dúvidas existenciais quanto à forma como é suposto, nos dias de hoje, um homem comportar-se em contexto amoroso. As mudanças neste domínio fazem-no hesitar entre uma postura que considera mais moderna - o homem sensível e afectivo - e com a qual se identifica, e uma outra tradicional, que atribui aos namorados da irmã, na qual não se revê e faz questão de se demarcar. De certa forma, a ideia transmitida pela irmã reforça os estereótipos de género, na medida em que o amor romântico e a sentimentalidade são considerados atributos mais femininos (Giddens, 1996), apelando ao irmão para ser mais masculino, mais “mau”, ou seja, menos afectivo e sentimental.

> *“Eu sou um bocadinho fusionista nas relações, se calhar também um bocadinho à imagem da relação dos meus pais, apesar de não ser uma relação que funcione muito bem, na minha opinião. (…) Mas eu mantenho esse modelo para mim, não sendo uma pessoa conservadora gostava de ter um projecto de família. Portanto, as minhas relações apontam sempre para a tentativa… (...) Eu sou um tipo mais romântico, e às vezes a minha irmã diz-me, ‘tens que ser mais mau, as mulheres não querem nada disso. Isso é o que elas dizem…’. É mais este tipo de coisas que nós falamos. Na verdade os homens com quem ela andou sempre foram muito mais machos, nesse sentido.”*
>
> Filipe, 37 anos, solteiro, sem namorada, licenciatura, realizador de cinema

Adão, ao contrário de Filipe, nunca se apaixonou verdadeiramente por uma mulher e sente por isso algum desânimo. Ao mesmo tempo justifica a ausência de uma experiência amorosa mais intensa devido às mudanças ocorridas ao nível das relações de género, sobretudo do lado das mulheres, cada vez mais individualistas e menos dispostas a assumir uma relação amorosa que se sobreponha às outras esferas e interesses das suas vidas. Apesar do desencantamento de Adão e do ultra-romantismo do Filipe, estes

entrevistados aproximam-se numa certa angústia face às recentes mudanças na ordem de género.

> *"Eu acho que ainda não gostei assim bué de ninguém. É bué da estranho. Toda a gente chega aos 22 anos, 23 anos e já gostou bué de alguém. Já andou maluco…já teve uma relação bué comprida, e eu não. [Há-de aparecer.] Yah. Já apareceu tanta coisa… não fico… Aliás, já fiquei assim mais coiso. (…) Cada vez é mais difícil encontrar alguém. Claro que há mulheres que se aproveitam. [Mas porquê?] Uma das cenas que eu não suportei na namorada do meu irmão é ela dizer que se o meu irmão fosse um homem milionário, tipo Mourinho, não ia deixar de desistir dos sonhos dela por causa dele ser milionário. Eu disse-lhe que isso não era uma questão… Tens uma relação com uma pessoa, tens que te sujeitar, tens que ir. As mulheres de hoje em dia já não se sujeitam. Pensam bué dessa maneira, 'eu não vou desistir de um sonho por causa de um gajo'."*
>
> Adão, 22 anos, solteiro, sem namorada, 9º ano, empregado papelaria

Os homens *galãs* distinguem-se dos homens *românticos* no domínio das atitudes perante a homogamia e quanto à orientação amorosa. Trata-se de homens orientados para as experiências mais apaixonadas e passageiras, a par dos compromissos "sérios" e duradouros, assentes na ideia da exclusividade. Esta exclusividade é selectiva, aplicando-se apenas à sua companheira, uma vez que, com maior ou menor frequência, eles violam o princípio da monogamia tacitamente acordado entre ambos. Quanto à orientação sentimental, os galãs vivem simultaneamente o amor romântico e o amor paixão. O amor romântico é o amor que alimenta as relações conjugais e o amor paixão é o que incendeia as suas relações extra-conjugais. Os entrevistados que se enquadram neste ideal-tipo vivem ou já viveram em coabitação e foi no âmbito dessa união que a relação extra-conjugal aconteceu. A excepção é Abílio cujo primeiro e actual casamento inaugurou uma nova fase da sua vida, no âmbito da qual a infidelidade deixou de fazer sentido. A "satisfação" com a relação e a intensidade do sentimento assim o justificam, afirma.

"[A primeira namorada mais a sério] foi com 18 anos. Durou quase 5 anos. (…) Mais relações duradouras… Foi uma pessoa que era casada. (…) Foi uma situação assim um bocado estranha, mas foi uma pessoa que mexeu muito comigo essencialmente na parte sexual. Nós tivemos uma ligação muito, muito forte. (…) Depois disso tive outra pessoa com quem vivi um ano e meio. Era cigana. Também era mais velha. (…) Tive mais um flirtzito *e uma namorada que durou pouco tempo. (…) Era uma loiraça enorme, quase mais alta do que eu. Fazia a diferença quando passava na rua. Era assim um bocadinho oca, mas pronto dava para passar o tempo. (…) Depois desta é que aparece a Vanessa. (…) É assim, eu nunca fui fiel com excepção da Vanessa. Consigo não tenho problema de contar estes episódios todos. Por incrível que pareça, eu nunca fui fiel. Sempre houve ali uma facadinha. Mesmo com a primeira namorada, houve uma vez que eu dei uma facadinha. (…) [Agora sinto] um bocado de responsabilidade e acima de tudo uma grande satisfação pessoal. Gosto muito dela. Depois, moralmente acho que não o devo fazer. Acima de tudo dá-me um certo orgulho poder dizer para mim próprio, não é para ir dizer aos outros, eu sou fiel, sou uma pessoa fiel."*

Abílio, 40 anos, casado, 1 filho, licenciatura, gestor de produtos bancários

Abílio descreve uma vida amorosa repleta de relações diversificadas. Algumas pautadas sobretudo pelo amor paixão em que as características físicas, a beleza ou a empatia sexual, são sobrevalorizadas e outras, como a actual, em que a empatia e a individualidade da mulher aludem ao "amor construção" de que Anália Torres (2000) fala. Como o próprio esclarece, a infidelidade fazia parte do seu modo de estar num relacionamento, o que mudou nesta última relação. De resto, tal como para a maior parte destes entrevistados, a infidelidade surge aqui justificada por si, como algo que acontece quase que inevitavelmente.

Apenas um entrevistado apresentou a sua relação extra-conjugal envolta em justificações. Trata-se de Arnaldo, cuja relação extra-conjugal surge num período conturbado do seu casamento, devido às dificuldades em engravidar da esposa. A noção de família de Arnaldo aparece, deste modo, muito ancorada na reprodução, na parentalidade, e no "centramento identitário nos filhos", que Sofia Aboim identificou noutros trabalhos (Aboim, 2007: 41). Enquanto o alargamento da família não foi possível, a relação conjugal foi-se deteriorando, o que culminou numa relação extra-conjugal que, segundo o próprio, "foi longe demais". A gravidez da esposa e nascimento do filho desencadearam o fim da relação extra-conjugal e a entrada numa nova fase de "paz de espírito".

"Por acaso sempre tive, não muitas, mas tive bastantes namoradas. Depois cá em baixo [Lisboa] foi com a minha mulher. [Mas não há aí assim uns casos extra...] Há, há e já houve e acho que com todos nós, não é? No meu caso também já houve, numa fase má da minha vida em que estive quase para me divorciar. [Mas puseste em causa o casamento?] Sim, porque nós tivemos um problema muito grave. Foi o facto de ela não conseguir engravidar e tivemos cerca de quase 5 anos para ela engravidar. E isso parece que não, mas mexe muito com uma pessoa. E mexeu bastante. Entretanto, conheci uma rapariga aí fora com quem que me deixei envolver, talvez demais e sim, ponderei, muito mesmo, acabar com a relação. Entretanto, por milagre ou sei lá porque é que foi, apareceu a minha filhota linda e agora nem pouco mais ou menos... É assim… Era aquilo que precisávamos, porque as coisas voltaram ao que eram antes de termos esse problema. É uma paz de espírito."

Arnaldo, 39 anos, casado, 1 filho, 12º ano, guarda prisional

Dois dos entrevistados estão hoje divorciados devido a este tipo de episódios. No caso de Elias, os três casamentos foram marcados pela existência de relações amorosas paralelas e, sobretudo por isso, terminaram em ruptura (nem que seja indirectamente devido à desconfiança instalada). No caso de Rodrigo, também a pessoa com quem mantinha a relação conjugal era casada, sendo que com o intensificar da relação afectiva decidiram sair da "clandestinidade" e romper com os respectivos cônjuges. Infelizmente para Rodrigo, poucos dias depois a mulher com quem mantinha o caso extra-conjugal decidiu reatar o anterior casamento, deixando Rodrigo "sem nenhuma" das duas, depois do que este entra numa grave depressão acompanhada por acentuada perda de peso.

Os homens *liberais* dão expressão àquilo que Giddens (1996) denominou de *amor confluente*, um amor que nunca se dá por garantido. Quanto ao tipo de relacionamento amoroso, o que os distingue dos restantes é o facto de não se organizarem em torno da do princípio monogamia. Ao contrário do que acontece com os homens *galãs*, no caso dos homens *liberais* os relacionamentos extraconjugais estão pré-acordados entre os cônjuges, são válidos para ambos, e encarados como "normais" e "saudáveis". Este tipo de relacionamento é acompanhado por uma problematização individual da noção de monogamia.

César e Miguel são homens *liberais* no que diz respeito à forma como vivem as suas relações amorosas, na medida em que rejeitam o postulado da monogamia (ao contrário dos entrevistados anteriores, ainda que não o cumpram) e problematizam-no reflexivamente, não lhe reconhecendo sentido. Consideram, ao invés, que é natural as pessoas envolverem-se amorosamente e sexualmente com outras ao longo da vida, o que pode acontecer simultaneamente. Do ponto de vista de ambos, este tipo de orientação não deve ser moralmente condenável.

No caso de Miguel os moldes da relação amorosa foram negociados com a companheira, que com ele partilha a mesma atitude perante o amor. De resto a postura ética perante o assunto é pública e, como o próprio afirma, eram "conhecidos por ser um casal assim". Ao nível da orientação sentimental, o *amor confluente* associa-se a uma relação mais paritária, onde a individualidade de cada um é valorizada e apreciada.

> *"O primeiro namoro foi uma paixão muito grande. Ela era muito namoradeira e portanto eu também comecei a ser muito namoradeiro. E desde aí, portanto, sempre tive… Aliás, eu e a Carolina [actual companheira] éramos conhecidos por ser um casal assim. Sempre tivemos a nossa vida, fomos independentes sabendo que namorávamos um com o outro. Estávamos um com o outro, achávamos que a vida era para ser vivida. O que conta é gostar. É normal uma pessoa sentir-se atraída por uma outra e não é daí que vem mal ao mundo. E se vier, isto é, se a pessoa deixar de gostar da outra, é uma coisa da vida, ninguém comanda aqui de quem é que se gosta ou não se gosta. Portanto nesse sentido também fui muito namoradeiro. [Mas tem uma relação aberta?] Aberta. (…) Funcionou sempre muito bem. Funcionou muito bem para os dois lados... Completamente para os dois lados. [E mantém-se assim até agora?] É assim, teoricamente sim, mas na prática o facto... Eu da minha parte já há muito tempo..."*
>
> Miguel, 40 anos, união de facto, 1 filho, licenciatura, director de empresa

César, por sua vez, prefere resguardar esse lado da sua vida de outros contextos sociais, como o profissional ou familiar. De resto, em ambos os casos, a poligamia aparece associada a uma relação mais estável e duradoura, que se concilia com casos extra-conjugais considerados "normais". No caso de César a negociação com a companheira fica no domínio do implícito, sendo que essa relação assenta no amor amizade, onde a sexualidade aparece sumida.

> *"Sempre tive uma pessoa ou duas certas e depois aquelas pequenas aventuras. (…) Eu e a minha mulher estamos juntos, só a nível sexual é que não… Já não me inspira. (…) Em relação ao resto, se eu tiver um problema grave eu sei que ela está ali. E ao contrário também. E já nos aconteceu muita coisa durante estes anos todos. (…) Eu acho que a única pessoa em que eu confio a 100% é a minha mulher. (…) [Cada um tem as suas relações…?] Da parte dela não sei se tem, eu tenho. [E ela sabe? Ou não se fala sobre isso?] Não se fala sobre isso. [Não há discussões? Não há ciúmes?] Ahhh…não. Não porque, a Nadir, a mãe da minha filha sabe… Quando me conheceu já sabia mais ou menos o que eu era. Nunca menti. [Então diga-me lá o que é que é?] Quer dizer, sou… Gosto de conhecer as outras pessoas. Há certas atracções. Porque é que a gente há-de fugir delas se a gente as tem? É mais por isso. [A fidelidade não tem valor…] Não. (…) Pronto, eu vivo agora num mundo…que é mais o mundo do swing. As pessoas vão para lá e, pronto, desde que haja atracção tudo se pode fazer. E digo-te, neste mundo as pessoas vivem mais felizes. Não há ciúme, não há aquela complexidade da vida, disto e daquilo. (…) Claro que na minha família e no meu trabalho ninguém sabe nada disto."*
>
> César, 46 anos, casado (formalmente), 1 filho, bacharelato, técnico de farmácia

Quando ao perfil dos entrevistados, o grupo dos homens *românticos* é mais heterogéneo ao nível da iniciação amorosa, do número de parceiras e das características sócio-demográficas. Já os homens *galãs* e os *liberais* são mais homogéneos: trajectórias amorosas iniciadas em idades mais jovens (15 ou menos anos) e número de relacionamentos elevado e diversificado (namoros mais duradouros, combinam-se com relações mais esporádicas e fugazes). Quanto à classe social, o segundo ideal-tipo caracteriza-se pelo acentuado desnível de rendimentos entre os cônjuges. Por sua vez, o terceiro ideal-tipo distingue-se por estar exclusivamente associado a homens de classes mais elevadas, com níveis de escolaridade igualmente elevados, a que se associa a maior reflexividade e problematização em torno das normas e convenções sociais acerca do amor e das relações amorosas.

3.2 Sexo: experiências heterossexuais, homofobia e representações sociais

Centremo-nos agora na forma como estes homens constroem discursivamente a sua sexualidade. Como já foi afirmado, a sexualidade é uma importante dimensão na construção das masculinidades (Pleck, 1995), tendo-se neste trabalho optado por restringir a amostra a homens que se auto-identificam como heterossexuais. Se a atenção não está, deste modo, virada para a dicotomia heterossexual-homossexual, outras dimensões orientaram esta análise: iniciação sexual; atitudes perante a homossexualidade; satisfação face à sua actividade sexual actual e, ainda, as representações face à forma como homens e mulheres vivem a sua sexualidade.

Comecemos pela iniciação sexual aqui entendida como a primeira relação coital. Para além das coordenadas temporais, foi recolhida informação acerca do contexto relacional que envolveu esta primeira experiência. A partir destes indicadores construiu-se uma tipologia que concebe três modos distintos de iniciação sexual[85]: *iniciação de sonho*, *iniciação fugaz* e *iniciação precipitada*.

A *iniciação fugaz e a iniciação precipitada* caracterizam-se pelo contexto passional que enquadrou a primeira experiência sexual, abarcando relacionamentos não reconhecidos como namoros e que se extinguiram para além deste encontro sexual. Estas foram as formas de iniciação sexual mais comuns entre o grupo de entrevistados.

[85] Apenas em 19 entrevistas foi explorada a informação necessária para o enquadramento na tipologia apresentada.

Trata-se de experiências sexuais que emergem no âmbito de uma "curte" com uma vizinha, com uma amiga de infância, com uma desconhecida numa festa, etc.. As situações relatadas são diversas e nem todas foram vividas de forma totalmente positiva, como é o caso da *iniciação precipitada,* constituindo esta primeira experiência uma fuga a um "estigma" que não se deseja, neste caso ser virgem. Ainda que entre os homens da *iniciação fugaz* ou *iniciação precipitada* se identifiquem homens de orientações sentimentais diversas, é aqui que encontramos a maior parte dos homens *galãs* e dos homens *liberais*.

Abílio, um homem *galã*, teve a sua primeira experiência sexual aos 18 anos, o que o próprio considera "tarde". Fê-lo com uma mulher mais velha que conhecera dias antes e decidiu, na altura, ocultar-lhe a sua virgindade. Quer uma coisa, quer outra não são invulgares. Como Carpenter (2002) verificou numa investigação sua, não são raros os casos em que os homens escondem a sua inexperiência sexual aquando da primeira relação sexual coital, condição que parecem viver como uma característica que fragiliza a sua masculinidade perante a noção de masculinidade hegemónica.

> *"Eu perdi a virgindade já tarde. Tinha 18 anos, foi no Porto, na altura do São João, numa casa na ribeira. Ela era 10 anos mais velha do que eu, tinha 28 anos. Tínhamo-nos conhecido num casamento. A relação demorou muito pouco tempo. (…) Mas recordo-me muito bem dessa noite, com muito carinho. Nunca mais falei com essa pessoa. Acho que ela nunca soube que eu perdi a virgindade com ela. Eu tremia que nem varas verdes. As minhas pernas eram uma coisa… Num prédio velhíssimo. E acho que a envolvência daquilo tudo… Acho que foi muito engraçado. Muito giro."*
>
> Abílio, 40 anos, casado, 1 filho, licenciatura, gestor de produtos bancários

Do mesmo modo, também não foi raro entre os entrevistados que iniciaram a sua sexualidade no contexto de uma relação mais esporádica, que o fizessem com uma parceira mais velha, como é o caso de Serafim, Miguel e Arnaldo. Procurariam uma mulher mais experiente que os orientasse nesta "primeira vez".

Serafim, um homem *romântico*, iniciou-se sexualmente aos 14 anos com uma vizinha, considerando agora que se precipitou. A vizinha de Serafim, não sendo uma estranha, também não era a sua namorada. Ora, hoje Serafim desvaloriza a sexualidade que se desenvolve fora do âmbito das relações amorosas, enaltecendo, pelo contrário, a sexualidade que se associa ao amor e relacionamentos mais estáveis. Nas suas palavras quando o sexo se alia ao sentimento amoroso mais profundo e estabilidade afectiva, a relação sexual transforma-se "noutra coisa" que extravasa o plano corpóreo propriamente

dito. Tendo em conta os estereótipos de género mais tradicionais, esta visão mais romantizada do sexo aproxima Serafim do universo feminino, mais emocional, e afasta-o de uma masculinidade mais despida de sentimentos e sexualmente voraz.

> *"Não foi com uma pessoa qualquer, mas foi com uma vizinha minha. Eu sempre tive relações com mulheres mais velhas. (…) É assim, eu comecei muito cedo, na minha opinião. Quando eu comecei foi como uma experiência. Foi mais, como hei-de dizer isto…eu sei que comecei cedo. (…) Eu acho que devia ser muito mais maduro para começar uma coisa tão séria, porque para mim ter uma relação sexual não é só ter sexo. [Tem de haver uma relação amorosa entre as pessoas?] Sim, sim. Lá está, quando eu tive a minha primeira vez foi só sexo. Quando eu comecei era sexo, sexo, sexo, sexo. Hoje eu sei que não é só sexo, é outra coisa, é mais do que isso."*
>
> Serafim, 23 anos, união de facto, 2 filhos, 12º ano, medidor

A *iniciação de sonho* acontece no seio de uma relação amorosa mais estável e surge associada sobretudo a homens *românticos*. Em todos os casos aqui relatados os entrevistados referiram que a primeira experiência aconteceu com a primeira namorada e, regra geral, os sentimentos associados a esta primeira experiência sexual a dois foram muito positivos. André foi o mais precoce do grupo, iniciando-se sexualmente entre os 13 anos e os 14 anos, não soube precisar, com a namorada com quem acabou por manter um relacionamento durante dez anos. O mais tardio foi Tomás, cuja primeira relação sexual aconteceu aos 23 anos, igualmente com a primeira e actual namorada. Tal como Tomás, os entrevistados que se distinguem pela tardia iniciação sexual, afastam-se neste campo de um modelo de masculinidade mais tradicional baseado no pressuposto de que o homem é sexualmente mais experiente do que a mulher, dada a sua suposta "natural" voracidade sexual.

Um dos requisitos usados para a selecção dos homens a entrevistar passava pela sua auto-identificação como heterossexuais. Ainda assim, considerou-se pertinente perceber se algum deles tinha, ao longo da sua vida, experienciado algum tipo de contacto mais erótico com outro homem. De encontro às expectativas iniciais, todos os entrevistados responderam negativamente, mas a forma como o fizeram foi diferente. Alguns responderam entre risos nervosos, denunciativos do constrangimento perante o equacionamento de tal ideia. Outros reagiram com indignação face ao simples facto de a pergunta lhes ter sido colocada, como se o seu comportamento e apresentação devessem bastar para atestar a sua orientação heterossexual, que não deveria ser questionada. A maior parte, no entanto, reagiu com naturalidade a uma pergunta que consideraram plausível. Ainda que nenhum dos entrevistados tenha referido ter tido algum

tipo de contacto sexual com outro homem, um deles falou de uma antiga amizade que na altura o fez questionar a sua orientação sexual. Veja-se como Paulo falou desse episódio.

> *"Já me questionei… foi curiosidade. Mas nunca fiz nada físico. [Porquê?] Não precisava, porque o corpo masculino não me atrai nada mesmo. [Às vezes é uma questão de predisposição para…] Por acaso tive uma experiência cá no ISCAL com um amigo meu que acho que ele era meio…e a gente dava-se muito bem. E a uma certa altura eu pensei, 'e se eu fosse…'. Mas depois vi… Quer dizer, não há a mínima… Até nesse aspecto a universidade foi boa para mim. Podia ser um tema tabu, mas eu pensei sobre ele. Estou completamente tranquilo com a minha sexualidade nesse campo."*
>
> Paulo, 33 anos, solteiro, sem namorada, licenciatura, contabilista

Paulo fala abertamente de uma relação de amizade do passado cuja proximidade o fez questionar-se "e se eu fosse *gay*?". A partilha desta experiência mostra-nos um homem cuja masculinidade não passa necessariamente pela exorcização da homossexualidade, como acontecia, por exemplo, entre os homens observados nos espaços públicos por Vale de Almeida (2000). Se o interlocutor mudasse em termos de género, ou seja, se fosse um homem, será que o Paulo partilharia com o mesmo à vontade esta sua história e incertezas quando à orientação sexual, como o fez nesta entrevista?

No geral, a naturalidade com que estes entrevistados reagiram à pergunta sobre as suas experiências homossexuais deixa antever um cenário de alguma aceitação em relação a este tipo de orientação sexual. Entre os entrevistados com uma postura mais compreensiva face à homossexualidade, encarando-a tão "natural" ou "normal" como a heterossexualidade, sobressai alguma homogeneidade social no que diz respeito ao capital escolar e cultural. Muitos destes homens referiram inclusive ter entre o seu grupo de amigos mais próximo alguns homens e/ou mulheres homossexuais, proximidade que nalguns casos lhes permitiu desconstruir alguns preconceitos antigos. José é um desses casos. Foi a partir do momento em que um casal de *gays*, com filhos, se mudou para o seu prédio, que a convivência com o até então "estranho" passou a ser "normalizado".

As teorias sobre a origem da homossexualidade foram diversas e polarizáveis entre os que defendem que nasce com as pessoas e os que acreditam, como Miguel, que surge naturalmente da convivência entre duas pessoas e, portanto, pode acontecer a qualquer pessoa e em qualquer momento da vida.

Foram vários os entrevistados, mesmo alguns dos que se distinguem pela modernidade das atitudes face à diversidade de orientações sexuais, a referir que os homens homossexuais mais femininos ou extravagantes, em certa medida, os

incomodavam. Em relação às mulheres lésbicas nenhuma consideração deste tipo foi proferida. Veja-se a este propósito o exemplo de Rodrigo.

> *"[Antes] não conseguia ter um amigo homossexual, está a ver? E ridicularizava e gozava...bicha e não sei quê e tal, percebe, comentava. Hoje por exemplo uma pessoa que seja bicha, naquilo como eu vejo uma bicha, às vezes dá vontade de rir, porque acho que são comportamentos exagerados, socialmente exagerados e que reforçam também problemas de afirmação pessoal dessas pessoas em questão. Problemas mal resolvidos de certeza, porque acho que não há necessidade de ser assim. Agora os homossexuais não. Fiz logo uma data de amigos, pouco tempo depois [do divórcio]. Alguma vez eu pensei estar em minha casa a beber um copo com um amigo homossexual!? Desaparece mas é daqui..."*
>
> Rodrigo, 39 anos, divorciado, licenciatura, advogado

Rodrigo tinha num passado não muito longínquo uma atitude completamente diferente da actual perante a homossexualidade e disso tem uma consciência clara. Com o divórcio e a constituição de um novo grupo de amigos foi desconstruindo alguns preconceitos que reconhece já ter tido. Hoje tem muitos amigos *homossexuais* que faz questão de distinguir das "bichas". As "bichas", ou seja, os homens homossexuais efeminados e algo excêntricos ou extravagantes, na sua opinião, são risíveis e revelam ter "problemas mal resolvidos". Rodrigo manifesta, deste modo, o desconforto sentido perante um "desarranjo" de categorias que o desconcerta e incomoda: uma pessoa do sexo masculino e uma performance de género que mais se aproxima do seu estereótipo de feminino. Nalguns casos, até, Rodrigo identifica nestes homens um certo exagero das características que atribui às mulheres.

As "bichas" são homens que põe em causa a relação dominante que se estabelece entre sexo-género, ou seja, homem-masculino, mulher-feminino. Esta relação assenta, por um lado, numa naturalização das diferenças entre os géneros a partir das características morfológicas e anatómicas dos corpos e, por outro lado, numa *hexis corporal* que vem confirmar esta relação (Bourdieu, 1977). As masculinidades *gay* cuja estética e performance corporal vem questionar esta relação, tendem a ser ostracizadas e renegadas pela maior parte dos homens, mesmo aqueles que demonstram atitudes mais modernas quanto à homossexualidade.

Os demais entrevistados produziram discursos, nalguns casos de forma mais evidente, circunscritos ao que se considera politicamente correcto, numa sociedade em que os direitos dos homossexuais são publicamente reivindicados por vários grupos civis, estando já alguns consagrados na constituição e legislação nacionais. No entanto, muitos

destes entrevistados afirmaram “aceitar” ou “respeitar” a homossexualidade, mas “não compreender”. O que estará aqui patente será menos uma ambiguidade em termos atitudinais, mas sobretudo uma contenção discursiva no âmbito de uma entrevista sociológica. Mário é disso exemplo, posicionando-se numa esfera algo ambígua sem nunca considerar, no entanto, a homossexualidade algo que condene abertamente ou os homossexuais como pessoas a quem não reconhece direitos equiparáveis aos dos heterossexuais.

> *“Eu não sou contra isso. Cada um com os seus gostos. (...) Mas não sou obrigado a ver. Ou seja, não sou obrigado a estar num sítio a ver dois homens a beijarem-se. Respeito, não faço críticas. [Mas mete-te confusão?] Pá, mete. Eu não me imagino a beijar outro homem, sei lá. [Agora há aquela lei do casamento…] Eu não sou contra isso. Cada um com os seus gostos. Mas não sou obrigado a ver. Ou seja, não sou obrigado a estar num sítio a ver dois homens a beijarem-se. Respeito, não faço críticas. [Mas o que é que achas sobre o casamento entre homossexuais?] Sinceramente não sei. Acho que não tem lógica nenhuma o homens casarem. Eles só podem ter filhos se adoptarem… (...) Qual é a diferença de irem à igreja casar ou viver juntos?”*
>
> Mário, 21 anos, solteiro, sem namorada, 9º ano, empregado de mesa

Os entrevistados com posicionamentos mais ambíguos expressaram o seu desconforto perante manifestações de carinho entre pessoas do mesmo sexo ou, melhor dizendo, entre homens. Aliás, se a pergunta reportava à homossexualidade no geral, as respostas deixam antever um entendimento mais restrito, remetendo os comentários quase que em exclusivo para a homossexualidade masculina. Por sua vez, os entrevistados que fizeram referência à homossexualidade feminina, foi para dizer que as manifestações de carinho entre duas mulheres não causam incómodo, ao contrário, lembram um cenário erótico bem particular e um fetiche comum a muitos homens.

O fetiche das duas mulheres surge no discurso de Tomás com algum automatismo, como algo que um homem deve dizer. Questionando um pouco essa sua fantasia erótica depressa se “desmancha” o seu discurso de homem sexualmente possante. Afinal estava a “brincar”, afirma. De qualquer forma, permanece identificado no seu discurso algum desconforto perante manifestações de carinho entre homens, que o próprio reconhece como “retrógrada”. Aliás, Tomás começa por se confessar “um bocado homofóbico”, ainda que essa homofobia, como noutros casos, esteja direccionada em exclusivo para os homens.

"Se calhar até posso dizer que sou um bocado homofóbico. [Mas porquê?] Não sei, porque quando me falam nisso mete-me confusão. E depois também já tive experiências más, um bocado perturbadoras. [Homens que se meteram contigo?] Não, não. Basta vê-los à minha frente a fazer qualquer coisa que eu fico... Mas duas mulheres gosto, tem piada. Mas dois homens não. É um bocado estranho. Mas lá está, respeito, deixo-os. Se eles são felizes, espectacular, saúde para os dois. (…) É um bocado o estereótipo de todos os homens. Não sei… entre duas mulheres é diferente, há sempre aquela coisa, 'epá duas mulheres, espectáculo, com um bocado de sorte um gajo ainda vai lá e tem sorte com elas as duas'. Não sei, não sei. Estava a brincar. Mas não, não me mete confusão. Agora se vir dois homens… Eu sei que é um pensamento retrógrada mas é assim que eu sou. Não consigo mudar isso e nunca pensei nisso. Há uma coisa que eu penso, gostava de ter o corpo daquele gajo, isso gostava. Mas daí a ter o que quer que fosse com ele, não! Isso não."

Tomás, 24 anos, solteiro, com namorada, licenciatura, informático

Miguel faz, igualmente, referência à fantasia sexual das duas mulheres para logo depois, ele próprio, questionar se seria capaz de a concretizar. Trata-se de manifestações de masculinidade que remetem para um regime de género que se caracteriza por performances sexuais mais arrojadas e audaciosas por parte dos homens e de que faz parte a instrumentalização da mulher, nem que seja no plano da fantasia. Este tipo de referências são igualmente exemplares na medida em que vêm evidenciar a diferença entre acção e discursos, bem como a importância do discurso enquanto elemento da performance de género.

"Tenho aqui um sonho que nunca concretizei, que é um fetiche dos homens, ter uma relação com duas mulheres... Mas muito honestamente não sei se sou capaz, a verdade é essa (risos). Às vezes a gente tem uma ideia, mas depois na prática não sei se sou capaz."

Miguel, 40 anos, união de facto, 1 filho, licenciatura, director de empresa

A maior parte dos entrevistados estão inseridos em relações amorosas mais ou menos estáveis e a eles foi perguntado qual o nível de satisfação perante a sua vida sexual actual. A maior parte deles revelou-se totalmente satisfeito e outros explicaram porque não avaliavam assim a sua sexualidade. Entre os homens casados, ou a viver em união de facto, e com filhos, o "problema" passa sobretudo pela pouca frequência das relações sexuais. Já os solteiros referiram a dificuldade em atingir orgasmo ou os interditos que a este nível experienciam.

Serafim é um dos entrevistados que afirmaram estar satisfeitos com a sua vida sexual actual. A parceira a quem se refere é a actual companheira, com quem vive e tem

um filho. Ambos surgem retratados com um desejo sexual semelhante e no seio de uma dinâmica relacional em que há espaço para ambos dizerem "não". O que de resto, o próprio Serafim diz fazer, por motivos psicológicos, ou quando não se sente bem, afastando-se assim de um ideal de um corpo masculino que se idealiza pujante, sempre disponível e erecto.

> *"[Achas que tu e a tua mulher têm uma vida sexual satisfatória?] Corre bem. Se eu quiser uma coisa e ela não quiser, epá, tento compreender. Se eu não estiver bem não corre bem. Se eu não estiver bem não vou dar tudo de mim. Mas é normalíssimo. Estou satisfeito. Não preciso de mais nada. (…) [Mas assim de uma maneira geral, o que é que acontece mais vezes? Ela toma tantas vezes a iniciativa como tu?] Toma. Estou a falar de 'barra' sexualmente. Já dei muitas à minha mulher e ela já me deu muitas a mim, mas isso é perfeitamente normal. Eu falo por mim. Das vezes que eu já a barrei, foi das vezes que eu não estava psicologicamente para aquilo. Eu posso estar aqui a curtir, na boa, a falar, a namorar, a ter uma química espectacular, mas não estar psicologicamente para o sexo. Lá está, o amor sem sexo também é amor e não há sexo sem amor, para mim."*
>
> Serafim, 23 anos, união de facto, 2 filhos, 12º ano, medidor

André e Bernardo expuseram alguns "problemas", ainda que não tenham sido avaliados como preocupantes. Ao invés, foram referidos como uma "fase" ou algo que é entendido como "normal". André está casado e tem um filho ainda bebé, cujo nascimento veio introduzir algumas alterações na dinâmica sexual do casal, que o entrevistado acredita serem temporárias.

> *"[Estás completamente satisfeito com a tua vida sexual?] Tem altos e baixos. [Isto de ter filhos…] Altera, claro. [Altera muito?] Altera muito. [Isso assusta-se?] Não, isso é entendido como uma fase e portanto… Eu pelo menos estou a entende-la assim. O melhor exemplo. O fim-de-semana passado comemoramos 6 anos e a minha prenda para a minha mulher foi voltarmos ao sítio onde tínhamos casado. Nós agora estamos a usar preservativos como método e é claro que fui preparado. Levei preservativos e não tivemos relações sexuais. E não foi nenhum drama voltar ao mesmo sítio do casamento. E foi bom na mesma. Foi óptimo. Passamos a noite com o filhote na cama. Ele não quis dormir no berço. Talvez isso tenha limitado."*
>
> André, 42 anos, casado, 1 filho, mestrado, professor do ensino secundário

Por sua vez, Bernardo fala do excessivo tempo que costuma demorar, relativamente à namorada, para atingir o orgasmo. Esta demora da sua parte termina por vezes em relações sexuais em que o próprio não chega a "finalizar", o que afirma não o incomodar. Bernardo encara este pequeno desajuste como algo passageiro que pode ser resolvido com diálogo a dois e não se mostra muito incomodado com a situação. O facto de a

parceira conseguir atingir o orgasmo deixa-o satisfeito.

> *"Eu sou uma pessoa que demora imenso tempo para finalizar e ela não. E muitas vezes ela própria perde a vontade porque já não consegue e eu não me importo. Se bem que ela às vezes diz, 'mas eu quero que finalizes'. Se calhar há ali um trabalho conjunto. Mas na maioria das vezes ela própria finaliza e eu não."*
>
> Bernardo, 34 anos, solteiro, com namorada, 12º ano, gestor de produtos bancários

No que diz respeito ao plano dos valores, perguntou-se a estes homens se consideravam que existe alguma idade mais apropriada para a iniciação sexual e, ainda, se essa idade é igual para homens e mulheres. A maior parte indicou uma idade dentro dos 14 e 16 anos, regra geral, um valor próximo ou inferior à idade do próprio aquando da primeira experiência sexual. A excepção é Serafim que considera que actualmente os jovens não são tão maduros como no seu tempo de adolescente, sendo que por causa dessa falta de maturidade o ideal seria esta primeira experiência ocorrer entre os 20 e os 21 anos. Ele iniciou-se sexualmente aos 14 anos. Os que não indicaram uma idade falaram em critérios como a maturidade ou ser-se capaz de assumir as consequências de uma eventual gravidez, o que na opinião da maior parte dos entrevistados que abordaram este assunto tende a ser mais problemático para as mulheres.

Veja-se o exemplo de Mário, que responsabiliza por inteiro a mulher em caso de gravidez não desejada. Mário considera que as estratégias de contracepção devem ser sobretudo da responsabilidade das mulheres, uma vez que em caso de gravidez numa idade mais precoce elas serão as mais penalizadas. Não chega a afirmar directamente que as mulheres devem iniciar-se sexualmente mais tarde que os homens, mas faz depender o início da vida sexual das raparigas da sua capacidade de acautelar uma gravidez não desejada, ou seja, ter "cabecinha". Este foi, aliás, um dos argumentos mais usados pelos entrevistados que consideraram que idealmente os rapazes podem iniciar-se sexualmente mais cedo do que as mulheres, revelando uma associação bastante evidente entre sexo e reprodução no caso da sexualidade feminina e concepções de género mais díspares neste domínio. Apesar das mudanças que actualmente obrigam os homens a reconhecer legalmente os seus filhos biológicos, continua portanto viva a ideia de que um homem pode sempre recusar assumir o papel de pai ou que, no mínimo, a sua vida não será tão penalizada. Mário conta com a experiência de vida da mãe, que sofreu as consequências de uma gravidez não planeada aos 15 anos, sozinha, pois o pai da criança ilibou-se até hoje de qualquer tipo de responsabilidade. É, portanto, a realidade

que informa a sua forma de pensar.

> *"Acho que as raparigas são um bocadinho mais desleixadas quando começam a ir para a escola. Começam a namorar, a experimentar coisas novas e depois quando experimentam estão de barriga. Depois arrependem-se. Querem ter vida e não podem, têm que deixar os filhos crescer. Têm que deixar os filhos com os avós. Acho que nenhum pai deseja que a sua filha seja mãe aos 14 anos. (…) As raparigas começam a sua vida sexual porque é bom e querem experimentar e depois 'ah engravidei'. Hoje em dia só engravida quem quer. [Mas achas que as mulheres deviam iniciar a vida sexual mais tarde?] Isso depende da situação. Desde que as raparigas tenham noção que é fácil engravidar, tenham mais cabecinha, tomar a pílula, usar preservativo…"*
>
> Mário, 21 anos, solteiro, sem namorada, 9º ano, empregado de mesa

No extremo oposto, situam-se os homens que consideram que as mulheres podem iniciar-se sexualmente mais cedo, uma vez que se desenvolvem psicologicamente e fisicamente mais cedo que os rapazes, ou nelas mais cedo desperta a curiosidade sexual. Esse é o caso de César e Abílio, os quais consideram que as raparigas "amadurecem" e começam a sentir os primeiros desejos eróticos mais cedo do que os rapazes.

> *"[Qual acha que é a idade ideal para um homem e uma mulher iniciarem a vida sexual? É a mesma?] A das mulheres é mais cedo que os homens. As mulheres ficam muito mais maduras do que os homens. Mulheres com 14, 15 anos já têm tipo de conversas que os rapazes não têm. Eles querem jogar à bola e as mulheres já pensam noutro tipo de coisas. Mas acho que aos 15, 16 anos já se pode pensar na vida sexual com juízo."*
>
> César, 46 anos, casado (formalmente), 1 filho, bacharelato, técnico de farmácia

> *"Uma idade exacta não consigo dar. Não tenho bases para dizer isso. Preocupa-me um bocado o meu filho, não que seja mais cedo ou mais tarde. Não sou daqueles que vai levar o filho às meninas. Acho isso uma das piores coisas. [Portanto não é capaz de indicar uma idade?] É assim, e isto agora é a minha opinião pessoal, eu acho que os 15 anos hoje já serão uma idade em que eventualmente já se poderá ter relações. As raparigas com 15 anos já são…também já o eram há uns anos atrás, bastante desenvolvidas. Já têm mais consciência. Quer dizer, acho que há uma libido que desperta nelas mais cedo, ou que dão largas à imaginação delas."*
>
> Abílio, 40 anos, casado, 1 filho, licenciatura, gestor de produtos bancários

Os restantes entrevistados consideraram que a idade ideal para homens e mulheres iniciarem a sua vida sexual é a mesma, não deixando também de sublinhar que é necessário ter alguma "maturidade", "consciência", "pensar nas consequências", "não fazer asneiras", etc.. Em muitos casos surgiu igualmente, a este propósito, o tema da gravidez não desejada, continuando a mulher a ser retratada como mais penalizada em caso de uma gravidez precoce e não planeada.

Um dos entrevistados, Joaquim, faz referência aos diferentes sentidos que homens e mulheres tendem a atribuir à primeira experiência sexual. Joaquim considera que as mulheres "têm uma visão muito romântica das relações", ao contrário dos homens, o que valoriza positivamente. Lamenta, no entanto, aquilo que identifica como uma certa masculinização do comportamento sexual da mulher e perda de romantismo que se lhes associa. Por contraponto, Joaquim concebe que para os homens a sexualidade e o amor funcionem com mais autonomia. Este discurso remete-nos, mais uma vez, para uma representação da sexualidade feminina e masculina algo diferenciada. Ou seja, mesmo quando os entrevistados afirmaram que homens e mulheres podem iniciar a sua vida sexual numa idade semelhante, nem sempre esse discurso veio acompanhado de representações de género equivalentes em relação à forma como homens e mulheres vivem a sua sexualidade.

> *"[Qual achas que é a idade ideal para se iniciar a vida sexual, para homens e para mulheres?] Não tenho opinião formada sobre isso, sei lá. (riso) Não sei. É assim, eu comecei aos 14. [Achas que foi precoce?] Hoje em dia os miúdos também começam super cedo. [Achas que a idade é diferente para homens e para mulheres?] Se calhar… O que eu acho que é diferente, é ser a primeira vez para um homem e a primeira vez de uma mulher. [E achas que é mais importante para quem?] Para a mulher. [Porque?] Se calhar por aquela coisa… Porque eu acho que as mulheres até determinada idade têm uma visão muito romântica das relações, infelizmente perdem isso, a maioria, e isso ainda se mantém quando são mais novas."*
>
> Joaquim, 33 anos, solteiro, com namorada, licenciatura, consultor TIC

Quando questionados sobre a sua percepção acerca da forma como homens e mulheres vivem a sexualidade, a maior parte dos entrevistados considera que é distinta, enunciando para justificar as diferenças apontadas factores de ordem cultural e social, como a educação e liberdade dada pelos pais, ao que alguns acrescentam motivos de raiz física/biológica (hormonas). Paralelamente, a quase totalidade dos homens com que se falou consideram que as mulheres são socialmente estigmatizadas no caso de terem "muitos" parceiros sexuais, tendo alguns manifestado o seu desacordo perante essa "discriminação" de género. Nalguns casos, ainda que pouco expressivos, foram feitas referências às mulheres como "dominadoras" e com mais "poder" do que os homens para seleccionar os parceiros. O homem foi, por oposição, representado com uma libido quase incontrolável, que os torna "menos racionais" e mais "vulneráveis".

Adão e Rodrigo, apesar de afastados na hierarquia social, aproximam-se na forma como representam a sexualidade feminina e masculina. Ambos consideram que, regra

geral, os homens têm mais desejo sexual do que as mulheres e que elas, por sua vez, tendem a regrar mais a sua sexualidade em função dos sentimentos amorosos que nutrem pelos possíveis parceiros. Os homens são, assim, equacionados como estando, de certa forma, reféns do seu corpo e impulsos sexuais. Às mulheres é reconhecida, por sua vez, a capacidade de melhor controlarem esses impulsos sexuais, mas também que nelas estes desejos são menos intensos e disruptivos. No entendimento de Adão essa realidade nunca vai mudar e é bom que assim seja. Do mesmo modo, Rodrigo ficaria "triste" se descobrisse que as mulheres, tal como os homens o fazem, encaram sexo e amor como duas dimensões autónomas.

> *"Se queres saber, os homens ligam mesmo mais a isso [sexo]. Há mulheres que são capazes de pensar tanto como um homem, mas há uma maioria de homens assim. Acho que qualquer homem gosta, mesmo que seja gay. Os gay então! Qualquer homem pensa. Porque é que será? Porque tu vais a um site porno e vês mulheres. É para ver mulheres, não é para ver homens. Está tudo feito para o homem, estás a ver? Porque o homem é assim. O homem é que criou essas porcarias todas e vai ser sempre assim. Há aquelas grandes malucas, mas no geral… Se calhar estou errado… (…) [Mas não achas que uma mulher é mais criticada se tiver muitos parceiros?] Ainda é assim, mas aí acho bem… Sempre foi assim e eu também acho bem. Um homem para conseguir uma mulher tem que se esforçar muito mais que uma mulher para conseguir um homem. Se a mulher for minimamente boa não há um homem que diga que não. Só se for mesmo burro (risos)!"*
>
> Adão, 22 anos, solteiro, sem namorada, 9º ano, empregado papelaria

> *"Os homens são muito, como é que lhe devo dizer, os homens são muito mais fanfarrões e gostam de exibir os seus troféus publicamente. Isso passa muito mais entre eles do que entre as mulheres. Porque as mulheres, lá está… Pelo facto de as mulheres lidarem com a sua intimidade mais restrita, com muito mais cuidado, não andam a expor a sua intimidade com tanta facilidade como normalmente os homens. Eu acho que essa ideia virá muito daí. Os homens muito mais facilmente têm relacionamentos sexuais episodicamente sem sentir absolutamente nada ou nada de especial por elas. Com as mulheres a meu ver, e ficava triste se tivesse enganado, na maior parte dos casos isso não acontece assim. Tem que haver alguma coisa em termos de emoção e sentimento que leve as mulheres envolverem-se de alguma forma íntima com alguém. (…) Os homens estão sempre com impulsos 80% do dia, porque os outros 20% estão a dormir. Só pensam no mesmo. (…) Logicamente as coisas mudaram mas, contudo, relativamente a uma mulher que troque de parceiro de uma forma muito publicamente regular, socialmente não é muito bem vista."*
>
> Rodrigo, 39 anos, divorciado, licenciatura, advogado

Tal como Adão e Rodrigo, André tem a percepção de que mulheres e homens vivem a sexualidade de forma diferenciada, referindo-se especificamente à virgindade. No entanto, segundo a perspectiva deste último entrevistado, que se junta a outros, os factores que

explicam as diferenças são puramente culturais e prende-se em muito com a educação diferenciada que raparigas e rapazes recebem. Efectivamente, sobressai entre os entrevistados, de um modo geral, uma noção "naturalista" da sexualidade masculina, por oposição a uma noção "culturalista" da sexualidade feminina, que é alvo de controlo social. Ainda assim, a maior parte dos entrevistados fala das diferenças entre a forma como homens e mulheres vivem a sua sexualidade tendo como pano de fundo um cenário em profunda mudança, sobretudo no que diz respeito à sexualidade das mulheres.

> *"[Achas que eles e elas vivem a sexualidade da mesma forma?] Não, não vivem. O conceito de virgindade ainda é muito preservado nas meninas. É incutido naturalmente pela família. Eu tenho um filho, mas se tivesse uma filha, acho que pensava exactamente da mesma maneira. Não tem de ser assim. Tu aos 14 anos, aos 13 anos, eras capazes de tomar as tuas decisões certamente. E portanto preservar uma virgindade não faz sentido. Para mim não faz. Tens uma experiência, tens uma relação, sentes… Acho que há uma educação ainda forte. Nós vivemos num país católico."*
>
> André, 42 anos, casado, 1 filho, mestrado, professor do ensino secundário

Poucos foram os entrevistados a considerar que homens e mulheres vivem a sexualidade da mesma forma. Sobressai entre eles a ideia de que homens e mulheres têm "os mesmos apetites sexuais", mas o contexto social faz com que eles "falem mais sobre isso" (José) ou elas o "façam às escondidas" (César). Um outro entrevistado destacou-se pela ideia da diferença pelo "enviesamento" masculino, reportando-se a um contexto cultural em que a repressão sexual em relação às mulheres é praticamente inexistente e onde permanece uma certa pressão para os homens demonstrarem uma sexualidade pujante, vigorosa e pouco problematizada pelos próprios.

> *"[Acha que os homens e as mulheres vivem a sexualidade da mesma forma?] Não, isso não. Não, mais uma vez não vou falar por mim, vou falar pela experiência. Por exemplo, uma coisa que me apercebi é que as mulheres falam muito mais de sexo entre elas, do que nós homens de sexo entre nós. A conversa de sexo dos homens resume-se a 'muita bom', 'já fui com três', 'eu fui ali e estive não sei quanto tempo', e não propriamente de prazer, se gostou, se não gostou. Portanto aqui está um bocado enviesado. E lá está, para mim o sexo foi sempre um prazer, mais do que eu ter prazer, dar prazer. Acho que gosto mais até de dar do que de receber, porque dar prazer é muito bom. E as mulheres, aquela ideia de que têm sexo só mesmo quando querem e não como nós, que às vezes temos por ter, que enfim... Nunca me aconteceu isso a mim, mas tenho alguns amigos que era porque 'ela gostava de mim, o que é que querias que eu fizesse?'. E pronto, faziam."*
>
> Miguel, 40 anos, união de facto, 1 filho, licenciatura, director de empresa

Ainda que não de forma tão directa, outros entrevistados abordaram igualmente a pressão que dizem recair sobre os homens no sentido de exprimirem uma sexualidade mais vigorosa e pujante, o que faz com que eles estejam mais preocupados "com a performance sexual" (como considera Paulo) e sintam que "devem provar algo a si próprios ou a terceiros" (como denuncia Nuno).

Tal como se verificou na esfera das relações conjugais e parentais, também no campo do amor e da sexualidade se identificam rasgos de modernidade e dinâmicas mais tradicionais que tendem a resistir à mudança social. A forma como muitos destes homens encaram a sexualidade feminina, ora reflectindo sobre os constrangimentos sociais que sobre elas recaem, ora lamentando a "masculinização" das mulheres a este nível, é disso prova. São visíveis os traços de modernidade, por exemplo, na forma como o *amor confluente* é vivido no seio dos casais das classes mais altas e mais escolarizadas (Giddens, 1996).

4. Representações de género e atitudes perante a mudança social

As representações sociais que os indivíduos têm dos homens e das mulheres são não só diferentes, como encerram uma desigualdade simbólica entre eles (Amâncio, 1992, 1993, 1998; Bourdieu, 1999). Pierre Bourdieu desenhou, para a sociedade Cabila, o sistema simbólico que organiza o entendimento dos géneros como profundamente assimétricos, correspondendo o masculino ao dominante e público, e o feminino ao dominado e doméstico (1999: 10). Como o autor mostra, quer homens quer mulheres tendem a assimilar este sistema de analogias classificatórias independentemente da sua pertença categorial e, muitas vezes, fazem-no sem dele ter consciência e, portanto, sem o questionar.

Lígia Amâncio (1998: 177-178) mostrou, através de uma pesquisa empírica em contexto nacional, como as representações do masculino correspondem ao "modelo de pessoa universal" na medida em que incluem características pluridimensionais valorizadas em várias instâncias sociais. Ou seja, as características consideradas típicas do masculino estão mais próximas daquelas que são consideradas qualidades do adulto em geral, e remetem, sobretudo, para a esfera do trabalho e da autonomia individual: "audacioso", "corajoso", "dominador", "forte", "independente", "superior" e "sério" foram alguns dos adjectivos usados para caracterizar o género masculino. Já as imagens mentais do feminino foram construídas a partir de atributos como "afectuosa", "carinhosa", "meiga", "romântica", "dependente", "maternal" e "frágil", valorizando-se neste caso, principalmente, a dimensão mais emocional e o papel social específico de cuidadoras. Apesar das diferenças que separam os dois trabalhos quer em termos temporais e metodológicos, quer em termos geográficos e culturais, são desconcertantes as semelhanças e paralelismos que se conseguem identificar entre as representações de género que estes dois autores captaram.

Por sua vez, Maria do Mar Pereira (2010), num trabalho mais recente, de cariz intensivo, acaba por verificar que as noções de feminino e masculino para muitos dos homens não são linearmente dicotómicas e estanques como a *big picture* deixa antever. A maior parte dos homens entrevistados no âmbito desse estudo está, por um lado, consciente de algumas das mudanças que ao nível das relações de género têm ocorrido nas últimas décadas e, por outro lado, referiram a ocorrência de excepções à regra da coincidência entre sexo masculino e género masculino ou entre sexo feminino e género feminino. Ainda assim, as noções de masculino e feminino identificadas pelos

entrevistados subentendiam algumas diferenças recorrentes, que acompanham de perto os estereótipos que o trabalho de Lígia Amâncio revelou.

Vejamos como os homens entrevistados no âmbito deste trabalho conceberam o feminino e o masculino. Procurou-se, ainda, mapear os argumentos usados para as explicar. Esta análise basear-se-á nas respostas dadas a uma pergunta que, de forma directa, pretendia averiguar as representações sociais acerca das categorias mulher e homem, mas também nas respostas dadas a outras perguntas que de forma menos directa abordaram o assunto. Num segundo momento, explorar-se-á o modo como estes homens se posicionam face às mudanças que os próprios identificam na ordem de género (Connell, 1994). Por fim, enriquecer-se-á esta análise com os resultados de um exercício exigente do ponto de vista da capacidade de abstracção dos entrevistados: solicitou-se-lhes que se posicionassem numa escala de zero a dez, onde zero representa o ponto mais masculino e dez o mais feminino. Interessante também será descrever que ideal-tipo de feminino e masculino estes homens colocam nos pontos mais extremados da escala.

4.1 Homens são de Marte e as mulheres de Vénus?

Quando questionados directamente sobre as suas concepções de género, todos os entrevistados identificaram diferenças entre o feminino e o masculino, ou utilizando a linguagem do senso comum, entre ser "homem" e ser "mulher"[86]. Vários entrevistados enunciaram sobretudo características do que é feminino e foram menos loquazes na altura de definir o que é masculino. O contrário nunca se verificou. Esta tendência reflecte a forma como as identidades (de género) são construídas por oposição ao "outro" e, por vezes, na negativa. Neste caso, qualificar os homens passou muitas vezes por dizer aquilo que eles não são, a partir da caracterização da categoria social oposta, as mulheres.

O quadro seguinte sintetiza a variedade de adjectivos usados para qualificar homens e mulheres, os quais foram agrupados em três dimensões principais: trabalho, relações pessoais e lazer (Quadro 3.2). Os qualificativos que foram atribuídos em exclusivo a homens ou mulheres posicionam-se nos extremos da tabela, identificando-se

[86] Em contexto de entrevista, usaram-se alternadamente as duas expressões, partindo do pressuposto que os entrevistados não dominam a distinção analítica que nas ciências sociais se faz entre sexo e género. Essa distinção apenas será mencionada caso surja assim equacionada nos discursos dos entrevistados.

no centro aqueles que tanto foram usados para descrever homens como mulheres. As características mais diferenciadoras passam pela esfera das relações pessoais e do lazer, identificando-se mais pontos de contacto no campo do trabalho, como, por exemplo, ser competitivo/a. Esta observação pode indiciar que uma das dimensões que R. Connell (1987, 1994) considera estruturantes da ordem de género, a esfera da produção, está a mudar de forma mais intensa do que a esfera das emoções, outra das dimensões estruturantes da ordem de género, segundo a autora.

A itálico estão assinaladas as características usadas como qualificativos negativos. Nesse seguimento, uma primeira análise do quadro abaixo apresentado deixa desde logo denotar que as avaliações negativas se referem sobretudo ao "outro", face ao qual os entrevistados se querem distanciar. As mulheres reúnem, inclusive, entre a variedade de adjectivos que lhes foram dirigidos, mais defeitos do que qualidades, como, por exemplo, "choramingas", "cínica" ou "manipuladora".

Quadro 3.2: Lista de traços de personalidade/comportamentos atribuídos a homens e mulheres

	Homens		Mulheres	
	Opostos ←		→ Opostos	
Trabalho	*básico* mais apto a trabalhos pesados	objectivo/analítico competitivo autoritário/ pulso mais forte/ transmite mais confiança	trabalhadora/inteligente/ exímia/ elaborada competitiva/insatisfeita tem mais certezas/ determinada	consegue fazer duas coisas ao mesmo tempo/ mais metódica política mais bom gosto
Relações pessoais	*agressivo* *desligado* sincero/franco/verdadeiro nas relações *esconde coisas, trai mais*	mais frágil do que aparenta	sensível/delicada/meiga	*emocional/choramingas/ vulnerável às variações hormonais/ fraca/frágil* disponível para ouvir/ cuidadora/benevolente *cínica/cuidadosa/* sexto sentido/complexa *desconfiada/coscuvilheira* *manipuladora/interesseira usa corpo para manipular/ vida facilitada*
Lazer	ligado ao desporto tendência para a diversão/ *beber e fumar*	-	-	*interesse compras e roupa/ fútil*

No domínio das competências e capacidades associadas à esfera do trabalho quer homens, quer mulheres foram descritos sobretudo a partir de atributos positivos, o que de alguma forma reflecte a naturalização das mudanças que se têm feito sentir neste domínio. Ao contrário do verificado por Lígia Amâncio, neste estudo emergiu com bastante frequência a ideia da mulher profissionalmente activa, a quem se reconhecem capacidades e competências associadas ao trabalho. Houve quem considerasse os homens mais "objectivos" e "analíticos", mas também houve, pelo contrário, quem considerasse as mulheres mais "metódicas" e "inteligentes".

Ainda que os atributos intelectuais usados para qualificar homens e mulheres sejam de natureza semelhante, na medida em que evocam competências valorizadas no mercado de trabalho, a verdade é que muitos dos entrevistados atribuíram-nos de forma diferenciada consoante o sexo. Nalguns casos, detectou-se ainda um ênfase excessivo na forma como se sobrevalorizaram os atributos intelectuais das mulheres em detrimento dos homens, ficando implícito o objectivo de se demarcarem inequivocamente de concepções que estes homens consideram mais "machistas".

A ideia por detrás dos elogios às capacidades cognitivas e competências das mulheres surgiu, em alguns dos discursos, associada a uma outra. A de que para singrarem na vida e ascenderem na hierarquia profissional e social elas têm de trabalhar mais do que os homens, e ser verdadeiras "super-mulheres", acumulando o trabalho remunerado com o trabalho doméstico, como afirma Bernardo. Os obstáculos que se identificam à integração e progressão das mulheres no mercado de trabalho são, para estes entrevistados, exclusivamente de ordem social e cultural e prendem-se com a discriminação laboral, os obstáculos à progressão na carreira e a sobrecarga familiar. Trata-se, deste modo, de uma visão mais reflexiva sobre o estado das desigualdades de género, revelando estes homens uma atitude de solidariedade perante as adversidades que as mulheres enfrentam para atingir a mesma posição na hierarquia social.

Noutros casos, o discurso da sobrevalorização das competências e empenho profissional das mulheres foi marcada pela *denúncia* daquilo que é entendido como uma atitude fortemente competitiva da sua parte. O discurso de Duarte é bem ilustrativo desta ideia. Para justificar a ascensão profissional das mulheres, Duarte refere que elas são "mais trabalhadoras" e "mais esforçadas", estando comprometidas com o objectivo de "ultrapassar" os homens. Na opinião de Duarte, os homens, por sua vez, acomodaram-se ao poder e são hoje menos "determinados".

Ao mesmo tempo que Duarte aponta a maior capacidade de trabalho das mulheres,

reconhece-lhes um natural "desregulamento hormonal" durante o período mestrual, que equaciona como obstáculo profissional. Os homens, não sendo vulneráveis a esse tipo de problemas, transmitem uma imagem de maior confiança do que as mulheres. Deste modo, se Bernardo concebe obstáculos externos, de ordem social e cultural, à ascensão das mulheres, Duarte acrescenta obstáculos internos, de ordem biológica, à igualdade entre os sexos. Simultaneamente, Duarte defende que as mulheres não devem perder as características que as diferenciam dos homens. Não estará Duarte a falar das mesmas características que, na sua opinião, justificaram o lugar subalterno que as mulheres têm ocupado até aqui?

Na trajetória de vida de Duarte podem encontrar-se elementos que ajudam a compreender sociologicamente o seu discurso, nomeadamente o facto de a sua namorada ter posto a relação amorosa em segundo plano, limitando mesmo o contacto entre ambos, para se dedicar inteiramente aos estudos e uma especialização profissional.

> *"[Há uma essência feminina e uma essência masculina?] Sim, sim. Eu acho que são diferentes. E eu também não concordo com a igualdade só por si, só para ser igual aos homens, isso não é igualdade, não é? Eu acho que a igualdade entre um e outro é cada um com as suas diferenças. Termos os mesmos direitos e podermos olhar-nos de igual forma. Não é um aproximar-se ao outro, depois perdem as características individuais, não é? (…) Continua a ver-se, ainda, o homem como um centro de poder, de decisão. E acho que, ainda assim, transmite mais uma imagem de confiança do que propriamente a mulher. (…) Aquele período em que uma mulher fica desregulada hormonalmente, ainda tem um grande peso. Portanto, o homem continua a ser o centro e espera-se do homem aqueles traços efectivamente masculinos, a força, a decisão, a vontade, o querer. São essas as características, não é? Um homem que seja um bocadinho mais fraco é o quê? 'Parece uma mulher', não é? Ainda há essa comparação. As fraquezas de um homem são comparadas a uma mulher. (…) [As mulheres] são mais trabalhadoras, trabalham muito mais, se calhar também tem a ver com… sabem que para singrar têm que ultrapassar o homem e por isso trabalham mais. Nesse aspecto sabem mais o que querem. Os homens às vezes andam ali 'é isso', 'talvez não', 'agora não me apetece'. As mulheres não, têm mais certezas, não vacilam tanto. Isso tem-se visto com a conquista de vários lugares. Trabalham muito mais, esforçam-se muito mais, são mais determinadas."*
>
> Duarte, 31 anos, solteiro, com namorada, licenciatura, assessor de vereador

A referência à "força" e "aptidão" física associada em exclusivo aos homens assume, no âmbito da esfera do trabalho, um carácter excepcional, seja porque se trata de um atributo de natureza física e não intelectual, seja porque foi apresentado como uma justificação para a "necessária" segmentação profissional por sexo, cabendo "naturalmente" aos homens os trabalhos fisicamente mais exigentes. Esta ideia surgiu nos

discursos de vários dos entrevistados como um facto que "está estudado", como afirma César, e enquanto "diferença que se vai manter para toda a vida", como refere Rodrigo.

No discurso de Ângelo podemos, igualmente, encontrar a referência à força física como elemento distintivo das masculinidades, sendo que este entrevistado coloca no reverso da medalha a suposta aptidão das mulheres para a limpeza. Quando solicitado a clarificar esta ideia, Ângelo não conseguiu identificar argumentos que justificassem esta sua crença, pelo que ficou algo embaraçado. Como justificar uma concepção de géneros que está inscrita nos próprios esquemas mentais com que se lê e se age sobre o mundo? Como justificar aquilo que é evidente por si mesmo? Como argumentar sobre um sistema de classificação de que não se tem consciência enquanto tal?

> *"O que é um homem, o que é uma mulher… são seres humanos com maneiras de ver as coisas diferentes. Com maneiras de pensar diferentes. Com formas de agir diferentes, muitas vezes. Dos homens para as mulheres há muitas diferenças. Tanto a nível físico, como personalidade. [Exemplos do dia-a-dia para me ajudar a perceber…] Por exemplo, não vês uma mulher a trabalhar nas obras. Se calhar não vês um homem a limpar escadas. Mas, mesmo que haja é uma coisa rara. [Porque é que achas que os homens não limpam escadas?] Não sei, esta é difícil. (risos) Se calhar por esse preconceito que a sociedade... Agora se me perguntares porque é que as mulheres não trabalham nas obras, é menos complicado. (risos) Aquilo é mais força do que propriamente…"*
>
> Ângelo, 24 anos, solteiro, sem namorada, 12º ano, instrutor ginásio e agente imobiliário

No plano das relações pessoais as respostas aproximaram-se mais dos estereótipos de género identificados por Lígia Amâncio e são, portanto, escassos os pontos de contacto entre as representações do que é ser-se homem e ser-se mulher. A única excepção refere-se ao facto de, tal como as mulheres foram descritas como "sensíveis", "delicadas" e "meigas", também alguns dos entrevistados reconheceram que os homens "são mais frágeis do que aparentam" ou que conhecem/existem homens mais sensíveis do que muitas mulheres. Embora sejam "naturalmente" sensíveis, os homens reprimem os seus sentimentos devido a constrangimentos sociais, defenderam alguns dos entrevistados. Como se verá mais à frente, a sensibilidade é, aliás, uma das características que reivindicam para si próprios.

De resto, foi na esfera privada, das relações pessoais, que os entrevistados mais se detiveram, como se de um reduto se tratasse face às mudanças que se observam noutras esferas. Neste âmbito, se os homens foram descritos em termos do que se consideram qualidades e defeitos, as mulheres foram retratadas quase que exclusivamente de forma negativa. A eles foram atribuídas características como a "sinceridade" e a "franqueza" na

forma como se relacionam com o outro, mas também se disse que “escondem coisas” e “traem mais” em contexto de relação amorosa. Já as mulheres foram descritas como “cínicas”, “coscuvilheiras” e “interesseiras”, acusadas de ser “manipuladoras” e, por fim, de ter a “vida facilitada”.

No domínio das relações pessoais, são desconcertantes as semelhanças que se podem identificar entre as representações do feminino acima descritas e os resultados do trabalho de Pierre Bourdieu sobre a sociedade Cabila, no seio da qual as mulheres emergem como “seres maléficos”, que opõem à “violência física e simbólica exercida sobre elas”, uma “violência branda”, caracterizada pelo recurso à “magia”, pela “mentira” e pelas estratégias de “vitimização” (1999: 28).

Quer a ideia de que o homem “trai mais”, quer a ideia da “mulher manipuladora” assentam numa noção naturalista do apetite sexual masculino, descrito pelos entrevistados como voraz e, simultaneamente, incontrolável. Por isso, eles traem mais e, por isso, elas se conseguem aproveitar deles, uma vez que a sexualidade feminina, por oposição, é controlada e contida, consideram os entrevistados.

O discurso da “mulher manipuladora”, que usa o capital físico e emprega técnicas de sedução para se aproveitar do homem surgiu sobretudo entre os entrevistados mais jovens, pertencentes às classes sociais menos favorecidas em termos de capital cultural, no seio das quais a realização pessoal das mulheres ainda não passará tanto pela esfera profissional, como acontece entre as que são mais escolarizadas. É o caso de Adão, que veicula a ideia de que as mulheres tentam aceder a determinados proveitos a partir da posição privilegiada dos homens, que de outra forma não lhe seriam acessíveis. O homem “curte mesmo trabalhar” mas também “divertir-se”. Elas “cuidam-se” e “pintam-se” para tentar aproveitar-se deles.

As certezas de Adão são, no entanto, bastante frágeis, podendo identificar-se algumas contradições e ambiguidades no seu discurso. Por exemplo, ao mesmo tempo que este considera que as mulheres, em vez de trabalhar, preferem aproveitar-se dos homens explorando a sua libido incontrolável, também se queixa que as “mulheres de hoje em dia” já não abdicam dos seus projectos escolares e profissionais em favor de uma relação amorosa que lhe pode proporcionar regalias financeiras. Ou seja, por um lado, reconhece uma continuidade histórica na forma como as mulheres se aproveitam dos homens, o que “vai ser sempre assim” e, por outro lado, identifica mudanças na forma como as mulheres gerem os seus investimentos amorosos e profissionais, valorizando cada vez mais a sua autonomia em detrimento de uma relação a dois.

No caso de Adão a negatividade das representações das mulheres pode associar-se à vivência e experimentação do amor (e do desamor) num contexto cultural que se caracteriza por feminilidades mais activas e emancipadas no que diz respeito à escolha dos seus parceiros e definição dos moldes dos relacionamentos. As primeiras experiências amorosas de Adão não correram bem e, segundo afirma, "cada vez é mais difícil encontrar alguém" porque, tal como a namorada do seu irmão, "as mulheres hoje em dia já não se sujeitam".

> *"O homem curte mesmo trabalhar porque já sabe que vai conhecer alguém ali, ou vai ter mais dinheiro para se divertir. O homem é mesmo assim! A mulher se andar toda cuidada, toda pintada… A mulher na discoteca entra à borla e o homem não. Têm a Ladies night! Onde é que já viste Men´s night? O homem tem que trabalhar para conseguir aquelas cenas. (…) E elas arranjam sempre boleia. Se não vão com um rapaz, vão com outro. (…) É isso que eu vivi, é essa a minha visão. [Tu achas que elas têm a vida mais facilitada…] Acho e vai ser sempre assim. Por isso é que existe a prostituição. A prostituição é a profissão mais velha do mundo. (…) A culpa da mulher ser assim também não é da mulher, é do homem. O homem quando tem dinheiro prefere divertir-se. Que é que queres que eu diga mais? Isto acaba por mudar, mas o geral vai ser sempre assim. (…) Se alguém disser que isso é mentira, meu Deus! É normal. Tens exemplos de milhares de anos. Tipo a Cleópatra. Já nessa altura a mulher era aquela cena e vai ser sempre assim. (…) Uma das cenas que eu não suportei na namorada do meu irmão é ela dizer que, se o meu irmão fosse um homem milionário, tipo Mourinho, não ia deixar de desistir dos sonhos dela [doutoramento] por causa dele ser milionário. Eu disse-lhe que isso não era uma questão… Tens uma relação com uma pessoa, tens que te sujeitar, tens que ir… As mulheres de hoje em dia já não se sujeitam. Pensam bué dessa maneira, 'eu não vou desistir de um sonho por causa de um gajo'."*
>
> Adão, 22 anos, solteiro, sem namorada, 9º ano, empregado papelaria

Por sua vez, Ângelo vem falar do "amor possessivo dos possuídos", para utilizar as palavras de Bourdieu (1999: 28), dando a conhecer o lado negativo das mulheres em contexto de relação amorosa. Segundo Ângelo, as mulheres são "desconfiadas", "fazem filmes", "tentam descobrir as coisas todas" e "ligam a coisas com pouca importância". Esse será o caso da sua ex-namorada, cuja relação terminou sobretudo por causa dos seus ciúmes infundados. Em vez de se decidir pela coabitação como era desejo da ex-namorada, Ângelo optou por pôr fim à relação de quatro anos, para viver, agora, uma fase de maior experimentação amorosa e sexual.

"As mulheres ligam mais a coisas com pouca importância, que para nós têm pouca importância. Para as mulheres se calhar já é um grande filme, já é uma coisa da maior importância e a nós passa-nos ao lado. São mais… levam as coisas muito ao pormenor. Tentam descobrir as coisas todas, ou qualquer coisa é motivo para haver discussão, ou para haver perguntas, ou para haver qualquer desconfiança… Acho que são mais desconfiadas também. Mas acho que estão a ficar pior do que nós… (risos) [Em que sentido?] Estão a ficar muito interesseiras também. Acho que há muita mulher que nos consegue fazer um bocado de ingénuos, muitas vezes. Conseguem ser manipuladoras quando querem. São inteligentes também. Apesar de muitas se fazerem de 'totozinhas' a verdade é que a maior parte são inteligentes e conseguem fazer quase sempre o que querem. Muita diferença…"

Ângelo, 24 anos, solteiro, sem namorada, 12º ano, instrutor ginásio e agente imobiliário

Por último, foram também feitas algumas alusões à esfera do lazer a propósito do que, uma vez mais, homens e mulheres foram descritos como seres diferentes. Dos homens referiu-se o gosto pelo desporto, mas também a tendência para o consumo de álcool e tabaco de forma excessiva. Em relação às mulheres sobressaem novamente as características negativas. Delas se disse que "ligam a coisas com pouca importância" e são "fúteis" devido, por exemplo, ao interesse em "compras e roupa". Tratando-se de homens, de um modo geral, bastante interessados nas tendências da moda e/ou em roupa, é curioso como atribuíram essa característica em exclusivo às mulheres. Será que têm a noção de que constituem, a este respeito, uma excepção no universo masculino?[87] Em termos sociológicos esta ideia vem confirmar o desfasamento que muitas vezes existe entre experiência pessoal e práticas individuais, por um lado, e representações e estereótipos de género, por outro lado.

De resto, como foi referido, não foi só quando diretamente questionados sobre o assunto que os homens entrevistados partilharam a sua visão sobre o que é ser-se homem e mulher. No âmbito da sexualidade, como também já foi referido, a maior parte dos entrevistados foi unânime ao considerar que homens e mulheres vivem a sexualidade de forma diferenciada. No entanto, desta vez muitos apontaram exclusivamente factores de ordem cultural e social, fazendo alusão à avaliação negativa que se faz de uma mulher que tenha conhecido um maior número de parceiros sexuais. Reconhecendo e denunciando esta "injustiça", reclamando a "igualdade" entre os sexos, alguns afirmaram simultaneamente não se sentir à-vontade com uma parceira sexual mais experiente do que eles ou, então, preferir não ter conhecimento do número de parceiros sexuais que a sua companheira já teve.

[87] Sobre esse assunto ver o ponto 5 do capítulo III.

O domínio da parentalidade constitui outro dos campos onde as diferenças entre homens e mulheres mais unanimemente foram identificadas. Seja porque estes homens referiram que a parentalidade é mais importante para as mulheres do que para os homens, seja porque consideram que o papel da mãe é idealmente diferenciado do exercido pelo pai, ou ainda porque idealizam estratégias de socialização diferenciadas para filhos de sexo diferente, a quase totalidade dos entrevistados identificou diferenças assinaláveis entre os homens e mulheres. As características atribuídas às mulheres, nomeadamente a sua "sensibilidade" e "fragilidade" são, agora, convocadas para explicar as estratégias de socialização diferenciadas no sentido de "proteger" as filhas.

Por exemplo, Duarte, a partir da especificidade do papel biológico da mulher na reprodução, extrapola uma série de características de personalidade, não deixando de referir, no entanto, a existência de excepções a esta regra. Na opinião deste entrevistado, as mulheres são mais resistentes à dor física devido ao facto de estarem fisicamente preparadas para resistir ao parto. Apesar de ter afirmado, quando foi directamente questionado sobre isso, que o papel de mãe e pai são idealmente equivalentes, Duarte acaba depois por considerar que as mulheres "são mais disponíveis para ouvir", para "dar atenção" e "dar carinho" devido à "maternidade". Este é, de resto, um dos aspectos centrais na distinção que os entrevistados fazem dos homens e das mulheres. Estar grávida e amamentar foram muitas vezes usados como argumentos que explicam a maior ligação das mães aos filhos, resultando daí que "naturalmente" elas e os filhos sejam mais próximos, e que os pais e filhos nunca consigam igualar essa relação.

> *"[E as mulheres…] Não sei, dá à luz! (risos) É a mulher que dá à luz. Sabemos, é conhecido que os homens quando têm qualquer coisinha vão-se logo abaixo, é logo o drama, 'vou morrer'. E as mulheres não. Se calhar por isso mesmo, por sofrerem aquela dor estão mais preparadas logo desde o início e, nesse aspecto, toda a força que eles têm se desvanece. Eu falo por mim. Nesse lado espera-se sempre que as mulheres sejam mais sensíveis... [Mas são mais sensíveis? O que é que tu achas?] Eu já tive conversas com homens que revelavam maior sensibilidade do que as mulheres. De qualquer modo acho que elas são mais disponíveis para ouvir. Não sei se depois vão falar mal ou o que é que vão fazer com aquilo que ouviram, mas parece que têm mais disponibilidade para ouvir. Se calhar também vem de ser mãe, dar atenção, dar carinho. Mais características... Acho que se preocupam mais com os outros e atribuo isso também talvez à maternidade. Preocupam-se mais com o cãozinho abandonado… Acho que têm uma sensibilidade natural, mas como te digo há excepções, há quem não tenha, mas noto que essa é também uma das características delas."*
>
> Duarte, 31 anos, solteiro, com namorada, licenciatura, assessor de vereador

Em jeito de conclusão pode afirmar-se que, apesar de se identificarem diferenças entre o feminino e o masculino, muitos dos entrevistados não deixaram de fazer referência às excepções com que no quotidiano se deparam e/ou às mudanças que a este nível se têm registado desde a geração dos seus pais, à sua ou às mais jovens. Tal como Maria do Mar Pereira (2010) constatou no seu trabalho, também aqui, na altura de definir o que é ser-se homem e ser-se mulher, surgiram dúvidas, incertezas e inseguranças nos discursos dos entrevistados. Tendo em conta estes indicadores e num esforço de síntese de informação, identificaram-se três distintas formas de conceber homens e mulheres, entre o grupo de entrevistados.

Um primeiro ideal-tipo corresponde aos entrevistados que apresentam uma *visão dicotomizada e pouco problematizada dos géneros*, uma vez que concebem homens e mulheres como diametralmente e naturalmente diferentes. São, neste caso, parcas as referências à mudança social ou às excepções ao modelo tradicional da dicotomia masculino-feminino. Os argumentos usados para justificar as suas concepções de género são, sobretudo, de ordem física ou biológica, como aquelas que se referem ao aparelho reprodutor ou características hormonais. Tendo em conta os fundamentos naturais e essencialistas, não será surpresa que estes homens concebam as diferenças de género como perenes. Socialmente, estes homens diferenciam-se dos restantes pelos escassos recursos escolares e a pertença a classes sociais menos favorecidas. Um segundo ideal-tipo acrescenta a *inferioridade feminina* à fraca problematização das diferenças de género, identificada no ideal-tipo anterior, distinguindo-se dos primeiros pelos juízos de valor depreciativos tecidos em relação às mulheres. Como foi referido, é entre os homens das classes menos favorecidas que este tipo de posicionamento é mais comum, inclusivamente nos mais jovens.

Do outro lado, com uma *visão mais reflexiva*, encontram-se os homens que trouxeram para a discussão de forma mais sistemática os constrangimentos culturais e sociais, enunciaram com frequência as intensas mudanças que se têm verificado ao nível das relações de género e apontaram também uma série de excepções à homogeneidade das categorias homem-mulher. Nalguns casos houve referência à distinção entre sexo e género, aproximando-se das definições que lhes são dadas no seio das ciências sociais. Os argumentos na base das diferenças que entre os sexos foram identificadas remetem sobretudo para o contexto social e cultural, a educação diferenciada de que meninos e meninas são alvo, ou ainda a pressão social para que homens e mulheres assumam diferentes papéis/funções na “sociedade”. Como à luz da teoria social seria expectável,

neste grupo encontram-se mais representados os entrevistados mais escolarizados, que não deixaram de fazer referência a livros, nalguns casos científicos, que alimentam a sua capacidade reflexiva e postura crítica em relação à sociedade. Por exemplo, Miguel fez referência à obra de William Reich, um psicanalista alemão que via na família e sociedade em geral fontes de contenção e repressão individual.

> *"Um livro que me marcou, curiosamente, tem muito a ver comigo, que é um livro que se chama Escuta Zé Ninguém, que é um livro do William Reich, que é um... não sei se ele era filósofo, se é do princípio do séc. XX, alemão, judeu, foi morto, e anarquista, e era um bocadinho... Este Escutas Zé Ninguém era no fundo a dizer-nos, a todos, que 'pensa por ti', 'não te deixes envolver ou levar pelo que os outros dizem', 'sempre com uma posição de crítica sobre a realidade, tenta pensar sobre ela, fazer sobre ela'."*
>
> Miguel, 40 anos, união de facto, 1 filho, licenciatura, director de empresa

Os discursos dos entrevistados dão a conhecer um contexto de modernidade (tardia) que se caracteriza pela maior reflexividade em torno das categorias de género e pela maior fragilidade e fluidez das fronteiras que separam aquilo que é considerado masculino daquilo que é identificado como feminino. Nesse sentido, ambiguidade e incerteza são palavras que espelham bem os discursos dos entrevistados a propósito das suas concepções do masculino e do feminino.

A reflexividade dos entrevistados em torno da problemática do género e das relações de género na modernidade tardia combina, ainda, recursos argumentativos plurais, cujas lógicas de pensamento que os sustentam obedecem, em muitos casos, a princípios divergentes de entendimento da realidade. O seu modo de compreender e classificar a realidade social entrecruza perspectivas naturalistas, que legitimam e reificam a ordem de género dominante, com outras que problematizam essa ordem e questionam os seus fundamentos simbólicos. Tende a existir uma certa coerência no modo como os entrevistados convocam cada um destes tipos de argumentos e se posicionam em relação à ordem simbólica dominante nas relações de género. Mas nem sempre tal se verifica, existindo em muitos casos uma certa *incoerência das disposições* sociais e dos modos de compreender e classificar os géneros (Lahire, 2001, 2002, 2005).

4.2 Mundo em mudança: ser homem já não é o que era

Para a maior parte dos entrevistados, como se viu, falar sobre o que é ser-se homem e ser-se mulher nos dia de hoje implicou, para além da ambiguidade, das contradições e excepções acima identificadas, abordar a questão da mudança social. Tendo essa constatação em mente, foram também mapeados os diferentes sentimentos e atitudes face ao que estes homens identificaram como as principais mudanças na ordem de género e nalguns regimes em particular, como a esfera do trabalho, a sexualidade ou a família (Connell, 1987, 1994).

Alguns destes homens referem-se à mudança social como algo que já aconteceu, e equacionam o antes e o depois como duas realidades estanques que não se tocam. No antes colocam os seus pais, os homens mais velhos, os homens das zonas rurais, os "machistas". As "novas gerações", os "casais jovens" são representados como protagonistas de dinâmicas de género completamente distintas, pautadas por uma repartição do trabalho doméstico mais equilibrada, pela maior autonomia das mulheres, nomeadamente através do acesso ao trabalho pago. Esta visão associa-se sobretudo aos entrevistados que partilharam representações de género mais tradicionais, menos reflexivas, como se a ordem social fosse um dado adquirido que se lhes sobrepusesse e perante a qual nada podem fazer.

Por contraponto, outros entrevistados vêem-se a eles próprios como protagonistas da mudança social que está a decorrer, identificam obstáculos, resistências e apresentam-se como homens comprometidos com a igualdade de género. Esse é o caso de alguns dos homens de classes mais altas, que se distinguem pelo elevado capital cultural. Bernardo é disso exemplo. Trata-se de um homem ligado a movimentos que designa como libertários e anarquistas, no seio dos quais questiona de forma profunda as normas e convenções sociais de qualquer tipo, concebendo a sociedade como uma rede de forças que constrange a acção social e perante a qual é necessário e possível agir.

"Eu sempre estive ligado a este tipo de mentalidade mais aberta, mais libertária, mais moderna. E depois conheci um tipo de música que falava de ideais sociais, ideias de libertação feminina, de libertação dos animais, da terra… Tudo isso fez com que eu tivesse altas mudanças na minha vida, boas. Estou a falar de música punk, mais agressiva, hardcore com letras políticas positivas. (…) Sou uma pessoa extremamente aberta. E isso para mim é uma qualidade tão boa, que ao mesmo tempo é dolorosa. (…) Então ando constantemente a perguntar, a analisar. (…) Claro que isto é tudo um processo com muitas contradições. É um processo com muita mágoa, muita luta, muita frustração, mas ao mesmo tempo, também, muita honra. (…) Eu tenho uma forma um pouco peculiar de ver essas coisas. Até porque eu acho que para mim nunca haveria papéis pré-definidos. Parece tão certo, tão real. Não consigo entender o facto de, por exemplo, 'faz aí o jantar que eu estou aqui no sofá a ver televisão'. Isso parecendo que não é uma coisa tão vulgar que passa despercebido até nas nossas próprias casas, com as nossas irmãs, com os nossos irmãos. A mãe é que tem que ter a força para cuidar do menino quando ele está doente. O pai é que tem que fazer o trabalho de peso. (…) Gostaria de caminhar para que não houvesse papéis pré-definidos, em que ambos fossem um só."

Bernardo, 34 anos, solteiro, com namorada, 12º ano, gestor de produtos bancários

Independentemente do grau de implicação pessoal face à mudança, a maior parte dos entrevistados fez referência à diminuição das desigualdades sociais entre homens e mulheres, em termos genéricos, como algo positivo, manifestando muitos deles a sua satisfação face a esse esbatimento. Muitos deles ao referir-se às desigualdades sociais entre homens e mulheres fizeram-no restringindo-se à esfera do trabalho, apoiando a integração das mulheres no mercado de trabalho, a sua ascensão a cargos de chefia e uma maior representação no mundo da política. De resto, esta foi uma das ideias mais referidas pelos entrevistados, muitas vezes para fugir de uma forma socialmente aceitável à pergunta sobre as diferenças entre o feminino e o masculino. Ou seja, em vez de se deterem sobre aquilo que consideram ser-se homem e mulher, alguns dos entrevistados discursaram sobre os "avanços socias" em termos de igualdade de género.

No âmbito dos discursos em prol da igualdade de género foram vários os entrevistados que fizeram questão de assumir o seu distanciamento face ao "machismo", mas também ao "feminismo", categorias que muitos equacionam como opostos. O distanciamento face ao feminismo surgiu associado aos discursos mais empolados de defesa dos direitos das mulheres, como é o caso de Rodrigo. No entendimento de Rodrigo, ser feminista significa defender a superioridade das mulheres, tal como ser machista significa defender a superioridade dos homens. Portanto, ele que se assume como defensor da igualdade de direitos entre homens e mulheres, não é uma coisa, nem outra.

"Agora, a percepção que eu tenho é que existem mais mulheres que homens naturalmente. E acho que as mulheres têm muito poder actualmente e cada vez mais na sociedade actual, porque ocupam grande parte dos postos de trabalho. (…) [Mas acha que as mulheres já tem tanto poder como os homens, já estão representadas nos lugares de chefia?] Também não acho que seja tanto assim. Nem tanto ao mar nem tanto à terra, mas acho que se caminha para isso. E é bom, é positivo. [Não o assusta.] Não assusta, antes pelo contrário sempre considerei (sempre considerei não, mas considero actualmente, e há uns tempos para esta parte) que as mulheres têm mais valor que os homens. As mulheres têm que ser necessariamente mais reconhecidas que os homens. Isto é, além de ser tudo o que lhe é exigido profissionalmente, tem que ser na maior parte das vezes uma dona de casa, é a mãe, e tem que desempenhar estes três papéis na perfeição. (…) Não me vejo como feminista, antes pelo contrário, porque eu também não sou machista."

Rodrigo, 39 anos, divorciado, licenciatura, advogado

Ainda que a adesão discursiva às normas mais igualitárias tenha estado presente nos discursos de muitos dos entrevistados, isso não quer dizer que as práticas necessariamente lhe correspondam. O discurso de Serafim é disso um bom exemplo. Se, por um lado, defende que homens e mulheres devem ter iguais oportunidades no que diz respeito ao acesso ao trabalho e considera "muito bom as mulheres serem independentes", por outro lado, confessa que tem "mente retrógrada" e afirma o desejo de ver a mulher dedicada em exclusivo ao trabalho doméstico e educação dos filhos.

"Eu acho que [homens e mulheres] não são iguais actualmente, mas deviam ser. Vou dar um exemplo muito claro, há certos trabalhos, por exemplo, se nós os dois formos a uma entrevista, há certas pessoas que vão ver 'epá, este trabalho é para um homem/ este trabalho é para uma mulher'. Logo, em vez de nos ver pelas características que nós temos ou pela facilidade que temos em desempenhar o trabalho, não, vão ver se é para homem ou para mulher. Eu acho que não devia ter essa diferença. Éramos todos iguais. (…) Ela [a companheira] gosta de fazer as coisas dela. Eu acho que é apenas nesse aspecto que eu tenho a minha mente retrógrada. É só nesse aspecto. Eu gostava que ela estivesse dentro de casa, a cuidar do filho. Nesse caso, dos meus filhos e da casa. Desse as voltas dela, para ir para onde quiser. Mas eu não queria que a minha mulher não trabalhasse, estás a perceber? Que ela não fizesse muito esforço físico, psicológico. Eu não gostava que ela fizesse isso, mas tem de ser. Tem de ser e eu acho muito bom as mulheres serem independentes, fazerem as coisas delas."

Serafim, 23 anos, união de facto, 2 filhos, 12º ano, medidor

Nem todas as mudanças identificadas por estes homens foram equacionadas em termos de desigualdades sociais e nem todas foram encaradas com agrado. Tal como Lígia Amâncio identificou num estudo levado a caso na década de 90 do século XX (1998), alguns entrevistados demonstraram algum descontentamento no que diz respeito àquilo que identificam como uma certa "masculinização" das mulheres, na medida em que lhes

identificam atributos considerados masculinos. No trabalho de Amâncio, essa "masculinização" foi identificada em domínios particulares como a sexualidade e o trabalho e reportava-se a características como, por exemplo, a crescente individualidade ou independência das mulheres em detrimento do casal e também a uma perda de "sensibilidade".

Neste trabalho a "masculinização" das mulheres identificada por parte de alguns dos entrevistados, foi apontada sobretudo no plano do amor e da sexualidade, denunciando alguns dos entrevistados a perda de romantismo por parte das mulheres, as quais estarão a dar um uso mais hedonista à sexualidade. Esse é exactamente o discurso de Bernardo, que olha para a mudança com uma atitude bastante crítica no que diz respeito à forma como as mulheres se aproximam dos homens no domínio da sexualidade.

> *"[Achas que as mulheres e os homens vivem a sexualidade da mesma forma?] Não. Não, mas tem alguma tendência cada vez maior para que as mulheres se tornem um bocado como os homens. Lamentavelmente. Porque os homens vêem muito aquela questão de 'one night stand'. Olham para a mulher e são capazes de a ver logo como um objecto sexual. Conseguem captar logo instintivamente os atributos sexuais da mulher e não conseguem ver para além disso. Há um desrespeito muito grande por parte dos homens em relação às mulheres, nesse sentido. No entanto, hoje em dia eu penso que há muitas mulheres, e cada vez mais, que se parecem com os homens no sentido de olharem para os homens da mesma forma que um homem olha para uma mulher e fazerem exactamente as mesmas coisas. Inclusive ir para a cama com um gajo qualquer, mesmo sabendo que o indivíduo gosta dela. Usá-lo para sexo, como os homens muitas vezes fazem com as mulheres."*
>
> Bernardo, 34 anos, solteiro, com namorada, 12º ano, gestor de produtos bancários

Alguns dos entrevistado, por sua vez, falaram da insegurança que sentem devido à velocidade da mudança que não os deixa perceber qual, afinal, o "papel" dos homens nas sociedades contemporâneas. Este desconforto perante a mudança social, identificado em alguns dos entrevistados pode associar-se à ausência de movimentos sociais voltados para as mudanças ao nível das masculinidades hegemónicas, ao contrário do que acontece, por exemplo, com as masculinidades subordinadas que os movimentos em prol dos direitos dos homossexuais enquadram socialmente. No contexto nacional, um exemplo singular é o da Associação 26-4[88] que vem reivindicar o poder paternal em situações de divórcio ou separação.

[88] Para mais informação consultar o *website* da Associação em http://serpai.no.sapo.pt/ (consultado a 20 de Dezembro de 2012).

Filipe centra todo o discurso sobre o feminino e o masculino nas mudanças sociais que nesse domínio têm vindo a ocorrer. Do lado das mulheres, as mudanças são apresentadas como positivas na medida em que traduzem a sua independência económica através do acesso ao trabalho remunerado e ao crescente investimento profissional. Do outro lado, Filipe refere com alguma angústia as incertezas que norteiam o lugar dos homens nas sociedades contemporâneas. Por exemplo, é com alguma inquietação que se questiona sobre o tipo de parceiro amoroso que as mulheres procuram, na esperança de conseguir corresponder a esse ideal onde supostamente traços tradicionais se devem conjugar com outros mais modernos. Talvez os desgostos amorosos que acumulou ao longo da vida e o facto de actualmente não estar comprometido com uma mulher o façam ver com mais pessimismo as dinâmicas de género.

> *"Tenho uma amiga que dizia, numa noite a beber um copo de vinho a desabafar, 'vocês os homens estão perdidos. Porque nós temos um ideal de homem, nós queremos um gajo sensível, um gajo que nos oiça, que nos compreenda, que esteja ali quando nós precisamos, que seja carinhoso, mas ao mesmo tempo um gajo firme, seguro, agressivo quando for preciso. E isso não existe'. E eu percebo o que ela está a dizer, porque eu de alguma maneira sinto isso como homem. (…) As mulheres seguiram em frente e os homens ficaram por aqui a tentar perceber, 'então afinal e nós?'. É bom que o homem chore ou não é? É bom que o homem seja sensível ou não é? (…) Acho que o homem está mais indefinido. Acho que está mais à procura. Foi tudo muito rápido. Estamos a falar num espaço de 30 anos em que as coisas giraram completamente, no bom sentido… Não estou a fazer um julgamento de valor. (…) Às vezes as mulheres têm que ser um bocadinho homens para se conseguir integrar. Quando os homens tentaram ser um bocadinho mulheres, na sua identidade, isso não foi bem aceite. E é isso que eu acho que está a acontecer. Um bocadinho esta indefinição de papéis."*
>
> Filipe, 37 anos, solteiro, sem namorada, licenciatura, realizador de cinema

De um modo geral, as atitudes perante a mudança social são mais positivas no que se refere à esfera do trabalho, tendo a maior parte dos entrevistados aderido ao discurso da defesa de igualdade de direitos entre homens e mulheres. Já em relação à esfera privada, das relações amorosas e sexualidade, o posicionamento torna-se mais ambíguo, quando não negativo. A este nível, muitos dos entrevistados mostraram-se descontentes com o facto de as mulheres estarem mais parecidas com os homens, no sentido de mais autónomas e egoístas na forma como procuram o prazer sexual. De resto, ao mesmo tempo que estes homens identificaram várias mudanças sociais na ordem de género, muitas das quais se traduzem numa perda de poder por parte dos homens, referiram igualmente algumas características "naturais" dos sexos, como a agressividade e maior

desejo sexual dos homens, ou a sensibilidade e instinto cuidador das mulheres. Num contexto de modernidade tardia, assiste-se, assim, a uma tensão latente entre a adesão aos princípios da igualdade dos géneros, mais ou menos associada a uma reflexão crítica acerca da ordem de género (ainda) dominante, e a reprodução do património simbólico das aproximações naturalistas aos géneros.

4.3 Muito ou pouco masculino?

Com o intuito de explorar o sentido de auto-identidade dos entrevistados, tendo por referência a teoria sociológica que aponta para uma visão não dicotómica dos géneros, propôs-se aos entrevistados que imaginassem uma escala contínua entre zero e dez. Numa das extremidades estaria aquilo que equacionam como o máximo masculino e na outra o máximo feminino. Poucas pistas adicionais foram dadas aos entrevistados, na medida em que um dos objectivos era, exactamente, explorar as suas representações em relação aos extremos da escala.

Quando confrontados com a *escala dos géneros*, no âmbito da qual foi pedido que se posicionassem, alguns entrevistados imaginaram um homem no máximo masculino e uma mulher no máximo feminino. A maior parte, no entanto, idealizou um homem em ambos os extremos, que ora se caracterizava por traços masculinos, ora por traços considerados femininos. O que distingue estas duas formas de conceber a escala é a capacidade (ou falta dela) de distinguir o sexo, ou seja, as características estritamente físicas e biológicas, do conceito de género, enquanto realidade socialmente construída. Portanto, não é com surpresa que entre os segundos sobressaiam os homens que ao longo da entrevista foram dando pistas de uma apurada reflexividade em torno das questões de género.

No Quadro 3.3 pode visualizar-se a distribuição dos entrevistados pela escala dos géneros. De forma quase linear, constata-se que à medida que aumentam os níveis de escolaridade, o posicionamento na escala dos géneros se afasta mais do máximo masculino, para assumir posições mais centrais. Nenhum dos entrevistados, no entanto, se posicionou no máximo feminino.

Mais à esquerda localizam-se, principalmente, os homens que antes evidenciaram uma visão mais tradicional e dicotomizada dos géneros. Mais à direita, por contraponto, os entrevistados que mais abordaram a questão da mudança social que tem atravessado a ordem de género (Connell, 1994) e as masculinidades em particular. Trata-se, ainda, de

homens empenhados em projectar uma imagem de si mais moderna.

Quadro 3.3: Posicionamento dos entrevistados na *escala dos géneros*

	+ Masculino										Feminino +
Escala	**0**	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**	**8**	**9**	**10**
Número de entrevistados	4		2	1	3	9	1	1			

O valor modal é o cinco. Quer os homens que assim se posicionaram, quer aqueles que acima disso se distribuíram, usaram sobretudo dois tipos de argumentos para justificar a sua posição. Por um lado, sentem-se distantes da representação do "máximo masculino" e, por outro lado, partilham com as mulheres determinadas características. As características que partilham com as mulheres são fundamentalmente de duas ordens: cuidados com o corpo e sensibilidade. Três dos entrevistados falaram mesmo de uma proximidade e identificação com o universo feminino. Na escala posicionaram-se no ponto cinco, seis e sete.

A representação da masculinidade mais extremada não é, nestes casos, positiva e por isso dela se afastam. "Machista" foi o adjectivo mais usado para caracterizar o homem que estes entrevistados imaginam no ponto mais baixo da escala. Outras características como "labrego", "fechado", "agressivo", "pouco escolarizado", "preconceituoso" e "musculado" foram igualmente referidas. Ser muito masculino é, para estes homens, negativo, uma vez que na imagem apresentada emerge uma série de atributos que desvalorizam o adulto em geral e remetem para classes sociais menos favorecidas por via, por exemplo, do baixo capital escolar e cultural. Se na análise anterior os homens que se distinguiam pela visão dicotomizada e não problematizada dos sexos apresentavam, por vezes, imagens bastante negativas do feminino, desta vez, os homens que mais problematizam a diferença entre os sexos são bastante críticos em relação à masculinidade extremada e dela transmitem uma imagem menos favorável.

Veja-se o exemplo de André, que se posicionou no centro da escala. André distancia-se quer do extremo feminino, quer do extremo masculino. Do lado feminino aponta como característica diferenciadora a "fragilidade" e do lado masculino a "violência" e a "agressividade". Não se identificando com nenhum, escolhe uma posição mais central, onde coloca também a esposa. Na base da sua escolha está, então, a ideia de que quer homens, quer mulheres partilham características que se associam ora ao universo masculino, ora ao feminino. Fazendo a ponte com a análise anterior, é importante referir

que André refere argumentos de ordem social e cultural, como a educação que é dada às crianças, para explicar a maior parte das diferenças que identifica entre homens e mulheres, exceptuando a esfera da sexualidade e parentalidade.

> *"Eu coloco-me no cinco. [E onde colocarias a tua mulher?] No seis. Ligeiramente mais próxima do universo feminino, mas não muito. Não muito, não. A Sara não tem muito esse padrão feminino. [Porquê? O que imaginas nos extremos?] Não sei. Isso é muito difícil responder-te a essa questão. Não sei uma resposta. Pode ser uma resposta? Quer dizer… Porque é que me localizo aí? Podemos passar à frente e depois voltamos ai? (…) Sei lá, o Russell Crowe, um fulano violento, super agressivo, musculado, o gladiador. Mas parece que na vida real é [gay]… Ou o Marco do Brig Brother. Um desses extremos assim. Não sei se ser super musculado é ser super masculino. Não sei. Mas colocando lá as questões de violência associada à masculinidade, nessa perspectiva sim. No super feminino, colocaria alguém frágil, muito frágil. A característica seria essa. Percebes?"*
>
> André, 42 anos, casado, 1 filho, mestrado, professor do ensino secundário

José, tal como André, também se posiciona no meio da escala e usa, igualmente, os músculos como um indicador previligiado para distinguir homens de mulheres. Aliás, apenas o facto de praticar musculação o distancia de um posicionamento mais próximo do pólo feminino. Para descrever aquilo que equaciona como o máximo masculino, usa qualificativos depreciativos como "pessoa com pouca escolaridade" e "machista" indicativos de uma localização desfavorecida na hierarquia social e de atitudes conservadoras. Ainda que seja praticante de musculação e se distinga pelo visível volume de massa muscular, considera que os restantes cuidados que devota ao seu corpo são mais típicos das mulheres e, por isso, se identifica com esse universo. Como se verá mais à frente, no caso da adesão à depilação, esta não serve outro propósito que não o dar a ver o trabalho muscular diário de José. Sendo típicos das mulheres, os cuidados de José servem o propósito de evidenciar a masculinidade que exibe a partir dos músculos hipertrofiados.

"Eu punha-me no meio. [Porquê?] Porque há coisas que eu gosto do homem. Eu gosto de fazer musculação, um desporto pouco associado às mulheres. Mas em contrapartida gosto de fazer coisas que as mulheres fazem. Gosto de fazer a minha depilação. Gosto de pôr cremes no corpo. Não vou ao cabeleireiro. Mas quando tinha o cabelo mais comprido ia ao cabeleireiro da minha mulher. Gostava de tratar bem do cabelo. Eu punha-me mais no cinco, por praticar um desporto menos associado às mulheres. Essencialmente, é mais por causa disso, porque se tivesse que escolher o 6 ou o 7 não teria problemas com isso. Porque a minha masculinidade não é nessa escala que é aferida. É mais pelo desporto que eu pratico... (…) No 10 mesmo. Sei lá. Não consigo perceber bem onde para esse limite. Será num homossexual, mas assim tipo uma bichona mesmo. Quando digo que posso ser um 6 ou um 7 não digo que estou a roçar esse limite. Eu gosto de mulheres, mas gosto de tratamentos que as mulheres fazem. Mas não é por isso que sou mulher. Continuo a fazer xixi de pé. (risos) No 0 vejo um homem machista, uma pessoa com pouca escolaridade, uma soca mesmo. (risos) Vejo qualquer coisa assim, que já não é fácil encontrar hoje, excepto nas pessoas mais velhas."

José, 37 anos, casado, 1 filho, 12º ano, técnico de informática

Por sua vez, Tomás equaciona a escala dos géneros em termos das relações de poder que se estabelecem entre os opostos: homens machistas e mulheres feministas. Ao contrário de André e de José, o seu posicionamento na escala dos géneros não é justificado por considerar que partilha características que considera masculinas e femininas, até porque ele tem uma visão dicotomizada da realidade, mas sim por se posicionar favoravelmente em relação à igualdade de género.

"[Em que ponto da escala é que tu te situas?] 3,5. [Porquê?] Porque não sou totalmente homem, isso não sou. Mas gosto de me considerar masculino, por isso é que estou aqui no três, mais para este cantinho. Mas também sou muito a favor de dar hipótese às mulheres, sou muito a favor de compreender as mulheres. Sou muito a favor de, se elas forem boas, força. Dêem-lhes trabalho, façam delas o que quiserem, metam-nas na assembleia. (…) [Máximo masculino] Machista total. Típico português, tuga, mesmo aquele tuga, que tu vais aí a uma vila no interior. Não vou estar aqui a fazer de juiz. (risos) [Máximo feminino] É uma mulher. Uma mulher feminista, porque também as há. E muito. 'Nós é que somos boas, isto sem vocês é que era'. Não isso também não. Extremos não fazem bem a ninguém, não levam a lado nenhum. O melhor é a harmonia."

Tomás, 24 anos, solteiro, com namorada, licenciatura, informático

Os que se identificaram com o zero, ou seja, o máximo masculino, fizeram-no porque não concebem que possam partilhar alguma característica com as mulheres. Nestes casos a descrição do extremo masculino não tende a ser tão negativa, como seria expectável, uma vez que aí se posicionaram. Os entrevistados que escolheram este extremo da escala caracterizam-se pelas representações de género mais dicotomizadas e

naturalizadas nas diferenças físicas entre homens e mulheres.

Evaldo, por exemplo, confuso com a pergunta, não concebe que um homem possa ser mais ou menos masculino. Um homem ou é ou não é masculino e ele é-o. De um modo geral, e agora independentemente da posição escolhida, no ponto mais feminino possível, foi comum os entrevistados imaginarem um homem homossexual, "bichona" ou transexual, tal como Serafim o fez. A confusão que, no senso comum, se faz entre orientação sexual e género, mais precisamente entre ser gay e ser-se feminino está, portanto, aqui bem presente. Na visão de Serafim um *gay* é um homem que se comporta como uma mulher, gostava de ser uma mulher e, nalguns casos, chega a mudar de sexo para adequar os traços físicos ao íntimo feminino.

> *"Eu não estou a ver. Eu acho que não tenho nada em mim que seja feminino. Nem os comportamentos, nem nada. [Que tipo de pessoa é que tu achas que podia estar no zero? O mais masculino possível?] Eu! (risos) [E no mais feminino possível?] Está bem, vou dar um exemplo normalíssimo – os gays. Nascem homens mas depois, com o tempo, começam a gostar mais da aparência feminina daí se vestem como mulheres, agem como mulheres, fazem tudo como mulheres e gostavam de ser mulheres. Daí haver muitos homens que fizeram a tal operação e tornaram-se mulheres. Eu acho que ser feminino é isso. Nesse caso, os homens que querem ser femininos e que acabam por ser femininos, só que nascem homens. Não sei se respondi à pergunta?"*
>
> Serafim, 23 anos, união de facto, 2 filhos, 12º ano, medidor

Cuidados com o corpo, sensibilidade e adesão à igualdade de género são, portanto, os traços que fazem com que estes homens se afastem do máximo masculino, para reconhecer em si alguns traços femininos que consideram indicadores de modernidade, e que os aproximam daquilo que identificam como as masculinidades hegemónicas contemporâneas.

No entanto, ainda que estes homens reivindiquem para si determinadas características que se traduzem numa certa *efeminação de si*, isto não quer dizer que não reconheçam fronteiras bem definidas entre os géneros, ou não estabeleçam limites à adesão a outros atributos identificados como *efeminantes*. Foram poucos os que escolheram valores acima do ponto médio da escala, isto porque no ponto mais feminino vários dos entrevistados idealizaram homens cujas características comprometem a sua masculinidade. Uma dessas características é a orientação sexual *gay*. Desejar sexualmente outro homem, para a maior parte dos entrevistados, é entendido como um estigma, um atributo que os afasta de modelos mais dominantes de masculinidade. No entendimento de alguns, ainda mais próximo do máximo feminino estão as "bichas", ou

seja, os homens que passaram os limites daquilo que lhes é permitido em termos de linguagem corporal, gestualidade, tom de voz, roupa e acessórios, entre outros aspectos da *hexis corporal* (Bourdieu, 1977). Trata-se de homens que desrespeitam a fronteira entre o masculino e o feminino na forma como agem sobre o corpo e com o corpo, e que traem os outros homens pondo a nu o carácter performativo da masculina. Não se nasce homem, torna-se homem. Estes dois aspectos denunciam a importância da orientação sexual na hierarquização das masculinidades, identificada por autores como Joseph Pleck (1995) e R. Connell (1995), entre outros autores, bem como da *hexis corporal* na expressão das masculinidades hegemónicas (Bourdieu, 1977).

Ser muito masculino caracteriza-se, igualmente, para os entrevistados das classes altas, por um conjunto de atributos depreciativos que os afastam da definição de masculinidade hegemónica. Se se afastam do máximo feminino, afastam-se também do máximo masculino, para dar definições de si que combinam atributos de ambos os pólos. Pertencer a uma classe social mais baixa e ostentar uma massa muscular híper-desenvolvida foram identificados como símbolos de uma masculinidade exagerada, tradicional, da qual se afastam. A fraca problematização e reflexividade em torno das categorias de género, justifica que os homens das classes mais baixas, por sua vez, se tenham confortavelmente identificado com o máximo masculino, pois não conseguem equacionar os géneros senão como dois pontos opostos. Neste caso a escolha é, portanto, entre ser masculino ou feminino.

5 Mapa dos modos de produção corporal

O corpo foi constituído uma das dimensões privilegiadas na análise das masculinidades, aqui equacionado, à luz da teoria de Anthony Giddens (1994) e de Pierre Bourdieu (1977, 1999, 2010 [1979]), como um elemento reflexivamente mobilizado para dar a ver um projecto identitário revelador da interioridade e individualidade de cada um, bem como elemento significante em termos de classe social e género. Assim, a investigação sobre os modos de produção corporal contribui de forma decisiva para enriquecer o conhecimento acerca da diversidade de masculinidades (a que se junta a análise acerca dos tipos de conjugalidade, das relações parentais, etc.). Até agora, o corpo foi sendo usado nos discursos dos entrevistados como elemento explicativo e fundador das diferenças entre homens e mulheres, sobretudo no que diz respeito à sexualidade e parentalidade. Daqui para a frente o corpo surge ele próprio, na sua aparência e performance, como elemento de distinção quer de género, quer de classe social.

Antes de partir para a análise temática das entrevistas deixa-se uma nota sobre a riqueza substantiva dos discursos recolhidos, a qual permitirá compreender a forma como a informação está organizada. Ao mesmo tempo que estes homens falaram sobre o seu corpo e os modos de produção corporal, partilharam com a interlocutora uma série de considerações de enorme relevância sociológica, de forma quase abrupta, pode dizer-se. Ainda que, no guião de entrevista, estivessem previstas perguntas sobre as representações acerca dos modos de produção corporal e sua relação com a construção das identidades de género, o mais comum foi não ter de as colocar. Muitas foram as vezes em que, para além de falar sobre o tipo de cuidados de que os seus corpos eram alvo, estes homens explicitaram a “normalidade” daquilo que faziam, sublinharam o que não faziam, porque não o faziam e o que pensam sobre quem o faz. Isto porque os seus modos de produção corporal levantam questões quanto às fronteiras entre aquilo que tradicionalmente se considera feminino e masculino, no âmbito de um quadro normativo socialmente partilhado em relação aos modos de produção corporal, que sobre eles pesa. Estes homens sabem que as suas acções desafiam as corporeidades modais e são lembrados disso nas suas interacções quotidianas, sobretudo por outros homens. Nesse sentido, as entrevistas constituíram um momento privilegiado de interpelação, no âmbito do qual muitos dos entrevistados aproveitaram para justificar as suas acções.

Ainda que um quadro normativo comum exerça os seus constrangimentos sobre a

acção social, as fronteiras entre aquilo que pertence ao universo feminino ou masculino não são definitivas, estanques ou consensuais. Podem identificar-se zonas mais inócuas ou, pelo contrário, territórios mais problemáticas do ponto de vista identitário, como é, por exemplo, o caso do uso de maquilhagem. Também ao longo do tempo as coordenadas simbólicas que definem como femininas ou masculinas determinadas práticas vão mudando por via da acção social. É neste âmbito que os homens entrevistados se destacam, desafiando os limites daquilo que se considera apropriado um homem fazer com o seu corpo. Eventualmente apontam o sentido da mudança em termos da estética masculina dominante, inserindo-se, ainda, naquilo que Norbert Elias (2006 [1989]) denominou de processo civilizacional, pela forma como minuciosamente eliminam os pêlos do seu corpo, controlam os odores, eliminam as impurezas da pele, domam os cabelos, tratam e abrilhantam as unhas, entre outras formas de *polimento* corporal.

As entrevistas realizadas acabaram, portanto, por trazer de forma espontânea este tipo de discussões para os discursos dos homens. Do ponto de vista da gestão da apresentação do eu, os entrevistados esforçaram-se e mostraram-se empenhados em clarificar o seu posicionamento no eixo masculino-feminino, de modo a não comprometer a sua identidade de género. Na maior parte dos casos, esta gestão passou pela definição das fronteiras masculinas em termos dos modos de produção corporal a partir das próprias práticas individuais. Ou seja, a tendência foi definir como “normais” os seus hábitos de produção corporal e como “esquisitos”, “duvidosos”, “femininos”, os consumos e práticas que não os seus. Deste modo a masculinidade de cada um ficou, assim, salvaguardada. No seguimento destes esclarecimentos, este tipo de informação servirá para adensar a análise interpretativa dos modos de produção corporal dos homens entrevistados.

5.1 Explorando a génese e diversidade de cuidados corporais

Comece-se pelo início. Se alguns destes homens afirmaram que, desde que têm memória, sempre tiveram por *hábito* uma série de cuidados com o corpo que os distinguiam da maior parte dos homens com quem se relacionavam, outros conseguem localizar no tempo do percurso de vida quando começaram a dedicar mais tempo e atenção a estas questões, associando acontecimentos específicos a essa mudança de comportamento, os quais, na proposta conceptual de Shilling (2008), podem ser

equacionados como momentos de *crise*. Por momentos de *crise* entenda-se "situações em que a manutenção de determinados hábitos é limitada por certos conflitos, obstáculos ou contradições existentes entre os meios externos dos indivíduos e as suas necessidades e potencialidades corporais" (Ferreira, 2010).

Para alguns dos entrevistados a *crise* adveio do avançar da idade e dos primeiros sinais de envelhecimento, os quais acabaram por provocar respostas *criativas* na medida em que se activaram novos cuidados corporais que permitissem prolongar o estado de juventude, tão celebrado nas sociedades ocidentais contemporâneas (Le Breton, 2008 [1990]; Ferreira, 2006, 2011a). Nuno, de 32 anos, é um desses homens, na medida em que desde há algum tempo começou a pôr travão em alguns comportamentos e consumos que, a seu ver, aceleravam o envelhecimento da sua pele, a perda de vitalidade do seu cabelo e saúde em geral. O objectivo de Nuno é manter-se jovem por mais tempo, esticar essa condição até ao limite, através de uma alimentação regrada, da redução de consumos como álcool e tabaco, da prática de exercício físico e do recurso a produtos dermatológicos.

> *"Eu antes saia à noite e não me preocupava que a minha pele estava a ficar cheia de fumo. O cabelo estava a ficar todo seco, cheio de fumo também. Não é saudável dormir pouco, ficar com olheiras. Eu sempre tive hábitos de vida maus, muito maus. Nunca me preocupei com a alimentação, nunca me preocupei com o álcool que bebia. Fumei, não fazia desporto. Nunca me preocupei muito. Tive a sorte de ser extremamente elegante mesmo sem ter preocupações. Chegou a certa altura em que cheguei a ver que podia tirar mais de mim, porque continuei a ter o aspecto… Eu gosto muito do meu aspecto, de me manter com bom aspecto. [Foi a partir de uma certa altura da tua vida?] Foi quando eu comecei a fazer estes trabalhos [de moda] em que, regra geral, só faziam miúdos de 19, 20 anos e havia poucas pessoas da minha idade a fazer, já com 27, 28 anos. (…) Mas comecei a ouvir elogios que estava bem conservado, que estava a fazer coisas com putos, mas que estava enquadrado… E comecei a pensar, porque é que eu não vou esticar isto ao máximo? Porque é que eu não hei-de ter 40 anos e ter bom aspecto? Ter 40 anos e ter um bom corpo?"*
>
> Nuno, 32 anos, solteiro, sem namorada, 12º ano, técnico de informática

Para além do envelhecimento, outros acontecimentos específicos foram identificados pelos entrevistados como situações de *crise*, na sequência do que os velhos *hábitos* corporais foram reformulados (Shilling, 2008). A entrada no mercado de trabalho, o início de uma relação amorosa, ou, pelo contrário, um divórcio ou separação foram alguns desses acontecimentos. Estes acontecimentos despertaram, em alguns dos homens entrevistados, um interesse e investimento renovado no seu corpo e aparência.

A entrada no mercado de trabalho implicou, muitas vezes, a *excorporação* de novas

regras de asseio e rigor indumentário, como a adesão ao modelo executivo, do fato e gravata, tidos como símbolos de profissionalismo, seriedade e sucesso pessoal (Ferreira, 2013). Por sua vez, a nova condição amorosa levou alguns destes jovens homens a equacionarem, pela primeira vez, os seus corpos enquanto elementos eróticos, levantando a necessidade de seduzir o outro. O investimento no capital físico (Shilling, 1991), no sentido da produção/manutenção do corpo sedutor, desencadeou uma série de preocupações e investimentos como, por exemplo, a ida ao ginásio para dar volume a um corpo que se considerava demasiado magro ou a prática da depilação. Adão constituiu um bom exemplo, na medida em que a entrada no mercado de trabalho e a sua primeira relação amorosa foram simultâneos, desencadeando uma série de reflexões e investimentos corporais.

> *"Eu até aos 17 anos vestia qualquer coisa. Estás-te a cagar completamente. Depois tens namoradas, começas a ver os outros. Eu tenho ali [na papelaria onde trabalha] bué revistas, vem roupa, vem essas merdas todas. Eu vejo, 'esta é fixe, esta é bacana, vou comprar!'. E vais crescendo assim. (…) Eu praticamente até aos 17 anos estava-me a cagar, completamente. Nem me lembro o que é que vestia.(…) Eu agora tenho uma loja aberta. Se eu vou para lá com uma barba bué da grande ou a cheirar bué da mal da boca, mau hálito ou com o cabelo todo grande e mal arranjado, ou de fato de treino… As pessoas vão logo pela primeira impressão. Ninguém agrada a toda a gente mas…"*
>
> Adão, 22 anos, solteiro, sem namorada, 9º ano, empregado papelaria

O quadro 3.4 apresenta um esquema sinóptico dos investimentos corporais dos 21 homens entrevistados e constitui um bom ponto de partida para a sua exploração. As práticas e consumos foram agrupados segundo três domínios principais, os quais orientaram a organização da análise: pele e pêlos, formas e guarda-roupa. Entre os produtos mais consumidos pelo conjunto dos entrevistados destacam-se os cremes de hidratação e afins, a prática de desporto e o investimento em roupa e acessórios. Ora, se a prática desportiva tradicionalmente se associa ao universo masculino, ainda que com outros objectivos que não os estéticos (Le Breton, 2008 [1990]; Ferreira, 2011b), o consumo de produtos de cosmética e o elevado investimento em roupa vêm precisamente chamar a atenção para tipos de produção corporal estereotipadamente associados ao universo feminino. Pelo contrário, menos comum é o recurso à manicura e à pedicura, o que não deixa de ser curioso uma vez que este tipo de serviço era comum nas barbearias há escassas décadas atrás.

Quer o frequente uso de produtos dermo-cosméticos, quer a intensa prática

desportiva, vêm de encontro ao que a maior parte dos entrevistados elegeu como as partes do corpo a que dão mais atenção e prestam mais cuidados: o rosto e o abdómen. Manter a pele do rosto jovem e o abdómen liso e musculado sobressaíram como duas das maiores preocupações destes homens. Veja-se, a este propósito, o discurso de Paulo que foge da barriga proeminente do pai e dos amigos da faculdade, para se assumir como um homem moderno, que cuida do corpo e da saúde.

> *"Há uma preocupação com o corpo, principalmente com a barriga. Tento fazer abdominais, esse tipo de coisas. (…) Eu não quero ser igual ao meu pai! Tem uma pança gigante, um risco de ter um ataque cardíaco brutal… esteticamente não gosto e não quero correr os riscos dele. (…) Eu tenho amigos ou colegas de faculdade que agora já têm barrigas. E o que eu penso é que tenho mais preocupações do que eles com o corpo. O que é que isso me diz? Não sei. Eu tenho sempre a bitola do meu pai: se eu com esta idade já sou assim, como é que eu vou ser daqui a 30 anos? Eu não me sentiria bem naquele corpo."*
>
> Paulo, 33 anos, solteiro, sem namorada, licenciatura, contabilista

Se a atenção se virar para a escala individual pode ver-se que, apesar de todos estes homens terem sido identificados por alguém da sua rede social como "metrossexuais", ou homens que cuidam do seu corpo de forma atípica[89], existe uma grande diferença entre eles quer ao nível da intensidade dos investimentos, quer ao nível do tipo de cuidados. Se alguns deles combinam práticas mais e menos tradicionais, outros distinguem-se pelas práticas menos tradicionais em exclusivo.

Manuel, Serafim e André destacam-se, entre o grupo de entrevistados, pelos relativamente baixos investimentos corporais. Os primeiros foram apontados como metrossexuais exclusivamente por causa dos hábitos de depilação e o terceiro, sobretudo, pelo grande investimento em roupa e acessórios. Eis, portanto, dois tipos de práticas e consumos que, no entender dos intermediários das entrevistas, excluem os homens entrevistados do grupo dos homens que cuidam de forma tradicional dos seus corpos. Recorde-se, a este respeito, o momento em que um familiar da investigadora lhe falou de Serafim, justificando, entre risos, que ele correspondia exactamente ao tipo de homem que esta pretendia entrevistar, uma vez que depilava a zona púbica. Os risos eram de desconcerto perante um homem que se prestava a tal prática.

No extremo oposto da escala da intensidade dos cuidados situa-se, por exemplo,

[89] Sobre a definição o objecto empírico e a selecção dos entrevistados ver o ponto 3.2 do Capítulo 3.

Filipe, que combina a prática desportiva, o elevado consumo de produtos e serviços de cuidado e bem-estar pessoal, como os cremes hidratantes, a depilação, as massagens e um guarda-roupa alimentado, sobretudo, das suas viagens ao estrangeiro. Este padrão de cuidados e consumos requere uma elevada disponibilidade económica, de que Filipe dispõe. Importa, no entanto, salientar que se é verdade que os recursos económicos podem condicionar o tipo de bens e serviços a que se tem acesso, esta condição não surge como determinante na intensidade dos consumos. Ou seja, muda mais o tipo/marca de produtos que se conseguem adquirir, do que diminui a intensidade dos consumos.

Quanto à variedade de tipo de investimentos em termos do seu posicionamento no eixo tradicional-moderno, Ângelo constitui um bom exemplo de como práticas e consumos de pólos opostos podem ser articulados de forma harmoniosa. A prática intensiva de musculação (bem visível no volume do seu corpo) e os jogos de futebol são acompanhados por outra série de investimentos corporais, tradicionalmente associados ao universo feminino, mas que neste caso não servem mais do que realçar todo o trabalho muscular que é feito no ginásio. Refira-se a dieta alimentar híper controlada que pretende potenciar o desenvolvimento muscular, bem como a depilação e o solário que realçam os músculos postos a descoberto com as t-shirts decotadas que gosta de usar. Este exemplo deixa clara a ideia de que a apropriação por parte dos homens de algumas práticas e consumos mais típicos das mulheres, muitas vezes se faz através de uma verdadeira reformulação do sentido da acção, acabando por funcionar como potenciadores de uma imagem mais masculinizada, senão mesmo híper-masculinizada, como é o caso.

Entre aqueles que se distinguem pelos modos de produção corporal exclusivamente menos tradicionais sobressai Joaquim. Joaquim vai ao ginásio quatro vezes por semana para frequentar aulas de ginástica aeróbica como o *Body Pump* e o *Step*[90], depila grande parte do corpo e gasta um volume considerável do seu orçamento em roupa, acessórios e cremes de todo o tipo. Joaquim é muitas vezes identificado como homossexual, reconhecendo o próprio que isso se deve à sua imagem, nomeadamente ao tipo de roupa e acessórios, socialmente identificados como femininos, que ele gosta de usar. Joaquim prontificou-se a justificar a sua afinidade com o universo feminino pelo facto de ter crescido rodeado de mulheres e na ausência do pai.

[90] Aulas de ginástica aeróbica, em grupo, geralmente frequentadas por mulheres, que se caracterizam grosso modo pela repetição de movimentos ao som de música ritmada.

Quadro 3.4: Indicadores sobre os modos de produção corporal: tipo e intensidade

	Pele & pêlos					Formas		Guarda-roupa	
	Cremes Perfume	Mani. Pedi.	Mass. SPA	Depil.	Champô Cabelei.	Desp.	Aliment. cuidada	Roupa Acessór.	Intensidade
Manuel	+	-	-	++	-	-	-	++	Baixa
André	-	-	+/-	-	-	+/-	+	++	Baixa
Serafim	+	-	-	+	-	+/-	+	-	Baixa
Mário	+	-	-	++	+	+/-	-	++	Média
Tomás	++	-	-	+	++	+/-	-	+	Média
Miguel	++	+	++	-	+	+/-	+	-	Média
Abílio	++	+	+/-	+/-	++	-	+/-	+	Média
Paulo	++	-	-	+/-	++	+	+	+	Média
Adão	+	+	-	++	-	+	-	++	Média
Duarte	++	-	-	++	++	+	-	+	Elevada
José	++	-	-	++	-	++	+	++	Elevada
Nuno	++	-	+	+/-	++	++	+	+	Elevada
César	++	-	-	+	++	++	++	++	Elevada
Bernardo	++	-	-	+/-	++	+	++	+	Elevada
Arnaldo	+	+	-	++	-	++	+	+	Elevada
Elias	++	-	+	++	+	++	-	+	Elevada
Telmo	++	-	++	++	++	++	++	++	Muito elev.
Ângelo	++	-	-	++	-	++	++	++	Muito elev.
Rodrigo	++	+	++	+/-	+	++	+	++	Muito elev.
Joaquim	++	-	+/-	++	++	++	-	++	Muito elev.
Filipe	++	-	++	++	++	+/-	+/-	++	Muito elev.

Se à primeira vista se podem identificar pontos de contacto quanto aos hábitos de consumo e práticas de produção corporal dos entrevistados, um olhar mais atento que insida não só na acção, mas também no seu sentido, deixa vislumbrar diferenças sociologicamente significativas na forma como estes homens constroem a sua masculinidade, definem uma *hexis corporal* masculina legítima (Bourdieu, 1977), ou equacionam as masculinidades hegemónicas. De seguida analisar-se-ão os diferentes investimentos corporais tendo em conta estas linhas de análise.

Num primeiro momento abordar-se-ão as práticas e consumos de produtos e serviços com uma incidência mais superficial ao nível da pele e dos pêlos, como o uso de cremes, o recurso à manicura ou a prática da depilação. Num segundo momento incidir-se-á sobre os cuidados que visam uma alteração mais profunda ao nível da forma

corporal, como é o caso da prática desportiva ou dos regimes alimentares mais rigorosos. Por último, analisar-se-á o guarda-roupa, bem como os hábitos de consumo e gostos individuais associados.

5.2 A pele no centro das atenções: hidratar, limpar e rejuvenescer

A pele é uma das partes do corpo à qual os homens entrevistados dedicam mais atenção, através de cuidados na maior parte dos casos diários, que visam a sua hidratação, limpeza pormenorizada e profunda (produtos de hidratação, esfoliação, tónicos, máscaras), bem como o controlo dos odores (desodorizante para pés, axilas e perfume). O *processo civilizacional* traduz-se hoje em modelos altamente sofisticados de controlo da aparência, textura e odor da pele por parte de alguns homens (Elias, 2006 [1989]). A visibilidade da pele, em sociedades onde os corpos adquiriram uma maior exposição, confere-lhe um protagonismo extraordinário na projecção de si e promove, nesse sentido, os cuidados de que é alvo (Ferreira, 2011; Le Breton, 2006).

A aplicação do creme hidratante facial, em particular, revelou-se o cuidado mais comum e talvez o único que nunca foi enunciado pelos entrevistados como algo eminentemente feminino e interdito aos homens. O facto de este tipo de produtos ser hoje frequente na maior parte das grandes superfícies comerciais, bem como o facto de não ser imediatamente visível aos olhos de terceiros e não comprometer, portanto, uma imagem mais "natural", concorre para a definição da "normalidade" do seu consumo (Fortuna, 2000). Ainda assim, na altura de comprar ou escolher o produto, muitos dos entrevistados afiançaram ser uma mulher próxima (companheira, mãe, etc.) a pessoa responsável, como que tentando manifestar a sua ignorância na matéria, que contrastaria com a sabedoria e especialização feminina. Catarina Delaunay (2001) tinha já identificado esta tendência num estudo realizado sobre o consumo em geral, excluindo-se muitas vezes os homens de participar na escolha de determinados produtos mais associados ao domínio feminino.

Os discursos acerca dos cuidados com o corpo, neste sentido acerca da sua masculinidade, ensaiados por parte de alguns dos entrevistados, baseiam-se numa clara diferenciação entre o uso de produtos dermo-cosméticos e o conhecimento pericial acerca dos mesmos. O uso é admitido e justificado pelos entrevistados através do recurso a argumentos de ordem instrumental (saúde da pele) ou estética (juventude da pele). As práticas em si são entendidas como partes integrantes dos seus projectos identitários e

da construção de um corpo entendido como masculino. Já os saberes acerca dos produtos dermo-cosméticos são transferidos para o universo cognitivo feminino. Em alguns casos a assunção da ignorância poderá traduzir um real desconhecimento acerca desse universo. Mas coloca-se a hipótese desta ignorância cosmética reportada consistir numa estratégia de evitamento de colagem aos saberes tipicamente femininos e, portanto, uma reinvindicação, por omissão de conhecimento, de disposições tradicionalmente masculinas. Trata-se de homens que tendem a problematizar de forma menos crítica o carácter social e cultural dos géneros, sentindo mais desconforto no momento de reconher em si atributos que tradicionalmente são entendidos como femininos.

No entanto, muitos dos entrevistados fazem questão de escolher os seus produtos e vão muito além do uso do creme hidratante, recorrendo com bastante frequência a um lote de produtos destinados a outras zonas do corpo e com objectivos diversificados: retardar o envelhecimento, limpar a pele, tratar o acne, disfarçar as imperfeições, para mencionar alguns. Entre os mais comuns estão o uso de esfoliante facial e corporal e o perfume. Neste caso este conhecimento pericial é apresentado como uma mais-valia na medida em que os torna mais capazes de valorizar o seu capital físico (Shilling, 1991), reconhecendo nas mulheres competências que reclamam para si e que, no seu entender, são “a-genderizadas”

O perfume revelou-se o produto cuja escolha maior peso assume na afirmação da identidade, da individualidade, constituindo uma marca de personalidade, olfactivamente percetível ao outro, que muitos consideram importante manter estável. Por isso, a maior parte dos homens que usa perfume afirmou ter uma ou duas marcas de eleição, manifestando a sua longa relação e fidelidade às eleitas. À excepção de Mário, que tende a optar pelos perfumes de mulher, uma opção que ele enquadra nas suas estratégias de sedução, todos os outros optam por perfumes de homem. Já em relação aos restantes produtos e serviços (como a limpeza de pele, por exemplo) muitas vezes as escolhas recaem sobre os produtos femininos. Isso explica-se mais pela facilidade de acesso ou mesmo a inexistência de produtos idênticos numa versão para homem, do que por uma preferência pessoal.

Rodrigo e José estão entre aqueles que mais tempo e dinheiro despendem para cuidar da sua pele. Rodrigo usa um creme anti-rugas para o rosto, um outro específico para o contorno dos olhos, creme hidratante no resto do corpo, produtos esfoliantes e recorre a tratamentos de limpeza de rosto com alguma frequência. O uso de perfume faz

parte do seu dia-a-dia e ocasionalmente usa um batom que hidrata e dá brilho aos lábios. Por sua vez, José partilha da maior parte destes cuidados, acrescentando ainda o uso de base no rosto, para disfarçar as olheiras depois das noites menos bem dormidas.

Entre os hábitos destes dois homens encontram-se algumas das práticas mais referidas, pelos restantes entrevistados, como aquilo que se consideram ser preocupações tipicamente femininas e, portanto, estranhas aos homens. Os produtos que constam da lista daquilo que outros dos entrevistados indicaram como eminentemente femininos foram o batom e base para o rosto. Ora, ao contrário do creme hidratante, que se distingue pela imperceptibilidade, quer o batom, quer a base de cor, denunciam-se e denunciam quem os usa. Se o perfume ou os cremes hidratantes e afins não comprometem a masculinidade de quem os usa, o mesmo não se pode dizer da maquilhagem, um símbolo por excelência de feminilidade.

Nas palavras de Adão, por exemplo, que já experimentou usar base e cujos resultados considerou bastante satisfatórios, esta é uma prática que revela algum "exagero", que contraria a sua imagem masculina "natural". Refere que não tem paciência para realizar diariamente esta prática, paciência que só uma mulher pode ter para este tipo de cuidados com o corpo, defende. Também Abílio, que nunca experimentou este tipo de produto, apresenta vários argumentos para o justificar, que não a utilidade ou eficiência do produto. Confessa que nunca o fez porque, tal como Adão, enquanto homem não tem "paciência para isso", "já seria um abuso para si próprio", não é uma prática aceite na sua geração, apenas considerando aceitável por motivos profissionais. Ou seja, trata-se de uma prática que quando tomada de livre-vontade colocaria a sua masculinidade em causa, a menos que um motivo externo o justifica-se.

> *"[Nunca experimentou usar um corrector de olheiras?] Não, nesse aspecto por acaso não. É assim, não iria ter a mínima paciência para isso. Acho que já seria um abuso para mim próprio. Não faz parte da minha geração de atitude. Não ia beneficiar em nada, a não ser que tivesse um trabalho em que se usasse. Qualquer coisa em que tivesse contacto com o público. Mas isso seria sempre por motivos profissionais e nunca pessoais."*
>
> Abílio, 40 anos, casado, 1 filho, licenciatura, gestor de produtos bancários

É interessante observar as estratégias de alguns entrevistados para demonstrar como são normais os seus cuidados com a pele, ou como a intensidade das suas práticas e níveis de preocupação ficam aquém daquilo que deveriam fazer, daquilo que é típico das mulheres, ou daquilo que são considerados os cuidados exagerados. Com esse intuito,

alguns homens sublinharam o seu desleixe e falta de paciência para com este tipo de preocupações e rotinas, a tal "paciência infinita" que atribuem às mulheres. Veja-se a este propósito o discurso de Nuno que, apesar de todos os cuidados que devota à sua pele, considera que "deveria fazer muito mais", mas "não tem paciência".

> *"Tento usar esfoliantes. Tenho a pele sensível e são poucas as máscaras que não são agressivas para a minha pele. Principalmente o nariz. Por exemplo, aí também uso muito esfoliante. A minha pele é muito seca mas acumula muita gordura na zona T, que é esta zona toda. Tenho que usar um gel de limpeza daqueles de três fases. O esfoliante, o gel de limpeza e a seguir o creme hidratante. Uso também um anti-olheiras, mas não faço o principal que é dormir. Mas de resto, tenho muitos cuidados ao fazer a barba. Uma pessoa chega a uma altura que faz a barba de forma mecânica, para cima, com violência, o que faz mal à pele. Eu tento sempre para baixo, com a cara preparada, com água quentinha, os poros bem abertos, uma boa lâmina, lâmina nova… Devia fazer muito mais. Tenho a noção do que é que é preciso fazer, mas não faço tudo. Mas não me preocupo tanto, não tenho tempo, não tenho paciência, às vezes, para o fazer. Mas, por exemplo, aqui na zona do nariz, os pontos negros chega a um ponto que me faz confusão, então tenho que usar um esfoliante. Sei que tenho que o fazer, não faço tanto como devia, mas tenho a preocupação, que já é uma coisa muito boa."*
>
> Nuno, 32 anos, solteiro, sem namorada, 12º ano, técnico de informática

Como o quadro síntese torna evidente, a manicura e a pedicura são os serviços menos procurados por estes homens, o que não invalida que para alguns deles seja um cuidado essencial e bastante frequente. Esse é o caso de Miguel, que ganhou o hábito com o seu pai e hoje não dispensa esse serviço.

> *"Quando era miúdo, quando era adolescente, o meu pai foi-me ensinando a tirar as peles e a ter esses cuidados e a passar, no fundo, essa mensagem. (…) Por acaso agora vou de férias e tenho que ir tratar dos pés, para deixar os pés... [Antes de ir...] Antes de ir. Faz bem, vou andar imenso. Os pés têm que estar bem tratadinhos, hidratadinhos. (…) [Depois da manicura aplica o esmalte?] Não, esmalte não aplico. Sinceramente, aí é mesmo uma coisa que não gosto de... Quer dizer, a Sandra mete-me uma coisinha… O meu pai, por exemplo, quando mete o esmalte vem com a unha a brilhar e eu sinceramente não gosto da unha a brilhar!... Também meto uma coisa qualquer, um esmalte, tonificante, assim mais para o baço, portanto não há aquela sensação. Porque agora o verniz, esmalte, para proteger, não..."*
>
> Miguel, 40 anos, união de facto, 1 filho, licenciatura, director de empresa

Tal como Miguel justifica o recurso à pedicura como uma terapêutica para os seus pés, antes de uma viagem que implicará longas caminhadas, outros entrevistados justificaram este hábito através dos problemas derivados da sua prática desportiva, como o surgimento de calos. Entre os que vão à manicura, uma fonte de controvérsia é a

aplicação de esmalte para as unhas, ou, em linguagem corrente, de verniz. Foi frequente ouvir os entrevistados, como Miguel, referir que não gostam de usar esmalte nas unhas por causa do brilho e houve casos em que se imputou à manicura o facto de já se ter experimentado usar tal produto. Mais uma vez, tal como a maquilhagem para o rosto, o perigo de não apresentar uma imagem masculina "natural", ainda que produzida para o efeito, e/ou ser-se avaliado como feminino, torna-se eminente com o brilho que o esmalte dá às unhas.

Por sua vez, Nuno, que não recorre a este tipo de serviços, considera que recorrer aos serviços de manicura e pedicura é excessivo, distinguindo-se assim dos homens que têm "cuidados a mais". Por sua vez, os seus colegas de trabalho consideram o seu hábito de usar creme hidratante nas mãos "abichanado". Neste exemplo fica bastante claro como a tal fronteira que divide o que é, ou não, normal um homem fazer, muitas vezes se situa no limiar das próprias práticas, salvaguardando-se a posição de cada um do lado daquilo que é aceitável, que é normal. No entanto, ao mesmo tempo que Nuno se distancia de determinadas práticas, ele próprio denuncia a forma como os seus colegas o lembram que pôr creme nas mãos não é um comportamento próprio de um homem, mas sim de uma mulher ou então de um homem efeminado, senão mesmo homossexual. Veja-se a este respeito o discurso de Nuno.

> *"E manicura, pedicura faz? Não. Acho que isso já é ter cuidado a mais. Porque é assim, eu não preciso de ter as mãos impecáveis. Eu uso creme para as mãos regularmente, para a pele não ficar feia. Eu roo as unhas. Não se nota, mas eu roo as unhas. Vou roendo, mas já não tenho idade para dar cabo das mãos. Ficar com as mãos feias. Mas ponho creme nas mãos todos os dias. Alguns colegas do trabalho acham abichanado um homem pôr creme nas mãos. Eu ponho creme nas mãos e nos pés quando saio do banho, ponho creme no corpo, faz com que não precise muito de ir à manicura porque tenho as mãos em bom estado. Mas não entro em excessos, não."*
>
> Nuno, 32 anos, solteiro, sem namorada, 12º ano, técnico de informática

Tal como o recurso à manicura e à pedicura, também a frequência de serviços de massagens não são comuns entre os homens entrevistados. No entanto, no caso das massagens, para a maior parte dos entrevistados são os constrangimentos financeiros que justificam o facto de não recorrerem mais a este tipo de serviço e não qualquer tipo de julgamento valorativo em relação à prática em questão.

Quer entre os entrevistados que têm esse hábito, como entre aqueles que já experimentaram mas não o fazem de forma regular, a tendência é associar este tipo de

prática a uma ética do bem-estar pessoal. A excepção refere-se a César e Adão que têm uma visão mais utilitarista deste tipo de serviços, denunciando a relação mais instrumental com os seus corpos, característica das classes mais baixas (Bourdieu, 1977). César, não reconhecendo nenhum benefício visível para o corpo, opta por não investir aí o seu tempo e dinheiro. Adão vê nas massagens um fim mais terapêutico e, apesar de ter vontade de experimentar, considera que apenas numa idade mais avançada poderá vir a precisar de recorrer a este tipo de "tratamento".

Para Telmo, ao invés, o recurso às massagens prende-se com objectivos mais hedonistas, como a busca de prazer e bem-estar, não deixando de recomendar este serviço "a quem puder". Ao mesmo tempo que enaltece os benefícios quase espirituais das massagens, deixa assente que este tipo de consumo não está ao alcance de todos os homens e de todas as carteiras. Deste modo, Telmo pretende também afirmar a sua posição na hierarquia social, reforçar o seu estatuto de homem moderno e bem-sucedido, pela adesão a práticas distintas, porque "novas", e distintivas, porque não estão ao alcance de todos.

> *"Eu gosto de massagens. Já fiz várias massagens. Sou um adepto. Posso dizer que sou um adepto. Aconselho a qualquer pessoa. (…) Estou ali para me sentir bem comigo próprio. Não ligo muito ao exterior. Aconselho, quem possa, a fazer, porque é uma maneira de relaxarmos e de nos sentirmos bem connosco próprios. Ficamos muito mais calmos, mais descontraídos com o nosso corpo, acho que é muito bom. Acho que as pessoas que tenham essa possibilidade, aconselho absolutamente."*
>
> Telmo, 24 anos, solteiro, com namorada, 12º ano, agente imobiliário e modelo

Como se viu, a pele está no centro da atenção destes homens, uma vez que é alvo de cuidados diários, através da aplicação de produtos que visam a sua higienização, esfoliação, hidratação, rejuvenescimento e controlo do odor. Ainda que reivindiquem para si este tipo de cuidados, estes homens têm consciência de que estão a entrar em territórios tradicionalmente reservados às mulheres e muitos fazem-no de forma cautelosa. Justificam as suas práticas, minimizam discursivamente os seus investimentos e vincam os interditos que se impõe aos cuidados que os homens devem/podem ter com o seu corpo. O uso do batom, da base com cor e do esmalte das unhas foram apontados, por muitos, como hábitos eminentemente femininos e, por isso, incompatíveis com noções mais hegemónicas de masculinidade, às quais fazem corresponder um corpo revestido por uma pele visivelmente limpa e jovem, ou seja, um corpo "natural".

5.3 Cruzada contra os pêlos

O tamanho, penteado e cor do cabelo, bem como o cabeleireiro frequentado, constituem importantes elementos das estratégias de diferenciação social, quer em termos de género, quer em termos de classe social. O cabelo pode igualmente ser equacionado em termos da aderência ou reacção ao controlo social, sendo que em muitos contextos culturais, no caso dos homens, cabelos compridos são tidos como símbolos de "liberdade" e cabelos curtos como símbolos de "regulação, obediência, e disciplina religiosa ou conformidade cultural" (Biddle-Perry e Cheang, 2008: 3). Por isso, o que se faz com o cabelo ao longo do percurso de vida não é deixado ao acaso, o seu aspecto possuiu significado social.

No caso particular dos entrevistados deste estudo, o cabelo é, regra geral, alvo de uma série de cuidados no que diz respeito ao tipo de produtos nele usados, corte e escolha do cabeleireiro. Em relação aos produtos capilares, o leque é muito variado e a intensidade dos consumos também. Entre eles encontram-se o champô e amaciador, bem como os produtos para hidratar e tratar a queda do cabelo, o gel e a cera para modelar o penteado e mesmo o protector solar específico para cabelos. No que diz respeito à intensidade e hábitos de consumo, destacam-se, de um lado, os homens que usam apenas o champô e deixam a sua escolha a cargo da mulher com quem vivem (esposa, mãe, etc.) e, do outro lado, os entrevistados que se mantêm actualizados quanto às novidades do mercado em termos dos cuidados capilares, compram os seus produtos em lojas especializadas ou farmácias e fazem questão de os escolher pessoalmente.

Em relação ao corte/penteado e apesar de alguns destes homens já terem experimentado vários comprimentos durante, sobretudo, a adolescência, actualmente a maior parte opta pelo corte curto, pois como ficou implícito nos discursos de muitos destes homens, crescer, tornar-se um homem adulto, implica cortar o cabelo. Isso é sobretudo verdade para quem se move em meios sociais mais conservadores, onde a diferença não é positivamente avaliada como marca de individualidade, mas antes como indicador de "anormalidade". No passado ficam a permanente de Adão, as tranças de Serafim, a crista proeminente de Mário e o cabelo comprido de Telmo e Joaquim. César e os seus cabelos dourados, que ainda hoje mantem compridos, constitui excepção.

Durante a adolescência César vibrava com os movimentos de contra-cultura que emergiram na década de 60 do século XX, na Europa e nos EUA (Synnott, 1993), e cujos ecos se sentiram também Portugal. Uma das marcas de distinção desses movimentos

eram os cabelos longos. No entanto, vários eram os estigmas que se associam/associavam aos homens que assim decidiam usar o cabelo. Isto porque o modelo estético dominante, tal como Anthony Synnott (1993) o sintetiza, se traduz num esquema de oposições entre os géneros: mulheres com cabelos compridos, homens com cabelos curtos. Como o autor não deixa de argumentar, este modelo dominante ao invés de incorporado é, por vezes, alvo de contestação a partir de práticas individuais de *excorporação*, que se traduzem em formas de dar a ver o corpo que desafiam as regras. César e os seus cabelos longos não cabem nesta estética dominante e revelam, exactamente, uma vontade de contestar aquilo que é sentido como uma imposição social. Ele reage exercendo a sua liberdade para usar os cabelos longos e sofre as consequências. Para o seu pai, um homem de uma geração e contexto de origem diferentes, os cabelos compridos do filho pareciam denunciar que algo de "anormal" se passava com ele, o que lhe causava bastante embaraço social.

> *"Sempre lutei por ter o cabelo comprido. Tive grandes problemas com o meu pai. Há bastantes anos atrás ainda estive para aí três meses fora de casa. O meu pai disse-me, 'ou cortas o cabelo ou sais de casa'. E eu saí. Preferi! Mas depois eles acolheram-me. Viram que não havia nada a fazer. (…) O problema que eu tinha era ter os cabelos compridos. Porque entre as pessoas com quem eles se davam ninguém tinha um filho com cabelos compridos. Isto há uns anos atrás era anormal. [Mas que tipo de coisas o seu pai lhe dizia?] 'Isso não é roupa de homem. Esses cabelos compridos… nem sei o que é que pareces. Os meus amigos fartam-se de falar. Porque é que tu és assim?' (…) [Às tantas o seu pai devia achar que era gay, ou assim…] Sim, sim. Exacto! Que era tudo! Basta ser um pouco diferente para por logo um logótipo na pessoa. Mas às vezes enganam muito. (…) [Tem um cabeleireiro que gosta de ir, vai experimentando?] Vou experimentando. Mas por acaso agora acertei numa cabeleireira que me corta o cabelo como eu quero. (…) Mas andei muitas vezes de um lado para o outro. Eu dizia uma coisa, eles faziam outra. Outras vezes saia de lá com um cabelo que parecia uma mulher autêntica. Todo enrolado. Impressionante! Depois chegava a casa e tinha que alisar o cabelo."*
>
> César, 46 anos, casado (formalmente), 1 filho, bacharelato, técnico de farmácia

Como o discurso de César deixa transparecer, a escolha do cabeleireiro pode constituir um verdadeiro desafio, especialmente se este for comprido, desabafa. Muitos dos cabeleireiros que César frequenta estão mais habituados a cortar e pentear os cabelos das mulheres e aplicam nele as mesmas técnicas. Ora, apesar de o comprimento do cabelo de César ser longo como é mais comum entre as clientes mulheres, uma linha subtil em termos de penteado estabelece os limites que ele procura não ultrapassar. Comprido sim, mas enrolado para dentro não. Portanto, mais do que aderir a um *look*

feminino, os cabelos longos de César sempre quiseram afirmar a sua rebeldia face à corporeidade modal, o seu posicionamento crítico e de alguma forma contestatório face aos valores e normas sociais (Synnott, 1993). O cuidado em não usar o cabelo enrolado para dentro, como uma mulher, demonstra, no entanto, a sua preocupação em ser mal interpretado, dada a ambivalência com que a linguagem corporal muitas vezes se reveste (Ferreira, 2013).

Mesmo para quem não usa o cabelo comprido, a escolha do cabeleiro aparece, associada a alguma preocupação social. Alguns optam pelos cabeleiros mais conceituados e caros do mercado, cujo serviço de corte de cabelo, não raro, inclui massagens à cabeça e oferta de chá/café. Nestes casos, a ida ao cabeleireiro extrapola o próprio acto do corte de cabelo para se tornar numa experiência de relaxamento, proporcionadora de bem-estar e prazer. Do lado oposto, encontramos os entrevistados que optam pelo barbeiro mais tradicional ou, para quem usa o cabelo rapado, os que o fazem em casa com uma máquina própria. A escolha do barbeiro tradicional, por oposição ao cabeleireiro mais moderno, é igualmente significativa a nível identitário, constituindo o barbeiro tradicional um reduto de masculinidade a que apenas os homens têm acesso, pois ao contrário dos cabeleireiros mais modernos, são espaços destinados apenas aos homens, onde os serviços disponíveis se centram apenas no cabelo curto e na barba.

Seja no barbeiro, seja no cabeleireiro mais moderno, é frequente o corte de cabelo ser acompanhado pelo aparar das sobrancelhas. Muitos dos que gostam de aparar ou depilar as sobrancelhas preferem, no entanto, fazê-lo em casa, salvaguardando a sua intimidade do olhar de terceiros. Esta tendência é válida, como se verá, para grande parte dos hábitos de depilação, em muitos casos devido à falta de oferta de espaços destinados ao público masculino ou unissexo. Os espaços disponíveis tendem a espelhar a clientela que mais os frequentam, constituindo um espaço feminino, onde um homem facilmente se sente estranho e constrangido. A alternativa mais comum é, portanto, fazê-lo em casa, regra geral sozinho, ou com a ajuda da companheira ou esposa. No caso de Filipe, ainda que reconheça que não seria impeditivo recorrer a uma esteticista apenas porque é maioritariamente frequentada por mulheres, este tem optado por depilar-se em casa, mas recorrendo para isso a um serviço de depilação ao domicílio, “mais discreto”, argumenta.

"Faço a depilação para a praia. Mas sim, não é nada de excessivo. Não é nada de… Depende um bocadinho das alturas também. Agora antes de ir para a praia fiz. Para aí há dois anos faço foto-depilação nas costas. Isso é uma coisa que gosto de fazer.(…) O ano passado descobri uma pessoa que ia a casa fazer e eu pensei, 'é mais discreto'. E era uma pessoa muito cuidadosa. (…) O ano passado experimentei fazer costas, peito e braços. Mas o peito foi só para experimentar. (…) As costas é porque gosto mesmo de costas sem pêlos. Quando vivia com essa namorada, ela é que me depilava com cera. [Incomoda-o que esse tipo de centros de estética sejam mais voltados para um publico feminino?] É assim, tanto faz, mas na verdade era mais confortável se houvesse uma coisa dessas só para homens. Aliás, eu próprio já pensei que seria um negócio a explorar. Fazer uma coisa dessas mais viradas para os homens."

Filipe, 37 anos, solteiro, sem namorada, licenciatura, realizador de cinema

Também a regularidade com que se faz a barba e o seu comprimento possuem valor simbólico. Uma barba aparada pode ser entendida como símbolo de adultez, de determinado estatuto ou classe social ou, pelo contrário, quando se opta por deixá-la crescer, de reacção face à estética modal, às normas sociais (Synnott, 1993; Peterkin, 2008). Associado ao exercício de determinada profissão, como as forças de segurança pública, podem identificar-se, inclusive, várias regras formais que regulam o tamanho da barba (Peterkin, 2008).

A este respeito foram identificadas diferentes práticas e sentidos igualmente distintos. Adão e Filipe são disso exemplo. Se o primeiro investe numa imagem distintiva em termos de classe social, procurando projectar, com a sua barba exemplarmente aparada, o seu empenho profissional no negócio familiar, já o segundo nega-se a manter a sua curta, depois de anos a cortá-la em prol da boa imagem da sua família de origem. Uma família de classe média alta, próspera e bem-parecida. Ao "parecer-bem" de Adão, que se enquadra numa trajectória social ascendente graças ao empreendedorismo de sua mãe, contrapõe-se a expressão da individualidade de Filipe. Hoje, realizador de cinema, Filipe move-se por espaços onde se cultivam valores de contra-cultura, se valoriza o alternativo, se questiona a norma e se valoriza o individualismo.

"Eu sempre tive muitos pêlos. Depois tive uma educação que me complexou um bocadinho pelo facto de ter pêlos. Por exemplo, quando comecei a ter bigode, a minha mãe depilava-me o bigode. Que nojo, nos adolescentes era feio. Durante muitos anos não gostava de me ver com a barba por fazer. E eu deixava-me influenciar um bocadinho por isso. Até certa altura eu até fazia a barba para ir ter com os meus pais. Que é uma parvoíce do caraças, mas cheguei a fazê-lo. (risos) Hoje em dia gosto de ter a barba por fazer."

Filipe, 37 anos, solteiro, sem namorada, licenciatura, realizador de cinema

A depilação é uma das práticas mais comuns entre os homens entrevistados, especialmente a zona púbica, o que vem desafiar o esquema tradicional de oposições apresentado por Anthony Synnott (1993). Segundo este autor, homens e mulheres distinguem-se tipicamente quanto à forma como lidam com os seus pêlos, uma vez que o fazem de forma oposta. O sentido da oposição varia conforme o tipo de pêlos de que se está a falar. Quanto aos cabelos as mulheres tipicamente mantêm-nos longos e os homens curtos curtos. Quanto aos pêlos do corpo o sistema de oposições inverte-se, esforçando-se as mulheres por eliminar os pêlos e os homens por os manter intactos (Synnott, 1993).

A higiene íntima, nalguns casos, e as vantagens em termos de prática de sexo oral foram as principais justificações para a depilação da zona que envolve os genitais. Se, como foi referido, a maior parte dos entrevistados têm o hábito de se depilar em casa, não recorrendo para isso a serviços externos, em relação a esta parte em particular do corpo não há excepções. Todos os entrevistados depilam a zona púbica em casa, sozinhos ou com a ajuda da companheira e fazendo uso de técnicas diversas como a gilete, a máquina de barbear ou com creme depilatório. A cera, apesar de comum, fica reservada a outras zonas do corpo. Serafim depila a zona púbica e as axilas há alguns anos, tendo começado por curiosidade ao ver a irmã fazê-lo. Hoje a depilação dos genitais constitui um momento de partilha de intimidade entre ele e a sua companheira, de fusão simbólica dos corpos, no âmbito de uma relação que se distingue pelos baixos níveis de autonomia individual e centramento no casal.

> *"Se eu tivesse condições (…) para não estar sempre a fazer estas depilações, tirava tudo. Inclusive, já estive a ver os orçamentos para fazer isso. (…) Até foi por causa da minha mulher, que ela também reclama muito disso. [Reclama porquê?] Porque há certos sítios que ela não chega e que sou eu a fazer. Eu ajudo-a a ela e ela ajuda-me a mim, é engraçado. [Na parte de baixo fazes tudo? Tiras tudo até ao rabo?] Tudo. Só no rabo é que faz ela. Ela ajuda-me. [Pois, porque tu não consegues.] Não, não consigo. [Se bem que com o creme é mais fácil.] Sim, mas mesmo assim não consigo, ela tem de me ajudar. Quando é para ela sou eu a ajudar. É um momento daqueles enormes (risos). [De rir.] Não é de rir, é mais de, como se diz…é mais um momento nosso. Pouca gente faz isso, ou quase ninguém faz isso."*
>
> Serafim, 23 anos, união de facto, 2 filhos, 12º ano, medidor

Para além deste, outros casos há em que são as namoradas ou esposas a incentivá-los directamente, e sobretudo entre os mais jovens não é raro serem elas a depilá-los. Tomás e Duarte são disso exemplo. A mudança de atitude em relação aos pêlos corporais, no

caso de Duarte, foi provocada pelo início do namoro e adveio das exigências da namorada. Apesar de decidir atender ao pedido da namorada, Duarte ainda hoje demonstra algum desconforto em relação à depilação masculina, permanecendo numa *situação de crise* face aos velhos *hábitos* (Shilling, 2008), uma vez que ainda não se sente confortável com a pele despida de pêlos. Para contornar o desconforto sentido ao se apresentar desta forma, um homem que se depila, Duarte reveste o acto da depilação com cera e a sua resistência à dor como uma demonstração de masculinidade.

> *"[E em relação aos pêlos do corpo, depilas alguma coisa?] Confesso que este Verão e noutro já... Tirei aqui nas costas. [Com cera?] Sim. [A tua namorada mais uma vez aqui a...] Sim. 'Porque é que não tiras aí?' E reconheço que não ficava... [Foi ela que tirou das duas vezes?] Não, da última vez não, foi a minha irmã. [Então doeu?] Dói um bocado, não é? Mas aguentei como um homem. (risos) [O resto não depilas porquê?] Não tenho assim tantos pêlos. Tenho aqui alguns, mas nada de relevante. E não acho piada a tirar os pêlos, sinceramente não acho. [Nas sobrancelhas tiras alguma coisa…] Sim. Mas isso foi por iniciativa dela [namorada], que eu não queria. Digamos que eu dantes tinha uma só sobrancelha e agora tenho duas, mas foi por iniciativa dela. Não me apanhou a dormir, mas 'é pá, e se...'. E eu como deixo fazer tudo..."*
>
> Duarte, 31 anos, solteiro, com namorada, licenciatura, assessor de vereador

O discurso de Tomás dá conta do processo de familiarização e adesão a um determinado comportamento que inicialmente se considerava inapropriado, como fica implícito nas reticências que usou para qualificar os colegas da faculdade, quando descobriu que estes se depilavam. Os *hábitos* de produção corporal de Tomás entram, portanto, em *crise* quando este "descobre" que os homens se depilam (Shilling, 2008). A partir da nova informação ele actualiza os seus modos de produção corporal, chamando para si técnicas que desconhecia e ajustando-se a uma estética masculina que se afasta da tradicional. Quer em relação a Tomás, quer em relação a Duarte, a incorporação da masculinidade passa a ser feita de forma mais reflexiva, convocando-se o conceito de *excorporação* para dar conta da nova realidade (Ferreira, 2013).

"[Como é que tiveste ideia de começar?] Epá... (muitos risos) [Foi ela que te deu a ideia?] Não, não foi ela que me deu a ideia. Fui eu que me dei a ideia a mim próprio. Não sei…aquela coisa. Vai tudo bater ao mesmo. Gostarmos de estar no nosso melhor para quem gosta de nós. [Mas onde é que começaste a ver homens com o corpo depilado?] Os meus colegas aqui na faculdade é uma cambada de… 'Vou depilar-me aqui, vou-me depilar ali'. Já todos namoravam. Não sei se vinha daí ou não. E eu pronto comecei. Eu nem sabia, nem fazia ideia que os homens se depilavam. Quando eu vi a primeira vez estava numa aula com um amigo meu e olho-lhe para os braços: 'então? Tu és calvo ou quê?'. E ele: 'não, eu depilo-me'. E eu: 'depilaste!? Mas o que é isto?'. E depois isso escalou. (…) Pronto sinto-me melhor também. Lá está, é tentar minimizar o choque de quem vê. [Achas que é mais bonito sem pêlos?] Acho que sim. Pelo menos é mais higiénico. Muito mais higiénico."

Tomás, 24 anos, solteiro, com namorada, licenciatura, informático

Para justificar o facto de depilar o corpo, Tomás invoca dois motivos principais: higiene corporal e não "chocar" a namorada durante os momentos de intimidade que com ela partilha. Também Duarte fala da submissão aos padrões estéticos da namorada. Estas duas preocupações constituem índicos de dois movimentos distintos. Por um lado, as preocupações de âmbito estético são indicativas da emergência do corpo masculino na sua dimensão erótica e sedutora, abandonando os homens o papel de meros espectadores para assumir activamente o papel de provocar o desejo do sexo oposto. Neste caso a mulher assume-se como importante agente de mudança, estimulando de forma muitas vezes directa e intensa alterações significantes e, nalguns casos, fracturantes, com os velhos hábitos masculinos. Por outro lado, as preocupações higienistas fazem alusão ao processo civilizacional identificado por Norbet Elias (2006 [1989]). A forma como Tomás se auto-regula é indicativa de como as políticas higienistas que marcaram o início do século XX foram sendo lentamente interiorizadas pelos indivíduos (Foucault, 1999), para se tornarem responsabilidade de cada um e marca de individualidade (Ferreira, 2011).

Tal como Tomás e Duarte, alguns destes homens depilam várias zonas do corpo, com destaque para o peito, as costas e as pernas. Alguns dos entrevistados destacam-se por depilar a quase totalidade da área do corpo, prática mais comum entre aqueles que investem muito tempo no ginásio. Como foi referido atrás, neste caso a depilação serve sobretudo o propósito higiénico de não favorecer a transpiração durante a prática desportiva mas, principalmente, deixar a nu todo o trabalho de ginásio que é feito, evidenciando os contornos dos músculos conseguidos a custo. Para além das companheiras ou colegas de faculdade, também os amigos do ginásio, os halterofilistas ou os modelos dos desfiles de moda foram indicados como referência na altura de aderir

à prática da depilação. Os desportistas de alta competição foram usados para sublinhar a normalidade da prática e eliminar a associação entre depilação e feminilidade.

Dada a visibilidade dos resultados da depilação de algumas partes do corpo, bem como a tradicional associação entre este tipo de produção corporal e a estética feminina, esta é, segundo os testemunhos dos entrevistados, uma das práticas que mais reacções provoca no seio dos grupos de interacção, sobretudo entre os homens mais velhos. Ora, se nas últimas décadas alguns homens têm aderido à depilação de determinadas zonas do corpo, para outros esta prática continua a ser encarada como um sinal de feminilidade ou indicativa de uma orientação sexual homossexual.

José, que hoje depila grande parte do seu corpo, é o primeiro a afirmar que ele próprio, antes de aderir a esta prática, possuía uma série de preconceitos em relação aos homens que o faziam, julgava que eram "paneleiros", reconhece. Actualmente, de forma reflexiva, vem falar da diferença cultural que o separa do seu pai, o qual não consegue compreender as novas técnicas de produção corporal do filho. Efectivamente, para estes dois homens, pai e filho, os referenciais de beleza masculina divergem substancialmente neste ponto. O primeiro não consegue desassociar a prática da depilação do universo feminino e da homossexualidade. O segundo justifica a adesão a esta nova imagem através de uma panóplia de diferentes motivos, quer de higiene, quer estéticos, dando literalmente forma a uma ideia de homem moderno mais atento aos contornos do seu corpo e textura da sua pele.

> *"Os pêlos do peito tiro há três anos, mas tiro eu. Nunca fui a nenhuma esteticista. Tiro com uma máquina de cabelo. (…) Gosto da sensação de não ter os pêlos, sinto-me bem. Gosto mesmo de não os ter e este ano experimentei fazer nas pernas e bem… Fiquei maluco. Adorei passar as mãos nas pernas e não sentir os pêlos nas pernas. (…) É mais complicado os pais perceberem isto. Aqui começa a haver alguns choques de cultura. (…) Ora bem, a primeira pessoa que me falou nisso foi um primo meu, que tirou para aí há cinco anos atrás. O meu pai tem uma casa onde temos uma pequena piscina e ele apareceu-me lá. E eu: 'olha-me para este paneleiro, tira os pêlos do peito'. E ele: 'epá, espectacular, tu um dia que tires vais gostar'. (…) E calhou. Não te sei precisar, mas acredito que foi em conversa de ginásio. Um colega perguntou-me se eu já tinha tirado, disse 'tira que te vais sentir bem'. E foi exactamente assim. (…) [E em relação às sobrancelhas?] Ai ainda não. Ainda não mais por causa da Gabriela, porque ela diz-me que no dia que eu tirar vou ter uma carga de trabalhos."*
>
> José, 37 anos, casado, 1 filho, 12º ano, técnico de informática

Entre aqueles que não se depilam, ou depilam apenas pequenas partes do corpo, foram feitas algumas referências em relação aos homens que o fazem. Como tem vindo a ser

referido, a fronteira entre aquilo que se considera normal desenha-se a partir das práticas de cada um e aqui não há excepção. Vejamos a este propósito como Nuno, que elimina selectivamente vários pêlos do seu corpo, considera que "não faz sentido" e "um bocado duvidoso" o facto de os homens depilarem os pêlos do peito. Escapam a essa catalogação a depilação das sobrancelhas, das axilas, mamilos e umbigo, ou seja, exactamente aquilo que Nuno faz. Não deixa, aliás, de ser curioso que o tipo de depilação que o entrevistado critica de forma mais directa (a depilação do peito) seja uma prática que ele não necessita de fazer, dado que não tem pêlos no peito.

> *"Acho que os homens que rapam o peito é um bocado duvidoso. (…) É uma decisão, mas não faz muito sentido. Mas cuidados como depilar sobrancelhas ou um homem tirar os pêlos que há no meio das duas, que eu faço de vez em quando, acho que é natural. Porque estou a cuidar da minha imagem. Não gosto e tiro. A questão é que eu não tenho pêlos no peito. Tenho pêlos na zona dos mamilos e então tiro com uma pinça. Fica feio não ter pêlos no peito e depois ter aqui um tufinho de pêlos. Não gosto. E tenho uns pelozinhos na zona do umbigo, mas regra geral aparo-os. Quando acho que eles estão grandes demais aparo-os com a máquina. A maior preocupação do homem são os pêlos. Pêlos nos sovacos, rapados. Não acho que fique bonito quando crescem e acho desconfortável. Não os tiro, mas corto-os eu em casa com máquina. (…) Com a idade os pêlos começam a ficar mais rebeldes e vai começando a chatear mais. Eu sempre achei nojento pêlos nos sovacos, sempre me fez confusão ter grandes tufos…"*
>
> Nuno, 32 anos, solteiro, sem namorada, 12º ano, técnico de informática

Para além de limpa, hidratada e sem rugas, a pele exibe-se na maior parte dos casos sem pêlos. Sobretudo entre os entrevistados mais jovens ou aqueles que ostentam músculos híper-desenvolvidos. Quanto ao cabelo, este quer-se, regra geral, curto e domado. A barba, por sua vez, é para aparar regularmente. A estética de referência implica, portanto, um investimento rotineiro no corpo e remete para estética que se aproxima da feminina, excepto em relação ao cabelo. Os entrevistados que optam por usar o cabelo comprido ou a barba por aparar, fazem-no *excorporando* uma imagem que pretende reivindicar o poder sobre o próprio corpo, contestar a corporeidade modal e as pressões sociais para a conformida à norma.

5.4 Prática desportiva: ter ou não ter músculo, eis a questão

O campo desportivo constitui um espaço, por excelência, de produção das masculinidades (Marivoet, 2002; Duret e Roussel, 2005; Silva, 2008; Le Breton, 2008 [1990]). Como se pôde constatar, entre o grupo de entrevistados, independentemente da geração ou classe social, o desporto esteve e, nalguns casos, ainda está, presente nas suas vidas de forma intensa, representando um importante espaço de socialização e satisfação pessoal.

A prática desportiva fez parte da juventude de praticamente todos os entrevistados, sendo o leque de actividades já experimentadas muito variado. O desporto mais comum era o futebol, tendo alguns dos entrevistados entrado em competições nacionais ou mantido vínculos mais formais com grupos desportivos. Apesar de ser mais comum entre aqueles que têm origens sociais menos favorecida, é difícil encontrar entre o grupo de entrevistados alguém que nunca tenha jogado futebol de forma mais ou menos regular durante algum período da sua vida. Em muitos dos casos essa prática desportiva mantem-se até hoje como uma actividade relativamente regular. Menos comum, mas igualmente importante, foi o investimento de outros entrevistados na natação, na ginástica rítmica ou na dança. Quer a ginástica rítmica, quer a dança foram abandonadas de forma definitiva por quem as praticava e, na actualidade, já não surgem entre as práticas desportivas e actividades físicas destes homens. Hoje, Rodrigo e César lamentam o facto de terem abandonado a dança, especialmente o segundo, que hoje vê alguns amigos da altura fazer carreira profissional na área. Porventura, o facto de estas actividades físicas pertencerem ao leque daquelas que mais se associam à feminilidade tenha concorrido para o seu abandono (Duret e Roussel, 2005).

Não raro, a prática do exercício físico foi interrompida algures no início da vida activa ou da vida em casal. Nesses casos foi o ganho acentuado de peso que fez despertar alguns dos entrevistados para a necessidade de retomar a actividade física, noutros casos, como o de Rodrigo, foi a rutpura conjugal que funcionou como a alavanca necessária.

Rodrigo passou por fases da vida muito diferentes do ponto de vista da forma como se relacionava com o seu corpo. Se na adolescência a prática desportiva, nomeadamente a dança e o futebol, faziam parte do seu dia-a-dia, o casamento e início da vida activa trouxeram um sedentarismo que lhe custou 20 quilos adicionais. Para além do sedentarismo e excessos alimentares, Rodrigo vivia sob uma ética do anti-desporto.

Gastar tempo em ginásios ou corridas era encarado como uma futilidade que não deveria ocupar o tempo dos homens adultos, dedicados às responsabilidades profissionais. O ponto de viragem deu-se com o divórcio e consequente perda de peso. Hoje Rodrigo é um dos entrevistados que mais actividade física faz, para além de toda uma série de investimentos que caracterizam o modo como produz o seu corpo e imagem. Refira-se o uso diário de produtos dermo-cosméticos, o recurso a massagens, a manicura e pedicura, o elevado investimento financeiro em roupa, entre outras coisas. Como Rodrigo confessa, não há muito tempo ele associava todos estes consumos e práticas aos homens homossexuais.

> *"Havia uma coisa que eu adorava especialmente e nesse meio então iria ser muito complicado que era a dança. Cheguei a entrar em concursos de dança, música, pronto quando foi aquela mania do breack dance e depois o funk, o hip hop. (…) Sempre gostei muito de desporto mas com maior frequência o futebol com os amigos. Adorava jogar à bola e depois era o basquete, também fazíamos muito. (…) [Quando estava casado] eu tinha mais 20 quilos do que tenho hoje. Uma vez que me pesei tinha 82,5 quilos, o que para a minha altura era um bocado. Tinha uma barriga grande. Era gordo, digamos assim. Isso para a Carla era complicadíssimo. (…) Comia o que havia de comer, sentava-me, pumba. Está a ver? Isto não há milagres, não é? E sem fazer nada, actividade física. Gozava e tal 'Este gajo vai correr? Este gajo é parvo! Este gajo é maluco! Doido!' [Mas associava a ida ao ginásio a quê?] Frescura. (…) [Depois do divórcio] emagreci, em dois meses, 16 quilos. Primeiro foi do esgotamento. Perdi completamente a vontade de comer, perdi o apetite. Depois quando voltei à praia nesse ano não imagina a alegria que eu tive em estar na praia e olhar para a minha sombra reflectida na areia, parecia um miúdo, comecei aos pulos e aos saltos. (…) [Actualmente] o único tempo que eu tenho para mim do dia é para fazer desporto. Por exemplo, se estou 3 dias, 4 dias sem ir ao ginásio ou sem correr, começo a ficar irrascível, stressado, começo a tratar mal as pessoas e a reagir de forma que não costumo reagir."*
>
> Rodrigo, 39 anos, divorciado, licenciatura, advogado

Para além do futebol, que desde a adolescência ocupa um lugar de destaque entre as actividades preferidas dos entrevistados, também o *jogging* e a frequência do ginásio são agora comuns. Em muitos dos casos, estes homens combinam duas actividades. O futebol é com frequência jogado entre amigos, já o *jogging* e as idas ao ginásio fazem-se individualmente. Entre as actividades físicas menos comuns destaca-se a prática do *skate*, o surf, o *yoga* e as aulas de grupo como o *step*. Se as primeiras se associam à radicalidade da juventude, já as segundas são actividades tradicionalmente associadas ao universo feminino. No caso do *yoga* isso justifica-se pela delicadeza dos movimentos e vertente espiritual muitas vezes envolvida na prática dessa actividade. No caso do *step,* é por causa da componente rítmica e tipo de música que, regra geral, acompanha este tipo

de exercício de grupo.

Independentemente do tipo de actividade física e dos objectivos instrumentais, como emagrecer ou ganhar músculo, para grande parte destes homens a prática de desporto é equacionado como tempo de lazer, como algo que contribui para o seu bem-estar. Aliás, a componente lúdica da prática desportiva é tão expressiva que muitos dos entrevistados, quando questionados sobre os seus tempos de lazer, foram incluindo aí a sua actividade física, equacionando-a como terapia anti-stresse ou momento para o alívio de tensão.

A frequência do ginásio merece um destaque especial, pois ao contrário do futebol ou do *jogging*, que sempre foram uma constante na vida da maior parte destes homens, aquela surge, regra geral, associada ao fim da adolescência e passagem para a vida adulta, bem como a um objectivo muito específico: ganhar peso e volume, num corpo que se considera magro, pouco volumoso e insuficientemente tonificado. Foi por isso que César, Adão, Joaquim e Filipe decidiram começar a frequentar o ginásio.

Esse é o caso de Adão que, apesar da continuada prática desportiva, não estava a conseguir alcançar os objectivos estéticos desejados. A natação que praticou em criança e o futebol que sempre o acompanhou não foram suficientes para cumprir o desejo de ganhar peso e volume, de modo a se aproximar daquilo que idealiza como um corpo masculino perfeito. Esse ideal estava mais próximo do corpo híper-musculado do irmão mais velho, do que do seu corpo magro e franzino. A vontade de ficar "maior" foi aumentando com o passar dos anos e por volta dos 17 decidiu começar a frequentar o ginásio. Já não era uma criança e, se queria ficar mais musculado, tinha que tomar o seu corpo pelas rédeas, moldando-o em função da sua vontade.

> *" [Há quanto tempo costumas ir ao ginásio?] A primeira vez que fui tinha 17 anos. [O que é que procuras no ginásio?] Tu mesmo que vás treinar todos os dias, tu não vais ficar enorme. Eu se ficar enorme é só com bombas. Tipo… Eu chego a um ponto que o meu corpo já não passa dali. [Já pensaste em tomar coisas?] Claro que já pensei. Com 17 anos eu pesava 69 kg e hoje peso 80 e tal. Estou com 83 kg. Mas imagina, eu com esta altura, a pesar 68 kg. Pensas nisso. Queres crescer. [Gostavas de ter mais músculos?] Claro que curtia ter se calhar… Não curtia ser muito maior, mas curtia estar mais seco, mais definido. Se calhar se fosse mais baixo tentava ser mais encorpado. Tenho um amigo que tenta ser bué grande, porque é bué baixo (…) Às vezes também vou correr. Vou correr porquê? Quando vamos jogar à bola, ninguém gosta de passar mal a jogar à bola. Gostas de ter força. Mesmo sendo um jogo a brincar, ninguém gosta de perder. Gostas de ter força, gostas de correr. (…) Prefiro jogar à bola do que ir ao ginásio. Mil vezes. É outra coisa. Não tem nada a ver. Tu estás no ginásio, estás sozinho a ouvir música no* mp3*. Jogar à bola é diferente."*
>
> Adão, 22 anos, solteiro, sem namorada, 9º ano, empregado papelaria

Esta vontade de ganhar peso e volume é comum a outros entrevistados que, mesmo não gostando especialmente de frequentar o ginásio, começaram a fazê-lo. A estética de referência remete para um corpo masculino que não pode ser muito magro. Deve, ao contrário, ser musculado e tonificado. No geral, tal como aconteceu com Adão, a modificação da fisionomia é conseguida com êxito, o que remete para a ideia de que as diferenças morfológicas entre homens e mulheres para além das naturais, são construídas à custa de um trabalho intenso e persistente por parte de ambos (Bourdieu, 1999; Connell, 2002), com objectivos específicos e dintintos, senão mesmo opostos.

Entre os entrevistados que frequentam o ginásio, alguns destacam-se pela profundidade do alcance da modificação corporal, o que é fruto de uma prática diária, ou quase diária da musculação, bem como uma ética de disciplina que se estende a outros domínios como a alimentação ou a gestão do sono. Para estes entrevistados a musculação é uma "bíblia", ocupando as idas ao ginásio grande centralidade na organização do seu dia-a-dia. Muitos iniciaram-se na musculação na companhia de um amigo e mês após mês foram intensificando a frequência das idas ao ginásio, superando-se sucessivamente em termos dos pesos que conseguiam levantar, o que é hoje bem visível na fisionomia dos seus corpos. Para além do desejo de alcançar aquilo que consideram um *corpo de sonho* (Ferreira, 2011b), a superação pessoal e a adrenalina envolvida são ingredientes decisivos para uma actividade tão intensiva. Um dos entrevistados, Manuel, chegou mesmo a entrar em competições de halterofilia, o que recorda com orgulho. Hoje está afastado dos ginásios por motivos de saúde.

Entre o grupo de entrevistados, José destaca-se pela intensidade da prática, uma vez que realiza treinos bi-diários. Ainda que os resultados do seu investimento corporal sejam bem visíveis a olho nu, tal como o próprio desabafa, é-lhe difícil ter noção do crescimento, mês após mês, da massa muscular e consequentemente nunca se dá por satisfeito com o grau de hipertrofia alcançado. José usa, inclusive, uma estratégia para conseguir perceber a evolução da massa muscular. Por várias vezes ficou semanas sem se ver ao espelho, de modo a conseguir identificar o resultado das idas frequentes ao ginásio.

"Ora bem, adoro musculação. Não me considero nenhum modelo, nem por aí fora, mas adoro fazer musculação. Faço musculação desde que casei. (…) A partir daí fiz disso quase uma bíblia da minha vida. Adoro ir ao ginásio. Adoro! Adoro por 'n' motivos. Adoro por ir treinar. Adoro para falar. Adoro para ver caras que só vês ali. (…) Faço treinos bi-diários mas há pouquíssimo tempo. (…) Organizei-me e pensei: 'onde é que eu posso aqui ganhar tempo?' É de manhã. Em vez de me levantar as 7h30m, levanto-me às 6h30m para estar na Roche às 7h30m. Chegar lá e é fazer a corrida. É uma cruz, porque eu não corro por prazer. (…) Depois vem a parte fantástica, que é depois de isto tudo ires tomar o banho. Ganho anos de vida. Aquilo que me custa levantar às 6h30m da manhã, é aquilo que eu ganho na forma como eu começo o dia. (…) Ao final do dia faço o treino de máquinas, de musculação, onde faço o treino já especifico para os músculos. (…)Tens de ter alguns cuidados, mas, no entanto, vais sempre atrás da força. Vais tentando sempre quebrar barreiras. Se fazes braço com 10kg: 'epá agora vou tentar fazer com 12kg, nem que faça só 3 ou 4'. A barreira. (…) Gosto porque me sinto bem. Pode parecer um bocado idiota e desculpa dizer-te isto desta forma. Apesar de não ter músculos grandes, mas pronto chega um momento em que podes mostrar qualquer coisa e alguém vai reparar. Nem que seja a tua mãe ou a tua tia. Alguém vai reparar. E é verdade. Isto acontece. É tu ires nas férias à terra (e nem ir sequer preocupado com isto) e: 'Ai como tu estás! Olha para esses braços'. Tu olhas para eles todos os dias e nem os vês a crescer."

Nuno, 37 anos, casado, 1 filho, 12º ano, técnico de informática

O discurso da insatisfação face ao volume muscular não é um exclusivo de José. Pelo contrário, foi comum aos demais praticantes de musculação, ainda que todos tenham reconhecido o quão difícil é darem-se por satisfeitos com os resultados do seu árduo trabalho. Embora se distingam eles próprios pela hipertrofia da massa muscular, todos indicaram colegas de ginásio que já ultrapassaram o limite daquilo que consideram aceitável em termos de hipertrofia muscular, bem como o receio de não conseguirem identificar, com clareza, a distância a que eles próprios estão desse limite. Como afirma Ângelo, "neste desporto nunca estamos satisfeitos" e, nas palavras de Telmo, "uma pessoa que faz ginásio tenta sempre ter um nível superior aos outros". A dimensão competitiva que se associa a este tipo de produção corporal é bem visível nos discursos dos homens que praticam musculação, sendo que o volume muscular é o indicador por excelência de hierarquização dos colegas de ginásio.

Ainda que estes homens se abriguem sob o discurso do estilo de vida saudável, a verdade é que esta constante hiperdisciplina e auto-controlo, associados à permanente insatisfação face à auto-imagem constituem, nalguns casos, indícios de distúrbios como a vigorexia, "uma síndrome caracterizada pelo facto dos seus portadores, geralmente homens, e independentemente da sua musculatura (embora sejam normalmente bem desenvolvidos), deterem uma auto-imagem corporal distorcida e persistente no sentido de se sentirem muito pequenos, fracos e frágeis" (Ferreira, 2011b: 255).

Em relação aos perfis que se associam a este modo de produção corporal assente na hipertrofia muscular, dois traços gerais podem ser identificados. Por um lado, trata-se sobretudo de homens jovens e solteiros, ou, no caso dos casados, homens que se caracterizam pela manutenção de relações extraconjugais. Excepto José, os restantes entrevistados dão, assim, corpo há "hipótese de o aumento de massa muscular ser um investimento corporal que corresponde, em larga medida, a uma forma de capitalizar o potencial expressivo do corpo masculino em estratégias de atracção e sedução" (Ferreira, 2011b: 249). Por outro lado, níveis mais elevados de hipertrofia muscular associam-se sobretudo a homens que se distinguem por origens de classe menos menos favorecidas.

Apesar da homogeneidade dos perfis sociais dos praticantes de musculação, isso não quer dizer que o modelo do corpo musculado não seja um modelo dominante e transversal às diferentes classes sociais (Vitor Ferreira, 2011b; Gill, Henwood e Mclean (2005), como de resto é visível no discurso da maior parte destes entrevistados. A *distinção* faz-se pelo volume muscular que se considera adequado exibir (Bourdieu, 2010 [1979]). Os praticantes de musculação exibem músculos que os homens com origens sociais mais favorecidas, especialmente em termos de capital cultural, tendem a considerar excessivos. Relembrando o exercício da escala dos géneros (ponto 4.3 do presente capítulo), recorde-se que ao máximo masculino, sobretudo os homens das classes mais elevadas e mais escolarizados, associavam um homem tradicional, pertencente a uma classe mais baixa, impulsivo, rude e híper-musculado. O discurso de Joaquim espelha isso mesmo, quando fala de forma depreciativa sobre os homens que considera "excessivamente musculados".

> *"[E qual a forma que queres que o teu corpo tenha? Já não é tanto músculo, é mais…] É mais definição, sim… Geneticamente eu nunca vou ser daqueles armários, a não ser que tome coisas e isso eu não tomo. Portanto, tem a ver com ter um corpo bonito e eu acho que um corpo bonito também não é um corpo excessivamente musculado. (…) Ar de armário. Quando estou com as minhas amigas dizemos 'lá vem o touro cobridor'. (risos) Acho horrível, parece que andam com laranjas debaixo dos braços, é horrível, não acho nada bonito."*
>
> Joaquim, 33 anos, solteiro, com namorada, licenciatura, consultor TIC

Tendo em conta que o corpo de sonho da maior parte dos entrevistados não se distingue pela hipertrofia muscular, os objectivos que os levam ao ginásio são distintos. Ao contrário dos homens praticantes de musculação, o objectivo destes entrevistados não é ganhar muito volume, mas sim controlar o peso, conseguir alguma definição muscular (diferente

de volume muscular) e aumentar a resistência física. São esses exactamente os atributos que idealizam num corpo masculino. Ainda que se distinga do corpo feminino pela força e resistência, o desejo da magreza aproxima-os.

Se no senso comum as dietas e restrições alimentares estão profundamente conotadas como algo tipicamente feminino, a verdade é que alguns destes homens controlam bastante a sua alimentação. Para uns esse controlo consiste num verdadeiro "sacrifício", tendo de cortar em alimentos que gostam especialmente de comer e, para outros, a dieta baseia-se numa alimentação diversificada. Nalguns casos o período de férias constitui uma excepção, após o que se volta a regrar o que se come. Manter o peso, manter-se saudável e consequentemente manter a auto-estima elevada são os objectivos mais comuns.

Os regimes alimentares mais restritivos foram identificados entre os praticantes de musculação cuja alimentação serve o propósito principal de auxiliar o rápido crescimento da massa muscular. Deste modo, estes homens combinam uma técnica de produção corporal mais tradicional, com outra que é tipicamente associada às mulheres, a qual seguem de modo quase obsessivo. No caso da alimentação isso implica que estes homens, no dia-a-dia, não partilhem as refeições com quem vivem, mantendo um regime alimentar exclusivo e tendo o cuidado de cozinhar as suas próprias refeições, através de métodos de confecção mais saudáveis. Quando se come algo que não consta da lista dos alimentos alvo, a regra é compensar depois no ginásio, como se duma penalização se tratasse.

Veja-se o exemplo de Telmo e atente-se na rigorosa dieta híper-proteica que segue no Verão, por contraste à que segue durante o Inverno, onde há mais espaço para o consumo de hidratos de carbono. A dieta é pensada em função da prática desportiva e dos resultados esperados: "secar" ou "crescer". Apesar de viver em casa dos pais, Telmo faz questão de cozinhar as suas refeições, uma vez que as especificidades da sua dieta não se compatibilizam com os hábitos alimentares dos seus pais.

"A nível de comida sou aquela pessoa que tenta evitar sempre guloseimas, bebidas com gás, tudo o que tenha gorduras, porque acho que isso é um bocadinho dispensável. Mas acho que sou uma pessoa que também, se me convidarem, não vou dizer que não só por causa do corpo. (…) [Por exemplo, os teus almoços e jantares são em casa?] Sim, eu faço quase todas as minhas refeições em casa. (…) É assim, eu de Inverno tenho um tipo de alimentação e de Verão tenho outro tipo de alimentação. Isto porquê? Porque nós de Inverno, quem anda no ginásio, temos uns objectivos para crescer um bocadinho mais…e ao crescer tem de se ter um tipo de alimentação. E crescer não é para ter alimentação ao nível de gorduras, não é nesse sentido, mas com mais um bocado de hidratos de carbono para que possamos ganhar um bocado mais de peso, mas de forma saudável. E no Verão temos outro tipo de alimentação, que é uma alimentação que é para secar. (…) É assim, eu geralmente quando estou no meu período de secagem eu tento cortar os meus hidratos de carbono a partir das 7h. Quando eu acho que há uma grande necessidade de perder gordura localizada tento cortar alguns hidratos e um dia por semana tento não comer hidratos."

Telmo, 24 anos, solteiro, com namorada, 12º ano, agente imobiliário e modelo

Bernardo distingue-se no grupo de entrevistados pelo regime alimentar vegetariano que segue há 14 anos. Neste caso, a dieta não é justificada pelos fins instrumentais relativamente à morfologia do corpo, mas surge, antes, associada a uma profunda racionalização e reflexão em torno dos hábitos alimentares dos indivíduos e adesão a uma ideologia de defesa dos direitos dos animais. Para além do vegetarianismo, Bernardo distingue-se igualmente dos restantes entrevistados por não beber álcool e não fumar, apresentando para isso motivos ideológicos, uma vez que considera que estes produtos são "drogas", cujo consumo serve os interesses do capitalismo, e o afastam da sua "genuinidade".

No entanto, o que para si é entendido um comportamento mais "natural", na medida em que não reflecte as imposições culturais e as forças do mercado de consumo, para algumas das pessoas com quem se relaciona é tido como indicador de pouca masculinidade. Ao contrário do tabaco, pela indiferença que provoca entre os homens já adultos, o álcool e a carne parecem constituir importantes símbolos de masculinidade e não os consumir é considerado símbolo de falta de virilidade, como deixa transparecer a anedota que Bernardo ouve recorrentemente. O vegetarianismo, em particular, aparece associado à falta de apetite sexual, presumindo-se que quem não come carne também não conseguirá "comer" a namorada.

"Sou vegetariano. É um cuidado com a alimentação. Para mim é mais saudável ter uma alimentação à base de cereais, vegetais, leguminosas e fruta do que ter uma alimentação à base de animais e de produtos de origem animal. Isto para além da questão ética. (…) [Tudo relacionado com uma ideologia?] Sim. Eu vejo esses produtos como produtos que me afastam um bocado da minha genuinidade. Como é óbvio não tenho nada contra quem fuma ou quem bebe. Simplesmente escolhi não o fazer. Mas também por outra razão. Não gosto de álcool, não gosto de fumar. Outras razões, são produtos que foram cruelmente testados em animais. Nomeadamente o álcool… São produtos que são causadores de dezenas, se não de milhares, de acidentes nas estradas do mundo. Por violência doméstica. O tabaco é uma indústria do vício, como é o casino… Eu bebi quando era mais jovem porque era uma questão de encaixar no grupo, porque na verdade eu não gostava daquilo. (…) Isso são coisas com que eu lido diariamente. Já aconteceu haver piadas. (…) 'Bebe aí um copinho de leite. Bebe aí um suminho. Mas não bebes porquê? Vegetariano vai para trás da moita com a namorada e come a moita…' Piadas desse tipo. Eu já tenho muito traquejo para lidar com isso."

Bernardo, 34 anos, solteiro, com namorada, 12º ano, gestor de produtos bancários

A maior parte dos entrevistados, por contraste aos hábitos de Bernardo, afirmou consumir álcool com alguma regularidade. O consumo de álcool aparece associado a ocasiões especiais como um jantar de amigos ou familiares, e não como uma prática diária. Aliás, usando as palavras de muitos destes homens, consomem álcool "socialmente" e, apesar de terem bebidas alcoólicas em casa, o seu consumo fica reservado para ocasiões em que recebem visitas. Para além de reservado para situações específicas, o consumo de álcool é feito de forma regrada, nunca se chegando a perder o controlo sobre o corpo, fez questão de clarificar a maior parte destes homens. Apenas em etapas específicas da vida, como a adolescência, a perda de controlo sobre o corpo e a falta de capacidade para resistir ao consumo de álcool parecem ser toleradas. Isto porque a adolescência é vista como um período de experimentação por excelência.

O início da vida profissional, de uma relação amorosa, mas também os efeitos secundários deste tipo de consumos no corpo, foram apontados como as principais justificações para a moderação dos consumos. Nuno, por exemplo, afirma que no dia em que perceber que o consumo de álcool tem efeitos prejudiciais na sua aparência vai "avaliar" este seu hábito.

"Se um dia achar que estou a beber demais, que estou a ficar com algum sintoma na pele, com a cara…eu aí começo a avaliar o que é que eu estou a fazer. Mas considero-me com muita sorte e considero-me com muita capacidade de regeneração e então continuo a fazê-lo sem medo que isso me faça mal."

Nuno, 32 anos, solteiro, sem namorada, 12º ano, técnico de informática

A prática desportiva, como se viu, fez e faz parte da rotina da maior parte dos

entrevistados. À luz das lógicas de distinção social são várias as diferenças que podem ser identificadas entre os entrevistados, nomeadamente ao nível do tipo de excercicio físico praticado e objectivos procurados (Bourdieu, 2010 [1979]). Como se viu, a prática da musculação e a hipertrofia muscular associa-se sobretudo a homens com origem de classe mais baixa, ainda que alguns tenham ensaiado trajectórias ascendentes. Eles procuram exibir uma robustez física que só pode ser atingida mediante uma híper-disciplina diária quer a nível do exercício, quer a nível da dieta alimentar ou do sono. No entanto, a exuberância das suas formas corporais é rejeitada pelos homens das classes mais elevadas e mais escolarizados. Estes opõem ao corpo excessivamente volumoso dos praticantes de musculação, um corpo também disciplinado, mas mais refinado, mais magro e contido na forma como se dá a ver ao outro. Um corpo que é entendido como mais moderno e civilizado pelos próprios (Elias, 2006 [1989]). É entre estes homens que práticas desportivas como o *yoga*, o *surf* ou o *skate* se registam, as quais muitas vezes integram um estilo de vida alternativo, que se caracteriza pela reflexão crítica em torno da cultura e das categorias de género.

5.5 Seguir a moda ou andar na média

Para além dos investimentos que incidem directamente sobre a pele, os pêlos e a morfologia do corpo, muitos dos homens entrevistados investem igualmente bastante tempo e/ou dinheiro na escolha do guarda-roupa e acessórios. Para alguns, esta é, inclusive, a dimensão da produção da imagem a que maior importância atribuem. Outros, ainda que afirmem não cuidar ou mesmo descurar aquilo que vestem, não deixam ao acaso a escolha da sua roupa. Foram ainda identificados alguns vestígios dos hábitos de consumo identificados por Catarina Delaunay (2001), nomeadamente as dinâmicas conjugais em que cabe sobretudo à mulher a responsabilidade escolher a roupa do cônjuge.

Por ser um dos aspectos que mais visibilidade assume na apresentação de si aos outros, e independentemente da atitude e estilo de roupa adoptados, todos os entrevistados souberam identificar com bastante precisão que tipo de roupa gostam, ou não, de vestir, quais são as suas marcas de eleição ou, pelo contrário, porque rejeitam usar *roupa de marca*, quais as cores de preferência e as que se recusam a usar. São essas escolhas e atribuições simbólicas que de seguida serão alvo de análise.

O uso do fato surge neste âmbito com contornos particulares, uma vez que para

muitos é o resultado das exigências e condicionamentos profissionais e não fruto de uma escolha individual. Perante este constrangimento, a maior parte dos homens que assim têm de vestir no dia-a-dia de trabalho reage positivamente ou, então, com indiferença. Apenas Miguel e Joaquim manifestaram não gostar de vestir fato. O primeiro, sócio-director de uma empresa familiar, gosta de se vestir de modo mais informal, evitando emitir através da roupa qualquer sinal da sua posição social. Aliás, é com algum orgulho que afirma não ter no seu guarda-roupa um único fato, uma única gravata ou par de sapatos formal. O segundo, porque a obrigatoriedade do uso do fato lhe tolhe a liberdade para escolher o que vestir e a margem para expressar a sua individualidade.

Aos homens que usam fato por obrigatoriedade e gostam de o fazer, juntam-se outros que, não tendo de vestir fato no desempenho da sua profissão, fazem questão de o usar. Telmo, um jovem agente comercial do sector imobiliário é disso exemplo, procurando através do fato projectar uma imagem mais "séria", afirma. Para além da seriedade, o fato é também usado como símbolo de que se pertence à classe dos colarinho branco em detrimento do colarinho azul, ou seja, não se desempenha um trabalho manual, entendido como menos prestegiante. Isso é especialmente evidente entre aqueles que cumprem uma trajetória social ascendente, face à família de origem, como José.

A mãe de José nunca teve um trabalho remunerado e profissionalmente o pai sempre esteve ligado à área da restauração, explorando pequenos negócios familiares com relativo sucesso económico. Ao contrário dos escassos recursos escolares de ambos, José terminou o ensino secundário e teve uma formação técnica especializada na área da informática que lhe permitiu entrar para os quadros de uma empresa multinacional, onde desempenha uma profissão exigente do ponto de vista pericial. Incomoda-o o facto de não ser licenciado, mas apresenta justificações para ainda não ter voltado à escola. Quer o fato e a gravata, quer a roupa "cuidada" que veste fora do trabalho, pretendem atestar o seu sucesso profissional, bem como a pertença a uma classe social distinta da da sua família de origem. Ao mesmo tempo que se apresenta como um homem que se preocupa com o que se veste, faz questão em se afastar daquilo que considera ser característico das mulheres: "ver revistas de moda ou desfiles de modelo". Este parece ser um dilema comum a vários entrevistados, presos entre a necessidade de investirem mais nos seus corpos e aparência, mas não se aproximarem demais dos territórios tradicionalmente entendidos como femininos.

"Eu gosto de trabalhar de fato. Isso não me incomoda nada. Mas depois saiu-me o tiro pela culatra que é… eu gosto de trabalhar com gravata. Gosto de escolher a camisa, a gravata. Gosto de pôr a roupa condizer. Até que o director geral há dois anos disse que já não era preciso usar gravata. Para mim um fato assenta melhor com uma gravata. Não gosto muito de usar fato sem gravata. Sinto-me mal vestido. Mas sinto isso todos os dias. Eu não posso fazer nada. [Mas podes usar gravata?] Posso, mas depois sou o único gajo que vai de gravata. Percebes? (…) Tenho cuidado. Penso no que visto. Não me visto ao calhas. Tenho algum cuidado. Tento acompanhar como posso as modas, entre aspas. Para mim acompanhar as modas é ir vendo as lojas e ir comprando a roupa que se está a vender na altura. Eu não tenho nenhum cuidado de ir ver revistas de moda ou desfiles de modelo. Não! É entrar numa loja e escolher as coisas. (…) Tenho sempre cuidado. Não me visto por vestir. Aquilo que faço à sexta é aquilo que faço ao sábado e ao domingo. Tenho cuidado. Estar bem. Não visto uma t-shirt só para ir à rua. Se é para sair, é para sair bem. Sempre. Pelo menos naquilo que é o meu conceito de sair bem."

José, 37 anos, casado, 1 filho, 12º ano, técnico de informática

Esta é a *roupa com classe*, que para além do armário de José, enche o guarda-roupa de muitos outros entrevistados, entre os quais é comum também a fidelização a determinadas marcas e a sobriedade em relação aos acessórios. A excepção é o relógio, que surge como o acessório indispensável, no qual se investe bastante dinheiro. "Adoro relógios", foi comentário frequente na boca destes homens, para quem este objecto mais do que valor instrumental tem um valor estético. Também na roupa se investem quantias significativas de dinheiro, privilegiando-se as marcas que se fazem vender mais caras no mercado. Para caracterizar o tipo e estilo de roupa estes homens usaram termos como "formal", "profissional" ou "*smart casual*".

Em alternativa à *roupa com classe*, há homens que enchem os armários de *roupa com estil*". A *roupa com estilo* é a roupa que se cola às novidades do mundo da moda, aos ícones do cinema, da televisão ou até do desporto, trazendo para a vida quotidiana destes homens alguma da irreverência das passarelas ou dos meios mediáticos. Actores de cinema, modelos ou jogadores de futebol são muitas vezes eleitos marcos de referência. O objectivo é seguir aquilo que se considera ser a vanguarda em termos de vestuário e que, mais cedo ou mais tarde, vai acabar por se popularizar. Ao invés de afirmar uma classe social, a *roupa com estilo* pretende ser símbolo de uma "personalidade forte", "única", indiferente ao que pensam os outros, movida apenas pelo gosto pessoal orientado para uma estética moderna, que não raro transgride as convenções tradicionais.

A *roupa com estilo* caracteriza-se pelos grandes decotes, pelo colorido e faz-se acompanhar por acessórios diversos como colares, pulseiras, anéis, óculos de sol,

lenços, bonés, chapéus clássicos, entre outros. Os homens que se incluem neste grupo caracterizaram o seu estilo de roupa a partir de termos como “moderno”, “fashion”, “camaleão”, “playboy”, “atraente” ou “descontraído”. Ainda que os rendimentos disponíveis condicionem o tipo de roupa a que se tem acesso, a tendência é combinar peças de roupa menos e mais exclusivas. Para isso, todos já fizeram algum esforço financeiro que consideram significativo para poder adquirir uma ou outra peça em lojas de estilistas internacionais.

Joaquim e Ângelo vestem *roupa com estilo* e no discurso de ambos a figura materna é usada para explicar o seu gosto e interesse por roupa e moda. A mãe de Joaquim é costureira e ele, em criança, acompanhava a sua actividade. A mãe de Ângelo “é uma inspiração” na medida em que se mantém na moda e nunca descura a aparência. Separa-os o rendimento disponível para investir em roupa e, por isso, o tipo de consumos.

Joaquim tem o hábito de acompanhar de perto as colecções de alguns estilistas, sendo presença assídua nos desfiles de moda que se realizam em Lisboa. Como o próprio avalia, veste-se de forma pouco convencional e, não raras vezes, compra peças de vestuário ou acessórios destinados ao público feminino. É o caso do pareo (lenço) que enrola à volta da cintura quando vai para a praia, ou da fita na cabeça. Por isso, Joaquim já foi inúmeras vezes catalogado como *gay*. O colorido da roupa, os acessórios e as peças do guarda-roupa tradicionalmente femininas assim o justificam. A reação da namorada espelha bem o facto de Joaquim estar a transgredir as convenções sociais acerca daquilo que é adequado um homem vestir.

> *“Eu sou muito de extremos. Gosto muito de coisas se calhar mais intelectuais e de coisas assim… (…) Eu uso pareo. Para aí há 13 anos que não uso toalha de praia. (sorriso) Aquilo enrola-se, é muito mais prático. Não uso cor-de-rosa ou com estampados, assim muito efeminados. (…) No outro dia aconteceu uma coisa muito gira. Estava na praia e uma miúda veio e perguntou ‘Onde é que compraste…’ (risos) (…) A sério. Mas comprei sozinho porque que a minha namorada é uma pessoa mais clássica, ela não gosta muito assim dessas coisas, mas eu compro na mesma. Uma coisa que eu aprendi foi que nós não devemos, nem podemos mudar os outros. Ela tem essa preocupação em relação a mim, mas acho que já percebeu que não vale a pena… Por exemplo, quando estávamos em Itália, estava lá um rapaz com muita pinta e estava assim com uma fita na cabeça e eu disse ‘tenho de arranjar uma fita’, e ela ‘vais o quê?!’ (risos) Ela como é um bocado mais conservadora tem medo de parecer gay…”*
>
> Joaquim, 33 anos, solteiro, com namorada, licenciatura, consultor TIC

Por sua vez, Ângelo começou a “olhar para a roupa de maneira diferente” desde que trabalhou como assistente numa loja do sector do vestuário. Tal como Joaquim, também

Ângelo considera que transgride as fronteiras daquilo que é "normal" um homem vestir. Para ilustrar a extravagância do seu vestuário dá o exemplo das t-shirts decotadas e calças rasgadas que tanto chamam a atenção dos seus amigos. Depois de uma primeira reacção de estranheza, alguns acabam mais tarde por incluir determinada peça de roupa ou acessório no seu guarda-roupa, afiança Ângelo, que se coloca um passo à frente dos seus amigos em termos da tendência da moda. Quer no caso de Joaquim, quer no caso de Ângelo, as elevadas preocupações estéticas e uma boa dose de sensualidade marcam o modo como se vestem. Nesse seguimento, se o primeiro já foi identificado como gay, Ângelo, por sua vez, já ouviu muitas amigas confessarem que à primeira vista o julgaram um homem inacessível ou mulherengo.

> *"Trabalhar na Zara fez-me abrir um bocadinho os olhos. Fez-me ver a roupa de outra maneira também. Porque queiras ou não, acaba por ser uma loja de moda. (…) É assim, eu sempre gostei de roupa diferente. Sempre usei coisas que os meus amigos não tinham coragem de usar, ou às vezes até criticavam, mas um mês depois se calhar também usavam. Lembro-me por exemplo, daqueles chapéus que agora se usam de lado. Eu com os meus 19 anos comecei a usar isso. E o pessoal 'pareces um cigano…'. (risos) Calças rasgadas que na altura ainda não eram muito bem vistas e eu já usava. Usava os decotes, agora uso mais porque tenho mais motivo para isso, mas na altura também já usava. As golas mais abertas, mais decote. Sempre gostei de coisas mais fora do normal. (…) A minha mãe veste-se bem também. Pá, veste-se bem, tem cuidados e eu sempre olhei para a minha mãe como um exemplo, se bem que em versão feminina. (…) Tento ser mais moderno mas, lá está, isto não é para os outros, isto é para mim. Não tenho assim nenhum estilo."*
>
> Ângelo, 24 anos, solteiro, sem namorada, 12º ano, instrutor ginásio e agente imobiliário

Joaquim é licenciado, aprecia literatura e tem um *blog* sobre viagens. Apesar de considerar que possuiu um elevado capital escolar e cultural, o elevado e visível investimento em roupa e cuidados corporais, no geral, levam-no a preocupar-se com o facto de poder ser mal interpretado pelos outros, de ser catalogado como um homem fútil. Esse seu receio não é excepção entre o grupo de entrevistados. Também Nuno fala de um certo estigma em relação ao facto de ser bonito e ter vários cuidados com a sua aparência, o que, no meio profissional, por vezes, é lido como sinónimo de futilidade e falta de inteligência, considera.

Ora, se por um lado, nas sociedades da modernidade tardia, o corpo e manutenção de uma boa aparência se tornaram uma responsabilidade individual (Giddens, 1994; Ferreira, 2011), por outro lado, a ideia de que os cuidados com a aparência são uma característica feminina permanece intacta em determinados contextos. Mais um dos

paradoxos que caracterizam a *hipermodernidade* de Gilles Lipovetsky (2011). Ao mesmo tempo que estes jovens homens sentem que devem manter os seus corpos jovens, magros, bonitos e atraentes, a partir de uma série de consumos estimulados pela indústria do bem-parecer, bem-fazer e bem-estar, são, simultaneamente, estigmatizados pelos outros homens por ser bem-sucedidos nessa tarefa.

A *roupa invisível* aparece como a antítese da *roupa com estilo*, uma vez que quem opta por encher o armário com *roupa invisível* pretende, exactamente, transmitir com essa escolha a pouca importância que atribuí à moda, à roupa e à aparência em geral, em detrimento das características pessoais. A roupa com que se veste o corpo já não surge como marca de irreverência pessoal, transformando-se em algo inócuo, que pretende manifestar que não se têm preocupações estéticas. Por oposição, valoriza-se o conforto que pode proporcionar. A *roupa invisível* também se afasta da *roupa com classe*, na medida em que não transmite informação em relação à posição que cada um ocupa na hierarquia social. Os entrevistados que optam por este tipo de roupa, têm preferência por peças cuja marca não é percetível, fazendo questão de afirmar que não estar a par das novidades do mundo da moda ou, então, que não se subjugam às tendências do momento. Quando questionados sobre o estilo da sua roupa, a maior parte destes homens negou ter um estilo e usou palavras como "discreto", "informal" e "confortável" para descrever as suas escolhas em termos de indumentária. Nuno, por exemplo, afirma que "não liga nenhuma" à roupa que veste e que em vez de seguir a moda, segue o seu gosto pessoal.

> *"Sou completamente despreocupado. Regra geral visto-me mal, sem preocupações nenhumas. Visto aquilo que eu quero e às vezes amigos meus, às vezes o meu irmão: 'já viste, uma pessoa com o teu aspecto e estás ai com essa roupa, t-shirt largas, calças rotas, todo maltrapilho'. Não ligo nenhuma. Considero-me sortudo porque acho que uma pessoa ter bom aspecto não passa só por uma pessoa estar com roupa bonita, ou roupa que está na moda. E se uma pessoa se sentir bem com o que está vestida vai parecer bonita. [A tua imagem passa por um ar mais descuidado?] Não tenho uma imagem, lá está, não me preocupo com a imagem. Não tenho um estilo. Vou vestindo como me apetece. Não tenho um padrão. Não ligo nenhuma. (…) Eu até muitas vezes uso roupa que está completamente fora de moda, mas eu acho que é daquela que nunca passa de moda. Sei lá, eu tenho um casaco de camurça, daqueles dos anos 70, que me fica sempre bem, que toda a gente diz que é muito giro, 'fica-te muito bem'. Pois, mas não é da moda. Mas como eu não ligo e acho que me fica bem, ando com ele. (…) Sou muito discreto. Não vou para o Bairro Alto com ar de pintor, como muitos fazem. Não vou para o Bairro Alto…ah hoje é o meu dia de* freak*. Hoje vou lá com um ar mais* gótico*… Não faz sentido nenhum. Vou como me apetece."*
>
> Nuno, 32 anos, solteiro, sem namorada, 12º ano, técnico de informática

Em relação à paleta de cores da roupa que cada um escolhe vestir sobressai, para a maior parte dos entrevistados, um grande ecletismo que parece indiferente ao facto de determinadas cores terem uma conotação feminina, infantil ou homossexual. Ainda que estejam a par do simbolismo das cores, muitos dos homens afirmaram, portanto, gostar de usar roupa em tons de rosa, amarelo ou azul-bebé. A reacção dos pares lembra-os, no entanto, as fronteiras em termos de género, como é exemplo um dos comentários que José ouviu recentemente de um amigo, "um gajo com esse tamanho e camisolas rosa!". Algumas das excepções referem-se aos entrevistados que têm preferência por cores mais sóbrias e masculinas como o azul-escuro, o preto ou o castanho. Para justificar as suas preferências muitos acabaram por afirmar que as outras cores não os favorecem, demarcando-se assim de uma posição que poderia ser considerada conservadora ou preconceituosa. A sobriedade das cores é uma característica mais vincada da *roupa invisível* e de alguns homens que optam pela *roupa com classe*.

Entre os entrevistados que dão preferência à roupa de cor mais sóbria, alguns apontaram, exactamente, o uso de roupa cor-de-rosa como algo que ultrapassa os limites daquilo que um homem deve vestir. Assim, ao contrário de César que afirma que "a roupa não tem sexo", Serafim confessou que lhe "mete impressão" ver um homem usar roupa cor-de-rosa.

Outro dos limites identificados em termos de indumentária masculina prende-se com o uso de decotes. A crítica é feita por quem usa "roupa de classe", neste caso Adão, por relação aos homens da *roupa com estilo* e que ele considera "ridículos". Também José confessou que outrora criticava os homens que usavam t-shirts muito cavadas, o que ele considerava "saloio", ainda que hoje ele próprio já goste de as usar, de modo a dar a ver os seus músculos hipertrofiados. Por sua vez, Arnaldo, um homem que gosta de usar "roupa com estilo", afirma que nunca virá a usar cuecas asa delta, como alguns dos seus colegas do ginásio, isto porque "não é coisa que a meu ver, fique bem num homem, acho que isso é mais feminino do que propriamente masculino". Também o uso de acessórios foi equacionado como algo feminino por vários dos entrevistados. Entre os mais referidos encontra-se o *écharpe* que recentemente entrou nas lojas de roupa masculina. Adão afirma mesmo que "odeia" este tipo de acessório e Duarte diz gozar com os seus amigos que a ele aderiram. Mais uma vez as críticas vêm de homens que vestem *roupa com classe*, os quais acabam deste modo por se revelar mais conservadores em relação à indumentária masculina.

Os interditos colocados em termos daquilo que é, ou não, permitido a um homem

vestir, estabelecem-se a partir daquilo que é tradicionalmente entendido como feminino. Deste modo, se o tipo de roupa que se escolhe usar pode ser entendido à luz das dinâmicas de distinção social, também a categoria de género continua a funcionar como um princípio fundamental de classificação da roupa.

Como já foi referido, a maior parte destes homens faz questão em escolher a sua roupa. Alguns gostam de ir às compras sozinhos pois sentem-se mais à-vontade para se prolongarem nas lojas, outros preferem fazê-lo na companhia da namorada/esposa ou amigos. No caso de alguns entrevistados, a mulher que serve de companhia assume um papel central na escolha da roupa a comprar, assumindo o papel de especialista na matéria, tal como foi documentado em relação aos produtos dermo-cosméticos. O discurso de Abílio é a este nível bastante ilustrativo uma vez que, a presença da esposa é um requisito nas suas idas às compras, como é típico dos homens, afirma.

> *"Raramente compro roupa. Também não tenho muito jeito, preciso sempre que ela [esposa] vá comigo. Mas isso é um bocado dos homens. Porque acima de tudo preciso que me digam: "fica bem ou fica mal?". Eu sei que às vezes há uma coisa que me parece linda e é a coisa mais horrorosa deste mundo. Da mesma forma que eu digo: "isto é foleiro, nunca vou vestir isto." E é das coisas que melhor me ficam. Já tive experiências dessas, por isso, para não correr esses riscos prefiro ser assim. Prefiro levar sempre alguém."*
>
> Abílio, 40 anos, casado, 1 filho, licenciatura, gestor de produtos bancários

Quanto à frequência e prazer que retiram desta actividade podem identificar-se duas posições contrastantes. Por um lado, os entrevistados que vão com pouca frequência às compras e para quem este programa é uma "chatice" ou mesmo algo que "odeiam" fazer. Por outro lado, os homens que retiram enorme prazer das suas idas às lojas de roupa, do tempo que lá passam a experimentar e escolher as novas peças de roupa, os quais tendem a fazê-lo com maior frequência, numa base mensal ou mesmo semanal. Os primeiros afastam-se daquilo que consideram ser um hábito das mulheres, na medida em que elas "perdem horas nas lojas de roupa", demoram mais tempo a ver, experimentar e decidir que os homens. Os segundos, especialmente os mais jovens, com frequência afirmaram "adorar" ir compras, assumindo alguns uma certa dependência em relação à compra de roupa nova.

Filipe é um homem a quem "faz bem" ir às compras. O próprio acto é equacionado como uma experiência de prazer e descontração, tal como é típico das mulheres, acrescenta. Tendo em conta os seus elevados recursos económicos, opta por fazer as

suas compras no estrangeiro, onde tem acesso a roupa que não se vende em Lisboa e onde escapa a eventuais olhares de conhecidos. O elevado investimento em roupa não se deixa, no entanto, ver através da *roupa invisível* com que gosta de se vestir. As suas estratégias de distinção social passam, exactamente, por se dar a ver como um homem que não dá demasiada importância à aparência, ainda que para construir essa imagem dedique elevadas quantias de dinheiro e tempo à escolha da sua roupa.

> *"Eu depois de ir viver para Nova Iorque comecei a comprar a minha própria roupa. Antes não. Os meus pais davam-me dinheiro, mas vinham sempre comigo. Era horrível e a minha roupa era sempre horrível. Em Nova Iorque comecei a ter o hábito de comprar a minha própria roupa e aconteceu-me uma coisa, que nunca me tinha acontecido, que era perceber o quão me fazia bem ir às compras. Um bocadinho aquele cliché que se fala das mulheres, que de vez em quando precisam de ir às compras. E eu comecei a descobrir que isso também era uma coisa que me agradava a mim. (…) Com este hábito de fazer isto em Nova Iorque acabei por nunca comprar roupa aqui. Eu raramente vou às compras aqui em Lisboa. O que eu faço é, quando eu viajo compro roupa. Portanto, a minha roupa praticamente não há uma peça que seja comprada cá. Por exemplo, eu agora vou a Londres e tiro sempre dois dias em que sou capaz de estar 2 ou 3 horas numa loja. Experimento, despejo o cesto, ponho outras coisas, até ter uma coisa assim cheia. Depois no dia a seguir vou lá outra vez."*
>
> Filipe, 37 anos, solteiro, sem namorada, licenciatura, realizador de cinema

Telmo, não põe tanta ênfase no acto de comprar, como Filipe, mas confessa-se "dependente de roupa" na medida em que estar "bem apresentado" é uma condição para se "sentir melhor" e "confiante". Duas características que Telmo gosta de projectar através da sua aparência, e as quais considera essenciais para ser bem-sucedido enquanto vendedor de imóveis.

> *"Eu sou dependente de roupa. Sou uma pessoa que às vezes não tenho controlo. Gosto muito de comprar roupa. Sou uma pessoa que eu acho que a roupa é uma das coisas que nos faz sentir melhor. Uma pessoa estar bem apresentada é uma grande motivação, até para nos ajudarmos a nós próprios a cuidar mais de nós. Se tivermos mais confiança a nível de vestuário e tudo o mais, acho que nos dá mais confiança. Por vezes, dá-nos mais a atenção de nos cuidarmos mais. (…) Eu procuro vestir-me o melhor possível, para agradar também ao meu cliente e o meu cliente ver que está com uma pessoa que se preocupa com a forma de vestir. E eu acho que isso dá uma grande confiança ao cliente. Se aparecer com uma camisa toda aberta e os pelos para fora e tudo o mais, acho que isso também não seja muito positivo para o nosso ramo."*
>
> Telmo, 24 anos, solteiro, com namorada, 12º ano, agente imobiliário e modelo

Ao contrário de Filipe e Telmo, quer os homens que afirmaram não gostar de ir às compras, quer alguns dos homens que assumiram que essa era uma actividade que lhes proporcionava algum prazer, fizeram questão em se distanciar das mulheres. Por exemplo, César, que com frequência espreita as lojas do centro comercial onde tem por hábito ir, faz questão em sublinhar como acha "impressionante" uma amiga sua que "é capaz de entrar numa loja e ver tudo", algo para o que ele não tem paciência. André, por sua vez, que gosta de investir bastante parte do seu salário em roupa de estilista, também se congratula por ser mais "despachado" que a sua mulher. Adão, apesar de considerar que gasta "bué dinheiro em roupa", indigna-se em relação ao tempo que as mulheres demoram a fazer compras. Mário gosta de ir às compras, é muito indeciso em relação à roupa, pelo que gosta sempre de ir acompanhado por um amigo mais próximo ou um primo chegado, mas não deixa de afirmar que as mulheres "são piores" que ele. As representações destes homens vão ao encontro dos resultados do estudo de Catarina Delaunay onde "as mulheres são apresentadas como hedonísticas, irresponsáveis e consumistas, enquanto os homens encaram o comprar como um mero acto necessário e utilitário" (2001: 209).

A nível das pontes que se podem estabelecer entre os diferentes tipos de roupa, sublinhe-se o facto de o discurso do individualismo e do enaltecimento do gosto pessoal, ainda que transversal, estar mais presente entre os homens que optam pela *roupa com estilo* e pela *roupa invisível*. Ambos vestem o que querem, respeitam o seu gosto pessoal, ao invés dos homens da *roupa com classe*. Os homens da *roupa com classe*, preveligiam o parecer-bem em detrimento da originalidade, adaptando o seu gosto àquilo que os homens da *roupa invisível* e da *roupa com estilo* consideram imposições sociais: o fato e a gravata.

Os homens da *roupa invisível* e os da *roupa com estilo* partilham um discurso mais crítico e reflexivo acerca da cultura de pertença. Ambos consideram que escapam à pressão social para a uniformização dos gostos, os primeiros porque ignoram as tendências da moda, os segundos porque ditam a moda. Por sua vez, à excentricidade que acompanha a estilização da imagem dos homens que usam a *roupa com estilo*, aqueles que optam pela *roupa invisível* ou pela *roupa com classe* opõem o evitamento do feminino, a contenção e sobriedade. Trata-se de uma indumentária que pretende espelhar a classe social, no caso da *roupa com classe*, ou a pertença a uma classe social que dispensa o uso de símbolos de classe, no caso da *roupa invisível*, esta preferencialmente escolhida pelos entrevistados que mais recursos culturais e escolares possuem.

5.6 Corpos entre o bem-estar e bem-parecer

Para além de terem sido directamente questionados sobre as motivações que estão por trás dos seus cuidados com o corpo e a aparência, durante o decorrer da entrevista os entrevistados falaram espontaneamente sobre isso. Na maior parte dos casos estes homens quiseram justificar ou explicar porque que fazem o que fazem, uma vez que as suas escolhas em termos de imagem fazem parte da forma como se dão a ver ao outro, ou seja, são elementos visíveis do seu projecto identitário (Giddens, 1994).

Tendo em conta a panóplia de motivações apresentadas, entre o grupo de entrevistados podem distinguir-se dois ideais-tipo de homens. Por um lado, os homens que se distinguem pela orientação para o *bem-estar* e, por outro lado, os que, ao contrário, estão centrados no *bem-parecer*. Os primeiros caracterizam-se pela origem e pertença a classes mais favorecidas, investem tempo e dinheiro, sobretudo, em práticas orientadas para a saúde e o bem-estar. Através da sua imagem "naturalizada" procuram projectar nos outros a ideia de que dão pouca importância à aparência. Os segundos, de origens menos favorecidas, estão mais comprometidos com a valorização do seu capital físico, equacionando o corpo e a aparência como um invólucro que deve projectar as suas qualidades individuais enquanto trabalhadores ou amantes (Shilling, 1991).

Miguel apresenta-se como um homem orientado para o *bem-estar,* na medida em que "não liga à beleza", surgindo, ao contrário, os cuidados com o seu corpo como um meio para alcançar o "equilíbrio" e "qualidade de vida" desejados. O seu corpo é alvo de uma grande variedade de cuidados que vão desde o recurso a serviços de manicura, pedicura e massagens, ao uso diário de diferentes cremes hidratantes e anti-envelhecimento. Entre o leque de cuidados, as massagens destacam-se como uma das características distintivas deste ideal-tipo de homens, os quais procuram por meio de técnicas do corpo específicas aliviar a tensão e o stress das suas vidas (Mauss, 2009 [1936]). Como o próprio Miguel esclarece, embora possa parecer "súperfulo", o objectivo é manter o corpo saudável e funcional, tendo em vista o bem-estar pessoal.

"Acho que é fundamental [cuidarmos de nós]. Não é por uma questão de beleza. Não ligo muito à beleza em si. Não tenho o culto da beleza. Acho que é uma questão de saúde. É uma questão de equilíbrio. É uma questão de gostarmos de nós próprios. Mas principalmente saúde. Porque isso às vezes pode parecer supérfluo, ou um bocadinho desnecessário, mas não é. Eu nas pernas, meter o creme hidratante é fundamental. Porque se não, daqui a 5 ou 6 anos, ou 10, teria provavelmente nas pernas a pele toda escamada. (…) Por exemplo, as massagens para mim são fundamentais. Às vezes tenho isto tão tenso que se não fizer as massagens estou a qualquer momento de ficar entrevadinho, entrevadinho no sentido de dar um jeito mau e ficar em casa dois ou três dias deitado na cama. Em termos de produtividade é muito... E sempre vi isso assim, nunca vi as coisas para melhorar a beleza, mas sim para manter o meu melhor possível, em termos de qualidade de vida, sem problemas aqui de saúde. (…) Quanto melhor nos sentirmos fisicamente, melhor nos corre a vida."

Miguel, 40 anos, união de facto, 1 filho, licenciatura, director de empresa

Os homens orientados para o *bem-estar* preocupam-se, portanto, em transmitir que não dão demasiada importância à sua imagem, privilegiando cuidados menos perceptíveis ao olhar de terceiros e um estilo de *roupa invisível*. A distinção de classe faz-se, nestes casos, pelo evitamento dos excessos que caracterizam os homens das classes mais baixas (Bourdieu, 2010 [1979]). Por exemplo, o projecto identitário de Paulo integra uma imagem que revela alguma preocupação com o corpo, "mas que não é excessiva".

"[O que é que o cuidado com o corpo e com a aparência dizem de ti?] Que me preocupo mas não excessivamente. Acho que é isso. Que tenho cuidados mas que não é uma coisa excessiva. E eu também tenho essa preocupação de que não seja excessiva, também faz parte da imagem que eu quero passar. É importante mas não é o mais importante. [Achas que há uma relação entre a aparência e a personalidade de uma pessoa, a forma como se encara a vida?] Acho que sim, acho que… Acho que sim. Dou-te o exemplo do meu pai: o facto de ele ter uma pança enorme diz muito sobre ele. Diz que ele gosta muito de comer e diz que não se importa o que isso possa fazer ao corpo dele em termos de estética e em termos de saúde."

Paulo, 33 anos, solteiro, sem namorada, licenciatura, contabilista

Entre os homens orientados para o *bem-parecer* destacam-se aqueles que procuram ter uma aparência que se pretende alinhada com aquilo que consideram ser a corporeidade modal, ou seja, a imagem ideal dominante quer no campo profissional, quer no campo do romance e da sedução. Sobretudo entre os mais jovens, foi comum referir-se a vontade de agradar ao outro, no abstracto, ou, no plano concreto, referindo-se à companheira amorosa. Nesse sentido, são vários os esforços empreendidos para manter uma aparência sensual e atraente ao sexo oposto. O tabu do corpo masculino erotizado, identificado por Rosalind Gill, Karen Henwood e Carl Mclean (2005), num estudo com

jovens britânicos, não se fez sentir entre o grupo de homens aqui entrevistados, assumindo alguns deles, pelo contrário, os seus esforços para tornar o seu corpo atraente e sexualmente mais desejável.

Mário, um jovem que de momento não tem namorada, esforça-se por se "vestir bem" e andar "bem cheiroso" quando sai à noite e se desloca para ambientes onde espera conhecer raparigas. Dada a escassez de recursos financeiros desvaloriza o facto de não conseguir adquirir roupa de marca, conseguindo, na medida das suas possibilidades, produzir uma imagem que considera ser bastante atraente para as mulheres. Segundo Mário, na sua geração, por contraste às gerações anteriores, "as mulheres preferem os homens mais asseados". Deste modo, atribui às mulheres um papel importante na promoção das mudanças que identifica. Mário procura, portanto, responder aquilo que identifica como as expectativas estéticas daquelas que pretende seduzir, por isso se depila, se perfuma e veste "bem".

> *"Gosto de andar bem vestido, cheiroso. Digamos que sou um pouco vaidoso. Sempre fui assim, quando saio à noite tento ir bem vestido, bem cheiroso, ponho creme. [Porquê?] Normal, para ter uma boa aparência. Acho que as raparigas dão mais atenção se uma pessoa estiver bem vestida, tiver boa aparência, bom cheiro. Pode até nem ser roupa de marca, mas prontos minimamente sempre bem vestido. Acho que as mulheres agora preferem os homens mais asseados, que façam a depilação."*
>
> Mário, 21 anos, solteiro, sem namorada, 9º ano, empregado de mesa

Mas não foram só os homens solteiros que afirmaram estar motivados para "parecer o melhor possível perante as mulheres". Arnaldo, um homem que já esteve envolvido numa relação extra-conjugal e tem por hábito as saídas nocturnas entre amigos, tem "um certo cuidado" como o corpo e procura que isso transpareça para os outros. "Não anda à procura de nada", esclarece, mas agrada-lhe a ideia de ser cobiçado pelo olhar das mulheres com quem se cruza.

> *"É assim, para me sentir bem comigo próprio, olhar para o espelho e dizer assim, as pessoas que tiverem a olhar para mim vêem que eu tenho um certo cuidado, as pessoas que me conhecem sabem, mas as pessoas que olham para mim, vêem que eu tenho um certo cuidado, pronto, nomeadamente as mulheres, não vou dizer que não. Porque o ser homem é mesmo assim, é nós tentarmos parecer o melhor possível perante as outras pessoas, não é? E principalmente perante as mulheres, olhar para nós, um homem já com 40 anos e estar bem cuidado, mesmo a nível físico, a nível de pele. É isso basicamente, como se costuma dizer, não ando à procura de nada mas gosto que olhem e que vejam. Não sou nenhuma estrela como te disse, sou o Shrek mas gosto que olhem e que vejam 'está cuidado'."*
>
> Arnaldo, 39 anos, casado, 1 filho, 12º ano, guarda prisional

Ter uma aparência que encarne a imagem do profissional de sucesso, do homem de negócios, sério e competente é outra das preocupações de muitos dos homens entrevistados. Para além de seduzir as mulheres, outros ambicionam "seduzir" os seus clientes ou chefias, com uma imagem que exteriorize todas as suas qualidades internas. Tendo em vista o seu sucesso profissional, Telmo, enquanto agente imobiliário, faz por se apresentar aos potenciais compradores com uma "imagem rigorosa", que o mostra como alguém "focado no seu emprego".

> *"Mesmo a nível de vendedor da CASA devemos ter algum cuidado com a nossa primeira imagem, porque acho que isso vai fazer uma diferença enorme perante o cliente que esteja à nossa frente. Como é normal o cliente gosta de ver à sua frente um profissional e uma pessoa que tenha alguma imagem e não uma pessoa que esteja completamente desfocada do seu emprego. Mesmo ao nível do vestuário. Acho que devemos ter uma grande preocupação, principalmente quem trabalha nesse ramo. Não digo estar sempre de camisa, mas tentar conjugar esse tipo de vestuário e dar sempre uma imagem rigorosa em frente ao cliente. Acho muito importante."*
>
> Telmo, 24 anos, solteiro, com namorada, 12º ano, agente imobiliário e modelo

Também os homens orientados para o *bem-parecer* se preocupam com os exageros que lhes podem ser apontados na forma como cuidam do seu corpo e aparência. Faz-se sentir, uma vez mais, a ideia de que as preocupações com a imagem não devem ultrapassar determinados interditos vedados aos homens, nem ser demasiado flagrantes, em favor de uma imagem masculina "natural" e, portanto, menos feminina.

Transversal aos dois ideais-tipo acima identificados foi o discurso do enaltecimento do amor-próprio e da auto-estima. É importante, senão mesmo um "dever", "gostarmos de nós próprios" e isso traduz-se na manutenção de uma aparência com a qual se está "satisfeito" e "confortável". Nesse sentido, e independentemente das motivações apresentadas por cada um, praticamente todos os entrevistados equacionaram os seus modos de produção corporal como indicador de que "gostam de si próprios" e algo que alimenta a sua "auto-estima". Enquanto "veículo" de existência no mundo, como afirma Bernardo, é importante que cada um esteja "confortável" com o seu corpo, acrescenta André.

A importância da elevada auto-estima aparece associada a outra ideia. A de que, usando as palavras de Adão, quanto melhor se sentir consigo próprio, melhor a vida lhe vai correr. As diferentes esferas da vida aparecem, deste modo, concebidas como instâncias análogas e o corpo como algo que, simultaneamente, potencia e reflecte o sucesso atingindo em outras dimensões.

"[Então mas cuidas do teu corpo?] Tento cuidar. [Porquê?] Eu sou magro, eu considero-me uma pessoa de estrutura magra. Se eu agora ficasse bué da gordo como é que achas que eu me ia sentir? [Então é para te sentires bem contigo próprio?] É para te sentires bem. Claro, queres sentir-te bem contigo. Quanto melhor te sentires contigo, melhor vais fazer na tua vida. Isso está provado. Quanto mais bem disposto, melhor a vida te vai correr."

Adão, 22 anos, solteiro, sem namorada, 9º ano, empregado papelaria

Manter o corpo saudável, jovem, magro e bonito é equacionado por muitos como uma responsabilidade individual. Perante a ideia de um homem que não tem cuidados com o seu corpo e a aparência muitos consideraram que se deve tratar de "pessoas que já não têm grande vontade de viver" e "não se respeitam".

Quando questionados sobre o que consideram que a sua imagem transmite aos outros, muitos dos entrevistados referiram que transmite que gostam de si próprios, que estão bem psicologicamente e economicamente, que são pessoas activas e modernas. Veja-se a este respeito o discurso de Arnaldo que se distancia daquilo que é a sua representação dos homens mais tradicionais e conservadores, através de uma imagem mais jovem, actualizada para o século XXI. E não uma imagem mais feminina, como o tipo de cuidados com o corpo podem estereotipadamente anunciar.

"[O que é que o cuidado com o corpo e a aparência dizem de ti?] Um homem do século XXI, um homem que gosta de se cuidar mais um bocado. É assim, para mim um homem que não se cuida hoje em dia, que não se cuida é um homem digamos que retrógada, não é? Não quer evoluir no tempo, ou acha que nasceu assim e tem de se manter assim, mas... Hoje em dia, gosto mais de andar de sweat *e é aquilo que eu estava a dizer, mais virado para um estilo mais jovem, mas sempre fui assim e, realmente, tanto no meu vestir como no meu cuidado, tentar ser um homem mais jovem, não é? E acompanhar os tempos."*

Arnaldo, 39 anos, casado, 1 filho, 12º ano, guarda prisional

Todos os entrevistados referiram que atribuem muita importância à imagem, seja porque esta influencia o seu bem-estar e auto-estima, porque consideram que as pessoas são avaliadas/julgadas pela sua imagem, ou porque uma boa aparência se traduz em mais-valias na esfera profissional ou amorosa. Nas palavras de Arnaldo "a imagem hoje em dia é tudo" , faz parte do "nosso marketing" defende Abílio.

5.7 Eu, a metrossexualidade e os outros

Ainda que este trabalho não seja sobre *metrossexualidade*, a categoria serviu de mote à investigação e influenciou o desenho do objecto de estudo. O termo foi igualmente útil no momento da selecção dos homens a entrevistar, servindo para clarificar os intermediários dos contactos acerca das características dos homens a entrevistar. Deste modo, os homens entrevistados foram identificados como *metrossexuais* e/ou homens com níveis e tipos de cuidados atípicos e estereotipadamente associados ao universo feminino e homossexual pelos intermediários que forneceram os seus contactos[91]. Uma das curiosidades que daí advieram era a de saber que representações tinham os próprios acerca da categoria e se com ela se identificavam.

A maior parte dos entrevistados deu uma definição de *metrossexualidade* de alguma forma próxima da proposta pelo criador do termo, Mark Simpson. Segundo o seu autor, "o típico *metrossexual* é um homem jovem, com dinheiro para gastar, que vive dentro ou perto de uma grande cidade – porque é aí que estão as melhores lojas, discotecas, ginásios, cabeleireiros. (…) Profissões como modelos, empregados de mesa, jornalistas, músicos e, actualmente, desportistas, parecem atrair este tipo de homens, mas verdade seja dita, tal como os produtos de beleza masculinos e os herpes, eles estão por todo o lado. (…) O homem heterossexual, estoico, sacrificado e modesto não comprava o suficiente (o seu papel era ganhar dinheiro para a sua mulher gastar), e por isso foi substituído por um novo tipo de homem, menos seguro da sua identidade e muito mais interessado na sua imagem"[92].

Evidenciando o contacto com conteúdos mediáticos que abordam o assunto, muitos dos entrevistados definiram um *metrossexual* como um homem heterossexual que cuida do seu corpo e da sua aparência. Alguns deles chegaram mesmo a caracterizar a *metrossexualidade* a partir de outras dimensões que não os cuidados com o corpo, como o facto de se tratar de homens mais participativos nas tarefas domésticas, mais sensíveis ou, como Joaquim afirmou, "mais evoluídos".

---

[91] Como fica explicado no Capítulo II, depois desta primeira hétero-classificação dos indivíduos como metrossexuais e/ou homens com elevados investimentos corporais, antes de prosseguir para a entrevista certificou-se junto dos próprios que cumpriam os requisitos para participar nesta pesquisa (sobre este assunto ver o ponto 2 do Capítulo II).

[92] Fonte: http://www.salon.com/2002/07/22/metrosexual/ (consultado a 10 de Fevereiro de 2008).

"[Já ouviste falar em metrossexualidade?] Claro! Nestes anos é que se inventou essa palavra. Mas é normal, cada vez há mais dinheiro. Tudo o que é para a aparência, ou para a televisão, ou para comer, toda a gente… É normal que cada vez haja mais pessoas assim. Também porque as pessoas vão vendo as revistas. Vão vendo isto ou aquilo e acabam por… Antigamente não havia tanta informação. Hoje tu vais à Internet*, carregas lá e aparece o que tu quiseres. (…) Um metrossexual não quer dizer que seja um homem bonito. Não tem nada a ver. Um metrossexual é um homem que tem os mínimos cuidados com o corpo ou com a aparência. (…) Eu claro que sou metrossexual. Se me cuido minimamente sou metrossexual. Apesar de fumar e essas merdas… às vezes nota-se."*

Adão, 22 anos, solteiro, sem namorada, 9º ano, empregado papelaria

Outros dos entrevistados associaram, no entanto, a *metrossexualidade* a homens homossexuais, "que se cuidam como as mulheres" e de forma exagerada. Esse foi sobretudo o caso dos entrevistados com uma visão de género mais tradicional e dicotomizada, como Duarte. Este entrevistado questiona se um *metrossexual* não será na verdade um homossexual que pretende camuflar através da adesão a este tipo de categorias a sua orientação sexual.

"Sim, [o termo metrossexual] surge com essas novas preocupações que os homens têm e eu acho que, de certa forma, é bem capaz de ser um bocadinho exagerado. Eu também não sei, o que é que se define como metrossexual? É o homem que faz o quê? Tem cuidados com a roupa, com o corpo, com parte dele? Também não consigo definir nem sei bem… Sei que há essa ideia de que um homem que tem um outro tipo de preocupações é metrossexual. Se calhar é isso que nós temos estado a falar, que tem cuidados com os cremes, que faz as sobrancelhas, que faz lipoaspirações, que faz massagens, que faz tratamentos… Mas eu acho que toda a gente sabe distinguir ou ver que um homem é metrossexual. (…) Eu acho que depois também pode haver uma fronteira muito ténue entre aquilo que pode ser alguém que facilmente identificamos como sendo homossexual e metrossexual – não significa que seja. Acho que é homossexual pela aparência, mas se calhar é metrossexual. Se calhar o homossexual que não quer que saibam que é homossexual diz que é metrossexual."

Duarte, 31 anos, solteiro, com namorada, licenciatura, assessor de vereador

Como os discursos de Adão e Duarte evidenciam, as suas concepções da *metrossexualidade* são bastante diferentes. Se para o primeiro a *metrossexualidade* se refere a homens modernos, com cuidados com o corpo que ele considera mínimos, para o segundo trata-se, ao invés, de homens com cuidados excessivos com o corpo, que podem, ou não, ser homossexuais. Por isso, Adão auto-identifica-se com a *metrossexualidade* e Duarte não. Esta diferença de atitude perante a categoria é acompanhada por semelhanças ao nível dos modos de produção corporal dos entrevistados. Separa-os o capital escolar e o olhar crítico que lançam sobre os *media*.

Mas não foram só os homens com representações mais negativas da *metrossexualidade* que rejeitaram auto-identificar-se como *metrossexuais*. Alguns dos entrevistados mais escolarizados, como Abílio, César ou Miguel questionaram a existência de um "label" para os homens que se preocupam com o corpo e a aparência, quando não existe nada semelhante em relação às mulheres, denunciando o termo como uma estratégia de mercado, uma operação de marketing. Ou seja, no seu entender, eles são homens normais, fazem aquilo que é normal um homem moderno fazer e, portanto, rejeitam este tipo de categorização.

Independentemente de se auto-identificarem, ou não, como *metrossexuais*, a maior parte dos entrevistados foram unânimes ao afirmar que consideram que os homens actualmente cuidam mais do seu corpo e da aparência do que nas gerações passadas. A essa tendência alguns associaram uma modernização dos comportamentos e evolução da forma como os homens cuidam de si, afirmando deste modo a modernidade dos seus comportamentos. O discurso de César é disso ilustrativo quando afirma que "o ser humano está melhor" associando essa *evolução civilizacional* ao facto de as pessoas, homens e mulheres, cuidarem mais dos seus corpos e da sua aparência (Elias, 2006 [1989]).

> *"[Mas então acha que os homens estão cada vez mais a cuidar do seu corpo…?] Acho que sim. Eu acho que cada vez mais. Por exemplo, a nível dos ginásios, já há muita gente a perguntar: "Que creme devo usar depois do treino?". E depois alguém dá umas dicas: "Eu comprei este, uso este…". Já se nota. Antigamente as pessoas tinham pudor. Nem pensar nisso. Sou homem, não percebo nada disso. Mas isto ao nível de quem faz treinos. O resto das pessoas acho que não ligam muito. Mas também cada vez há mais ginásios, mais homens a ir para o ginásio. Cada vez há mais mulheres, também. Acho que o ser humano agora está melhor do que há alguns anos. Estão-se a cuidar mais. Eu vejo… Ficava estupefacto, gente da minha idade que parece que o mundo já acabou, já não tem objectivos, nada lhe interessa. Faz-me muita confusão. Fico mesmo… Eu tenho esta idade mas parece que tenho uns 20 anos. Eu quero sempre coisas novas, eu nunca estou bem…"*
>
> César, 46 anos, casado (formalmente), 1 filho, bacharelato, técnico de farmácia

Outros dos entrevistados fizeram referência às pressões externas que concorrem para esse referido aumento do nível de preocupações e cuidados com o corpo masculino. As pressões identificadas, segundo os entrevistados, chegam principalmente a partir da publicidade e do mercado de bens e serviços destinados aos cuidados corporais, mas também surgem associadas à esfera do trabalho e às mulheres. Como Tomás afirma, as mulheres "aproveitam" o crescimento da oferta de produtos destinados ao público

masculino incentivando os seus companheiros a utilizá-los, “melhorando-os”.

> *“[Achas que hoje em dia os homens cuidam mais do corpo?] Acho que sim. Se calhar também porque agora têm mais opções. Não sei se dantes havia estes produtos todos para homem. Acho que têm muitas mais opções ao seu dispor. E também porque há muita mais propagação. Vê-se muito mais anúncios. Vê-se muito mais publicidades a isso. As mulheres aproveitam. Metem-nos todos em fila e dizem: ‘vá façam alguma coisa!’. [Achas que as mulheres também exigem isso?] Não vou dizer exigem, mas é claro que se elas vêem que podem melhorar alguma coisa no homem que está com elas, acho que vale a pena. Eu faria o mesmo.”*
>
> Tomás, 24 anos, solteiro, com namorada, licenciatura, informático

Também Bernardo faz referência ao “bombardeamento” publicitário de que os homens, hoje em dia, são alvo. Neste caso, a pressão para o consumo e o aumento dos cuidados com o seu corpo e a aparência já não é vista pela positiva. Bernardo, um homem com uma postura bastante reflexiva sobre o funcionamento da sociedade, as suas regras e ideiais, vê no mercado de consumo e publicidade esferas que constrangem e se impõem à acção social, impondo estilos de vida e ideias de beleza uniformizados aos indivíduos.

> *“Todos os dias és bombardeado com imagens publicitárias de que o magro e o elegante são bonitos. O gordo é feio. A mensagem está sempre presente na tua cabeça. O que é bonito e o que é feio. Estão a dar-te respostas sem tu teres feito perguntas. E como é uma sociedade cada vez mais baseada no corpo, tens que emagrecer por razões estéticas, não por razões de saúde…porque as pessoas descriminam, tu própria sentes que as pessoas olham para ti por seres diferente…quando na verdade não és. (…) Esse tipo de imagens, esse tipo de discriminação, é de facto revelador da sociedade baseada na estética, no corpo, na aparência, mais do que nunca. (…) O standard é bonito, jovem, sem pelos no peito, com charme, com pinta, bem vestido, grande carro… Se não, não vales nada. Basicamente. Nós fazemos esse mal a nós próprios. O homem tem de ser macho, não pode ser sensível, não pode chorar, duro, decidido, com classe, com dinheiro, com gosto, com educação. É uma pressão constante em termos de estética e maneira de estar. Toda a gente se esquece de ser ela própria. Andam todos num filme, são todos actores e actrizes. Imagina que agora eu tirava um macaco do nariz…”.*
>
> Bernardo, 34 anos, solteiro, com namorada, 12º ano, gestor de produtos bancários

Ainda que as práticas, intensidade dos cuidados e motivações associadas aos modos de produção corporal individuais sejam muito diversificadas, estes homens partilhem entre si determinadas características que fazem deles uma excepção nos quadros de interacção onde se movem. Nesse sentido, praticamente todos eles afirmaram que no seu grupo de amigos, entre os colegas de trabalho e familiares, a maior parte dos homens não

comunga com eles do mesmo tipo e intensidade de cuidados com o corpo e a aparência. Outros referiram, ainda, não estar a par do tipo de cuidados que os outros homens têm com os seus corpos uma vez que simplesmente isso não é motivo de conversa.

Como se viu ao longo da análise anterior, muitos destes homens já foram alvo de uma série de comentários de cariz humorístico sobre a forma como cuidam do seu corpo ou a roupa que vestem. Por isso, ainda que estes homens falem de uma mudança de comportamentos ao nível da forma como os homens produzem os seus corpos e aparência, na qual se integram, também reconhecem que no senso comum é forte a associação que se faz entre ter cuidados com corpo, nomeadamente fazer a depilação, usar cremes e roupa com cores mais "vivas", e ser-se homossexual. Por isso, também, muitos deles tentam omitir, na medida do possível, os seus hábitos, mesmo diante de amigos ou familiares mais próximos. Veja-se o exemplo de Tomás que, como muitos dos entrevistados, costuma ouvir comentários do seu pai.

> *"[Às vezes faz-se uma associação entre o facto de os homens se cuidarem e serem homossexuais. O que é que achas sobre isso?] Não sei, é o estereótipo da sociedade. Não te sei dizer. Eu associo. Uma pessoa é adolescente, é* teenager*, é sempre a gozar com tudo e com todos. 'Faz isto é gay, faz aquilo é gay'. Uma pessoa diz isso. Mas eu próprio não tenho uma razão racional para te dizer isso. Porque eu, se vir alguém que eu ache que é, não vou estar a dizer isso porque olhei para a cara e vi que tinha… Olhei para a roupa e se calhar percebi. Ou pela maneira de andar, ou qualquer coisa. Nem sei. Isto é muito mau de se dizer. (risos) [E a ti nunca ninguém te mandou uma piada?] Não. Eu acho que muita gente não sabe. Não é uma coisa que eu fale com muita gente. (…) [E o teu pai…] Ele sabe, ele farta-se de gozar. Ele goza à grande e à francesa. Ele só diz, 'epá antes não via nada nesta casa de banho, agora é só frascos de cremes e coisas de um lado e coisas do outro'. E eu: 'cala-te e experimenta! Pode ser que faça alguma coisa por ti'. (risos) (…) Ainda há dias o meu avô me disse que pintar o cabelo é coisa de homem* gay*. Depois de ele saber que eu fiz madeixas e tudo, mas pronto."*
>
> Tomás, 24 anos, solteiro, com namorada, licenciatura, informático

Ainda que os entrevistados, no geral, cuidem dos seus corpos e da aparência com uma intensidade elevada, motivo pelo qual são censurados pelos pares, a maior parte não deixou de afirmar, a seu favor, o facto de considerar que os homens não se cuidam tanto como as mulheres. Segundo os discursos da maior parte dos entrevistados, em regra as mulheres cuidam-se mais do que os homens e fazem-no por vaidade, a sua auto-estima depende mais da sua satisfação com a aparência, a sua beleza é mais valorizada no mercado matrimonial, entre outros aspectos. Tal como se verificou em relação às representações de género, as evidências empíricas que contrariam esta sua visão da realidade são classificadas como excepções à regra. As justificações usadas para

sustentar esta visão diferenciadora dos homens e das mulheres, ao nível dos cuidados com o corpo e a aparência, podem dividir-se entre aquelas que remetem para a dimensão cultural e social e as que remetem para uma visão mais naturalizada dos géneros. Entre aqueles que usaram argumentos de natureza biológica ou hormonal, não foi raro ouvir-se dizer que a realidade "vai ser sempre assim", com as mulheres a produzirem-se mais do que os homens. Essa é a opinião de Adão que argumenta que essas diferenças de género estão "no sangue das pessoas".

> *"[Achas que de uma maneira geral as mulheres cuidam mais da aparência do que os homens?] Sabes que sim. Porque é uma coisa… Se calhar hoje em dia já há homens que se cuidam tanto como as mulheres. Isso começou a aparecer nas mulheres, mas agora já apareceu nos homens. (…) Mas vai ser sempre…as mulheres vão cuidar-se sempre mais. Os homens divertem-se mais a beber ou a fumar que as mulheres. E há uns que agarram em tudo… (risos) Uma mulher não tem tentação nisso. Também há bêbadas… O homem nasceu para isso. Mas isso também já está a mudar. No fim de contas há de tudo! (...) A mulher no fundo acaba por ser a beleza maior. Quem é que ganha mais no mundo da moda? É uma mulher, não é um homem. E isso vai ser sempre assim. [Mas porque é que achas que não vai mudar?] Acho que agora já está no sangue das pessoas. (…) Vão aparecer coisas novas, mas vai ser sempre assim."*
>
> Adão, 22 anos, solteiro, sem namorada, 9º ano, empregado papelaria

Também Tomás, ainda que de forma menos acertiva do que Adão, especula sobre os motivos que explicam o facto de as mulheres serem mais "vaidosas". Diferenças hormonais, hereditárias ou genéticas são algumas das hipóteses que levanta.

> *"[Achas que de uma maneira geral as mulheres cuidam mais do corpo que os homens?] Sim. Eu estava tentado a dizer que é porque as mulheres são mais vaidosas. Mas não sei… Têm muitos mais cuidados no que toca a aparência, seja ela de que teor for, seja roupa, imagem, cara, corpo. Acho que têm muitos mais cuidados, mas de longe. Preocupam-se muito mais. Com a linha, por exemplo… mas não sei porquê. Se é hormonal, se é hereditário, se é genético. Não sei. Mas acho que sim. (...) Acho que sempre foi assim. E até te digo mais, se visse uma que não se cuidasse até levantava a sobrancelha e ficava a pensar "mau, o que é que se passa aqui?". Ficava de pé atrás. Porque depois acaba por ser estranho. Se tu vês uma mulher que não se cuida também começas a pensar, "é estranho!". Eu agora estou a associar isto a mulheres que sei que não se cuidam e pronto, nota-se.*
>
> Tomás, 24 anos, solteiro, com namorada, licenciatura, informático

Os entrevistados foram, ainda, questionados sobre as representações em relação a homens e mulheres que ora se cuidam de forma excessiva, ora se distinguem por não ter cuidados com o corpo e a aparência. Se nalguns casos os entrevistados optaram por dar uma resposta neutra do tipo "cada um é que sabe", muitas vezes estes teceram duras

críticas, sobretudo às pessoas que não demonstram ter cuidados especiais com o seu corpo e aparência. Aos cuidados em demasia alguns entrevistados associaram características como a futilidade, insegurança, desgostos amorosos e, no caso dos homens, ser-se homossexual ou indecisão quanto à orientação sexual. Alguns dos homens não deixaram, no entanto, de referir que os cuidados com o corpo e a aparência nunca são demais. Isso é verdade sobretudo entre os entrevistados de classes mais baixas, orientados para o *bem-parecer*, onde os cuidados promovem a expressão de um estatuto social. Por sua vez, as pessoas que não investem no corpo e aparência foram caracterizadas como conservadoras, pessoas que não têm vontade de viver, com falta de auto-estima, desleixadas também noutras esferas da vida como o trabalho, um sinal de problemas. Neste caso, alguns dos entrevistados referiram sentir maior desconforto e "confusão" perante uma mulher pouco cuidada, do que perante um homem, o que se associa a uma imagem mais naturalizada do corpo masculino.

Passando para o plano dos corpos de sonho, dos corpos masculinos e femininos ideais, a estranheza advém da grande harmonia encontrada entre as descrições fornecidas pelos entrevistados. Tal como Sarah Grogan (2001) acabou por identificar no seu estudo, também aqui os músculos foram referidos de forma destacada como uma característica fundamental de um corpo masculino ideal, ressalvando a maior parte dos entrevistados que não se estavam a referir a um corpo demasiadamente musculado, como o corpo de quem pratica musculação. O excesso dos músculos, na opinião de alguns dos entrevistados, denuncia um corpo demasiado trabalhado e, por isso, não "natural". Para além do corpo musculado, tonificado ou "seco", alguns entrevistados também referiram que um corpo ideal deve ser alto. Estas são as duas principais características do corpo idealizado pelo conjunto dos homens entrevistados. Para além de se pedir alguma discrição, sobretudo para facilitar a resposta a esta pergunta, solicitou-se também aos entrevistados que ilustrassem este seu ideal de corpo masculino com exemplos de figuras públicas. O actor Brad Pitt foi referido por metade dos entrevistados como um homem a quem invejam o corpo, seguindo-se o português Cristiano Ronaldo. A referência a jogadores de futebol e actores portugueses foi mais comum entre os entrevistados oriundos das classes mais baixas, onde a cultura futebolística parece ter maior influência. Aliás, alguns já praticaram futebol profissional idealizando para si carreiras de sucesso que os catapultariam para o estrelato e o reconhecimento social.

Tendo em conta o *corpo de sonho* (Ferreira, 2011b) alto e musculado, não surpreende que a maior parte dos homens entrevistados eleja o peito/barriga pouco

musculados e as pernas ou braços muito finos como aquilo que menos gostam no seu corpo.

O corpo feminino ideal é bem distinto do anterior, surgindo aqui a magreza por oposição ao músculo como o factor distintivo principal. Se muitos dos entrevistados referiram que o corpo feminino ideal não poderia ter demasiados músculos, também afirmaram, no entanto, que não poderia ser demasiado magro, fazendo ainda referência à importância das curvas, da voluptuosidade das formas como algo que privilegiam. Sensualidade e elegância foram igualmente dois atributos mencionados. Ser-se alta já não aparece entre os atributos de um *corpo de sonho* feminino, ao contrário, dois dos entrevistados acabaram mesmo por referir que, idealmente, uma mulher deveria ser mais baixo do que um homem. Ao contrário da escassez e uniformidade de exemplos de figuras públicas que ilustrassem um corpo masculino ideal, neste caso não faltaram nomes de mulheres que se destacam pelos corpos perfeitos que exibem: Angelina Jolie, Diana Chaves, Rita Pereira, Giselle Bundchen ou Catarina Furtado são alguns exemplos. Em jeito de conclusão, vale a pena sublinhar que, ainda que estes homens reivindiquem para si muitos dos cuidados que tradicionalmente se associam ao universo feminino, o corpo masculino e feminino que idealizam continua a ser diferente.

6. Masculinidades numa tipologia: corpo, relações e representações de género

Como muitos autores têm vindo a apontar, as masculinidades variam no tempo, mas também no espaço. São, numa palavra, plurais (Aboim, 2010). Nas sociedades da modernidade tardia (Giddens, 1994), expressões de género que encarnam a ideia de que as fronteiras entre o masculino e o feminino se estão a esbater convivem, lado a lado, com outras mais tradicionais e menos reflexivas. Também a uma escala individual se podem identificar práticas, representações e valores mais e menos tradicionais, nalguns casos relacionando-se de forma mais harmoniosa, noutros de forma menos coerente (Lahire, 2001, 2002). Para além da diversidade, podem identificar-se relações de poder entre os diferentes ideais-tipo de masculinidades, ou seja, modelos mais hegemónicos do que outros (Connell, 1995), a que se associam estratégias individuais de distinção social (Bourdieu, 2010 [1979]). Foi para dar corpo a esta panóplia de enunciados teóricos que se ensaiou a tipologia apresentada de seguida.

Ainda que uma tipologia corresponda sempre a uma exercício de abstração que implica alguma simplificação e redução da complexidade da realidade social, a sua pertinência sociológica justifica-se, neste trabalho, por três motivos principais. Primeiro porque permite dar conta de regularidades, não em termos numéricos, mas em termos do "sentido tentado" da acção, na senda da tradição *weberiana* (Weber, 2005 [1922]). Segundo, porque permite pôr em relação várias dimensões analíticas, o que contrasta com a análise temática que a precede. São elas os modos de produção corporal, as dinâmicas conjugais e parentais, bem como as representações de género e auto-identidade. Aquilo que se designa por auto-identidade refere-se ao posicionamento dos entrevistados na escala dos géneros, a propósito do exercício que lhes foi proposto no decorrer da entrevista. Terceiro, porque permite recentrar a atenção no indivíduo enquanto unidade de observação. Nesse sentido, o objectivo principal é dar conta do jogo de articulações que se estabelecem entre as diferentes dimensões de análise, entre o complexo quadro de disposições à escala individual. A expectativa é, portanto, a de que a tipologia consiga espelhar o conjunto de lógicas-padrão possíveis.

O resultado do exercício traduz-se numa tipologia composta por quatro ideais-tipo, os quais permitem dar conta quer das diferenças substantivas identificadas no grupo de homens entrevistados, quer da diversidade de lógicas relacionais que entre as diferentes dimensões analíticas se estabelecem (Quadro 3.5). Para a sua definição as dimensões analisadas contribuíram com pesos diferentes, o que ficará esclarecido à medida que

forem apresentados. Como em qualquer tipologia, apesar dos ideais-tipo mais não serem do que abstrações feitas a partir das características dos homens reais, foi por vezes difícil fazer corresponder um indivíduo a uma das categorias. A solução apresentada é aquela que se afigurou mais satisfatória, dentro de outras possíveis, portanto.

De seguida, apresentar-se-ão as principais características de cada ideal-tipo de masculinidade, os quais ganharão vida a partir de *retratos sociológicos* de alguns dos entrevistados que, mais paradigmaticamente, lhes dão corpo na vida real (Lahire, 2002, 2005). A inclusão dos retratos prende-se com objectivos puramente analíticos, por enriquecer e contribuir para a interpretação da informação. A estrutura dos retratos não respeita a cronologia dos acontecimentos, ainda que privilegie uma narrativa que dê conta das origens e trajetória social.

Não foi fácil encontrar designações para os quatro ideais-tipo, chegando-se à seguinte solução: *masculinidades tradicionais*, *masculinidades reflexivas*; *masculinidades distintivas*, *masculinidades exuberantes*. A expectativa é que as designações sejam claras e adequadas. Para facilitar a caracterização incidir-se-á, muitas vezes, sobre as semelhanças e diferenças mais vincadas entre os diferentes ideais-tipo.

Os homens incluídos nas *masculinidades tradicionais* diferenciam-se dos restantes, exactamente, pela tradicionalidade das suas disposições nas diversas dimensões em análise. A família e os filhos constituem uma importante esfera de satisfação e/ou estatuto social para os homens aqui incluídos, podendo distinguir-se duas atitudes diferentes neste âmbito: por um lado, os *homens românticos* com relações mais fusionistas, cujo tempo livre é vivido com a família e, por outro lado, os *homens galãs* cujo investimento na rede de sociabilidades parece rivalizar com o investimento familiar, e não raro protagonizam episódios de infidelidade.

Do ponto de vista das representações de género, estes homens partilham concepções que, regra geral, pouco parecem problematizar as diferenças entre homens e mulheres, dando sobretudo justificações de ordem natural ou biológica para as explicar. Na escala dos géneros, os entrevistados que deram voz às *masculinidades tradicionais* (excepto um) auto-posicionaram-se na base da escala, no número zero, ou seja no máximo masculino. Ao procurar compreender este ideal-tipo de masculinidade sobressai o facto de todos se caracterizarem pelos baixos recursos escolares e terem proveniências de classe menos favorecidas. Não sendo os únicos provedores do lar, detêm o grosso dos recursos económicos disponíveis e alguns desejam ou já desejaram, inclusive, que as companheiras não exerçam uma actividade profissional.

Ainda que, ao nível dos modos de produção corporal, este ideal-tipo congrega homens que se localizem nos extremos de uma escala de intensidade dos investimentos, quer num caso, quer no outro, estamos perante produções corporais que caem no âmbito daquilo que se considera mais tradicional, ou típico dos homens. Incluem-se aqui os homens cuja actividade física, é muito rigorosa e visível na massa muscular, mas também aqueles que se diferenciam pelos baixos investimentos e um *corpo destino,* que é deixado ao sabor do percurso "natural" do tempo biográfico.

Ao contrário do ideal-tipo anterior, as *masculinidades reflexivas* são protagonizadas por homens com elevado capital cultural e/ou com origens familiares mais favorecidas. Trata-se de homens que desempenham actividades (profissionais ou recreativas) com algum grau de criatividade ou possuem elevados níveis de autonomia no desempenho das suas funções. Este elevado capital cultural associa-se a elevados níveis de reflexividade e problematização aprofundada das diferenças de género, e não só. Um sinal da modernidade de concepções de género está patente no seu auto-posicionamento na escala dos géneros em níveis mais intermédios, o que justificam na medida em que se identificam com algumas das características que comummente são atribuídas às mulheres, como a sensibilidade.

As trajetórias amorosas tendem a caracterizar-se por alguma diversidade de experiências, algumas delas bastante dolorosas como alguns destes homens acabaram por partilhar. Num dos casos, a actual relação distingue-se pela abertura a outros relacionamentos, seja por parte dele, seja por parte dela.

Quanto aos modos de produção corporal, trata-se de homens com níveis de investimento médios e elevados, e entre as motivações para os cuidados com o corpo e a aparência foi referido, sobretudo, a procura de bem-estar. É, por exemplo, entre estes homens que o consumo de massagens é mais comum. Por sua vez, o investimento em roupa e acessórios é relativamente baixo, face ao seu capital económico, tendendo os homens das *masculinidades reflexivas* a optar por *roupa invisível*, cuja marca não seja identificável. Esta produção corporal é, portanto, controlada na forma como se deixa notar, no âmbito de uma estratégia de distinção social face à exuberância estética e à demonstração explícita através do uso de roupas de marca. O *corpo naturalizado* surge enquadrado numa crítica à sociedade do consumo, da aparência, da futilidade e, nalguns casos, faz-se acompanhar por algum desencanto ou instabilidade face às rápidas mudanças sociais, nomeadamente na ordem de género. Ao contrário do *corpo destino*, com o qual não há preocupação reflexiva e prática, este corpo é intencionalmente

produzido para ter uma aparência “natural”.

Os homens que se enquadram nas *masculinidades distintivas*, por sua vez, usam o corpo e o vestuário como instrumentos de distinção social, na medida em que lhes são úteis enquanto símbolos que facilitam o acesso e demonstram a pertença de classe. O fato é o ícone máximo do *corpo executivo* e da ética do *parecer-bem* ao qual aderem com satisfação. Enquanto os homens das *masculinidades reflexivas* rejeitam qualquer tipo de *label* ou categorização social a partir da sua aparência, aqueles que se enquadram nas *masculinidades distintivas* afirmam querer adequar-se aos padrões estéticos vigentes, querer parecer bem nas diferentes esferas sociais em que se movem, reforçando a importância do capital físico (Shiling, 1991) no trabalho e no amor. A maior parte é jovem, possui habilitações literárias de nível superior e está a protagonizar uma trajectória de mobilidade social ascendente expressiva. Ao nível das representações de género, as *masculinidades distintivas* comungam com as *masculinidades tradicionais* a fraca problematização destas questões, ainda que de forma menos vincada.

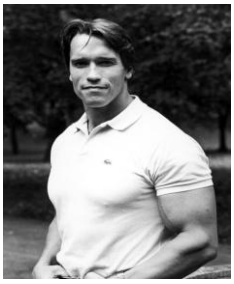
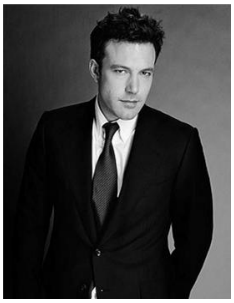
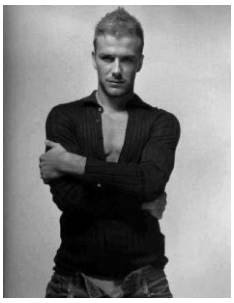
O último ideal-tipo, as *masculinidades exuberantes*, aproximam-se provavelmente daquilo que no senso comum se entende por *metrossexual*. São homens que se distinguem pelos elevados investimentos corporais, sobretudo os menos tradicionais, como por exemplo, o uso de perfume de mulher, a aplicação de *gloss* nos lábios, o uso de roupa mais exuberante e, por vezes, do segmento feminino. Nalguns casos identifica-se uma ética da contestação face à corporeidade modal, face às regras que são sentidas como imposições, usando-se o corpo como dispositivo de apresentação e expressão social de uma interioridade que se considera “diferente”. O cabelo comprido e a *roupa com estilo* servem para mostrar irreverência e gosto por acompanhar a vanguarda da moda.

O posicionamento na escala dos géneros denota uma aproximação mais ou menos consciente ao universo feminino, neste domínio. A maior parte situou-se no nível cinco ou mais. No entanto, quer a *excorporação* de uma imagem de contra-tendência, quer o posicionamento na escala do género, não são necessariamente acompanhados por um questionamento mais crítico das categorias de género a outros níveis. A esse respeito, indicadores como a classe social de origem e pertença, ou o capital escolar funcionam como poderosos preditores das atitudes e valores a este respeito partilhados.

Ainda que, para os intermediários que forneceram os contactos dos entrevistados, os seus modos de produção corporal desafiem aquilo que eles entendem como “normal”, nem todos as práticas e consumos aqui analisados podem ser classificados como

fracturantes em relação ao tradicional, pelo menos em termos do sentido que é atribuído à acção. Refira-se, por exemplo, o recurso à depilação com o intuito de tornar mais evidentes os músculos hipertrofiados por parte dos praticantes de musculação, comum entre as *masculinidades tradicionais*. No entanto, efectivamente muitas das práticas aqui analisadas vêm reivindicar a inclusão de cuidados tradicionalmente reservados às mulheres nas masculinidades legítimas, no sentido de uma valorização do capital físico (Shilling, 1991). Ao contrário de uma das hipóteses de partida da pesquisa, esta modernidade ao nível dos modos de produção corporal não se faz necessariamente acompanhar pela modernidade de concepções ou relações de género. Muitos destes homens partilharam representações de género fortemente dicotomizadas e ancoradas em argumentos de cariz natural e biológico, bem como se inserem em relações conjugais e parentais com forte grau de especialização de papéis. Esse é o caso das masculinidades distintivas e exuberantes. Ainda assim, a reflexividade característica da modernidade tardia fez-se sentir em todos os discursos, seja a partir da enunciação de várias excepções à regra da coincidência entre sexo e género, seja pela consciência em relação às intensas mudanças na ordem de género e perda de poder por parte dos homens.

Quadro 3.5: Ideais-tipo de masculinidade

		Nome	Corpo	Representações Género	Escala Géneros
	**TRADICIONAIS**	José	Musculado	Dicotomia problematizada	5
		Manuel	Musculado	Dicotomia naturalizada	0
		Serafim	Destino	Dicotomia naturalizada	0
		Arnaldo	Musculado	Dicotomia naturalizada	0
		Elias	Musculado	Dicotomia problematizada	0
	REFLEXIVAS	Miguel	Naturalizado	Dicotomia problematizada	5
		Bernardo	Naturalizado	Dicotomia problematizada	5
		Paulo	Naturalizado	Dicotomia problematizada	5
		Filipe	Naturalizado	Dicotomia problematizada	4
	**DISTINTIVAS**	Duarte	Executivo	Dicotomia naturalizada	5
		Telmo	Executivo	Dicotomia naturalizada	2
		Tomás	Executivo	Dicotomia naturalizada	3
		Nuno	Executivo	Dicotomia naturalizada	2
		Abílio	Executivo	Dicotomia problematizada	5
		Adão	Executivo	Dicotomia naturalizada	5
	**EXUBERANTES**	Mário	Metrossexual	Dicotomia naturalizada	4
		André	Metrossexual	Dicotomia problematizada	5
		Ângelo	Metrossexual	Dicotomia naturalizada	4
		César	Metrossexual	Dicotomia problematizada	7
		Rodrigo	Metrossexual	Dicotomia naturalizada	5
		Joaquim	Metrossexual	Dicotomia naturalizada	6

6.1 Masculinidades tradicionais

Caso 1. Arnaldo, o homem dos músculos instrumentais

A conversa com Arnaldo durou pouco mais de três horas, incluindo o rápido jantar no centro comercial onde decorreu a entrevista. Arnaldo mostrou-se bastante à-vontade e o facto de a interlocutora partilhar as origens geográficas facilitou desde logo a criação de empatia. Arnaldo é um homem com um corpo notavelmente trabalhado no ginásio, visível através da sweatshirt justa que usava.

Arnaldo tem 39 anos, nasceu em França e com 11 anos veio viver para a pequena aldeia no norte de Portugal de onde os pais eram naturais. Agora estes dedicam-se à agricultura. Em França o pai de Arnaldo trabalhava na construção civil e a mãe era empregada doméstica. Ambos não foram além do 1º ciclo de ensino. Arnaldo caracteriza os pais como um casal da altura, conservador. Não trata os pais por "tu", o que no seu contexto é sinal de respeito. É com a mãe que tem mais intimidade e à-vontade para desabafar eventuais problemas da intimidade. Entre os pais as tarefas domésticas nunca foram divididas, estando a cargo exclusivamente da mãe. Tal como o pai, os filhos não partilhavam essas responsabilidades: "não, a minha mãe sempre nos poupou".

Arnaldo, com 15 anos e o 2º ciclo completo, abandona a escola para poder começar a trabalhar e satisfazer os seus caprichos pessoais. Primeiro acompanha os pais na agricultura, depois trabalha numa mina, passando ainda por uma pequena empresa familiar de cutelaria. Mas, como o próprio diz, "aquilo, pá, não era vida para mim e assim que pude fugi de lá". Seguiu-se a tropa, a força aérea durante três anos, depois do que vai viver para Cascais com o irmão. O trabalho numa empresa de segurança não o satisfazia e Arnaldo toma a decisão de voltar a estudar. Com o diploma do 3º ciclo concorre para a Guarda Prisional, onde entra dois anos mais tarde. Enquanto realiza as provas de admissão, completa o 12º ano e trabalha numa empresa de aluguer de automóveis. No seu dia-a-dia passa muito tempo a treinar o cão e trabalhar o seu corpo. Gosta muito do que faz.

Poucos meses depois de ir viver para Cascais conheceu a sua esposa. Namoraram durante cinco anos até casar pela igreja em 2002. A casa foi comprada dois anos antes e Arnaldo viveu lá sozinho até ao casamento, altura em que começaram, portanto, a viver juntos. Ela completou o 11º ano e é administrativa numa empresa. Em casa é sobretudo ela que se encarrega das tarefas domésticas, uma vez que Arnaldo concilia a sua actividade profissional com outros biscates que lhe dão algum rendimento extra. Porque o seu horário profissional é exigente e por causa da sua falta de jeito natural, considera a divisão do trabalho doméstico justa. Quando está em casa diz-se pronto para colaborar, excepto passar a roupa a ferro. A esposa por vezes reclama em vão mais participação

sua.

Têm uma filha de 3 anos cujo nascimento evitou o fim do casamento. O mal-estar começou com as dificuldades em engravidar, o que só veio a acontecer cinco anos depois das primeiras tentativas e depois de muitos tratamentos médicos. Por essa altura Arnaldo estava envolvido com outra mulher, numa relação que se tornou mais séria do que previa inicialmente. Ponderou terminar o casamento, mas com o nascimento da filha Arnaldo reconhece que a relação voltou ao que era e agora é "uma paz de espírito". Foi com muita emoção que viveu a fase da gravidez e chorou quando a filha nasceu, confessa. Nos primeiros meses de vida prestava muitos cuidados à filha, excepto dar banho, porque tinha receio. Actualmente afirma que a relação da mãe com a filha é mais próxima que a sua, sobretudo devido ao pouco tempo que passa em casa com elas. Por ser menina, Arnaldo sente que terá de ter alguns cuidados especiais no que toca principalmente às saídas. O papel do pai e da mãe são por ele equacionados como diferentes e complementares.

Os tempos livres são ocupados com a prática desportiva, a televisão, a leitura, pesquisas na *Internet* e algumas saídas à noite com os amigos para "espairecer". Há cerca de 20 anos que duas a três vezes por ano se reúne com um grupo de amigos sem limite de horário e bebida, diz. Por vezes vão a casas de striptease. Os tempos livres da sua esposa são bem distintos e passados quase que em exclusivo com a família.

Arnaldo não gosta dos pêlos e portanto corta-os com uma máquina ou com gilete. Tira os pêlos de todas as partes do corpo sendo que, nas mais inacessíveis, conta com a ajuda da mulher. Já tentou arrancá-los com cera, aproveitando a cunhada que é esteticista, mas por causa da dor decidiu optar por outros meios. Também não gosta dos pêlos que tem entre as sobrancelhas e detesta os do nariz e orelhas. Depois do banho gosta de aplicar creme hidratante no corpo, ritual que lhe dá bastante prazer. No Verão tem por hábito usar cremes para reduzir a cintura. Na cara, de quando em quando, usa um esfoliante e máscaras de limpeza. Mais uma vez aproveitando os serviços da cunhada, pelo menos uma vez por mês faz manicura e pedicura. Usa o cabelo bem curto e, por causa das entradas, já pensou num implante capilar. Desistiu da ideia por causa do elevado custo. Tem duas tatuagens. Uma mais antiga de um escorpião e outra mais recente com o nome da filha. As idas ao dentista são frequentes.

O desporto sempre foi uma constante na vida de Arnaldo. Já praticou *box, kickboxing* e *karaté*. Actualmente, para além do treino que faz no trabalho, costuma fazer natação, andar de bibicleta, correr e frequenta um ginásio com o objectivo de manter o corpo definido e aumentar os músculos. Para manter os músculos alimentados toma um suplemento de proteína. Por causa do treino físico costuma comprar a revista Men's Health e fazer pesquisas na *Internet*. A acompanhar o treino vem uma alimentação mais ou menos regrada. Tem preferência pelos grelhados, cozidos e carnes brancas. Não

sendo fundamentalista, afirma, geralmente faz as refeições com a mulher e filha.

A roupa é comprada preferencialmente na companhia da esposa e em época de saldos. Evita lojas como a Zara por uma questão de "estilo" e frequenta outras menos comuns. Caracteriza o seu estilo a vestir como "jovem", apesar de garantir que não faz por parecer que tens menos idade. Em relação às cores diz adorar o rosa, azul-bebé, roxo e afins. Não usa acessórios, excepto um relógio que lhe mede o ritmo cardíaco quando corre.

Arnaldo cuida do seu corpo e da sua aparência para se sentir bem consigo próprio e para causar boa impressão junto dos outros: "é assim, para me sentir bem comigo próprio, olhar para o espelho e dizer assim, as pessoas que *tiverem* a olhar para mim vêem que eu tenho um certo cuidado. As pessoas que me conhecem sabem, mas as pessoas que olham para mim, vêem que eu tenho um certo cuidado, pronto, nomeadamente as mulheres, não vou dizer que não. Porque o ser homem é mesmo assim, é nós tentarmos parecer o melhor possível perante as outras pessoas, não é? E principalmente perante as mulheres, olhar para nós, um homem já com 40 anos e estar bem cuidado, mesmo a nível físico, a nível de pele. É isso basicamente, como se costuma dizer, não ando à procura de nada mas gosto que olhem e que vejam. Não sou nenhuma estrela como te disse, sou o *Shrek* mas gosto que olhem e que vejam "está cuidado"".

Para Arnaldo homens e mulheres tem personalidades diferentes e capacidades físicas distintas. Elas são mais meigas e eles são mais fortes. Na escala dos géneros Arnaldo situa-se no máximo masculino. Para isso justifica-se com o tipo de trabalhos que tem desempenhado e a sua relação com as mulheres. O facto de se cuidar, de usar cremes, fazer a depilação e tratar das unhas em nada diminuem a sua masculinidade, considera.

Caso 2. Serafim, o chefe de família

A entrevista com Serafim dividiu-se por duas sessões e um total de 2h30m . A primeira não se pôde prolongar pois a sua companheira acompanhou-o até ao centro comercial onde decorreu e fez alguma pressão para se irem embora. No fim da segunda sessão Serafim fez questão em almoçar com a entrevistadora e a levar de carro até casa. Serafim falou animadamente durante as entrevistas, apesar do constrangimento que algumas perguntas foram suscitando. Serafim é um homem relativamente baixo, com um aparência asseada.

Nasceu em Cabo-Verde há 23 anos, e há seis que vive em Portugal. Veio para fugir ao serviço militar e estudar, entretanto ficou para trabalhar, mas tem nos planos regressar ao país natal. Os motivos são sobretudo de cariz cultural: "eu não gosto muito da vossa cultura, principalmente certos actos que vocês, portugueses, entre aspas, têm. Por exemplo, eu quando vejo na televisão um rapaz que bateu na avó, ou matou a mãe ou

essas coisas. … Para nós a família é tudo. É o nosso berço, é a nossa almofada, é tudo. Para nós a família é tudo. Pelo menos para mim e para a maioria dos cabo-verdianos".

O pai nasceu em Angola, vive em Cabo-Verde onde tirou um curso técnico no seguimento do qual é torneiro mecânico. A mãe nasceu no Brasil e deixou Cabo-Verde para vir para Portugal há já 15 anos, onde ainda trabalha como empregada doméstica. Em Cabo-Verde era "dona de casa", dedicava-se aos três filhos e marido. Do pai diz que é "muito para a frente", já a mãe é "mesmo à antiga". Serafim não sabe se neste momento o pai tem companheira, pois é muito "aventureiro". A mãe nunca mais teve um relacionamento.

Entre os mais jovens da sua família, Serafim é o único que não frequentou o ensino superior, refere. Completou o 12º ano, já em Portugal, a viver com a mãe nos arredores de Lisboa, e depois tirou um curso profissional de Medição e Orçamentos. Não conseguiu ser arquitecto como sempre desejou, mas está satisfeito por ter uma actividade ligada à construção civil. Alimenta ainda o sonho de um dia conseguir licenciar-se em arquitectura, apesar de enumerar vários impeditivos, tais como os filhos, o custo. Trabalha há três anos na mesma fábrica que, devido à crise no sector, tem vindo a atrasar consecutivamente os pagamentos.

Considera-se uma pessoa fechada e reservada, inclusive com as pessoas mais próximas. Desde os 15 anos que trabalha, altura em que começou a ser mais independente, a fumar e sair à noite. O dinheiro possibilitou-lhe essa autonomia. Considera que com o divórcio dos pais e sucessiva vinda da mãe para Portugal, cresceu mais depressa, pois faltaram-lhe os mimos. No plano amoroso diz-se avesso a aventuras: "não, não sou de ter aventuras. Eu quando estou num sítio gosto de estar lá e estar lá quietinho. Eu não sou daqueles "epá, vou aqui, vou ali. E por causa disso é que às vezes tenho passado mal, pronto". Fazendo um balanço, refere três relações amorosas marcantes, todas duradouras e com cabo-verdianas. O próprio afirma que não gosta das portuguesas porque "são muito viradas e têm maneiras de pensar completamente diferentes".

A primeira relação durou 6 anos e terminou com a vinda de Serafim para Portugal. Da segunda relação, já em Portugal, nasceu um filho, o Valdis, hoje com quatro anos. Na altura a namorada não queria ter o filho, mas Serafim não concordou com o aborto, pois queria assumir a responsabilidade dos seus actos. Uma semana depois do parto, esta parte para Angola com outro homem. Só mais recentemente a mãe de Valdis regressou a Portugal, restabelecendo o contacto com o filho. Valdis sempre viveu com a mãe de Serafim, mas este diz ter nos seus planos trazê-lo para sua casa, para junto da nova companheira e segundo filho, o José, de um ano.

A actual relação, com Maria, dura há cerca de 2 anos. Apesar de não estarem legalmente casados, Serafim diz que o fizeram simbolicamente. Poucos meses depois de o namoro começar, Maria engravidou. Na sequência disto foi expulsa da casa da tia, que considerava que era cedo demais para a sobrinha de 17 anos ter filhos. Assim, Maria

junta-se a Serafim na casa da mãe deste, onde acabou por ter um aborto espontâneo. Menos de um ano depois engravida novamente, altura em que decidiram comprar casa perto do trabalho de Serafim. Maria entretanto deixou os estudos para segundo plano e ainda não conseguiu completar o 12º ano. Devido à recente precarização da situação profissional de Serafim começou a trabalhar num *call-center* em Lisboa. Serafim vê com descontentamento esta situação, pois gostaria que Maria se dedicasse exclusivamente à casa e à família, como na altura em que o seu salário era certo. Nas palavras do próprio: "eu gostava que ela estivesse dentro de casa, a cuidar do filho, nesse caso, dos meus filhos e da casa. Desse as voltas dela…mas eu não queria que a minha mulher trabalhasse, estás a perceber? Que ela não fizesse muito esforço físico, psicológico. (…) Eu vejo isso mais pelo esforço. Sou retrógrada mais por causa do esforço, que é para ela não ter tanto esforço físico e psicológico, para quando eu chegar em casa eu ter um colinho que não esteja cansado. Estás a perceber?".

A relação de Serafim e Maria é muito simbiótica e fusionista. Têm por hábito estar sempre juntos e partilhar todas as actividades de lazer. Ao fim-de-semana geralmente juntam-se à sua mãe e ao seu filho mais velho, que continua a viver na Damaia em casa da avó. Em casa Serafim responsabiliza-se mais pelo acompanhamento de José e menos pelas tarefas domésticas, o que gera algumas reclamações por parte da companheira. Considera-se um bom pai e mantém uma relação muito próxima com José. É ele que geralmente adormece o filho o que causa alguns ciúmes por parte da mãe. Se tivesse uma filha considera que teria de ter alguns cuidados especiais.

Serafim confessa que não se cuida tanto desde que vive com Maria. Lembra-se de como se arranjava quando saia à noite com os amigos, mas hoje já não é assim. De qualquer forma, são vários os cuidados que dedica ao seu corpo e aparência, o que faz sobretudo para se sentir bem consigo próprio. Depila as axilas e a zona genital com um creme depilatório. Ele e Maria usam o mesmo creme e, aliás, costumam fazer a depilação um ao outro. Gostava de fazer depilação definitiva, mas o elevado custo têm-no demovido. Tem por hábito pôr creme hidratante na cara e corpo depois do banho. Quando era mais novo usava o cabelo comprido e com tranças, mas por motivos de higiene cortou-o e há anos que frequenta um barbeiro tradicional.

Serafim praticou basquetebol em vários clubes desportivos portugueses e actualmente fá-lo regularmente com amigos. Recentemente deixou o ginásio onde, para além da musculação, nadava. O peso é irregular e recentemente está acima do desejado. Às vezes é o próprio que exige mais contenção alimentar lá em casa, outras aproveita as dietas da companheira para seguir um regime alimentar mais restritivo. A vestir diz que é muito "bandalhoco" e veste a primeira coisa que encontra no armário. As compras geralmente são feitas em família, durante os passeios pelo centro comercial com as irmãs e companheira. Define o seu estilo a vestir como "normal", diz que é uma pessoa humilde e simples, e é isso que quer aparentar.

Serafim ficou um pouco perplexo e constrangido com as perguntas que indagavam acerca das suas representações de género, refugiando-se no politicamente correcto na altura de responder. “Não sei responder a essa pergunta, não sei, mas deviam ser todos iguais”, afirma. Na escala dos géneros situa-se no nível zero, pois como refere “eu acho que não tenho nada em mim que seja feminino. Nem os comportamentos, nem nada”.

6.2 Masculinidades reflexivas

Caso 3. Miguel, o homem da modernidade tardia

A entrevista com Miguel foi a primeira e dividiu-se em duas sessões e mais de seis horas de conversa. Para ele funcionou como que um balanço de meia vida, afirmou. Miguel mostrou-se sempre muito empenhado na entrevista e à-vontade com os temas abordados. A aparência informal e a barriga algo saliente não deixavam adivinhar os intensos cuidados que Miguel tem com o seu corpo.

Miguel tem 40 anos, nasceu em Lisboa mas passou parte da sua infância em Moçambique. Actualmente partilha casa com a companheira Carolina, com quem tem um filho de 9 anos. Ambos os pais concluíram o curso industrial, ele na área da electricidade e ela na área do secretariado. O pai gere uma empresa juntamente com os filhos. A mãe, actualmente reformada, era secretária de administração de uma grande empresa. Dado o exigente horário de trabalho da mãe, desde cedo Miguel e o irmão ficaram encarregues de grande parte da limpeza da casa. Já o pai tinha a seu encargo o departamento da roupa. Apesar do equilíbrio na distribuição do trabalho doméstico, reconhecido por Miguel, ele não deixa de caracterizar os pais como “o típico casal português”.

Miguel sempre foi um adolescente irreverente. Como o próprio afirma “até gostava de provocar as regras da sociedade”. Em consonância, refere um dos livros que mais o marcaram, do filósofo anarquista William Reich, que chamava a atenção para a necessidade de olharmos para a sociedade de forma crítica, pensando pela “própria cabeça”. Licenciou-se em Gestão de Empresas e, antes mesmo de terminar o curso, juntou-se ao pai para criar a empresa de revenda de produtos químicos, onde ainda hoje trabalha juntamente com o irmão. Diz estar satisfeito em relação ao trabalho, especialmente porque consegue ver os resultados do seu empenho e esforço, mas reclama do excesso de responsabilidade que o facto de ser sócio da empresa acarreta.

Miguel namora com Carolina há mais de 20 anos, vivendo juntos há cerca de 14 anos. Antes de Carolina teve dois namoros prolongados. Com Carolina manteve sempre uma relação muito aberta na medida em que, de acordo com o estabelecido entre ambos, qualquer um deles pode manter relacionamentos afectivos e/ou sexuais com outras

pessoas. Actualmente há muito que Miguel não está com outra mulher e de Carolina não sabe, uma vez que não têm por hábito partilhar essas experiências. Tirando o trabalho a cargo da empregada, em casa as tarefas domésticas recaem um pouco mais sobre Miguel. Este apenas se recusa a passar a ferro. Apesar do desequilíbrio Miguel sente que a distribuição é justa, desculpando Carolina por causa da (falta de) educação para este tipo de trabalho. Carolina sempre teve empregada doméstica interna em casa dos pais. Já Miguel sempre foi habituado a fazer de tudo e leva estas coisas com mais naturalidade e automatismo, afirma.

O filho de ambos foi planeado e neste momento estão a tentar uma segunda gravidez. Miguel fala sempre no plural: "estamos a tentar engravidar". A fase da gravidez do primeiro filho foi vivida com muito interesse e dedicação. Dias depois do nascimento Miguel pediu à companheira que os deixasse a sós durante um dia para que ele tivesse a oportunidade de criar mais empatia com o filho: "eu era igualmente pai, estava a participar da mesma maneira, desejava da mesma maneira, mas nunca iria ter uma ligação, um toque, um cheiro, como as mulheres têm, porque não fiquei grávido, eu não amamentei. Portanto, houve ali um período, não de ciúmes relativamente a… mas sentir uma coisa que eu estava a desejar, uma coisa que eu queria, mas havia ali um limite físico que me impedia de gozar na plenitude como acho que as mulheres gozam". Chegou mesmo a reclamar com o pediatra que teimava em se dirigir apenas à mãe nas consultas em que ambos os progenitores compareciam. O tempo passado em família é extremamente valorizado e por causa do horário em turnos da companheira, são muitas as oportunidades que Miguel tem para passar tempo a sós com o filho.

Os cuidados que tem com o corpo, na perspectiva de Miguel, são os básicos e visam sobretudo o seu bem-estar e manter-se saudável: "[cuido-me] porque acho que é fundamental. Não é por uma questão de beleza, não ligo muito à beleza em si, não tenho o culto da beleza, eu acho que é uma questão de saúde, é uma questão de equilíbrio, uma questão também de nós gostarmos de nós próprios". Miguel vai à manicura e à pedicura de dois em dois meses e faz massagens com bastante frequência. Usa creme hidratante no corpo e no rosto. Para além de creme hidratante, aplica também um creme anti-rugas. O cuidado com o rosto faz parte dos cuidados de higiene básicos, diz Miguel: "isso para mim é o básico, é como lavar os dentes. Há ali uma série de coisas de manhã que são... É como tomar um comprimido para a tensão, portanto, faz parte, já nem o vejo como...". Para além dos hidratantes usa esfoliante na cara e nos pés um spray refrescante. Retira os pêlos do nariz e dos ouvidos. Quanto ao cabelo, depois de ter passado por vários barbeiros e cabeleireiros mais e menos tradicionais, descobriu há pouco tempo um mais moderno que lhe enche as medidas.

Em relação ao desporto, apesar de já ter jogado basquetebol numa equipa federada quando era mais novo, actualmente poucas são as vezes que joga basquetebol na rua com amigos. Rejeita a ideia de ir para um ginásio e fazer desporto dentro de quatro

paredes. Nos planos há a hipótese de começar a praticar *yoga* e com alguma regularidade gosta de andar. Por causa do elevado nível de colesterol e tensão alta, mais recentemente Miguel tem algum cuidado com a sua alimentação. Em casa não se comem fritos, apenas grelhados e muita salada e legumes. Recentemente está a ganhar o hábito de almoçar uma sopa que complementa com fruta e iogurtes que leva de casa, renunciado aos menus de almoço dos restaurantes.

As compras de roupa geralmente são feitas na companhia de Carolina. Por ano são raras as vezes que compra roupa para si. Não liga a marcas, mas reconhece que algumas valem a pena pela qualidade que oferecem, e um dos critérios na escolha da roupa é não ter o símbolo da marca visível. Quer no local de trabalho, quer fora dali, o estilo a vestir é "informal" e ultimamente tem dado preferência a roupa de uma marca para surfistas. Aliás, orgulha-se pelo facto de não ter um único fato e gravata no seu armário.

É assim que Miguel caracteriza os homens: "é um animal competitivo, armado em algo que não é, com a mania que é forte, mas não é. Parece que temos que provar sempre alguma coisa a alguém, não sei a quem. O carro maior do que o teu, que anda mais depressa, os homens são sempre assim". As mulheres são mais fortes do que aparentam, considera, criticando a atitude maternal que muitas têm em relação aos companheiros. Estas diferenças explicam-se pela educação que meninos e meninas desde tenra idade recebem, afirma. Na escala dos géneros, Miguel situa-se no nível 5, sobretudo devido à sua sensibilidade.

Caso 4. Filipe, o artista em crise

A entrevista com Filipe demorou cerca de 3h30m e decorreu numa esplanada de um restaurante do seu bairro. Filipe esteve sempre muito descontraído ao longo da entrevista e a empatia foi facilmente criada. Muitas vezes as suas intervenções, mais do que respostas às perguntas que lhe eram colocadas, eram evasões que de alguma forma reflectiam as suas angústias pessoais. O seu ar informal não deixava adivinhar a série de cuidados com o corpo, nem o tempo e dinheiro que investe em roupa.

Filipe tem 37 anos, é realizador de cinema, actividade que combina com a de professor numa escola profissional ligada às artes audiovisuais. Apesar de fazer o que sempre desejou, confessa viver um momento de grande indecisão. O principal factor é a instabilidade financeira associada a sua actividade de realizador, que já o obrigou a recorrer por diversas vezes à ajuda financeira dos pais. Actualmente, equaciona alternativas que passam pela mudança de área de actividade

Filipe sempre viveu em Lisboa, excepto os meses que passou em Nova Iorque a frequentar um curso de representação. No regresso deixou a casa dos pais para começar

a viver sozinho, tinha então 24 anos. Estudou até ao 9º ano num colégio privado, tal como a irmã com quem mantém uma relação muito próxima. O ensino secundário decorreu numa escola pública localizada numa "zona de luxo". Seguiu-se o bacharelato em realização de cinema. Durante a infância e adolescência as férias eram passadas em Sesimbra, onde os pais tinham uma casa de férias, meses que associa a uma maior liberdade.

Tanto o pai como a mãe têm habilitações literárias de nível superior. Ele é engenheiro e ela abdicou do trabalho para ficar em casa a cuidar dos filhos. Ao mesmo tempo que caracteriza os seus pais como um casal conservador, reconhece-lhes alguma abertura e agradece a liberdade de pensamento e acção que sempre lhe foi dada. A relação com a mãe já foi muito próxima, ao ponto de Filipe a caracterizar como "pouco saudável". Quando começou a ter as primeiras namoradas os conflitos com a mãe surgiram e a relação passou de "sentimental" a "funcional", afirma. As diferenças de opinião sempre foram maiores com o pai.

Filipe nunca foi um homem ligado ao desporto, até que aos 25 anos começou a frequentar o ginásio. Foi nessa altura que começou a perceber o positivo impacto da prática desportiva no seu corpo e, consequentemente, na auto-estima. Por causa da tendência para engordar Filipe tem alguns cuidados com a alimentação como, por exemplo, comer pouca carne, não adicionar açúcar a algumas bebidas, comer muitos vegetais. Para além disso, não fuma, nem tem por hábito beber bebidas alcoólicas. Diariamente hidrata a pele da cara e do corpo com creme e geralmente usa também um produto de limpeza e esfoliante, mas "nada de exageros" esclarece. Com menos frequência aplica máscaras de argila na cara. Já há alguns anos depila as costas e, mais recentemente, experimentou o peito e braços. Inicialmente era uma namorada que lhe depilava as costas com cera, actualmente aderiu a um sistema de foto-depilação ao domicílio. Durante 10 anos uma massagista de shiatsu deslocava-se a sua casa 2 vezes por mês. Neste momento já não consegue suportar essa despesa. Há 10 anos que frequenta mensalmente o mesmo cabeleireiro, um "cabeleireiro da moda", diz entre risos.

Foi em Nova Iorque que começou a comprar e escolher a sua própria roupa e perceber, como o próprio diz, "o quão bem me fazia bem ir às compras". Actualmente recusa-se a comprar roupa em Lisboa e tem por hábito fazê-lo sobretudo nas suas deslocações a Londres. Geralmente nessas viagens dedica dois dias às compras, passeia-se pelas lojas e experimenta roupa durante horas. É um programa que lhe agrada bastante e para o qual não tem "pachorra" em Lisboa. Define o seu estilo a vestir como "casual, mas cuidado" e tende a não usar "roupa de marca" por lhe parecer excessivamente cara.

A primeira namorada a "sério" surgiu quando tinha 17 anos, e antes disso, com 15 anos iniciou a sua vida sexual. Enumera três relações estáveis, todas com uma duração de três anos, aproximadamente. Há cerca de dois anos que não se envolve com ninguém. Da

primeira relação guarda boas recordações: “havia uma intimidade que eu nunca tinha tido com ninguém. Depois numa idade em que estamos a descobrir e descobrimos as coisas em conjunto. Não há traumas. Não há complexos. (…) Nesse sentido o que me marcou mais foi essa cumplicidade, que eu acho que ao longo dos anos é mais difícil de se conseguir”. Mais recentemente teve uma relação com uma mulher 10 anos mais nova, com quem chegou a partilhar a sua casa durante dois anos. Desde o início que os conflitos foram muitos e a diferença de idades traduzia-se em diferentes expectativas que acabaram por se revelar inconciliáveis. Do lado de Filipe havia o desejo de constituir família e ter filhos, do outro lado não. No plano das tarefas domésticas a dinâmica revelou-se muito desigual, o que leva Filipe a dizer que era “dona de casa e homem ao mesmo tempo”.

O relacionamento com as mulheres é vivido de forma um pouco angustiante na medida em que Filipe, ao mesmo tempo que diz sentir-se atraído por mulheres mais independentes, deseja relações “simbióticas”. Da sua experiência estas duas realidades acabaram por não ser compatíveis. Por outro lado, foram várias as incertezas partilhadas em relação ao papel dos homens nas sociedades contemporâneas. Nas palavras do Filipe: “os homens de repente têm que se adaptar a uma realidade nova, porque não foram educados assim. (…) Todos os gajos que eu conheço neste momento andam à procura de mulher para casar. (…) E quando olho para as mulheres à minha volta não é isso que elas estão à procura. Tradicionalmente era o homem que tinha as ambições profissionais, que isto e que aquilo…”. Ao mesmo tempo que problematiza estas mudanças e aquilo que designa de “redefinição de papéis” Filipe não deixa de referir diferenças entre homens e mulheres de cariz psicológico e comportamental que considera imutáveis: “nós temos hormonas que nos dão uma determinada agressividade, do ponto de vista sexual e de apetite sexual”. Estas diferenças entre os sexos justificam que considere que meninos e meninas tenham que ser educados de forma diferenciada. Por exemplo, Filipe considera que os pais têm um impulso inato para protegerem mais as filhas. Na escala dos géneros Filipe situa-se no nível quatro, mais próximo portanto do extremo masculino.

6.3 Masculinidades distintivas

Caso 5. Abílio, o executivo de sucesso

A entrevista com Abílio decorreu num café na baixa lisboeta, escolha da entrevistadora. Abílio mostrou-se sempre muito interessado e curioso no decorrer da entrevista. Os intervalos que decorreram entre as três sessões de entrevista serviram para o próprio reflectir sobre as suas respostas, sendo que a sessão seguinte se iniciava sempre com

correções e esclarecimentos sobre as respostas dadas na sessão anterior. No total, somam-se mais de 6h30m de conversa. As entrevistas realizaram-se sempre em dias úteis, pelo que Abílio compareceu sempre vestido de fato e gravata.

O Abílio tem 40 anos, é licenciado em economia e trabalha na banca praticamente desde que terminou a licenciatura, aos 26 anos. Entretanto, já passou por diferentes bancos e, mais recentemente, mudou de entidade empregadora por causa principalmente do salário. Até à altura da entrevista o balanço não era muito positivo.

Nasceu no Porto, mas desde o primeiro ano de idade que veio para Lisboa com os seus pais, um casal pouco escolarizado e empreendedor, que fez questão de o colocar num colégio privado até completar o 11º ano de escolaridade, ao que se seguiu o ano zero na Universidade Católica. Apesar desta passagem por escolas religiosas, considera-se um homem muito aberto em relação à maior parte dos assuntos que são alvo de reprovação por parte dos que o rodeiam, e tem uma postura muito crítica em relação à instituição católica. A relação com a mãe é muito boa, sendo a relação avó e neto especial. Do pai diz já não guardar rancor, mas confessa que este sempre se distinguiu pela ausência em todas as fases e esferas da sua vida. O facto de ser muito trabalhador ajuda o Abílio a digerir essa ausência, motivo, no entanto, de discussão ainda hoje entre os seus próprios pais. Se o pai sempre foi mais frio e autoritário, a mãe “funciona mais com o coração”, diz Abílio.

As saídas à noite e farras começaram com a frequência universitária, altura em que os pais lhe ofereceram o primeiro carro. Os pais foram progressivamente mudando-se para a casa de férias numa pequena localidade costeira não muito longe de Lisboa e Abílio foi alternando entre a capital e a casa de férias. A conclusão da licenciatura tardou sete anos, o que o Abílio justifica com a sua falta de capacidade de concentração. Abílio teve a primeira experiência sexual com 18 anos, o que considera tardio. As relações amorosas foram sobretudo duradouras e com pessoas mais velhas, excepto a que manteve com a mulher com quem acabaria por casar. Entre as relações mais importantes, destacou a que manteve com uma mulher casada, muito intensa no plano sexual, e outra com uma mulher de etnia cigana que muito desgosto causava à sua família mais próxima.

A relação actual dura há oito anos e é a primeira vez que Abílio não é infiel. Fala com orgulho dos feitos profissionais da mulher e alguma inveja da sua recente incursão pela literatura infantil. Muitos dos tempos livres são passados em conjunto, embora cada vez menos. Abílio diz-se cada vez mais comodista e acaba por confessar que a vida sexual dos dois não está a correr bem há algum tempo. O filho de ambos tem quatro anos e, contrariamente à vontade da esposa, a ideia do Abílio é parar por aqui. Acompanhou intensamente a fase da gravidez e guarda boas recordações dessa altura. Assistiu ao parto. Abílio diz que a ligação que se estabelece entre mãe e filho é especial, mas no que toca aos cuidados a prestar ao bebé afirma que houve uma grande partilha. Relembra

com carinho a época em que costumava dar-lhe o biberão, o que fazia questão de fazer por considerar um momento só dos dois, que fortaleceu a relação pai-filho. De qualquer forma diz que a mulher tem mais jeito para o filho. As tarefas domésticas também são amplamente partilhadas. O Abílio em casa dos pais ajudava um pouco, mas foi na altura em que viveu sozinho que aprendeu a dar conta do trabalho doméstico. Apesar de tudo, fica o reconhecimento de que a mulher se responsabiliza um pouco mais que ele pela realização das tarefas domésticas.

No que toca aos cuidados com o corpo, Abílio considera que "a parte em que o homem tem de ser rude, tipo 'feios, porcos e maus', já foi tempo. Era mais no tempo da outra senhora que isso se aplicava, noutra geração". A propósito do valor da aparência no contexto laboral usa uma analogia muito interessante, afirmando que a aparência "é também um bocado a parte do nosso marketing". Nesse sentido, são vários os cuidados que Abílio tem com o corpo e a aparência. O cabelo é cortado num cabeleireiro moderno, com direito a chá e massagem na cabeça. O preço está à altura, mas Abílio diz que mesmo que fosse 100 euros não abdicaria deste momento tão relaxante e "para si próprio". Desde há 20 anos que usa diariamente gel para domar os caracóis que nunca deixou crescer demasiado, pois quando o faz diz a brincar que "parece tipo um óvni". Faz a barba com bastante regularidade porque não gosta que seja muito visível. Ainda sobre pilosidade, partilha que apara os pêlos púbicos também com a máquina. Não depila nenhuma outra parte do corpo, prática que inclusive considera um pouco estranha, pois ter pêlos "faz parte do homem". A manicura e pedicura são dois serviços que consome com frequência. Desodorizante prefere os da linha para mulher. Já usou creme anti-rugas e um outro especial para a zona de contorno dos olhas, mas com mais frequência usa apenas hidratante quer o rosto, quer no resto do corpo. No Verão gosta de fazer esfoliação corporal uma vez por semana. Estes produtos muitas vezes são oferecidos ou "roubados" à esposa, confessa o Abílio entre risos. Com a recente mudança de emprego e as exigências familiares deixou de praticar desporto, o que muita falta lhe faz. Já fez natação, jogging, squash e frequentou ginásios. A alimentação é alvo de atenção sobretudo em casa, onde consegue controlar melhor o que come. No restaurante recusa comer arroz e verduras. Para além de fumar e apreciar um bom vinho, o Abílio consome cannabis ocasionalmente.

O estilo a vestir é definido como "clássico-desportivo", isto fora do trabalho. No dia-a-dia do banco a norma é usar fato e gravata, o que agrada a Abílio, que gosta de investir dinheiro em bons fatos e bons sapatos. A ida às compras não é vivida com especial interesse e sempre que pode evita acompanhar a sua esposa. Já quando a roupa é para o próprio faz questão de ter a companheira por perto, uma vez que considera não ter muito jeito, "mas isso é um bocado dos homens. Porque acima de tudo preciso que me digam, 'fica bem ou fica mal?'. Eu sei que às vezes há uma coisa que me parece linda e é a coisa mais horrorosa deste mundo". Das cores azul e rosa claros diz que não o

favorecerem particularmente, optando geralmente por tons mais sóbrios.

Abílio concebe homens e mulheres como seres diferentes quer a nível físico, como a nível "mental". Das mulheres diz serem "mais insatisfeitas", metódicas, sensíveis e têm um sentido de estética mais desenvolvido. Para além disso considera ainda que "têm a tendência a ser mais fúteis que os homens". As diferenças enunciadas são explicadas sobretudo pelas diferenças de ordem física, genética e hormonal. Abílio não deixa de apontar, ocasionalmente, o facto de meninos e meninas serem desde pequenos educados de forma diferente. Na escala dos géneros o Abílio situa-se no nível cinco, pois afirma não se considerar um homem muito masculino.

Caso 7. Adão, o patrão em emergência

A entrevista com Adão durou cerca de quatro horas distribuídas por duas sessões e realizou-se num centro comercial por si escolhido. Adão nunca esteve totalmente à vontade durante a entrevista. Ora pedia desculpa por qualquer lapso, ora fumava compulsivamente cigarros. Na segunda sessão não estava tão concentrado e disponível para a conversa. Vestia calças de ganga e pólo.

O Adão tem 22 anos, deixou a escola com o 9º ano concluído e desde essa altura que trabalha na papelaria da mãe, com quem vive na periferia de Lisboa. Reprovou no 8º ano porque faltava à escola para ir jogar à bola. Chegou a frequentar o 10º ano mas reprovou porque faltava para ficar a dormir até mais tarde. Já a trabalhar, frequentou um curso de Instrutor de Ginásio que lhe custou 500 euros, mas chegava a adormecer nas aulas. Actualmente está muito empenhado na manutenção do negócio da papelaria e diz não tencionar estudar mais. Isto não o incómoda e dá exemplos, em sua defesa, de empresários portugueses de sucesso com poucos estudos.

A relação com a mãe é muito boa e, ao longo da entrevista, foram vários os elogios que lhe foi tecendo, principalmente o facto de ser uma mulher independente e trabalhadora que nunca deixou que faltasse nada aos filhos, ao contrário do pai. Ao pai, proprietário de um restaurante, praticamente já não fala. Não lhe perdoa a ausência e negligência em relação à família, que culminou no divórcio dos pais.

Adão gosta de viver com a mãe por vários motivos. Não tem despesas com a casa, a mãe está encarregue da maior parte das tarefas domésticas e tem a liberdade de levar quem quer lá a casa. A relação com o irmão, que trabalha numa loja de roupa de um caro estilista italiano, no centro de Lisboa, é próxima. Da irmã, que frequenta o curso de sargento, Adão diz que sempre foi muito masculina e que com ela "nunca tem conversa".

Desde que trabalha na papelaria já teve outros *part-time* para complementar o que ganha

na loja da mãe. Trabalhou num grande supermercado e numa loja de roupa jovem. A passagem pela loja de roupa permitiu-lhe fazer amizade com pessoas mais velhas, fora da Amadora e foi nessa altura que começou a ter uma vida nocturna mais intensa. Apesar de manter algumas amizades do tempo da escola, Adão refere não se enquadrar nas pessoas do Cacém. Ter carro aos 18 anos facilitou as saídas para Lisboa. Ao fim do dia tem por hábito encontrar-se com os amigos no café ou, mais recentemente, ir com eles andar de carro, ouvir música e fumar cannabis. Considera que amadureceu bastante nos últimos anos, que já tem uma "certa cabeça", e durante a entrevista partilhou alguns episódios por que passou que o levam a equacionar-se como um adulto.

No plano amoroso faz referência a duas namoradas, mas confessa que nenhuma delas constituiu uma relação suficientemente especial ou duradoura. É o único do seu grupo de amigos que "ainda não gostou bué de ninguém", o que deseja, já com alguma ansiedade, que aconteça. Da primeira namorada, tinha ele 18 anos, as recordações não são boas. Para além das "cenas" em frente aos amigos, a ex-namorada chegou mesmo à agressão física a que Adão não deixou de responder. Da segunda namorada diz ser uma das "piores pessoas" que já conheceu.

Para além do futebol, que joga regularmente desde muito jovem, Adão costuma ir ao ginásio algumas vezes por semana e, por vezes, vai correr. As corridas são sobretudo para ganhar resistência para os jogos de futebol, pois "mesmo sendo um jogo a brincar, ninguém gosta de perder. Gostas de ter força, gostas de correr". A entrada no ginásio deu-se aos 17 anos devido ao descontentamento com o pouco peso e aspecto demasiado magro. Na altura confessa que chegou mesmo a pensar tomar suplementos alimentares ou mesmo anabolizantes, como o seu irmão já fez. Não chegou a concretizar pois, entretanto, ganhou algum peso e volume. Ainda criança foi nadador federado durante três anos.

Adão diz que desde miúdo não gosta de pêlos. Como tal, por motivos estéticos, higiénicos mas também sexuais, tira os pêlos do peito, das axilas e da zona púbica há alguns anos. Farto de gastar dinheiro na depilação a cera, optou recentemente pela depilação a lazer. Em casa, com uma pinça, retira os pêlos entre as sobrancelhas. Sempre que faz a depilação põe creme no corpo e trata com especial cuidado os pés. Com frequência vai à manicura e pedicura. Na primeira entrevista Adão tinha ainda restos de esmalte nas unhas, mas diz não gostar de usar. No rosto usa diariamente creme hidratante, já fez um peeling e chegou a experimentar usar base. Gostou do resultado, mas recusa-se a aderir a esse ritual: "Opá não tenho paciência. E acho que é uma cena que já não é… Acho que é uma cena já um bocado exagerada para o meu gosto. Há pessoal que gosta, mas para o meu gosto não me estou a ver todos os dias ao fim do dia a tirar a maquilhagem (risos)".

A vestir gosta de estar "apresentável" e define o seu estilo como "normalíssimo". A principal preocupação é ter uma imagem adequada à sua actividade profissional. É em

roupa que gasta grande parte do seu orçamento e dá preferência a marcas que lhe garantem não encontrar muitas peças iguais à sua. Uma grande preocupação, aliás. Gosta de ir às compras sozinho e geralmente não compra logo na primeira vez que vê alguma coisa do seu agrado. Não usa nenhum tipo de acessórios, com a excepção do relógio, e afirma inclusive que "odeia" echárpes. Há alguns anos atrás furou as duas orelhas, mas graças aos avisos do pai em duas semanas tirou os brincos: "o meu pai começou logo a reclamar e hoje em dia agradeço-lhe imenso de os ter tirado porque brincos não cabe na cabeça de ninguém. São estilos mas… Olha eu estar com dois brincos à frente de uma loja. Acho que a loja se calhar não tinha chegado tão longe".

Adão tem uma concepção muito diferenciada dos géneros e atribui às especificidades genéticas e físicas essas diferenças. Associa às mulheres o culto do corpo e da beleza. Já eles são mais pragmáticos e dão mais valor ao lazer, diversão, beber, fumar, no fundo "o homem nasceu para isso", afirma. Ao longo da conversa Adão não deixou de enumerar excepções, mas tratou-as como tal, excepções à regra. Considera ainda que as mulheres desde sempre usaram a beleza e o corpo para se aproveitarem dos homens. Apesar de considerar que as mudanças são superficiais e, que na essência, as diferenças entre homens e mulheres nunca vão mudar, não deixa e referir o quão difícil é actualmente encontrar uma rapariga para namorar. No plano sexual, reconhece que a sociedade é mais repressora com as mulheres e agrada-lhe que as coisas continuem a ser assim. Na escala dos géneros situa-se no meio, no cinco, pois não se considera nem muito feminino, ou seja gay, nem muito machão, como o seu pai.

6.4 Masculinidades exuberantes

Caso 7. Ângelo, na vanguarda da moda

A entrevista com Ângelo dividiu-se em duas sessões de pouco mais de uma hora cada uma. Na primeira chegou bastante atrasado e a segunda foi difícil de marcar. Durante as entrevistas mostrou-se pouco à-vontade, se bem que menos na segunda, e com frequência mexia no telemóvel. A sua aparência parecia estudada ao pormenor e chamava bastante a atenção pelo decote rasgado da t-shirt, as calças rasgadas, o boné dourado, o écharpe e demais acessórios.

Ângelo de 24 anos, sempre viveu em Alamada, em casa dos pais. É filho único e caracteriza os pais como um casal moderno, mantendo com ambos uma relação de amizade. Com o pai tem mais à-vontade para determinados assuntos, acrescenta. A mãe completou o 12º ano e o pai ficou-se pelo 9º ano. Trabalham na área comercial, mas em empresas e cargos diferentes. Ele é vendedor e ela é chefe de vendas. Tal como a mãe, Ângelo completou o 12º ano. Fê-lo através de um curso profissional no ramo da hotelaria.

Ainda chegou a trabalhar num restaurante, mas confessa que não é uma área do seu interesse. Pelo percurso conta-se uma reprovação no 7º ano, culpa da turma, diz Ângelo. Algum tempo depois, já a trabalhar, frequenta três cursos intensivos ligados à nutrição e treino físico que lhe possibilitaram encontrar um trabalho mais do seu agrado. No futuro gostava de tirar uma licenciatura na área do desporto, mas é uma possibilidade que imagina de difícil concretização. Actualmente concilia o trabalho de instrutor de ginásio com o de vendedor numa grande imobiliária.

Ângelo considera que era uma criança muito tímida, sobretudo até à altura em que começou a sair à noite para Lisboa com os amigos mais velhos que tinham carro, tinha ele 16 anos. E foi nessa altura, também, que teve a sua primeira experiência sexual, no âmbito de um relacionamento mais esporádico. Nas palavras do próprio "não foi nada de especial". Depois disso Ângelo já teve algumas namoradas, mas "mais a sério" refere duas. A última relação durou cerca de quatro anos e ainda hoje mantêm contacto mais íntimo, pois não está a ser fácil quebrar os laços que os uniam. Depois desse relacionamento teve algumas relações amorosas menos duradouras, as quais passaram a caracterizar-se por episódios de infidelidade da sua parte.

Para além do *part-time* como instrutor de ginásio, Ângelo dedica algum tempo à sua própria actividade desportiva. Todos os dias da semana e por vezes ao sábado pratica musculação durante aproximadamente uma hora. Quando começou tinha 18 anos e desde há quatro anos que intensificou o ritmo. A ida ao ginásio é encarada com bastante prazer, embora a satisfação com os resultados seja difícil de alcançar: "neste desporto nunca estamos satisfeitos. Por mais que estejas bem, vais sempre achar que te falta qualquer coisa aqui ou ali. Ou que isto podia melhorar, ou que está muito grande, ou que está muito pequeno. Embora toda a gente diga que estás muito bem, ou normal, tu tens sempre uma noção diferente". Esta prática é complementada com um regime alimentar rigoroso e horas de descanso controladas. Para além do ginásio, todas as semanas joga futebol com um grupo de colegas e amigos.

Na pele Ângelo usa creme hidratante e esfoliante de uma marca que lhe foi dada a conhecer pela antiga namorada. Foi ela que lhe ofereceu os primeiros produtos, mas entretanto Ângelo passou a comprá-los. Quanto aos pêlos, por motivos estéticos e higiénicos, Ângelo depila as pernas, o peito e as costas com cera. Actualmente está a pensar recorrer à depilação definitiva. A ideia de começar a depilar-se veio das imagens dos praticantes de halterofilia que via nos cartazes espalhados pelo ginásio ou na televisão. É também por motivos estéticos que frequenta o solário no Inverno, pois gosta de manter a pele minimamente bronzeada.

Ângelo sempre gostou de "roupa diferente" e sempre usou roupa que os seus amigos "não tinham coragem de usar". A experiência de trabalho na Zara veio aprofundar a sua relação com a moda. A vestir, Ângelo combina um estilo mais "moderno" com o fato que

usa em contexto profissional, enquanto vendedor imobiliário, indumentária que lhe agrada bastante. As compras gosta de as fazer sozinho pois são demoradas e prefere não se sentir pressionado. Gasta uma parte considerável do seu rendimento em roupa, o que só é possível porque continua a viver em casa dos pais.

Quanto à concepção do que é ser homem e ser mulher nas sociedades actuais, Ângelo apresentou uma visão clara e inequívoca: "são seres humanos com maneiras de ver as coisas diferentes. Com maneiras de pensar diferentes. Com formas de agir diferentes, muitas vezes. Somos muito diferentes uns dos outros. Dos homens para as mulheres há muitas diferenças. Tanto a nível físico como personalidade". Ângelo considera que as mulheres são mais sensíveis, "ligam mais a coisas com pouca importância", "levam as coisas muito ao pormenor" e "são mais desconfiadas também". E prossegue considerando que elas "estão a ficar piores do que nós", são "manipuladoras" e conseguem fazer os homens de "ingénuos". Em relação aos homens realçou o maior apetite sexual e o facto de não se conseguirem controlar tão facilmente, devido aos elevados níveis de testosterona. Por causa dos diferentes apetites sexuais, mas também por causa da forma como a "sociedade" reprime as mulheres, elas vivem a sexualidade de forma mais contida e discreta. De certa forma essa ideia reflecte-se na idealização que faz de uma parceira amorosa, uma vez que não se imagina envolver com uma mulher com uma trajectória sexual mais diversificada que a sua. Na escala dos géneros Ângelo situa-se no nível quatro ou cinco porque se considera um homem calmo. No máximo feminino coloca alguém que exemplifica com o conhecido José Castelo Branco.

Caso 8. André, sempre jovem e fashion

André esteve muito à-vontade durante a entrevista e ele próprio pareceu familiarizado com este tipo de técnicas. A entrevista realizou-se perto do ginásio onde decorreu a aula de ginástica do seu filho, ainda bebé. Quando a aula terminou a entrevista teve de ser acelerada e, por isso, não chegou a duas horas de conversa. A roupa era informal mas deixava adivinhar quer pelo *design*, quer pelos símbolos das marcas, o elevado preço.

André tem 42 anos, vive com a esposa e o filho recém-nascido na cidade onde sempre residiu. O pai era técnico de desenho e a mãe professora primária. Ambos completaram o equivalente ao actual ensino secundário. Ela reformou-se aquando do nascimento da primeira filha, o que André equaciona como uma "opção" da mãe e valoriza positivamente. Os pais são caracterizados como "super abertos", "open mind", liberais nos costumes e politicamente situados à esquerda. O pai é um homem politicamente muito activo. André mantêm uma relação muito próxima com os pais, estão juntos várias vezes por semana e falam-se diariamente ao telefone. A sua actividade profissional sempre esteve dividida entre a investigação e o ensino, estando actualmente a frequentar um doutoramento na

área da educação. Apesar de gostar do que faz e valorizar a flexibilidade horária, André mostra alguma insatisfação quanto à remuneração.

André sempre teve relações muito duradouras. Refiram-se duas. A primeira começou quando tinha 14 anos e durou 10 anos. A mais recente e actual dura há cerca de 20 anos. Depois de viver alguns anos em regime de união de facto decidiram casar. Já viveram em três casas diferentes e a parte da decoração sempre esteve mais a cargo de André, sobretudo devido à sua disponibilidade de tempo, afirma. Quanto ao trabalho doméstico, é sobretudo André que assume essa responsabilidade, com algum apoio de uma empregada doméstica para o tratamento da roupa e limpeza. Como tem mais tempo disponível é com naturalidade que André encara esta divisão de tarefas: "não, para mim é perfeitamente perceptível, eu tenho tempo e aprendi de facto a gostar de fazer". A mulher de André tem uma vida profissional muito activa e um rendimento muito superior ao seu. Por isso quando nasceu o filho as licenças de parentalidade e aleitação foram partilhadas. Ela esteve em casa quatro meses e ele um mês, ao que somou a licença de aleitação. A fase da gravidez foi vivida com grande entusiasmo por parte dos dois e André esteve presente no parto.

Os tempos livres são ocupados preferencialmente na companhia da família, seja em actividades com a esposa e o bebé, seja com a família de ambos. O cinema e a ida a concertos são uma regularidade, tal como as viagens. O filho de André já foi à Grécia e nas próximas férias conhecerá Espanha. Com os amigos gostam de ir jantar fora e sair à noite, programas que contudo já foram mais frequentes. Ultimamente tentam revezar-se entre o filho e os programas de lazer. Um fica em casa a tomar conta do bebé para o outro poder ir ao cinema, por exemplo.

Evitar engordar é uma preocupação e por isso frequenta o ginásio e tem cuidados com a alimentação. Em relação à alimentação não come fritos, nem "pratos gordurosos". Geralmente almoça em casa uma salada e fruta e está a ponderar começar a tomar suplementos alimentares como os anti-oxidantes. Ao ginásio não vai com a frequência que deveria, mas mantém a inscrição aberta pois acredita que ainda virá uma fase de prática mais regular. Já praticou natação mas entretanto desistiu. Durante a faculdade perdeu cabelo por causa do stresse. Na altura investiu dinheiro num tratamento que não chegou a funcionar. Apesar de a adaptação à nova imagem ter sido difícil, actualmente André afirma conviver bem com a calvície. Os cremes hidratantes que usa foram sempre oferecidos pela esposa e ainda não entraram totalmente na sua rotina. Gosta muito de perfumes e é um hábito diário usá-los. Já fez Shiatsu e recomenda vivamente.

André gosta de ir às compras e quando o faz, geralmente em época de saldos, gosta de ir sozinho pois é mais "despachado". Não costuma ir com muita frequência: "compro muita coisa porque regra geral tiro o dia para isso. Não compro uma camisa, compro cinco camisas. Despacho ali o tema de uma forma muito compulsiva". Entre os acessórios

contam-se os óculos de sol, os bonés e os relógios, preferencialmente de marcas menos acessíveis. Considera que actualmente está mais comedido na compra de roupa, no entanto mantém o gosto por marcas de estilistas estrangeiros, embora seja eclético. O estilo a vestir é classificado por André como “jovem” e “casual” com algum cuidado: “tento manter-me com um aspecto jovem, digamos assim, mas não cair no ridículo da proximidade com o tipo de roupa dos adolescentes”. Os cuidados com o corpo e a imagem respondem à busca de bem-estar e desejo de ter uma boa aparência.

André reconhece diferenças entre os géneros que derivam das características físicas e sobretudo do processo reprodutivo. A ligação que se estabelece entre mãe e filho dificilmente se equipara à ligação que um pai consegue manter. Para além destas diferenças André enuncia outras, como o gosto pelo futebol ou o gosto pelas compras, que considera terem uma origem exclusivamente cultural. A nível sexual considera que, por causa da pressão social, “elas são mais conservadoras, mais reservadas. Experimentam menos. Acho que não se masturbam, que é uma coisa…”. Quando confrontado com a questão da escala dos géneros, André situa-se no nível cinco e coloca a sua esposa no nível seis. No nível zero, o máximo masculino, coloca um homem muito musculado e agressivo. No máximo feminino alguém muito frágil.

CONCLUSÃO

A análise sociológica das práticas e representações dos actores sociais consiste num olhar teoricamente informado sobre a realidade social, através do qual se descodifica, sistematiza e enquadra compreensivamente os sentidos mais ou menos implícitos, mais ou menos camuflados da acção e do pensamento dos indivíduos. A aproximação da sociologia à realidade implica, ao mesmo tempo, um exercício de familiarização com a informação empírica, mas também a problematização dessa informação bruta a partir de coordenadas teóricas e conceptuais. Neste sentido, a reflexão sociológica é um exercício de interpretação e compreensão, no sentido *weberiano*, das vivências socias e do modo como o senso comum as lê. Esta relação não é, contudo, unívoca. As teorias sociológicas e os diferentes conceitos que as compõem não representam um universo de formulações abstractas definitivamente ultimado. A teoria sociológica é uma construção, um património em constante elaboração, muitas vezes em conflito, cujo desenvolvimento e refinamento decorre da dupla confrontação entre teorias e entre as teorias e a realidade empírica.

O diálogo que se estabelece entre a sociologia e a realidade empírica no contexto de um projecto de investigação permite que se produza conhecimento acerca de um dado fenómeno ou objecto empírico particular, mas também que se problematize os referentes teóricos e conceptuais da disciplina. Estes referentes são determinantes no desenho da pesquisa, na calibragem da intuição sociológica e na descodificação da realidade empírica. Mas, tal como foi discutido no capítulo metodológico, o papel de comando da teoria não deve ser confundido com a imposição analítica e com o fechamento do olhar à imaginação sociológica. A realidade empírica é movente e, nesse sentido, o conhecimento sociológico está, necessariamente, em constante actualização.

A análise aprofundada de um conjunto alargado de práticas, atitudes e representações sociais de um conjunto de homens entrevistados forneceu pistas relevantes para a problematização não só de algumas das principais perspectivas teóricas da sociologia do género e do corpo, como também, a um nível mais amplo, da sociologia do conhecimento.

Muitas das pesquisas sociológicas sobre género têm-se dedicado à desconstrução do carácter “natural” dessa dimensão da realidade social – o género –, bem como à exploração das diversas dinâmicas e desigualdades sociais que advêm deste sistema de classificação dicotómico, com poderes estruturantes sobre a vida dos indivíduos. No

âmbito deste campo de análise os homens têm sido equacionados como dominadores e as mulheres como dominadas.

O fim do século XX ficou marcado pelo surgimento de vários movimentos civis que vieram chamar a atenção para o facto de também os homens serem vítimas do sistema patriarcal, como é exemplo o *men's rights movement*. Esta temática dominou o primeiro fôlego de trabalhos sociológicos cuja atenção se voltou para as masculinidades. No entanto, a novidade do objecto de estudo, os homens, não se fez acompanhar, no imediato, de inovação em termos teóricos e conceptuais. Isto porque estes trabalhos continuam a equacionar as relações de género como dicotómicas. Estudar o género não se pode limitar a olhar para os homens enquanto uma categoria homogénea, seja enquanto agentes activos de desigualdade social ou vítimas da ordem de género (Connell, 1987, 1994).

Uma segunda vaga de trabalhos dedicados ao estudo das masculinidades, os *critical studies of men*, introduziu novas e renovadas propostas teóricas e conceptuais capazes de captar quer a diversidade de masculinidades possíveis, quer as relações de poder que se estabelecem entre os próprios homens. R. Connell (1997) foi pioneira neste tipo de abordagem, com a introdução do conceito de masculinidade hegemónica, como um ideal normativo dominante que serve para calibrar outro tipo de masculinidades. É nesta linha de estudos que a presente pesquisa se insere.

Este trabalho problematiza a diversidade de expressões de género que os contextos contemporâneos engendram, à luz do eixo tradicional-moderno, das relações de poder que se estabelecem entre masculinidades e das lógicas de distinção social produzidas em contexto de mudança social. O corpo foi constituído uma das dimensões de análise privilegiadas, por dois motivos principais. Primeiro, porque as teorias da modernidade tardia apontam o corpo como um elemento central na construção e expressão das identidades (Giddens, 1994; Le Breton, 2008 [1990]). Segundo, porque o corpo é o elemento central e fundador da classificação dos indivíduos em masculinos e femininos (Bourdieu, 1999; Connell, 1987, 1995, 2002). É no corpo que o senso comum encontra os fundamentos, a explicação e a prova para a ordem de género, que de resto é transversal a todos os domínios da vida em sociedade.

A pesquisa foi desenhada a partir de três objectivos principais: analisar o corpo enquanto fonte de identidade de género, investigar a diversidade de projectos identitários e, ainda, olhar a complexidade disposicional à escala individual no que diz respeito, por um lado, à dimensão corporal e, por outro lado, às demais dimensões em análise. Entre

elas destacam-se a conjugalidade, a parentalidade, o amor, a sexualidade e as representações de género. O grupo de homens entrevistados caracteriza-se, entre outros aspectos, por elevados níveis de produção corporal, partilhando entre si uma série de práticas como a depilação, o uso de produtos dermo-cosméticos ou o recurso a serviços de manicura e pedicura. Trata-se de técnicas do corpo (Mauss, 2009 [1936]) que colidem com os modos mais tradicionais de produção do corpo masculino, o que faz estes homens reflectir sobre o seu posicionamento no eixo tradicional-moderno, num contexto de mudança social e cultural.

Corpos masculinos sob atenção e tensão

Dada a sua centralidade na construção do projecto identitário e visibilidade na apresentação de si ao outro (Giddens, 1994), o corpo surge no quadro desta investigação com um estatuto especial. Os discursos dos homens entrevistados fortaleceram esta premissa de partida, na medida em que ao falarem sobre o corpo desenvolveram, na maior parte das vezes e de forma espontânea, considerações mais profundas sobre a sua identidade e o tipo de masculinidade que estão empenhados em construir. A forma como se age sobre e com o corpo é, portanto, altamente significativa do ponto de vista sociológico, desencadeando nos sujeitos empíricos reflexões e considerações que extravasam os seus consumos e práticas em termos de produção corporal.

Ao longo de toda a entrevista estes homens foram partilhando com a interlocutora as motivações que estão por trás dos seus cuidados com o corpo e a aparência. Isto porque as escolhas que fazem em termos de imagem são parte integrante do seu projecto identitário, concorrendo para definir o modo como querem ser e dar-se a ver ao outro (Giddens, 1994). Entre o grupo de entrevistados identificaram-se duas lógicas distintas, as quais se caracterizam ora pela busca do bem-estar, ora pela persecução do bem-parecer. Aqueles que se orientam sobretudo para o bem-estar têm origem nas classes mais altas, procuram projectar uma imagem mais “natural” e investir em práticas proporcionadoras de bem-estar físico e emocional. Os segundos visam fins mais instrumentais, como a valorização do seu capital físico (Shilling, 1991), seja porque consideram que as pessoas são avaliadas/julgadas pela sua imagem, ou, ainda, porque esta se traduz em mais-valias na esfera profissional ou amorosa.

Porque falar de corpo é falar de identidade e género, todos os entrevistados se detiveram, ainda, a explicar a “normalidade” do que faziam, clarificando o interlocutor

quanto ao sentido da sua acção, de modo a não pôr em causa a sua masculinidade heterossexual, uma vez que aderem a práticas tradicionalmente associadas à homossexualidade ou à feminilidade. A par das contradições e paradoxos que caracterizam as sociedades hipermodernas (Lipovetsky, 2011), muitos destes homens manifestaram sentir pressão para se acomodarem ao modelo dominante do corpo masculino "natural", ao mesmo tempo que manifestaram o desejo de produzir um corpo juvenilizado, saudável, polido e alinhado com a moda.

As estratégias para afirmar a "normalidade" das suas práticas e consumos foram várias. Uma primeira estratégia passou pela referenciação das fronteiras que separam aquilo que é masculino daquilo que é feminino. Essa definição pretendia salvaguardar os hábitos de produção corporal de cada um enquanto masculinos, ou "a-genderizados". Fora das fronteiras ficaram, para muitos destes homens, o uso de batom, a base de cor para o rosto, o verniz/esmalte nas unhas, a prática da depilação, o uso de acessórios e roupa cor-de-rosa. Estas práticas/consumos foram equacionados, portanto, como algo eminentemente feminino e que transgride simbolicamente o masculino. Outra estratégia passou por afirmar a sua "falta de paciência" para com as rotinas de cuidados corporais mais exigentes em termos de tempo. Essa paciência ilimitada para os cuidados com o corpo e a aparência é identificada como feminina. Ao contrário das mulheres, portanto, eles não têm paciência para manter o corpo exemplarmente depilado e não têm "paciência" para ir às compras, por exemplo. Outra estratégia, ainda, passou por referenciar as mulheres como mais centradas na aparência e imagem do que os homens, mesmo quando eles revelam dedicar algum tempo e dinheiro aos cuidados corporais. Por contraponto à ideia da mulher auto-centrada no corpo é apresentada a noção do corpo masculino "natural". A apropriação por parte destes homens dos modos de produção corporal associados ao universo feminino não se faz, portanto, de forma inconsciente, pelo contrário, faz-se reflexivamente, na medida em que eles sabem que estão a transgredir as fronteiras que separam simbolicamente os géneros.

Ao mesmo tempo que admitem que parte das suas práticas corporais configura uma espécie de transgressão à ordem simbólica dominante em termos de género, estes homens reivindicam a sua inclusão na definição das masculinidades. Essa consciência de si enquanto transgressores é alimentada pelo facto de, na sua vida quotidiana, serem sistematicamente apontados enquanto tal, sobretudo pelos pares. Por isso alguns desenvolveram estratégias de ocultação em relação aos seus modos de produção corporal, aderindo apenas a técnicas do corpo que não colidam com a produção da

imagem masculina dominante, um corpo “natural”. A este respeito, produtos como o batom, o verniz e a maquilhagem foram quase que unanimemente apontados como interditos, ainda que alguns destes homens lhes reconheçam utilidade.

Para muitos destes homens a intensidade e tipo de cuidados que hoje têm com o seu corpo nem sempre foi uma constante nas suas vidas. Alguns dos entrevistados redobraram a atenção sobre o seu corpo aos primeiros sinais de envelhecimento, o que é bem indicativo de como a juventude é tida, nas sociedades ocidentais contemporâneas, como valor de referência e reverência (Le Breton, 2008 [1990]; Ferreira, 2006, 2011a). Também a entrada no mercado de trabalho e o início ou fim de um relacionamento funcionaram como episódios que originaram momentos de *crise*, abrindo espaço para momentos de *criatividade* em que se reformularam velhos hábitos corporais (Shilling, 2008). A tomada de consciência em relação ao corpo e aos hábitos de produção corporal traduz-se na inadequação do conceito de incorporação, em detrimento do conceito de excorporação, o qual permite incorporar a reflexividade individual na análise que é feita da acção social do corpo e sobre o corpo (Ferreira, 2006, 2013).

Para além de darem corpo ao género, os homens dão corpo à sua classe social. Nesse sentido, o volume muscular e o guarda-roupa dos entrevistados surgem como elementos centrais das suas estratégias de distinção de classe. Por exemplo, a hipertrofia muscular foi apontada por vários dos homens entrevistados das classes mais altas como uma prática reveladora de excesso num duplo sentido. Excesso em termos de volume corporal, traduzindo uma estética masculina que se associa às classes mais baixas. Excesso em termos dos cuidados, denunciando a obsessão com o corpo e a aparência mais características das mulheres. Isto não quer dizer que o músculo não tenha sido consensualmente eleito como elemento diferenciador do corpo masculino. Entre os entrevistados foram vários, aliás, os que aderiram ao ginásio com um objectivo muito específico: ganhar peso e volume, num corpo que se considera magro e pouco volumoso. Este descontentamento com a magreza é bem ilustrativo daquilo que estes homens, de forma surpreendentemente consensual, elegeram como os atributos de um corpo masculino ideal: homem musculado (mas não demais, para os homens das classes mais altas) e alto. Por oposição, no corpo feminino ideal os homens entrevistados procuram a magreza (mas não demais) e voluptuosidade. Entre o corpo masculino e feminino a diferença faz-se, portanto, pela existência de músculos. Por sua vez, à luz das dinâmicas de distinção de classe, a diferença faz-se então pelo volume dos músculos que se considerada adequado exibir.

Os praticantes de musculação, todos com origem em classes sociais menos favorecidas, apresentaram a persecução de uma estética e performance masculina arrojadas, o desejo de superação pessoal e a adrenalina que as idas ao ginásio lhes proporcionam como a chave para o sucesso das suas rotinas diárias híper-disciplinadas. O objectivo é alcançar um corpo de sonho (Ferreira, 2011b), o qual se define por características que remetem para a importância da força, do trabalho braçal e da desenvoltura física enquanto triunfo laboral, ainda que as suas ocupações profissionais em nada dependam do seu esforço físico. São as origens de classe, portanto, que marcam as formas do seu corpo. O músculo enquanto atributo masculino continua a ser valorizado nos contextos em que se movem, sendo invejado pelos pares, e desejado pelas mulheres que querem conquistar.

Como foi referido, também a escolha do guarda-roupa pode ser analisada à luz das estratégias de distinção social. A tipologia a este respeito desenvolvida revela isso mesmo. A roupa com classe e a roupa invisível traduzem escolhas orientadas para dar a ver determinada condição social. A roupa com classe permite evidenciar uma condição social, sendo comum entre quem por ela opta a fidelização a determinadas marcas e a sobriedade em relação aos acessórios. Esta é a roupa de eleição dos homens com origem sociais mais desfavorecidas e protagonistas de trajetórias de mobilidade social ascendente, os quais se servem da roupa enquanto emblema de distinção social na recém-chegada a uma nova classe social. Aderir àquilo que se considera ser o código de indumentária de determinada classe social, a que se pertence ou aspira pertencer, passa por uma estratégia de integração. A roupa invisível veste os homens com origens de classe mais favorecidas, os quais tendem a optar pela discrição em termos de cores, modelos e marcas. Aliás, o objectivo de uma imagem assim produzida é exatamente a de dar a ver um corpo masculino mais “natural”, de quem não atribui importância à aparência, à imagem ou à moda, mas antes investe o seu tempo e dinheiro em capital cultural.

Identificou-se, ainda, um terceiro tipo, a roupa com estilo. A roupa com estilo pretende ser transgressora em relação ao imaginário masculino/feminino. São comuns os decotes, as calças rasgadas, as cores garridas, os acessórios, fazendo lembrar as passarelas dos desfiles de moda ou alguns ícones mais mediáticos distintos pela exuberância da sua roupa. Não é fácil categorizar socialmente estes homens, sendo que a maioria se localiza nas classes médias e possui níveis de escolaridade intermédios.

A prática da depilação surgiu de forma mais ou menos transversal entre o leque de

cuidados que estes homens têm com o seu corpo, especialmente entre os praticantes de musculação. A análise sobre as práticas que visam a eliminação dos pêlos corporais veio pôr em causa, pelo menos parcialmente, o esquema de oposições proposto por Anthony Synnott (1993): homens com cabelo curto, mulheres com cabelo comprido e homens com pêlos corporais, mulheres sem pêlos corporais. Será que este modelo continua actual? Por um lado, os entrevistados tenderam a considerar o cabelo comprido, num homem adulto, como desadequado, pelo que todos, excepto um dos entrevistados, o mantêm curto. Mesmo entre os que algum dia usaram o cabelo comprido, com a entrada no mercado de trabalho e passagem para a idade adulta o seu tamanho viu-se progressivamente encurtar. Por outro lado, a eliminação dos pêlos corporais revelou ter muita adesão. No geral, estética, sexualidade, mas sobretudo higiene, são usadas como explicações para a nova prática. Duas dinâmicas macro-sociais distintas podem antever-se a partir da prática da depilação. Por um lado, a prática da depilação é indicativa do avançar do processo civilizacional (2006 [1989]), no sentido de uma maior higienização e requinte na forma como o corpo é modificado. Por outro lado, faz emergir um corpo masculino na sua dimensão erótica e sedutora, o qual é produzido de modo a suscitar o desejo sexual no outro, não o efeminizando.

Também as representações sociais associadas à homossexualidade chamam a atenção para a importância da dimensão performativa das masculinidades. Mais significativo do que o alinhamento a uma resposta socialmente desejável no que diz respeito à homossexualidade foi o facto de, mesmo entre os entrevistados defensores dos direitos dos homossexuais, se ter expressado o desconforto perante manifestações de carinho entre homens, ou pouca tolerância face aos homossexuais que designam como “bichas”. Portanto, para muitos destes homens, mais do que a orientação sexual, o que incomoda e constrange são os homens que se expressam corporalmente como mulheres, aderindo ao imaginário da gestualidade feminina e expressando-se através de símbolos conferidores de feminilidade. Os “bichas” vêm, ainda, pôr em causa a ideia da relação natural entre sexo e género, denunciando o carácter performativo das masculinidades. Por isso a sua transgressão desencadeia reacções defensivas por parte dos homens que pretendem, de algum modo, preservar a actual ordem das coisas. Estes homens sentem-se ameaçados por comportamentos que não compreendem e vêm questionar o modo como entendem e agem sobre o mundo.

Pensar a diversidade

O género constitui uma propriedade fundadora das estruturas sociais. Este sistema de classificação dos indivíduos é uma das bases em que assentam as sociedades ocidentais (Connell, 1987, 1994, 1995). Mas o que é o género? Enquanto sistema de classificação funciona como um princípio organizador da vida em sociedade a vários níveis. A um nível microssocial, o género é fonte de identidade. Para a construção individual da identidade de género concorre um quadro simbólico comum, amplamente partilhado e conhecido de todos. Este quadro simbólico norteia a acção dos indivíduos na medida em que estes tendem a construir uma identidade de género que coincide com o seu sexo. Por sua vez, a omnipresença do género na estrutura social implica que todas, ou quase todas, as escolhas e decisões concorram para a definição dos indivíduos como masculinos ou femininos. Os homens entrevistados, em certa medida, reproduzem o naipe de divisões identitárias entre o género masculino e o feminino, nomeadamente ao nível das práticas e representações em relação à sexualidade, ao amor, à conjugalidade, à parentalidade e, nalguns casos, em relação aos modos de produção corporal.

Ao mesmo tempo que a estrutura social define fronteiras comportamentais e representacionais, existem vários indícios de que estes indivíduos se relacionam de forma criativa com as estruturas sociais. Ou seja, os indivíduos estão familiarizados com a grelha de classificação da realidade em masculino/feminino, mas têm alguma liberdade para agir ou não de acordo com ela. Se é verdade que os homens entrevistados agem de acordo com ela em grande parte das suas acções, também é certo que a desafiam noutras.

A forma como os homens entrevistados vivem a sua masculinidade, mais ou menos alinhados com a ordem de género tradicional, é, por sua vez, constrangida pela sua trajectória e classe social de pertença. A hierarquia social é, a par do género, outra das bases da estrutura social, concorrendo para delimitar o campo de possibilidades que se abre à acção social. Desse modo, a interseccionalidade entre género e classe social produz uma realidade social mais complexa, da qual se pretendeu dar conta nesta pesquisa.

Como foi possível verificar ao longo de todo o trabalho, e de forma transversal nas várias dimensões em análise, são sobretudo os homens das classes sociais mais elevadas, distintos pelo elevado capital escolar e cultural que detêm, aqueles que mais desafiam as tradicionais definições de género. Isto acontece por dois motivos principais.

Primeiro, porque a partir do seu lugar privilegiado de classe se abre um campo de possibilidades mais amplo à mudança social, na medida em que detêm capital escolar e cultural que promove a reflexão mais crítica sobre a ordem social e disposições mais igualitárias. Segundo, porque as mulheres que com eles partilham as condições de existência desafiam de forma profunda as masculinidades, no sentido de produzirem dinâmicas de género mais igualitárias. O capital económico aparece como elemento determinante, na medida em que proporciona a independência económica que permite reivindicações mais acesas e menos receosas. Para além das mudanças na forma como produzem o seu corpo, muitos dos homens entrevistados reivindicam a inclusão de outros atributos na definição das masculinidades. Reivindicam o direito à expressão de determinadas emoções, qualificando-se como sensíveis, reclamam uma maior participação na esfera da parentalidade, procuram para suas companheiras mulheres mais autónomas e independentes. Portanto, as mudanças na ordem de género não traduzem apenas as reivindicações das mulheres, mas vêm igualmente reflectir as disputas simbólicas entre os próprios homens. Algumas destas disputas dão-se, portanto, no dia-a-dia, e em relação a aspectos da intimidade. Mas nem todos os homens se relacionam do mesmo modo com a ordem de género mais tradicional.

Um olhar amplo e comparativo sobre os contextos familiares de origem, e as dinâmicas familiares que os próprios entrevistados agora protagonizam, é bem ilustrativo da forma criativa com que alguns homens e mulheres têm desafiado a ordem de género mais tradicional. Estimulados pela rapidez das transformações sociais, a maior parte dos entrevistados qualifica como tradicional o regime de género familiar no âmbito do qual foram socializados, tendo em conta as dinâmicas relacionais estabelecidas entre os pais. Aliás, a figura paterna foi muitas vezes referenciada para dar a ver aquilo que não se quer ser. Não se quer ser um pai ausente e severo. Não se quer ser um marido desapaixonado ou pouco romântico. Não se quer ser um homem que não cuida do seu corpo, aparência e saúde. Não se quer ser um homem tradicional numa sociedade moderna, onde as mulheres ganharam independência financeira e autonomia individual. No entanto, se alguns tomam a dianteira na adesão ao imaginário do homem moderno, outros vão resistindo na medida das suas possibilidades, apontando, pela negativa, a "masculinização" das mulheres.

Entre os entrevistados que coabitam com a companheira/esposa são, agora, raras as situações em que apenas os homens desempenham um trabalho remunerado. Alguns deles, é verdade, empenharam-se em reproduzir um regime de género familiar mais

tradicional, propondo às respectivas companheiras/esposas que estas se dedicassem exclusivamente ao trabalho doméstico, mas nenhuma aceitou. Estas mulheres não abdicaram do exercício de uma profissão, garantindo deste modo a sua independência financeira e alguma autonomia individual face à esfera familiar. Estas propostas vieram da parte de homens com recursos económicos relativamente elevados (que permitiriam garantir as condições materiais de existência do agregado), mas que detêm fracos recursos escolares, provêm de contextos sociais de origem mais desfavorecidos e desempenham actividades em sectores mais tradicionais, como é o caso da construção civil.

Também ao nível da parentalidade mudanças significativas se observam entre a forma como estes homens se relacionavam com os seus pais e a relação que, agora, mantêm com os seus filhos. O distanciamento paterno apontado aos seus pais é agora menos comum, sendo que uma das condições mais enunciada para descrever aquilo que estes homens idealizam como um bom pai é, exactamente, "estar sempre presente" (Mendes, 2007). De facto, entre os entrevistados que já são pais, a maior parte viveu intensamente o período da gravidez e cerca de metade revelou níveis de participação nos cuidados infantis bastante elevados. De resto, praticamente todos os entrevistados ou planearam, ou planeiam ter filhos, atribuindo muita importância à dimensão da parentalidade. A importância de ter filhos na expressão das masculinidades está, de resto, documentada em vários estudos (Cunha, 2010; Aboim, 2007). Se a importância atribuída à parentalidade aumenta na medida inversa dos níveis de escolaridade, já a intensidade dos cuidados e assistência aos filhos é maior no topo da hierarquia social. Ou seja, os homens pertencentes às classes menos favorecidas fazem depender mais a satisfação com a vida e a família de ter filhos, de "deixar descendência". Por sua vez, os homens pertencentes às classes mais altas tendem a investir mais tempo na relação pai-filho.

A maior parte das relações conjugais dos entrevistados caracteriza-se por lógicas de autonomia semelhantes entre os cônjuges, seja pelo elevado centramento no "nós" em detrimento dos interesses individuais, seja pelos elevados níveis de individualidade e autonomia face ao casal. Maiores níveis de autonomia face ao casal associam-se a indivíduos pertencentes a classes sociais mais elevadas, detentoras de maior capital cultural, onde a expressão da individualidade é muito valorizada pelos próprios. Também se identificaram, no entanto, dinâmicas conjugais onde a autonomia face ao casal é experienciada de forma muito diferente pelos cônjuges. Trata-se de casais onde apenas um dos membros investe pessoalmente em interesses que não passam pela esfera

conjugal ou familiar. Esse membro é sempre o homem, cujo investimento profissional e tempo passado com amigos representam, a par da família, importantes esferas da sua vida. A este tipo de dinâmicas associam-se casais com fracos recursos escolares, no seio dos quais as mulheres surgem condicionadas pelos rendimentos diminutos. São mulheres com pouco poder para que as suas reivindicações de um maior envolvimento masculino nas tarefas domésticas e nos cuidados parentais sejam ouvidas. No entendimento destes homens, o seu contributo económico compensa a sua ausência.

No plano das emoções, foram identificados três modos distintos de viver o amor. Dois deles vêm desafiar o modelo de masculinidade hegemónica, seja pela sentimentalização da vida afectiva, seja pela paridade em termos de liberdade sexual que caracteriza as relações conjugais. São eles os homens românticos e os homens liberais. Os primeiros estão orientados para o amor, os compromissos duradouros e a fidelidade, valorizando o desejo sexual enquanto expressão do sentimento amoroso. Por sua vez, os homens liberais distinguem-se pela fragilidade que reconhecem às relações amorosas, dando expressão ao amor confluente conceptualizado por Anthony Giddens (1996). O princípio da fidelidade é sentido por estes entrevistados como imposição cultural que vem contrariar o desejo sexual que é "normal" sentir-se por várias pessoas em simultâneo, e ao qual dão expressão, tal como as suas companheiras. Quer os homens românticos, quer os homens liberais, vêm chamar a atenção para a importância da experiência amorosa na realização pessoal, reivindicando a incorporação de traços outrora equacionados como femininos na definição das masculinidades (como aponta na sua pesquisa Allen, 2003, 2003a, 2007). Isto acontece num contexto social caracterizado por uma maior autonomia das mulheres, por uma sexualidade feminina mais diversificada, pelo aumento das taxas de divórcio, no âmbito do qual estes homens emergem mais empenhados no jogo da sedução e do amor.

Alinhados com uma visão mais tradicional estão os homens galãs. Tal como os homens liberais, os galãs estão orientados para a experimentação amorosa, mas estes reservam apenas a si o direito de manter relações extra-conjugais.

Quanto às variáveis de enquadramento, pode estabelecer-se uma associação entre os homens galãs e a pertença a classes sociais menos favorecidas, marcadas pelo desnível de rendimentos entre os cônjuges. Já os homens liberais situam-se, por oposição, em contextos sociais mais favorecidos, marcados não só pelo elevado capital económico, mas também escolar e cultural. As mulheres com quem interagem partilham com eles os recursos e disposições sociais.

Aos diferentes posicionamentos face à ordem de género mais tradicional correspondem entendimentos e concepções dos géneros bastante diferenciados. Se alguns dos entrevistados usaram conceitos próximos aos das ciências sociais para questionar de forma crítica o carácter social dos géneros, outros mostraram-se empenhados em legitimar as diferenças que identificam entre ser-se homem e ser-se mulher. Independentemente das suas concepções de género, todos se mostraram conscientes da profunda e rápida mudança social que tem atravessado a ordem de género. Nesse sentido, ao qualificar o masculino e o feminino os discursos destes homens revelaram, de forma transversal, incerteza, ambiguidade e, nalguns casos, descontentamento e insegurança.

O descontentamento fez-se sentir sobretudo entre os homens das classes menos favorecidas. Empenhados em reproduzir uma ordem de género mais tradicional, estes homens sentem agora dificuldades em fazê-lo devido às mudanças que apontam nas feminilidades. Já a insegurança ouviu-se por parte de alguns dos homens das classes mais elevadas, especialmente aqueles que reflectem de forma mais crítica sobre o género. Estes homens sentem-se desafiados pelas mulheres a mudar a forma como se relacionam com elas, mas não conseguem identificar com clareza o lugar das masculinidades nas novas dinâmicas de género.

Os argumentos usados para fundamentar as representações que estes homens têm acerca da masculinidade e da feminilidade foram vários, alguns contraditórios. Argumentos de ordem natural, como as características físicas e biológicas, nomeadamente as diferenças hormonais ou a maternidade, apareceram combinados nos discursos dos entrevistados com factores socioculturais, como a socialização diferenciada de rapazes e raparigas ou a maior repressão social que recai sobre as mulheres. Estes dois princípios explicativos encerram em si visões bem distintas da realidade social. Enquanto uma possibilita o questionamento da ordem de género, a outra legitima-a enquanto sistema universal e a-histórico. Neste sentido, a modernidade tardia faz-se caracterizar pela pluralidade de concepções que, por vezes, surgem combinadas nos discursos dos homens, mesmo quando são potencialmente contraditórias. A tensão entre a adesão aos princípios da igualdade e a reprodução do património simbólico das aproximações naturalistas aos géneros foi manifesta, sobretudo entre os entrevistados menos escolarizados e mais conservadores.

Também a definição de masculinidade hegemónica (Connell, 1995), enquanto um ideal-tipo de masculinidade dominante, se mostrou volátil face ao lugar de classe. Para os

homens das classes menos favorecidas, sobretudo em termos de capital escolar e cultural, a representação da masculinidade hegemónica surge associada a uma ordem de género que assenta no domínio do masculino sobre o feminino e na primazia da heterossexualidade sobre outras formas de vivência da sexualidade. Ainda que este constituía um ideal-tipo que norteie a sua acção, estes homens estão mais próximos da noção de masculinidade cúmplice (Connell, 1995), desde logo pelo seu posicionamento na hierarquia social que os coloca numa situação desfavorável face aos homens das classes dominantes. São cúmplices em relação à dominação masculina e, na medida das suas possibilidades, usufruem da posição privilegiada dos homens sobre as mulheres.

Os homens das classes mais altas, distintas pelos recursos económicos e culturais que possuem, vêm, no entanto, desafiar a tipologia proposta por R. Connell de duas formas distintas. Primeiro, porque estes homens não partilham desta noção de masculinidade hegemónica baseada na dominação masculina, reivindicando dinâmicas de género mais igualitárias, bem como a inclusão de traços tradicionalmente entendidos como femininos na definição das masculinidades contemporâneas legítimas. Segundo, porque estes homens não cabem na tipologia. Promotores de uma ordem de género menos tradicional, no âmbito da qual se pratica uma tendencial igualdade de direitos entre os sexos, estes homens dão corpo a um novo tipo de masculinidade que, a partir de lugares privilegiados da hierarquia social, vem disputar a hierarquia das masculinidades. Para além de não produzirem activamente uma ordem de género assimétrica, também não são cúmplices, na medida em que desenvolvem um olhar reflexivo e crítico sobre ela.

A sua condição de classe privilegiada e o seu alinhamento com a heteronormatividade não permite, de igual modo, que se enquadrem naquilo que R. Connell (1995) definiu como masculinidades subordinadas ou marginalizadas. Quem são então estes homens? São homens que dão expressão àquilo que se poderia designar por “masculinidades de vanguarda”. Vanguarda porque promovem a mudança social a partir de lugares privilegiados na hierarquia social. Porque as suas acções são menos genderizadas e contribuem para o esbatimento das fronteiras entre o masculino e o feminino, anunciado pelas teorias da modernidade tardia (Giddens, 1994, 1996). Assumem deste modo, a par de algumas mulheres (outras estão empenhadas na reprodução social), a vanguarda em termos de mudança social. A reflexividade social promotora de um olhar mais crítico sobre a sociedade e a sua estrutura desempenha um papel fundamental neste processo.

Em termos de auto-identidade, quando solicitados a posicionar-se numa escala

cujos extremos representam o máximo masculino (zero) e o máximo feminino (dez), as respostas tenderam a centrar-se no nível cinco. Este auto-posicionamento no centro da escala foi justificado pelo facto de estes homens reconhecerem em si quer características masculinas, quer femininas. Deste modo, os entrevistados que assim se posicionaram evidenciaram a capacidade de distinguir a categoria sexo da categoria género. Trata-se de homens mais escolarizados, cuja representação do máximo masculino é bastante negativa. Para qualificar o tipo de homem que imaginam no máximo masculino estes entrevistados usaram adjectivos como "tradicional", "machista", "pouco escolarizado", "híper-musculado" e "violento". Afastam-se deste extremo na medida em que reconhecem em si algumas características femininas como a sensibilidade, o facto de cuidarem do seu corpo e aparência e, também, pela adesão ao princípio da igualdade. São homens que reivindicam a incorporação de elementos tradicionalmente equacionados como femininos na definição das masculinidades hegemónicas. Distinguem-se destes os entrevistados que não conseguiram conceber uma escala contínua cujos extremos representassem o masculino e o feminino, uma vez que têm uma visão dicotómica, naturalista e estanque dos géneros. Por isso, situaram-se no máximo masculino.

Pensar a complexidade

Uma das questões clássicas da sociologia do conhecimento prende-se com a relação entre o indivíduo e a sociedade ou entre a acção e a estrutura. Qual a relação entre estes referentes e qual terá predominância na explicação dos processos de estruturação social? Qual a relação entre o indivíduo e a sociedade ou entre a acção e a estrutura? A resposta a esta questão tem sido ensaiada a partir de diferentes quadrantes teóricos e não é, como vimos, consensual. A tese da modernidade tardia de Anthony Giddens ou de abordagens próximas desta, como a desenvolvida por Zygmund Bauman, defendem que o indivíduo se libertou das estruturas sociais tradicionais e tem a capacidade de definir, de forma reflexiva, os trilhos da sua trajectória social, as suas práticas e representações. Anuncia-se, neste âmbito, o fim das classes sociais enquanto elementos fundamentais na estruturação e organização da acção social e o esbatimento das fronteiras entre o masculino e o feminino. Outros autores, nomeadamente Pierre Bourdieu, têm um olhar bastante diferente. De acordo com Bourdieu, a forma como pensamos e agimos é profundamente influenciada pelas estruturas sociais, nomeadamente pela posição ocupada no espaço dos recursos e pela trajectória nele experienciada, mas também pelo

género.

A análise que realizámos neste projecto de investigação indica que a relação entre acção e estrutura é complexa, no sentido de uma combinação entre lógicas de influência estrutural e capacidade individual de redefinição dessas estruturas, nomeadamente das estruturas simbólicas. Ao olhar de forma transversal para as diferentes dimensões analíticas a palavra mudança emerge como um qualificativo fundamental para descrever novas e diferentes masculinidades. Mas, simultaneamente, identificam-se nas práticas e nas representações os efeitos de uma estrutura social, de uma ordem de género tradicional, que constrange a acção dos indivíduos no sentido da sua reprodução. Os discursos destes homens evidenciam, portanto, que os actores sociais redesenham os limites simbólicos das fronteiras identitárias e contribuem para a restruturação da ordem de género. Nesse processo eles próprios são condicionados pelos padrões valorativos e simbólicos dominantes, mas a redefinição que produzem das regras classificatórias estruturantes contribui para as dinâmicas de mudança social. No âmbito das dinâmicas sociais em que se definem processos de mudança ou reprodução, a trajectória social e a classe social de pertença dos indivíduos traduzem-se em elementos centrais na análise sociológica das atitudes perante a mudança, na medida em que permitem compreender as diferenças em termos da reflexividade individual e do campo de possibilidades que se abre a cada indivíduo.

Entre o grupo de homens entrevistados, definidos à partida pelos cuidados menos tradicionais perante o seu corpo, identificou-se uma diversidade de atitudes e práticas ora reprodutoras, ora desafiadoras da ordem de género a vários níveis. Esta diversidade de posicionamentos face ao eixo tradicional-moderno fez-se sentir também à escala individual, contrariando-se a hipótese de partida que apontava para uma relação linear entre a modernidade dos comportamentos no plano dos cuidados corporais e a modernidade das atitudes e acções noutras esferas da vida. Esta hipótese continha em si mesma a ideia de uma identidade, de um sistema de disposições coeso e homogéneo, teoricamente contestada por vários autores. Mesmo em relação ao corpo, a análise das práticas e seu sentido apontam para uma relação complexa entre dinâmicas de incorporação (Bourdieu, 1999) e de excorporação (Ferreira, 2006, 2013), convivendo nalguns casos em simultâneo. É o caso, por exemplo, da prática da depilação, uma "técnica do corpo" tradicionalmente associada ao universo feminino, e da qual alguns homens se apropriam no sentido de dar a ver o corpo híper-musculado e, portanto, hiper-masculino.

São vários os autores que vêm falar do *habitus* como um conjunto complexo de disposições não transponíveis de campo para campo (Lahire, 2001, 2002; Lopes, 2004). Ou das identidades como um discurso que tenta atribuir ordem e sentido de continuidade a algo que não o tem (Giddens, 1994). A presente pesquisa empírica veio questionar estas premissas na medida em que se realizou uma análise que pretendeu, exactamente, pôr em relação diferentes dimensões da vida destes homens. A tipologia ensaiada no ponto 6 do Capítulo III cumpre este objectivo, deixando antever o modo como disposições distintas, senão mesmo contraditórias, se articulam de forma mais ou menos harmoniosa na constituição das masculinidades. O exercício culminou na definição de quatro tipos de masculinidades que combinam de forma diferenciada práticas, atitudes e representações à luz do eixo tradicional-moderno ou estrutura-acção.

Os homens entrevistados revelaram ter projectos corporais bem definidos. No entanto, nem sempre a tradicionalidade ou modernidade destes projectos coincide com o seu posicionamento face à ordem de género. Essa descoincidência é mais flagrante entre as masculinidades exuberantes. As masculinidades exuberantes destacam-se pela dissonância disposicional, na medida em que agregam disposições que desafiam as corporeidades modais e desarranjam os esquemas simbólicos do masculino/feminino em termos das "técnicas do corpo" e, simultaneamente, concepções de género muito tradicionais a outros níveis.

É entre as masculinidades tradicionais e as masculinidades distintivas que se identificam maiores níveis de harmonia entre disposições sociais. Os homens que dão corpo às masculinidades tradicionais diferenciam-se pela tradicionalidade dos seus comportamentos e valores nas múltiplas esferas em análise. Trata-se de homens mais conservadores na forma como produzem o seu corpo. O aumento do seu volume muscular é o principal objectivo perseguido pelos investimentos corporais. Práticas como a depilação consistem essencialmente em estratégias estéticas acessórias, que permitem dar uma melhor visibilidade ao volume muscular do seu corpo. O seu entendimento dos géneros está fortemente ancorado numa perspectiva naturalista da realidade social, o que em muito justifica que estes homens se auto-identifiquem, na escala dos géneros, com o máximo masculino. Já as masculinidades distintivas caracterizam-se pelos modos de produção corporal que pretendem afirmar a pertença a uma classe social mais favorecida em termos de capital económico. Neste caso, à ética do bem-estar sobrepõe-se a do bem-parecer, a partir da exibição de símbolos e marcas socialmente significantes em termos da posição na hierarquia social. Reprodução de género e distinção de classe são,

portanto, os principais motores das práticas e representações que caracterizam estes dois tipos de masculinidades.

Por sua vez, os homens que integram o grupo das masculinidades reflexivas são mais difíceis de caracterizar quanto à homogeneidade das suas disposições. Por um lado, mostraram problematizar de modo mais crítico as questões de género, nalguns casos fazendo uso de conceitos próximos à sociologia. Por outro lado, os seus modos de produção corporal aparecem alinhados com a noção dominante do corpo masculino "natural", privilegiando as práticas e consumos pouco visíveis e proporcionadores de bem-estar. Esta imagem "natural" é, no entanto, fruto de uma estratégia de produção corporal intensa e de uma reflexão profunda em torno do corpo e da sociedade.

Curiosidades analíticas e pistas para futuras investigações

A dificuldade em dar uma pesquisa desta envergadura por concluída advém em grande medida da tomada de consciência em relação à complexidade do objecto de estudo. Para além de conclusões, este trabalho levanta novas perguntas. Esta pesquisa contribuiu para o conhecimento acerca da diversidade de masculinidades e da complexidade disposicional interna dos seus protagonistas, sendo importante prosseguir estudos no sentido de aprofundar as relações que se estabelecem entre os diferentes capitais e as atitudes e posicionamentos face à ordem de género. A par do corpo, a dimensão das emoções tem sido pouco explorada do ponto de vista sociológico.

Seria igualmente enriquecedor um desenho metodológico que implicasse, simultaneamente, ouvir homens e mulheres. Isto porque, como foi discutido, as mulheres têm funcionado como motor de mudança a vários níveis, inclusive em relação às masculinidades, nem que seja pelo facto de que estas se constroem por relação às feminilidades. Uma abordagem desse tipo permitiria dar pistas sobre como se posicionam as mulheres em relação às recentes apropriações, por parte dos homens, de técnicas do corpo outrora um exclusivo seu, como a depilação ou o uso de produtos dermo-cosméticos.

Na senda da análise efectuada, importa também questionar como se posicionam as mulheres perante o eixo tradicional-moderno e de que modo as suas acções reproduzem ou reinventam as estruturas sociais. Ou seja, importa produzir análises que, para além de conceberem as mulheres enquanto vítimas de um sistema de dominação, as concebam

também como agentes de mudança. Em relação às feminilidades, será que se podem estabelecer paralelos em relação à tipologia proposta nesta pesquisa? Como se relacionam elas com o seu corpo? A resposta a estas perguntas enriquecerá certamente o conhecimento sociológico acerca das dinâmicas sociais pelas quais os actores, no universo da sua complexidade disposicional, dão corpo ao género.

BIBLIOGRAFIA

Aboim, Sofia (2003), "Evolução das Estruturas Domésticas", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 43, pp. 13-30.
Disponível em: http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/spp/n43/n43a02.pdf

Aboim, Sofia (2004), "Emoções e rotinas: a construção da autonomia conjugal", Actas do Vº Congresso Português de Sociologia, Lisboa, APS, pp. 1-14.
Disponível em: http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR4628d1ab9eb22_1.pdf

Aboim, Sofia (2006), "Conjugalidade, afectos e formas de autonomia", Análise Social, vol. XLI (180), pp. 801-825.
Disponível em: http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218722486G7qLJ6ju3Yw99KV9.pdf

Aboim, Sofia (2006a), *Conjugalidades em Mudança*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

Aboim, Sofia (2007), "Clivagens e continuidades de género face aos valores da vida familiar em Portugal e noutros países europeus", em Wall, Karin e Lígia Amâncio (Orgs.), *Família e Género em Portugal e na Europa*, Atitudes Sociais dos Portugueses, nº 7, Lisboa, ICS, pp. 35-92.

Aboim, Sofia (2008), "Masculinidades na encruzilhada: hegemonia, dominação e hibridismo em Maputo", Análise Social, vol. XLIII (2º), pp. 273-295.
Disponível em: http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218639405O4lMH5tq8Xc60OD7.pdf

Aboim, Sofia (2010), *Plural Masculinities: The remaking of the Self in Private Life*, Surrey, ASHGATE.

Aboim, Sofia (2010a), "Homossexualidade e bissexualidade: práticas, atracção e orientação sexual", em Ferreira, Pedro Moura e Manuel Villaverde Cabral (orgs.), *Sexualidades em Portugal: comportamentos e riscos*, Lisboa, Bizâncio.

Aboim, Sofia (2010b), "Conjugalidades no masculino: Renegociando poderes e identidades no quotidiano", em Wall, Karin, Sofia Aboim e Vanessa da Cunha, *A Vida familiar no masculino: negociando velhas e novas masculinidades*, Lisboa, Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.
Disponível em: http://www.cite.gov.pt/asstscite/downloads/publics/A_vida_masculino.pdf

Aboim, Sofia e Karin Wall (2002), "Tipos de famílias em Portugal: interacções, valores, contextos", Análise Social, vol. XXXVII (163), pp. 475-506.
Disponível em: http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218732849L9wOF3hb9Nc24JA5.pdf

Ahmed, S. M. Faizan (2006), "Making Beautiful: Male Workers in beauty Parlors", Men and Masculinities, vol. 9, 2, pp. 168-185.
Disponível em: http://jmm.sagepub.com/content/9/2/168.full.pdf+html

Allen, Louisa (2003), "Power Talk: Young People Negotiating", Women's Studies International Forum, vol. 26, 3, pp. 235-244.
Disponível em: http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0277539503000530

Allen, Louisa (2003a), "Girls want sex, Boys want love: Resisting dominant discourses of (hetero) sexuality", Sexualities, vol. 6 (2), pp. 215-236.
Disponível em: http://sexualities.sagepub.com/content/6/2/215.full.pdf+html

Allen, Louisa (2007), ""Sensitive and Real macho All at the same Time": Young heterosexual men and

romance", Men and Masculinities, vol. 10, 2, pp. 137-152.
Disponível em: http://jmm.sagepub.com/content/10/2/137.full.pdf+html

Alo, Luis Henrique (1995), "Sujeto e discurso: el lugar de la entrevista abierta en las prácticas de la sociología cualitativa", em Delgado, J. M. e J. Gutiérrez (coords.), *Métodos y técnicas de investigación en ciencias sociales*, Madrid, Ed. Síntesis.

Amâncio, Lígia (1992), "As assimetrias nas representações de género", Revista Crítica de Ciências Sociais, 34, pp. 9-22.
Disponível em: http://www.ces.fe.uc.pt/publicacoes/rccs/artigos/34/Ligia%20Amancio%20-%20As%20Assimetrias%20nas%20Representacoes%20do%20Genero.pdf

Amâncio, Lígia (1993), "Género - representações e Identidades", Sociologia, Problemas e Práticas, 14, pp. 127-140.
Disponível em: http://sociologiapp.iscte.pt/pdfs/26/261.pdf

Amâncio, Lígia (1998), *Masculino e Feminino: a construção social da diferença*, Porto, Edições Afrontamento.

Amâncio, Lígia (2003), "O género no discurso das ciências sociais", Análise Social, vol. XXXVIII, 168, pp. 687-714.
Disponível em: http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218791078B9rDE5id4Po89MU8.pdf

Amâncio, Lígia (2004), *Aprender a Ser Homem: Construindo Masculinidades*, Lisboa, Livros Horizonte.

Amâncio, Lígia (2007), "Género e divisão do trabalho doméstico – o caso português em perspectiva", em Wall, Karin e Lígia Amâncio (Org.), *Família e Género em Portugal e na Europa*, Atitudes Sociais dos Portugueses nº 7, Lisboa, ICS.

Anastácio, Zélia (2010), "Sexualidade na fase intermédia da adolescência: relacionamentos, comportamentos e conhecimentos", International Journal of Developmental and Educational Psychology, 2, pp. 695-705.
Disponível em:
http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10567/1/Texto_INFAD2010_ZeliaAnastacio.pdf

Archer, Margaret S. (2003*), Structure, Agency and the Internal Conversation*, Cambridge, Cambridge University Press.

Ariès, Philippe (1960), *Centuries of Childhood: A Social History of Family Life*, New York, Alfred A. Knopf.

Atalaia, Susana (2010), "O lugar do padrasto no quotidiano familiar", em Wall, Karin, Sofia Aboim e Vanessa da Cunha, *A Vida familiar no masculino: negociando velhas e novas masculinidades*, Lisboa, Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.
Disponível em: http://www.cite.gov.pt/asstscite/downloads/publics/A_vida_masculino.pdf

Atkinson, Will (2010), Class, *Individualization and Late Modernity: In Search of the Reflexive Worker*, Hampshire, Palgrave Macmillan.

Ávila, Patrícia (2008), *A Literacia dos Adultos: Competências-Chave na Sociedade do Conhecimento*, Lisboa, Celta Editora.

Barbosa, Carlos (2004), "Violência escolar e a construção social de masculinidades", em Amâncio, Lígia (org.), *Aprender a Ser Homem: Construindo Masculinidades*, Lisboa, Livros Horizonte.

Barbosa, Carlos e Conceição Nogueira (2004), "Violência escolar e a construção social de masculinidades", Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia, Lisboa, APS, pp. 30-32.
Disponível em: http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR4628d39609c52_1.pdf

Barroso, Margarida; Magda Nico e Elisabete Rodrigues (2011), "Género e sociologia: uma análise das desigualdades e dos estudos de género em Portugal", Sociologia ON LINE, 4, pp. 73-102.
Disponível em: http://revista.aps.pt/cms/files/artigos_pdf/ART4e980c0400bb9.pdf

Bauman, Zygmunt (2006), *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*, Lisboa, Relógio D'água.

Baxter, Janeen (2000), "The joys and justice of housework", Sociology, 34 (4), pp. 609-633.
Disponível em: http://soc.sagepub.com/content/34/4/609.full.pdf+html

Beauvoir, Simone de (1967 [1949]*), O Segundo Sexo: A Experiência Vivida*, São Paulo, Difusão Europeia do Livro.

Beck, Ulrich e Elisabeth Beck-Gernsheim (2002), *Individualization*, London, Sage.

Beck, Ulrich; Anthony Giddens e Scott Lash (ed.) (2000), *Modernização Reflexiva*, Oeiras, Celta Editora.

Beck-Gernsheim, Elisabeth (1998), "On the way to a post-familial family: From a community of need to elective affinities", Theory, Culture & Society, vol. 15 (3-4), pp. 53-70.
Disponível em: http://tcs.sagepub.com/content/15/3/53.full.pdf+html

Bell, Kirsten e Darlene MacMaughton (2007), "Feminism and the invisible fat man", Body & Society, vol. 13 (1), pp. 107-131.
Disponível em: http://bod.sagepub.com/content/13/1/107.full.pdf+html

Bible-Perry, Geraldine e Sarah Cheang (2008), *Hair: Styling, Culture and Fashion*, New York, Berg.

Billman, Brett (2006), "The enfleshment of masculinity(s): the maintenance of hegemonic masculinity", Universitas, vol. 2 (2).
Disponível em: http://www.uni.edu/universitas/archive/fall06/pdf/art_billman.pdf

Bly, Robert (2004 [1990]), *Iron John: A Book about Men*, Ney York, De Capo Press

Bordo, Susan (1999), *The Male Body*, New York, Farrar Straus and Giroux.

Bourdieu, Pierre (1977), "Remarques provisoires sur la perception sociale du corps", Actes de la Recherche en Sciences Sociales, vol. 14, 14, pp. 51-54.
Disponível em: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_1977_num_14_1_2554

Bourdieu, Pierre (1986), "Habitus, code et codification", Actes de la Recherche en Sciences Sociales, Vol. 64, 1, pp. 40-44.
Disponível em: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_1986_num_64_1_2335

Bourdieu, Pierre (1999), *A Dominação Masculina*, Oeiras, Celta Editora.

Bourdieu, Pierre (2001 [1989]), *O Poder Simbólico*, Lisboa, DIFEL.

Bourdieu, Pierre (2001), "Compreender" em Bourdieu, Pierre (coord.), *A Miséria do Mundo*, Editora Vozes, Petrópolis.

Bourdieu, Pierre (2002 [1972]), Esboço *de uma teoria da prática, precedido de três estudos de etnologia Cabila*, Oeiras, Celta Editora.

Bourdieu, Pierre (2010 [1979]), *A distinção: Uma crítica social da faculdade do juízo*, Lisboa, Edições 70.

Bourdieu, Pierre (coord.) (2001a), *A Miséria do Mundo*, Editora Vozes, Petrópolis.

Bozon, Michel (1991) "Mariage et mobilité sociale en France", European Journal of Population, 7. Disponível em: http://www.jstor.org/discover/10.2307/20164576?uid=3738880&uid=2&uid=4&sid=21102509816327

Bozon, Michel (1997), "Initiation sexuelle et genre: comparaison des évolutions de douze pays européens", Population, 6, pp. 1367-1400. Disponível em: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/pop_0032-4663_1997_num_52_6_6516

Bozon, Michel (1999), "Les significations sociales des actes sexuales", Actes de la Recherche en sciences sociales, vol. 128, pp. 3-23. Disponível em: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_1999_num_128_1_3288

Bradley, Harriet (2007), *Gender*, Cambridge, Polity Press.

Brandão, Ana Maria (2008), "Dissidência sexual, género e identidade", Actas do VI Congresso Português de Sociologia, Lisboa, APS. Disponível em: http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/8053/1/Dissidencia%20sexual.pdf

Brandão, Ana Maria (2008a), "Breve contributo para uma história da luta pelos direitos de gays e lésbicas na sociedade portuguesa", em Actas da Semana Pedagógica União de Mulheres Alternativa e Resposta, Universidade do Minho. Disponível em: http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/8673/1/Breve%20contributo.pdf

Brandth, Berit e Marit Haugen (2005), "Text, body, and tools: changing mediations of rural masculinity", Men and Masculinities, vol. 8, 2, pp. 148-163. Disponível em: http://www.bygdeforskning.no/dynamisk/Publikasjoner_PDF/ARTIKKEL%20x1.05.pdf

Cabral, João de Pina (2003), *O homem na família: cinco ensaios de antropologia*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

Caetano, Ana (2011), "Para uma análise sociológica da reflexividade individual", Sociologia Problemas e Práticas, 66, pp. 157-174.

Disponível em: http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/spp/n66/n66a08.pdf

Carmo, Isabel e Lígia Amâncio (2004), *Vozes Insubmissas: A História das Mulheres e dos Homens que Lutaram pela Igualdade dos Sexos Quando era Crime Fazê-lo*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

Carpenter, Laura (2002), "Gender and the Meaning and experience of virginity loss in the contemporary United States", Gender and Society, vol. 16, 3, pp. 345-365. Disponível em: http://gas.sagepub.com/content/16/3/345.full.pdf+html

Carreiras, Helena (1997), *Mulheres nas Forças Armadas Portuguesas*, Lisboa, Edições Cosmos.

Carreiras, Helena (2006), *Gender and the military: women in the Armed Forces of western democracies*, London, Routledge.

Carrigan, Tim; Bob Connell e John Lee (1985), "Toward a new Sociology os masculinity", Theory and Society, vol. 14, 5, pp. 551-604.
Disponível em: http://www.jstor.org/discover/10.2307/657315?uid=3738880&uid=2&uid=4&sid=21102509816327

Cerejo, Sara (2004), "A demanda pela masculinidade no universo do graffiti", Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia, Lisboa, APS, pp. 90-98.
Disponível em: http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR4628d61809c56_1.pdf

Connell, R. W. (1987), *Gender & Power: Society, the person and sexual politics*, Cambridge, Polity Press.

Connell, R. W. (1994), "Gender regimes and the gender order", em Anthony Giddens et al. (eds), *The Polity Reader in Gender Studies*, Cambridge, Polity Press, pp. 29-40.

Connell, R. W. (1995), *Masculinities*, Cambridge, Polity Press.

Connell, R. W. (1996), "Teaching the boys: New Research on Masculinity, and gender strategies for schools", Teachers College Record, vol. 98, 2, pp. 206-235.
Disponível em: http://xyonline.net/sites/default/files/Connell,%20Teaching%20the%20Boys%2096.pdf

Connell, R. W. (1997), "La organización social de la masculinidad", Biblioteca Virtual de Ciencias Sociales, pp. 1-25.
Disponível em: http://www.cch.unam.mx/formacion/sites/www.cch.unam.mx.formacion/files/La_Organizacion_Social_de_la_Masculinidad_Connell.pdf

Connell, R. W. (2002), "Differences and Bodies", em R. Connell, *Gender*, Cambridge, Polity Press, pp. 28-52.

Connell, R. W. e James Messerschmidt (2005), "Hegemonic masculinity: rethinking the concept", Gender & Society, vol. 19, 6, pp. 829-859.
Disponível em: http://gas.sagepub.com/content/19/6/829.full.pdf+html

Corcuff, Philippe (2001), *As novas sociologias: construções da realidade social*, Sintra, Distribuidora Editora Vral.

Cortez, Mariana (2008), "Género masculino e a profissão do "cuidar"", Actas do VI Congresso Português de Sociologia, Lisboa, APS.
Disponível em: http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/174.pdf

Costa, António Firmino da (1999), *Sociedade de Bairro: Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural*, Oeiras, Celta Editora.

Costa, António Firmino da, Rosário Mauritti, Susana da Cruz Martins, Fernando Luís Machado e João Ferreira de Almeida (2000), "Classes sociais na Europa", Sociologia, Problemas e Práticas, 34, pp. 9-45.
Disponível em: http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/spp/n34/n34a01.pdf

Costa, António Firmino da, João Teixeira Lopes (Coord.) *et al* (2008), *Os Estudantes e os seus trajetos no ensino superior: Sucesso e insucesso, factores e processos, promoção de boas práticas*, Relatório Final, CIES-ISCTE, IS-FLUP.

Craig, Lyn (2006) "Does father care mean fathers share? A comparison of how mothers and fathers in intact families spend time with children", Gender & Society, vol. 20 2, pp. 259-281.
Disponível em: http://gas.sagepub.com/content/20/2/259.abstract

Cunha, Vanessa (2007), *O Lugar dos Filhos: Ideias, Práticas e Significados*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

Cunha, Vanessa (2010), "Projectos de paternidade e a construção da fecundidade conjugal", em Wall, Karin, Sofia Aboim e Vanessa da Cunha, *A Vida familiar no masculino: negociando velhas e novas masculinidades*, Lisboa, Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.
Disponível em: http://www.cite.gov.pt/asstscite/downloads/publics/A_vida_masculino.pdf

Davis, Kathy (2002), "'A dubious equality': men, women and cosmetic surgery", Boby & Society, vol. 8 (1), pp. 49-65.
Disponível em: http://bod.sagepub.com/content/8/1/49.full.pdf+html

Davis, Shannon N., Theodore N. Greenstein, e Jennifer P. Gerteisen Marks (2007), "Effects of union type on division of household labor: do cohabiting men really perform more housework?", Journal of Family Issues, 28 (9), pp. 1246-1272.
Disponível em: http://jfi.sagepub.com/content/28/9/1246.full.pdf+html

Delaunay, Catarina (2001), *O enredo Conjugal: Uma viagem à realidade quotidiana do consumo*, Lisboa, Gráfica 2000.

Deliyianni-Kouimtzi, Vassiliki e Vassiliki Lentz (2008), "Boys' and girls' stories of the perfect love: gender and the construction of romantic relationships in the Greek classroom", Actas da Conferência Persons, Intimacy & Love: Probing the Boundaries, Salzburg, Austria.
Disponível em: http://www.persons.org.uk/ptb/persons/pil/pil2/lentza%20paper.pdf

Direcção Geral da Saúde (2009), *Risco de morrer em Portugal*, 2006, vol. I e II., Lisboa, DGS.

Duret, Pascal e Peggy Roussel (2005), *Les Corps et ses Sociologies*, Paris, Armand Colin.

Durkheim, Emile (1984 [1893]), *A divisão do trabalho social*, vol. I, Lisboa, Editorial Presença.

Eco, Humberto (dir.) (2004), *História da Beleza*, Lisboa, DIFEL.

Eco, Humberto (dir.) (2007), *História do feio*, Lisboa, DIFEL.

Elias, Norbert (2006 [1989]), *O Processo Civilizacional*, Lisboa, Dom Quixote.

Eurostat (2010), *Europe in figures: Population 2*, Eurostat yearbook 2010, Luxemburg, Eurostat.

Eurydice (2010), *Diferenças de géneros nos resultados escolares: Estudo sobre as medidas tomadas e a situação actual na Europa*, Lisboa, Ministério da Educação.

Featherstone, Mike (1998), "Love and eroticism: An introduction", Theory, Culture & Society, vol. 15 (3-4), pp. 1-18.

Ferreira, Pedro Moura (2010), "Parceiros, relacionamentos e trajectórias sexuais", em Ferreira, Pedro Moura e Manuel Villaverde Cabral (orgs.), *Sexualidades em Portugal: comportamentos e riscos*, Lisboa, Bizâncio.

Ferreira, Pedro Moura (2010a), "Contextos de iniciação sexual - idade, relacionamentos e geração", em Ferreira, Pedro Moura e Manuel Villaverde cabral (orgs.), *Sexualidades em Portugal: comportamentos e riscos*, Lisboa, Bizâncio.

Ferreira, Pedro Moura e Manuel Villaverde cabral (orgs.) (2010), *Sexualidades em Portugal: comportamentos e riscos*, Lisboa, Bizâncio.

Ferreira, Virgínia (1999), "Os paradoxos da situação das mulheres em Portugal", Revista Crítica de Ciências Sociais, 52/53, pp. 199-227.

Ferreira, Vírginia (2004), *Relações Sociais de Sexo e Segregação do Emprego: Uma Análise da Feminização dos Escritórios em Portugal*, Dissertação de Doutoramento em Sociologia, Coimbra, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

Ferreira, Virgínia. (1993), "Padrões de segregação das mulheres no emprego: Uma análise do caso português no quadro europeu", em Santos, B. Sousa (Org.), *Portugal: Um retrato singular*, Porto, Afrontamento.

Ferreira, Vitor Sérgio (2004), "Da reflexividade corporal entre os jovens portugueses: Uma realidade socialmente fragmentada", Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia, Lisboa, APS, pp. 55-61.
Disponível em: http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR4616d905aae8b_1.pdf

Ferreira, Vitor Sérgio (2006), *Marcas que demarcam: corpo, tatuagem e body piercing em contextos juvenis*, Dissertação de Doutoramento em Sociologia da Cultura e da Comunicação, Lisboa, ISCTE.
Disponível em:
https://repositorio.iscte.pt/bitstream/10071/608/1/Marcas%20que%20Demarcam%20PDF.pdf

Ferreira, Vitor Sérgio (2008), "Be some body: modificação corporal e plasticidade identitária na sociedade contemporânea", em Cabral, Manuel Villaverde; Karin Wall, Sofia Aboim e Filipe Carreira da Silva (orgs.), *Itinerários: A investigação nos 25 anos do ICS*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

Ferreira, Vitor Sérgio (2009), "Elogio (sociológico) à carne: A partir da reedição do texto "as técnicas do corpo" de Marcel Mauss", Actas da Conferência para a sessão de lançamento da Colecção Arte e Sociedade, Porto, Instituto de Sociologia, Fundação Universidade do Porto.
Disponível em: http://www.letras.up.pt/isociologia/uploads/files/Working37.pdf

Ferreira, Vitor Sérgio (2010), "Recensão de Chris Shilling, Changing Bodies. Habit, Crisis and Creativity, Londres, Sage, 2008, 216 páginas", Análise Social, vol. XLV (4), pp. 807-810.
Disponível em: http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/aso/n197/n197a15.pdf

Ferreira, Vitor Sérgio (2011), "Modas e modos: a privatização do corpo no espaço público português", em Nunes de Almeida, Ana, *História da Vida Privada em Portugal: Os nossos Dias*, Lisboa, Círculo de Leitores.

Ferreira, Vitor Sérgio (2011a), "Dar corpo à juventude: o corpo jovem e os jovens nos seus corpos", em Pais, José Machado, René Bendit e Vítor Sérgio Ferreira (orgs.), *Jovens e Rumos*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, pp. 257-275.

Ferreira, Vitor Sérgio (2011b), "Pesos, halteres e sentidos dos corpos (h)alterados: um século de

musculação em Portugal", em Neves, José e Nuno Domingos (eds.), *Uma História do Desporto em Portugal: Classes*, Associativismo e Estado, Lisboa, Quidnovi.

Ferreira, Vitor Sérgio (2013), "Resgates sociológicos do corpo: esboço de um percurso conceptual" Análise Social, 208, vol. XLVIII (3), s/página.

Ferreira, Vitor Sérgio (2013a), "Artes e manhas da entrevista compreensiva", Saúde & Sociedade.

Ferreira, Vitor Sérgio; Nunes, Cátia (2010), "Transições para a idade adulta" em Pais, Machado e Vitor Sérgio Ferreira, *Tempos e Transições de Vida: Portugal ao Espelho da Europa*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

Fialho, Fabrício Mendes (2006), "Uma Crítica Ao Conceito De Masculinidade Hegemónica", ICS Working Paper nº 09/2006, Lisboa, ICS (Online).
Disponível em: http://www.ics.ul.pt/publicacoes/workingpapers/wp2006/wp2006_9.pdf

Fine, Michelle e Peter Kuriloff (2006), "Forging and performing masculine identities within social spaces: Boys and men negotiating the crucible of dominant cultural representations at the intersection of class, race, ethnicity, and sexuality", Men and Masculinities, vol. 8, 3, pp. 257-261.
Disponível em: http://jmm.sagepub.com/content/8/3/257.full.pdf

Fonseca, Ana (1998), *A identidade masculina segundo Robert Bly: O paradoxo entre o real e o imaginado*, Dissertação de Mestrado em Estudos Americanos, Lisboa, Universidade Aberta.

Fortuna, Carlos (coord.) (2000), *Comércio e Bem-Estar: Tendências Socioculturais Relacionadas com a Estética e a Saúde*, Lisboa, Observatório do Comércio.
Disponível em: http://www.dgcc.pt/166.htm

Foucault, Michael (1992), *Microfísica do Poder*, Rio de Janeiro, Graal.

Foucault, Michel (1999), *História da Sexualidade I: A vontade de saber*, Rio de Janeiro, Graal.

Fox, John. (2004), "How Men's Movement Participants View Each Other", Journal of Men's Studies, vol. 12 (2), (Online).
Disponível em: https://mensstudies.metapress.com/content/p117vl088u7400nx/resource-secured/?target=fulltext.pdf

Giddens, Anthony (1984), *The Constitution of Society. Outline of the Theory of Structuration*, Cambridge, Polity Press.

Giddens, Anthony (1987), *Social Theory and Modern Sociology*, Cambrigde, Polity Press.

Giddens, Anthony (1988), "Dimensões da modernidade", Sociologia, Problemas e Práticas, 4, pp. 237-251.
Disponível em: http://sociologiapp.iscte.pt/pdfs/36/407.pdf

Giddens, Anthony (1994), *Modernidade e identidade pessoal*, Oeiras, Celta.

Giddens, Anthony (1996), *Transformações da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*, Oeiras, Celta Editora.

Giddens, Anthony (2000), *As Consequências da Modernidade*, Oeiras, Celta.

Gill, Rosalind, Karen Henwood e Carl Mclean (2005), "Body Projects and the Regulation or Normative Masculinity", Body & Society, Vol. 11, 1, 37-62.
Disponível em: http://bod.sagepub.com/content/11/1/37.full.pdf+html

Gilman, Sander (2001), *Making the body beautiful: a cultural history of aesthetic surgery*, Princeton,

Princeton University Press.
Gilmartin, Shannon (2007), "Crafting heterosexual masculine identities on campus: college men talk about romantica love", Men and Masculinities, vol. 9, nº 4, pp. 530-539.
Disponível em: http://jmm.sagepub.com/content/9/4/530.full.pdf
Goffman, Erving (1985), *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*, Petrópolis, Vozes.
Goffman, Erving (1988 [1963]), *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*, Brasil, Sabotagem.
Goldberg, Herb (1976), *The Hazards of Being Male- surviving the Myth of Masculine Privilege*, LA, Wellness Institute.
Greenstein, Theodore (1996), "Husband' participation in domestic labor: interactive effects of wives' and husbands' gender ideologies", Journal of Marriage and the Family, vol. 58, 3, pp. 585-595.
Gremillion, Helen (2005), "The cultural politics of body size", Annual Review Anthropology, 34, pp. 13-32.
Disponível em:
http://www.jstor.org/discover/10.2307/353719?uid=3738880&uid=2&uid=4&sid=21102509816327
Grogan, Sarah (2001), *Body Image*, London, Routledge.
Grogan, Sarah e Helen Richards (2002), "Body Image: Focus Groups with Boys and Men", Men and Masculinities, vol. 4, 3, pp. 219-232.
Disponível em:
http://people.stfx.ca/accamero/Gender%20and%20Health/Other%20Readings%20Avaliable/other%20readings/Body%20image%20men%20and%20boys%20focus%20groups.pdf
Guerreiro, Maria das Dores (1996), *Famílias na Actividade Empresarial: PME em Portugal*, Oeiras, Celta Editora.
Guerreiro, Maria das Dores, Ana Caetano e Eduardo Rodrigues (2008), "A família (d)escrita pelos jovens: permanência e mudança de modelos de paternidade", Actas do VI Congresso Português de Sociologia, Lisboa, APS.
Disponível em: http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/222.pdf
INE (2000), *Inquérito aos Orçamentos Familiares*, Lisboa, INE.
INE (2004), *Tipologia socio-económica da Área Metropolitana de Lisboa - 2001*, Lisboa, INE.
INE (2010), *Sobre a Pobreza, as Desigualdades e a Privação Material em Portugal*, Lisboa, INE.
INE (2011), *Classificação Portuguesa das Profissões 2010*, Lisboa, INE.
INE e Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge (2009), 4º Inquérito nacional de saúde, 2005/2006, Lisboa, INE, INSA.
Inglehart, Ronald e Pippa Norris (2003), *Rising Tide: Gender equality and cultural change around the world*, Cambridge, Cambridge University Press
Jamieson, Lynn (1999), "Intimacy transformed? A critical look at the 'pure relationship'", Sociology, vol. 33, 3, pp. 477-494.
Disponível em: http://soc.sagepub.com/content/33/3/477.full.pdf+html
Kaufmann, Jean-Claude (2011), *L'eentretien compréhensif, Lénquête et ses méthodes*, Paris, Armand Colin.

Kellerhals, Jean, et al. (1982), *Mariages au quotidien - inegalités sociales, tensions culturels et organisation familiale*, Lausanne, Ed. Pierre Marcel Favre.

Kellerhals, Jean; Eric Widmer e René Levy (2004), "Social Stratification, Cohesion and Conflict in Contemporary Couples", Actas da 2nd Congress of the European Society on Family Relations, Universities of Geneva and Lausanne.

Kimmel, Michael (2000), *The Gendered Society*, Oxford, Oxford University Press.

Kimmel, Michael (2005), *The Gender of Desire: Essays on male Sexuality*, New York, State University of New York Press.

Kimmel, Michael (2005a), *The History of Men: Essays on the History of American and British Masculinities*, New York, State University of New York Press.

Kimmel, Michael (2008), *Guyland: The perilous world where boys become men. Understanding the critical years between 16 and 26*, Haper Collins e-books.

Kimmel, Michael e Amy Aronson (2004), *Men and masculinities: A social, cultural, and historical encyclopedia*, Volume I: A-J, California, ABC-CLIO.

Kimmel, Michael; Hearn, Jeff e R. W. Connell (2005), *Handbook of Studies on Men & Masculinities*, Thousand Oaks, Sage.

Lahire, Bernard (2001), *L'homme pluriel: Les ressorts de l'action*, Paris, Hachette Littératures.

Lahire, Bernard (2002), *Portraits Sociologiques: Dispositions et Variations Individuelles*, Paris, Hachette Littératures.

Lahire, Bernard (2005), "Patrimónios individuais de disposições: Para uma sociologia à escala individual", Sociologia, Problemas e Práticas, 49, pp. 11-42.
Disponível em: http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n49/n49a02.pdf

Lalanda, Piedade (1998), "Sobre a metodologia qualitativa na pesquisa sociológica", Análise Social, vol. XXXIII (148), pp. 871-883.
Disponível em: http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224154176E1jDU8rb4Nc15SI4.pdf

Laqueur, Thomas (1990), *La Fabrique du Sexe : Essai sur le corps et le genre en occident*, Paris, Gallimard.

Le Breton, David (2006), "Les parures cutanées: apport de l'anthropologie", Les Cahiers de L'Observatoire NIVEA", 1, pp. 21-25.
Disponível em:
http://www.observatoirenivea.com/Admin/AllMedias/CahiersPDF/CAHIER%20OBS%20n%C2%B01.pdf

Le Breton, David (2008 [1990]), *Anthropologie du corps et modernité*, Paris, Quadrige / PUF.

Leandro, Ana Sofia e Maria Engrácia Leandro (2004), "Transmissão de valores no seio da família. Persitências e mudanças", Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia, Lisboa, APS.
Disponível em: http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR4628ca54ad664_1.pdf

Lipovetsky, Gilles (2011), *Os tempos hipermodernos*, Lisboa, Edições 70.

Lobo, Cristina (1996), "Os Congressos de Sociologia em Portugal", Sociologia, Problemas e Práticas, 20, pp. 113-130.

Disponível em: https://repositorio.iscte.pt/bitstream/10071/1065/1/6.pdf

Lopes, João Teixeira (2004), "Dos plurais sentidos da experiência social", Actas do Ciclo de Conferências "Qual é a medida do mundo?", Universidade do Porto, Casa Museu de Abel Salazar, pp. 83-89.

Disponível em: http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/256.pdf

Lourenço, Nelson (1991), *Família Rural e Indústria. Mudança social na região de Leiria*, Lisboa, Fragmentos.

Lucey, Helen e Valerie Walkerdine (2000), "Boys' underachievement: social class and changing masculinities", em Cox, Theo, *Combating educational disadvantage: Meeting the needs of vulnerable children*, London, Falmer Press.

Luhmann, Niklas (1986), *Love as Passion: The Codification of Intimacy*, Cambridge, Harvard University Press.

Machado, Fernando Luís (2009), "Meio século de investigação sociológica em Portugal: uma interpretação empiricamente ilustrada", Sociologia, vol. 19, pp. 283-343.

Disponível em: http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7212.pdf

Machado, Fernando Luís e António Firmino da Costa (1998), "Processos de uma modernidade inacabada", em José Manuel Leite Viegas e António Firmino da Costa (orgs.), *Portugal, que Modernidade?*, Lisboa, Celta.

Machado, Fernando Luís; Ana Raquel Matias e Sofia Leal (2005), "Desigualdades sociais e diferenças culturais: os resultados escolares dos filhos de imigrantes africanos", Análise Social, vol. XL (176), pp. 695-714.

Disponível em: http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/aso/n176/n176a13.pdf

Machado, Fernando Luís; António Firmino da Costa, Rosário Mauritti, Susana da Cruz Martins, José Luís Casanova, e João Ferreira de Almeida (2003), "Classes sociais e estudantes universitários: origens, oportunidades e orientações", Revista Crítica de Ciências Sociais, 66, pp. 45-80.

Disponível em: http://www.ces.uc.pt/publicacoes/rccs/artigos/66/RCCS66-045-080-ISCTE.pdf

Maciel, Diana; Ana Cristina Marques e Anália Torres (2008), "Trabalho, família e género", Actas do VI Congresso Português de Sociologia, APS, pp. 1-16.

Disponível em: http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/742.pdf

MacInnes, John (2002), *O Fim da Masculinidade*, Porto, Ambar.

Marinho, Sofia (2010), "Ser pai na residência alternada: Dinâmicas, trajectos e contextos da paternidade", em Wall, Karin, Sofia Aboim e Vanessa da Cunha, *A Vida familiar no masculino: negociando velhas e novas masculinidades*, Lisboa, Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.

Disponível em: http://www.cite.gov.pt/asstscite/downloads/publics/A_vida_masculino.pdf

Marivoet, Salomé (2000), "Práticas desportivas na sociedade portuguesa (1988-1998)", Actas do IV Congresso Português de Sociologia, Lisboa, APS.

Disponível em: https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/1610/1/SMarivoet_IV%20Congresso%20Portugu%C3%AAs%20de%20Sociologia_1.pdf

Marivoet, Salomé (2002), "Assimetrias e afinidades de género no desporto", Actas do Colóquio Internacional Família, Género e Sexualidade nas Sociedades Contemporâneas, Lisboa, APS.
Disponível em: http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR49f83c627ef5f_1.pdf

Marques, Ana Cristina (2007), "A primeira relação sexual: contextos e significados", CIES e-Working Paper nº 32/2007, CIES-IUL.
Disponível em: http://www.cies.iscte.pt/destaques/documents/CIES-WP32_Marques_.pdf

Marques, António (2004), "Os trabalhos da masculinidade. Culturas ocupacionais sob hegeminia masculina", em Amâncio, Lígia (org.), *Aprender a Ser Homem: Construindo Masculinidades*, Lisboa, Livros Horizonte.

Marques, António e Lígia Amâncio (2004), "Homens de classe: masculinidade e posições sociais", Actas do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Lisboa, APS.
Disponível em: http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/AntonioManuelMarques_LigiaAmancio.pdf

Martino, Wayne; Michael Kehler e Marcus Weaver-Hightower (eds.) (2009), *The problem with boy's education: beyond the backlash*, New York, Routledge.

Martins, Susana da Cruz (2005), "Portugal, um lugar de fronteira na Europa: Uma leitura de indicadores socioeducacionais", Sociologia, Problemas e Práticas, 49, pp. 141-161.
Disponível em: http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/spp/n49/n49a08.pdf

Martins, Susana; Rosário Mauritti e António Firmino da Costa (2004), "Uma abordagem multidimensional dos padrões de vida na sociedade portuguesa: Potencialidades sociológicas da análise de microdados", Actas do Vº Congresso Português de Sociologia, Lisboa, APS.
Disponível em: http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR4628d8e9d468d_1.pdf

Mauritti, Rosário (2011), *Viver Só*, Lisboa, Mundos Sociais.

Mauss, Marcel (2009 [1936]), "As técnicas do corpo", Arte e Sociedade, 1, pp. 3-24.

Mead, Margaret (2001 [1949]), *Male & Female*, New York, Perennial.

Mendes, Rita Veloso (2007),"A parentalidade experimentada no masculino: as vivências da paternidade", CIES e-Working Paper N.º 22/2007, Lisboa, CIES-ISCTE.
Disponível em: http://www.cies.iscte.pt/destaques/documents/CIES-WP22_Mendes_.pdf

Moita, Maria Gabriela (2001), *Discursos sobre a Homossexualidade no Contexto Clínico: A homossexualidade de dois lados do espelho*, Dissertação de doutoramento, Porto, Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar.

Moller, Michael (2007), "Exploiting patterns: A critique of hegemonic masculinity", Journal of Gender Studies, vol. 16, 3, pp. 263-276.
Disponível em: http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09589230701562970#.Udg0HfmsjlM

Monaghan, Lee (2007), "MacDonaldizing Men's bodies? Slimming, associated (ir)rationalities and resistsnces", Body & Society, Vol. 13 (2), pp. 67-93.
Disponível em:
http://www.sagepub.com/mcdonaldizationstudy5/articles/Health%20and%20the%20Body_Articles%20PDFs/Monaghan.pdf

Morgan, David (1992), *Discovering men: Critical studies on men and masculinities*, nº 3, Londres, Routledge.

Morgan, David (2005), “Class and Masculinity” em Michael Kimmel, Jeff Hearn e R. W. Connell (eds.), *Handbook of Studies on Men and Masculinities*, EUA, Sage.

Morris, Edward (2011), "Bridging the gap: 'doing gender', 'hegemonic masculinity', and the educational troubles of boys", Sociology Compass, Vol. 5/1, pp. 92-103.
Disponível em: http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1751-9020.2010.00351.x/pdf

Mota-Ribeiro, S. (2003), “Corpos Visuais – imagens do feminino na publicidade” em Macedo, A. e O. Grossegesse (Eds.), *Re-presentações do corpo*, Braga, Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho.

Nava, Mica (1992), *Changing Cultures: Feminism, youth and consumerism*, Londres, Sage.

Nico, Magda (2011), *Transição Biográfica Inacabada. Transições para a Vida Adulta em Portugal e na Europa na Perspectiva do Curso de Vida*, Dissertação de Doutoramento em Sociologia, Lisboa, Instituto Universitário de Lisboa.

Nico, Magda e Elisabete Rodrigues (2011), “Organização do trabalho doméstico em casais do mesmo sexo”, Sociologia, Problemas e Práticas, 65, pp. 95-118.
Disponível em: http://sociologiapp.iscte.pt/pdfs/10200/10224.pdf

Nogueira, Maria da Conceição (2006), "Os discursos das mulheres em posições de poder", Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, vol. 9, nº 2, pp. 57-72.
Disponível em:
http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/3959/4/os%20discursos%20das%20mulheres%20em%20posi%C3%A7%C3%B5es%20de%20poder.pdf

Nunes de Almeida, Ana (1984), "Trabalho feminino e estratégias familiares", Análise Social, XXII (85), pp. 7-44.
Disponíve em: http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223476416B0fKK4oy9Jm73DG3.pdf

Nunes de Almeida, Ana (1990), *A fábrica e a família - famílias operárias no Barreiro*, Dissertação de Doutoramento em Sociologia, Lisboa, ISCTE.

Nunes de Almeida, Ana, Maria das Dores Guerreiro, Cristina Lobo, Anália Torres e Karin Wall (1998), "Relações familiares: mudança e diversidade", em Viegas, Manuel e António Firmino da Costa (orgs.), *Portugal, que modernidade?*, Oeiras, Celta.

Ottosson, Daniel (2010), *State-sponsored Homophobia: A world survey of laws prohibiting same sex activity between consenting adults*, Lisboa, ILGA.

Pais, José Machado (1985), "Família, sexualidade e religião", Análise Social, vol. XXI (86), 2, pp. 345-389.
Disponível em: http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223477957E1iPI9na5Ey69GD6.pdf

Pais, José Machado (1993), *Culturas juvenis*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa Da Moeda.

Parsons, Talcott e Robert Bales (2002 [1956]), *Family, Socialization and Interaction process*, Londres, Routledge.

Pereira, Maria do Mar (2010), “Os discursos de género: Mudança e continuidade nas narrativas sobre diferenças, semelhanças e (des)igualdades entre homens e mulheres”, em em Wall, Karin; Sofia Aboim e Vanessa da Cunha, *A Vida familiar no masculino: negociando velhas e novas masculinidades*, Estudos 6, Lisboa, Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.

Disponível em: http://www.cite.gov.pt/asstscite/downloads/publics/A_vida_masculino.pdf

Perista, Heloísa (2002), "Género e trabalho não pago: os tempos das mulheres e os tempos dos homens", Análise Social, vol. XXXVII (163), pp. 447-474.
Disponível em: http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218732780P9jPM6nt5Ik17YP4.pdf

Petersen, Alan (2003), "Research on men and masculinities: some implications of recent theory for future work", Men and Masculinities, vol. 6, nº 1, pp. 54-69.
Disponível em: http://jmm.sagepub.com/content/6/1/54.full.pdf+html

Pires, Pena (2007), "Árvores conceptuais: Uma reconstrução multidimensional dos conceitos de acção e de estrutura", Sociologia, Problemas e Práticas, 53, pp. 11-50.
Disponível em: http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n53/n53a02.pdf

Pleck, Joseph (1981), *The Myth of Masculinity*, Cambridge, The Mit Press.

Pleck, Joseph (1995), "Mens's power with women, other men, and society: a men's movement analysis", em A. Michael Messner e Michael Kimmel, *Men's Lives*, Boston, Allyn & Bacon, pp. 5-12.

Pleck, Joseph H. e Jack Sawyer (ed.) (1974), *Men and Masculinity*, N.J., Prentice Hall Trade.

Policarpo, Verónica (2011), *Indivíduo e Sexualidade: a construção social da experiência sexual*, Dissertação de Tese de Doutoramento em Ciências Sociais, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa.

Prazeres, Vasco (2003), *Saúde Juvenil no Masculino: Género e saúde sexual e reprodutiva*, Lisboa, Direcção-Geral de Saúde.

Radley, Alan (1995), "The Elusory Body and Social Constructionist Theory", Body & Society, Vol. 1, 2, pp. 3-23.
Disponível em: http://bod.sagepub.com/content/1/2/3.refs

Rainha, Liliana e Eduardo Figueira (2004), "Género, competências-chave e escolha da carreira profissional", Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia, Lisboa, APS.
Disponível em: http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR4628d53849403_1.pdf

Ribeiro, Óscar (2010), "Masculinidade, saúde e envelhecimento: reflexões sociais numa perspectiva de género", em M. N. Strey, C. Nogueira e M. R. Azambuja (orgs.), *Género e saúde: diálogos luso-brasileiros*, Porto Alegre, EDIPUCRS, pp. 303-324.

Ribeiro, Óscar (2011), "No land for old men? Sobre os espaços e as circunstâncias genderizadas dos homens mais velhos", Barómetro Social.
Disponível em: http://barometro.com.pt/archives/375

Risman, Barbara (1998), "Gender as Structure", em Risman, Barbara, *Gender Vertigo: American Families in Transition*, Yale University Press.

Rodrigues, Elisabete (2008), "A representação visual dos géneros: Uma análise a partir das revistas de segmento masculino", CIES e-Working Paper nº 54/2008, CIES-ISCTE.
Disponível em: http://repositorio-iul.iscte.pt/bitstream/10071/1254/1/CIES-WP54%20_Rodrigues.pdf

Rodrigues, Elisabete (2009), "O lugar do género, dos homens e das mulheres na sociologia portuguesa: uma análise a partir da Associação Portuguesa de Sociologia e seus congressos", CIES e-Working Paper N.º 64/2009, Lisboa, CIES, ISCTE-IUL.
Disponível em: http://www.cies.iscte.pt/destaques/documents/CIES-WP64_Rodrigues.pdf

Rodrigues, Elisabete (2011), “Masculinidades e comportamentos de risco para a saúde: um retrato nacional”, Saúde & Tecnologia, 6, pp.24-31.
Disponível em: http://www.estesl.ipl.pt/sites/default/files/ficheiros/pdf/st6_art4.pdf

Roldão, Cristina (2008), “Testando Modelos de Operacionalização: Uma análise exploratória de modelos de operacionalização da estrutura de classes no quadro do European Social Survey – Round 2 (2004)”, CIES e-WORKING PAPER Nº 55/2008, lisboa, CIES-ISCTE.
Disponível em: http://repositorio-iul.iscte.pt/bitstream/10071/1251/1/CIES-WP55__Roldao.pdf

Rosa, Rodrigo (2004), "Escolha do cônjuge e locais de encontro", Actas do V Congresso Português de Sociologia, Lisboa, APS.
Disponível em: http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR4628d13d41f3d_1.pdf

Rosin, Hanna (2012), *The End of Men: And the Rise of Women*, New York, Riverhead Books.

Saleiro, Sandra (2012), "A transexualidade e o género: Identidades e (in)visibilidades de homens e mulheres transexuais”, Actas do VII Congresso de Sociologia, Universidade do Porto.
Disponível em: http://www.aps.pt/vii_congresso/papers/finais/PAP0954_ed.pdf

Santos, Boaventura Sousa (2011), *Portugal. Ensaio contra a autoflagelação*, Coimbra, Almedina.

Santos, Helena (2004), "Sexo para o que der e vier: masculinidade e comportamentos preventivos face à SIDA", em Amâncio, Lígia (org.), *Aprender a Ser Homem: Construindo Masculinidades*, Lisboa, Livros Horizonte.

Santos, Helena e Lígia Amâncio (2004), "Uma perspectiva psicossociológica da controvérsia em torno das acções positivas: O género em contexto político", Actas dos aletiers do Vº Congresso Português de Sociologia, APS.
Disponível em: http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR4628d49175321_1.pdf

Santos, Maria Helena (2008), "Trajectórias políticas das mulheres em Portugal: Alguns dados preliminares", Actas do VI Congresso Português de Sociologia, Lisboa, APS.
Disponível em: http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/209.pdf

Sarmento, Teresa (2004), "Correr o risco: Ser homem numa profissão 'naturalmente' feminina", Actas dos aletiers do Vº Congresso Português de Sociologia, Lisboa, APS.
Disponível em: http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR4628d6492bf35_1.pdf

Schouten, Maria Johanna (2011), *Uma Sociologia do Género*, Famalicão, Edições Húmus.

Seabra, Teresa (coord.), Sandra Mateus, Elisabete Rodrigues e Magda Nico (2011), *Trajectos e Projectos de Jovens Descendentes de Imigrantes à Saída da Escolaridade Básica*, Estudos OI, 47, Lisboa, ACIDI.
Disponível em: http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Estudos_OI/Estudo47_WEB.pdf

Sedas Nunes, Adérito (1988), “Histórias, uma história e a História: sobre a origem das modernas Ciências Sociais em Portugal”, Análise Social, vol. XXIV, nº 100, pp. 11-55.
Disponível em: http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223029252W8aVW7tu1Gu31FF0.pdf

Seidler, Victor (2007), “Masculinities, Bodies and Emotional Life”, Men and Masculinities, vol. 10, nº1, pp. 9-21.
Disponível em: http://jmm.sagepub.com/content/10/1/9.full.pdf+html

Shilling, Chris (1991), “Educating the Body: Physical Capital and the Production of Social Inequalities”,

Sociology, vol. 25, 4, pp. 653-672.
Disponível em: http://soc.sagepub.com/content/25/4/653.full.pdf+html

Shilling, Chris (1997), “The Undersocialised Conception of the Embodied Agent in Modern Sociology”, Sociology, vol. 31, nº 4, pp. 737-754.
Disponível em: http://soc.sagepub.com/content/31/4/737.full.pdf+html

Shilling, Chris (2008), *Changing Bodies: Habit, Crisis and Creativity*, Londres, Sage.

Silva, Luísa Ferreira (1999), "Saúde das mulheres: o género, determinante cultural da saúde", Arquivos Medicina, 13 (5), pp. 31 4.

Silva, Luísa Ferreira da (2008), *Saber Práctico de Saúde: As Lógicas do Saudável no Quotidiano*, Lisboa, Edições Afrontamento.

Simões, Joaquim e Lígia Amâncio (2004), “Género e enfermagem: Um estudo sobre a minoria masculina”, Sociologia, Problemas e Práticas, 44, pp. 71-81.
Disponível em: http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/spp/n44/n44a04.pdf

Synnott, Anthony (1993), *The Body Social: Symbolism, Self, and Society*, London, Routledge.

Torres, Anália (1987), "Amores e desamores: para uma análise sociológica das relações afectivas", Sociologia, Problemas e Práticas, 3, pp. 21-33.
Disponível em: http://sociologiapp.iscte.pt/pdfs/37/409.pdf

Torres, Anália (1992), "Fatalidade, culpa, desencontro: Formas da ruptura conjugal", Sociologia, Problemas e Práticas, nº 11, pp. 43-62.
Disponível em: http://repositorio-iul.iscte.pt/bitstream/10071/1070/1/3.pdf

Torres, Anália (2001), *Sociologia do Casamento: a Família e a Questão Feminina*, Lisboa, Celta.

Torres, Anália (2002), "Casamento: Conversa a Duas Vozes e em Três Andamentos", Análise Social, nº 163, Lisboa, ICS, pp. 569-602.
Disponível em: http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR462dfd544e214_1.PDF

Torres, Anália (2002a), *Casamento em Portugal: uma análise sociológica*, Oeiras, Celta.

Torres, Anália (2010), *Relatório da Unidade Curricular: Sociologia da Família, Teorias e Debates*, Provas de Agregação em Sociologia, Lisboa, Instituto Universitário de Lisboa.
Disponível em:
http://www.analiatorres.com/pdf/agregacao/RelatoriodaUCSociologiadaFamiliaTeoriasedebates.pdf

Torres, Anália (coord.), Francisco Vieira da Silva, Teresa Monteiro e Miguel Cabrita (2005), *Homens e mulheres entre família e trabalho*, Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego (CITE).
Disponível em: http://www.cite.gov.pt/imgs/downlds/Homens_Mulheres_Fam_Trab.pdf

Torres, Anália Cardoso (2000), *Trajectórias, dinâmicas e formas de conjugalidade, assimetrias sociais e de género no casamento*, Dissertação de doutoramento em Sociologia, Lisboa, ISCTE

Torres, Anália e Francisco Silva (1998), “Guarda das crianças e divisão do trabalho entre homens e mulheres”, Sociologia, Problemas e Práticas, 28, pp. 9-65.
Disponível em: https://repositorio.iscte.pt/bitstream/10071/769/1/1.pdf

Torres, Anália, Francisco Vieira da Silva, Teresa Monteiro, Miguel Cabrita e Filipa Jesus (2000), "Porque não se revoltam as mulheres? Resultados de uma pesquisa nacional sobre a divisão do trabalho entre os sexos", Actas do IV Congresso Português de Sociologia, APS, pp. 1-12.

Disponível em: http://195.23.38.178/conciliar/files/concilia-Analia%20Torres.pdf

Torres, Anália, Rita Mendes e Tiago Lapa (2006), "Famílias na Europa", em Jorge Vala e Anália Torres (orgs.), *Contextos e Atitudes Sociais na Europa*, Atitudes Sociais dos Portugueses, nº 6, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

Torres, Anália; Rui Brites, Bernardo Coelho e Inês Cardoso (2008), "Família na Europa: entre novos sentidos e velhas tensões", Actas VIº Congresso Português de Sociologia, Lisboa, APS.

Vale de Almeida, Miguel (1996a), "Género, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal", Anuário Antropológico, nº 95, pp. 161-190.
Disponível em: http://miguelvaledealmeida.net/wp-content/uploads/2008/06/genero-masculinidade-e-poder.pdf

Vale de Almeida, Miguel (2000), *Senhores de Si: Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade*, Lisboa, Fim de Século.

Vale de Almeida, Miguel (2004), "O corpo na teoria antropológica", Revista de Comunicação e Linguagens, 33, pp. 49-66.
Disponível em: http://miguelvaledealmeida.net/wp-content/uploads/2008/06/o-corpo-na-teoria-antropologica.pdf

Vale de Almeida, Miguel (2009), *A Chave do Armário. Homossexualidade, Casamento e Família*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

Velho, Gilberto (1994), *Projecto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

Viegas, José Manuel e Sérgio Faria (1999), "Participação política feminina: Percursos, constrangimentos e incentivos", Sociologia, Problemas e Práticas, 30, pp. 55-87.
Disponível em: http://repositorio-iul.iscte.pt/bitstream/10071/832/1/2.pdf

Viegas, José Manuel Leite e António Firmino da Costa (orgs.) (1998), *Portugal, que Modernidade?,* Lisboa, Celta.

Vilar, Duarte (2010), "Desempenho sexual - satisfação e problemas", em Ferreira, Pedro Moura e Manuel Villaverde cabral (orgs.), *Sexualidades em Portugal: comportamentos e riscos*, Lisboa, Bizâncio, pp. 55-104.

Villa-Lobos, Maria José (2004), "A pesquisa de terreno na taberna: A interacção investigadora / agentes", Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia, Lisboa, APS.
Disponível em: http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR4628d5ae7c83d_1.pdf

Vitali, Agnese, Francesco C. Billari, Alexia Prskawetz e Maria Rita Testa (2009), "Preference theory and low fertility: A comparative perspective", European Journal of Population, 25(4), 413-438.
Disponível em: http://www.oeaw.ac.at/vid/download/edrp_2_07.pdf

Wall, Glenda e Stephanie Arnold (2007), "How involved is fathering?: An exploration of the contemporary culture of fatherhood", Gender & Society, vol. 21, 4, pp. 508-527.
Disponível em: http://www.jstor.org/discover/10.2307/27640989?uid=3738880&uid=2&uid=4&sid=21102510001447

Wall, Karin (1993), "Elementos sobre a sociologia da família em Portugal", Análise Social, 123/124, pp. 999-1009.

Disponível em: http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223293810B5vBF0ma1Tu58IF6.pdf

Wall, Karin (2007), “Atitudes face à divisão familiar do trabalho em Portugal e na Europa”, em Wall, Karin e Lígia Amâncio (Orgs.), *Família e Género em Portugal e na Europa*, Atitudes Sociais dos Portugueses nº 7, Lisboa, ICS.

Wall, Karin (2010), "A conciliação entre a vida profissional e a vida familiar em casais com filhos: Perspectivas masculinas", em Wall, Karin; Sofia Aboim e Vanessa da Cunha*, A Vida familiar no masculino: negociando velhas e novas masculinidades*, Estudos 6, Lisboa, Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.

Disponível em: http://www.cite.gov.pt/asstscite/downloads/publics/A_vida_masculino.pdf

Wall, Karin, Sofia Aboim e Vanessa Cunha (2010), *A Vida Familiar no Masculino: Negociando Velhas e Novas Masculinidades*, Lisboa, Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego (CITE).

Disponível em: http://www.cite.gov.pt/asstscite/downloads/publics/A_vida_masculino.pdf

Weber, Marx (2005 [1922]), *Conceitos Sociológicos Fundamentais*, Lisboa, Edições 70.

Weber, Max (1964), *Economia y Sociedad,* México, Fondo de Cultura Económica.

Weber, Max (1972), “Status e Classes” e “Classes, Status e Partidos”, em Manuel Braga da Cruz (2004), *Teorias Sociológicas: Os Fundadores e os Clássicos*, Volume I, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 729-752.

West, Candance e Don Zimmerman (1987), "Doing gender", Gender & Society, vol. 1, nº 2, pp. 125-151.

Disponível em: http://www.jstor.org/discover/10.2307/189945?uid=3738880&uid=2&uid=4&sid=21102510001447

White, Kevin (1995), “Review Symposium: As Much as Theory Can Say about Bodies”, Body & Society, vol. 1, pp. 188-190.

Disponível em: http://bod.sagepub.com/content/1/1/188.full.pdf+html

Whitehead, Harriet (1981), "The bow and the burden strap: A new look at institutionalized homosexuality in native north America", em Orner, S. B. e H. Whitehead (orgs.), *Sexual meanings: the cultural construction of gender and sexuality*, New York, Cambridge University Press.

Witehead, Stephen (2002), “Materializing Male Bodies”, em Stephen Witehead, Men and Masculinities, Cambridge, Polity Press, pp. 181-204.

Disponível em: http://www.jstor.org/discover/10.2307/4194967?uid=3738880&uid=2&uid=4&sid=21102510001447

Wright, Erik Olin (1985), *Classes*, London, Verso, pp. 37-42.

Xiao, Hong (2000), "Class, gender, and parental values in the 1990s", Gender and Society, vol. 14, 6, pp. 785-803.

Disponível em: http://gas.sagepub.com/content/14/6/785.full.pdf+html

ANEXOS

Anexo A: Guião de Entrevista

I. Origem e trajectória social

Família de origem

Caracterização sociodemográfica

Como descreve o seu pai? Tipo de relação.

Como descreve a sua mãe? Tipo de relação.

Como descreve a sua família de origem?

Divisão tarefas domésticas família de origem/diferenças de género

Trajecto escolar e profissional

Trajectória, aspirações/expectativas escolares…

Trajectória, aspirações/expectativas profissionais…

II. Universo doméstico (e gestão das tarefas domésticas)

Divisão das tarefas domésticas entre os membros do agregado

Que critérios? Grau de satisfação.

Contribuição para as despesas da casa entre os membros do agregado.

[Para quem vive com namorada/cônjuge]

Há quanto tempo vivem juntos?

Como/porquê decidiram viver juntos? Quem tomou a iniciativa?

Como escolheram a casa? Como decoraram a casa?

Rendimentos e divisão das despesas

Tarefas domésticas: gestãos, conflitos e percepção da justeza

Representações

Existem tarefas domésticas que as mulheres fazem melhor do que os homens? E no caso dos homens?

III. Lazer & sociabilidades

Como ocupa os seus tempos livres? Com quem?

Espaços/locais frequentados e preferidos.

Tipos de consumos culturais: leitura, teatro, música, cinema…

Amigos e contexto de origem/recrutamento

IV. Investimentos corporais

Práticas

Tem cuidados específicos com o seu corpo/aparência? Porquê?

Que tipo de cuidados tem? Frequência.

Sempre teve estes cuidados com o corpo/aparência?

Cuidados com a alimentação?

Prática de desporto?

Como define o seu "estilo" a vestir?

O que mais e menos gosta no seu corpo? Se pudesse, o que mudaria? Porquê?

Costuma procurar informação sobre alimentação, exercício físico, cuidados de beleza…?

Os seus amigos costumam comprar os mesmos produtos/serviços? Costumam conversar sobre isso?

Discriminado por causa dos cuidados com a aparência? Pressão dos pares/familiares/cônjuge?

Representações

O que é que o cuidado com o corpo, a aparência dizem de si? Há relação entre a sua aparência e a sua personalidade e/ou forma de encarar a vida?

Qual a importância que a imagem/aparência tem para si?

Já ouviu nas televisões/imprensa falar de "metrossexualidade". Na sua opinião, o que é um metrossexual?

Os homens que cuidam bastante da aparência são por vezes identificados como homossexuais. O pensa sobre isto?

Descrição do corpo masculino/feminino ideal. (musculado, delicado, magro…)

Exemplos de homens e mulheres com corpos ideais.

V. A vivência da conjugalidade [para quem tem namorada/cônjuge]

Trajectória amorosa

1ª relação amorosa / 1ª experiência sexual

Relações amorosas mais importantes/marcantes

Relações homossexuais

Relação actual

Quer falar um pouco da vossa história? Como se conheceram…

Como descreve a vossa relação? Que tipo de coisas fazem juntos e separados?
Agora gostava que comparasse a sua experiência com a da sua namorada/companheira em relação a alguns aspectos: percurso amoroso, personalidade…

VI. Paternidade vivida e desejada

[Para quem tem filhos]
Os filhos nasceram que fase da sua vida? Foram planeados?
Como viveu a fase da gravidez?
Quando os seus filhos nasceram que tipo de cuidados lhes prestava?
Qual a proximidade/relacionamento com os filhos?
Considera-se um bom pai? Porquê?
Comparação com "pais" de referência. (pai, amigos…)

[Para quem não tem filhos]
Gostava de ter filhos? Quantos? Porquê?
Sente-se preparado para ter filhos? Tem planos sobre quando tê-los?

[Para todos]
Educação filho Vs filha
Como descreve um bom pai/mãe? Diferenças.
Qual é a importância de ter filhos na vida de um homem/mulher
Se não pudesse ter filhos, qual seria o impacto na sua vida?

VII. Representações de género

O que é, para si, um homem? Acha que há características universais masculinas?
O que é, para si, uma mulher? Acha que há características universais femininas?
Acha que homens e mulheres são essencialmente diferentes? Se sim, o que os distingue?

Escala dos géneros: Pensando os homens e as mulheres como um contínuo, onde se posiciona numa escala de 0-10, em que 0 é máximo masculino e 10 é máximo feminino? Quais as razões que o levam a classificar-se desse modo?

VIII. Sexualidade

Qual considera que é a idade ideal para iniciar a vida sexual: homens e mulheres.

Considera que os homens e as mulheres vivem a sua sexualidade da mesma forma?

O que acha da homossexualidade masculina/feminina?

Já teve muitas parceiras sexuais?

Como vive a sua sexualidade? Sente constrangimentos relacionados com o seu corpo?

Qual o nível de satisfação com a sua sexualidade?

Elisabete Rodrigues
elisabete.rodrigues@iscte.pt

Anexo B: Quadro síntese de caracterização sócio-demográfica dos entrevistados

Nome	Idade	Estado civil	Nível escol.	Profissão	Ind. Classe[a]	Família origem Nível escol.[b]	Família origem Ind. classe
Mário	21	Solteiro	9º ano	Empregado de mesa	EE	Ensino básico	EE
Adão	22	Solteiro	9º ano	Empregado papelaria	EE	Ensino secundário	TI
Arnaldo	39	Casado [1 filho]	12º ano	Guarda prisional	EE	Ensino básico	AI
Serafim	23	União de facto [2 filhos]	12º ano	Medidor (construção)	PTE	Ensino secundário	EE
Telmo	24	Solteiro (com namorada)	12º ano	Agente imobiliário & modelo	PTE	Ensino básico	PTE
Ângelo	24	Solteiro	12º ano	Instrutor de ginásio & agente imobiliário	PTE	Ensino secundário	PTE
José	35	Casado [1 filho]	12º ano	Técnico de informática	PTE	Ensino básico	EDL
Nuno	32	Solteiro	12º ano	Técnico de informática & modelo	PTE	Ensino secundário	TIpl
Bernardo	34	Solteiro (com namorada)	12º ano	Gestor produtos bancários	PTE	Ensino básico	EDL
César	46	Casado[c] [1 filho]	Bacharelato	Técnico farmácia	PTE	Ensino básico	TI
Duarte	31	Solteiro (com namorada)	Licenciatura	Assessor de vereador	PTE	Ensino secundário	EDL
Tomás	24	Solteiro (com namorada)	Licenciatura	Informático	PTE	Ensino superior	PTE
Abílio	40	Casado [1 filho]	Licenciatura	Gestor produtos bancários	PTE	Ensino básico	EDL
Joaquim	33	Solteiro (com namorada)	Licenciatura	Consultor tecnologias da informação	PTE	Ensino básico	TI
Paulo	33	Solteiro	Licenciatura	Contabilista	PTE	Ensino básico	PTE
André	42	Casado [1 filho]	Mestrado	Professor ensino secundário	PTE	Ensino secundário	PTE
Manuel	34	União de facto [1 filho]	8º ano	Director e gerente de empresa	EDL	Ensino básico	TI
Elias	37	Divorciado [3 filhos]	11º ano	Gestor de empresas	EDL	Ensino superior	EDL
Miguel	40	União de facto [1 filho]	Licenciatura	Director e sócio-gerente de empresa	EDL	Ensino secundário	EDL
Rodrigo	39	Divorciado	Licenciatura	Advogado	EDL	Ensino superior	PTE
Filipe	37	Solteiro	Bacharelato	Realizador cinema & professor ens. prof.	EDL	Ensino superior	PTE

[a] Legenda: EDL - Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais, PTE - Profissionais Técnicos e de Enquadramento, TI - Trabalhadores Independentes, TIpl – Trabalhadores Independentes Pluriactivos, AI - Agricultores Independentes, AIpl - Agricultores Independentes Pluriactivos, EE - Empregados Executantes, OI - Operários Industriais, AA - Assalariados Agrícolas, AEpl - Assalariados Executantes Pluriactivos.

[b] Esta categorização tem em consideração o nível de escolaridade mais elevado que ambos, ou pelo menos um dos cônjuges, completaram.

[c] Apesar de se manterem casados e viverem em coabitação, na companhia da filha de ambos, este casal já não mantém uma relação conjugal. Por isso, sempre que este entrevistado for citado sê-lo-á na condição de “casado (formalmente)”.